



TRILOGIA PROFUNDAMENTE | 2

PROFUNDAMENTE ENVOLVIDO

ALESSA ABLLE

Da mesma autora de Ensina-me O Prazer



P R O F U N D A M E N T E | 2

PROFUNDAMENTE ENVOLVIDO

ALESSA ABLLE

Da mesma autora de Ensina-me O Prazer

PROFUNDAMENTE ENVOLVIDO

“UMA UNIÃO MAIS FORTE QUE QUALQUER ALIANÇA.”

ALESSA ABLE

1º EDIÇÃO.

Como se trata de uma história dividida em quatro partes, deve-se ler os livros na ordem, pois são dependentes um do outro por contar a história dos mesmos personagens.

Copyright © 2017 by Alessa Ablle.

Copyright © 2018 by Alessa Ablle.

T_{ÍTULO} Profundamente Envolvido.

I_{MAGENS DA CAPA} © Depositphotos

I_{LUSTRAÇÃO & D}I_{AGRAMAÇÃO} Artessa Covers.

Ablle, Alessa

Profundamente Envolvido / Alessa Ablle ; revisão Paola Leal. — 2ª ed. —
Rio de Janeiro : Alessa Ablle, 2018.

Coleção Profundamente ; 2.

1. Romance / 2. Ficção / 3. Drama / 4. Erótico

Todos os direitos desta obra reservados à Alessa C. Ablle.

Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, sem a permissão dos detentores dos copyrights.

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

SUMÁRIO

[Prólogo](#)

[Um](#)

[Dois](#)

[Três](#)

[Quarto](#)

[Cinco](#)

[Seis](#)

[Sete](#)

[Oito](#)

[Nove](#)

[Dez](#)

[Onze](#)

[Doze](#)

[Treze](#)

[Catorze](#)

[Quinze](#)

[Extra](#)

[Dezesseis](#)

[Dezessete](#)

[Dezoito](#)

[Dezenove](#)

[Vinte](#)

[Vinte & Um](#)

[Vinte & Dois](#)

[Vinte & Três](#)

[Vinte & Quatro](#)

[Vinte & Cinco](#)

[Vinte & Seis](#)

[Vinte & Sete](#)

[Vinte & Oito](#)

[Vinte & Nove](#)

[Trinta](#)

[Trinta & Um](#)

[Epílogo](#)

[NÃO PERCA O TERCEIRO VOLUME DA TRILOGIA.](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora:](#)

*“A verdade é que eu não te amo com meus olhos
que descobrem em ti mil defeitos, mas com meu coração,
que ama o que teus olhos desprezam...”*

William Shakespeare

Prólogo

QUINTA-FEIRA, ²¹ DE JANEIRO DE ²⁰¹⁴.

O rastro que foi deixado, já estava feito. Nada poderia apagá-lo. Mas como não deixar rastro se você é perseguido há tanto tempo!? Tempo suficiente para amedrontar até em sonhos.

Victoria já tinha sido notada. Não tinha volta. Na realidade, ela nunca fora esquecida e agora mais do que nunca, era caçada.

Após se colocar no anzol. Os tubarões ficaram famintos.



UM HOMEM TODO DE PRETO CAMINHA PELO CHÃO BRANCO, deixando suas pegadas carimbadas sobre a neve. É inverno e frio. Mas não são todos os estados dos Estados Unidos que neva. E onde esse homem está, tem neve, muita neve.

Onde será?

As pegadas de seu sapato bruto e forte para aguentar qualquer tipo de superfície e clima, marcam a neve com suas passos firmes. Uma botina de exército. O que confirma que ele é um militar. Ou fora um, há algum tempo.

Seu corpo atlético e forte faz uma grande sombra no chão, pela luz acesa do poste velho e enferrujado da rua onde ele anda. As mãos calejadas e machucadas estão escondidas dentro do seu casaco de couro e o que ninguém desconfiaria, ao vê-lo passar na rua, é que debaixo do casaco tem um coldre com uma arma de um lado do peito e uma faca do outro.

Ele continua caminhando até bater em uma porta caindo aos pedaços. A porta dá para um balcão abandonado. O lugar é pouco iluminado e fedido. O mofo se sente do lado de fora, e quando a porta é aberta, o bafo úmido chega até o outro lado da rua estreita, na parede, de frente a porta. A rua está incrivelmente amedrontadora. Paredes descascando, escadas dos prédios altos enferrujadas e a brisa fria do inverno, causam calafrios. Agarraria seu braço para continuar a segui-lo e ver onde ele está indo, contudo, ele se mistura ao ambiente. Tão amedrontador quanto o local.

O homem entra no balcão e a porta bate atrás dele com um estouro agudo, ferro maciço em tijolos. Seus passos ficam mais apressados. Adentrando o balcão, uma luz amarela e fraca, pouco ilumina o extenso local. E a lâmpada balança:

Pra lá e pra cá.

Pra lá e pra cá.

Pra lá e pra cá.

Voices altas soam pelo ambiente e o assunto que se é discutido, não tem nenhum toque amigável. É uma discussão. Há quatro homens, dois deles estão sentados em cadeiras de ferro pintadas de preto, com uma mesa no meio, onde copos cheios de cerveja são esvaziados e repostos casualmente.

“Oras, oras, até que enfim a *margarida* chegou.” O homem com o cigarro na mão, quase acabando, e cabelos escuros, diz ao homem de botina, que apenas o olha com ceticismo.

“Fique quieto, *Sete*. Parece que o *Dez* não comeu alguma puta com *gosto* esses dias.” O homem com codinome de: *Três*, debocha.

Normalmente ele é chamado de X9, por ser um fofoqueiro e dedo-duro.

Todos os homens do balcão e do bando deles têm codinomes. *Dez*, é o mais sério e adora *brincar* com facas. *Três*, o linguarudo. *Sete*, o viciado em jujuba e cigarro. Um gosto peculiar para um homem como ele. *Cinco*, é o mais calado — ele só está, e continua, ali porque não tem muita escolha. Precisa proteger sua família, trabalhando para um homem cruel e sem alma. A quem todos chamam de *Chefão*. E brincando com a luz, no meio do balcão está, *Onze*. Esse causou calafrio apenas em vê-lo. Não sei se é por causa dos seus olhos sombrios ou da cicatriz no maxilar.

“Cadê o *Chefão*?” A voz grossa de *Dez* soa baixa.

Virando o rosto para ele, *Onze* responde: “Está chegando e disse para todos estarem preparados.”

“Para que?”

“Nós vamos ter uma missão nova e ela será na cidade das estrelas.” *Onze* debocha ao chamar Hollywood daquela forma.

“De novo?” *Sete*, esfrega a testa com as costas da mão, largando o cigarro no chão — que por sinal já tinha umas dez guimbas — deixando seu rastro e sujeira.

“Sim, nós vamos ter que — ”

“Vocês falam demais para o meu gosto. É por isso que os planos não dão certo.” *O Chefão chegou!* Vindo de dentro da escuridão do balcão.

Seu sobretudo flutua com os movimentos de seus passos determinados e pesados. O casaco negro e social cobre seu terno feito por encomenda de três botões. Não é qualquer pessoa que tem um terno desses. Ele o protege do frio e lhe dá um toque de poder e maldade ainda mais. Porém não precisa de muita coisa para temer o *Chefão*.

Seus olhos azuis escuros por debaixo dos óculos de grau com armadura de madeira polida e um feixe de ouro, emana crueldade decidida e uma escuridão muito maior que o balcão onde ele alugara para poder sempre encontrar seus

homens e armar seus planos.

Os cinco homens se colocam em seus postos. Um ao lado do outro e ao se levantar bruscamente, *Sete*, deixa cair um copo — derramando o líquido cor de âmbar da cerveja. O barulho do vidro se espatifando causa eco nos quatro cantos do balcão — até onde os olhos deles não conseguem ver.

A escuridão é tão profunda, que as paredes parecem meras coadjuvantes no ambiente. As únicas coisas que os deixam pensar que não estão em algum plano *livre*, é as pilastras que sustentam o teto.

Eles e a lâmpada *dançante* estão no centro de uma antiga garagem de um prédio, que há muito tempo tinha sido abandonado por causa de um incêndio.

O Chefão anda até ficar bem próximo aos seus homens. Seus pés esmagam os cacos de vidro, fazendo barulho. Ficando à dois passos dos homens, ele levanta sua voz:

“Eu estou farto de contar com a ajuda de vocês.” Ele se vira e olha com repulsa, *Dez* e *Cinco*. “Você e você, fizeram o papel de piedoso e deixaram aquela criança escapar.”

Dez e *Cinco* tinham ido ao parque dar um susto nos Colton e no percurso o plano era pegar Hannah Wilson Brown.

Dez abaixa a cabeça e as lembranças dos olhinhos cor de âmbar — tão claros quanto à bebida que restara no copo onde ele bebeu sua cerveja — da menina loirinha tinham esperança e amor quando o olhou. Ela o confundira com seu pai e isso o fez lembrar-se de *Luna*, sua filha. Ele não pensou uma segunda vez quando disse para ela correr e encontrar seus tios. E isso causou muitas dores para ele e seu amigo, porque apesar de tudo eles eram amigos, para ele e *Cinco*.

“Você!” O Chefão vira-se para *Onze*. “Eu mandei vigiar a fedelha dos Colton e você fez aquela merda. Você sabe que ela apenas chegou a estar em suas mãos porque ela *quis*. E agora eu tenho que lidar com a polícia.”

“Senhor, eu não achei que os seguranças iam aparecer. Ela foi até a mim escondida. Até agora não entendi como conseguiram chegar a tempo.”

“Provavelmente deve ter uma porrada de dispositivos nela. No relógio, cordão e no celular. Ela estava sem bolsa naquela noite, mas conseguiram rastreá-la.” Concluí *Dez*, em voz baixa.

“Estava não. Ela tinha uma mochila com ela.” Diz *Sete* que dirigira o carro naquela noite.

“Calem-se.” O Chefão manda cheio de raiva. “Eu quero que vocês entendam que não haverá uma próxima vez.”

“Como assim? Você desistiu de pegá-la?” *Cinco* pergunta, confuso.

Chefão dá um sorriso de lado, perverso e uns tapas secos, na cara do

homem.

“Nem sobre o meu cadáver meu caro.” Sua voz causa arrepios até mesmo em seus homens. “Nem sobre o meu cadáver.” Ele repete.

“Então o que o senhor vai fazer?” *Cinco* pergunta e seu coração está batendo compassadamente.

Ele não via motivo de continuar essa perseguição. Eles podiam pegar outra pessoa. Família rica na Califórnia, Nova York, Seattle e em todo mundo é o que não falta. Por que tanta insistência com os Colton? Por que tanta insistência com a garota sorridente que aparece nas revistas de Los Angeles como *A herdeira exemplar. Victoria Colton*.

Ela nem é uma mimada e nojenta. Sua família é rica e construiu um império há longos anos. A empresa COLTON & BROWN é apenas a estampa da cara deles. Todos sabiam dos diversos hotéis, casinos em Las Vegas e a grande fazenda em Napa Valle. Os Colton e Os Brown fizeram a união e de fato a força cresceu, mas o sucesso não subiu as suas cabeças.

Eles são amigáveis e prestativos. Têm organizações para ajudar moradores de rua, animais e etc., mas nunca tivera uma reportagem que os dessem à nomenclatura de ricos de merda. Então por que ele queria tanto aquela menina? Por que queria ferir aquelas famílias?

“Então...” O Chefão, sorrindo, gira seus calcanhares, dando um suspiro teatral, informa aos seus homens de costas para eles: “Então é que eu quero que dessa vez, vocês consigam ela. Doa a quem doer. Vou fazer de tudo dessa vez. Eu preciso que vocês façam certo. Sem erros.”

“Por que não pegamos aquele filho do senador Wilson?”

“Carlos.” Chefão deixa escapar o nome verdadeiro de *Sete*. E ele apenas faz isso quando está com raiva. “Eu te pago para fazer o que eu mando” fala fitando os olhos do seu capanga, “não para saber sua opinião. A missão é pegar a fedelha do verme do William Colton.”

Todos fazem som de concordância. Assegurando ao seu chefe que irá fazer o serviço. Porém dois dos seus homens mais próximos, não estão assim *tão* de acordo.

Cinco e *Dez* — que estão lado a lado na fileira — se entre olham e fazem uma careta. Enquanto o chefe está de costas para eles.

Cinco, quer entender porque o fascínio com o foco em si. E seu coração — que poucos sabiam que existia ainda — doía de ver a destruição que o Chefão quer causar a eles. Ele tem uma família, que não vê há muito tempo. Pois o chefe os mantém em vigília, o que dizia que *Cinco* morria de medo de perdê-los. O Chefão já o tinha avisado. “*Faça qualquer coisa de errado que eu boto fogo na sua casa, com todos dentro, até a merda do gato da sua filha.*”

Ele sabia que era uma ameaça verdadeira. Ele faria mesmo aquilo e por isso continua ao seu lado. Mas o que ele mais quer, é libertar sua família e ele. Sempre antes de se deitar — porque dormir não é o que ele faz todas as noites — ele reza e pede para achar uma saída dessa vida.

Dez, trabalha para o Chefão há três anos e nesses três anos o foco principal sempre fora os Colton — que passou a ser os Brown recentemente, quando Victoria se envolveu com o Ethan, o filho mais novo de Aaron Brown. E ele já tinha sentindo aquele tipo de amor, e no parque algo o impediu de prosseguir com a missão de pegar Hannah Brown.

E eles dois os viram muito de perto. Viram o amor que o rapaz sente pela jovem. E de quebra presenciaram a criança, que igualmente amava os dois, desesperada para reencontrá-los. Eles pareciam uma família feliz no parque. Todos das duas famílias são ligados e felizes.

Mas, *Dez*, não tem causa, não tem por quem lutar, para ceder às ordens, mesmo assim as rejeita. Ele já tinha perdido tudo na vida. Era um homem vazio. *Cinco*, tem por quem lutar e sofrer, por isso recuou naquele dia também e temia não conseguir de novo. Ele sabe que seria o fim da sua família. Ele preferia ter continuado na cadeia a ter sua liberdade às custas de um homem tão perverso.

Agora basta assistir e ver no que irá dar essa nova caçada.

Um homem sem alma a procura de vingança.

Três homens mandados e sem rumo.

Um homem com opinião e um coração oco.

Um homem com o coração preso ao medo de perder sua família.

E uma família na mira da maldade cruel de uma vingança.

Um Victoria

SEXTA-FEIRA, 22 DE JANEIRO DE 2014.



ME LEVANTO DA CAMA e suspiro alto sentindo meus músculos ainda meio adormecidos. Tive uma ótima noite de sono e tudo graças a ele. Caminho para o banheiro, passando pelo *closet* e dou uma olhadinha na cama desarrumada de Ethan Lyon Brown — meu príncipe herói e apaixonado — e as lembranças de ontem passam como um filme em minha mente, e sorrio apesar dos motivos que me levaram a precisar da sua atenção extrema para conseguir relaxar e dormir. Ele cuidou de mim da melhor forma. Me amando e me fazendo esquecer de tudo, menos dele e do seu toque. Fiquei tão exausta que nem me lembro de ter sido colocada na cama.

Fizemos amor loucamente apaixonados no tapete de pelos perto da grande janela panorâmica, a luz da lua e com o calor do fogo da lareira ao nosso lado, que espantou o frio do inverno de Los Angeles, mesmo que aqui não seja muito frio.

Tive um pesadelo horrível, depois de jantar com os pais dele subi para tomar um banho, mas deitei na cama e me sentindo exausta pelos acontecimentos da semana acabei adormecendo. Sonhei com a mesma coisa que sonhara no hospital.

Estava sendo encurralada na academia, depois Ethan leva um tiro e cai. No meu pesadelo ele... morre. Ele *sempre* morre no final e eu acordo desesperada, querendo-o nos meus braços.

Ethan me encontrou chorando no canto encolhida no chão. Nem me lembro de como fui parar ali, estava tão desolada. Apenas me lembro de ter pulado da cama e depois de abraçar meu corpo, senti meus joelhos falharem e caí de joelhos no tapete, e nele fiquei.

Sei que eu deveria ser mais forte, mas ninguém nunca vai entender o que sinto e o medo de perder a melhor coisa da minha vida. Ele, meu amor.

Terça-feira passada, quando os homens apareceram no pátio da academia que eu e Ethan fazemos, não pensei direito. Caminhei para o homem de preto com um olhar penetrante para cima de mim e a única coisa que eu queria era que ele parasse. Parasse de me seguir e amedrontar minha família e em um momento insano, eu me joguei para os tubarões — literalmente — e quem saiu ferido foi

Ethan.

Esses homens não estão de brincadeira e me sinto tão culpada por ter ferido Ethan. Eu fui a culpada. A culpa é minha por querer encerrar esse problema de uma forma irresponsável que quase levou a morte de alguém, a de Ethan.

Fecho os olhos e respiro fundo. Não quero mais pensar nisso. Tiro meu hobby, entro no banheiro, deixo a ducha quente me lavar e penso que ela poderia ser mágica para levar para bem longe todo esse mal.



DESÇO PARA O PRIMEIRO ANDAR e encontro Ethan sentado na cabeceira da mesa de jantar e vejo que a varanda está aberta. O dia parece bonito apesar do leve friozinho que causa calafrio às vezes. Ele está de costas e ao telefone. Pelo modo aborrecido que fala, tenho certeza que é Lauren Brown, uma super mamãe coruja. Ethan ama a mãe, só acha que ela está exagerando no momento, porém no meu lado apaixonado e possessivo acho que ela está certa. Eu mesmo não desgrudo dele.

Não consigo ficar longe dele por muito tempo e hoje tenho que sair. Tenho a consulta com a médica que cuidou de mim no hospital. Meus três pontos na cabeça não é bem o motivo da visita a ela hoje, parece que a médica só precisou fazer mais uns exames no meu sangue e quer falar comigo sobre algo que achou nos exames de sangue anteriores. Estou muito ansiosa para saber o que é.

“Sim, mãe. Eu estou me sentindo muito bem. Para de se preocupar à toa.”

Sorrio me aproximando e vejo ele apertar com força o garfo que está usando para comer seus ovos mexidos, demonstrando sua falta de paciência. O que não é uma novidade. Ethan é um amor com as pessoas, mas quando quer. Meu homem reservado é de vez em quando — com quem ele não quer “perder tempo” — grosso e mal humorado.

“Sim, ela está também.” Deve ser de mim que estão falando. “Agora posso continuar a tomar meu café da manhã em paz?” Ele fica em silêncio, assente fazendo um som afirmativo e diz: “Okay, dona Lauren. Pode deixar. Te amo também mãe e pare de se preocupar.” Ri e encerra a ligação com um: “Para você também.”

Ele pousa o aparelho na mesa, mas ao alcance das mãos para o caso de tocar. Nos últimos três meses anda muito atarefado no trabalho e sinto muito orgulho dele mostrar sua competência. Mesmo sendo um dos donos e não precisando provar nada, ele faz questão de trabalhar dano tudo de si.

O desejo pelo poder e reconhecimento é normal para um homem como ele que é filho de Aaron Brown. Um empresário tão obstinado e também uma mãe dedicada, inteligente e uma médica muito respeitada. Claro que seu irmão Anton também é um exemplo. Advogado e o segundo CEO da *Colton & Brown*. Meu Ethan é o gênio dos números, é o executivo financeiro sênior da empresa e gerenciador de novos empreendimentos. Convence os clientes do preço e procura no mercado as melhores ofertas para empregar nossos fundos. Todos estão surpresos como ele, já que em pouco tempo — menos de um ano — se mostrou um ótimo empresário e muito persuasivo, conseguindo fechar negócios com clientes *razoavelmente* complicados. Ele é muito convincente e bom de lábia. Eu mais do que ninguém entendo e sou facilmente conquistada por seu *talento*.

Não sei quantas vezes já cedi para ele com seus bons argumentos, nem um pouco chantagistas e seu olhar irresistível. Tirando que sou profundamente louca por ele e nunca consigo dizer não. De qualquer forma eu sempre saio ganhando. *Onde ganhar uma viagem para o Hawaii é ruim, afinal de contas?*

Ele sente minha presença quando paro atrás dele e sorrio deslizando minhas mãos por seus ombros até abraçá-lo. Descanso minhas mãos em seu peito largo e musculoso coberto por uma fina camiseta de manga longa cinza, combinando com sua calça de flanela de dormir cinza escura. Amo essas calças. É um pecado de tão gostoso que ele fica com elas. Ethan me faz perder a sanidade com seu corpo. Quando estamos juntos, somos faísca e álcool misturado e é sempre um incêndio.

“Oi”, murmuro.

Ele vira a cabeça para o lado e beija minha bochecha. “Oi, anjo.” Suas mãos puxam as minhas e me movo para ficar na sua frente. “Bom dia, meu amor.”

“Bom dia, amor meu” repito sorrindo e Ethan abre meu sorriso predileto. Os lábios curvados suavemente e seus maravilhosos olhos azuis brilhando.

As mãos dele pegam minha cintura e empurrando para trás sua cadeira com os pés, abre espaço e com sua *delicadeza* bruta, me põe sentada em seu colo. Seus lábios encontram os meus e suas mãos afagam minhas costas por cima do algodão do meu casaco, enquanto as minhas seguram seu rosto. Nossas línguas se enroscam e dançam. Nos beijamos por longos minutos.

“Uau.” Brinco suspirando. “Me deixou sem fôlego.”

Ele morde de leve meu lábio inferior e suas mãozonas descem para o cóis da minha calça de algodão e apertam minha bunda com vontade.

“Adoro deixar você sem fôlego e talvez você goste de me deixar maluco com essa bunda tão perto das minhas mãos.”

Jogo a cabeça para trás com minha gargalhada. “Você é tão terrível e foram suas mãos que se meteram aí.”

Ele pisca o olho, sorrindo de lado, zombeteiro e me abraça colando nossos corpos. Sei sem precisar perguntar que neste momento ele está tomando conta de mim. Envolvendo-me em seus braços e certificando-se de que estou bem.

Sempre sentimos essa ligação e necessidade interminável de estarmos juntos. Desde que acordei no hospital e com minha última lembrança dele sendo levado para sala de cirurgia, minha necessidade por ele ficou/está maior.

Ethan beija meus cabelos e eu suspiro. Seu carinho chega a me deixar sonolenta.

Escuto um latido baixinho e abro os olhos erguendo meu corpo para olhar melhor para baixo. Prince — nosso filhote lindo de seis meses — está sentado com as patinhas juntas na frente do corpinho peludo olhando para mim e Ethan com os olhinhos baixos, as orelhas caídas e balançando o rabinho lentamente, varrendo o chão.

“Ah, peludo. Vem cá,” chamo-o carinhosamente e ele se aproxima.

Me afasto mais um pouquinho de Ethan para poder me abaixar, pegar o animal e colocá-lo em meu colo. Ethan sorri com ternura e passa a mão nos pelos caramelos do nosso Golden Retriever. Nosso *filho*, como Ethan gosta de dizer.

“Oi, carinha. Veio participar do abraço coletivo?” Ethan brinca.

Dou um beijo rápido no rosto do meu namorado e aconchego Prince no nosso meio, encostando-o ao peito de Ethan e sentando-o em minhas coxas.

“Reparou que ele está mais grudento desde que voltamos do hospital?” Falo baixo.

Ethan assente com o rosto sério.

“Acho que ele sabe...” baixo meus olhos para o cão. “De alguma forma ele sabe ou sente o que passamos.”

“Acredito que sim. Dizem que os cachorros são sensitivos.”

“É” digo e abraço Prince saindo do colo de Ethan. Deixo o cachorro no chão e me sento na cadeira ao lado e neste momento Ruby vem da cozinha.

“Bom dia, srta. Victoria” diz sorridente trazendo uma jarra com suco de frutas vermelhas. “O que vai comer hoje? Reparei que você quase não comeu ontem.”

Sinto o olhar de Ethan na minha direção e ignoro.

“Bom dia, eu vou querer panquecas com morango e um iogurte natural. Faça as panquecas com quatro claras e dois ovos inteiros.”

Ela abre um sorriso quase que do *Coringa* e fazendo um aceno de cabeça, volta para a cozinha. Ethan ainda está com os olhos em mim. Pegando a jarra com

suco, despejo no meu copo e tomo um gole com seus olhos sobre mim. Sorrio com a boca na borda do copo e viro-me para ele. Está sorrindo com os olhos cerrados. Levanto as sobrancelhas para ele e um dos cantos dos seus lábios curva-se mais ainda.

“Que fome é essa?”

Dou de ombros e pouso o copo na mesa. “Você ouviu o que a Ruby disse?”

Ele assente.

“Então... ontem não comi muito bem e hoje acordei com fome.” Desvio os olhos e pego uma colher, coloco mel e lambo antes de falar: “Esses pesadelos estão me atormentando muito.”

Ele pega minha mão e aperta. “Eu sei, mas está tudo bem agora.”

Suspiro e o olho de novo. Seu aperto em minha mão fica mais forte. Solto-o rapidamente, chego minha cadeira para perto e deito minha cabeça no seu ombro esquerdo, o que ele foi baleado, suavemente. Ele beija o topo da minha cabeça me dando forças. Amo o fato de ele estar tão envolvido por mim que não percebe a grande merda que é minha situação. Rezo dia e noite para que isso acabe um dia. Está demorando demais. O reinado dos monstros na minha história de contos de fada parece ganhar mais forças a cada dia e eu quero meu feliz para sempre *já*.



OLHO PARA O HORIZONTE NA AMPLA VARANDA DA PISCINA e contemplo a visão do centro da cidade. Os arranha-céus de corporações industriais de todos os tipos, um deles a Colton & Brown e muito perto a academia. Duvido que pisarei tão cedo nela. São onze e vinte, e há esta hora eu estaria em sala de aula, só que eu não me sinto preparada para sair. Só vou ao médico hoje porque com saúde não se brinca.

Voltando para dentro de casa sinto meu celular vibrar na minha mão. Acabei de ler uma mensagem de Cora perguntando se eu estou bem e se eu quero que ela vá comigo na consulta. Respondi mais do que depressa que sim. Preciso pelo menos dela comigo. Não quero ir sozinha e também não quero que Ethan saiba dessa consulta. Não quero preocupar ele em antecipação, principalmente se não for nada.

Atendo o número desconhecido:

“Alô?”

“Victoria Colton?”

“Sim, ela mesma.”

“Quem fala é a secretária pessoal da dra. Karen Russell. Ela me pediu para lhe perguntar se tem como você vir ao consultório dela em vez de ir ao hospital Cendars-Sinai, seu horário foi remarcado para às quatro horas da tarde, tudo bem?”

“Por quê?” Pergunto confusa.

“A dra. Russell teve um imprevisto pessoal e não vai poder comparecer ao hospital hoje antes das três horas, então para não desmarcar com seus pacientes ela vai atender na sua clínica.” Ela explica pacientemente. “Caso a senhorita não possa, lhe agendo para semana que vem.”

“Não, tudo bem.” *Não tenho um lugar mais interessante para ir mesmo hoje.* Completo mentalmente e ansiosa para rever a médica. Ela é sucinta e misteriosa demais.

“Então estou confirmando sua presença, vou enviar uma mensagem com o endereço da clínica. Até mais, srta. Colton.”

Agradeço me despedindo e encerro a ligação. Volto a caminhar para dentro de casa e vou à procura Ethan.

Olho as salas, cozinha, academia e garagem. Ele pode estar namorando os carros que coleciona, mas não está. Subo para o segundo andar, não acho nada e vou até o nosso quarto no terceiro e não o encontro. Paro no meio das escadas, voltando para o primeiro andar e coloco as mãos na cintura.

Onde será que ele se meteu?

Pego meu celular e envio uma mensagem para ele. Descubro que está no escritório e volto a subir e bato na porta.

“Entre.”

Calmamente abro a porta e ao entrar ele diz afastando rapidamente o telefone:

“Fecha a porta, por favor.”

Faço o que ele pediu lentamente para não lhe atrapalhar e giro meu corpo de novo. Vou caminhando para dentro do escritório e passo os olhos por ele. Só vim nesse cômodo da casa apenas uma vez, logo que Ethan insistiu para que eu passasse um tempo com ele e fez um tour comigo para conhecer melhor a casa.

Em novembro, ele mandou reformar alguns cômodos e transformou a casa a seu gosto. No escritório os móveis são de madeira escura. Na parede oposta à porta — onde há a janela — fica uma estante de livros, um canapé — um sofá que parece um divã — com estofado verde e uma mesinha com um abajur. Na parede transversal, fica a mesa enorme com pés de madeira — em forma de X — e sua cadeira de couro e reclinável. Vejo-a se mexer enquanto ele fala ao telefone. Atrás da mesa tem um armário — na altura da mesa e comprimento da

parede — com gavetas e portas quadradas e em cima; alguns livros, retratos e enfeites abstratos, como o pêndulo magnético que fica balançando para lá e para cá.

Meus olhos seguem para cima e vejo pendurado na parede marfim um quadro com o mesmo diâmetro da mesa à sua frente, com uma foto nossa no Hawaii. Não sabia desse quadro, nem sei quando ele mandou colocar aqui. Estou extasiada e emocionada.

É perfeito. A foto é *perfeita* e chama atenção para qualquer um que entre aqui, principalmente quando as cortinas da janela e da parede de vidro — da porta — estiverem abertas iluminando com a luz natural do sol ou da lua. Agora elas estão fechadas e a iluminação da sala fica por conta de focos de luzes amarelas, que não cansam as vistas, e a luz do computador sob a mesa refletindo levemente para trás de Ethan, na foto estonteante de nós dois abraços agarradinhos tendo de fundo o mar cristalino da praia de Sandy Park em Honolulu que ganha quase vida.

Nossa. Coloco a mão no peito — parecendo um ato teatral — emocionada e sem resistir, acendo a luz para enxergar melhor tudo, principalmente o meu Watchman com os olhos fixados em mim. Ele encerrou a ligação e eu nem percebi.

Ethan se reclina na cadeira e aconchega os antebraços nos braços da cadeira. Está me olhando do jeito que sempre faz meu coração acelerar. Fixamente e quase nem pisca. Três meses juntos e sua fixação em olhar para mim apenas cresceu e agora é mais que obsessão, é necessidade. Sorrio e caminho para ele quando me chama fazendo um movimento com o indicador.

Dou a volta na mesa e ele vira a cadeira na minha direção e estende os braços. Vou rápido para ele e me aconchego ao seu corpo, passando a mão no seu peitoral, em seu torso maravilhoso e beijo suavemente seu ombro machucado.

Está quase completamente bom e agora pode fazer movimentos, mas com restrições. O local onde foi feita a cirurgia não está mais precisando ser tampado com curativo, apenas restou a lembrança horrível daquele dia.

A cicatriz que tem o tamanho do meu dedo mindinho e a finura de uma unha, vai ficar para sempre em sua pele, para me lembrar — mais ainda — de como eu quase o perdi e alimentando mais ainda a raiva por esses homens.

“Eu te amo tanto”, sussurro.

Ele arfa com força e me aperta em seus braços.

“Você é a coisa mais importante da minha vida.” Ele afasta o meu rosto do seu ombro e o segura com uma mão e a outra faz carinho em mim. “Você me deu algo que eu nem sabia que existia e nem sabia de que precisava.”

Meus olhos ardem com as lágrimas. “Você também. Só queria que fosse mais fácil.”

Ele balança a cabeça e aperta os lábios com os olhos marejados também. “Mas não é e não é por isso que vou fugir, ou desistir. Eu te prometo que você ainda vai viver liberta desse pesadelo, meu amor. Eu juro por mim,” ele murmura e falha falando, “por você. Por nós dois e nosso futuro, que tudo isso vai acabar.”

Assinto e o beijo com tudo de mim. Eu acredito nele. Confio minha vida a ele, porque somos um só.

Ethan puxa meu rosto enterrando os dedos em meus cabelos e enfia a língua na minha boca, devorando-me. Eu amo seus beijos. Eles são sempre tão apaixonados e o sinto se entregar a mim de corpo e alma, assim como eu a ele.

“Tenho um presente para você” ele diz separando nossos lábios.

“Mais um? Para mim esse quadro já foi um presente.” Digo sorrindo e acariciando seu rosto.

Ele sorri e beija de leve minha boca. “Ele faz parte do pacote.”

“Por quê?” Franzo a testa. *Estou perdendo alguma coisa?*

“Lembra o dia que foi o...” ele para e sei do que está falando, então respondo:

“Acho que dia onze.” Franzo mais a testa apertando os olhos e forçando minha memória. “Não foi? Sei que foi na terça... Ah!” Abro a boca com os dias clareando na minha mente e ele assente sabendo que lembrei. Foi dia doze, dia do nosso aniversário de namoro.

“É, isso mesmo. Naquele dia nós fizemos três meses juntos. Tinha mandado fazer um jantar para nós aqui. À luz de velas e ia te mostrar o quadro e te entregar o presente.” Ele me explica e cerra os olhos. “Você se esqueceu do nosso aniversário de namoro?” Indaga curioso.

“Não, claro que não. Lembra que eu estava fazendo compras naquele dia? Também lhe comprei algo, só esqueci porque...” Balanço a cabeça. “Porque eu ainda — ” O caroço na minha garganta me impede de falar.

“Eu entendo”, diz e beija com carinho minha testa. “Também não me toquei esses dias, só me lembrei hoje porque entrei aqui e vi o quadro.”

Assinto e acaricio seu rosto. “Eu amei. É lindo demais.” Beijo seu rosto. “Obrigada.”

Ele me abraça forte e gira a cadeira para o armário atrás de nós. “Abre a primeira gaveta da direita e pega o embrulho.”

Sorrio e me estico abrindo a gaveta, descubro um embrulho retangular no meio de vários papéis cintilantes e com corações cortados. Ele é sempre tão romântico, chega a ser chato de tão apaixonado e sempre me emociona.

Volto a me aconchegar em seu colo e ele gira a cadeira para mesa. Viro um pouco o corpo para a mesa e apoiando o presente nela rasgo um dos cantos e tiro de dentro uma caixa branca de papelão grosso. Abro a caixinha e descubro um estojo de camurça de joia da Cartier e dentro uma gargantilha Pantera da Cartier de ouro branco e cravejado em Diamantes e Onex para dar a impressão de ser realmente o couro de uma pantera. É absolutamente lindo.

“Minha nossa” murmuro olhando para o colar.

“Isso foi um *minha nossa* de: Oh céus, que lindo?”

Dou uma risada e viro meu rosto para ele. “Com certeza que sim.”

Ele solta uma gargalhada e pega o colar das minhas mãos. Abre e o coloca no meu pescoço.

“Segure seu cabelo para o alto, para eu fechar.”

Faço o que ele pede e ele fecha o colar. Deixo meus cabelos caírem soltos em minhas costas e passo as mãos no meu colo sentindo o frio dos diamantes contra o calor da minha pele, principalmente agora que sinto a ereção de Ethan na minha bunda e as mãos dele na frente do meu corpo. Suavemente ele junta seus dedos com os meus em meu pescoço e me puxa para ficar com as costas colada ao seu peito.

“Ficou mais lindo em você” murmura no meu ouvido. Puxa meus cabelos para o lado e beija meu pescoço. “Agora sim: *Minha nossa*” repete minhas palavras e faz meu rosto se inclinar.

Ele beija lentamente meus lábios, morde e lambe minha boca. Fico a sua mercê e estico mais meu pescoço para poder saborear mais sua boca acariciando a minha tão reverente.

Suas mãos deslizam pela frente do meu corpo, apalpando com vontade meus seios, costelas, abdômen até que elas se enfiem dentro do meu casaco. Ele sobe as mãos, queimando minha pele e levantando a bainha da minha roupa. Aperta meus seios sob o sutiã. Querendo mais, inclino-me para frente e meu casaco é arrancado de mim, sendo arremessado à nossa frente.

Suas mãos deslizam às alças do meu sutiã por meus braços. Dá beijos salpicados em minha pele, enterra as mãos em meus cabelos de novo e os joga para frente do meu corpo. Aperto suas coxas com as pontas dos meus dedos e gemo. Ethan beija meu pescoço fazendo um som sexy com a garganta e seus dedos habilidosos abrem o fecho do meu sutiã que cai livremente ao chão.

Sou puxada para trás por suas mãos fortes e ásperas no meu peito. Ele mordisca minha pele e dedilhando minha barriga desce uma das mãos para dentro da minha calça enquanto a outra faz círculos no meu mamilo direito. Solto um gemido de súplica e levo minhas mãos até atrás do seu pescoço e abraço, dando acesso total do meu corpo a ele.

“Você é tão macia,” diz beijando a trilha da minha clavícula até o canto de trás da minha orelha “tão cheirosa, quentinha e toda minha.”

Gemo e arqueio o corpo quando ele faz círculos no meu clitóris. Um desejo sobrenatural cresce dentro de mim e eu preciso de *mais*.

“Ai meu Deus.”

“Calma” sussurra mordendo minha orelha.

Ele aperta meu clitóris com a ponta dos dedos e os desliza para onde estou ardendo. Fazendo círculos com o dedão no clitóris enfia o dedo mindinho em mim quando abro mais as pernas. *Ai não, eu preciso de mais*. Rebolo no seu colo e me castigando ele tira a mão de dentro da minha calça. Deixo escapar um resmungo e de repente ele segura com força minha cintura e me faz ficar de pé.

“Tira a roupa.” Pede beijando minha lombar.

Viro de frente para ele. Olho profundamente seus olhos azuis penetrantes e famintos. Excitada, rebolo tirando a calça de malha rosa pink, que é a coisa mais chamativa nesse escritório — sem contar minha gargantilha nova e o nosso quadro. Tiro uma perna e depois a outra sem desviar meu olhar do seu. Sei que estou empinada e sei que ele está adorando. Ethan respira pesadamente, cheio de luxúria. Sorrio e ergo meu corpo ficando na sua frente apenas de calcinha. Ele levanta uma sobancelha, confuso porque não tirei a última peça. Estende as mãos para me puxar, mas dou um passo para trás impedindo-o. Ele aperta os olhos e faço que não com o indicador, provocando-o.

“O que você está fazendo?”

“Tira” repito suas palavras apontando para o seu corpo com o queixo.

Ethan abre um sorriso perverso e se levanta elegantemente. Tira o casaco, puxando junto a camisa de baixo. Puxa os elásticos da calça e rapidamente fica nu na minha frente. Alto, forte, ombros largos, os músculos definidos do seu abdome com o V apontando para a pélvis. Bronzeado pelo sol interminável da Califórnia e os poucos pelos aloirados salpicados na sua pele e sua enorme ereção apontando para cima, pronto para me satisfazer.

Meu Deus. Isso é meu.

Meu coração palpita e minhas mãos ficam inquietas querendo passar em seu corpo delicioso. Sou viciada nesse corpo, completamente. Contemplo-o e sem esperar sou pega pelas coxas e prensada na parede por um metro e noventa de músculos e pele quente.

“Você gosta de me enlouquecer” murmura com a boca perto da minha.

Não nos beijamos, só nos provocamos e respiramos o mesmo ar. Minhas mãos acariciam seus braços fortes ao lado do meu corpo segurando minhas coxas que estão circulando sua cintura. Subo minhas mãos, abraço seu pescoço e massajeio os cabelos da sua nuca. Ele fecha os olhos e me dá um beijo terno na

boca.

“Se segura.”

Ele nos afasta da parede e se senta comigo em seus braços. Deixo minhas pernas em cada lado das dele, ficando confortável sobre ele e deslizo as mãos por seus braços até o pescoço. Me arrepio sentindo suas mãos percorrerem minhas curvas. Fecho os olhos com forma sedutora que as pontas dos seus dedos passam por meus tendões das costas. Ele pega meus cabelos e puxa levemente expondo meu pescoço. Passa os dedos no colar, me puxa mais ainda e logo sua boca está no meu seio. Ele suga meu mamilo com ardor. Arfo e inclino-me para ele, pedindo silenciosamente mais. Ele atende chupando meu seio e arranhando o mamilo com os dentes.

“Ethan!” Gemo alto e agarro seus cabelos.

A mão em minhas costas desce até minha calcinha e ele puxa para o alto o tecido, me dando uma pressão tentadora no clitóris quando o material se enterra nas minhas partes íntimas. Deixo minha cabeça cair para trás e apoio as mãos no encosto da cadeira. *Merda*. Gemo e mordo os lábios louca de tesão. Ethan repete, puxando mais para o alto e fazendo o algodão da calcinha roçar onde eu mais preciso dele.

“Caramba.” Falo com meus olhos fixos nos dele emanando luxúria.

“Isso, minha princesa. Se entrega” murmura na minha boca e me beija.

Ele desenterra a calcinha de mim e volta a puxar, me fazendo gemer. Sua língua lambe meus lábios suavemente até se enfiar completamente dentro da minha boca. Seus lábios se movimentam junto aos meus em um beijo molhado que me deixa à flor da pele. Estou incrivelmente excitada e molhada. Meu orgasmo não demorará a vir se ele continuar.

Oh céus. Gemo em um misto de desejo e carência, pois sua mão para de puxar o elástico da calcinha. Abro os olhos e o vejo me fitando fixamente. Dá um sorrisinho e ele bate nos meus calcanhares. Sei o que ele quer. Levanto minha pélvis ficando de joelhos no seu colo e ele puxa minha calcinha para baixo, a desliza calmamente pela volta da minha bunda e chega até minhas coxas. Volto a fechar os olhos quando ele passa o dedo no meu sexo espalhando minha excitação. Gemo e dou um pulo para trás, saindo da cadeira e rapidamente tiro a calcinha e volto a montar seu colo.

Ethan abre mais seu sorriso, safado e lascivo, e diz:

“Você me mata de tesão.”

“Você me tira a sanidade” sussurro com dificuldade.

Então ele me puxa encostando nossos corpos. Sinto seu calor, seu pau no meio das minhas pernas e remexo inquieta em cima dele. Seguro seu membro duro, passo em cima do meu clitóris e ele me penetra. Gememos perdidos um no

outro. Ele faz pressão para eu sentar nele e grito quando o sinto todo dentro de mim, me abrindo. Ele força para cima a pélvis e meu núcleo o aperta sedento.

“Ah... ai meu Deus.” Gemo e jogo a cabeça para trás.

Ethan segura minha cintura e me ajuda a cavalgá-lo. Subo e desço meu corpo, procurando meu alívio que está tão perto. *Ai merda*. Que calor, que tesão, que coisa louca. Nunca me senti assim. Aperto seus cabelos e rebolo fazendo seu pau me massagear. Abro a boca procurando ar e falando coisas sem sentido. Escuto-o rosnar arfando.

“Isso! Amor” ele diz e suas mãos apertam minha bunda. “Você está tão selvagem. Eu amo você assim.” Suga meu seio esquerdo espalmando uma das mãos no meio das minhas costas e levando-me para ele. “Amo de qualquer jeito. Merda! Victoria. Continua... Assim, amor.”

Rebolo, remexo, gemo... subo e desço pelo seu comprimento. Meu orgasmo queima dentro do peito, minhas pernas queimam como se eu estivesse correndo e estoura como fogos de artifícios no meio das minhas coxas. Minhas pernas tremem e todos os meus músculos se retesam. Ethan continua dentro de mim, forçando para cima e me empurrando para baixo. Grito quando ele morde meu seio, um gritinho abafado e então sinto-o gozar dentro de mim. Suas mãos deixam de me apertar, seus braços me rodeiam e me puxam para ele esmagando meus seios no seu peito forte.

Estamos ofegantes e suados. Deixo meu corpo se acomodar ao dele e sinto ele relaxar na cadeira. Respiro profundamente enchendo os pulmões e lambendo meus lábios secos. Fecho os olhos sentindo Ethan afagar minhas costas e alisar meus cabelos compridos, penteando-os com os dedos para trás. Me delicio com seu carinho e meu corpo lânguido relaxa incrivelmente. Para o meu horror, bocejo.

“Nossa amor. Eu acabei tanto assim com você?” Pergunta com sua voz rouca, pós-sexo, que tanto amo.

Dou risada. “Engraçadinho,” beijo seu pescoço “eu apenas amo seu cheiro e seu carinho. Isso me conforta. Me traz paz.”

“Mmm...” ele faz com a garganta reverberando em seu peito e me abraçando com mais força. “Esse é o meu trabalho. Nasci para te amar, minha bela princesa adormecida.”

Solto uma risadinha baixa e ergo meu rosto deixando um beijo no seu maxilar. “Você é um chato de tão apaixonado.”

Ele sorri e eu volto a deitar minha cabeça no seu ombro, passando o nariz no seu pescoço sentindo seu cheiro almiscarado de pele bronzeada e agora misturado com sexo. Meus braços passam por debaixo dos seus e eu abraço seu corpo com força. Fecho meus olhos e ficamos assim: *perfeitos*.



“POR QUE VOCÊ TEM QUE IR MESMO COM ELA?” Ethan pergunta descendo as escadas atrás de mim.

“Porque ela precisa de mim lá.”

Ele segura meu braço no último degrau. “Você me disse mais cedo que não queria sair pra lugar nenhum e agora vai acompanhar Cora sei lá aonde.” Ele aperta os olhos, desconfiado. “Isso não faz sentido, Victoria.”

Suspiro e coloco as mãos em seu rosto, segurando com carinho.

Tenho que arrumar um jeito de ele não querer ir atrás de mim. Não quero que ele vá ou saiba da consulta e o pior é que ele se vestiu para ir. Depois que saímos do escritório tomamos um banho e eu me vesti para sair. Estou com um vestido preto longo simples, sapatos Mocassin e um terninho preto. Ethan está de calça jeans escura, blusa de linho preta e sapatos sociais. Está divino, mas não quero que vá. Tentei convencê-lo antes mesmo de abotoar a camisa, entretanto, ele é teimoso demais.

“Amor, eu não vou demorar. Prometo.” Falo baixo fazendo os olhinhos pidões de Will. É um pesadelo esse olhar para Cora e minha mãe, e até mesmo para o meu pai, eles não conseguem resistir.

“Não me vem com esse olhar” ele adverte e segura minhas mãos perto do seu peito. “Eu não vou conseguir ficar tranquilo aqui com você na rua, Victoria. É tudo tão recente e você mesmo diz não estar pronta para encarar o mundo.”

Ele tem razão. Só se passaram dez dias, mas eu tenho que ir à consulta. *E se for algo grave?* Inspiro com força e abaixo os olhos.

“Ela não quer que ninguém saiba do que nós vamos fazer hoje e prometeu que não vamos demorar.” Mentir não é a melhor saída, eu não gosto de mentir, mas estou sem saída.

“Okay” solta minhas mãos e coloca as suas na cintura. Postura de Superman. “São três e meia, se passar das cinco horas e você não estiver aqui. Vou atrás de você.”

“Como é que é?” pergunto querendo rir. Ele está brincando. *Certo?*

“Isso mesmo. Se passar das cinco, vou te caçar.”

Dou uma gargalhada do fundo da minha alma e praticamente estou segurando minha barriga para não estourar. “Você não disse isso.”

“Eu estou rindo?” Questiona de cara amarrada.

Paro de rir e imito sua postura. “Não acha que está exagerando?”

“Não.”

Balanço a cabeça e suspiro. “Não quero que comece a levar as coisas desse jeito, Ethan” falo muito séria fitando seus olhos. “Sabe por que eu vim ficar aqui? Além de estar apaixonada por você.”

“Não sei” murmura imparcial e nega com a cabeça.

“Porque aqui eu me sinto um pouco... livre. Longe do limite que cresci, algo perto do normal. Sei que ainda tem os seguranças e toda essa proteção que me cerca, e a você hoje. Isso é até normal para pessoas ricas, mas tem gente rica que faz coisas normais que eu nunca experimentei. Então não me trate como... como algo —” faço uma pausa, engolindo em seco e meneio a cabeça, procurando a palavra certa.

“Como o que?” Diz.

“Como algo raro. Algo quebrável.” Olho para o chão. “Alguma coisa extraordinária que ninguém pode tocar, ver ou mexer. Às vezes eu me sinto como um extraterrestre. Não posso fazer nada.” Meus lábios tremem e deixo os braços caírem ao lado do corpo, exasperada. “Eu sei que é porque querem me proteger e porque eu *preciso* disso. Só que às vezes isso cansa.” Olho para ele. “Você me entende?” pergunto com a voz triste.

Ele assente e vem me abraçar, murmurando no meu ouvido: “Claro que entendo, mas você é tudo isso para mim. Algo raro, inestimável e que eu não sei mais viver sem.” Afasta e segura meu rosto olhando profundamente meus olhos “Por isso preciso te proteger da melhor forma que eu puder, mas isso não vai durar para sempre. Eu te prometo. Só que por enquanto tem que ser assim. Eu lamento, meu anjo.” Beija minha testa e eu o abraço bem forte.



CHEGAMOS À CLÍNICA, falo com a recepcionista e ela chama a assistente da Dra. Russel que leva eu e Cora para a sala de espera e sentamos. O consultório fica bem próximo ao colégio de Hanna e é perto do prédio da Colton & Brown. Alguns minutos sou chamada.

“Boa tarde, Victoria” a doutora me cumprimenta com um aperto de mão rápido e aperta a mão da minha madrinha também “Cora. Sentem-se, por favor.”

Nos sentamos nas cadeiras em frente à sua mesa. A porta se abre e é sua assistente que lhe entrega uma pasta. A mulher sai e a médica abre a pasta fazendo a sala ser preenchida por um silêncio suspenso e parece estar lendo.

Depois coloca a pasta de lado, mexe o mouse do seu computador e a tela acende. Fica uns segundo mexendo e mexendo — me fazendo tremer de agonia — e sorri. *Por que quando estou nervosa alguém sempre sorri?* Um sorriso tipo: Você está se borrando e eu achando graça da sua cara.

“As notícias não são graves. Fico feliz de lhe informar.” Fala e virando o rosto para mim.

Assinto e dou-lhe um olhar interrogativo.

“O que deu então nos exames? O que Victoria tem?” Cora pergunta.

“Bem, o que eu tenho a dizer é que Victoria está com anemia e devido a isso está se sentindo fraca e com mal estar.”

“É engraçado. Acordei bem hoje, deve ser porque dormi bem...” Abaixo a cabeça, porque minha consciência lembra o motivo do bom sono. “Eu não estava dormindo bem.”

“Por quê?” Karen indaga.

“Estou tendo muitos pesadelos, mas isso já tem um tempo. Só que agora piorou.” Subo meu rosto para ela e a encontro me fitando séria.

“Você quer ajuda profissional? Posso indicar um ótimo psicólogo. Eu entendo que você esteja sofrendo muito estresse após o que aconteceu. É normal causar algum tipo de dano. Como pesadelos, insônia, ansiedade e depressão.”

Dou de ombros. “Pode ser, mas eu *hoje* estou querendo saber o que eu tenho, ou tinha no sangue?” Balanço a cabeça.

“Você apenas está com uma anemia um tanto forte, mas com as vitaminas que vou lhe passar você vai ficar boa. Não se preocupe e acho que você iria começar a tomar algumas vitaminas de qualquer jeito mesmo. Bem em breve.”

Franzo a testa — não entendi o que ela quis dizer.

“O que a senhora quer dizer?”

“Senhora não, por favor.” Ela sorri e faço uma linha com a boca — envergonhada.

“Desculpe. É costume.”

“Sem problemas.”

“Enfim, o que *você* quis dizer com: *eu ter que tomar vitamina. Bem em breve?* ” A imito.

“Porque você tem que tomar. É fundamental” diz assentindo e me olhando como eu fosse louca.

“Não entendi.” Sussurro.

A Dra. Russel olha para mim, para Cora que vira o rosto confuso para mim e nós fitamos a médica de volta.

“Eu tinha achado estranho você não mencionar isso na terça,” Karen diz suavemente “quando teve alta e eu disse que queria coletar mais tubos de

sangue. Eu já tinha dado seu prontuário a enfermeira Ronda e ao enfermeiro Claud desde quinta passada.”

Pisco os olhos mais confusa ainda e escorro para a beira da cadeira. *Estou sentindo um certo arrepio na espinha.*

“O que você quer dizer? Estou confusa, muita confusa.”

“Você realmente não sabe de nada?”

Ai meu Deus.

“Nada o que?” Cora pergunta e sinto que está tão nervosa e confusa, quanto eu.

“Victoria você está grávida.”

Sinto meus olhos praticamente saltarem do meu rosto. *Merda.*

Jura? — Eu a olho esperando a resposta e ela não diz nada. Por quê? *Oh céus, eu pensei a pergunta.* Engulo em seco e pergunto de *uma vez*:

“Jura?”

“Sim, está confirmado. Os cinco exames feitos no seu sangue apenas constataram a gravidez e a anemia. Nada mais e eu dou graças a Deus.” Ela mexe nos papéis na mesa e desviando os olhos dos meus. “Eu realmente não queria que fosse o que eu suspeitava.”

“A senhora tem certeza?” Escuto a voz de Cora no fundo da minha mente. Estou sentindo a adrenalina fluir em meu corpo. “Nós não recebemos notícias nenhuma sobre isso e ela caiu de cabeça no chão. Como ninguém nos informou disso antes?” Aperto a mão de Cora, ela está tremendo.

“Mil desculpas. Realmente eu estranhei tudo isso e agora estou com vergonha. Foi imperdoável deixar passar essa informação. Eu deveria ter feito pessoalmente.”

“Sim, foi mesmo” Cora fala brava, nem reconheço seu tom autoritário. “Isso é um assunto muito importante para se deixar levar para o esquecimento.”

“Sim, eu sei”, Karen diz resignada, “mas creio que deve ter acontecido alguma coisa para não informarem da gravidez. O hospital ficou um caos com a operação do Sr. Brown e logo ficou lotado de paparazzi e seguranças. Acho que isso deixou os enfermeiros tontos e eu também fiquei alarmada com o exame de sangue dela. Gravidez e minhas antigas suspeitas não faziam um bom conjunto. Por isso passei a tarefa para os enfermeiros e pensei que eles tinham falado com ela, ou alguém da família.”

“Certo. Talvez foi por causa do tumulto que se formou naqueles dias.” Cora vira o rosto para mim e passa a mão em minhas costas afagando com carinho. “Você está bem?” Pergunta e sinto sua preocupação.

Assinto automaticamente, mas não estou mais ouvindo nem ela e nem a Dra. Karen direito. Eu só fito um ponto, olhando para frente sem realmente focar

em nada.

“A senhora tem certeza *absoluta* mesmo? Eu tomo anticoncepcional.”
Questiono em um sussurro.

“Sim, eu tenho. Como já disse, todos os exames confirmaram a gravidez e pelo nível do seu HCG, você está de quatro semanas. Sobre a pílula... Bem, às vezes pode acontecer de a mulher engravidar mesmo tomando o anticoncepcional e como você ficou gripada —”

“Muito mesmo, tem um mês mais ou menos. Ela chegou a tomar antibiótico” explica Cora.

“Então,” a doutora fala como tivesse descoberto o mistério do universo “alguns antibióticos podem mesmo cortar o efeito da pílula. Isso não é incomum.”

“A-hã” murmuro e assinto imersa pela novidade. Meus olhos seguem o horizonte atrás dela pela janela, sem foco. Estou aturdida, deixando a ficha cair.

Eu estou grávida.

Eu estou GRÁVIDA.

EU ESTOU GRÁVIDA.

Caramba alguém me belisca. Franzo a testa e apoio as mãos na mesa me sentindo tonta.

“Victoria?” Cora volta a colocar a mão em minhas costas. “Querida, você está se sentindo bem?”

“Srta. Colton?” A médica me chama também.

Abro a boca deixando o ar sair focando no prego que prende o carpete do consultório. *Se eu estou bem?* Acho que sim. Não sei. *Vou ficar?* Tenho menos certeza ainda.

Eu tenho um bebê dentro de mim. Meu bebê e do Ethan. Meu amor me deu um bebê. Nós vamos ter um bebê. Meu coração está crescendo. Crescendo e crescendo dentro de mim. Eu estou sentindo ele abrir meu peito. Meu rosto está queimando. Eu vou ser mãe. O meu príncipe vai ser pai. Ah... *minha nossa*. Meu Deus, do céu. O calor está descendo e chegando na minha espinha. As lágrimas aquecem meus olhos e embaçam minhas vistas.

“Victoria você está quente.” Cora passa a mão no meu rosto.

“Vem, deite ela aqui na cama.” Karen fala e me puxa com Cora ajudando a me tirar da cadeira.

E eu vou. Eu não estou sentindo nada. Estou flutuando. Puta que pariu, eu vou ser mãe. Meu bebê. Meu bebê e de Ethan. Meu Ethan me deu um bebê. Nós vamos ter um filho. Meus olhos queimam mais, as lágrimas estão forçando sua liberdade. Pisco e noto que me deitaram. O teto está na minha frente.

“Você está sentindo o que?” Cora pergunta e a vejo pela minha visão

periférica, ela está nervosa. Tenho que tranquilizá-la.

Seguro sua mão e aperto. “Estou bem.”

“Tem certeza?”

Assinto e franzo a testa. Vários pensamentos passando em minha mente: eu tinha que estar triste por estar grávida com dezenove anos? Eu tinha que estar zangada por ser mãe tão cedo? Tinha que estar preocupada de Ethan não querê-lo? *E se ele não quiser o bebê?*

Uma lágrima escorre no canto da minha face e eu ponho a mão na minha barriga. Fecho os olhos e fungo começando a chorar de verdade. Lágrimas quentes encharcam meus olhos e escorrem pelos cantos do meu rosto molhando meus cabelos e meu coração parece estar sendo apertado por uma corda.

“O que foi?” Cora beija minha testa. “Conta para mim o que se passa na sua cabecinha, *filha*.”

Enrugo o rosto fazendo bico, chorando e aperto mais a mão dela enquanto a outra ainda está na minha barriga e tento falar:

“...Se Ethan não qu- o be... Eu — ” meu sussurro confuso sai misturado ao meu choro.

“Não entendi, Victoria. Se acalma e fala de novo.” Ela pede passando a mão nos meus cabelos.

“E se o Ethan não quiser o bebê?” Repito soluçando.

“Oh! Minha princesa linda.” Ela sorri e me olha nos olhos — ela quer chorar também, eu posso ver em seus olhos marejados. “Ele é louco por você e eu aposto que ele vai ficar muito feliz.”

“Mas ele é muito novo. Eu *sou* muito nova.”

Cora balança a cabeça dizendo que não. “Tem certas coisas na vida que o tempo não passa de apenas números e horas. Anos são detalhes. Tem coisas na vida que acontece exatamente na hora que tem que acontecer.”

“E se eu não estiver pronta?”

Seu sorriso fica mais brilhante. “Você está. Você tem um amor enorme dentro de você e ser mãe é ter esse amor infinito dentro da gente. Entende?! Vai dar tudo certo. Eu prometo.”

Choro que nem criança e fecho os olhos. “Eu gostei.”

“Gostou de saber que está grávida?” Sua voz está emocionada e feliz.

Assinto e ela beija meu rosto.

“Eu também. Estou muito feliz. Meu bebê está crescendo.” Ela diz e eu abro os olhos para vê-la com os olhos molhados. Uma lágrima cai livre batendo no meu braço. “Não é mais minha mocinha que brincava de boneca e corria pelas ruas... se escondendo e pegando os cachorrinhos e os gatinhos solitários.” Sorrio e ela respira tomando fôlego. “Agora você é uma mulher e eu vou —”

pausa. “Bem, eu vou te ajudar a ser a melhor mãe do mundo.”

“Assim como você foi para mim. Minha segunda mãe.”

“Eu tentei” Cora força para falar e funga. “Eu sempre tentei ser o que você precisava. Uma amiga, uma confidente, uma madrinha, uma... *mãe*.”

Sorrio por meio das lágrimas. “E você foi a melhor, ainda é a melhor.”

Ela chora perdendo a fala e segura meu rosto com carinho. “Lembre-se sempre disso. Está bem? Eu sempre quis ser isso para você. O melhor de *mim*.”

“Eu sei e eu nunca vou esquecer, nem se eu pudesse.”

Cora limpa o rosto com um lenço e abre um sorriso que não chega aos olhos. “Agora vamos embora.”

“Ir embora?”

Ela assente. “É, não podemos ficar aqui para sempre.”

“E eu vou para onde?”

Cora me olha confusa por um tempo, mas um sorriso verdadeiro se abre em seu rosto e ela empertigar-se. “Vamos, vou te levar no meu lugar favorito quando era mocinha.”

Sorrindo me sento na cama e antes de levantar puxo Cora para um abraço apertado. Eu preciso tanto dela.

“Eu amo você, Cora.”

Ela respira e faz um carinho em minhas costas. “Eu te amo também. Te amo muito mais.”



“QUE LUGAR BONITO. De quem é esta casinha?” pergunto.

Estou admirada com o parque de gramas verdes e florido perto de uma casinha. Ela é de madeira com pequenas janelas e uma portinha no meio. Fica em cima de um tronco de árvore muito largo e caído, fica no baixo. Parece ser ideal para brincar.

“Aqui era meu esconderijo, meu reino.” Cora passa a mão no banco de madeira antigo com formato de flor no encosto. “Eu vinha aqui quando criança e brincava com minhas bonecas. Eu era a rainha delas.”

“Que legal. De quem era o terreno?”

“Era de uma senhora chamada Brigeth. Ela me adorava e como seus filhos tinham crescido e moravam longe me deixava brincar aqui e me adotou como neta postiça.”

“E cadê ela?”

Cora entorta a boca lamentando. “Morreu quando eu tinha quinze anos.”

“E quem cuida daqui agora? Pelo que vejo ainda cuidam da casa, está em ótimo estado.”

Ela suspira e sorri para mim. “Sou eu. Eu comprei a casa quando foi leiloada, logo que eu voltei da Inglaterra.”

“Quando acabou os estudos?”

“Eu quis comprar ela para — ” faz uma pausa e meneia a cabeça. Parece perdida em pensamentos.

“Para que?” Pergunto procurando seus olhos.

“Para dar de presentia a você.” Ela sorri com tristeza e senta no pequeno degrau da casinha. “Sempre pensei em nós duas brincando de boneca aqui e” dá de ombros “desvendando o mundo. Aqui é o meu tesouro.”

Sento ao seu lado e pego sua mão. Ela olha para mim com lágrimas nos olhos.

“Por que nunca me mostrou?”

Dá de ombros de novo. “Nunca achei a hora certa para isso, mas agora eu — ” Uma lágrima escorre e ela limpa rapidamente. “Eu pensei que seria legal te mostrar.”

Vira o rosto para frente e fita o mar ao longe. A casa fica na praia de Malibu, na encosta, então o mar é a vista do quintal enorme da casinha da árvore e da casa de verdade, que por sinal, a casinha é a cópia. Tudo é de madeira rústica, parece coisa de conto de fadas. É perfeito, tem até uma torre na casa maior. É tudo lindo. A casa, o jardim, o quintal, a piscina é enorme e a casinha na árvore, onde também tem um parque de madeira ao lado e mais à frente uma rampa que dá acesso à praia que se torna particular para as casas locais.

“Como descobriu esse lugar? Porque é longe de onde moramos.”

Cora sorri se recordando de algo e responde:

“Foi Will. Eu e ele uma vez estávamos passeando aqui com Elizabeth e Ryan. Viemos à praia. Nós resolvemos brincar de caça ao tesouro e acabamos nos enfiando pelo bosque, porque antes não tinha tantas casas aqui e quando vimos estávamos aqui. A dona Brigeth não se queixou, na verdade ela adorou nossa presença. Ela nos chamava de João e Maria.” Ela ri contando. “Desde aquele dia nós sempre voltamos aqui. Crescemos e mesmo assim continuamos a vir.” Suspira e seca mais uma lágrima. “Para nós era nosso refúgio. Nosso esconderijo e para mim um lugar muito especial. Dona Brigeth até me pegava em casa para eu poder brincar aqui, mesmo sozinha.”

“Por que vocês tinham que se esconder?” Pergunto sem entender.

Ela balança a cabeça com um largo sorriso. “Nós não nos escondíamos,

apenas... Precisávamos do nosso cantinho.”

“Você ainda vem aqui ou apenas cuida?”

“Não. Eu venho aqui sempre. Principalmente quando estou triste, cansada, ou querendo apenas... me esconder do mundo.” Ela levanta os ombros. “Como disse: é meu refúgio.”

“Por que não mora aqui?”

“Will e eu queremos nos mudar pra cá, mas ainda estou pensando.”

“Vocês sempre estiveram juntos, não é?”

Ela contrai a mandíbula e engole em seco. “Eu o amei à primeira vista” responde com um olhar longe. “Parece mentira e estranho uma menina de cinco anos se apaixonar, mas eu me apaixonei para sempre pelo seu... pelo Will. Foi à primeira vista.”

“Vocês se conheceram por aqui e estiveram juntos desde então?”

Ela sorri e vira o rosto para mim. “Não, você sabe. A primeira vez que o vi foi na porta de casa. A minha primeira casa em Los Angeles.”

A casa que pegou fogo ao lado da minha anos atrás — penso na hora que ela diz:

“Ele era o menino mais lindo e concentrado que eu já tinha colocado os olhos. William com seis anos já mostrava sua personalidade forte.” Um sorriso brinda sua face triste e ela coloca as duas mãos no rosto sonhando acordada. “Sabe o que eu mais gravei na minha primeira memória desse dia?”

“Não. O que foi?” Indago sorrindo para ela.

“Foram os olhos cinza brilhantes e intensos dele.” Seus olhos ficam marejados de novo e os lábios tremem. “Eles cravaram na minha alma e a partir daquele dia, tudo fez sentido.” Uma lágrima escapa dos seus olhos e eu fico emocionada, mais ainda. “Minha vida ganhou sentido. O amor...” ela fita meus olhos, sem piscar, emanando intensidade. “Vocês fizeram e fazem sentido na minha vida. Sempre vão fazer e não vai ser agora que as coisas irão mudar. Não vou deixar nada acontecer.”

Choro e abraço-a forte. “Eu estou com tanto medo” sussurro “de tudo.”

Cora aperta seus braços protetores em volta de mim. “Não precisa sentir medo. Eu te prometo que tudo vai ficar bem. Ethan vai ficar feliz com o bebê e todo o resto vai se ajustar.”

“E se não ficar?”

“Mas vai ficar. Eu te prometo e eu nunca deixei de cuidar de você e cumprir uma promessa. Não vai ser agora que eu não vou” diz firme, mas dá uma leve fungada. “Vai ficar tudo bem, *filha*. Eu juro do fundo da minha alma.”

Desabo em lágrimas no seu abraço tentando descarregar toda minha angústia. Ela sabe que é arriscado ter esse filho agora e sabe o medo que estou

sentindo. Ela também sentiu isso antes, quando me levaram a primeira vez e tenho certeza que está sentindo as mesmas coisas daquela época agora. Faço uma oração enquanto estou nos braços dela. *Por favor, meu Deus. Ajude meus seguranças, Ethan, Will e todos a pegarem esses homens e finalmente tudo ficar bem. Tudo isso acabar. Eu te peço, te rogo meu feliz para sempre, pai.*



DOU UM ABRAÇO FORTE EM CORA e saio parando na porta de casa e vejo o carro seguir caminho pela rua. Me viro passando pelos portões da garagem com Ken atrás de mim. Caminho pelo chão de cascalhos até as enormes portas de madeira e quando estico a mão para empurrar ela se abre com um Ethan furioso. Seus olhos estão soltando faíscas, enfurecido e os ombros para trás em uma postura rigorosa e brava.

“Você sabe que horas são?”

“Ah” abro a boca sem reação.

“E por que raios você não atende a merda do celular?”

Nossa! Suspiro e coloco uma mecha atrás da minha orelha que a brisa soltou. Puxo o ar e prendo procurando paciência e tentando não ser grossa. Ele não era para estar assim. Nunca o vi dessa maneira.

“Por que está falando assim comigo?” Digo e passo por ele entrando em casa. Passo pelo hall e entro na sala de estar, deixo minha bolsa no sofá e me viro para ele que está de braços cruzados. “Qual é o seu problema?”

“Meu problema? Você saiu três horas da tarde e volta quase às oito horas depois de me dizer que não ia demorar.”

Balanço a cabeça em negativa. Não percebi a hora, fiquei tão perturbada com a notícia e depois com as histórias que Cora me contou. Abro a boca para responder, mas ele me corta falando primeiro:

“E posso saber por que você foi à uma clínica?”

“Ah?” Pisco os olhos confusa. “O quê? Como você sabe disso?”

“Não interessa. Apenas quero saber o porquê? É alguma coisa com a Cora?”

Nego com a cabeça.

“Não quer me responder ou não é assunto da Cora?”

“Quem falou para você?”

“O quê?” Indaga sem paciência.

“Onde eu estava.”

“Não importa. Por que não me disse? E o que você foi fazer em Malibu também?”

Dou um passo para trás e respiro fundo. Meu coração está acelerando e não é de felicidade por vê-lo.

“Foi o Ken que te falou?” Insisto falando baixo.

“Victoria,” ele aperta a mandíbula “apenas me diz por que você foi nesses lugares.”

“Primeiro me responde como ficou sabendo?”

“Não.”

“Não?” Minha voz sobe duas oitavas e sinto as sobrancelhas juntando. Estou mortificada com a atitude dele.

Cerrando os dentes giro meus calcanhares. Ken vai ouvir poucas e boas por ser linguarudo. *Que merda*. Quando chegasse eu mesma ia contar onde fui e porquê fui. Por que ninguém consegue respeitar coisas tão pequenas? Como direitos comuns que as pessoas têm de se comunicar sozinha. É meu direito falar para o meu namorado onde eu fui, com quem e porquê. É uma coisa tão pequena. Tem que ficar de vigia desse jeito? Mesmo que Ethan esteja preocupado e realmente exagerei na hora que cheguei, não é direito de Ken, ou de qualquer outro, ficar me monitorando. Não sou criança e não fiz nada de errado. Não cometi nenhum crime saindo com Cora hoje e se fosse o caso, eu aceitaria a bronca que estou levando, mas não.

“Onde você está indo?” Ethan agarra meu pulso me parando.

Viro meu rosto para ele e falo bem séria: “Mesmo que as ordens tenham sido suas, Ken não tinha o direito de fazer o inquérito para você. Eu mesma ia te contar onde fui, não precisava ele fazer isso e eu não fiz nada demais.”

“Victoria me escute — ”

“Não.” Giro meu corpo para ficar de frente para ele. “Sei que você está angustiado, nós estamos, mas não fiz nada de mais agora. Só fui sair com a minha madrinha. Eu ia te contar tudo quando chegasse, como uma pessoa normal. Será que agora eu perdi até o direito de me comunicar?” Levanto os ombros e as mãos demonstrando minha frustração. “Será que eu não posso mais ter o direito de me divertir e contar para o meu namorado as novidades. Poxa” meus olhos ardem. “Eu já sou vigiada o tempo todo e agora sou... O quê? Me sinto violada. Tipo uma criminosa.” Me solto dele e me viro voltando a andar para a sala dos empregados nos fundos da casa.

“Amor” Ethan me chama de novo e vem para minha frente me parando de novo.

“Por favor, saia.”

Ele nega com a cabeça. “Não foi o Ken” fala baixo.

Olho-o confusa e levanto as sobrancelhas. “Como assim? Foram os seguranças da Cora?”

“Não.”

“Você mandou me seguir?” Quase berro. Dou um passo para trás e ele levanta as mãos querendo me pegar e recuo mais uma vez. “Você não fez isso. Você não chegou a este ponto, Ethan.”

“Não cheguei *ainda*, mesmo tendo motivos.”

Abro a boca puxando o ar para os pulmões. Suas palavras me machucam.

“Co—como assim?” Gaguejo. “Foi como então?”

Ele baixa os olhos e faço o mesmo focando na direção que ele olha. Minha mão direita, *o anel*. O anel de esmeraldas que ele me deu de presente de dois meses de namoro. Eu amo esse anel. Significa tanto para mim. Ele disse que estava entregando seu coração. É o anel de Claddagh, um coração corado.

Fecho os olhos sentindo o baque da realidade.

“É por causa dos seus olhos e o anel representa meu amor e que eu estou te entregando meu coração. Bem, eu não preciso desse anel para isso, mas é uma forma de mostrar isso para todos e de dizer que você é minha.” Foram suas palavras e o pedido de para eu nunca, nunca, nunca tirar.

“Você não fez isso” digo num fio de voz e sinto as lágrimas quente forçando a sair. Meu coração está tão apertado.

“Me escuta.” Tenta se aproximar, mas dou um para trás.

“Me diz por que fez isso?” Olho para o chão, não consigo encarar ele.

“Victoria — ”

“Fala, Ethan.” Sou obrigada a fitar seu rosto e repito: “Fala por que você fez isso?”

“Porque eu morro de medo que me tiram você” ele grita. “Porque dia e noite eu sofro com as palavras do Will na minha cabeça. Eu precisava de uma garantia... de algo que me tranquilizasse.”

O choro vem forte e soluço fazendo meu corpo tremer. Me abraço sentindo frio, mas é o sentimento de impotência emocional.

“E eu disse para você hoje cedo que gosto de você e do que nós temos... e de ficar aqui porque além de te amar... Isso me deu uma certa liberdade. Porque eu acreditei que você não me trataria como o resto.” Respiro fundo e passo as mãos no rosto. “Eu sei que tem rastreador no meu celular, no meu carro, nas minhas bolsas e nos relógios. Eu sei, Ethan” falo rouca, tremendo e fitando seus olhos. “Mas eu achei que você não ia fazer isso comigo.”

“Fiz porque eu te amo e eu precisava disso. E se não fosse esse anel eu não teria você aqui agora.” Suas mãos agarram meus ombros e seus ficam molhados.

“Eu levei um tiro por você e levaria outro, mas nunca deixaria te fazerem mal ou te levarem.”

Fecho meus punhos na sua blusa, amarotando e forço minha voz a sair, depois de engoli uns três soluços. “É, você levou um tiro por minha causa,” assinto freneticamente “talvez não seja muito inteligente ficar comigo.”

“Não diga isso.” Sua voz treme.

“Eu... só quero saber por que neste anel?”

Ele fica temeroso e baixa os olhos. “Porque eu queria que fosse algo que você amasse e não tirasse por nada” explica com a voz cortada e grossa. “Precisava que você não o trocasse como uma joia qualquer.”

“E aí... você jurou seu amor por mim com esse anel. Disse que estava entregando seu coração e... para eu nunca tirar ele.” Deixo a cabeça cair para o lado, tentando enxergar seu rosto. “Você vê o que você fez?”

Ele assente e me abraça chorando. O abraço também e não sou eu que choro e sim meu coração. Eu amava esse anel, amava o que ele significa, não o seu valor no mercado e agora não sei se ele tem algum outro valor.

Dois

Ethan

SEXTA-FEIRA, 22 DE JANEIRO DE 2014.



ABRAÇO-A TÃO FORTE, não quero que ela escape de mim, principalmente por um motivo tão estúpido. Pisei na bola e ela está certa. Eu não deveria ter escondido o rastreador. No fundo quando dei o anel sabia que estava arriscando sua confiança, sabia que eu poderia me arrepender depois, mas não quis ouvir a voz na minha cabeça e agora o que eu mais quero é que ela me perdoe.

Entendo totalmente como deve ter sido sua vida e sinto na pele agora essa vigilância toda. Essa proteção exagerada. Eu mesmo já pensara que fosse um exagero da sua família, mas depois da conversa com Will, mudei de ideia. Eu estava me apaixonando por ela tão intensamente que fiquei apavorado com a ideia de pegarem ela de novo.

Então surgiu a merda da ideia de lhe dar um anel com rastreador. Em todo momento eu apenas pensei que ela tinha que amar realmente algo do fundo do coração para não querer tirar como faz com as outras joias. Porém eu realmente julguei mal não ter contado para ela sobre meu medo e, por conseguinte do rastreador. *Será que faria diferença se ela soubesse antes?*

Seu corpo treme em meus braços e com um soluço ela se afasta de mim dando um passo para trás. Está me matando ela fazer isso, colocar uma barreira entre nós.

Olho para o seu rosto e quase não reconheço a mulher que eu amo. Ela está pálida, os olhos tão vermelhos e o rosto molhado. Os lábios hora tremem, hora são molhados por sua língua, porque ela está puxando o ar com força, como se estivesse se afogando nas próprias lágrimas e ficando com a boca seca. Eu faria tudo para apagar essa dor dos seus olhos. Faria qualquer coisa com a pessoa que fez isso a ela e essa pessoa idiota foi eu.

Respirando fundo passo as mãos no rosto nervoso.

“Se você soubesse antes, faria diferença agora?”

Ela nega com a cabeça. “Talvez não amasse o anel.”

Engulo em seco. “Por quê? Me explique.”

“Você disse que não vai durar para sempre” fala baixo e desvia os olhos.

“Disse que um dia tudo vai acabar. Então... todas essas coisas que eu convivo hoje”, me olha de volta “são descartáveis e sem valor. Nada é real. Tudo é

substituível.”

Assinto. De novo ela está certa. Dou um passo me aproximando dela e Victoria recua de novo. *Merda.*

“Para de fazer isso” sussurro. “O que você quer que eu faça?”

Ela balança a cabeça negando, olhando no fundo dos meus olhos. Eu realmente a magoei.

“Pelo menos você sabe que eu fiz isso por amor. Não sabe?”

Ela assente. “Eu sei, eu entendo e eu... eu aceito, mas não deixa de me machucar. Eu acreditei que aquele anel era um símbolo do nosso amor, do seu amor. Não uma joia qualquer. Sei que não preciso de um material para acreditar no seu amor e nem o de ninguém. Só que quando algo tem um valor simbólico, ela ganha vida e” ela sacode a cabeça, como estivesse tentando apagar as coisas na sua memória “eu acabei de descobrir que aquele anel não tinha tanta vida assim. Principalmente por você não me contar.”

“Claro que sim” minha voz sai arranhada. “Claro que tem significado.”

“Na sua cabeça sim.” Ela dá de ombros suavemente. “Só que na minha não. Eu não consigo amar algo que eu sei que é um gatilho para o meu medo. Essas coisas são mecânicas e sem valor.” Suas sobrancelhas se juntam e os olhos brilham marejados. “Sei que você vai dizer que não, mas por debaixo desse anel o que prevalece é o medo e não o amor. Então como é que eu posso amar isso? Desculpe, não dá” ela realmente lamenta.

“Quer dizer que — ” pauso “você não me ama mais?”

Ela nega freneticamente com a cabeça e lágrimas escorrem livremente em seu rosto.

“Claro que não. Eu só estou triste, Ethan.” Limpa o rosto. “Meu coração está doendo. Você disse que... que eu sou o que você nem imaginava que existia e você...” soluça e fecha os olhos com força. “Você é para mim algo que eu nunca esperei ter... nunca.”

“Por quê?” Sinto minha garganta fechada e o gosto salgado.

“Hoje mais cedo, eu pensei que... você é tão envolvido por mim, tão apaixonado que é cego. Não vê e nunca enxergou o perigo que é ser meu namorado.”

Assinto e uma lágrima foge dos meus olhos.

“É por isso que eu te amo tanto, mas também amo minha família e eles me magoam às vezes, principalmente Will e isso não significa que deixo de amar eles, só que dói muito mais quando vocês me magoam.” Ela vira o rosto olhando para a varanda e depois de uma pausa murmura: “Quando tinha quinze anos, eu comecei a ver como minha vida era um inferno e com isso a me irritar com eles. Então um dia eu pedi para Ken me levar na casa da Clara para eu ficar um pouco

lá com ela. Estudar, ler, sei lá, coisa de amigas e nesse dia eu descobri que era seguida por mais seguranças do que pensei e que tinha rastreador em tudo meu.”

Ofereço minhas mãos, porque não aguento vê-la tão triste e ela aceita. Um fio de esperança me abraça. Victoria respira fundo e continua:

“Tudo ficou sem valor e o que mais doeu foi eu não saber. Eu precisava saber, tinha que entender os motivos. Todos eles.” Olha meus olhos. “Sei do fundo do meu coração que não quero que me levem de novo, mas não entendia o porquê tanta preocupação, se eu estava em casa e já tinha se passado oito anos. Ninguém me dizia nada, me deixavam no escuro e foi então que eu levantei minha voz e Will me contou tudo.”

“Você está querendo dizer que precisava que eu contasse do meu medo e do rastreador, é isso?”

“Sim e não.”

“Como assim?”

Ela inspira e solta minhas mãos, se virando para varanda.

“Eu queria que você me contasse o que realmente sente sobre tudo isso. Nós fizemos um juramento de não esconder nada um do outro.” Vira o rosto para mim. “Lembra?”

“Lembro,” cerro a mandíbula. “E lembro também que não teríamos segredos e que você não iria mais fugir de mim. Dizer que somos um erro.”

“Nunca disse isso.” Suas pupilas dilatam.

“A parte que você diz que eu não sou inteligente por estar com você, sim. É quase que dizer que nós somos um erro. De novo a história de querer me afastar de você.”

Seu rosto se torce em aflição e os olhos se enchem d’água. “Não foi isso que eu quis dizer, mesmo que seja em certos ângulos.”

Agora é minha vez de negar com a cabeça freneticamente. Minha circulação está martelando em meus ouvidos. “Para mim não existe nenhum ângulo errado no nosso relacionamento.” Vou para frente dela. “Pode até ser perigoso, mas nunca um erro. Está me ouvindo?” Não tinha a intensão gritar, mas é o que eu estou fazendo.

Victoria treme e abaixa os olhos. Limpa os cantos dos olhos com uma mão e desviando de mim chega até o sofá. Me viro e a vejo pegar sua bolsa. Um desespero me corrói.

“O que você está fazendo?”

Ela levanta o rosto e suas lágrimas caem livremente. Sinto-a tão longe de mim. Nunca senti isso conosco e nem o medo que está sendo cravejado em meu peito, como se uma adaga estivesse me abrindo ao meio.

“Você não vai embora” grito com a voz ainda mais rouca “Não vou deixar”

e seguro seus ombros.

Ela fecha os olhos, desamparada. “Eu preciso pensar, Ethan.”

“Pensar em que? Pensa aqui comigo.”

“Não. Eu vou para casa.”

“Sua casa é aqui” falo e não importa se ela não quer, seguro seu rosto. Encosto nossas testas e ela chora baixinho. “Me diz o que eu faço para você me perdoar. O que você quer?” Volta a fitar seus olhos. “Não posso deixar você ir. Tudo, menos isso, Victoria. Fica sem falar comigo, me coloque para dormir no sofá, mas não vai embora.”

“Eu te amo, Ethan e talvez eu esteja me afogando há muito tempo, mas agora... Agora eu estou sem ar. Estou sufocada, apavorada... e cansada da minha vida. Preciso de um tempinho para mim. Preciso pensar. Preciso achar forças para...”

“Sobre nós?”

“Sobre tudo” nega com a cabeça e funga. “Me dê isso. Me dê esse tempinho para pensar. Eu nunca peço nada, então...” dá de ombros.

“Você não pode me deixar.” Sinto meu corpo tremer.

“Não estou te deixando,” sussurra “só indo para minha casa.”

“Mas sua casa é aqui, eu quero que sua casa seja aqui.”

Não consigo deixa-la ir, se ela for vai me esquecer. Ela está apavorada e eu também, e entendo seu lado, assim como ela também consegue entender o meu. Só não quero que ela vá.

“Se você for... não vai voltar.”

“Claro que vou” sua voz fraca me quebra. Ela larga a bolsa no chão e me abraça. “Também não sei viver sem você, mas tenho questões para pensar, Ethan.”

“Victoria, eu te amo tanto e você tem razão.” Falo baixo no ouvido dela também. “Eu sou cego. Só enxergo você na minha frente, nada tem vida se não tenho você. Preciso de você.”

“E eu preciso mais.”

“Nós precisamos um do outro com a mesma intensidade, mas agora com minha falha, talvez eu precise mais.” Beijo seu rosto e murmuro: “Não vá.”

Ela limpa meu rosto e sorri ternamente. “Meu coração está quebrado. Não posso agora.”

“Victoria — ”

Seus braços me soltam e relutante faço o mesmo. Ela engole. Ficamos em silêncio e a sinto *tão distante*.

“Você vai me perdoar?”

Ela abre um sorriso e passa a mão no meu peito suavemente. “Vou, mas não

agora e esse *tempo* não é só por isso. Eu... eu preciso pensar.”

Assinto resignado e quando ela se agacha, pega a bolsa e passa por mim. *Não!* Seguro-a por trás e abraço bem apertado. Beijo seus cabelos e peço desculpas sussurrando. Viro-a para mim e beijo seus lábios, estão macios por causa do choro e sinto o gosto salgado das suas lágrimas e com certeza das minhas que caem em seu rosto. Estou desesperado. Ela separa nossas bocas, arfando.

“Desculpe, amor” sussurro de novo.

Ela fecha os olhos, me dá um último beijo e assente uma única vez. Eu a solto vagarosamente e com um último olhar Victoria cambaleia para trás e anda para os fundos da casa. Sinto que ela leva consigo meu coração. *Merda!* Dou um murro na madeira que sustenta a escada.

“Eu sou um imbecil. Burro!”



SÁBADO, 23 DE JANEIRO DE 2014.

ABRO OS OLHOS QUANDO SINTO UMA CÓCEGA NO PEITO. Estou na minha cama e Victoria está ao meu lado, deitada de olhos abertos e fixos em mim. Sorrio me sentindo completo.

Ela voltou.

Instantaneamente beijo o topo da sua cabeça e ela beija meu ombro — que está mais próximo aos seus lábios.

Ela está linda, os cabelos bagunçados por causa da cama, as pernas enroscadas nas minhas, um dos braços está debaixo do travesseiro e a outra mão surge debaixo das cobertas que nos cobre, me fazendo um carinho lento e macio no peito. Ela alisa meu torso de cima à baixo lentamente.

Viro meu corpo para ela e espelho sua pose, deixando um braço debaixo do travesseiro e entrelaço nossos dedos e trago sua mão para minha boca beijando com carinho.

Estou tão feliz com ela ao meu lado. Amo esses momentos das nossas manhãs. Fito seus olhos verdes por longos minutos...

... De repente estamos em pé no meio da sala. Seus olhos me olham, mas não brilham mais. Estão tristes e o sorriso morreu. O que houve?

“Você não é tão maravilhoso quanto eu pensava” fala com a voz distante. “Você não é mais o meu príncipe.” Balança a cabeça e pisca como estive despertando.

“Não diga isso.”

“Nós somos um erro” isso ecoa na minha mente “e eu acho que não é bom estarmos juntos. Você não me merece e nem eu te mereço.”

“O que? Não diga uma bobagem dessas”, falo dando um passo para frente quando ela recua.

“Mas é a verdade e você é um mentiroso. Me magoou e me enganou.”

Franzo a testa porque não sei do que ela está falando. O que eu fiz? Dou mais um passo e ela recua dois para trás.

“Querida, você sabe o quanto eu te amo.”

“Talvez sim, mas eu não posso ficar. Não é certo eu ficar aqui com você.”

“Não.” Fico desesperado e agarro seus ombros.

“Eu vou embora e não vou voltar.”

“Não, por favor. Não diga isso. Por favor.” Sacudo-a com força e seus olhos se arregalam.

“Não. Eu vou embora... para sempre” sua voz faz eco. Um eco estrondoso e tudo escurece. Cacos de vidros são estilhaçados, fumaça branca se mistura ao ambiente e ela desaparece.

“Victoria!” Grito com força. “Volte. Volte, Victoria.”

“Victoria?!” Com o coração bombeando meu sangue a quilômetros por segundos, acordo chamando-a alto e repito. “Victoria.”

Minha pulsação está acelerada, meu corpo está suado e sinto meus olhos inchados, secos como se eu não tivesse dormido ou chorado. Estou na nossa suíte e as memórias refrescam minha mente. Nossa briga por causa do anel e deixei ela partir. O horror do pesadelo ainda corre por minhas veias. O medo trucidante de realmente ela nunca mais voltar esmaga meu coração.

Foi apenas um sonho e ela não disse isso. Ela vai voltar. Claro que vai.

Sento na cama e percebo que estou com a mesma roupa que usava ontem. Calça jeans, blusa de linho e sapatos sociais. A blusa está um caco, tem sangue na manga e parece que foi engolida por algum leão feroz. Olho para o lado e tem um copo de uísque na mesa de cabeceira com o vestígio da minha bebedeira e pelo fato da minha dor de cabeça e a tontura, ainda estou um pouco embriagado. Merda de vida. Preciso ligar para Victoria.

Coloco a mão no bolso para pegar meu celular e não o encontro. Caralho. Cadê essa merda de telefone? Levanto da cama e pego o telefone do quarto, do outro lado da cama de Victoria. Disco o número dela e espero. Um toque, dois toques, três, quatro... Dez e nada. Cai na caixa postal e desligo. Mas será que seria uma boa ideia? Não quero permitir que me esqueça e estou sendo irracional. Ela foi embora apenas ontem e preciso dá a ela o que me pediu. Espaço. Ela quer espaço. Droga de anel.

Jogo o telefone longe e um som estrondoso ecoa quando cai no chão de madeira do *closet*. Legal, mas um item quebrado. Vou começar a fazer as listas, porque até ela voltar vou quebrar metade da casa.

Abro as portas de correr de vidro do terraço e vou até a sacada. Está frio e o céu escuro, parece que o dia amanheceu triste como eu. *Ah que horror*. Por que todos os homens se tornam babaca piegas quando estão apaixonados? Principalmente quando a mulher vai embora. Quando eles brigam com elas e principalmente quando a culpa foi deles. Homens são uns babacas. Eu sou um babaca. E os homens são assim há anos.

Tanto drama, tragédia e romance por vários ângulos de vários escritores e filósofos. Sófocles, Aristófanos, Miguel de Cervantes, Jane Austen, William Shakespeare. Inundaram o mundo de paixões e decepções. Deixaram o mundo dramático e piegas. Um bando de pessoas com frases parecidas e construídas no amor e na dor, o que é um grande embaraço. Parece que o coração é vago demais quando está apaixonado ou sofrendo. Eu cresci lendo esses mitos gregos, romanos, esses romancistas magníficos que mostraram e continuam vivos até hoje com seus romances marcantes e inspiradores nos tempos modernos, mas acho que me influenciaram tanto que virei um marica fazendo citações vagas vindo de dentro de mim. Será que todos os escritores estão apaixonados ou rancorosos quando estão compondo um livro? Uma pergunta capciosa porque eu acho que poderia fazer um livro imediatamente.

E eu sou um amante desesperado por minha bela amada e não tem como ser mais cômico e piegas quando penso em gritar na porta da casa dela: “Volte minha princesa, não sou nada sem você.” Abro um sorriso solitário e balanço a cabeça, passando as mãos no rosto desembaçando meus olhos e piorando o estado do meu cabelo. Basta eu ficar nervoso que ele vira uma zoeira.

Respiro fundo e apoio as mãos no parapeito da sacada e deixo os ombros e a cabeça pesarem caindo para frente. Saudades é uma merda, sempre soube e meio que aprendi a lidar com ela quando morava longe da minha família, mas saudades com culpa é bem pior. Eu cheguei a sentir culpa pelo que fiz com Nicole, mesmo ela merecendo, porém não esperava que ela fosse perder a mãe no mês seguinte. Ela ficou mal mesmo, chegou a ficar em uma clínica de reabilitação por tentar se matar. A doida pegou uma navalha e cortou os pulsos. *Porra*. Sei que a culpa não foi minha, mas fiquei com remorso. Só que foi rápido, ninguém mandou ela magoar as pessoas que confiavam nela e lamentei profundamente sua dor, mas não voltaria atrás no que fiz para provar a verdade.

Meu erro com Victoria foi por não ter conversado com ela, porque sei que se tivesse desabafado meus medos para ela nós não teríamos brigado. Ela sempre se mostrou totalmente disposta a conversar sobre tudo e meu irmão uma

vez falou para mim nunca fazer o que Will faz com ela. Contradizer uma promessa feita, pois mesmo ela sendo doce e gentil, pode mostrar seu lado revoltado que sempre é para o irmão. Will persuade ela de uma forma ruim, escondendo as coisas e acabei fazendo o que Anton me avisou e ela desabafou para mim ontem. *O quão burro eu sou?*

Respiro fundo e volto para dentro do quarto. Vou para o banheiro. A ducha gelada parece uma forma punitiva para mim nesse inverno. Dou um tapa nos azulejos e respiro fundo. Termino o banho, me seco e coloco uma calça de moletom, uma camiseta da liga de futebol americano de Los Angeles e calço meus tênis de correr.



“BOM DIA, ETHAN.” Ruby cumprimenta quando entro na cozinha.

“Oi, Ruby.”

Escuto ela soltar a respiração. Acho que percebeu meu mau humor.

“O senhor está bem?” Pergunta sobre meus ombros, enquanto estou pegando uma garrafa de água na geladeira. “Quer alguma coisa?”

“Não, apenas vim pegar isso”, falo erguendo a garrafa e saio da cozinha.

Ando para a ala leste da casa e chego à academia. Entro, acendo apenas a luz amarela do canto da sala de ginástica — quero ficar apenas na companhia da luz do dia, um azul acinzentado e a luz amarela no meio das nuvens.

Me alongo rapidamente e subo na esteira, ligo, faço um aquecimento de três minutos e logo estou na velocidade 14, a todo vapor. Inclino a esteira e acelero meus passos. Meu peito começa a queimar, meus músculos exigem mais de mim e minha pulsação martela nos meus ouvidos. Sinto o sangue correr tão veloz quanto meus pés e o suor surgindo no meu pescoço, lombar e peito, colando a blusa no meu corpo.

Diminuo a velocidade para 7 e corro saltando como faço na rua e tiro minha blusa jogando para longe. Estou em casa e não preciso me preocupar com olhares indesejados para cima de mim. O único olhar que quero está bem distante na torre de marfim que é a casa dos Colton. Agradeço essa informação a Ken.

Pedi o segurança — nenhum pouco desesperado — para cuidar dela quando ele atendeu minha ligação ontem por volta das onze da noite. Eu estava no meu o quinto copo de uísque, que enchia e esvaziava em menos de um minuto, me

sentindo o maior babaca do mundo. Eu estava com raiva porque Victoria não atendia minhas ligações e depois de falar com ele joguei o copo do uísque longe. Ele se espatifou na parede da sala de visitas.

A raiva me abrandava novamente e acelero a esteira para a velocidade 18, eu consigo correr, faço há anos academia e era parte do time de basquete de Harvard. Lógico que eu era um simples aluno amador, nunca passou na minha cabeça jogar ou nadar profissionalmente. É uma vida muito sacrificante para o mimado e cretino que eu fui na época da faculdade.

Quase vinte quilômetros em cinquenta minutos, bato no botão vermelho da esteira, parando de emergência. O sentimento no meu peito não é falta de ar, é medo de Victoria ficar muito tempo zangada comigo.

Volto à caminhar lentamente na esteira, não quero sofrer um enfarte por parar bruscamente a corrida. Recupero o fôlego e finalmente paro saindo da esteira. Pego uma toalha de rosto, no armário que tem aqui, e enxugo meu corpo.

Jogo a toalha no banco, pego a garrafa vazia na esteira e jogo no lixo, abro a porta e saio em direção a cozinha.

“Ruby, prepara um café da manhã para mim.” Peço e sei que estou muito mal hoje. Pego outra garrafa de água.

“Café da manhã? São onze horas da manhã.”

Respiro fundo e tomo um gole d’água, fitando ela. “Faz um lanche caprichado, então. Estou com fome.”

Ela assente, me olhando preocupada. “O senhor está bem?”

Assinto e viro-lhe as costas indo para a piscina, o clima não está bom para isso. Tem um leve mormaço e acho que vai me relaxar entrar na água com a minha temperatura tão quente. Tiro os tênis com os próprios pés e pulo na piscina. Caralho, está gelada. Imerso na água por quanto tempo aguento ficar prendendo a respiração.

Volta logo, Victoria. Tudo é um grande nada sem você na minha vida.

Submerso arfando, inspiro e expiro o ar para os meus pulmões. *Morrer não é uma opção.* Meu inconsciente é cômico.

Nado até o que Victoria chama de precipício da piscina e sinto falta dela aqui comigo. Sempre fica atrás de mim, porque tem medo de se apoiar na borda de vidro. Realmente dá medo, acho que minha mãe não concordaria com essa piscina quando eu e Anton éramos muito pequenos, mas como nós viemos para cá com oito e treze anos, não houve problema. Mesmo assim quando era menor tinha um certo pavor de chegar na borda. Crianças são tão inocentes com seus medos bobos.

Mergulho e nado de uma ponta a outra na piscina, batendo os pés e voltando. Vou para superfície e nado crawl um pouco, paro no meio da piscina e

boio. Um pensamento me enche o peito.

Amar Victoria é como surfar — literalmente. Caminhar pela praia é encorajador, um frenesi de coisas boas. Então começa a corrida, a água salgada salta e molha primeiro as pernas e dando o pulo na prancha, a brincadeira começa a ganhar força. Remar incansavelmente para alcançar o nível e para visualizar as ondas, sentir o mar. Sentar na prancha e respirar fundo tomando a brisa da praia com o gosto salgado do mar. O formigamento da água gelada do fundo do oceano, porque quem surfa sente o verdadeiro *sabor* do mar. É gelado e sempre sinto-me colocando os pés em uma banheira de água gelada fresca que acabara de sair da geladeira. Sentado, sentindo as ondas, visualizando elas se montando e se quebrando, fazendo a mágica espuma branca que corre livre e se juntando com uma mais à frente que vai até a beira do mar. Tudo é lindo, mágico e perfeito.

Foi assim que me senti ao me apaixonar por Victoria. Caminhei, pulei, remei e repousei na prancha apreciando as ondas, mas sei que preciso remar mais para sentir tudo.

Remo dando braçadas longas e avisto uma onda se formando. Remo depressa para trás dela e quando ela começa a crescer, preparo meus sentidos e membros para o próximo passo. Salto e estou em pé na prancha, pegando a onda. É maravilhoso ver a aureola do tubo de água onde vou parar surfando. Um tom furta cor de um azul incandescente. É uma das coisas mais lindas e únicas do mundo, mas se não estiver preparado, o tubo se apressa e fecha te engolindo e fazendo você afundar. O medo de ser engolido é aterrorizante, porém a adrenalina corre nas veias. Abaixo um pouco mais meu corpo e jogo o peso para frente e saio do tubo. Ergo meu corpo e abro os braços. A melhor sensação do universo.

Quando Victoria disse que estava se afogando há muito tempo e agora está sufocada, eu entendi. Eu já fui engolido por uma onda e a sensação de perda é inexplicável. Talvez eu só estivesse vendo o ângulo das remadas e de estar em pé na prancha no nosso relacionamento e ela infelizmente levou muitos caldos e o medo de ser engolida de novo e de vez a apavora. Ela leva a *onda* comigo, eu sei que faz, mas ela tem a consciência de que atrás dela o tubo se fecha e ela não quer afundar de novo.

E pensando na vida que levamos, como surfar, quero dar a ela a segurança de que sempre irei guiá-la para sair da onda a tempo de não ser engolida. Quero dar a ela a sensação de abrir os braços e sentir a liberdade. O sol refletindo no oceano e sentir a paz infinita. Vou remar o quanto for com ela ao meu lado para alcançar a onda perfeita e vivermos feliz como merecemos. Vou atrás do repouso pós uma onda perfeita, onde o coração bate a mesma velocidade das quebradas

das ondas.



ENTRO NO QUARTO E SENTO NA CAMA apoiando os cotovelos nos joelhos e as mãos enterradas nos cabelos. Estou além de amargurado hoje. Victoria não atende minhas ligações de jeito nenhum, porém vi que visualiza minhas mensagens. Mandeí cinco mensagens no decorrer do dia perguntando se ela estava bem; se ainda me amava; se já tinha comido — porque se ela está sentindo o mesmo que eu. Fome é uma sensação esquecida — e perguntei também se ela ia voltar logo. Nada. Nada foi o que recebi dela.

Conforme o tempo foi passando e ela não respondeu, mandei uma mensagem dizendo que a amava. Sei que ela sabe disso, mas não quero que por nada desse mundo ela esqueça. Preciso dela de volta. Quero pedir desculpas e dizer que eu entendi o que ela está tentando me provar. Que quer remar um pouco até o fundo do mar e sem mim e ninguém. Quer sentir segurança por si mesma e eu sei que ela é capaz.

Acho que ser tratada como ela é desde pequena acabou tornando-a um diamante bruto, inquebrável, mas o problema é ela pensar assim e achar que pode mesmo fazer certas coisas que não precisa fazer sozinha, como fez na academia.

Respiro fundo e mando outra mensagem. São dez horas da noite, ela deve estar deitada, não sei. É sábado, mas com certeza ela está morrendo, como eu, trancada no quarto.

ETHAN | LOS ANGELES / CALIFÓRNIA — 22:18

ESPERO QUE VOCÊ ESTEJA BEM. BOA NOITE. TE AMO, NUNCA SE ESQUEÇA DISSO.

A dor de ela não responder é maçante, mas saber que leu dá um certo alívio. Não muito, mas estou me contentando com pouco. Levanto da cama, saio do quarto e desço para o primeiro andar. Vou até o bar, pego uma garrafa de uísque e encho um copo.

“Sr. Brown.”

Viro-me e vejo Raul Swethaer, o novo segurança que substituiu Sebastian. Ele chegou hoje pela tarde, se apresentou e fiquei satisfeito pelo seu currículo e de saber que ele foi um ex militar britânico. Tem uns quarenta anos, porte

atlético e uma cara séria de poucos amigos. Britânico e quando perguntei por que saiu da Interpol como agente especial, sua resposta foi a melhor possível: *“Não gosto de lidar com casos que precisa colocar fim, como uma árvore com o caule podre e o governo quer levar esse caso para jurisdição. Árvores podres devem ser queimadas por completo. Praga não se cura, se mata e acho que eu me excedi demais em um caso e queimei a árvore que o governo queria medicar. Resultado, me aposentei aos vinte e oito anos.”* Ele é o homem que faltava na minha segurança.

“Sim?” Falo ajeitando a gola do meu casaco.

“O senhor deseja algo? Vou para a sala de repouso agora.”

“Não, vou apenas beber um pouco e me deitar.”

“Certo, senhor.” Ele faz um aceno com a cabeça, bate as mãos ao lado do corpo e vira com um movimento giratório uniforme.

É impressão minha ou ele quase bateu continência? Cerro os olhos e chamo-o antes de ir, porque lembrei de algo.

“Eu preciso de um favor sim.”

Vou pedir para ele fazer isso, antes que me esqueça. Não pediria nunca para Ken, não vou dar a ele o prazer de me dizer: *Estou avisando que é um risco.*

“Sim, senhor.”

Respiro e digo: “Pode desligar o sinal de um rastreador?”

“Claro, senhor. Qual o ramal do rastreador?”

Viro o líquido âmbar na boca esvaziando o copo e lhe viro as costas de novo. Não quero que veja como estou vulnerável.

“Está como ramal zero um.”

“O que é designado á: Vitae?”

“Sim.” Afirmo.

“Sim, senhor, vou remover o rastreador agora.”

Seus passos ecoam no corredor e depressa vou em sua direção no corredor e paro a dois metros dele, no mesmo lugar que Victoria se despediu de mim.

“Não remova, apenas bloqueei o sinal.”

Raul assente seriamente. “Como o senhor quiser.”

“Certo, obrigado.”

Ele faz novamente o gesto de aceno com a cabeça e prossegue seu caminho. E eu vou até o bar, encho o copo de novo e vou para o quintal. O céu está lindo e as luzes da cidade ao fundo se misturam ao céu estrelado.

Fecho os olhos e sento na berra da piscina, nó deck, com os pés dentro da água molhando minha calça. Preciso tanto dela. Solto o ar pela boca e lembro o dia que escolhi o codinome para o ramal de Victoria.

Não quis colocar princesa porque era óbvio e depois do que ela disse, sobre

o homem no aniversário da empresa, não pude colocar princesa. Então me lembrei de como meu avô paterno, chama minha avó Mary. *Vitae*.

Sempre vejo como eles são apaixonados e como minha avó fica encantada quando vovô chama ela assim, por isso perguntei ao meu avô o que queria dizer. Sabia que não era espanhol ou francês, porque eu tinha aula das duas línguas na escola, então desse jeito descobri que *Vitae* significa Vida em Latim. Achei tão lindo, que quando meus seguranças estavam debatendo os codinomes, Sebastian e eu na hora discordamos sobre o *princesa* e então o *Vitae* veio na minha cabeça. Não hesitei em nenhum momento essa escolha. Victoria sempre foi preciosa para mim, não tenho dúvidas de que a amo desde o primeiro dia que a vi e *Vitae* se encaixou perfeitamente e agora estou me sentindo vazio sem minha *Vitae*. *Preciso dela, preciso que volte.*



DOMINGO, 24 DE JANEIRO DE 2014.

A LUZ DO SOL QUEIMA MINHA RETINA me despertando para um novo dia e eu sinto o calor queimando meus olhos, até que os abro. Sinto tanta dor nos olhos como sinto na merda da minha mão direita. Olho para ela e vejo que os nós dos dedos estão feridos, vermelhos e com sangue seco. *Que merda que eu fiz?*

Levanto meu corpo, um pouco tonto, do futon da piscina. Pelo visto dormi na varanda e na companhia de uma garrafa de uísque que está vazia e jogada ao meu lado e olhando para essa merda as memórias de ontem à noite veem como rajadas de vento, me derrubando novamente.

Victoria não quer falar comigo — ainda. Doí pensar nisso, doí lembrar isso e doí mais ainda à imagem dela magoada. Está magoada por uma babaquice sem tamanho.

“Por que eu não ouvi meus instintos?” Jogo a garrafa de Bourbon longe, estou em uma montanha, não tem nada na minha frente. *Ninguém está comigo.* “Eu tinha que ter falado com ela. Sou um babaca.”

Minha voz pós-bebedeira é uma merda e minha garganta está seca, parece que eu estava no deserto. Solto uma gargalhada bêbada me pondo de pé. Acho que as montanhas de Hollywood Hills estão zangadas comigo também. Los Angeles está girando. Meu corpo cambaleia para frente e apoio minhas mãos no joelho para não cair montanha à baixo.

“Ethan! Você está se sentindo bem?” Ruby pergunta. *Por que ela está gritando?* “Saia de perto da beirada, menino.”

Ergo meu corpo e aperto o meio do meu nariz com as pontas dos dedos e levanto a mão para ela, pedindo silêncio.

“Shh...”, resmungo, “não grite pelo amor de Deus e me faça um café bem forte.”

“O senhor está bêbado” ela parece sussurrar como um segredo “de novo?”

Ótimo, Ruby, ótimo. Faço um sinal com o polegar. Okay! “Levemente” e respondo sussurrando.

“Run”, ela faz um som de desgosto. “Então você vai lá para cima, tome um banho gelado e eu já levo um café bem forte para você junto com aspirinas e um prato com ovos mexidos fresquinhos.”

Já estava negando antes dela termina de falar. “Não estou com fome, Ruby” disse andando devagar para dentro de casa, passando pela sala de jantar e vejo o bar com um copo rachado e outra garrafa de Bourbon pela metade. *Put a que pariu, Ethan.*

“O que é aquilo no espelho do frigobar?” Indago e me apoio na poltrona da sala de visita.

Ela resmunga e responde baixo:

“Parece sangue e parece que você deu um soco ali. Tem sua mão para provar isso. Parece que você ficou muito bêbado, não levemente.”

Cerro os olhos para sua ironia e assinto de cabeça baixa. Caminho para as escadas e resmungo. “Mas um item para repor.”

“É, eu já estou anotando seus prejuízos.” Ela chega ao meu lado. “O que aconteceu para você estar assim hoje? Está pior do que ontem. A Srta. Vic — ”

Estico minha mão freando o final da frase que iria me atingir com força e talvez até me fazer cair no chão. Só o nome de Victoria em voz alta, já me faz sofrer. Quero me enganar pensando que ela está na faculdade a essa hora, que ela não me deixou depois do que sofremos, mas a culpa é minha e por isso estou me enganando. Os errados sempre querem esquecer, porque não sentimos orgulho.

“Está tudo bem com ela?” Ruby insiste.

Exalo com força e fecho os olhos ressentido. Seguro o corrimão da escada. “Sim e vou tentar descobrir mais daqui a pouquinho com o Ken. Parece que ele não brigou comigo também” solto uma gargalhada debochada.

“Vocês estão brigados?”

“Ken e eu? Não, por que estaríamos?” Falo confuso.

“Não, Ethan. Você e a menina Colton.” Ruby disse sem humor.

Dou um olhar zangado para ela e começo a subir as escadas.

Não quero falar sobre isso. Por Deus, ontem eu estava me sentindo confiante, mas aí eu tive que receber a mensagem de Ken dizendo que ela estava bem. Okay agradei a informação, porém não satisfeito liguei para o Jorge e o

linguareiro me disse que ela não saia do quarto desde que chegou em casa.

Isso acabou comigo. Saber que ela está tão arrasada assim. Tudo bem, que meu lado doentio apaixonado gostou de saber que ela está sofrendo por causa de mim, mas eu prefiro que ela volte logo de uma vez e pare de sofrer. Esses pensamentos de *vai e vem* estão me deixando maluco e frustrado.

Novamente me enfiou debaixo do chuveiro e a água gelada me causa calafrios no corpo e excomungo todos os banhos gelados. *Merda*. Saio do banho, me enxugo indo para o *closet*. Abro minha gaveta de cuecas e pego uma boxe preta, uma camiseta de manga curta e fico olhando as calças, escolho de novo a de moletom. Não sei explicar o que sinto em tentar vestir umas das minhas calças de flanela sem Victoria aqui.

Desde que ela entrou na minha vida e o tempo que ficou aqui em casa comigo, sempre tento agradá-la e me vestir do jeito que ela gosta. É bobo e infantil isso, mas as mulheres fazem isso inconscientemente e quis fazer o mesmo para ela. Querendo ver seus olhos brilharem quando me visse vestindo o que ela gosta. Respiro fundo e sei que esses pensamentos são só a saudade.

Desço para o segundo piso e entro no escritório. Engulo em seco com as últimas memórias que vivi aqui com ela e sento-me na minha cadeira sem dar um olhar demorado em nosso quadro na parede.

Abro meus e-mails, verifico os contratos que sabia que iriam chegar hoje para eu poder voltar ao trabalho amanhã e os respondo. Se Victoria estivesse aqui, eu iria trabalhar em casa, mas já que ela não está vou para a empresa amanhã. Preciso de um pouco de distração na minha cabeça, senão vou quebrar tudo.

Termino de analisar as duas reuniões que terei amanhã e mando dois e-mails. Vejo as horas. 08h08min da manhã. Sorrio com ironia para as horas, me lembrando de Victoria dizendo que devemos fazer um pedido quando está marcando os mesmos números na hora e nos minutos. Contrariando meu *eu* irritante, faço o pedido: “*Que Victoria volte para mim logo.*” Espero que dê certo.

Pego meu celular no bolso da calça e mando uma mensagem para ela:

ETHAN | LOS ANGELES / CALIFÓRNIA — 08:09

BOM DIA E SE CUIDE. POR FAVOR, ESPERO QUE ESTEJA SE ALIMENTANDO. SINTO SUA FALTA.

Sei que provavelmente não teria resposta, não entendo o porquê, mas... Não, que se foda. Eu não aceito esse silêncio todo. Estou irritado a ponto de explodir.

Aperto enviar e levanto da cadeira deixando ela bater no armário e saio do escritório. Uma hora Victoria vai ter que responder, hoje é domingo. Tem dois dias. Como pode não sentir saudades de mim, ou não querer falar comigo? Estou zangado, muito irado mesmo.

Desço para o primeiro andar e entro na cozinha. Encontro Ruby com uma bandeja na mão, pronta para sair da cozinha. Deve ser meu café da manhã, lanche ou o que for.

“Deixa comigo, Ruby. Vou comer na mesa da piscina.”

Ela franze a testa. “Mas está frio e garoando.”

“A chuva não bate na mesa e eu não ligo para o frio. Pelo menos alguma coisa me faz companhia” falo pegando a bandeja das mãos dela e saindo para a varanda da casa.

“O senhor já falou com ela?”

Sento e pego a caneca com um café preto fumegando. Tomo um gole e volto a pousar a caneca na mesa.

“Ela não me atende” respondo e como um pouco da omelete.

“Nossa,” Ruby murmura “o senhor pisou na bola mesmo. Não consigo imaginar a menina zangada.”

Assinto e continuo comendo. Não quero falar sobre o assunto com ninguém ainda. As únicas pessoas que fui quase obrigado a envolver na nossa briga foram os seguranças, o resto... Não quero levar esse problema para empregados, amigos, familiares e nem para...

“Cadê Prince?” Meu Deus, eu andei muito bêbado mesmo, esqueci meu cachorro. Não o vejo há dois dias praticamente.

“Ele está na casinha dele, que a Srta. Colton deixa na garagem para quando vocês saem e não precisa de ninguém para cuidar dele.”

Olho para Ruby, surpreso. “Ele está na garagem sozinho desde sexta?”

“Sim, senhor.” Ela diz assentindo com pesar. “Acho que ele também está com saudades dela. Está todo tristonho. Ontem tentei brincar com ele, mas não adiantou.”

Exalo com força e cerro a mandíbula. Até o cachorro está arrasado com o que aconteceu e prefere ficar longe de mim, eu o ignorei na verdade, e pelo fato dele ter sido um presente dela me sinto emotivo e preciso dele.

Ruby volta para dentro de casa e termino de comer sossegado. Parece um Déjà Vu de ontem, que parece anteontem e deve acontecer amanhã também. Contudo espero que não dure mais de uma semana. Vou enlouquecer.

Termino meu prato e corro para pegar meu cachorro que vai me confortar por enquanto. Entro na garagem e me abaixo pegando ele.

“Oi, filhote. Desculpe ser um pai negligente.”

Prince choraminga e dá lambidas no meu rosto.

“Eu sei, eu sei. Você está precisando de mim e eu de você.”

Volto para sala com ele e me sento no sofá.

“Que bom que pegou ele senhor” disse a faxineira, que é irmã da Ruby. “Ele estava choramingando muito.”

Resmungo e afago o cachorro. Lucinda sorri e volta a limpar as escadas. Franzo a testa. “Por que a faxina em pleno domingo?”

“Porque o senhor sujou ontem de noite de uísque e agora a escada precisa ser polida.”

“Ah tá” murmuro.

Lucinda é igual Ruby, não tem medo de dizer o que pensa.

“Não é uma faxina geral.” Ela continua. “Nós fazemos isso as terças, que é quando você e a Srta. Colton voltam mais tarde para casa.”

Solto uma respiração cansada e Lucinda percebe voltando a fazer sua tarefa me deixando em paz com Prince. Pego o controle remoto da TV acabo a procura algum filme de terror para espantar meus fantasmas. Estou no poço.



A TRAVESSO A SALA DE JANTAR com Prince atrás de mim indo até a cozinha. São oito horas e estou com fome, então vou preparar alguma coisa para comer. Os empregados estão na sua noite de folga e eu mesmo vou cuidar de mim. Abro a geladeira e seleciono alguns ingredientes para preparar algo rápido.

“Hmm... Que tal um sanduíche de pasta de amendoim?” Pergunto para Prince. “Você quer um?”

“Com certeza,” ergo meu corpo e vejo Anton na soleira da porta “prefiro algo melhor que pasta de amendoim, porém eu aceito isso.”

“O que você está fazendo aqui?” Pergunto pegando a pasta de amendoim e coloco o pote em cima da bancada e pego no armário de cima o pacote de pão de forma.

“Vim tomar conta de você.”

Resmungo um palavrão enquanto passo a pasta no pão. “Repete”, digo sarcasticamente. “Acho que não entendi direito.”

Anton pega uma garrafa de água na geladeira, bebe uns goles e senta na banqueta de madeira no balcão que fica para fora da cozinha de costas para a varanda. Olho-o de canto de olho e vejo seu rosto totalmente sem humor. Respiro fundo, ignorando, e volto para o meu pão.

“Ruby me contou que você está meio... digamos, fora de si desde sexta à noite e que ficou bêbado: sexta, sábado e acordou hoje com olheiras e resmungando quase pulando do penhasco.” Ele balança a cabeça me repreendendo. “Sinceramente, olhando para sua cara. Você está uma merda.”

Mordo um pedaço do sanduíche e pego uma cerveja na geladeira.

“Stella? Caralho, Ethan.” Ele se levanta xingando e tira a garrafa da minha mão.

“Que merda você pensa que está fazendo Anton? Me deixa em paz e vai para sua casa”, falo pegando outra garrafa de Stella Artois na geladeira.

“Não vou merda nenhuma para casa. Vim cuidar de você para não cair no precipício.”

Franzo a testa e o olho ironicamente confuso. “Metaforicamente?”

Ele faz um som parecido com um rosnado e se vira, andando até a barreira de proteção no precipício que fica minha varanda. Ele coloca as mãos nos bolsos da calça e deixa os ombros caírem. Anton está de roupa social, mas a gravata está frouxa e o paletó amarrotado.

“Por que você está com essa roupa?” Questiono olhando para suas costas.

“Eu estava em um jantar de negócios.”

“Domingo?”

“U—hum. Às vezes isso acontece, nós trabalhamos com telecomunicação. Mídia e televisão são coisas complicadas e imprevisíveis, sempre acontece alguma merda que precisamos resolver em cima da hora.”

“Hm... Mas por que não deixou para amanhã? Que urgência babaca.”

Anton vira-se para mim e passa a mão no rosto, exalando impaciência.

“Por que você está bebendo como um condenado?” Pergunta deixando óbvio que não quer falar sobre trabalho e sim sobre mim. “Qual é o seu problema? E larga essa merda de pasta de amendoim,” ele arranca da minha mão o pote, com raiva. “Você não é mais criança, Ethan.”

“Eu sei disso e para de me amolar, cara.” Largo a colher na mesa da varanda. “Não estou com saco para isso.” Passo por ele e vou sentar na cadeira de sol, reclinável próxima à piscina.

“Cadê Victoria?”

Cansado, deixo meu corpo cair e apoio meus cotovelos nas pernas.

“Em casa” murmuro.

Anton vem se sentar ao meu lado — na outra cadeira — e abre a garrafa de

cerveja que tomou de mim.

“Você é hipócrita.”

“Por quê?”

“Está bebendo a cerveja que tomou de mim. Idiota.”

Ele ri e bate a garrafa na minha, em um brinde. “É uma Stella e eu estou sentindo que vou ficar emocionado com o porquê de a Victoria não estar aqui. O que você fez?”

“Por que eu tenho que ter feito algo?” Olho para ele e Anton permanece contemplando a vista das montanhas.

“É sempre assim. Nós fazemos algo realmente estúpido, elas fogem para casa dos pais e nós enchemos a cara para tentar amenizar a dor da culpa e da saudade.” Dá de ombros e vira o rosto para mim. “Conta logo à merda que você fez.”

Respiro fundo e agora *eu* contemplo a vista em vez da cara de julgamento do meu irmão. “Sabe aquele anel de esmeralda?”

“U-hum. Ela vivi exibindo ele, mas não de um jeito: Olha o meu diamante caríssimo que poderia acabar com a fome de 10 mil famílias, e sim uma coisa mais:” ele pigarreia e faz uma voz feminina — na verdade tenta. “Olha que lindo meu anel de compromisso que meu príncipe me deu.”

Ótimo para minha consciência isso.

“Esse mesmo. Então, eu dei esse anel para ela no...” conto para ele tudo sobre o anel. Porque dei, como dei, o que falei quando coloquei no dedo dela e lógico sobre o rastreador... e paro na hora que vejo os olhos dele soltando faíscas.

“Você mandou colocar um rastreador em um anel de compromisso?” Ele cerra os olhos e balança a cabeça. “Caralho, Ethan. Quando é que você ficou tão burro? E porque não leu a cláusula no memorando de: Nunca coloque um rastreador em algo realmente valioso.” Ele se levanta e anda para lá e para cá na minha frente. “Você é uma besta, idiota e te desclassifico como meu irmão. Que babaca.” Exclama levantando as mãos.

Assinto e jogo a garrafa longe pela montanha assim que me levanto. “Você acha que eu não sei? Sei tanto que estou sofrendo com a falta que Victoria me faz.”

Ele gira o corpo como um furacão, de frente para mim e coloca as mãos na cintura, jogando o paletó para trás.

“Putá que o pariu. Ela não sabia?” Nego e ele xinga. “E descobriu na sexta?” Assinto e conto como ela soube. “Incrível, inacreditável. Você é retardado, apenas isso.” Ele diz muito irritado.

“Que merda Anton, eu já sei. Não preciso de você para ficar falando do

meu erro.”

“Mas como eu não vou falar? Você fez uma coisa tão idiota.”

Entro em casa, vou até o bar e faço meu ritual. Logo tenho meu copo de uísque na mão e tomo um gole.

“Beber não vai adiantar em nada. Ela não vai voltar porque eu, ou Ruby vamos ligar para ela contando que você está em coma alcoólico. Para de beber e cresça. Merda.”

“Não quero que ela saiba que eu estou bebendo” falo e me sento na banqueta do bar.

Anton chega ao meu lado e abre a boca como fosse falar algo, mas algo chama sua atenção. Ele chega mais perto do bar, dá a volta na bancada e passa a mão no vidro rachado, que graças a Deus está sem as marcas de sangue agora.

“Deixe-me ver. Você quebrou o vidro dando um soco porque está arrependido?”

Assinto e bebo. Ele balança a cabeça e apoia as mãos ao longo do balcão na sua frente.

“Eu sei que você fez isso no intuito de protegê-la, não precisa nem me dizer isso. Mas deixe-me contar uma coisa.” Ele pega um copo enche de tequila e vira de uma vez. “Não se deve esconder de ninguém que está sendo rastreado ou seguido. Principalmente da *nossa* mulher. Não importa o motivo. Você é maluco Ethan?”

“Não” murmuro. “Eu só não contei porque eu pensei que... já que ela tinha tantos rastreadores, mas um não teria mal nenhum.”

Meu irmão solta uma gargalhada, de jogar a cabeça para trás, e enche de novo o copinho virando de uma vez.

“Você é desequilibrado, só pode. Minha *nossa*. Como você pôde pensar desse jeito? Isso foi ridículo, irmão. Eu te disse para nunca fazer com ela o que o Will vive fazendo. Não a trate como criança, Ethan. Não passe por cima da opinião dela.” Ele bate a mão no balcão, zangado. “Não esconda nada dela. Você não ouviu nada do que eu disse daquela vez?”

“Ouvi, merda. Mas não achei que um rastreador iria causar esse problema.”

“Mas, meu Deus, Ethan. Você implantou um rastreador no anel de compromisso dela e disse coisas românticas. Isso para as mulheres é precioso.”

“Percebi” murmuro.

“Você deveria saber e outra coisa. Acho que a maior falha foi você não ter contado.” Ele dá a volta no bar e senta no banco ao meu lado. “Ethan, o que foi que ela te disse quando foi embora que mais lhe marcou?”

Penso, relembrando toda a conversa e falo o que ficou gravado na minha memória: “Que ela está se afogando há muito tempo com a vida dela, mas agora

está sem ar.”

“Percebe aí? Ela não aguenta mais a vida que leva e sabe por que ela veio ficar com você tão depressa?”

Assinto. “Sei, ela disse. Disse que veio porque sentiu que eu era diferente com ela. Além de estar apaixonada por mim.”

“Aí, viu?!” Ele bate no balcão empolgado. “Ela esperava que você não fizesse a mesma coisa com ela e você fez exatamente tudo errado, Ethan. Entende que ela queria ser tratada por você diferente?” Assinto e ele diz: “Você foi um burro.”

“E eu não sei? Sou um babaca.” Bato o copo com força, derrotado por assumir meu erro.

“Ah irmãozinho,” ele dá um tapa de mão aberta nas minhas costas — bem perto do meu ombro que foi baleado, “não exagere. Okay? Tudo vai se resolver. E sabe...” ele balança a cabeça e toma um gole do meu uísque roubando o copo de mim “esses dias mesmo eu estava conversando com Jenny da Victoria ser do jeito que é.”

Fico intrigado e semicerro os olhos, olhando para ele com curiosidade. Anton ri e se levanta de novo.

“Calma, vou te explicar. Só me deixa pegar um pouco de uísque...” ele enche um copo e coloca mais um pouco no meu “e vamos lá para fora. Essas merdas de aquecedores me causam claustrofobia.”

“Mas estamos no inverno.”

“Foda-se, eu não gosto dessas merdas e Los Angeles nem é frio para isso. E você é o único ser humano que conheço que toma banho gelado no inverno, surfa, nada e liga o ar-condicionado.”

Rio e o sigo para fora de casa. Sentamos nos sofás acolchoados, com material impermeável, da piscina e perto das lareiras artesanais recostada na parede. Anton apoia o copo no braço do sofá ao lado do meu e de frente para vista panorâmica das montanhas. Ele se acomoda pondo os pés na mesa — que parece uma laranja gigante — no centro dos sofás e eu deixo meu corpo jogado com as pernas alongadas.

“Você é doente com esse calor todo. Mamãe sempre disse” ele diz retomando seu raciocínio de segundos atrás.

“Não fode e eu nem estou surfando. Não vejo uma onda há tempos.”

Ele bebe um pouco de uísque e resmunga. “Mas você surfa no frio.”

Dou de ombros. “Cala a boca e fala logo, Anton.”

Ele toma uma respiração teatral e ergue o queixo para cima — cara de babaca superior. *Odeio meu irmão.*

“Enfim, você percebe que Victoria tem aspectos superprotetora?”

Fito as montanhas e o rio à esquerda de Hollywood Hills. *Victoria super protetora?* Balanço a cabeça e olho para Anton, sem reação.

“Não sei, nunca pensei muito sobre isso. Sei que ela gosta de cuidar de tudo e...”

“Ela gosta de proteger as pessoas, Ethan. Percebe o jeito como ela trata a Hanna? E ela sempre foi do mesmo jeito.” Ele levanta os ombros e sorri. “Victoria tem um jeito especial de cuidar de tudo. Ela protege e ampara todos. O jeito que trata você, Hanna, a família dela e a nossa. O jeito que cuida da Clara. É um instinto natural protetor.”

Assinto concordando com ele. Anton tem razão, sobre tudo. Realmente Victoria tem um jeito protetor com todos e gosta de cuidar da família, amigos e de mim. Pensar nisso me faz ver a forma que ela agiu no dia da academia. Abro a boca para falar, mas Anton fala:

“Eu estava falando isso com Jenny, o que Victoria fez no dia que você levou o tiro... Sei que foi imprudente e eu não a encorajaria a fazer de novo, mas ela fez por instinto e sabe por quê?”

Nego com a cabeça, mas tenho uma ideia do porquê, sim.

“Pelo simples fato dela ter sido tratada assim desde pequena. Sempre foi muito protegida e cuidada por todos. E não de um jeito mimado, porque ela não é a garota esnobe que poderia ser. Victoria é centrada, humilde e caridosa. Sempre está pensando no bem das pessoas, abrindo mão da vida dela para agradar os outros.” Ele dá um sorriso fraco e coloca a mão em cima da minha. “E sabe por que ela ficou tão chateada com você pelo que você fez?” Assinto e ele termina: “Porque você, meu irmão, deu a ela o que ela não podia ter. Você deu a ela a chance de ser para alguém o que sempre foram para ela. Um balsamo, um protetor, um amor. Você é para ela o que ela é para todos nós. Entende?”

Assinto e viro o copo fazendo o uísque queimar meu estômago e ter uma desculpa para os meus olhos ficarem marejados.

“E se você vê todos os atos dela, vai notar isso na forma como ela sempre gostou de cuidar dos animais que ela pode exercer domínio desde pequena. Tenho certeza que ela não faz nada por mal e se ela te disse algo de ruim quando foi embora, foi porque realmente ficou magoada. Esquece.” Ele cerra a mandíbula.

Balanço a cabeça e olho para os meus pés. “Não foi ela que disse coisas ruins, na sexta.” Meu coração se aperta e minhas vistas embaçam. “Tenho medo de ter quebrado a confiança dela.”

Anton resmunga e xinga. “Não seja dramático. Ela vai voltar, só pense no que eu disse. Deixa ela dar para você o que ela só recebeu. Ela quer doar um pouco do carinho, Ethan e você foi o escolhido dela. É para você que ela quer

doar o amor dela mais forte. Não preciso perguntar se ela te ama, não mesmo.” Anton sorri e levanta as sobrancelhas revirando os olhos. “Você é um babaca sortudo.”

Assinto e desvio meus olhos. “É, eu sei” murmuro.

“Então se você sabe, você vai parar de beber e fazer o que ela pediu. Deixa ela pensar, deixa ela respirar e quando ela estiver pronta, vai voltar firme e forte” fala confiante.

“Mas ela poderia ter ficado aqui e pensado comigo.”

Ele se levanta e coloca as mãos nos bolsos.

“Vai à merda e escute. Enquanto ela pensa lá, você pensa aqui. Reflita seus atos e se for para combater esses filhos da puta aí fora. Batalhe junto com ela. Seja o parceiro dela, além de namorado. E...”

“E?”

“Ficar junto da nossa mulher é maravilhoso, mas todas as brigas são essenciais para fortalecer um casal. Sei que na hora aterroriza e não gostamos, mas às vezes tem que ser feito e” ele faz uma cara sacana, “o sexo de reconciliação é um dos melhores.” Ele bate na minha cabeça, como fazia quando éramos mais novos, óbvio que Anton era mais alto — ainda é — e diz: “Vai por mim.”

Levanto e dou um abraço de irmão nele, me afasto e digo: “Obrigado de verdade por tudo e espero que você tenha razão.”

“Não foi nada e eu quero ver você feliz, e ela é sua felicidade, Ethan.”

Sorrio e cruzo os braços. “Eu sei que é e eu quero ficar com ela para sempre.”

“Então se é assim”, ele pega o copo dele e voltamos para dentro da casa juntos. “Torne as coisas mais reais e concretize suas palavras.”

“Vou fazer.”

Ele pisca o olho e solta uma risada debochada. “Agora eu vou para minha casa, minhas amadas estão me esperando” diz sério.

“Jenny sabe que você está aqui?” O segui até a porta.

“Claro que sim.” Ele passa a mão no rosto como estivesse em problemas. “Se eu não conto para ela onde estou, ela fica eufórica.”

“Acha que você está na gandaia?” Brinco.

“Ã-ã” ele nega. “Não mesmo, apenas acha que deve ter acontecido alguma coisa. Minha esposa sabe que só tenho olhos para ela.”

“Sei disso.”

Ele assente e aperta meu ombro. “Vai ficar tudo bem, Certo?! Agora tome um banho quente, mande uma mensagem para ela e vai para cama.”

“Sim pai.”

Anton dá um soco no meu peito. “Pai, porra nenhuma e amanhã tem trabalho.” Assinto e ele me dá um abraço rápido. “Seu babaca, amo você. Se cuide” murmura e se afasta indo para o seu carro.

Assisto meu irmão sair pelos portões e volto para dentro de casa. Pego meu celular para mandar uma mensagem para Victoria. Não preciso que ela responda. Por estranho que pareça as coisas agora estão tão claras que até em não receber sua mensagem de volta dela, mas ela vendo, é um ponto positivo. Ela ler e não responder, é como se eu a abraçasse e ela recebesse. Está tudo bem. Sorrio e escrevo a mensagem.

ETHAN | LOS ANGELES / CALIFÓRNIA — 22:03

S ENTINDO SUA FALTA. N A VERDADE, NÓS ESTAMOS, P RINCE E EU. E U AMO DE MAIS VOCÊ.

Três

Victoria

DOMINGO, 24 DE JANEIRO DE 2014.



ESTOU TENTANDO SER FORTE, estou lutando para não enlouquecer de saudades e minha família não perceber. Sei que a culpa é minha por não estar onde meu coração deseja, mas eu tenho meus motivos. Passei esses dois dias, longe de Ethan, pensando em tudo que está preenchendo meu coração de agonia.

Eu nunca precisei ser forte para alguém, porque as pessoas sempre foram isso para mim. Uma fortaleza que me envolve. Minha família sempre fora meus protetores e agora preciso, e quero, ser isso para Ethan e tem nosso filho dentro de mim. Eles precisam de mim, então tenho que ser forte. Amo Ethan mais do que a mim mesma, e por isso não posso fazê-lo sofrer, só este pensamento me mata por dentro. E não quero decepcioná-lo, embora eu me pergunte se ainda não fiz. Como eu posso não ter decepcionado ele depois do que aconteceu na academia, do tiro e toda essa preocupação. Como ele ainda não se sufocou no meu oceano?

Sei que muitos não vão entender minha volta para casa se eu contar o motivo. Meus pais me amam e ficaram felizes de eu estar em casa, mas notaram que estou triste. Meu pai sabe que voltei por outro motivo além de saudades. Sei que para ele minha relação com Ethan já é concreta, como se fôssemos casados e morássemos na mesma casa.

Então porque eu estava em casa e cheguei tarde na noite, correndo para o meu quarto, me trancando. Meus pais devem ter se perguntado, pois logo papai estava entrando no meu quarto querendo ver o que eu tinha, mas a única coisa que respondi foi que precisava dormir. Ele respeitou e me deixou só, mas mamãe apareceu em seguida, afagando meus cabelos e me consolando. *Tudo bem, às vezes os casais brigam.* Foram as palavras dela antes de sair.

Meu quarto — esse gigante rosa — me traz tantas lembranças. Não consigo ficar muito tempo aqui sem chorar, mas foi meu primeiro refúgio apesar de estar massacrando meu coração. Na realidade, toda parte da minha casa não está sendo fácil. Tudo tem Ethan. Meu quarto, meu *closet*, minha cama. Nunca transamos aqui, mas quando ele vinha me visitar — durante os dias que tinha aula e resolvia dormir aqui — ele ficava no quarto de hóspedes, um andar abaixo e sempre fugia de madrugada para o meu quarto e dormíamos agarradinhos.

A sala de TV também há recordações de nós dois assistindo filmes e namorando em vez de prestar atenção no filme. Na cozinha, sala de estar, jantar, jardim, piscina e lógico a casinha da piscina onde nós passamos muito tempo juntos. Tudo tem lembranças dele. Eu amo minha casinha e amo meu quarto lá, mas agora só de entrar nela meus olhos ardem e meu coração se aperta.

Sinto a falta dele dolorosamente e a cada mensagem dele choro de saudades. Eu quero mandar uma mensagem de volta, mas não sei o que dizer ou o que ele quer que eu diga. Parece loucura, mas eu tenho medo de dizer algo que o faça ficar chateado, porém assim como ele, eu quero saber como ele está.

Talvez eu devesse responder o seu: Você está bem? — *Sim, estou tão bem quanto se é possível.* E a mensagem malcriada dele: Você poderia pelo menos responder uma única vez? — *Sim, Ethan.* E quando ele perguntou se eu estou comendo: *Sim, eu estou comendo tanto quando se é esperando, mas vômito tudo logo em seguida.* E as milhares de vezes que ele escreveu: Sinto sua falta. Te amo demais. Eu poderia mesmo mandar de volta: *Amo você mais que tudo e saudades é um eufemismo para o que sinto.* E ele mandaria de volta, com certeza: Então por que não volta?

Então por que eu não volto?

Porque eu estou triste pelo anel. Isso quebrou meu coração e mostrou o que eu não estava enxergando. Que Ethan está enlouquecendo com a transformação que a minha vida fez com a dele. Notei isso desde o início com tudo que ele estava fazendo. Mais seguranças para proteger a casa. O segurança pessoal para ele, que por sinal está morto por imprudência minha. As câmeras na casa, carros blindados, anel com rastreador. Tudo foi invadindo a vida dele porque ele se apaixonou por mim.

Por que ele não percebe isso? Por que ele não vê que tirei a liberdade dele? E não no sentido que toda mulher faz na vida de um homem, e sim no sentido de que tirei a liberdade dele de viver e imaginar como ele vai ficar comigo grávida me deixa ansiosa. Isso vai deixá-lo duplamente protetor e maluco, mesmo assim preciso contar para ele. Pois obviamente eu não estou pensando em não contar. Isso nunca passou na minha cabeça. Deus me livre.

Eu quero esse bebê. Quero muito contar para ele, mas primeiro eu preciso achar a coragem necessária para ser forte, para sofrer todas as consequências dessa responsabilidade.

Minha nossa. Eu vou ser vigiada além do compreensível e penso se Ethan vai conseguir passar os dias tranquilos. Ir trabalhar, me deixar sozinha, ou me deixar sair rapidinho, ou até mesmo ir à faculdade.

Sobre as aulas. Estou muito receosa. Acho que vou fazer as aulas a distância o quanto puder e sei que quando eu precisar assistir aula presencial,

vou ficar que nem a Kate Holmes no filme: *A filha do presidente*. Meus seguranças vão sentar na sala de aula comigo.

Às vezes pensar na minha vida assim, é cômico, porém não tem graça nenhuma viver no medo e no escuro, porque este é o sentimento certo. Despertando-me do meu devaneio escuto alguém bater na porta do meu quarto e soltando o travesseiro, que eu abraçava com tanto ardor, me sento na cama.

“Entre.”

A porta lentamente se abre e Margot aparece. “Cora está lá em baixo lhe chamando.”

“Por que ela não subiu?”

“Ela quer que você desça.”

Suspiro e assinto. Margot se vai deixando a porta aberta como um modo de me pressionar a ir.

Cora está muito preocupada. Ficou nervosa quando descobriu que briguei com Ethan e vim para casa. Ela quase veio me ver, mas eu disse que precisava pensar e ela prometeu que no primeiro raiar de sol, de sábado, estaria aqui. Dito e feito, e assim que eu a vi chorei como criança nos seus braços. Cora é a única pessoa no mundo com quem eu me permito, realmente, ser fraca.

Descendo para a sala de estar, encontro Cora conversando com meus pais rindo de algo que ela contou.

“Olá, mocinha.” Ela brinca e se levanta para me abraçar. “Você está bem?” Sussurra se afastando e enrolando uma mecha do meu cabelo com o indicador. Ela faz isso às vezes.

Sorrio e faço um aceno suave com a cabeça. Vamos nos sentar no sofá em frente ao maior, onde meus pais estão.

“O que de tão legal você estava contando?” Pergunto, curiosa.

“Apenas que o cachorro novo da vizinha debaixo da cobertura está causando um reboliço no prédio.”

“Um inferno, né?” Will fala vindo do bar com dois copos on the rocks com uísque.

“O que ele tem feito?” Falo.

Will entrega um copo para papai e senta do outro lado de Cora. “Apenas está latindo muito e o vizinho do apartamento do lado, brigou feio com a dona do cachorro.” Meu irmão responde.

“E o pior é que eles dois já brigavam muito” Cora fala animada e Will revira os olhos.

“Ela acha que eles se gostam. Cora adora inventar essas coisas na cabeça dela.”

“Uma romântica incurável.” Minha mãe brinca.

Cora fica com as bochechas rosadas e dá de ombros. Eu adoro ter todos eles reunidos e seria uma noite perfeita se não faltasse Ethan aqui. Nós conversamos mais um pouco e na hora deles irem para casa Cora me convidou para ir com ela.

Fico receosa, mas a ideia é tentadora, ir para um lugar que não tenha lembranças de Ethan e acalmar meu coração. Então subo até meu quarto e faço uma pequena mala, bem rápido, para ficar na casa deles até terça de manhã, quando irei ver se vou conseguir ou não ir à aula.



NA CASA DO WILL jantamos uma deliciosa massa ao molho branco que eu ajudei Cora a preparar. Depois batemos papo e Will se retirou para se deitar, beijando nós duas no topo da cabeça.

“Agora que enfim estamos à sós, me conte como você está? Não parece bem.” Cora pega minha mão se sentando ao meu lado no sofá da linda sala com vista para o mar em Santa Monica.

“Só estou pensando em como vou tentar ser forte para essa nova etapa com todo esse tumulto que é minha vida.”

Ela suspira e vejo a preocupação em seus olhos.

“Querida, você não precisa ser tão forte assim e não precisa levar isso nas costas.”

“Eu quero uma vida normal.”

“E eu quero muito isso, há anos, para você e toda nossa família Victoria. Mas isso não quer dizer que você precisa ser forte sozinha e abrir mão de ser feliz *agora*. Não se atormente.”

“Não estou e não sou forte assim, esse é o problema. Eu estou apavorada com esse bebê e esse anel me fez abrir os olhos.”

“Sobre?”

“Sobre como a vida dele mudou por minha causa e o quanto ele teve que se submeter às adaptações da minha vida.”

“Victoria isso acontece com qualquer casal.”

Nego com a cabeça.

“É sim, mas em diferentes aspectos. Ethan tem que esquentar a cabeça dele com coisas que não deveria. Nós só teríamos que nos bastar e amar, não pensar em como é perigoso eu sair sozinha. Isso é um inferno.”

“É sim, querida, mas não foque nisso. Eu sei que ele vai estar ao seu lado

para tudo, mesmo você achando que é um sacrifício. Quando amamos nada realmente consome todo nosso esforço para fazer aquela pessoa feliz.”

Assinto, porque sinto o mesmo sobre ele. Eu daria tudo para ele e o que eu mais quero é ver um futuro sem riscos. Cora me abraça.

“Fica calma, está tudo bem e ele faz as coisa para você porque a ama.”

“Como também o amo e não quero que ele enlouqueça com essa situação que não tem fim.”

Ela se afasta e acaricia meu rosto. “Eu entendo e já lhe prometi que vai ficar tudo bem.”

“Okay, eu vou pensar positivo.”

“Ótimo, agora vamos dormir. Tenho trabalho amanhã.”

Levantamos, ela me acompanha até a porta do meu quarto, nos abraçamos uma última vez e entro. Escovo os dentes, coloco minha camisola e deito na cama. Aperto o interruptor deixando o quarto em um breu.

Fico deitada e minhas mãos vão como imã para minha barriga. Escorrego elas por debaixo do edredom e subo a camisola para poder repousar minhas mãos em cima do meu ventre.

Afago carinhosamente e fecho os olhos. Meu coração acelera suavemente e uma alegria me domina por pensar no meu bebê.

“Oi?” murmuro. “Você ainda é um pingente bem pequeno, mas te amo do tamanho do universo e deixa eu contar um segredo. O universo é infinito, filho. Então te amo assim.”

Sorrio e abro os olhos para a escuridão do quarto. *O que Ethan vai fazer quando souber desse bebê?* Eu sei que ele me ama loucamente e vai amar nossos filhos, mas será que não vai pitar por ser pai tão cedo. Eu rezo que não.

“Ele vai te amar, tenho certeza e você vai ter um pai incrível.”

Uma luz azul pisca, fazendo um reflexo em minhas vistas. Viro o rosto e pego meu celular. É uma mensagem nova. Abro o aplicativo e leio:

ETHAN | LOS ANGELES / CALIFÓRNIA — 22:03

S ENTINDO S UA F ALTA. NA VERDADE, NÓS E STAMOS, P RINCE E E U. E U A MO V OCÊ D EMAIS.

Oh amor. Meu coração se aperta e abraço o celular descansando em meu peito. Solto uma respiração forte e aperto as teclas depois de me acalmar e meus dedos conseguirem digitar sem errar as letras. Estou tremendo de emoção.

VICTORIA | LOS ANGELES / CALIFÓRNIA — 22:25

T AMBÉM E STOU S ENTINDO D E V OCÊS D OIS.

ETHAN | LOS ANGELES / CALIFÓRNIA — 22:25

A_{TÉ} Q_{UE} E_{NFIM} V_{OCÊ} R_{ESPONDEU}. C_{OMO} V_{OCÊ} E_{STÁ}?

VICTORIA – LOS ANGELES / CALIFÓRNIA — 22:27

BEM E VOCÊ?

Não posso dizer para ele que estou agoniada e morrendo de saudades, isso não vai ajudar a colocar as coisas em ordem.

ETHAN | LOS ANGELES / CALIFÓRNIA — 22:28

A_{CHO} Q_{UE} D_O M_{ESMO} J_{EITO} Q_{UE} V_{OCÊ}.

Oh amor, eu entendi o que você disse. Seguro um soluço teimoso e leio a mensagem chegando.

ETHAN \ LOS ANGELES / CALIFÓRNIA — 22:29

P_{OSSO} L_{IGAR}? V_{OCÊ} V_{AI} A_{TENDER}?

Meu Deus, não. Se eu falar com ele, do jeito que estou vulnerável, vou chorar feito criança e isso vai deixá-lo preocupado. Não, não posso ouvir a voz dele... *ainda*.

VICTORIA | LOS ANGELES / CALIFÓRNIA — 22:32

P_{OR} F_{AVOR}, A_{INDA} N_{ÃO}. T_Á?

ETHAN | LOS ANGELES / CALIFÓRNIA — 22:33

T_{UDO} B_{EM}. S_Ó F_{IQUE} B_{EM} E A_{MANHÃ} E_U L_{IGO} P_{ARA} V_{OCÊ}. Q_{UERO} O_{UVIR} S_{UA} V_{OZ}.

Poxa vida. Tem algo empurrando meu peito, meu coração está se deslocando e se ancorando na sola dos meus pés.

VICTORIA | LOS ANGELES / CALIFÓRNIA — 22:36

D_{ESCULPE} F_{AZER} I_{SSO} C_{OM} V_{OCÊ}.

Espero que ele entenda que esse pedido de desculpas é por *tudo*.

ETHAN | LOS ANGELES / CALIFÓRNIA — 22:37

N_{ÃO} P_{RECISA} S_E D_{ESCULPAR}. E_U T_E E_{NTENDO}, V_{IU}? L_{EVE} O T_{EMPO} Q_{UE} F_{OR} P_{ARA} V_{OCÊ} V_{OLTAR} A S_E S_{ENTIR} B_{EM}. E_{STOU} T_E E_{SPERANDO}.

Coloco a mão na boca para não soltar um soluço alto e fazer Cora, ou Will invadirem meu quarto e me pegar chorando. *Como eu posso merecer esse amor?* As lágrimas grossas escorrem nos cantos do meu rosto e limpo para desembaçar as vistas.

VICTORIA | LOS ANGELES / CALIFÓRNIA — 22:38

V_{OCÊ} É M_{ARAVILHOSO}.

ETHAN | LOS ANGELES / CALIFÓRNIA — 22:45

E T_{ODO} S_{EU}. E U A_{MO} M_{UITO} V_{OCÊ}.

Achei que ele não ia dizer mais nada, mas suas palavras me deixam tonta.

VICTORIA | LOS ANGELES / CALIFÓRNIA — 22:48

TAMBÉM.

ETHAN | LOS ANGELES / CALIFÓRNIA — 22:49

Q_{UE} M_E A_{MA}? O U Q_{UE} É M_{INHA}?

Agora eu sorrio e agradeço por ele ser tão perfeito. Com o coração batendo mais forte e as lágrimas voltando, digito:

VICTORIA | LOS ANGELES / CALIFÓRNIA — 22:50

S_{IM} P_{ARA} O_S D_{OIS}. É C_{LARO}.

ETHAN | LOS ANGELES / CALIFÓRNIA — 22:51

Ó_{TIMO} E D_{ESCUPE} T_{AMBÉM}.

Ele escreve e manda uma mensagem em cima.

ETHAN | LOS ANGELES / CALIFÓRNIA — 22:52

N_{ÃO} Q_{UERO} F_{AZER} I_{SSO} P_{OR} M_{ENSAGEM} E N_{EM} P_{OR} C_{ELULAR}. N_{ÓS} V_{AMOS} C_{ONVERSAR} D_{EPOIS}, Q_{UANDO} V_{OCÊ} E_{STIVER} A_{QUI} E_{STIVER} B_{EM}.

VICTORIA | LOS ANGELES / CALIFÓRNIA — 22:52

E U A_{CEITO}. T_{UDO} B_{EM}.



M_{EUS} P_{ÉS} D_{EIXAM} P_{EGADAS} N_A A_{REIA} F_{OFA} que está tão quentinha. Estou caminhando em uma

praia com águas cristalinas, areia limpa e branca. Ela me lembra muito a praia que visitei com Ethan no Hawaii.

Uma rajada de vento traz o aroma salgado do oceano, soprando meu vestido branco de algodão leve e fios soltam do meu cabelo preso com uma trança longa de lado. Estou com um sorriso bobo para a beleza da praia e molhando meus pés na água gelada do mar, volto a caminhar.

“Mamãe!”

Uma voz singela e pequena grita ao longe.

Giro meu corpo para a voz, olhando para as pegadas dos meus pés atrás de mim. Um menino bem pequenino está vindo em minha direção. Ele deve ter uns dois anos de idade. Tem os cabelinhos loiros e está vestido com uma bermuda branca e uma blusa de algodão azul como a do homem que seguro sua mão, guiando-o em minha direção.

O homem é Ethan.

Está lindo, potente. Seu porte forte e um bronzado de praia. Seus braços cobertos pela metade, musculosos e um sorriso lindo, me dá vontade de ser abraçada. Meu sorriso se alarga mais ainda e meu coração parece uma pipa enfim liberta da linha e voando solta no céu azul.

O menininho puxa a mão dele e Ethan se abaixa para falar no ouvido dele. Então ele solta a mão de Ethan e corre em minha direção, sozinho com seus braços erguidos.

“Mamãe” ele grita “me pega! Me pega.”

Mamãe?

Eu?

Meu rosto congela e meu corpo parece de borracha. A mamãe sou eu? Oh céus. A mamãe sou eu!

Engulo e pisco para não chorar.

Volto a sorrir e ando na direção do menininho.

“Oi, meu amor!” Exclamo com ele nos meus braços.

Seus bracinhos rodeiam meu pescoço com força e ele segura minha trança com sua mão, tão fofo e pequenina. Ele é lindo. Tem os olhos de Ethan, azuis, turquesa. Fico olhando-o sem reação. Estou apaixonada.

Me ergo e Ethan nos encontra, nos abraça. Sorrimos um para o outro e o menino se joga para ele. Claro, que o pai o pega na hora, segurando-o com um braço e passando o outro por cima dos meus ombros e caminhamos juntos pela praia.

No final da praia — uma coisa estranha, praia não tem fim — o tempo se fecha e quando viro o rosto para Ethan ele não tem mais o bebê nos braços.

“Cadê?” Pergunto e ele balança a cabeça me olhando com tristeza.

*Dou um passo para trás e caio.
Paro em cima de um colchão sujo e fedorento.
Me sentando, olho para os cantos e estou em um quarto escuro.
Estou com medo. Levanto-me e bato na porta com força.
“Me deixe sair, por favor.”
Minha voz está estranha e a porta está maior.
Olho para minhas mãos.
Sou criança de novo.
Sou a Victoria de sete anos e sozinha.
Quero minha mãe.
Quero meu pai.
Will.
Cora.
QUERO ETHAN.*

Com um soluço sento-me na cama, arfando e com o rosto banhado. Abraço meu corpo com força e doí tanto meu peito. Choro com a boca aberta e tentando não deixar sair som algum. Soluço e levo as mãos a minha cabeça. Dou uns tapinhas na minha têmpora e sussurro baixinho:

“Não. Não pode ser assim. Sai da minha cabeça.”

Inspiro e expiro com força. Me levanto da cama, jogando as cobertas para o lado. Saio do quarto e corro pelo apartamento. Subo as escadas do terraço e vou para a sacada de vidro luxuosa da cobertura.

“Ai meu Deus. Me ajude” falo e solto o soluço que estava me engasgando.

Olho para o mar e só desejo no fundo da minha alma que esse medo vá embora. Que essas pessoas que querem me pegar e levar para longe acabe. Coloco as mãos na minha barriga e olho para ela.

“Vai ficar tudo bem. Eu prometo. Tem que ficar.”

Escuto passos atrás de mim e me viro. William vem andando até mim massageando a nuca e com cara de sono.

“O que você está fazendo aqui?”

Dou de ombros e tiro a mão da barriga. “Nada.” Respondo.

“Nada?” Ele chega mais perto e pega meu queixo com a ponta dos dedos. “Você estava chorando.”

Afasto meu rosto da sua mão suavemente e viro-lhe as costas para fitar o mar de novo.

“Só tive um pesadelo. Nada demais” murmuro e vejo ele apoiar as mãos na sacada. “Não se preocupe.”

Ele resmunga e me dá o seu olhar sério. Aquele olhar de leão, onde ele nem

pisca.

“Qual é o problema? Você vai dizer que não é nada, mas te conheço e como você não gosta que eu te esconda as coisas, eu muito menos. Então diga logo, você terminou com o Ethan?”

“Não” falo em uma respiração presa só por pensar nisso. “Claro que não, nós apenas brigamos ou tivemos uma discussão. Não terminamos.”

“E foi grave para você estar em casa.”

“Só queria pensar um pouco,” digo baixo “sobre tudo e depois do que aconteceu na academia umas coisas passaram na minha cabeça. Os sonhos que eu tinha... pioraram.”

“Sonhos?” Will cruza os braços.

Suspiro e me viro para ele também. “Pesadelos com o cativado e outras coisas.”

“Você nunca me falou disso. Não sabia que ainda tinha esses sonhos, para mim tinha parado quando você tinha dez anos.”

Balanço a cabeça negando. “Não, eu ainda tenho e agora eles são... assustadoramente piores.”

“Por que não me disse?”

“Não importa e mamãe sabe, afinal ela corre para o meu quarto quando eu grito e agora Ethan também.”

Ele faz um som de lamento e cerra os olhos inquisitórios.

“Eu quero que isso acabe Will. Eu preciso disso, tenho pressa.” Abaixo meus olhos. “Eu não aguento mais ter medo.”

“Ter medo não é falta de valentia e sim a coragem para lutar. Nós estamos lutando para isso acabar.”

“É mesmo?” Volto meus olhos para os seus. “Por que parece que você não está lutando?”

“Como não Victoria?”

“Will, eu tenho dezenove anos e fui sequestrada há doze anos. Como isso é estar trabalhando para ter fim? Como você não se cansou disso?”

“Eu cansei sim. O que eu mais quero é lhe propor uma vida plena e feliz. Eu já tive esse homem na minha mira, mas ele fora mais rápido. Estou dando o máximo para encerrar isso.”

Assinto e lhe abraço.

“Essa loucura está me sufocando.”

Ele faz carinho em minhas costas. “Eu sei.”

“E eu não quero essa loucura para *ele* também. Não é justo.”

“Ethan?” Assinto e ele diz: “Mas ele sabia que seria assim.”

“Sim, mas até quando?” Inclino o rosto para vê-lo. “E sabe de uma coisa.

Ele é o único que me promete um fim para isso tudo. Fico pensando, como você não arrumou uma solução ainda?”

“Eu estou tentando.”

“Tente mais, com mais vontade” digo e solto um soluço.

Ele me puxa para os seus braços de novo me abraçando com força. “Eu estou dando o meu máximo e o que eu mais quero na vida é que você seja a pessoa mais feliz do mundo.”

“Eu sei disso,” murmuro “mas você me criou para ser destemida. A culpa é sua pelo jeito que eu sou e as coisas que eu quero. Você me fez uma princesa, Will.” Me afasto um pouco dele e seguro suas mãos. “Mas nos contos de fada quando as princesas encontram o príncipe, elas são libertas das bruxas e dragões. E no meu caso, isso não aconteceu.”

Ele fica com as feições tristes.

“Eu lhe dou tudo, Victoria.”

“Não tudo. Você nunca foi capaz de me dar liberdade. Eu nunca nem sequer fui ao metrô ou passei com meu cachorro sem ter alguém me seguindo. Uma coisa humanamente normal.”

“Eu sei, mas eu faço de tudo para te fazer feliz. Lhe dar tudo.”

“Pois você está falhando. Eu não tenho tudo. Não tenho paz e nem liberdade. Acha que eu adoro esse monitoramento todo. Não. Eu não gosto.”

“Victoria — ”

“Eu sei que você está fazendo o que pode, mas se você quer mesmo o fim disso, se junte a quem quer isso também e confie mais em mim. Já provei que sou corajosa — ou abusada — para tentar pôr fim nesse pesadelo.”

“De um jeito errado, não é.” Ele ironiza.

“É, de um jeito errado, mas fiz algo. Porque preciso ter o *feliz para sempre* que todas as princesas têm.”

Quarto

Ethan

SEGUNDA-FEIRA, 25 DE JANEIRO DE 2014.



DESLIGO A ÁGUA, E SAIO DO BOX ENROLANDO uma toalha na cintura e caminho para a bancada da pia. Olho meu reflexo no espelho e passo a mão na cicatriz do tiro. Aquela terça-feira ficará marcada para sempre em minha memória.

Vou para o Closet e escolho um terno preto com a camisa de linho branca. Visto a roupa e coloco o sapato social que Victoria escolheu para mim no baile da empresa. Sinto-me emotivo e não posso me culpar por querer algo dela hoje quando for trabalhar. Chego para o espelho de corpo inteiro no canto dos armários e faço o nó da gravata. Acabo lembrando de todas às vezes que ela fez os nós para mim. Amo o seu olhar concentrado e o biquinho que ela faz.

Pego minha pasta e desço.

“Bom dia, Ethan” Ruby me saúda quando me sento à mesa onde está posto o café da manhã.

“Bom dia.”

Ela sorri e coloca o prato com ovos mexidos na minha frente. Sirvo o café preto na minha caneca e tomo um pouco e assim que ela sai como sossegado. Terminando, levanto da mesa, pego minha pasta e ando para o hall da casa, mas paro para falar com Prince.

“Ei garotão.” Afago ele, que late feliz. “Te vejo mais tarde, cuide da casa.”

Escuto Ruby rindo e quando me ergo, vejo-a andando na minha direção. “Com certeza ele cuida da casa.” Ironiza.

“Okay,” sorrio e aceno com a cabeça. “Até mais.”

“Bom trabalho.”

Assinto e saio de casa, entro no carro e Raul me cumprimenta.

“Bom dia, senhor.”

Assinto e pego meu celular para checar minha agenda antes de chegar à empresa.



ACHO QUE SE NÃO FOSSE a conversa com Victoria ontem à noite, antes de enfim cair no sono com o celular na mão — que por sinal eu deixei cair no chão quando me levantei — eu estaria com o humor bem pior, pelo simples fato dos empregados da empresa estarem me olhando como um sobrevivente de um naufrágio. Puta que o pariu.

“Bom dia, senhor Ethan”, Debora me cumprimenta, ficando de pé e me seguindo para dentro da minha sala.

“Bom dia, Debora.”

Enquanto me sento ela para na frente da minha mesa com o tablet, onde anota algumas coisas e informa:

“O pessoal da contabilidade da Lozartan estão lhe esperando para uma conferência daqui a trinta minutos. O senhor Anton pediu para o senhor entrar em contato com ele assim que chegasse e têm alguns papéis que o senhor deixou de assinar.”

“Deixei de assinar?” Pergunto confuso.

Ela assente sem ânimo e abaixa o rosto. “O senhor tinha uma reunião na quarta-feira retrasada e alguns papéis para assinar, mas infelizmente aquilo aconteceu com o senhor na terça, então...” a frase morre.

“Okay, Debora. Está tudo bem. Traga os papéis que eu irei assinar até o fim do dia e todos os outros compromissos da agenda que estão pendentes.”

“Sim, senhor.” Ela sorri e se vira.

Mexo no mouse e a tela do computador acende, mostrando o logo da Colton & Brown e a caixinha para colocar o usuário e a senha de acesso privado. Digito minha senha que me faz abrir um sorriso: 6446 Meu aniversário e de Victoria. Seis de Abril e quatro de Junho.

Débora volta e coloca as pastas em cima da mesa explicando cada um dos assuntos. Ela volta a erguer o corpo e fica parada como uma estátua, me olhando.

“Mais alguma coisa?”

Ela balança a cabeça, negando, mas acaba dizendo: “É que eu queria dizer que fico feliz que o senhor e Srta. Victoria estejam bem.”

Mexo as sobancelhas surpreso e assinto com um sorriso agradecido. “Obrigado, vou falar para Victoria que você está feliz por nós.”

Ela levanta os ombros, envergonhada. “Não se incomode. Eu já mandei uma mensagem para ela.”

“Okay.”

“Certo, senhor. Vou lhe deixar trabalhar em paz. Qualquer coisa é só chamar.”

Aceno com a cabeça e ela sai da sala fechando a porta de vidro fume atrás de si. Debora Collen é uma excelente assistente. Resolve muitos problemas para

mim, discretamente e com agilidade. Sua idade deve beirar a minha e isso faz com que muitos a subestimem, mas ela nunca deixou nada sair dos trilhos e foi de grande ajuda logo que comecei a trabalhar aqui.

Ela sabia como funcionavam as relações dos executivos muito bem. Sem contar que fora assistente temporária de Ryan Colton quando estava cursando seu MBA, sendo sua estagiária. Além disso, Victoria adora ela, pois parece que minha secretária tem duplo trabalho, sendo minha babá também. Isso foi uma grande surpresa e confesso que gosto da sua aproximação com Victoria. Faz com que eu tenha apreço a ela e a queria sempre ao meu lado. Pena que ela não pode resolver meus problemas particulares.

Pego uma das pastas e enquanto abro aperto o número do ramal para o escritório do meu irmão.

“Escritório de Anton Brown, Christian Stabli, falando.” O secretário do meu irmão atende com sua voz jovial e rouca. Não sei por que, mas o nome dele não tem nada a ver com ele.

“Christian, é o Ethan. Pode passar para o meu irmão, por favor?”

“Sim, senhor.”

Segundos depois a voz de Anton aparece. “Olha se não é o bebum de Los Angeles.”

“Bom dia para você também e fala logo o que você quer?”

“Nada, só queria me certificar de que você veio para o trabalho e estou até sorrindo por você ter chegado cedo. Estou orgulhoso, irmãozinho.”

Rio, sem conseguir segurar. “Você não tem jeito mesmo e eu sempre chego cedo.”

“Não as segundas.”

Assinto, mesmo que ele não possa ver. “É, eu sei.”

Segunda é quando Victoria não tem aula, o que me faz ficar mais um tempinho na cama e acabe fazendo amor com ela. Transa matinal é um paraíso que só descobrir com ela e nunca me canso de tê-la quentinha e macia logo de manhã. É delicioso. O problema é quando ela me segue para o banho, aí eu chego muito atrasado.

“Então, quero que você vá almoçar comigo hoje.”

“Por quê? Está carente? Eu achei que quem devesse estar carente fosse eu” falo brincando com ele.

“Não, babaca. É um almoço de negócio e eu quero te levar junto.”

“Tudo bem, eu vou.”

“Certo. Me encontre no Craft Los Angeles dez para uma.”

“Sério, Anton?”

“Qual o problema com esse restaurante?”

“Nada, só que praticamente todos os empresários da cidade vão comer nele. Ter uma reunião lá é... inesperado” debocho.

“A comida do Craft é muito boa.”

“Está bem, te vejo lá.”

“Dez para uma.”

“Tchau, Anton.”

Encerro a ligação e volto a prestar atenção nos papéis. Meu Deus, quanto problema para eu resolver.



O TELEFONE DA MINHA MESA TOCA e atendo.

“Sim?”

“São vinte para uma.” Fico mudo e Debora continua: “O senhor disse para eu lhe chamar quando fosse vinte para uma. Lembra? A reunião com o seu irmão no Craft.”

“O merda — desculpe. Tudo bem, vou terminar de fazer o planejamento do Wells Frango Bank e já saio.”

“Não se atrase, a reunião é com o pessoal da Salvatore Corporation e eles não gostam de atraso.”

Franzo o cenho e levanto o rosto para ver minha secretária através dos vidros das paredes e porta que fazem a privacidade da minha sala.

“Como você sabe disso?”

Ela pigarreja. “Eu tinha agendado essa reunião para o senhor, mas como aconteceu aquilo o senhor Anton teve que assumir ela.”

“Hmm...” resmungo, assentindo. “E por que você não me disse antes?” *Por que Anton não me disse mais cedo.* Seria a pergunta certa.

“Eu apenas acatei com o pedido do senhor Anton. Ele me disse que todos os compromissos, como reuniões e teleconferências, deveriam ser direcionadas para ele, Cora e Willian, até que o senhor estivesse de volta.”

“Okay. Sem problemas.”

“Lamento, não ter falado antes. O Sr. Brown disse para não informar de nada. Não queria que o senhor fosse perturbado.”

Meu pai não tem jeito nunca. Debora sempre chama ele de Sr. Brown, eu e meu irmão pelo nome.

“Tudo bem, deixe-me ir.” Agora eu quero muito ir à reunião.



A PORTA DE VIDRO DO CRAFT é puxada por uma mulher de terninho azul marinho e com um sorriso convidativo — até de mais — e entro no ressimto.

“Seja bem-vindo ao Craft Los Angeles.”

“Reserva em nome de Brown.”

Ela olha a lista no seu tablet e acena para os fundos do restaurante pedindo que lhe acompanhe. Chegamos a uma sala privada e logo vejo meu irmão sentado com mais três homens de terno e uma mulher com um vestido comportado vermelho. Todos se levantam quando eu chego e vejo que só restou um único assento à mesa. Eles estavam me esperando e olhando meu relógio vejo que eles que chegaram cedo demais.

“Acho que eu deveria ter chego mais cedo do que o recomendado para pontualidade dos senhores.”

Gabriel Salvatore aperta minha mão com força e diz: “Não se preocupe, eu que sempre chego cedo demais mesmo.”

Não posso discordar. Engulo meu sarcasmo e abro um sorriso ensaiado para homens como ele. Faço um aceno com a cabeça e ele solta minha mão para se dirigir aos outros na mesa.

“Esse é meu gerente de marketing: Ulisses Sylver.” Aperto a mão do homem à sua direita. “Oliver Salvatore, meu irmão e sócio.” Aperto a mão do homem idêntico a ele, são irmãos gêmeos e com certeza univitelinos. “E essa é minha assistente pessoal, Meredith Bresthon.” Aperto a pequena mão da mulher sentada ao lado de Gabriel e ela sorri singelamente.

“É um prazer” murmuro condescendente.

“Agora todos apresentados, vamos nos sentar para comermos e enquanto isso vamos falar sobre meus planos.”

Todos voltam a se sentar e o garçom traz a carta da mesa. Pedidos feitos, bebidas postas na mesa e começamos a falar sobre os planos de Gabriel.

Eu não sei por que, mas como sócio, o irmão Salvatore não fala nada, apenas assente, discorda e concorda com às coisas de vez em quando. Meu irmão pergunta dos interesses deles com a Colton & Brown e a que todos indicam, a Salvatore Corporation quer expandir seus negócios para os outros estados dos Estados Unidos e o Canadá, e quer uma empresa de comunicação conhecida. Além disso, ele quer se associar a nossa empreitada de fazer negócios

com a América do Sul.

“Os países latinos são um ótimo investimento para o ramo de desenvolvimento do ecossistema.”

“E o que você realmente quer expandir?” Pergunto curioso.

“Meus novos modelos de casas ecológicas. O mundo mais do que nunca precisa se conscientizar que o planeta precisa de ajuda e nossas casas ecológicas tem o toque moderno do futuro respeitando a natureza.”

“Mas isso já existe em muitas empresas de arquitetura e engenharia eco modernas” diz Anton.

“Sim, existe, mas nenhuma delas está trabalhando para enfatizar os prós de ter uma casa com benefícios para o ecossistema” a secretária fala com a voz baixa.

Todos olham para ela e Gabriel Salvatore parece que ganhou na loteria, seu olhar orgulhoso para sua assistente é radioativo. Claro que eu acho que não fui o único que foquei apenas na assistente. Minha nossa, eles têm um caso.

“Meredith tem razão” diz Gabriel voltando a prestar atenção em meu irmão. “A maioria dessas empresas que trabalham com a visão de construir casas planejadas são para pessoas com o nível de classe alta. Pessoas menos afortunadas não tem a oportunidade de conhecer esses projetos e muito menos de construir.”

“Então você quer fazer essas casas para qualquer nível de classe?” Indago.

Gabriel abre um sorriso orgulho e assente. “Quero que todas as pessoas possam ter uma casa que ajude a cuidar do planeta. É fácil mostrar os planos de fazer o teto refletor de calor e as cantoneiras que acumulam água em outra caixa d’água para regar as plantas, mas não é fácil colocar em prática. Então se torna de difícil acesso e todos sabem que muitas pessoas ricas são soberbas e idiotas demais para fazer algo, mesmo tendo oportunidade.”

“Por incrível que pareça, as pessoas com menos dinheiro se preocupam mais com o planeta do que os ricos.” Oliver fala completando o raciocínio do irmão.

Assinto e fico muito satisfeito com o projeto deles.

“É realmente uma coisa maravilhosa o que vocês estão propondo e seria de grande ajuda para o mundo todo. Acho que apenas expandir para as Américas é pouco” falo.

“Ethan, nós não podemos assumir uma coisa sem ver todos os parâmetros.” Meu irmão murmura em alto e bom som para todos.

Viro-me para ele e falo: “Eu sei disso, mas como aqui tem duas vozes da empresa, temos sessenta e dois por cento e ao meu ver, esse projeto é muito bom.”

“Eu sei, mas — ”

“Você não concorda que esse plano é bom para todos? E não estou falando em crescer nosso nome ou o dos Salvatore pelo mundo e sim uma boa nova para o planeta.”

“É, você tem razão, mas ainda precisa de ser discutido tudo mais a fundo.”

“Certo então nós iremos.” Faço um aceno com a cabeça e olho para Gabriel. “Eu quero muito saber mais sobre esse plano e o quanto a Colton & Brown irá se fundir a esse projeto.”

“Sim, claro.”

“Então acho que teremos mais uma reunião em breve.”

Gabriel estende a mão e eu aperto, Anton aperta em seguida. Depois de agendarmos mais uma reunião, conversamos sobre os planos financeiros para esse projeto e pelo visto os Salvatore não têm a renda suficiente para tal, mas se juntando a Colton & Brown com certeza o plano vai decolar.



VOLTO PARA AO ESCRITÓRIO ÀS DUAS HORAS e quando penso em mandar uma mensagem para Victoria, meu telefone toca.

“Ligação na linha dois, é o senhor Alan Cobalto... de novo.”

Arfo com força. Esse cara está me tirando do sério. Eu já resolvi os problemas que ele arrumou na empresa e agora ele está ligando *para que*?

“De novo?”

“Sim, senhor. Ele ligou hoje de manhã duas vezes, mas o senhor estava muito ocupado e depois ao telefone, então pedi para ligar mais tarde. Na verdade, eu estava rezando para ele desistir.”

“Tudo bem, Debora, passa a ligação. Vamos ver o que ele quer e não fale dessa ligação para ninguém. Deixa comigo.”

“Claro.” Ela diz e então a voz dele surge em seguida:

“Até que enfim eu consegui falar com você, Ethan.”

Franzo o rosto e queria poder dar um soco na cara de Alan nesse exato minuto.

“O que você quer?”

“O que eu tinha te pedido.”

“Impossível, porque o que você quer é uma empresa que não tem voz ativa e se submete a todos os caprichos do cliente. Nós não somos assim, lamento

muito e sem contar que você nos deu uma tremenda dor de cabeça com a Ryanley Marketing.”

“Eu não fiz nada, só queria ter duas empresas trabalhando para mim.”

“Primeiro, nós não trabalhamos para ninguém, vocês é que precisam da nossa ajuda. Se você vê bem, vocês se associam a nós, não ao contrário.”

“Você é muito atrevido garoto.”

“Chega, Alan. Para de ligar, você quebrou o contrato, não tem mais volta. Se não queria sofrer as consequências da multa, não deveria ter feito o que fez.”

“Vocês vão se arrepender.”

“Não temo suas ameaças. Trabalho em uma empresa de comunicação e finanças. Ameaças é o que mais recebemos — o dia todo. Tchau. Passar bem.”

Desligo e praticamente jogo meu corpo no encosto da cadeira. Hoje o dia está uma merda tão grande que penso que é bom não ter Victoria para me aturar quando chegar em casa, mesmo que ela seja a única pessoa de que preciso quando estou estressado.

Pego meu celular e escrevo uma mensagem para ela. Envio e relaxo meu corpo na cadeira fechando os olhos.

ETHAN | LOS ANGELES / CALIFÓRNIA — 14:20

COMO VOCÊ ESTÁ?

“O senhor deveria ter essa pausa para descansar” a voz de Debora invade minha sala, quando ela entra de mansinho.

“Quem me dera. Você já viu quanta coisa eu tenho que fazer?” Falo ainda de olhos fechados.

“Sim, claro que vi, mas como o senhor veio de um almoço de negócios, isso quer dizer que não teve seu tempo de descanso.”

“U-hum.” Abro um dos olhos para vê-la. “Você tem razão.”

Ela sorri e coloca uma coisa na minha mesa. “Então faça isso agora e não se preocupe. Daqui a vinte minutos eu lhe chamo.”

“Tem certeza?”

“Tenho sim, senhor” ela diz confiante e sai.

Seguindo seu conselho, aperto o botão que embaça os vidros das paredes e janelas do escritório, aperto também o botão para fechar as cortinas das janelas que vão do teto ao chão, e tudo fica escuro. Levanto, tirando o paletó e penduro no cabideiro de chão no pequeno banheiro, e volto a me deitar no sofá maior de couro branco, colocando uma almofada embaixo da cabeça.

Quase relaxando, meu celular apita e pego para ver o que é:

VICTORIA | LOS ANGELES / CALIFÓRNIA — 14:25

BEM EVOCÊ?

ETHAN | LOS ANGELES / CALIFÓRNIA — 14:27

MEU DEUS, ESTOU EXAUSTO. TENHO MUITO TRABALHO HOJE.

VICTORIA | LOS ANGELES / CALIFÓRNIA — 14:27

ESTÁ TENDO UM DIA DAQUELES?

ETHAN | LOS ANGELES / CALIFÓRNIA — 14:27

ESTOU EVOCÊ NEM SABE O QUE EU JÁ FIZ HOJE. DEBORA FALOU PARA EU DESCANSAR UM POUCO AGORA. ELA AINDA SEGUE SUAS ORDENS.

VICTORIA | LOS ANGELES / CALIFÓRNIA — 14:28

AINDA BEM QUE ELA FAZ E AGORA FAÇA O QUE ELA DISSE, DESCANSE UM POUCO.

ETHAN | LOS ANGELES / CALIFÓRNIA — 14:28

ESTOU FALANDO COM VOCÊ.

VICTORIA | LOS ANGELES / CALIFÓRNIA — 14:29

SIM, MAS NÃO SEJA TEIMOSO. DESCANSE E DEPOIS VOCÊ FALA COMIGO.

ETHAN | LOS ANGELES / CALIFÓRNIA — 14:29

NÃO ESTOU CANSADO PARA FALAR COM VOCÊ.

Fico esperando a resposta, mas nada vem. Não acredito nisso.

ETHAN | LOS ANGELES / CALIFÓRNIA — 14:31

VICTORIA.

ETHAN | LOS ANGELES / CALIFÓRNIA — 14:32

ESTÁ BEM. DEPOIS CONVERSAMOS.

VICTORIA | LOS ANGELES / CALIFÓRNIA — 14:32

ÓTIMO ;DBEIJO.

Dou uma risada com a ousadia dela e ponho o celular na mesa de centro. Minha princesa é tão maravilhosa. A saudade dela me aperta o coração. Saudade da sua boca, seus olhos, suas curvas, seu corpo gostoso, sua voz, a risada e saudades dos seus gemidos. Que merda. Estou odiando isso, mesmo que em um dos lados seja bom. Tenho muito trabalho essa semana e ela sempre me distrai em casa. Essa maldita distância será boa.

MINHA ESPERANÇA DE QUE A TERÇA FOSSE MENOS PUXADA foi por água abaixo assim que cheguei e tive duas reuniões. Almocei no escritório — Debora fez o favor de pedir e trazer a comida. E agora estou voltando de mais uma reunião.

Entro na minha sala e sentando-me na minha cadeira giratória, tiro o papelzinho daqueles bloquinhos de recados, que a ponta cola, de cima da tela do meu notebook e leio o recado: *Ligar para a Madeline Lozartan.*

Pego o telefone e chamo Debora. Assim que ela entra no escritório, falo:

“Por que eu tenho que ligar para a Sra. Lozartan de novo?”

Ela dá de ombros. “Ela ligou mais cedo e disse que quer muito falar com você sobre o casino de Las Vegas na Avenida Harmon.”

“Mas esse aí é em Paradise, não em Las Vegas.”

Debora sorri e assente. “Eu sei, mas você sabe como todo mundo chama tudo lá de Las Vegas, foi força do hábito. Enfim, ligue para ela o quanto antes. Ela parece desesperada.”

“Eu ainda não sei se é confiável ter negócios com o pessoal da máfia, mesmo conhecendo um deles e ele sendo meu amigo.”

“Senhor, eles não podem fazer nada contra a Colton & Brown e não se esqueça que Colen é irmão do Travis.”

Assinto. Ela tem razão e acredito que posso confiar nos Lozartan. Em todos eles.

“Depois da ligação para a Sra. Lozartan, tem uma reunião com todos os acionistas da empresa. Parece que o Sr. Ryan vai estar.”

“Que legal” murmuro.

“Vai ficar tudo bem.” Ela sorri e antes de fechar a porta, diz: “Seu sogro parece gostar muito do senhor.”

Rio para ela enquanto sai e logo disco o número de Madeline Lozartan.

Eu não sei mesmo se é bom fazer junção da empresa com um bando de mafiosos de Las Vegas e com isso eu quero disser que eles aplicam as leis deles lá na base de sangue e morte. Colen me contou coisas trucidantes de como funcionam as coisas por lá.

Os Lozartan, são uma família de gângster muito antiga da costa oeste dos Estados Unidos. Eles até mesmo têm dedo metido por aqui em Califórnia, mas residem na cidade do pecado, Las Vegas, marcando território em Nevada com gosto e sua influência na Califórnia é grande, pois é o estado irmão á Nevada.

“Escritório de Travis Lozartan.”

Acho muito engraçado a máfia ter um escritório todo certinho e quando imagino isso, fico pensando que é difícil alguém com ficha limpa em Las Vegas, que se envolva com eles. Eles são os ‘poderosos chefões’, que se digladiam com mais dois grupos de gângsteres na própria residência.

“Boa tarde, eu gostaria de falar com a Madeline Lozartan.”

“Quem gostaria?” Sua pergunta é ameaçadora.

“Ethan Brown.”

“Claro, senhor. Vou passar a ligação.”

Uns minutos depois Madeline me saúda. “Boa tarde, Ethan.” Diz com seu entusiasmo contagiante. Victoria adoraria ela se conhecesse.

“Boa tarde, Sra. Lozartan.”

“Ah que isso, nós temos quase a mesma idade, não me chame assim. Por favor” ela diz com simpatia e ri.

“Tudo bem, Madeline. O que você gostaria de falar comigo?”

“Eu queria um favor seu na verdade, mas Travis não pode saber.”

“Não acho bom fazer nada escondido do seu marido. Não quero morrer.”

Ela solta uma gargalhada e suspira. “Travis não vai se importar com o que eu vou lhe pedir. É uma surpresa para o aniversário dele, na verdade.”

“Então me fale para eu poder agilizar.”

“Sabia que você ia topa. Um homem apaixonado como você é pela sua pela *ragazzina*, iria me ajudar.”

Madeline nunca consegue não deixar suas origens italianas de lado. Não é a primeira vez que conversa comigo e solta alguma palavra em italiano e sem contar que é muito apaixonada. Natureza da sua terra.

“Allora dimmi tutto, così io ti aiuto” falo em Italiano. *Então me diga tudo, para eu lhe ajudar.*

“Oh que lindo. Fico grata pela sua atenção, então...” ela começa a contar seus planos e o que deseja que eu faça. E minha nossa, ela realmente precisa de ajuda das grandes para realizar essa surpresa para o marido.

Encerro a ligação com a orelha ardendo. Passo a mão e levanto da mesa com uma ideia que o plano de Madeline me deu. Lógico que eu não vou me aprofundar como ela, mas apenas quero fazer algo para Victoria, uma coisa que vai fazê-la lembrar de mim e feliz.

Hoje estou um pouco apreensivo, porque ela foi para a faculdade. Que merda. Meu coração só voltou a bater normal quando Raul me disse que ela tinha chego em casa. Tomara que ela não me mate, mas eu mandei meu segurança seguir os dela, que descobriram e eu tive que me resolver com Ken. Apenas lamentei a perseguição. Quem mandou ele não me dar o que eu quero.

Eu não vou deixá-la escapar das minhas vistas e do meu controle. Eu posso

ter feito merda com o anel, mas eu sou o homem certo para ela, não o mais perfeito do mundo, mas sou dela. Eu demorei anos para prestar atenção na minha *ragazzina* — como Madeline diz — e não será um anel que vai me tirar ela. *Ela é minha e ponto final.*

“Debora”, falo me aproximando da sua mesa.

“Senhor, não precisava vir até aqui”, disse se levantando e surpresa de eu estar na sua frente.

“Não se incomode. Quero que você faça um favor para mim e entregue amanhã.”

“Claro senhor. O que é?”

Cinco

Victoria

QUARTA-FEIRA, 27 DE JANEIRO DE 2014.



UMA SENSÇÃO ESTRANHA ME DESPERTA como uma bazuca na boca do estômago. Me sento às pressas no meio da cama. Meu estômago está embrulhando e... e... *Meu Deus do céu.*

Pulo da cama e corro o mais depressa que consigo, levanto a tampa do vaso e vomito. Provavelmente estou jogando fora o meu jantar de ontem e o pior é que eu nem comi muito. Não estava me sentindo bem porque não consegui falar com Ethan — nem mesmo por mensagem — à noite.

Nós nos falamos de tarde, quando ele me disse que estava cansado. Fiquei preocupada e eu sei que ele está com tanto trabalho acumulado, por minha causa, que me senti culpada por seu esgotamento. Ele pode até não assumir depois, quando eu voltar para casa, mas ele estava precisando desse tempo para se dedicar ao trabalho, descansar e para ele mesmo.

Assim como eu que reorganizei os trabalhos da faculdade e separei algumas roupas para levar para casa dele que eu estava sentindo falta de usar e preciso.

Eu não queria ficar lá de vez, mas eu sinto muita falta de dormir com Ethan e acordar ao seu lado. Porém, ainda não sinto que aquela casa é minha, ou dele em si. Eu a conheci sendo a casa de Aaron e Lauren, e sem querer sempre tenho a sensação de que eles irão chegar a qualquer momento.

Não confessei isso ainda a Ethan, no entanto, é uma coisa que pensei muito desde Dezembro, o tempo que estive lá. Espero que ele me entenda e não se sinta forçado a nada, e sei que no momento que eu falar o que penso ele vai querer mudar tudo. E eu não gosto quando forço Ethan a mudar seus planos.

Entro no box e tomo banho. O relógio digital da TV de tela plana que tem no banheiro marca dez para às sete da manhã. Está cedo e o enjoo ainda permanece, sei que não vou conseguir dormir novamente.

Lavo os cabelos, o que faz o banho ser um pouco mais demorado e termino. Seco meu corpo e me olho no espelho. Passo minhas mãos por cima da minha barriga e sorrio.

“Oi?!” Murmuro como uma boba. “Você está bem aí? Meu pingentinho.”

Aliso abaixo do meu umbigo, deixo minha cabeça tombar para o lado e aperto os olhos tentando ver alguma coisa. Resmungo achando graça. Sou uma

tonta, é cedo demais para aparecer e secretamente não quero ver nada sem Ethan estar comigo. Quero que ele participe lado a lado comigo nessa aventura.

Paro de viajar e vou colocar minhas roupas. Um pouco indecisa, me apronto para a faculdade mesmo me sentindo ainda insegura em ir. Ando meio aterrorizada e tenho razão para isso depois do que aconteceu comigo e Ethan. Quando penso nele no trabalho, fico muito preocupada e quase nem presto atenção nas aulas. Graças a Deus, ou Ken, fico mais calma. Não sei como, mas Ken sempre sabe de tudo.



DEPOIS DE PASSAR UMA HORA digitando um trabalho de marketing, resolvo descer para me juntar aos meus pais para tomar o café da manhã. Cumprimento eles e me sento na frente da minha mãe, do outro lado da mesa. Faço meu prato e começo a comer.

“Você só vai comer isso?” Margot aparece ao meu lado, perguntando.

Levanto meu rosto e olho ela e meus pais que parecem preocupados e curiosos.

“Sim, eu não estou com muita fome hoje.” Respondo, sucinta.

Na verdade, estou com medo de enjoar na aula e não quero dar motivos para falatórios com minhas amigadas da faculdade. Não sei nem bem como anunciar minha gravidez para minha família, que dirá para os estranhos. Sem contar que a pessoa mais importante e interessada em saber desse pequeno ser dentro de mim, ainda não sabe.

“Mas você não comeu muito ontem no jantar” minha mãe fala.

Suspiro e abro um sorriso para tentar convencer.

“É, eu não estou com fome e... estou querendo fazer uma dieta para caber em um vestido que eu vi *lindo...*” minha voz saí cantada. Sinal de que estou mentindo.

Meu pai abaixa o jornal e me olha intrigado.

“Emagrecer mais o que? Você está ótima, não comece com esses tipos de loucuras. Você não é assim. O que te deu?”

“É verdade. Ryan tem razão, você está bem e não precisa de dieta. Por que isso? Foi algum comentário que Ethan fez?”

“Ai meu Deus, não. Ele não disse nada e nunca diria. Sou eu que quero perder uns quilos.”

Minha mãe cerra os olhos, desconfiada. “Continuo achando isso desnecessário.”

Assinto e entorto a boca demonstrando meu lado rebelde, mas é fingimento. Detesto ser o tipo adolescente chata, mas para eles pararem de perguntar, preciso fazer agora.

“Está certo”, tomo um gole da vitamina de morango e levanto da mesa, “agora eu vou para aula.”

“Tenha uma boa aula, querida” meu pai fala e mamãe completa:

“E coma no intervalo.”

“Está bem e eu não sou mais uma criança.” Resmungo pegando minhas coisas no sofá da sala de estar.

“Está parecendo uma. Uma criança rebelde que não quer comer por bobagem” minha mãe fala.

Sorrio e jogo um beijinho para eles, soprando quando chego à porta.

“Tchau, tchau.”



SAÍDO DA AULA COM MEU ESTÔMAGO RECLAMANDO. Estou morta de fome e por dois. Preciso muito — urgente — comer alguma coisa, porque no intervalo eu não fiz o que minha mãe mandou. Vejo Ken e rapidamente desço as escadas da faculdade, indo para o carro e sorrio quando ele abre a porta para mim.

“Por que saiu para fazer isso?”

Ele sorri e passa a mão na frente do terno grafite que está hoje e sem gravata. Seus olhos cinza azulados estão brilhando e me deixando curiosa.

“É o meu trabalho e por favor entre no carro.”

Cerro os olhos curiosa e dou mais um passo. Isso não é normal, normalmente ele espera dentro do carro. É raro abrir a porta para mim, porque sabe que eu não vejo necessidade.

“Entre” repete a ordem educadamente e com um humor contido.

“Está bem, Kennedy” falo e entro.

Assim que a porta se fecha, com uma batida suave, um timbre de violão calmo e no ritmo de uma batida no fundo começa. *Conheço essa música.* Not a Bad Thing de Justin Timberlake. É nova e eu amo essa canção. A letra dela é tão fofa e romântica.

Escuto baterem na porta e viro meu rosto para o lado, para a outra porta e

ela se abre.

“Para você. Leia o cartão” diz um jovem com uniforme de uma floricultura.

Ele me entrega um buquê de flores. Rosas de todos os tons. Rosa claro, rosa escuro, roxo, lavanda e amarelo. Os botões estão cheios e lindos. Levo ao meu nariz e sorvo o aroma. Estão muito cheirosas. São perfeitas. Quando vejo o menino já foi.

Repouso o enorme buquê no banco ao meu lado, deixo minha bolsa cair para o chão e pego o cartão. *Oh céus*. Meus olhos ficam marejados com o perfume do cartão. *Ethan*. O perfume é o cheiro da colônia que ele sua. *Que lindo esse homem*. Aperto o cartão no meio do peito e suspiro para finalmente afastá-lo e ler.

Abro e tiro de dentro um bilheteinho comprido com a caligrafia masculina e linda de Ethan. Eu acho linda a letra dele, é meio torta, mas uniforme. Nem vou falar da assinatura dele. Chega a me dar tesão de tão a *cara* dele. Começo a ler e tenho que controlar minhas lágrimas para não embaçar minhas vistas.

Como o que eu tenho para te dizer, eu não consigo formar frases perfeitas e apropriadas para o tamanho do meu amor por você. Eu pedi uma ajudinha às músicas românticas e de todas que eu ouvi, eu achei essa perfeita. Por favor, preste atenção na letra. Por que tudo o que ela diz, é o que eu quero dizer. É o que eu sinto.

Quero acordar todas as manhãs e te ver ao meu lado, ou em meus braços me agarrando. Quero compartilhar todas as alegrias e tristezas com você. E não quero ser mais uma pessoa na sua vida que só lhe faz promessas. Eu quero mais que tudo, realizar todos os seus sonhos, comigo ao seu lado sempre.

Eu te amo mais do que nunca e nenhuma palavra vai ser o suficiente para expressar de verdade meu amor. Eu te quero mais do que o ar para respirar. Eu te desejo mais do que água em tempos de seca.

Espero que você goste das flores e você sabe. Estou te esperando.

A qualquer hora, a qualquer momento.

Sempre seu,

Ethan Brown.

Ps.: Ou príncipe, só para você. Não deixe ninguém ler esse cartão.

Amo você.

Soluço, chorosa e sorrio por causa do ps. Limpo minhas lágrimas — minhas vistas totalmente embaçadas — e releio a carta, dobro o papel, guardo dentro da minha blusa no sutiã — perto do meu coração, que é onde ficará essas palavras em minha memória.

Fecho meus olhos e deito minha cabeça no encosto do banco e aprecio a letra da música e rapidamente meus olhos ficam cheios d'água.

“Agora, que tal se eu fosse a última voz que você escutasse à noite? E todas as outras noites pelo resto das noites que existirem...”

Todas as manhãs, eu só quero ver você olhando para mim, porque eu sei que esse é um bom jeito para começar.

Eu sei que as pessoas fazem promessas o tempo todo. Depois, elas dão às costas e as quebram.

E quando alguém parti o seu coração com uma faca, e enquanto você está sagrando, eu poderia ser aquele cara para curá-la com o tempo e não vou parar até você acreditar.

Porque, querida, você vale a pena.

Então não aja como se fosse uma coisa ruim se apaixonar por mim.

Porque você pode procurar por aí e vai saber que os seus sonhos podem se tornar realidade comigo...”

Oh céus. Ele é tão perfeito. Tão maravilhoso. Quero tanto abraçá-lo neste exato minuto. Eu preciso sentir o calor do seu corpo me envolvendo.

Seco meus olhos de novo e atoa porque estou muito emocionada. Quando escutei que mulher grávida chora muito, achei que era mentira e eu já era chorona, agora... estou chorando por tudo, até comercial de ração de cachorro.

A música acaba e começa de novo, e eu continuo do mesmo jeito no banco. Olhos fechados, coração acelerado, lágrimas escorrendo e com as flores sendo abraçadas delicadamente por mim. Não resisti e peguei elas e quero tentar fazê-las durar o maior tempo possível.

“Chegamos, senhorita.” A voz de Ken me desperta.

Abro os olhos, aprumo a postura e olho para fora a janela. Estou em casa. Como não percebi o carro se movendo, ou Ken entrando no banco da frente?

“Quando você entrou aí e me trouxe para cá?”

“Há vinte minutos.” Responde com humor.

Sorrio e assinto.

Pego minhas coisas, as flores e saio do carro. Na porta de casa Margot me aguarda com um sorriso maior que ela consegue fazer.

Está todo mundo tão feliz hoje.

“Oi, Margot.”

“Oi,” me cumprimenta e paga das minhas mãos a bolsa e pasta. “Agora vai para a casa da piscina.”

“Por quê?”

Ela coloca uma mão gentil em minhas costas me guiando para dentro de casa e até as portas de corre que dão para o quintal. “Apenas faça o que eu disse.” Diz me deixando na varandinha.

Faço uma careta e a olho intrigada.

“Por que não me diz logo o que tem lá?”

Ela me empurra. “Deixe de ser teimosa e vai até lá.” Beija meu rosto e volta para dentro de casa.

Respiro fundo e ando para a casa da piscina. Corro a porta e entro. Levo um susto quando coisas caem em cima de mim.

“O meu Deus. O que é isso?” Olho minhas mãos e para cima.

Pétalas de rosas coloridas, como as do buquê — que eu ainda seguro — estão caindo do teto se soltando de uma tela de proteção e se espalhando pelo chão, nos móveis da sala, na bancada da cozinha. O aroma das flores é maravilhoso e o efeito que o brilho da purpurina faz ao se espalhar por todos os lugares com elas é mágico. Tudo acompanhado de uma música que eu também amo do Justin: Mirror.

“Que lindo” sussurro e olho para os meus pés. “Nunca mais vai sair essa purpurina.” Sorrio e dou de ombros, já quase chorando. “Que seja. Está tudo lindo. Oh céus, eu amo esse homem.”

Ando para dentro da casa e sigo as setinhas no chão. Subo as escadas e paro meus passos abruptamente. A cama está coberta de flores. O lençol branco quase não dá para enxergar, apenas os tons de rosa, lilás e amarelo das flores. Em cima da cama um banner escrito:

Um castelo de flores para a minha princesa mais do que encantada e totalmente real.

Meus olhos ficam embaçados e choro como uma criança, soluçando e fugando. Meu coração está inquieto e minhas mãos tremem enquanto caminho para perto da cama, onde tem um urso gigante caramelo com um coração no meio, escrito: Love U. Acaricio o urso e vejo mais setinhas, sigo-as até a ponta do quarto e vejo uma caixa da Maise and Fleurs — uma empresa de designer floral famosa. Ela simplesmente chega a esgotar no dia dos namorados e tem os melhores, mais bem formados e lindos arranjos e buquês de flores.

Por cima das flores tem outro cartão. Pego e abro:

“Essa música diz o que você é... O que somos.

Não é que você seja algo para admirar?

Porque o seu brilho é algo como um espelho e eu não posso evitar apenas notar.

Você reflete neste meu coração.

Se você um dia se sentir sozinha e a luz intensa tornar difícil encontrar. Saiba

*apenas que eu estou sempre do outro lado, paralelamente.
Porque com a sua mão na minha mão e um bolso cheio de alma. Posso dizer,
não há lugar aonde não podemos ir.
Ponha apenas a sua mão no vidro, estarei aqui tentando puxar você.
Você só tem que ser forte.
Porque eu não quero perder você agora.
Estou olhando bem para a minha outra metade o vazio que se instalou em meu
coração.
É um espaço que agora você guarda.
Mostre-me como lutar pelo momento de agora e eu vou lhe dizer, baby, foi fácil.
Voltar para você uma vez que entendi, que você estava aqui o tempo todo. É
como se você fosse o meu espelho.
Meu espelho olhando de volta para mim.
Eu não poderia me tornar melhor com mais ninguém ao meu lado e agora está
claro como esta promessa que estamos fazendo. Dois reflexos em um, porque é
como se você fosse o meu espelho. Meu espelho olhando de volta para mim.
Você é especial, um original, porque não parece assim tão simples e eu não
posso evitar olhar, porque vejo a verdade em algum lugar nos seus olhos.
Nunca poderei mudar sem você.
Você me reflete, amo isso em você e, se eu pudesse, eu olharia para nós o tempo
todo.
Você é o amor da minha vida
Você é o amor da minha vida
Você é o amor da minha vida
Você é o amor da minha vida . . .”*

Deixo meu corpo cair no chão e choro sem parar. Estou chorando porque eu não mereço um homem como ele. Balanço a cabeça e engatinho até o urso com a cartinha na mão, subo na cama e me agarro ao pelúcia, que é três vezes mais largo do que eu e deve ser da altura do Ethan. Ele é macio e me conforta um pouco. Fungo e limpo o nariz com a ponta dos dedos. A música acaba e começa a que tocou no carro de novo.

“Eu te amo” murmuro como se Ethan pudesse me ouvir.



ASSIM QUE ME ACALMO, parando de tremer e chorar lavo meu rosto no banheiro, pego o buquê que ganhei no carro e desço as escadas. Sinto minha garganta fechar quando chego ao primeiro andar, de novo. Merda, eu sempre me emocionei com a música Mirror, principalmente com a dedicatória que o Justin fez aos amigos velhinhos que tinham morrido. Foi tão bonito da parte dele e a letra quer dizer tudo. Não precisa de mais nada. É única.

Respiro fundo, uma, duas, três vezes e me contenho para sair da casinha. Atravesso a piscina e o quintal em poucos passos, estou com pressa. Quero vê-lo, antes mesmo dessas flores, mas agora é urgente. Estou *doente* com isso. Acho até que meu coração não está batendo normal. Não é possível esse sentimento que ele me faz sentir.

Entro em casa e o cheiro da comida faz meu estômago roncar. *Ah! Esqueci a fome.* Vou até a cozinha e vejo pelo balcão Margot retirando algo da panela de inox.

“O que está fazendo?”

Ela se vira e fala: “Salmão defumado. Cora está vindo para o almoço.”

Franzo a testa. “Por quê?”

“Porque ela quer vir” responde e volta a prestar atenção na comida, “almoçar com você e a dona Elizabeth.”

“Will e papai não vão vir?”

“Eles estão trabalhando e hoje só as mulheres da casa vão comer em casa” diz e dá uma risadinha.

Dou de ombros e me afasto do balcão.

“Minhas coisas estão no meu quarto?”

“Sim, como sempre.”

“Obrigada e... até daqui a pouco.”

“Tudo bem.”

Subo os degraus até o terceiro andar e no meu quarto encontro uma jarra com água. *Hun... Margot já sabia de tudo.* Deixo as flores na jarra e procuro na minha bolsa meu celular.

“Cadê você? Cadê você... achei.”

Coloco a senha para desbloquear: MYLOVE. Digito seu número, que sei de cabeça, e aguardo. Quero falar com ele e se possível vê-lo. Chega de esperar, não tenho mais o que pensar. Tudo o que eu tinha que resolver dentro de mim, já coloquei em pratos limpos. Não importa o que o futuro nos reserva. Com ele eu posso tudo.

Toca uma, duas, três... oito vezes e nada. Começo a ficar inquieta e bato o pé.

Atende, atende, por favor.

Toca mais sete vezes e atende:

“No momento eu não posso atender, deixe seu recado.” A voz dele na secretária eletrônica. Choramingo e espero o sinal:

“Amor, por que não pode me atender? Quer dizer, eu sei, desculpe está te incomodando no trabalho, mas... mas eu queria agradecer as... Não. Eu queria ouvir vo... Não!” Solto um som parecido com um choro e me arrependo. Ele vai ficar preocupado. “Eu estou bem e quero ver você. Assim que ouvir essa mensagem me ligue. Te amo e... Eu amo muito você. Estou com saudades de você que chega a doer.”

Encerro a chamada e torço para que a secretária eletrônica esteja funcionando. Ah... eu posso ligar para Debora e pedir para ela dizer para ele me ligar. Com certeza ele está em alguma reunião, ou coisa do tipo. Que saco. Eu poderia ir até a empresa e vê-lo pessoalmente. Ele sempre diz que o sonho dele era eu chegar na sala dele, sentar no seu colo e beijá-lo loucamente. Diz que sente muita a minha falta enquanto trabalha e eu poderia fazê-lo uma surpresa a qualquer hora.

Talvez eu faça hoje. Afinal de contas, eu estou — praticamente — desesperada de saudades.

“Será que vamos ver ele hoje?” Pergunto acariciando minha barriga e me olhando no espelho.

É, eu tenho que contar sobre você. Com certeza que vou bebê, só preciso não enlouquecer na hora. Estou ansiosa para saber a reação dele. No fundo do meu coração sei que ele vai gostar. Ele ama criança, mas também deve ficar preocupado e nervoso.

“Mas não se preocupe, bebê” falo olhando para minha barriga. “Todo mundo fica nervoso de ser pai... é normal. Não se preocupe.”

Não se preocupe também, Victoria. Ele vai amar a novidade — Penso como uma oração interna. *— Ele vai amar, vai amar nosso filho, ou filha.*

Recompondo-me, olho para o meu rosto no espelho. Minha nossa, está na cara que eu chorei. Vou até minha penteadeira e dou um jeito para não dar bandeira. Mesmo que eu tenha chorado de felicidade e emocionada com as flores, minha mãe e Cora vão querer saber porquê.

Coloco meu celular no bolso com a esperança dele ligar e desço.

Na mesa, estão elas sentadas e conversando. Sento-me na outra ponta de frente para Cora, mamãe está na cabeceira. Falamos sobre o dia de cada uma e alguns minutos depois, Margot traz o prato especial que fez para nós.

“Oras, que menina bonita” minha mãe brinca.

Levanto meu rosto e a vejo olhando para mim sorrindo e assentindo.

“O que foi?” Pergunto de boca cheia e engulo rápido. “Desculpe. O que

foi?”

“Agora sim você está se alimentando.”

Franzo a testa e antes que eu possa me defender, Cora fala:

“Você não estava comendo? Por quê? Qual o problema?”

Suspiro e olho para ela tentando passar uma mensagem mental. Ela é a única que sabe e deve ser por isso que ficou chateada agora, mas ela não sabe dos enjos e que não quero falar com ninguém antes de Ethan. Ninguém mesmo, nem para Zeus eu cochichei sobre o bebê. E sempre tive mania de conversar com meus cachorros como se eles me entendessem e pudessem me ajudar, mas dessa vez o primeiro tem que ser Ethan.

“Não tem problema algum, Cora. Eu só não estava com fome ontem à noite e hoje não comi muito no café da manhã.”

“O que é muito estranho, pois você tem muito apetite de manhã.” Mamãe murmura.

Suspiro de novo e sorrio para elas. “Não se preocupem, agora estou com fome.”

Mamãe enche seu garfo e diz, melhor, resmunga:

“Aquela história de dieta não me desceu mesmo.”

“Dieta?” Cora pergunta, aturdida.

Ai não. Lá vamos nós.



SOU PUXADA PARA O QUINTAL POR CORA. Sentamos no banco perto da fonte. Estou contrariada aqui, pois minha vontade era está indo atrás de Ethan, mas ela disse que precisamos conversar. Acho que não gostou de saber que eu não estou comendo e sobre a dieta maluca que eu inventei.

“Me explique direito isso. Você sabe que precisa comer, na verdade, seu corpo e ele” ela aponta para minha barriga “pedem isso. Então por que não quer comer?”

“Eu não, não quero comer. Ah!” resmungo. “Isso foi horrível. Eu quis dizer que... não estou deixando de comer.”

“Então por que Elizabeth disse aquilo e que loucura é essa de dieta? Não vem com história de grávida bulemica e anoréxica que eu te interno.”

Dou risada e ela me olha feio.

“Não estou achando graça, Victoria. Você sempre foi equilibrada, sempre

comeu de tudo e praticou exercício desde criança, por isso tem o corpo que tem e você nunca me deu trabalho com isso. Não vai ser agora que você vai me deixar de cabelos brancos.”

Arfo e abaixo o rosto. “Eu sei e eu não quero te preocupar e não precisa. Eu só não comi muito ontem porque não consegui falar com Ethan — ”

“Ele não quer te atender?”

“Não é isso, ele está muito ocupado e ontem estava cansado. Talvez dormiu que nem pedra e nem ouviu o telefone tocar.”

“Mmm... Entendo, ele realmente está trabalhando bastante desde segunda. Hoje mesmo ele tinha que resolver um problema com o Anton e parece que Will teve que ir também, o cliente está dando trabalho.”

“É grave?”

Ela balança a cabeça negando. “Não, é só o de sempre. Não se preocupe. E então?”

“O quê?”

“Fala de hoje de manhã.”

“Ah tá, eu não comi porque não quero ficar enjoada na faculdade. Não quero que ninguém fique me indagando por isso. Primeiro quem tem que saber é Ethan, não o resto do mundo e eu estou tendo enjoos de manhã desde o aniversário da Hanna, mas foi poucas vezes. Só que agora, eu estou enjoando desde domingo duas vezes por dia praticamente. Quando acordo e no meio da tarde.”

“Oh querida,” ela pega minha mão e dá uns tapinhas, “isso é normal. Daqui a pouco passa.”

“Eu espero que sim. Eu procurei em um site de grávidas e lá diz que os enjoos podem durar até as vinte semanas, e às vezes até o sexto mês de gravidez.” Dou de ombros. “Não posso fazer nada a não ser rezar.”

“Vai ficar tudo bem e se você ficar muito enjoada na rua, leve sempre na bolsa bolacha de água e sal com gergelim. Acalma o estômago e você consegue passar por algumas crises de náuseas.”

“E quando eu sinto cheiro enjoativo. O que eu faço?”

“Aí você corre para longe do cheiro, ou procura um banheiro rápido” ela diz e sorrimos. “Agora minha princesa eu preciso voltar para o trabalho.”

Ela se levanta e eu faço o mesmo rápido. Coloco a mão na cabeça e vejo tudo girar.

“Você está bem?”

Respiro e assinto. “Sim, só levantei muito rápido e...”

“É melhor você descansar agora.”

“Eu não estou *cansada*” bocejo e Cora sorri de lado.

“Mesmo?”

“Mas eu não quero dormir agora, eu quero ir ver o Ethan. Você viu o que ele fez para mim?”

Ela nega com a cabeça e eu rapidamente puxo-a para a casinha da piscina. Mostro tudo para ela e até liguei o som de volta que alguém deve ter vindo aqui desligar. Cora fica com as bochechas vermelhas, o que quer dizer que ficou emocionada.

“Que lindo.” Ela passa a mão no urso e se vira para mim. “Você já falou com ele?”

“Foi para a caixa postal.”

“Hum!” Ela lamenta. “Que chato, meu amor. Ele está trabalhando muito mesmo” diz com um sorriso orgulhoso. “Você tem que saber que todos estão comentando como ele é incrível. Até Will está elogiando.”

“Nossa. Isso é raro.”

“Raríssimo, então fique orgulhosa dele e que tal você encontrá-lo mais tarde? Falta apenas quatro horas para encerrar o expediente e aí você o encontra.”

Aperto os lábios. “Acho que não tenho muito escolha.”

Ela me guia para o primeiro andar, para fora da casinha. Vamos para casa principal e a levo até a porta.

“Então agora você vai descansar um pouco, depois ficar bem bonita para ir para casa dele e não se esqueça de ir com Ken e Jorge.”

Assinto e ela me abraça se despedindo antes de entrar no carro. Espero até ele sumir pelos portões e volto para dentro de casa.



ÀS SETE HORAS, termino de me arrumar e vou para a saleta de empregados da casa procurar Ken. Ele se levanta da cadeira quando bato na porta e faço um aceno com a cabeça, e ele chega até a mim.

“O que deseja?”

“Preciso que me leve na casa do Ethan.”

Ele solta uma respiração forte e assente.

“Então vamos.” Digo.

Como mágica vamos para a garagem aberta da casa, entro no carro e rapidamente Ken me leva para casa de Ethan, que eu tranquilamente poderia ir

andando, mas é perigoso. Para mim.

Paramos o carro no portão da garagem e ele aperta o interfone que tem câmera para ver quem está chegando. Esperamos alguém atender e depois de cinco minutos, nada.

“Senhorita talvez ele ainda não tenha chegado.”

“Como não Ken? São sete e quinze agora.”

“Mas você não disse que ele está trabalhando muito, talvez chegue tarde hoje.”

Murcho e pego meu celular.

VICTORIA | LOS ANGELES / CALIFÓRNIA — 19:16

O. I. ONDE VOCÊ ESTÁ?

“Mande uma mensagem para ele.”

“Você quer ficar esperando aqui?”

“Sim” respondo com firmeza.

“Está certo.”

Não aguento de ansiedade e mando outra mensagem.

VICTORIA | LOS ANGELES / CALIFÓRNIA — 19:19

POR QUE NÃO ESTÁ ME RESPONDENDO? O QUE EU FIZ DE ERRADO AGORA? POR FAVOR, E THAN. EU ESTOU NA PORTA DA SUA CASA ENINGUÉM VEM ABRIR. ONDE VOCÊ ESTÁ?

Passam mais dez minutos e nada de resposta. Isso está começando a me corroer por dentro. Será que ele está bem? Sinto minha cabeça latejar e respiro fundo para não enlouquecer agora.

“Você tem como saber onde ele está?”

Ken me olha pelo retrovisor, do meio do carro, e depois vira o corpo para trás.

“Por que eu saberia?” Questiona olhando diretamente para mim.

“Você sempre sabe de tudo” falo de mansinho e murmuro: “Você tem como?”

“Ele não tem rastreador como você deve estar pensando.”

“Por que não?” Digo desesperada. “Ele deveria ter.” *Não!* Bato na testa. *O que eu estou dizendo agora?* “Esquece o que eu disse, apenas faça alguma coisa para saber onde ele está.”

Ken franze o cenho e diz:

“Ligue para o irmão dele. Talvez Anton saiba.”

“É!” Exclamo com esperança e um pouco alto demais.

Procuro no meu celular o número do meu cunhado e aperto para a ligação

ser completada. Três toques e ele atende:

“Anton falando.”

“Anton. Sou eu, Victoria.”

“Oi, cunhadinha. Como você está?”

“Bem” respondo com pressa, “mas eu liguei para saber onde o Ethan está.”

Ele fica um bom tempo em silêncio e então responde. “Ele está trabalhando.”

“Onde? Eu não consigo falar com ele e eu estou em frente à casa dele e ninguém atende. Por que?”

Anton respira fundo. “Ele deu os dias da semana de folga para todos, porque foi para Nova York.”

Sinto meu coração falhar em uma batida.

“Como assim Nova York? Quando e por que ele não falou comigo? Por que — pelo menos — ele não me atende no telefone? Onde ele está a agora?”

“Calma, Victoria.” Ele pede com carinho. “Ele foi de emergência e para você saber, contrariado, e agora deve estar no avião indo para lá. Têm apenas uns quarenta minutos que ele foi.”

“Foi como? Ele está sozinho? É perigoso ele andando por í sozinho depois — ”

“Calma,” ele pede de novo me cortando. “Ele foi com o novo segurança pessoal dele e foi no jatinho da empresa. Deve estar chegando lá entorno das três e meia, quatro horas da manhã. Você sabe as normas sobre usar celular no voo e mesmo assim o sinal é horrível.”

“Mas eu liguei para ele mais cedo e deu caixa postal.”

“Ele estava comigo e tanto eu quanto ele deixamos nossos celulares no carro para resolver um problema.”

“Como assim vocês deixaram os celulares no carro? Isso é estúpido. Você tem a Hanna e se algo acontecesse com ela? Que idiotice.”

“Nossa, você está realmente irritada hoje.” Diz sério e preocupado. “Bem, se algo acontecesse com ela, ou Jenny e meus pais, os seguranças sempre estão com os celulares deles. Todos sabem disso.”

“Eu não tenho o número deles e eu queria falar com o meu namorado, não com o segurança.” Respiro fundo e passo a mão na minha testa.

“Meu Deus, Victoria se acalme! Se você enfartar, Ethan me mata. Então fique tranquila e daqui a pouco você vai conseguir falar com ele.”

Choramingo e sinto a lágrima escorrer no canto do meu rosto. “Quando?”

“Querida, fique bem e tenho certeza que ele vai ligar assim que chegar lá. Não se preocupe. Está tudo bem” Anton fala voltando a ser o cunhado cuidadoso que é.

Assinto, mesmo que ele não esteja me vendo e fungo chorando baixinho.
“Vou tentar e desculpe ser grossa com você. Só fiquei preocupada.”
Escuto-o rir e fazendo um ruído com a garganta, fala:
“Não tem problema e agora volte para casa. Ethan vai te ligar em breve.”
“Vou esperar impaciente.”
Ele ri de novo. “Normal. Beijos e quando puder vai jantar conosco.”
“Eu vou sim” falo ainda chorando.
“Você está bem mesmo? Por que está chorando?” Pergunta preocupado.
“Não sei” respondo rindo e fungando.
“Ok, agora preciso desligar para finalmente ir para casa.”
“Você ainda está na empresa?”
“Estou na garagem, no meu carro.”
“Oh, desculpe.”
“Que nada. Sempre que precisar pode ligar. Abraços.”
“Está certo. Beijo.”
“Tchau.”

Desligo e peço para Ken me levar de volta. Conto para ele onde Ethan está e ele diz para eu ficar menos impaciente e esperar. Chegando em casa subo para o meu quarto e mando uma mensagem para Clara. Ela replica, dizendo que hoje não vai poder vir, mas amanhã de manhã vem correndo me ver. Preciso da minha amiga.

Vou no meu Instagram e tiro uma foto das flores que ele me mandou. Escrevo um verso da frase de uma das músicas e coloco o link do perfil dele: ‘Você é o amor da minha vida. @EthanLBrown’.

Deixo o celular na mesinha ao lado da cama e me acomodo no meio da mesma abraçando o meu urso novo. Eu e Margot trouxemos ele para cá à tarde quando fui lanchar. Inspiro com força e sinto o perfume do pelúcia. Estou um pouco triste e talvez com remorso, mas eu só queria que ele tivesse me contado que estava indo para Nova York.

Ah, meu Deus. E se ele pensar em ficar por lá, por muito tempo. Achando que eu quero muito espaço e eu não quero mais espaço nenhum. Eu não quero ligar para ele, eu quero ver, abraçar e beijá-lo. Viro-me na cama e pego meu celular de novo.

VICTORIA | LOS ANGELES / CALIFÓRNIA — 20:20

CONSEGUE UMA VIAGEM PARA NOVA YORK PARA MIM?

CORA | LOS ANGELES / CALIFÓRNIA — 20:25

O QUE VOCÊ QUER FAZER EM NOVA YORK E PARA QUANDO É ESSA VIAGEM?

VICTORIA | LOS ANGELES / CALIFÓRNIA — 20:26

P_{ARA} A_{GORA} E E_{THAN} F_{OI} P_{ARA} L_Á. V_{OCÊ} S_{ABIA} D_{ISSO?}

CORA | LOS ANGELES / CALIFÓRNIA – 20:27

N_{ÃO} E N_{ÃO}.

VICTORIA | LOS ANGELES / CALIFÓRNIA — 20:27

C_{OMO?}

CORA | LOS ANGELES / CALIFÓRNIA – 20:28

V_{OCÊ} N_{ÃO} P_{ODE} I_R P_{ARA} N_{OVA} Y_{ORK} A_{GORA} E E_U N_{ÃO} S_{ABIA} D_E N_{ADA}.

VICTORIA | LOS ANGELES / CALIFÓRNIA — 20:29

E_U V_{OU} D_E Q_{UALQUER} J_{EITO}. W_{ILL} S_{ABIA?}

CORA | LOS ANGELES / CALIFÓRNIA – 20:30

O_{LHA} A_RE_{BELDIA}.

VICTORIA | LOS ANGELES / CALIFÓRNIA — 20:31

N_{ÃO} É R_EB_EL_{DIA}. S_Ó Q_{UERO} I_R A_{TÉ} L_Á E V_{ER} E_{LE}.

CORA | LOS ANGELES / CALIFÓRNIA – 20:32

N_O M_{EIO} D_A S_{EMANA?}

VICTORIA | LOS ANGELES / CALIFÓRNIA — 20:33

N_{ÃO} T_{EM} P_{ROBLEMA} E E_U R_{ECUPERO} A_S M_{ATÉRIAS} D_E P_{OIS}.

Ela não me responde. Fico incrédula com o quanto ela é teimosa e protetora como Will. *Meu Deus*. Eu só quero ir até lá e eu faço tudo direitinho. Vou no jato da empresa, que têm dois, e não vou dar bandeira na rua quando chegar lá. Eu também não quero que nada me aconteça e tenho um motivo a mais para me proteger.

VICTORIA – LOS ANGELES / CALIFÓRNIA — 20:36

P_{OR} F_{AVOR}, C_{ORA}. E_U F_{AÇO} T_{UDO} C_{OMO} O P_{ROTOCOLO} M_{ANDA}.

CORA | LOS ANGELES / CALIFÓRNIA – 20:37

P_{ODE} S_{ER} A_{MANHÃ} P_{ELO} M_{ENOS?}

VICTORIA | LOS ANGELES / CALIFÓRNIA — 20:39

D_E M_{ANHÃ}, B_{EM} C_{EDO}.

CORA | LOS ANGELES / CALIFÓRNIA – 20:39

C_{ERTO}.

VICTORIA | LOS ANGELES / CALIFÓRNIA — 20:40

WILL SABIA?

Repito a pergunta e de novo ela fica sem me dar resposta e eu esperei um tempo bom.

VICTORIA | LOS ANGELES / CALIFÓRNIA — 20:51

DIZ PARA ELE QUE NÃO CUSTAVA ME DIZER. EU FIQUEI COM O CORAÇÃO EM FRANGALHOS.
BOA NOITE E ATÉ AMANHÃ.

Deixo o celular na mesinha de novo e quando vou abraçar o urso alguém bate na porta.

“O jantar senhorita.” Margot coloca a badeja na mesa, que eu como às vezes, dizendo: “Como você não desceu para jantar a duas horas atrás. Resolvi ter a liberdade de trazer para você e quero o prato limpo.”

Sorrio e levanto da cama. Dou abraço nela.

“Obrigada por se lembrar de mim.”

“Não foi nada e é caldo de frutos do mar, o seu favorito.”

“Mmm...” faço um som de que gostei do prato e vou me sentar à mesa. Meus olhos pulam para o prato fundo com o caldo e um pãozinho no canto. Está com um cheiro ótimo e agradeço internamente por não estar enjoada com isso. Li no mesmo blog de grávidas sobre enjoos matinas, que peixe e frutos do mar são *ótimos* para deixar as mulheres grávidas muito enjoadas. Bem, para mim não.


QUINTA-FEIRA, 28 DE JANEIRO DE 2014.

O SOL MAL SAIU e eu pulo para fora da cama. Estou ansiosa para chegar em Nova York. Arrumo minhas coisas em uma pequena mala e vou tomar banho.

De repente sinto uma forte náusea. *Ai, merda.* Coloco tudo para fora e quando me sinto exausta tendo a certeza que não vou mais vomitar, apoio as mãos na parede da casa de banho e choro. Choro porque é chato esses enjoos e porque o cheiro me deixa mais enjoada e aí vômito mais. Choro enquanto limpo o banheiro, para ninguém saber que passei mal e continuo chorando — um resmungo baixinho — enquanto me seco e penso no porquê de Ethan não retornar minhas ligações.

Isso está me matando, mas deve ter alguma explicação para ele não ter

ligado diretamente. Eu desconfio que Ken passa meu dia todinho para ele, ou o segurança pessoal dele, então ele deve saber que o estou procurando.

Saio do banheiro e no *closet* coloco um vestido leve, sem passar maquiagem. Apenas penteio os cabelos. Cora e Will estão vindo tomar café aqui, um pretexto para conversarem comigo. Espero que Will traga a notícia de que tem um jatinho disponível ou minha passagem.

Pegando meu celular desço para a sala. Como imaginei, encontro os dois na sala de estar. Will se levanta e parece irritado. *Novidade*.

“Por que você precisa tanto ir para lá?” Questiona sem nem esperar eu terminar de descer as escadas.

“Porque eu quero ver Ethan.”

“Não pode esperar ele voltar?” Baixa a voz.

Meus ombros caem. “Nós brigamos! E agora eu tento falar com ele e não consigo. Então eu descubro que ele está do outro lado do país e não, não posso esperar ele voltar.” Chego perto do meu irmão e pego as mãos dele. “Por favor, eu vou me comportar e fazer o que você mandar.”

“Fique aqui em Los Angeles” simplesmente fala ele.

“Isso não” e *simplesmente* replico fechando a cara.

Ele respira fundo e viramos quando mamãe e papai chegam na sala. Ryan faz um sinal com a cabeça para Will e sorri para mim. Sorrio internamente, porque eu acho que para o meu pai está tudo bem eu ir, agora Will tem que assinar o uso do jatinho para eu poder ir.

“Está bem,” ele se vira para mim e diz secamente, “você vai, mas tem um problema.”

“Qual?” Pergunto fitando seus olhos cinza.

“O jatinho que o Ethan foi, não vai voltar para Los Angeles até domingo” fico triste, mas ele continua: “e o que está em Seattle, só volta hoje às duas da tarde e isso — ”

“quer dizer” meu pai completa, “que você vai chegar lá as onze da noite.”

Assinto e viro-me para minha mãe, que fala bem séria:

“Muito tarde.”

Anuo um sim e olho Will. Ele cerra os olhos, parecendo pensar e logo um sorriso atravessa sua face.

“Você quer mesmo fazer isso?”

“Claro que sim, mesmo que eu chegue lá às duas da manhã.”

Ele faz um som com garganta e dá de ombros.

“Então faça sua mala, pouca coisa né. Não é para você se demorar lá.”

Abro um sorriso enorme e abraço ele, depois Cora e meus pais.

“Obrigada por serem menos neuróticos. Sei que a última coisa que

aconteceu, aterrorizou vocês, mas eu prometo fazer tudo certo. E minha nossa” dou risada. “Me sinto uma criança pedindo para andar de bicicleta sem rodinha.”

Eles riem e meu pai diz:

“Mas você sempre será a nossa criança.”

Reviro os olhos e discretamente coloco a mão na minha barriga. Quero ver quando eles souberem que a criança realmente cresceu e agora vai ter uma. Rio e virando para Cora, vejo-a assentir. Ela sabe o que eu estou pensando. Pisco o olho e ela faz o mesmo. Às vezes eu amo demais minha família.

Seis

Ethan

QUINTA-FEIRA, 28 DE JANEIRO DE 2014.

NOVA YORK | MANHATTAN



A ÚLTIMA VEZ QUE ESTIVE EM MANHATTAN EU ESTAVA MUITO FELIZ, pois Victoria estava comigo, mas agora não. Hoje especificamente eu não acordei de cara feliz — como Anton fala — e querendo ser agradável. Viajar de repente sem a chance de comunicar a pessoa mais importante da minha vida foi uma merda. Está sendo uma merda.

Tudo porque meu celular simplesmente parou de funcionar ontem à tarde. Eu não consegui fazer mais nenhuma ligação com ele e nem ver as mensagens... E tenho quase noventa e nove por cento de certeza de que Victoria mandou algumas. Então além de ter que viajar sem falar com ela, estou deixando-a ansiosa sem retornar suas mensagens.

O maldito resolveu dar defeito justamente quando me falaram da viagem, que me pegou desprevenido. Fiquei puto da vida. Morrendo de raiva, mas como o problema é no setor financeiro e de algumas negociações que tinha feito aqui em Manhattan, apenas eu posso resolver.

Mas que se foda tudo isso. O que eu queria naquela hora era ouvir a voz de Victoria e saber como ela estava e se tinha gostado da surpresa. De coração, acho que sim. Ela é romântica e flores, músicas de amor e um urso enorme são coisas românticas.

Cheguei ontem de madrugada, dez para às duas da manhã e não quis ligar para ela. Na verdade, quis apenas dormir. Quando acordei vim correndo para o escritório e pude respirar. Reunião em cima de reunião.

Agora estou sentado na minha mesa com as pernas queimando por ficar sentado na frente do computador tempo demais. São quase quatro horas e daqui a pouco eu tenho uma reunião no Harlem, mas estou mais calmo, apesar de cansado e nervoso porque o celular de Victoria está dando caixa postal.

Linguei do meu escritório para ela, queria dizer onde eu estava e que estava com saudades dela. Queria muito ouvir a voz dela. Resolvi ligar para a casa dela e Margot disse que todos os Colton tinham saído. Desliguei e coloquei o fone no gancho quase o quebrando.

Então pensei que se foda. No caminho para minha última reunião do dia, vou passar na loja de celulares e comprar um novo para mim. Isso é uma

emergência e tenho que falar com ela. Acho que ela também gostaria de ter uma resposta minha depois de quase um dia de ausência.



ENTRANDO NO CARRO mando Raul me levar à loja para comprar a merda de um celular novo.

“Senhor, depois da loja pretende ir para casa?”

Passo minha mão atrás do pescoço e aperto minha nunca deitando minha cabeça no encosto do banco.

“Ainda tenho algumas coisas para resolver no escritório.”

“Okay, senhor.”

Concordo com um murmúrio e Raul atravessa o Central Park pela Quinta Avenida. *Nossa! Eu poderia ir para casa agora* — penso olhando para o meu prédio, que acabamos de passar em frente.

Quase vinte minuto de viagem do escritório até a loja da Apple. Raul para o carro e saio. Ando apressado, cortando os pedestres loucos dessa cidade e adentrando a loja. Vou direto para o departamento de celulares.

Uma atendente educada me cumprimenta e peço o celular. Ela me oferece o mais novo. Eu aceito quase que mandando ela calar a boca e me dando qualquer um.

“A cor prata está boa para o senhor?”

Olho para a cara dela e faço um aceno. “Com certeza é melhor do que o rosa”, falo com ceticismo e a mulher levanta as sobrancelhas, sarcástica.

“Com certeza. O senhor é muito homem para isso.”

Resmungo internamente. Estava tão acostumado a receber esse tipo de cantada e acabar levando a atendente para um motel. Transar com ela até me saciar e foda-se o *depois*. Sem nome, sem número de telefone e nada, mas agora eu quero falar para ela ser mais profissional do que mulher.

“É, de fato. O rosa é para a minha namorada obviamente.”

Os ombros dela vão para trás quando ela apruma a postura e seus olhos perdem o brilho comum que todas as mulheres têm quando me veem. Pelo amor de Deus, isso é ridículo.

“Então o senhor já tinha um aparelho da Apple?” Ela pergunta, agora totalmente profissional.

Assinto e pego o *inútil* no meu bolso do paletó e entrego a ela. Ela mexe no

aparelho por alguns minutos e pede licença. Assinto e ela some por algum beco atrás do balcão da loja, toda branca, iluminada e de vidro.

Observo o movimento de dentro da loja esperando. Coloco as mãos no bolso da calça, assumindo minha postura de saco cheio e arfo quando a vejo voltando, mas sem deixar de dar uma paradinha e falar algo engraçado com outra atendente da loja.

“Bem, senhor. Parece que o seu aparelho sofreu uma corrosão eletrônica. Isso é raro de acontecer com nossos aparelhos, mas eu consegui configurar todos os dados dele para o novo aparelho e já coloquei seu chip.”

Ela me entrega o meu celular novo e aperto o botão em cima do aparelho, à tela se acende e coloco a senha. Vejo se está tudo nele mesmo.

“Certo, obrigado.” Passo meu cartão de crédito para ela.

“Quantas vezes?”

“A vista.”

Ela assente e faz a comprar. Entrega-me uma bolsa com a caixa do aparelho novo e meu aparelho velho. Devolve meu cartão de crédito com o recibo de comprar.

“Obrigada por comprar novamente na Apple. Volte sempre.” Ela pisca o olho na última frase e faz uma voz típica de mulher promiscua.

Novamente faço um gesto simples com a cabeça e sigo meu caminho para fora da loja. Raul, que está fora do carro me esperando — *ele tem essa mania* — abre a porta e entro.

Jogo a bolsa de papelão para o outro lado do banco e digito o número celular de Victoria. *Tuum... Tuuum... Tuuum....* Mais três chamadas depois: “*Este número no momento encontra-se fora da área de cobertura, ou não pode atender no momento. Tente mais tarde.*” A voz do robô eletrônico fala. Odeio essa mulher com todas as minhas forças, e desde moleque quando ligava de Londres para casa.

“Tente mais tarde?” Berro para o aparelho. “Vai tomar no cu.” Xingo e com toda a minha força, para não jogar o novo aparelho longe, coloco-o com a mão tremendo dentro do bolso interno do paletó.

“Está tudo bem, senhor?” Raul pergunta quando para em um sinal de trânsito.

“Não muito. Onde estamos?”

“Ainda na Quinta senhor, só andamos uma rua depois da loja. Está engarrafado.”

“Me conte uma novidade sobre Nova York”, falo e sorrio com desprezo. “Tem como você pegar outro caminho por aqui? Quero chegar logo no escritório e correr para casa depois. Não aguento mais esse dia.”

Eu estou parecendo um velho *reclamão* desde o começo da semana. É tanto trabalho e compromissos, e tantas coisas para serem feitas. Ainda tem Victoria para eu pensar o tempo inteiro e ficar preocupado, mesmo eu sabendo que ela sai apenas para ir à faculdade. Mas eu sou um homem apaixonado e possessivo. Isso quer dizer que ficar preocupado com ela é natural, porém sei que isso é um dos motivos do meu trabalho está atrasado. Deixei muita coisa passar, adiando e deixando de dedicar-me ao meu trabalho. Esses dias distantes estão sendo bom por este lado e agora não aguento mais essa semana. Estou ansioso para chegar amanhã, último dia de trabalho, e poder voar para Los Angeles no sábado de manhã e ver Victoria. Ela queira isso, ou não.

“Podemos pegar a 57th e sair na Avenida Park e seguir.”

“Então vamos por ela e torcer que a Park não esteja tão ferrada quanto a Quinta.”

Ele assente e espera os carros passarem.

Mal entramos na rua 57th — que felizmente é mão dupla — e temos que parar de novo. A rua está abarrotada e eu tenho que me amaldiçoar por essa última reunião, logo na hora do rush. Olho no relógio, cinco horas da tarde em ponto. Hora de fim de expediente, saída de escola, universidade, troca de turnos, pessoas que simplesmente adoram compromissos nessa hora do dia.

Passo de novo a mão na nuca e no rosto. Estou começando a ficar com dor de cabeça. Recosto minha cabeça no banco, fecho os olhos e passo a mão no cabelo que já deve estar uma loucura. Victoria acha sexy meu cabelo despenteado, faz até o favor às vezes dela mesma bagunçá-lo.

A cacofonia do barulho das buzinas está invadindo os vidros do carro e explodindo na minha cabeça. Por que o povo acredita tanto que buzinar vai resolver alguma coisa? *Que merda. Pare de apertar essa merda.*

Deixo minha cabeça cair para o lado e abro os olhos aturdidos com uma motocicleta que cortou a rua na maior facilidade e sinto a arrogância daquele motoqueiro para o resto de nós. *Tchau otários.* Sei disso porque eu fazia o mesmo quando tinha moto em Boston. Eu não ia mesmo ficar indo para faculdade de carro, ir de moto era mais rápido e isso deixava as garotas loucas.

Sacudo a cabeça e olho para a calçada. Uma mulher alta, vestida toda de branco e um casaco pesado de pelo, de sei lá que animal morto, ela carrega um buquê com flores vermelhas, uma bolsa no antebraço e um menino de uns cinco anos saltitando, mas eu não estou focando nela, nem em seu desespero em segurar o filho ou as flores e sim no que está atrás dela.

Aprumo minha postura e aperto os olhos para o prédio pintado de areia com estruturas antigas e vidros claros com bordas prateadas com toldos azuis esverdeados para fora, á cima das vitrines com catálogos das joias. O grande

portal do prédio, onde fica a porta giratória, é enorme, uns três metros de altura, tem o nome em baixo-relevo, Tiffany & Co. Um prédio com estilo moderno e rústico muito elegante.

Algo estala na minha cabeça e me faz abrir a porta do carro e sair.

“Sr. Brown?” Raul me grita. “Senhor?”

Viro-me para ele, que está me olhando com o corpo esticado pela janela do carona com os olhos confusos.

“Estacione o carro. Vou dar uma passada rápida em um lugar.”

Ele assente. “Certo, senhor” diz e sinto que está me achando um lunático, confesso que eu também.

Atravesso a outra pista, do lado direito da rua, acompanhado com mais alguns pedestres estressantes e apressados. Nunca vi lugar com mais pessoas insanas como Manhattan. Todo mundo vive parecendo estar atrasado.

Caminho com passos largos pela calçada, passando pelos pedestres, que me cortavam, seguindo o fluxo da rua e chego na loja. Logo atravesso a porta giratória e entro.

O lugar é muito iluminado e amplo, com espelhos, balcões com vitrines espelhadas e tampo de vidro para permitir verem as joias e relógios. No começo da loja tem os caixas registradores com bancadas de madeira rústica com vasos gigantes de flores brancas em cascatas. No meio da loja, no alto, tem um outdoor com uma fotografia de uma estrela de Hollywood.

Caminho para dentro da loja e chego aonde tem um balcão oval, feito uma ilha no meio da loja com um ilustre que copia um calho de árvore. Uma das duas atendentes vestidas com um uniforme — um terno azul esverdeado — se aproxima e me aborda.

“Boa tarde, senhor. Em que eu poderia lhe ser útil?”

Coloco as mãos nos bolsos e olho para os lados da loja procurando o que eu vim buscar aqui. Olho para a mulher e sacudo a cabeça em negativa.

“O senhor não sabe o que veio comprar? Ou está nervoso?” Pergunta com simpatia, sorrindo.

Respiro fundo. “Eu só quis... vir aqui.”

Ela assente e cordialmente me convida para segui-la até o balcão, onde ela contorna-o e fica atrás dele.

“Se o senhor me permite, posso lhe mostrar a coleção nova de relógios e —”

“Não, eu não quero ver relógio.”

“Hum...” Ela levanta uma sobrancelha e faz um gesto bem rápido colocando a mão na boca, mas logo retoma sua postura. “O senhor tem certeza, mesmo, que não está procurando nada em especial?”

Meus olhos se perdem pelos brilhos das joias no balcão. Olho para baixo e vejo vários anéis. Arfo com força e falo:

“Eu queria um anel... para minha namorada, mas...” faço uma pausa muito longo e a mulher completa:

“Ela é difícil?”

“Não,” respondo rápido levantando a cabeça, “ela é um amor. É fácil presentear-la, mas o problema do anel é complicado.” Balanço a cabeça, não querendo falar para essa estranha o que aconteceu comigo e Victoria.

Os olhos dela se iluminam parecendo ter tido uma ideia. “Que tal o senhor trazê-la aqui. Nós podemos organizar uma seleção de anéis...” ela aperta os olhos. “É para noivado?”

Demoro a responde, porque me perdi em pensamentos, mas digo:

“Sim.”

“Então, seria uma surpresa muito legal. Alguns homens fazem isso quando as namoradas são complicadas ou querem fazer algo divertido. Você pode escolher — ”

“Não. Eu quero que ela escolha, mas tem um problema nessa sua ideia.”

“Qual seria?”

“Ela mora em Los Angeles.”

“Ah, sim. Então o senhor pode fazer isso lá. Nós temos loja em Los Angeles, mas vou logo avisando que custa um pouco caro.”

Assinto e tiro as mãos do bolso para apoiar no balcão.

“Dinheiro não é problema.”

Ela sorri e assente. “Certo.”

Olho para os anéis na vitrine do balcão e tem um muito bonito com um diamante oval enorme e foleado a ouro.

“Esse é muito bonito mesmo.” A atendente pega ele e coloca em cima do balcão, perto das minhas mãos. “É um anel muito elegante, da coleção do designer Jean Schlumberger. Um brilhante que reluz no centro de uma faixa de ouro 18K em forma de corda delicadamente entrelaçada. É uma das características de Jean. Essa peça é muito procurada.”

Com certeza ela gravou as características precisamente do anel. Assinto ouvindo-a. Pego o anel e admiro. Victoria iria adorar, mas não consigo ignorar a sensação ruim que passa no meu peito em comprar um *Tiffany* para ela, de novo. Depois daquele anel de esmeralda é complicado. Tenho medo de ela ficar desconfiada.

Levanto a cabeça e foco na mulher, ainda falando que seria ótimo comprar essa bola brilhante. “...ele gosta de desenhar botões de flor, abelhas ou laços serpenteados de diamantes. É um incrível — ”

“É realmente lindo” digo interrompendo e meneio a cabeça.

“Qual o problema do anel? Tenho certeza que ela iria adorar.”

Assinto, concordando. “Com certeza que sim. É um lindo anel, achei sofisticado e a ideia das cordas é inovador, só que não acho que seria o ideal.” Faço uma pausa. “O problema não é o anel.”

Ela deita a cabeça para o lado, confusa. “O que seria?”

“A loja. Eu já dei um anel da Tiffany para ela e não foi a melhor experiência da minha vida. Por isso não estou seguro em comprar aqui o anel de noivado.”

“Ah, sim. Acho que entendo.” Ela faz uma expressão exasperada e de lamento ao mesmo tempo. Então aproxima o rosto do meu e sussurra: “A Harry Winston fica na 56th. É só virar a esquina, atravessar a rua e entrar à direita. É impossível não achar o prédio da HW.”

Cerro os olhos para ela, descrente.

“Você acabou de me mandar ir a uma loja concorrente?”

Ela dá de ombros e sorri. “Eu vejo que você quer comprar esse anel, então quero te ajudar e não esqueça a Cartier mais acima na Madison com a 69th.”

Rio achando um absurdo o que ela está fazendo, mas fico grato.

“Muito obrigado pela ajuda e eu sei onde fica a Cartier. Vou pensar no que você disse e ver o que vou fazer.”

“Se ela ama você, vai aceitar o pedido de qualquer modo que você a peça em casamento.” Fala sorrindo e gentil. “Seja romântico e sincero.”

“Vou ser.”

Ela me passa um cartão. “Se mudar de ideia pode voltar aqui que te mostro todos os anéis. Talvez vocês possam dar uma nova chance para a Tiffany, mas senão for... Eu prefiro os anéis da HW.”

“Obrigado pelo conselho.”

“E eles fazem essa surpresa de levar a noiva para escolher o anel e com certeza tem uma loja deles na Rodeo Drive. Espere um pouco.” Ela vai até o computador da loja e minutos depois fala: “A Tiffany fica na Rodeo com a Wilshire Boulevard, número 210 e a outra loja” ela cochicha, “na próxima rua, atravessando a Dayton Way, número 310.”

“Isso é muito estranho, mas obrigado de novo. Vou ver o que posso fazer.”

Ela solta uma risadinha e coloca a mão na boca — a terceira vez que faz isso — e diz: “Eu gosto de ver as pessoas felizes e senão vai comprar aqui, tem que comprar na melhor.”

“É a Harry Winston é melhor que a Cartier?”

“Shuu! Fale baixo e sim, eu acho.”

Assinto e pego o cartão dela, leio seu nome rapidamente e coloco no bolso.

“Muito obrigado pela atenção Sarah. Vou pensar em tudo que você disse e se eu não voltar aqui para comprar o anel de noivado, venho comprar as alianças.”

Ela pisca o olho. “Gosto da sua confiança.”

Faço uma cara arrogante. “Não é confiança, é certeza. Eu vou me casar com ela, com ou sem anel daqui ou de qualquer lugar.”

As bochechas dela ficam vermelhas e ela acena que sim, visivelmente emocionada. “Então não vou desejar boa sorte e sim parabéns.”

Assinto e depois de apertar a mão de Sarah saio da loja com uma esperança renovada. Talvez esse papo maluco com uma vendedora que fala para o cliente comprar em outra loja, tenha servido de incentivo para eu ter mais confiança no meu relacionamento. Não importa mesmo que anel eu dê, ou de que marca eu vou comprar. O que importa é o laço afetivo e espiritual que eu e Victoria temos e trocamos há algum tempo. Tenho certeza que vamos ficar juntos para sempre e o casamento é apenas uma formalidade.

Uma formalidade que preciso ter com ela e muito em breve. Quero que o mundo saiba que ela é minha e eu sou dela, mesmo que isso já seja mais do que real. O casamento é apenas um jeito arcaico de mostrar a posse de um homem a uma mulher e no meu caso, de uma mulher também me possuindo. Porque isso é irrevogável. Ela é minha e eu sou dela.



ESTOU CONTEMPLANDO NOVA YORK há cerca de trinta minutos, ou a mais tempo, do alto do meu escritório no centro de Manhattan no vigésimo segundo andar da sede da Colton & Brown N.Y.

Vejo pelas janelas panorâmicas, que vão do teto ao rodapé, o horizonte infinito que se junta ao arranha-céus. Vejo claramente daqui a luz mais forte da Times Square. Respiro fundo e encosto minha mão no vidro, me apoiando.

Estou sozinho no meu andar, todos do setor financeiro e o CEO já foram para casa, mas eu não. Não fui porque minha casa é onde Victoria está e eu não tenho motivo para ir embora. São nove da noite e sei que eu deveria já ter ido embora.

A garrafa na minha mesa de Bourbon está dois copos a menos e eu não deveria trazer bebida para o trabalho, mas trouxe para aliviar a saudade de Victoria. As lágrimas que umedecem meus olhos podem ter a desculpa por eu estar muito cansado, mas não é. Estou abalado com a mensagem de voz que

recebi dela. Notei que ela estava nervosa e fiquei nervoso por não conseguir retornar.

E sem contar a foto do Instagram dela. A foto das flores que eu dei e a frase da música: *Você é o amor da minha vida. @EthanBrown.*

Sorri para a foto e escrevi; *E você é a minha vida @VictoriaRColton.*

Ela é tão linda e delicada. Sou muito sortudo por tê-la na minha vida. Merda. Estou muito desesperado para abraçá-la. Beijá-la. Amá-la.

Depois de socar o vidro da janela, me afasto e escondo a garrafa de Uísque na gaveta, fecho o Notebook, guardo-o junto com alguns papéis — que tenho que revisar em casa — na minha pasta e pego meu paletó, visto e saio da sala.

O corredor até o elevador está escuro, por exceção da faxineira que ainda está limpando o andar e vejo um vulto em uma das ilhas das secretarias quando passo. Sinto-me em um filme de terror. Ainda bem que não sou medroso como Anton, que tudo imagina ter fantasma. Meu irmão é um babaca.

Entro no elevador e respiro aliviado pelo simples fato da musiquinha de ambiente estar desligada. Chego rápido o hall do prédio.

“Boa noite, senhor” diz o guarda-noturno.

Assinto enquanto ele abre a porta de vidro do prédio para mim, digo: “Boa noite.”

“Tenha um bom fim de quinta.”

Faço um gesto com a cabeça e passo por ele. Na calçada vejo Raul do lado de fora do carro, me esperando.

“Me leve naquele restaurante na Madison. Vou comprar algo para eu comer.”

“Certo, senhor.”

Entro no carro e jogo minha pasta para o lado.



Saio do elevador privativo e passo pelo hall antes de chegar à porta, encaixo a chave e giro, abrindo e entrando. Deixo a pasta, jogando a chave em cima e a sacola de papelão com o embrulho da minha janta na mesa da sala de jantar.

Pego o controle geral da casa e ligo o aquecedor. Hoje está muito frio em Nova York. Ligo a televisão também no canal que passa o jogo de basquete e vou até a área de serviço.

“Ei, garoto,” falo chegando perto de Prince. “Senti minha falta?”

Me abaixo e abro o cercadinho de ferro que o deixei preso para não destruir a casa toda enquanto eu trabalhava.

Precisei trazer Prince comigo por dois motivos. Um; ele alivia a saudade que sinto de Victoria, e dois; eu prometi que iria sempre cuidar dele e não é mais do que minha obrigação já que ele é o nosso mascote, ou como dissera nosso ‘filho’.

Ele salta do cercado feliz da vida, pula na minha perna e late disparado. Sorrio e me abaixo para acariciar os pelos dele. Pegando-o no colo vou para sala de estar.

“Vamos assistir um pouco de TV e comer.”

Ele balança o rabo e choraminga assim que o deixo em cima do sofá.

“Também estou com saudade dela.” Assinto falando com ele e quase posso ver a minha cara de lamento. *Isso é tão patético.*

Passando na mesa de jantar, pego o embrulho com a comida e levo para a cozinha servindo em um prato. Coloco um pouco de vinho branco em uma taça e volto para sala. Tiro o paletó e sento-me à mesa para finalmente comer. É minha primeira refeição decente hoje. Sem contar o café da manhã, só comi uma barra de proteína à tarde. Se Victoria soubesse iria reclamar muito.

Na décima garfada meu celular toca. Agradeço internamente a mim mesmo por ter deixado no paletó e não precisar levantar. Pego-o e atendo:

“Oi, Anton.”

“Oi, mano. Como está indo por aí?”

“Frio, cansativo e chato” respondo com um resmungo e como mais uma garfada.

“O ruim de Nova York nesta época é que o clima fica realmente frio. Também não gosto.”

“É!” Faço com sarcasmo e tomo um pouco de vinho. “Só tem isso de ruim em estar aqui no momento.”

Anton arfa com força e fala:

“Victoria conseguiu falar com você?”

“Só por mensagem de voz e uma de texto. Estou tentando falar com ela hoje, mas não tive sucesso. Você sabe dela?”

Ele faz uma longa pausa, que me irrita. “Apenas de que ela está querendo falar com você e ontem tentou te ver.”

Largo a taça na mesa com um cuidado forçado.

“Me ver aonde?”

“Ela foi na sua casa, mas — ”

“Ah... Eu sei disso.” Me levanto da mesa, me sentindo inquieto. “Ela me mandou uma mensagem quando estava na porta da minha casa e eu não estava.”

Ando de um lado para o outro bagunçando ainda mais meu cabelo. “Como você soube disso?”

“Como ela ficou preocupada por você não estar em casa e não atendê-la. Ela me ligou e perguntou onde você estava, então respondi.”

“E o que você disse?”

“Isso foi logo que você pegou o voo, eu acho.”

Put a que o pariu. “E, então? O que você falou para ela?”

“Que você foi para Nova York. Que pergunta idiota.”

“Anton porque você contou para ela? Merda. Ela deve estar enlouquecendo agora.” Digo e mentalmente penso que é por isso que ela não me atende. Deve estar pensando que eu vim para cá porque não a quero mais. Ela sempre pensa essas coisas. Parece que não entende que eu a amo e vou até o inferno por ela. *Oh merda!*

“Calma, Ethan. Ela pareceu estar bem quando desligou.”

Aperto meus olhos com a enxaqueca que estou e viro o resto da bebida.

“Ethan, para de ser neurótico. É por isso que ela precisou de tempo. Todo mundo sufoca ela.”

“Não é neurose, da outra vez que foi mencionado eu vir para cá, ela achou que eu iria vir de vez e foi um drama. Você não sabe de nada.”

“Posso não saber disso, mas sei que você está exagerando *agora*. Tenta ligar de novo e conversa com ela. E antes que você fique mais irritado. Eu disse que foi à trabalho.”

“Antes seria para trabalho também, mas enfim...” Faço um gesto de desdém com a mão e viro-me para a janela da sala e olho para o lado de fora. O sereno frio faz os vidros estarem embaçados e úmidos. “Que seja. Vou tentar ligar de novo e resolver isso.”

“Está tudo bem, irmão. Para de se preocupar à toa.”

Ignoro, porque se não vou falar de quando ele fazia drama com a Jennifer brigando com ele e ficando uma semana, ou mais, sem se falarem. Anton parecia um garoto de cinco anos que perdeu o lanche da escola.

“Está bem. Vou desligar para tentar falar com ela e tomar um banho. Estou muito exausto.”

“Certo, Romeu, oh meu Romeu”, ele brinca.

“Não me provoque.”

“Qual foi? Você me chamava de Romeu quando estava namorando a Jenny.”

Resmungo e subo as escadas, indo para minha suíte tomar um banho.

“Os tempos mudaram e... Anton, eu... estou...” bocejo, “muito cansado de qualquer modo, para aguentar seu senso de humor.”

“Estou percebendo.” Fala sério agora. “Ligue para ela e depois relaxe. Amanhã já é sexta.”

“Nunca almejei tanto um dia na minha vida.”

Ele ri, sem zoeira. “Bem-vindo ao mundo das pessoas grandes.”

“Você falou como papai.”

Anton faz um som de arrogância. “É os anos de maturidade.”

“Muita mesmo.”

“Não ferra, Ethan. Boa noite e amanhã nós nos falamos.”

“Claro. Tchau.”

Ele se despede e mal encerrando a ligação, chamo o número de Victoria, mas de novo dá fora de área. *Que infeliz operadora ela está usando?* Vou trocar essa merda assim que puder. Deixo o celular na bancada da pia dos espelhos do banheiro, tiro a roupa e entro no banho.

O jato de água quente atinge minha pele e me causa um alívio enorme. Meus músculos contraídos de tanto ficar sentado na mesa do escritório, ou no carro atravessando a cidade, retesam e absorvem a força do jato que deixo cair mais nos ombros e no pescoço fazendo uma espécie de massagem.

Passo sabão no corpo, me lavando, lavo o cabelo bem rápido e fico mais um pouco debaixo d’água. Aperto os músculos tensionados na minha nuca e estalo o pescoço. Tento não pensar de novo em Victoria, mas falho. Preciso vê-la.

Pego a toalha e saio do box, fechando a porta do blindex que corta a neblina da fumaça da água quente. Depois de me enxugar rápido escuto um barulho no andar debaixo.

“Merda”, xingo, porque provavelmente Prince está aprontando e lembro que deixei a comida na mesa. Enrolo a toalha na cintura e desço de dois em dois as escadas. “Prince!” Chamo-o com voz de comando.

Ele logo aparece e com a cara toda suja do macarrão que estava no meu prato que vejo em cima da mesa *limpo*.

“Olha o que você aprontou?” Pego as coisas da mesa e levo para a cozinha falando com ele como se me entendesse. “Já disse que cachorro come ração, não comida de gente. Se você ficar doente, ou passar mal, Victoria vai me culpar.” Olho para baixo, onde ele está sentado ao meu lado balançando o rabo bem devagar. “Não me olha com essa carinha de cachorro bonzinho. Ela acredita em você, mas eu não. Hoje você não vai dormir na cama comigo.”

Ele deita a cabeça de lado e de repente se levanta e corre pela casa.

“O que foi?” Fecho a torneira da pia. “Eu não vou bater em você, carinha.” Vou atrás dele e o encontro parado olhando para a porta do apartamento. “Você quer ir na rua. Há essa hora?”

Mal pergunto e escuto a campainha tocar. Franzo a testa e assim que abro a

porta sou abordado por braços me envolvendo e apertando forte meu pescoço. Os cabelos voam em minhas vistas e demora alguns segundos para eu ter noção de que *ela* está aqui.

Respiro fundo, sentindo seu cheiro de flores e baunilha. Morango. Fecho os olhos e envolvo seu corpo com meus braços, bem forte, sentindo seus seios se apertarem no meu peito nu e o dela com um casaco de couro marrom. Posso sentir seu coração tão acelerado quanto o meu. Suas mãos se agarram em meus cabelos e as minhas alisam seu corpo, sentindo suas curvas — que eu tanto amo.

Ela está aqui. Ela está aqui. Ela está aqui.

Enrosco seus cabelos no meu punho e sinto quando ela soluça nos meus braços e a umidade no meu ombro quando ela encosta a testa no meu pescoço. Beijo seus cabelos e puxo-a para dentro de casa.

Porque *agora sim* aqui é uma casa. Um lar. Porque eu tenho *ela* aqui comigo.

“Senti tanto sua falta”, Victoria sussurra e beija meu ombro.

Sete

Victoria

QUINTA-FEIRA, 28 DE JANEIRO DE 2014.



ASSIM QUE AS PORTAS DO CARRO SE ABREM e Ken sai do lado do carona deixando Jorge no volante ainda, saio também do carro e corro para a recepção do prédio de Ethan. Passo pelas portas de aço dourada quando o porteiro abre e chego à recepção ofegante.

“Eu gostaria de ir à cobertura.”

A mulher que está no turno da noite me olha com o rosto franzido. Deve estar me achando uma louca.

“Boa noite, eu não entendi o que você quis dizer.”

Respiro fundo, tentando manter a calma.

“Eu quero ir no apartamento de Ethan Brown, na cobertura.”

Ela assente de modo automático e coloca a mão no fone que liga para os interfones do prédio.

“O senhor Brown está lhe aguardando?”

Uma quentura sobe pelas minhas veias e arfo com força.

“Eu sou a *prin...*” freio antes de soltar *princesa* e reformulo a frase. “Eu sou a namorada dele.”

“Ah sim, claro. Espere um segundo que vou chamar o interfone da cobertura.”

Como assim chamar o interfone? Eu não preciso disso.

Bato o pé fazendo birra que nem criança e mordo o canto da boca para não ofender a moça. Ela não tem culpa que estou desejando ter os poderes da mulher maravilha e voar até o décimo sétimo andar do prédio.

“Olha, parece não ter ninguém, porque está chamando e chamando sem resposta.”

Fico agoniada e minha respiração fica afogada no meio do peito.

“Tente de novo.”

Ela dá de ombros. “Lamento, mas ninguém está atendendo.”

Resmungo fazendo um som desesperado com a garganta e sinto uma mão no meu ombro.

“Sabe que você não precisa disso, Victoria”, Ken fala baixo.

Viro rápido meu rosto para ele e franzo a testa sem entender. “Como assim?”

“O apartamento anexo que ele comprou embaixo do dele, é seu.”

“Meu?”

“Ele colocou no seu nome. Você pode ir até ele quando quiser.”

Se é possível, enrugo mais a testa. *Como assim o apartamento é meu?* Ethan nunca falou nada disso para mim, mas eu sabia que ele comprou um apartamento no andar debaixo do dele para hospedar os nossos seguranças, que querendo ou não, foi por mim. *Ai meu Deus!* Coloco a mão na boca surpresa.

“Por que ele colocou no meu nome?”

Ken dá de ombros e balança a cabeça. “Eu acredito que não foi apenas para ter um móvel seu aqui. Pelo que eu sei, ele tem dois andares de apartamento nesse edifício, mas quis colocar esse no seu nome.” Assinto sem reação. “Mas o importante agora não é isso e sim que eu tenho a chave do apartamento e posso entrar quando quiser.”

“Tem certeza?”

Ele assente e se vira para a recepcionista.

“Obrigado pelo seu atendimento, mas não precisamos mais dos seus serviços.”

“Como assim senhor?”

“Eu tenho um apartamento aqui, na verdade é dela” ele aponta para mim, “e eu estou com a chave.”

Ela nos olha desconfiada. “Se sabia disso. Por que pediu permissão antes?”

“Porque ela quer ir até o apartamento do namorado dela.”

“Ah tá.”

“Enfim, obrigado pela atenção e passar bem.” Ken diz e coloca a mão em minhas costas me guiando para os elevadores.

Quando nos afastamos mais a mulher fala com a voz ao longe. “Amanhã passarei um interfone para o apartamento de vocês.” Ela faz uma pausa. “E qual é o número mesmo?”

“Dezesseis C.”

“Anotado.”

Dando uma última olhada para ela, espero as portas do elevador se fecharem e viro-me para Ken, e sorrio.

“Ela ficou brava.” Digo e ele rir. “E você é incrível às vezes, mas está esquecendo uma coisa.”

“O que senhorita?”

“Ethan mora na cobertura e só tem como entrar lá pelo elevador privado. Eu não lembro a senha.”

Ken sorri e balança a cabeça. “Não mesmo. Quando chegarmos ao andar do apartamento anexo, pegue as escadas de emergência. Lá terá uma porta que tem

que abrir com uma chave para quem entra na cobertura.” Ele mostra uma chave feito um imã. “Essa chave. Quando abrir a porta você sairá no hall do senhor Ethan.”

Respiro aliviada e se ele não fosse um chato eu daria um abraço de agradecimento.

“Muito obrigada, Ken.”

Ele assente e sorri com gentileza. “Não há de que, mas você deve agradecer ao Sr. Brown. Esse acesso foi ideia dele. Um caminho rápido e seguro para chegarmos a cobertura, se houvesse necessidade.”

Assinto e sorrio feliz. Meu príncipe pensa em tudo.

E logo que as portas do elevador se abrem, corro para as portas das escadas de emergência sem pensar duas vezes ou olhar para trás. Sei que Ken e Jorge estão entrando no apartamento que é dos seguranças. *Ou meu apartamento.*

Como Ken disse, ao abrir a porta dentro das escadas dou de cara com o hall da cobertura. Depressa vou até a porta larga de madeira escura. Meu coração bate muito forte e minha respiração está ofegante por subir correndo os vinte degraus até aqui. Sem pode esperar mais aperto a campainha.

“Abre logo a porta Ethan.” Murmuro.

Alguns minutos... Escuto passos, um latido ao longe — Prince — e o trinco da porta sendo tirado e enfim a porta se abrindo. Tudo parece ter acontecido em câmera lenta. A imagem de um Ethan despenteado e úmido, braços longos e um torso esculpido, apenas com uma toalha pesada presa na cintura deixando os pelinhos pubianos pouco à mostra, vai se materializando e me deixando tonta.

Tonta de felicidade.

Tonta de amor.

Tonta de desejo.

Tonta por ele *inteiro*.

E logo me jogo para ele. Abraço-o com toda a força que consigo, mas sem querer machucá-lo. Sinto o aroma fresco do sabonete, sua pele fresca do banho recém-tomado e enterro meus dedos nos seus cabelos macios e agora levemente molhados. Inspiro seu *cheiro* único. O cheiro do meu Ethan atinge com força meu corpo.

O alívio por estar nos seus braços é muito grande, tão grande que deixo a emoção tomar conta de mim totalmente. Toda a conversa que tivemos quando descobri o rastreador vem na minha cabeça e a dor é grande demais por termos brigado e mesmo assim, nosso tempo afastados foi bom. Espero que para ele também.

Eu não quis feri-lo ou machucá-lo, mas sem querer sei que pressionei uma situação que ele não queria. Me deixar ficar longe. A coisa que mais o

apavorava, mas agora meu respeito e amor por ele superou tudo. Ele provou que pode estar ao meu lado quando eu estiver caindo aos pedaços. Que pode abrir mão para minhas necessidades e isso eu não tenho nem como pensar em pagar, a não ser com meu amor eterno por ele.

O amor que sinto correr em minhas veias a cada segundo. O amor que faz meu coração bater forte demais e ilumina minha alma. Ethan é meu amor eterno e eu vou cuidar para ser infinito. Só que ele precisa deixar eu ajudar a correr atrás da minha liberdade. Deixar eu lutar junto com ele, não à espreita dos seus esforços e do resto da minha família.

Ainda em seus braços, deixo as lágrimas caírem. Elas primeiro molham meus cílios e logo meus olhos ficam cheios demais e transbordam. Meu corpo treme levemente e sinto os pingos caírem no ombro dele. Ethan me aperta em seus braços e sinto meus pés flutuarem quando ele me puxa para dentro do apartamento e a porta se fecha com uma leve pancada.

Com o calor do seu corpo no meu, aperto seus cabelos e murmuro o quanto senti a falta dele e ele beija meu pescoço e murmura também:

“Eu também senti saudade de você, meu amor. Demais.” Me beija de novo. “Eu amo você loucamente e não sei viver sem você, Victoria.”

Fungo emocionada e afasto meu rosto do seu ombro para olhar seus olhos. Tão azuis e profundos. Sinto seu amor na minha carne, no meu coração, profundamente em minha alma tão entregue a ele. *Por inteira.*

“Eu também amo você e claro... claro que viver sem você é impensável, amor.” Balanço a cabeça e forço minha voz a sair. “Eu queria te ver ontem e dizer pessoalmente que você também é o amor da minha vida. Aquelas músicas... as flores e o urso.” Sorrio entre o choro. “Tudo foi tão lindo, Ethan.” Pisco para desembasar meus olhos. “Você é tão maravilhoso e... meu, só meu.”

“Para sempre, minha princesa. Sou seu eternamente. Você não sabe o quanto que te quero.”

Sacudo a cabeça porque ele está errado. Eu sei o quanto ele me quer *sim*, porque eu também o quero do mesmo jeito. Ele segura meu rosto com carinho e nossos lábios se encontram depois de parecer ter passado muito, muito tempo sem senti-lo. Quase uma eternidade.

Sua boca acaricia a minha com uma leveza que me emociona e um nó se forma em minha garganta. Abraço-o ainda mais e deslizo as mãos em suas costas. Sentindo seus músculos. A temperatura do seu corpo se aquece e eu quero arrancar o casaco do meu corpo para apenas o calor dele me aquecer.

Sua língua faz um rastro molhado sobre a minha boca e abro-a para ele enfiar sua língua. Gemo ao sentir seu sabor. Meu Deus, se em cinco dias em senti que o mundo deixou de girar, imagina uma vida sem isso, sem ele. Nunca.

Nunca mais vou ficar sem ele de novo. De forma alguma.

Nosso beijo é ardente e elétrico. O agarro com força. Tenho uma grande necessidade de ter ele dentro de mim neste exato minuto. Preciso muito sentir ele me amando e possuindo meu corpo.

Afasto meus lábios dos seus e olho seu rosto.

“Eu te amo tanto.” Profiro de forma ardente.

Ethan abre um sorriso carinhoso e seus olhos estão escuros de desejo, mas então eu sinto algo bater em minhas pernas. Franzo a testa e me afasto rápido.

“Oi, meu fofinho.” Abaixo meu corpo e pego Prince. “Oh peludo! Eu senti sua falta também,” ele lambe meu rosto, mas afasto da minha boca, rindo. “Eita, calma. Eu estou aqui agora.”

Escuto Ethan sorrir e viro meu rosto para ele, abrindo um sorriso também.

“Eu disse que nós estávamos com saudades.”

Meu rosto fica quente com o sorriso alegre e me agarro a ele de novo com Prince no meio, lambendo nós dois.

“Eu sei que sim e eu também estava.”

Ele assente.

Olho nosso cachorro de novo e pergunto: “Por que ele está com cheiro de alho, queijo e macarrão?”

“Parece que enquanto eu estava tomando banho ele quis comer minha janta.”

Minhas sobrancelhas se erguem, acusatória.

“Eu estava falando com Anton enquanto jantava sobre você e fiquei irritado por ele ter falado que eu estava aqui para você.”

Franzo o cenho. “Por quê? Você não gostou — ”

“Não, eu amei você estar aqui,” ele me corta e coloca o dedo na minha boca para me impedir de falar de novo. “Foi a melhor surpresa que eu poderia ter recebido depois de tantos dias de trabalho, tanta irritação e tantas tentativas de falar com você em vão.”

“Mas amor, eu também tentei ligar para você e muito. Por que não me atendeu anteontem?”

Ele respira fundo e mexe no cabelo nervoso. “Meu celular estragou e só fui notar isso de noite e bem na hora que recebi a ligação para vir para cá. Fiquei putado da vida. Queria muito falar com você e saber se tinha recebido as flores.”

Sorrio com a lembrança das flores e as músicas. “Nossa e como. Eu amei do fundo do meu coração. Você é o melhor namorado do mundo.” Trocamos um beijo rápido. “E sobre as ligações. Parece que nos desencontramos, porque quando você estava vindo para cá, além de estar sem celular, eu não iria mesmo conseguir falar com você. Depois, você estava trabalhando e tentou ligar para

mim justamente quando eu estava no voo.” Dou de ombros. “Eu queria ter chegado mais cedo, mas tive que — ”

“Não me diga que veio fugida de Los Angeles. Eu amei a surpresa, mas não quando isso a coloca em perigo.”

Pisco os olhos fazendo uma careta.

“Claro que eu não vim fugida. Eu tive que passar por um comitê e pedir permissão para chegar até aqui, mas... Não importa. Eu só queria chegar aqui e te ver. Te beijar e disse que eu sinto muito mesmo.”

Ele cerra a mandíbula e seu rosto mostrar arrependimento. “Não. Eu não quero que me peça desculpas. O erro foi meu e...” Balança a cabeça e desvia os olhos, fugindo de mim. “Eu nunca me arrependi tanto de ter feito uma coisa.”

Deixo nosso cachorro no chão, volto-me para Ethan e pego seu rosto entre as mãos. Faço olhar meus olhos de novo e digo ficando emocionada.

“Eu... eu quero que saiba que não importa. Meu amor é muito maior que isso, Ethan.”

Ele beija minha testa, me abraça bem forte e segura firme minha mão, me levando para as escadas.

“Vai deixar Prince aqui?”

Ele sorri com milícia. “Victoria, o que eu vou fazer nas próximas horas, não desejo que ele assista.”

Mordo meu lábio e me aproximo dele. Então sou pega de surpresa quando meus pés são tirados do chão. Dou um gritinho e me agarro a ele. Enquanto ele me leva para o andar de cima, beijo seu pescoço e ao chegarmos no quarto ele me deixa perto da cama.

“Ethan nós temos que conservar.”

Ele assente, mas parece muito distraído em abrir meu casaco e tirá-lo de mim.

“Eu sei que temos. Tenho muita coisa para falar, mas agora eu quero fazer amor com você a noite toda e esquecer de tudo. Menos do nosso amor.” Fita meus olhos. “De nós dois.”

“Mas eu tenho que falar — ”

“Shu... Agora não princesa.” Ele puxa meu vestido preto de manga longa por cima da minha cabeça. “Eu estava morrendo de cansaço, mas te ver na minha porta com essas botas e recebendo seu abraço quentinho fez toda minha energia voltar. Então preciso aproveitar este momento, aqui e agora com a minha mulher mais linda e sexy.”

O ar escapa dos meus pulmões e já estou fígada. Com urgência, não espero ele tirar meu sutiã, eu mesma faço e arremesso para longe. Seu desejo é o meu. Seu fogo me aquece e assim como meu corpo é dele, o seu é todo meu.

“Então faz de mim o que quiser. Sou toda sua.” Sussurro tentando ser sedutora. Ele abre um sorriso enorme quando digo isso e puxo sua toalha fora do seu corpo. Meu Deus. O seu corpo me causa umas coisas indescritíveis.

“Isso eu já sabia e o jeito que você está segurando meu pau quer dizer: você é meu também.”

Rio e aperto sua enorme ereção mais um pouco.

“Mas isso nós já sabíamos também, Watchman.”

Agora ele ri e me joga na cama.

“Achei que você não se lembrava mais desse apelido, meu anjo travesso.” Ele vem para cima de mim engatinhando.

“É claro que lembro. Vou lembrar até ficar bem velhinha que meu amor era um stalker.”

Seus olhos se escurecem e ganham um brilho estranho, um brilho que eu conheço. Algo passou na cabecinha dele e isso queima dentro de mim. Porque Ethan não sabe fazer surpresas, ele sabe é me causar um pequeno infarto sempre.

Não tenho muito tempo para pensar sobre seu olhar, porque ele aperta minha cintura me fazendo cócegas. Dou uma gargalhada e sou silenciada com um beijo casto cheio de significado. Eu amo os beijos dele, ninguém sabe beijar melhor do que ele. Sou uma mulher cega, louca e profundamente apaixonada por este homem.

Ethan coloca uma mão atrás da minha cabeça, me pondo imóvel e do jeito que ele quer. Sua língua se enfia na minha boca, me dando um beijo profundo. Ele suga minha língua e lambe meus lábios para depois morder de leve. Sua barba me arranha. Ele a aparou e conforme me beija ferozmente ela raspa a pele sensível do meu rosto, começo a sentir minha calcinha molhar.

Passo minhas pernas pela cintura dele, enlaçando para puxá-lo para baixo. Ele esfrega seu pau em mim por cima da minha calcinha. Gemo quando ele faz um movimento lento de vai e vem, me preparado. O desejo que se ascende dentro de mim é arrebatador.

“Ethan... Quero você, amor...” odeio a voz suplicante que sai. Fecho os olhos e cravo as unhas nele, pois sei que está longe dele me penetrar.

“Calma, meu bem. Você já vai sentir eu dentro de você, mas sem pressa, quero te preparar.”

“Eu já estou pronta.”

“Não está não e eu não quero te machucar.” Ele beija minha clavícula. “Nunca.”

Com todo carinho do mundo, ele distribui beijos nos meus ombros, clavícula e desce para os meus seios. Fecho os olhos quando sinto sua língua neles e gemo quando ele chupa e morde de leve.

Agarro com força o lençol da cama com os braços esticados e deixo Ethan fazer o que quiser comigo. Ele desliza as mãos para a renda da minha calcinha com sua boca — possessiva — marcando minha pele. Ele puxa a lingerie e me beija. Puxa mais para baixo e beija de novo enfim para e tira a peça de mim. Minhas botas o impedem de beijar o meio das minhas coxas.

“Essas botas são incríveis e te deixam gostosa demais, mas é ruim por outro lado.”

“Por quê?” Pergunto fingindo inocência.

“Porque eu não posso beijar essas pernas maravilhosas e nem suas coxas macias”, diz e aperta minha bunda levantando meu corpo para enfim minhas pernas se prenderem a ele pela cintura enquanto ele está de joelhos no meio da cama.

Ele está tão lindo. Seu olhar quente e possessivo. Não resisto e me sento na cama, mesmo com as pernas para cima, circulando e toque seu corpo.

“Ainda bem que você não tem nada para me impedir de te apreciar e saborear.”

Ethan sorri e põe as mãos em cima das minhas que estão alisando seu torso musculoso. Faço uma linha imaginária com as pontas dos meus em sua pele e quando passo em cima do seu mamilo ele solta um som, uma mistura entre um rosnado e gemido. Quando vejo, sou puxada para cima. Ele senta-se sobre as pernas dobradas e corre uma das mãos até minha bunda e a outra na minha nuca e me beija com desejo e uma fúria enlouquecedora. Quero-o tanto. Gemo me esfregando nele, passando meu clitóris inchado e sensível na cabeça do seu pau. Eu não sei como ele ainda *apenas* me beija. Seu autocontrole me assombra e me deixa ainda mais excitada e sedenta por ele.

Sua mão na minha bunda procura meu sexo e então ele *brinca* comigo. Deixo de beijá-lo ao jogar a cabeça para trás gemendo.

“Ethan...”

Então com um beijo no meu pescoço, sou arremessada na cama como se fosse uma boneca. Rio e abro os braços para ele. Ethan me beija e pede para eu ficar bem em cima, encostando minhas costas na cabeceira da cama — que é acolchoada igual a de Los Angeles.

Fico como pediu e ele abre bem minhas pernas. Minhas botas de camurça preta é um contraste com o tom das nossas peles, mesmo com apenas as luzes do banheiro acesas e da cidade entrando pelas janelas consigo ver tudo nitidamente e quando menos espero Ethan fica no meio das minhas pernas e baixa o rosto...

“Ah!” Grito quando sua boca abre os lábios do meu sexo para poder me chupar. O desejo ardente em estar com ele de novo é incrível. Agarro seus cabelos e bato a cabeça na cabeceira da cama quando ele enfia sua língua em

mim. Ele segura meus tornozelos para eu não fechar as pernas e continua a me lambar e chupar tão... gostoso.

“Senti falta do seu gosto”, ele murmura com a voz afogada, “falta dos seus sons. Você é tão gostosa, meu anjo.”

Fecho os olhos e aperto mais seus cabelos me esfregando na sua boca e sua língua faz círculos no meu clitóris. Sexo com Ethan é bom de todos os jeitos, não interessa se fazemos amor, fodemos, transamos, oral e até amassos. Tudo sempre vai além dos nossos limites. Ele me deixa maluca principalmente quando fica falando. Acho maravilhoso que sempre pensa em mim primeiro.

Minhas pernas começam a tremer, meu coração fica descontrolado e minha visão turva. Volto a bater a cabeça na cabeceira quando o orgasmo atinge meu corpo queimando tudo como lava e meus gemidos de: assim, continua, estou gozando... Soam distorcidos em meio a minha respiração ofegante.

Estou sensível e muito quente. Ethan para de me lambar e beija minhas coxas, onde pode e ergue o corpo. Ficando sentado me puxa um pouco e nos encaixa. Deixa meus pés atrás dele, perto dos quadris e a ponta do seu pau roça em mim. Suas mãos alisam e chagam a minha cintura. Fecho os olhos brevemente e sinto cada centímetro seu entrando em mim.

Estamos perfeitamente conectados, como fossemos peças de um quebra-cabeça. Envolver com força seus quadris com minhas pernas e sinto suas coxas fortes embaixo de mim. Meus braços estão nos seus ombros e os dele me abraçando pela cintura, me puxando cada vez mais ao seu encontro. Seu pau entra e sai em um vaivém lento e suave. Deixo minha cabeça cair para frente mordendo os lábios e ele acaricia meu rosto com o dele.

“Ah... como isso é bom.” Sussurro. “Como eu te amo.”

Escuto-o resmungar um riso e enfio os dedos nos seus cabelos.

Então ele acelera e só existe o som das nossas respirações e gemidos. Do farfalhar dos lençóis e bem distante o chiado das molas da cama. Estou ofegante e mesmo com ele dentro de mim assim, sinto que está faltando algo. Puxo o ar duas vezes, engulo e digo:

“Está tão bom, amor, mas eu quero mais.”

Ele estoca me fazendo pular e arregalo os olhos fitando-o.

“Quer mais? O quê?”

“Quero sentir o peso do seu corpo em cima de mim.” Digo com o rosto afastado do dele e fitando-o.

Ethan sorri com ternura e seu olhar diz tudo. Ele sabe do que estou falando. Quero fazer amor. Sentir seu peito pressionar os meus seios, minhas pernas circulando seu quadril e suas mãos no meu rosto e cabelos me fazendo carinho enquanto chegamos à plenitude do prazer de um homem e uma mulher juntos.

Arrastando os lábios suavemente nos meus me dando um beijo suave, ele passa um braço por trás do meu corpo e sem esforço algum, nos move na cama. Deita meu corpo e fica por cima. Meus cabelos ficam esticados nos travesseiros acima de nós, porque estamos no meio da cama agora. Ele sai de dentro de mim e eu protesto.

“Calma, princesa. Se quer fazer amor vou tirar suas botas. Vou guarda o que eu quero fazer com você vestida com elas para depois.” E dá um sorriso sacana.

Mordo o lábio para não abrir muito meu sorriso e assisto-o tirando as botas e — claro — jogando para o lado da cama, sem se preocupar com nada. Suas mãos passam ao longo das minhas pernas e então ele volta a cobrir meu corpo com o dele. Ethan me beija com todo carinho e flexiona a pélvis fazendo seu pau entrar bem fundo. Gemo e ele puxa para trás saindo e volta a meter lentamente me fazendo arquear as costas. No seu ritmo, lento, ele estoca para dentro com firmeza e tira numa lentidão enlouquecedora.

“Ethan”, seu nome escapa dos meus lábios e abro os olhos, querendo vê-lo e um desabafo brota de dentro do meu peito e começo a falar. “Eu te quero tão profundamente.” Respiro e coloco a mão no seu rosto. “Eu não me importo com o que você fez. O mais valioso é o nosso amor e quer saber de uma coisa? Pode me por rastreador dos pés à cabeça,” meus olhos enchem d’água e ele mais do que depressa limpa as lágrimas que escapam. “Porque o medo de te perder ou me tirarem de você é muito maior. Eu queria que fosse mais fácil. Só nós e nada mais, mas não é e olha...” levanto a mão mostrando o anel que eu não tirei. Eu nem pensei em tirá-lo por mais estranho que isso pareça.

Vejo que ele fica surpreso. Seus movimentos param e seus olhos voltam para mim, marejados. Meu coração se aperta e faço um carinho no seu rosto.

“Eu ainda estou com ele, Ethan. Porque eu acreditei nas suas palavras e elas foram valiosas para mim mais do que tudo. Você é um homem maravilhoso,” respiro para recuperar o fôlego, mas deixo as lágrimas escorrerem. “E eu sou tão sortuda. Desculpe por tudo, me segure Ethan” abraço ele com força “e nunca, nunca, nunca me solte.”

Nós estamos chorando baixinho e seus braços me apertam — me tirando um pouco da cama. Ele limpa a garganta umas duas vezes e beija meu ombro, meu pescoço até que fala:

“Eu nunca vou deixar tirarem você de mim, eu prometo.” Ele sobe o rosto e mesmo com as próprias lágrimas escorrendo ele se preocupa em limpar meu rosto, beijando minhas lágrimas e se afasta para fitar meus olhos. “Eu seria louco se deixasse você escapar de mim. Eu não sabia que meu coração era oco. Agora ele é preenchido por você, então... sem você eu não sou nada. Obrigado por voltar para mim.”

“E para onde mais eu iria? Você é a minha vida...” sussurro emocionada. “Você não é meu amor do coração, Ethan. É da minha alma e onde quer que você vá, eu estarei com você e espero que você também esteja onde eu estiver, mesmo que seja muito assustador. Nunca me deixe.”

Ele arfa igualmente emocionado de boca aberta e diz:

“Nunca vou deixar e eu não preciso de rastreador. Porque o nosso amor é mais forte que qualquer coisa.” Ele engole em seco. “Eu... eu vou atrás de você em qualquer canto. Vou correndo sem olhar para trás e não vou temer esquecer o caminho de volta, porque não há caminho de volta a não ser do meu coração para encontrar você — *o seu coração*. Você é o meu caminho, minha estrada, meu guia, a minha luz. Sem você eu não existo e jamais, nada...” a veia do seu pescoço martela a pulsão acelerada. “Nada vai nos separar.”

“Nada” repito, “nunca. Você e eu para todo o sempre. Juntos para tudo.”

Ele assente e me dá um beijo carinhoso voltando a acariciar-me com sua boca e seu corpo. Mesmo com a emoção que nos tomou o desejo não passou, acho que aumentou. Sinto a cabeça macia do seu pau voltar a passear meu núcleo, agora em um vai e vem reverente e carinhoso. Estou sensível e como antes estava quase gozando, suas investidas agora me levam à beira do abismo.

Suas mãos fazem carinho no meu corpo e no rosto. Fitamos os olhos um do outro abro a boca, provocando um beijo. Trocando o ar que respiramos e arfo conectada a ele. Grunhimos juntos quando ele mete tudo. Eu gemo enterrando meu rosto no seu pescoço e mordo de leve seu ombro quando ele dá uma estocada com força, soltando meu nome em meio a um rosnado. Sua boca beija meu queixo e lambe meu pescoço quando jogo a cabeça para trás.

“Isso é tão gostoso.” Ele murmura arfante. “Você aperta meu pau tão gostoso, princesa. Minha nossa.” Ele mete e pega minha cabeça para poder me beijar.

Ele mexe os quadris em um ritmo tão bom em suas estocadas implacáveis. Sinto o calor no meio do meu peito queimando minhas veias e chegando até o meu ventre. Incapaz de formar alguma palavra, apenas grito enquanto gozo deliciosamente com ele ainda metendo em mim, mas ele toma velocidade e sinto seus músculos retesarem sobre minhas mãos que estão nos seus braços, ombros e costas. Ethan goza violentamente dentro de mim com um grunhido selvagem.

Suas mãos seguram meu rosto com carinho quando ainda tentamos recuperar o fôlego. Seu beijo no canto da minha boca me toca profundamente e o abraço apertado. Seus lábios acariciam os meus e ele morde o inferior, depois mergulha a língua na minha boca em um beijo delicioso.

Nós nos beijamos por longos minutos e me sinto flutuar com seu amor. Nossos corpos estão escorregadios de suar, mesmo com o frio, mas tenho que

lembrar do aquecedor e como Ethan é quente.

Não sei quanto tempo nos beijamos, mas percebo que seu pau está novamente endurecido dentro de mim e ele faz um movimento lento, distraidamente, apenas aproveitando nossos corpos unidos assim. Paramos de nos beijar e nossos olhos estão fixos. O azul turquesa dos seus lindos olhos brilham de euforia. Um tremor passa por seu corpo e se retesa quando cravo minhas unhas no seu ombro.

“Você já quer mais?”, pergunto arqueando as costas para encostar meus seios no seu peito e minha pélvis se eleva a procura da fricção.

“Eu sempre quero mais com você e não negue que você também.”

Sorrio e ele nos gira na cama para eu ficar em cima dele e começamos tudo de novo, mas agora no meu ritmo. Movimento meu corpo suavemente, deslizando ele dentro de mim devagar. Sentindo ele me possuir e me entregando para ele. Caio para frente e junto nossos lábios de novo enquanto fazemos amor apaixonadamente.



SEXTA-FEIRA, 29 DE JANEIRO DE 2014.

MEUS BRAÇOS PARECEM ACORDAR PRIMEIRO QUE EU. Eles vão para cima fazendo uma saudação ao sol, meio ruim. Tomo uma respiração profunda e sorrio de olhos fechados. Será que ontem à noite foi um sonho? Ou eu tive mesmo uma das noites de amor mais linda da minha vida com o *amor da minha vida*.

Abro um olho, espiando o ambiente e dou de cara com um lustre de Led triangular cor de granito, muito masculino e a cara do *meu amor*. A fragrância da sua colônia está muito forte para vir do único travesseiro que eu guardei no meu quarto quando ele me visitava em casa, as raras vezes que ficava comigo no meu quarto. Então sim, tudo ontem foi real e estou dolorida nos lugares certos.

Ergo meu corpo me sentando na cama e dou uma olhada pelo amplo quarto de Ethan. O aquecedor está ligado. Passo as mãos nos cabelos, ajeitando e notando que estão embaraçados. O que é esperado depois de tanto que fui puxada para baixo e arremessada para cima. Faço um nó com eles e quando levanto os braços, olhando para a janela distraída, vejo um papelzinho no abajur do lado da cabeceira de Ethan.

Querida, tive que ir trabalhar e você estava tão linda dormindo que não quis acordar. Fora o fuso horário – para você ainda eram quatro da manhã.

Então aqui está meu recado. Tome seu café da manhã quando levantar e ligue para mim. Eu te amo muito e ainda estou com saudades para compensar, então se prepara quando eu chegar em casa.

Solto uma gargalhada e beijo o bilhete tão romântico e safado do meu príncipe.

Assim como ele, eu também estou com saudades acumulada para passar horas e horas com ele me amando do jeitinho que só ele sabe. Horas sendo beijada, recebendo carinho e mimo e sentindo a maravilhosa sensação dele dentro de mim.

Só que antes de nós passarmos horas beijando, transando e trocando carinho, tem alguém que precisa ser revelado ao mundo. Afago minha barriga enquanto saio da cama e vou para o banheiro.

“Assim que ele chegar hoje, vou falar a grande surpresa para o seu pai, *pingentinho*”, penso em voz alta e acaricio meu baixo ventre.

Faço minhas necessidades, e logo entro no banho. A água quente atinge meu corpo e gemo porque meu corpo está levemente dolorido em todas as partes e olhando meu seio direito vejo uma marquinha de dentes. Rio passando a mão e depois fecho os olhos para lavar o cabelo. Ainda bem que deixei o shampoo e condicionar que comprei aqui. Acabo de tomar banho e me seco.

No *closet*, visto uma calça de flanela do Ethan e uma camisa de manga longa. Minha mala ainda deve estar com Ken. Vou resolver isso depois que eu comer alguma coisa, meu estômago está roncando. Calço um chinelo da Nike preto do Ethan, que é muito maior que meu pé, mas com as meias grossas ficam *usáveis*. Volto a tirar um pouco mais de água dos meus cabelos, penteio-os e desço.

No andar debaixo encontro às cortinas da casa abertas, deixando a luz do sol entrar e iluminar o ambiente. Vou até a grande janela da sala e olho, maravilhada, o dia bonito de inverno em Manhattan. Eu amo essa cidade, tomei um gosto por ela porque é a cara de Ethan, muito mais do que Los Angeles. Não sei por que, mas esse apartamento sinto mais como a casa dele.

Seguindo caminho para a cozinha, sinto as patinhas de Prince na minha perna do mesmo jeito que fez ontem. Me abaixo e pego ele.

“Minha nossa, como você está crescendo. Daqui a pouco não vou poder mais te pegar no colo.”

Ele lambe meu rosto e como se mexe abruptamente, sou obrigada a deixá-lo no chão antes que ele caia.

“Você é tão igual ao seu pai.” Rio comigo mesma com esse pensamento e meu coração se enche de alegria.

Com certeza Ethan vai ser um pai formidável e carinhoso, mas... Por favor, universo, não faça nossos filhos com o temperamento dele. Apesar de eu achar graça e sexy às vezes, tem momentos que ele é muito impaciente e nervosinho.

Abaixo meus olhos para Prince de novo “E parece que você está ficando muito parecido com ele. Inquieto, ranzinza e mimado.” Ele vira a carinha fofa de lado e eu me derreto. “Mas eu te amo.”

Au! Ele late e balança o rabo. Levanto as sobrancelhas com o gesto dele e vou para a cozinha falando sozinha.

“Ainda dizem que cachorro não entende o que os humanos falam. *Idiotas!*”



UM POUCO DEPOIS DAS TRÊS DA TARDE, quando estou sentada no sofá vendo televisão com Prince depois de ligar para Cora, Will, Clara e meus pais, sinto uma tontura chata. Fecho os olhos e aperto meus olhos com as pontas dos dedos.

“Aí! De novo não”, murmuro baixo e Prince se ergue no sofá e senta ao meu lado, deitando a cabeça nas minhas coxas. Olho para a sua cara preocupada e afago ele. “Está tudo bem, querido. Já vai passar e não conta para o Ethan.”

Assim que falo, meu celular toca. Pego e atendo sorrindo:

“Alô, quem fala?”

“Essa piada é tão velha.”

Solto uma risada. “Como você está?”

“Com saudades de você e liguei para saber se já comeu.”

“Comi sim. Liguei para o restaurante que você pede comida e pedi o almoço, mas acho que eles queriam me enganar porque pedi o almoço às duas da tarde.”

Ethan fala alguma coisa do outro lado da linha e então volta a falar comigo, um pouco distraído. “Claro que não. Você está em Nova York e tem gente aqui que almoça cinco da tarde.”

“Assim como alguém que eu conheço de olhos azuis.”

Ele resmunga. “Eu não deixo de comer sempre.”

“Claro que não, você tem uma babá que é muito devota a mim, meu senhor.”

“O quê?” Ethan pergunta confuso. “Por que está falando assim?”

Dou uma risada forte de doer à barriga. “Oh meu amado, eu estou a assistir

Romeu e Julieta com meu animal felpudo e gracioso.” E repito uma frase do filme. “Ai de mim. Oh Romeu, Romeu. Por que eis tu meu Romeu?”

“Minha amada” ele entra na brincadeira, “tu estais a errar o nome do dono do seu coração.”

“É claro que não, pobre apaixonado, meu amado es tu, meu Ethan.”

Ele ri e fala de novo com alguém do outro lado. Ele com certeza está ocupado e aqui estou eu distraíndo ele com brincadeira.

“Amor, vamos parar de brincar. Você está ocupado, vou desligar.”

“Victoria não tem problema.”

“Tem sim e você queria saber se eu comi e estou bem, a resposta é sim. Então agora nós estamos conversados. Volte a trabalhar e mais tarde nos vemos. Eu estava pensando em ir fazer compras para me distrair.”

“Seria bom, mas eu gostaria que continuasse por aí e se arrumasse.”

“Para que?” Pergunto aprumando a postura, confusa.

“Ken daqui a pouco levará uma coisa para você e aí saberá.”

Cerro meus olhos, curiosa — como se ele pudesse me ver.

“Odeio quando você faz isso, mas tudo bem. Então eu tenho que ficar em casa para me arrumar para você. Okay”, falo solenemente e ele ri.

“Daqui a pouco nós nos vemos. Te amo e sinto minha falta.”

“Como se eis possível não sentir falta do meu amado e...” falo outra frase do filme. “Esqueci o que iria falar e esqueceria de tudo só para ter lhe parado aí, á ouvir-me e ter a alegria da sua companhia mais um pouco.”

“Linda.” Diz com carinho. “Vai pegar mania de falar assim e aí com certeza Anton vai acreditar que eu sou Romeu.”

Dou gargalhada porque sei muito bem como meu cunhado gosta de pegar no pé do irmão. Como se ele não fosse apaixonado pela esposa também.

“Anton não precisa de muito para encarnar em você.”

“É, sei disso.”

“Tudo bem, até mais, amor.”

“Até minha bela amada.”

Rio e encerramos a ligação.

Volto a assistir o filme. Eu adoro essa versão de Romeu e Julieta de 2013. Os personagens são muito vivos. Os atores trabalharam muito bem, não que eu entenda de teatro e filme, mas este filme é o mais perto da obra original de William Shakespeare. Eu quando pequena ganhei o livro autêntico ao original e fiquei encantada. Acho que por isso sou tão apaixonada.

Seco as lágrimas que naturalmente escaparam dos meus olhos com a morte de Julieta. Pobrezinho do Romeu que ficou com o coração partido. Então ele se mata e Julieta acorda e vê seu amado morto e morre também. Nossa! Dá para

ficar louco com essas mortes, ressuscitação, morte de novo. Eu entendo a dor deles e também faria a mesma coisa — *Deus que me livre. Faço sinal da cruz.*

Prince pula do sofá despertando minha atenção e o sigo até a porta do apartamento.

“Tem alguém aí?” Olho no olho mágico no mesmo instante que a campainha toca. “Oi, Ken. Jorge.” Digo abrindo a porta para eles.

Ken coloca uma caixa branca enorme em cima do sofá e Jorge me entrega um buquê de flores: rosas brancas. Pego o cartão e leio.

*Fique linda para mim. Vamos jantar.
Beijos e te amo.
Ethan Brown*

Sorrio com doçura e agradeço os dois por trazerem a caixa e as flores. Eles pedem licença e vão embora para o apartamento deles. Já eu, vou na cozinha, pego uma jarra de vidro e encho de água para colocar as flores. Deixo-as em cima da mesa da sala de jantar e volto para sala. Abro a caixa e encontro um vestido branco da Gucci. A frente é cortada como uma blusa de gola e as costas nuas. É comprido, sem mangas e o tecido é gelado e brilhante. Tem uma rosa cor de rosa no decote de trás, uma pintura semelhante à de uma criança, nova moda da Gucci. É lindo.

Deixo o vestido em cima do encosto do sofá, mas longe de Prince porque ele é destruidor e vejo a outra caixa menor dentro da grande.

“Ai meu Deus.”

Meus olhos se esbugalham. É o sapato de cristal da Cinderela do Christian Louboutin. Ele tem duas borboletas que parecem presilhas, uma na frente e outra atrás. O material do sapato é de renda, tem a salto vermelho sangue e revestido de cristais. É leve e perfeito.

“Não acredito que ele conseguiu isso.” Abraço o sapato e praticamente pulo de felicidade. Pelo visto Ethan vai receber uma recompensa mais tarde.



ÀS SEIS HORAS QUANDO ESTOU TODA PRONTA, cabelo escovado e penteado com uma trança de lado, maquiagem leve com sombra esfumada azul e batom nude. Vestido no lugar, sapato nos pés — quero nunca mais tirar eles. Pareço estar descalça, mas então

um enjoo terrível me atinge.

Corro para o banheiro e jogo a torta de morango, o prato fundo de *Lucky Charms* fora — meu cereal colorido favorito — e também os ovos mexidos que comi em cima disso tudo. Eu não sei se fiquei enjoada ou a combinação não deu certo.

Lavo minha boca e dou uma ajeitadinha na maquiagem porque suei um pouco. Escuto a porta abrir e saio do banheiro colocando o batom.

Ethan para na porta perto do aparador com as flores que ele me deu e dois porta-retratos. Seu sorriso me causa uma queimadura na boca do estômago. Acho que nunca vou me acostumar com ele sorrindo assim para mim. Ele está de terno azul escuro de risca de giz, blusa branca e sem gravata, respiro fundo por causa dos cabelos. Eles estão do jeito que eu gosto, bagunçados e vou bagunçar mais.

Abro os braços e dou uma voltinha já que ele não fala nada.

“Gostou?” pergunto voltando a ficar de frente para ele.

“Você está perfeita. Mais princesa que isso só se eu comprasse uma coroa e colocasse na sua cabeça.”

“Aw! Que lindo”, meus olhos faíscam e ando para ele. Nos abraçamos e ele beija de leve meus lábios. “Você também está perfeito e também compraria uma coroa para você.”

Ele acaricia meu rosto e pergunta:

“Já está tudo pronto para irmos?”

“Só vou pegar minha bolsa e verificar Prince.”

“Certo.”

Oito

Ethan

SEXTA-FEIRA, 29 DE JANEIRO DE 2014.



NO HALL DO PRÉDIO o porteiro abre a porta e nos cumprimenta. Saímos e vejo Raul em pé com a mão na porta traseira do carro.

“Ethan, está chovendo”, Victoria fala e olho para rua onde a calçada está úmida e por sinal o teto do Escalade preto, que Raul me leva para cima e para baixo aqui, está molhado.

“Vamos correr até o carro, simples.” Falo olhando para ela.

Dando uma risadinha, Victoria solta minha mão, me dá um beijo no rosto e corre para o carro. “Então vem logo, príncipe.”

Aperto meus olhos fingindo estar zangado e ando rápido até o carro e entro apressado. Encontro Victoria sorrindo no banco de frente para o que eu estou sentado.

“Venha aqui”, digo estendendo os braços e ela vem imediatamente sentar no meu colo. Beijo seu pescoço quando me abraça e deita a cabeça entre seu braço e meu ombro direito. “Você está muito linda.” Murmuro no seu ouvido.

Ela realmente ficou perfeita no vestido que comprei para ela. Comprei quando estava voltando do meu almoço.

Foi fácil achar o vestido e não adorei ele por ser branco e ter deixado os seios dela maiores, e sim que as costas são nuas. Um bônus para mim, mas o difícil mesmo foi o sapato, mas graças a minha pesquisa e procura, achei o último par deles — do número dela — justamente em Nova York.

Afago suas costas e subo uma mão até seu pescoço, massageando sua nuca e a outra passo nas suas curvas. Sorrio quando ela suspira.

“Você gostou do presente?” Pergunto virando a cabeça dela para mim pela nuca.

“Eu amei. O vestido é perfeito e o sapato...” ela sussurra e encosta a boca na minha, mas não me beija “é maravilhoso. Você será bem recompensado por me dar ele.” Sorrio com malícia e beijo-a. “Você sabia que eu queria ele.” Diz em um tom acusatório.

“Sim.” Afirmo. “Eu sabia.”

“Por que não me falou que estava procurando ele? Eu também estava.”

Dou de ombros e beijo-a de novo. “Queria eu mesmo comprar e te fazer

uma surpresa. Se você está dizendo que gostou, meu trabalho foi bem feito. Ótimo.”

Ela abre um sorrisinho e deixa de me abraçar para puxar o vestido para cima e se afasta de mim.

“O que você está fazendo?”

“Tentando ficar confortável.” Ela me responde erguendo o corpo um pouco do meu colo e ainda subindo o vestido.

Observo atentamente ela deixar a bainha do vestido até o alto de suas coxas, desvio para o rosto dela e a pego sorrindo para mim. Levanto as sobrancelhas sugestivamente. Ela pega minhas mãos e juntando minhas pernas com as dela, senta no meu colo deixando as pernas ao lado das minhas. Então minhas mãos são colocadas na sua lombar e as delas ficam no meu peito, mas não por muito tempo, porque sobem até meu pescoço e seus dedos começam a massagear meus cabelos.

Sorrio e dou-lhe um selinho. “Agora está confortável?”

Ela nega com a cabeça e se ajeita no meu colo. Encontrando uma posição onde consegue deitar a cabeça no meu ombro e ficamos abraçados. Dou um aperto no seu corpo de brincadeira e ela solta uma risadinha.

“Agora está perfeito”, sussurra ela.

“Acho que não”, replico.

Seu rosto se afasta um pouco para poder ver o meu. “Por que não?”

Respiro fundo e vejo pelo retrovisor — do meio do carro — onde estamos. O plano está indo bem. Nossas seguranças estão nos levando para o primeiro passo da noite que preparei para ela, *ou para nós*. Estou um pouco nervoso. Não sei mesmo como vai ser a reação dela, mesmo que ontem à noite tenha sido muito bom.

“Ethan?” Ela levanta o corpo e me olha preocupada. “Amor, eu... eu...” balança a cabeça e desvia os olhos. “Nós combinamos que iríamos conversar e acho que seria bom ser agora. Então, primeiramente quero dizer que sinto muito por — ”

Coloco o dedo na sua boca, calando-a.

“Não quero ouvir você pedindo desculpas por nada.”

“Mas eu preciso me desculpar por obrigar você a ficar longe de mim e — ”

“Não.” Interrompendo de novo.

“Eu sei o quanto foi difícil.” Mas ela continua. “Para mim também foi difícil. Eu quero que saiba que não deixei de pensar em você um segundo sequer.” Seus olhos ficam marejados e eu a puxo para um abraço.

“Victoria, me ouça com atenção”, sussurro no seu ouvido.

“Ethan, por favor...”

“Chega e me ouve.” Digo afastando-a e segurando seu rosto.

Ela assente, cedendo.

“Eu não quero que você fale mais do que aconteceu ou deixou de acontecer. Aquilo foi um ensinamento para nós dois, para amadurecer o nosso relacionamento. Todo namoro sofre seus altos e baixos, e mesmo que eu tenha odiado e nunca mais quero passar muito tempo longe de você, isso foi bom para nós.” Ela assente levemente e as mãos vão para as lapelas do meu paletó. “O que eu fiz teve seu lado errado e certo, e isso vale para você também. Enfim, eu pensei nas coisas que você disse, sobre como se sente. Sobre minha casa... e...” coloco a mão no bolso de dentro do paletó e pego o embrulho e entrego a ela. “Quero que se sinta em casa, na minha casa.”

“Ethan?” Diz com os olhos arregalados. Espero que de ansiedade.

“Isso é a chave da minha casa. Agora eu estou pedindo oficialmente para você morar comigo. Quero que seja a sua casa também.”

Ela engole em seco e seus olhos ficam emocionados. Uma esperança cresce dentro de mim por causa da sua reação apenas com a chave. *Ela está pronta para o segundo passo.*

Victoria olha o embrulho, tira o lacinho de cetim do saquinho de veludo e vira na sua mão. A chave dourada cai na sua palma com um chaveiro de cachorro. Ela abre um sorriso e fecha a mão com força, aproximando do coração.

“Você não precisava fazer isso.” Fala olhando meus olhos. “Sabe, eu percebi que a minha casa não é mais onde eu durmo ou ficam minhas coisas. Esses dias...” ela para e assinto encorajando-a. “Esses dias onde quer que eu estivesse, você está lá. Você sempre vai estar. Porque você está no meu coração, Ethan. Tudo é você. Você é a minha casa.”

Aperto a mandíbula e sinto as minhas lágrimas queimarem meus olhos. Arfo e solto o ar com força. Seguro o rosto dela e fixo nosso olhar.

“Você também é a minha casa. Quando você apareceu aqui.” Limpo a garganta. “Aquela cobertura se tornou um lar, porque depois que você apareceu na minha vida, você se tornou tudo. Minha casa, minha alegria, minha esperança. Tudo, Victoria.”

Um calafrio passe por seu corpo. Ela sorri muito emocionada e tenta falar com a voz rouca:

“E... eu... Eu nunca vou conseguir te dizer ou explicar o quanto você é o *meu tudo*. O quanto eu amo você. Às vezes parece que eu estou sonhando”, assente perdida em seus pensamentos. “E se for sonho... Se tudo for um sonho.” Ela segura meu rosto. “Nunca me acorde.”

Engulo em seco com sua declaração e não quero acordar.

“Se isso tudo é sonho, meu amor” completo meus pensamentos em voz alta

para ela. “Eu prometo que quando eu acordar, vou procurar por você e tudo se tornará realidade.”

Um sorriso meigo aparece em sua face emocionada, e ela assente freneticamente. Então, encosta seus lábios nos meus com minhas mãos no seu rosto, aceito suas carícias e retribuo. Ela lambe minha boca, aperta os meus cabelos da nuca e escorrega o corpo para frente me abraçando forte. Arranho suas costas com as pontas dos dedos e abro mais a boca quando ela morde meu lábio. Sugo sua língua com vontade antes de morde seu lábio inferior também e começamos a nos beijar com luxúria e desejo. Um desejo que nunca acaba e sempre sinto o mesmo frenesi do primeiro beijo. Nossas línguas se enrolam, duelam e nossos dentes chegam a se chocarem. Victoria geme baixinho e murmura meu nome e palavras abafadas, mas algumas identifico: *Amo. Tudo. Quero. Você. Para. Sempre.*

Abro os olhos, afasto-a de leve e vejo onde estamos. *Merda, está perto.* Volto para ela quando beija meu maxilar e desce para o pescoço. Rio e nos afasto mais ainda, fazendo um carinho no seu rosto para não ser muito brusco o rompimento do nosso amasso.

“O que foi?” Pergunta com a voz rouca.

“Estamos chegando” digo tirando suas mãos dos botões da minha camisa. “Mais tarde Victoria.”

“Hmm... Ah me deixa.”

Franzo a testa. É muito raro vê-la sem controle assim — fogosa — e rio da sua insistência. “Mais tarde, meu anjo.”

“Ethan... Você está me negando?” Faz uma carinha tristonha.

“Eu nunca faria isso, mas agora temos que parar. Não tenho como desmarcar.”

Ela resmunga e faz careta quando cede. “Para onde você está nos levando?”

“É surpresa.”

Ela ri e me abraça de novo deitando a cabeça no meu ombro. “Eu sei que é, mas eu queria saber”, murmura “e eu tenho algo que preciso te contar.” Ela se levanta e me olha estranho.

“Pode dizer, amor” assim que falo, a voz de Raul me interrompe:

“Chegamos, Sr. Brown.”

Faço um aceno e agradeço. Focando em Victoria, digo começando a ficar nervoso. “Quero que você feche os olhos agora, mas como sei que você não vai fazer” tiro de dentro do meu paletó minha grata. “Vou te vender.”

“Ethan!” Exclama perplexa.

“Calma, princesa. Vai ser rápido e no final você vai adorar.”

“Você não tem limites.” Ela aperta os olhos e faz um som desconfiado.

Sorrio de lado e beijo sua boca. “Nunca prometi limites a você. Você me conhece muito bem.”

Ela ri e limpa o canto da minha boca que deve ter sujado com o seu batom, que é bem claro — quase nem dá para ver — e depois faz um carinho no meu rosto.

“Talvez seja por isso que me apaixonei por você. Cresci com tanto medo de surpresas e novidades e você é cheio delas. No entanto são boas e amo mesmo isso em você. Sua loucura e energia.” Ela sorri com ternura e fecha os olhos. “Pode me vender. Sei que não poderia estar em mãos mais seguras.”

Beijo sua testa enquanto vou passando a gravata por cima dos seus olhos calmamente.

“Sua fé em mim, me faz amá-la ainda mais e ser um homem capaz de tudo.”

“Eu sei disso”, sussurra ela, sorrindo.

Fito sua boca. “É?”

Ela dá uma risadinha e responde: “Sei e é meu segredo. Ninguém tem que saber que meu ogro é na verdade, um príncipe apaixonado”, e faz um biquinho, que eu beijo.

“Engraçadinha.”

Ela ri e me abraça. “Viu. Você sempre será o mesmo rabugento de sempre. Nada vai mudar você.”

“Você quer que eu mude?”

Ela balança a cabeça, tateia meu rosto e levanta o queixo falando: “Nunca. Quero você mal-humorado, chato e irritado do jeito que conheci. Gosto do *meu* Ethan do jeito dele. Amo que nisso somos diferentes e eu me apaixonei por você assim, e assim vai ficar sempre. Você é o meu ogro lindo e gostoso.”

Rio e acaricio meu nariz no dela.

“Vamos.”

Ela assente e sai de cima de mim para eu poder sair do carro e ajudá-la a sair também. Do lado de fora pergunto se está tudo conforme o plano à Ken, que estava voltando da loja. Ele afirma com um aceno de cabeça e aperto a mão de Victoria andando para onde o segurança retornara. Digo para ela confiar em mim e andar direito e ela protesta.

“Por que eu não posso ver, mesmo?”

Rio e olho de relance para Ken — segurando um guarda-chuva enorme — sobre nós.

“Porque é surpresa.”

“Hmm... Você não vai nem me dar uma pista?”

“Não.”

Ela resmunga e a mão livre passa pela porta de aço pintada de dourado como se fosse cega. Seus passos estão travados.

“Ande direito, amor. Eu não vou deixar você cair.”

“Por favorzinho.” Ela brinca e eu rio.

Entrando na loja, paramos no meio do salão, onde mandei organizar a escolha da aliança para Victoria, usando a ideia de Sarah, a vendedora da Tiffany.

Hoje de manhã antes de ir para o escritório, passei na Harry Winston e vi se eles poderiam fazer, como eles chamam, *surpresa da noiva*. Obviamente eles aceitaram, principalmente depois da grande quantia que ofereci e agora nós estamos aqui.

Na loja tem umas cinco vendedoras, o gerente e dois seguranças, juntamente com os nossos. Estou nervoso e suando frio. O pior é que eu nem sei direito porquê. Pois não querendo ser pretensioso, sei que Victoria e eu somos para sempre e nossa união — matrimonial — é mais do que esperada. No entanto, sou um homem e tenho meu — digamos — receio, não medo, dela dizer não ou pensar que está cedo demais, que ainda podemos viver bastante tempo juntos antes de se casar. Mas... *Por que adiar o inevitável?* Ela será minha de qualquer forma mesmo. *É minha*.

“Nossa! Que silêncio estranho.” Diz ela me fazendo voltar ao presente. “Se você não estivesse segurando minha mão eu iria achar que tinha me abandonado em algum quarto escuro.”

Vou para frente dela e pego suas mãos. “Para que eu a abandonaria em um quarto?”

Ela chega o rosto para frente e sussurra perto do meu, nossos narizes se tocam. “Para ser só sua.”

“Você já é só minha.” Ela dá uma risadinha e emendo. “Mas seria uma ótima ideia tê-la para mim sem precisar me preocupar com prazos, trabalho, faculdade, compromissos. Acho que vou providenciar isso.”

Ela sorri mordendo os lábios, sedutoramente. “Acho que eu vou gostar. Eu e você e...” para engolindo em seco e eu me afasto puxando suas mãos.

“Seria uma boa ideia...” digo tirando a gravata dos seus olhos “depois de você se casar comigo.”

Seus olhos se arregalaram surpresos e ela coloca as mãos no pescoço como estivesse sufocando. Olha para todos os cantos.

“Isso...” sacode a cabeça. “Isso é o que eu estou pensando?”

Recuo para o meio dos balcões envidraçados da loja que deixam à mostra as joias e coloco as mãos no bolso. Dou de ombros e como fosse um sinal para as mulheres da Harry Winston, elas sobem vagarosamente as pranchas de anéis

que estão à disposição em cima dos balcões. Os diamantes e pedras preciosas reluzem no ambiente e jogam pontos brilhantes no rosto da minha princesa. Ela parece um anjo no céu toda de branco no meio das luzes.

Seus olhos se enchem de água e ela abre a boca tentando respirar. Soltando um soluço afogado desmonta-se e chora. Abre a boca, mas nada sai. Então pego a deixa para falar meu discurso. Espero lembrar as palavras que treinei para este momento, na frente dessas poucas pessoas e dela. Respiro fundo e começo:

“Sei que talvez seja cedo demais, mas eu pensei... Isso é inevitável.” Dou de ombros. “Mais dias ou menos dias eu iria pedir você em casamento. Eu quero que você saiba que tudo que aquela música disse é o que eu falaria para você e o que eu sinto por você. Eu não serei mais um a fazer promessas em vão. Eu não serei mais um a cortar suas asas. Eu quero que você sonhe e voe alto.” Ando para perto dela. “Quero que você realize todos os seus sonhos e eu quero realizar alguns deles para você. Quero fazer você a pessoa mais feliz desse mundo, porque só assim eu serei o mais feliz.”

Ela assente e quando chego, murmuro com a voz rouca:

“Eu não trouxe você aqui apenas para acreditar na minha palavra de hoje em diante, mas porque eu quero te mostrar que agora sou totalmente transparente com você. Quero que você escolha o seu anel...”

“Ethan...” ela diz entre um suspiro e soluço, me interrompendo, mas não me importo.

Pego sua mão e me ajoelho diante dela e digo com o coração acelerado.

“Victoria Rose Wayne Colton... amor da minha vida. Você me daria a grande honra de te amar e viver ao seu lado para sempre?” Solto o ar e espero.

Ela engole fazendo um esforço e apertar minha mão. “Eu já sou sua” sussurra e os lábios tremem em um suave sorriso emocionado.

“Mas você quer ser minha esposa?” Pergunto nervoso.

Ela abre a boca. Sua mão treme tanto e então o ar lhe falta. Sem eu esperar, seus olhos ficam sem foco. Então de repente ela cai mole. Me adianto ficando de pé e a pego a tempo de cair no chão.

“Victoria?”

Ela está desmaiada.

Merda. Passo a mão em seu rosto notando que está fria. Ergo-a em meus braços e peço a alguém um lugar para deitá-la e algo forte para acordá-la. Vamos para um sofá sem braços ou encosto, no canto da loja, e deixo meu braço embaixo da sua cabeça dando apoio. Uma vendedora traz um perfume forte que na mesma hora desperta Victoria.

“Querida? Victoria?”

Ela pisca os olhos — arregalados — e vira o rosto para mim. Franze a teste

e então ela me agarra com força e fica sobre minhas pernas, forçando-me a sentar no chão. Me abraça desesperada.

“Você está bem? O que você tem?” Pergunto alisando seus cabelos.

“Não é nada. Eu... eu — ” se afasta e me olha com ansiedade.

Afagando seu rosto, levanto com ela nos braços e sentamos no sofá. Fico na sua frente agachado e segurando sua mão livre, enquanto com outra ela bebe a água que a moça lhe oferece.

“Quer ir ao médico?” Questiono preocupado.

Ela sacode a cabeça. “Não. Nós não precisamos ir ao médico. Eu tenho uma coisa para te dizer.”

“Você desmaiou porque está doente?” Me levantando inquieto. “Vamos ao médico e ele cuidará de você.”

“Ethan...” Ela se levanta e pega minhas mãos. “Para de falar e me escute” diz baixo. *Está nervosa*. “Eu não estou doente, quer dizer, eu estou com uma anemia boba.”

“Anemia?”

“É.” Confirma e põe uma mão a minha boca. “Mas não é nada grave.”

“Você desmaiou” digo tirando a mão da minha boca.

“Não por causa disso e sim por—porque...” gagueja.

“Fala de uma vez. Está me deixando nervoso.”

“Porque eu estou *g....*” sussurra muito baixo a última palavra.

“Está o que?”

Ela pega minhas mãos e coloca na sua barriga. “Grávida.” Repete com um sorriso acanhado.

Sinto como se meus olhos estivessem saindo da minha *face*. Meus nervos entram em colapso e quem fica tonto sou eu. Volto a me sentar. Ela se junta a mim.

“Ethan? Você está branco como uma vela. Diga alguma coisa.”

Viro-me para ela e seguro seus ombros com delicadeza.

“Nós vamos ter um filho?”

Ela pisca apreensiva e assente.

Engulo em seco e minha respiração se solta bem auditiva. Pego-a e coloco no meu colo. Abraço-a com tanta força. *Put a merda*. Eu vou ser pai. Eu não estou pronto. Eu não estou pronto. Mas... é ela que vai ser a mãe e é maravilhoso. Minha princesa está esperando um filho *meu*. Nossa carne. Nosso sangue. Afasto-a e seguro seu rosto, olhando-a profundamente.

“Você está bem?”

Seu corpo estremece. Ela assente.

“E essa coisa aí de anemia. Não é um problema para você e o bebê?”

Seu rosto se desmonta e Victoria respira fundo quando se joga para mim. Me agarra e chora copiosamente. Fico maluco com sua reação e aperto meus braços em sua volta.

“Qual o problema? Você está me preocupando.”

“É que eu pensei que você não ia gostar e—e... que...” Ela força a voz, falando com o rosto escondido no meu pescoço. “Eu não sei. Você ainda é muito novo... e eu também. Nós começamos a namorar... tipo ontem e agora...” Inclina o rosto e me encara. “Eu estou esperando um bebê.”

Sorrio achando engraçado dela.

“Por que você está rindo?”. Reclama zangada. “Você sempre rir quando não é para rir.”

Solto uma gargalhada e uno nossas bocas, sugando sua língua. “Eu estou rindo porque estou feliz”, falo e um caroço se forma na minha garganta juntamente com meus olhos ficando embaçados. “Você me faz muito feliz. Eu estou nervoso com isso, mas vai ficar tudo bem. Essa coisa de idade é até verdade, mas são só números. Meu amor, nosso amor me faz na idade certa para tudo. Ser seu marido, seu melhor amigo, seu príncipe encantado.” Coloco a mão na sua barriga e a outra no seu rosto. “O pai do seu filho. Do nosso filho. Eu quero só ser isso na minha vida, Victoria. Ser o que você precisar.”

Ela soluça com força fazendo beicinho e as lágrimas escorrem livremente em sua face.

“Eu não mereço você.”

“Merece sim.” Beijo seu nariz. “Merece, assim como eu te mereço. Só vim neste mundo para ser seu. Eu acredito nisso há muito tempo e agora mais ainda, por isso nada vai nos separar. Eu e você para todo sempre, lembra?”

“Ah meu amor,” ela sussurra com tanto carinho. “Eu amo tanto você, Ethan” sorri e engole o choro. “E sim. Eu quero me casar com você. *Mil vezes sim.*”

Levanto com ela nos braços e giro, fazendo-a rir alto. Todos aplaudem e ela me agarra com toda sua força.

“Amo tanto você.” Repete.

Ponho seus pés no chão e pego seu rosto entre as mãos protetoramente. Me sinto *preenchido* por ela. Não sei explicar. Fico mudo, admirando a minha garota. O coração acelerado e feliz. Ela é a minha vida. Meu universo inteiro é ela. Estou emocionado com a vida que ganhei com ela.

“Qual o problema?” Indago quando limpo as lágrimas que escorrem.

“Nenhum.” Ela responde sorrindo.

“Você está chorando de novo.” Beijo sua testa. “Conta pra mim.” Peço baixinho.

“Eu estou chorando toda hora na verdade.” Solta uma risada chorosa. “Além de ficar enjoada toda manhã, eu choro por tudo. Até comercial de shampoo de criança e ração de cachorro. Estou um caso perdido e você me olhando assim... Ah! É difícil.”

Dou risada e abraço ela bem forte. “Você está perfeita e mais linda do que nunca. Agora entendi os seus peitos estarem maiores.” Murmuro baixo, apenas para ela ouvir.

Ela ri e arqueia o corpo para olhar meu rosto. “Você não tem jeito.”

“Já tínhamos conversado isso no carro”, falo com sarcasmo.

“Terrível. Você é o homem mais terrível e safado, e maravilhoso do mundo.”

“Acho bom mesmo.” Ela franze o nariz brincando. Dou-lhe um beijo e seguro sua mão levando para onde estávamos antes dela desmaiar. “Agora quero que escolha o seu anel.”

Ela assente, olha para todas as vendedoras, para os anéis expostos e aperta firme minha mão. Respiro fundo e por coincidência ela também. Victoria volta seus lindos olhos para mim e eles estão cinza, extremamente brilhantes.

“Você quer que eu escolha por causa do rastreador?”

Confirmo com um aceno retraído. “Odeio o que fiz naquele anel e agora quero que você confie em mim, então quero que escolha o anel que mais gostar.”

“Ethan” ela diz com pesar e nega com a cabeça. “Isso é bobagem. Esquece aquilo tudo e me perdoe e se perdoe” diz gentilmente e faz um carinho no meu peito. “Acabou. Já passou, Ethan. O maior rastreador nunca será tirado de mim. Nunca. Você vai poder me achar em qualquer lugar.”

“É?”

“Sim, pois é o meu coração.” Ela assente e engole em seco. “Ele é o rastreador mais poderoso do mundo e não é removível, *‘desligavel’* e tudo mais. É eterno.”

Sorrio comovido e concordo. “É verdade.”

Ela assente e sorri. “Mas não vou resistir a escolher o anel hoje. É tão legal essa ideia.” Confessa animada. “Eu vi uma vez em um filme. Obrigada pela surpresa.”

“De nada e não esqueça o meu também.”

“O seu?” Pergunta rápido, se virando para mim.

“Sim, eu quero usar uma aliança.”

Ela arqueia a sobrancelha direita. “Não quer mais as mulheres te olhando com vontade de te agarrar?”

“Não! Quero que elas saibam que eu já sou de alguém.”

“Hm... assim como eu sou sua.” Replica zombeteira.

Assinto e ela dá uma risadinha se virando para os balcões da loja.



DEPOIS DE SEI LÁ QUANTO TEMPO, finalmente ela escolhe a aliança que diz ser ‘meio termo’, pois quer que combine com a minha aliança. Os dois anéis são de ouro branco com diamantes. O de Victoria é totalmente de brilhante com um corte de princesa — foi o que a mulher da loja chamou e bem apropriado — o diamante do centro é quadrado e o resto dele adornado de pequenos diamantes. Já minha aliança é simples em boa parte. Grossa e possui três riscas de brilhante com três pequenas pedras. Os anéis são bonitos e tenho que concordar que combinam.

“Tem certeza que é isso mesmo?” Pergunto uma última vez.

“Sim”, ela assente mordendo o lábio para não soltar o sorriso.

“Então serão esses dois.” Falo para a vendedora que sorri e pega o cartão de crédito da minha mão, mas Victoria pega de volta. “O que você está fazendo? Você não disse que eram esses?”

“Sim, mas o seu anel. *Eu* vou pagar.”

“Não precisa.”

Ela fecha a cara e cruza os braços. Ficamos nos encarando por um longo tempo até a vendedora se intrometer.

“Acho que o justo é ela pagar mesmo o seu anel, senhor.”

“Não precisa.” Falo.

“Precisa sim.” Victoria replica. “Se é para eu te dar como sinal do meu compromisso, amor e posse de você. Eu que tenho que pagar.”

“Posse?”

Ela empina o nariz assentindo.

Rio e dou de ombros. “Está bem, você paga a minha aliança.”

“Obrigada.” Agradece me abraçando e beijando. “Ken, passa a minha bolsa, por favor.” Diz se soltando de mim.

Ele acena e chega perto de nós dando a bolsa para ela, que pega a carteira — parecendo mais uma outra bolsa, porém pequena — e tira o cartão de crédito, dando para a vendedora que se afasta para terminar a compra. Faço um sinal de cabeça para Ken e ele se afasta nos deixando a sós. Seguro a mão de Victoria chamando sua atenção para mim. Ela me olha com expectativa. Sorrio e pego o anel de cima do balcão chegando perto do dedo dela.

“Com este anel, eu lhe peço para ser para sempre minha princesa, minha

amada, meu anjo. Minha eterna namorada.” Coloco o anel e ela suspira prendendo a respiração.

“Quero ser mais do que isso para você”, sussurra e ergo o rosto para o seu. Olhando-a em questionamento e ela continua: “Quero ser apenas a Victoria. Uma garota normal com um homem apaixonado e maravilhoso. Uma mulher que faria de tudo para viver ao lado do seu homem. Eu cresci mais com você do que eu poderia imaginar e isso é tão... grande.” Ela faz uma pausa.

“Eu também cresci muito sendo tudo para você. Sou mais forte, mais capaz e homem por você.”

Ela assente. “Eu sei que sim e agora quero ser sua amiga, sua parceira, seu esteio.”

“Você é.” Aperto suas mãos. “E eu sei que por ser tão louco por você, acabo menosprezando o quão forte e valente você é. Me perdoe.”

“Não se desculpe por me amar, Ethan. Eu entendo. Isso acontece comigo também, mas você é mais teimoso que o resto de todos que me protegem. Você não me deixa realmente ser valente.”

“Apenas uma única vez e para nunca mais.”

“Eu sei e me arrependo. Eu deveria ter confiando mais em você e nos seguranças. Não chegar ao ponto de nos colocar em perigo. Aquilo não vai acontecer mais.”

“Nunca mais mesmo e agora não é só por você” digo baixo e discretamente coloco a mão na sua barriga e seus olhos ficam úmidos.

“É sim e quero que me prometa uma coisa.”

“Qualquer coisa.”

“De coração.” Insiste.

“Okay.”

“Você não vai me esconder as coisas. Vai permitir te ajudar no que for. Eu passei muito tempo com medo — quase a minha vida toda — fugindo e me escondendo. Agora eu quero ser forte. Não quero que você me trate como minha família. Quero que me deixe ser quem sou. Quero ser muito mais que sua esposa e sua protegida. Você é a principal razão para eu querer deixar para trás a garotinha fraca e assustada. Quero ser ao seu lado uma pessoa melhor e você tem que me deixar batalhar junto com você. Não quero que no final você se torne uma imagem paterna para mim. Você é o homem da minha vida, não mais um protetor nela.”

“Mas é natural eu proteger você, te manter a salvo, feliz e segura.”

“Eu sei e não quero que você mude isso. Eu amo como você me trata, mas não quero que um dia você se esgote, porque se até eu me canso, imagina você?! Então, não. Eu não quero que você me mantenha as cegas e fique à espreita me

protegendo. Você vai prometer me deixar lutar com você.”

Assinto confiante. “Okay e você me prometa nunca mentir, esconder e se colocar em perigo novamente. Por motivo algum.” Ela fica uns segundos me olhando, sem me dá resposta. “Não adianta contestar sobre isso.” Insisto e depois de um suspiro ela assente. “Ótimo.” Afirmo.

Com um sorrisinho ela pega meu anel e coloca no meu dedo. “Agora você será meu e todo mundo vai saber.” Cantarola como uma menininha.

“Não serei. Eu sou.”

Ela sorri e me abraça ficando nas costas dos pés e me beija.



ENTRO EM CASA COM VICTORIA NOS BRAÇOS e fecho a porta com o pé. Subo para a suíte relembrando nosso jantar tranquilo e perfeito a luz de velas em um dos restaurantes mais sofisticados e românticos de Manhattan. Descobri que a única que sabe do bebê é Cora e segundo a madrinha de Victoria devemos esperar até a décima segunda semana para contar a todos e eu, é claro, apenas concordei.

Deito-a vagarosamente na cama. Ela deixa os braços caídos para os lados e eu vou para cima deixando minhas mãos na altura do seu rosto. Seu sorriso se alarga e a cabeça caí um pouco para o lado os olhos ansiosos e brilhantes estão muito verdes — e um vermelhos de tanto chorar. Acho que ela está muito emotiva e isso me preocupa. Na verdade, tudo me preocupa.

“A ficha custa a cair?” Sussurra como lesse meus pensamentos.

Respiro fundo e assinto. “Um pouco.”

“Eu sei”, ela afaga minha barba suavemente. “Também fiquei assim, me sentindo pequena demais e ao mesmo tempo grande demais. É uma coisa diferente, acho que nas mãos são piores os medos e esperanças.”

Mãe. A palavra gira no meu cérebro. Mãe. Minha princesa tão preciosa e encantada será mãe. Será que tudo vai sair bem? Será que ela está realmente bem? Será que eu não machuquei o bebê ontem fodendo-a com tanta força. Minha nossa. *Que merda.* Estou sufocando.

“Ethan?” Ela puxa meu rosto e limpa minha testa. “Você está suado. O que está sentindo?”

“Nada, não se preocupe.” Omito.

“Acabei de pedir para não fazer mais isso. Não me esconda as coisas e você não está bem, não. Você está me olhando estranho e gelado.” Diz com a voz

preocupada.

“Eu só estou pensando”, digo e sento-me na cama ao lado das pernas dela. Sinto o colchão se mover e as mãos dela logo estão nos meus ombros. Seu silêncio é muito claro. *Quer que eu fale.* “Só estou pensando se você vai ficar bem. Se nós vamos.... Se ontem eu não machuquei ele.”

“Machucou ele?” Fala baixinho.

“Ou ela... Não sei. Eu só estou preocupado se ontem quando transamos desesperadamente não machuquei o bebê”, respondo. Victoria não fala nada, espero e espero até que me viro para ela. “O quê? Agora é você que está me olhando estranho.”

Ela abre a boca de testa franzida. “É...”, ela respira, alto. “É que isso foi tão fofo” diz com a voz fina e os olhos sorridentes. “É meigo e encantador você preocupado assim”, e se joga para cima de mim.

Rio com ela nos braços feito uma boneca. “Eu todo preocupado e você zombando de mim.”

“Mas eu não estou zombando de você. Eu juro” fala rindo.

“Está rindo por que então?”

Ela morde a boca, mas acaba soltando uma risada. “Porque você é perfeito e é verdade...” ela assente como se lembrasse de algo. “Você vai ser o melhor pai do mundo. Minha nossa! Eu te amo mesmo.”

Lhe dou um beijo rápido fazendo ela gemer e murmuro com a voz rouca: “E eu amo *mesmo* você.”

Seu corpo estremece com a risada e em um movimento rápido se levanta e me joga na cama sentando sobre minhas pernas. Minhas mãos vão parar debaixo do seu vestido e as dela começam a desabotoar minha camisa.

“E só para você saber. Você não vai machucar ele, ou ela... Ainda é muito pequenininho.”

Franzo a testa e pergunto: “Estamos de quantas semanas mesmo?”

“Oh, meu Deus.” Ela faz a voz fininha e se inclina para me beijar na boca. “*Nós estamos* de cinco semanas e meia.” Sussurra com um sorriso apaixonado.

Faço um cálculo rápido de cabeça e a conclusão me surpreendo. “Na casa da sua avó?” Ela assente. “Em Napa Valley.”

“Foi lá mesmo. A médica disse que os antibióticos cortam o efeito do anticoncepcional. Então quando eu tomei aqueles remédios para me curar da gripe eu...” ela dá de ombros, culpada. “Foi por isso que mesmo me prevenindo, eu engravidei.”

“Hmm... entendi.”

“Está zangado?”

Deixo meu rosto sem expressão e ela fica com o dela tristonho. Não

aguento e viro nós dois trocando de lugar com ela, ficando por cima.

“Claro que não estou, minha noiva sexy e gostosa.” Abraça-a sem deixar o peso do meu corpo em cima dela e ela passa os braços em volta do meu pescoço.

“Então agora você vai me amar com carinho e devagar.” Fala manhosa.

“Muito devagar.”

“Lentamente...” murmura e morde minha orelha de leve.

“Okay. Vou te amar bem lentamente, mas minha vontade é com força para te fazer gritar.”

Ela abre as pernas permitindo que eu me acomode e abraça meu quadril com as mesmas. “Isso pode ficar para a segunda rodada. Eu não tenho lugar nenhum para ir e já é sábado.” Me beija. “Você não tem trabalho.”

Rio e a beijo. “E eu serei só seu. Sem *break* para o cafezinho.”

“Ah não”, faz manha. “Eu tenho que comer. Agora vivo com fome e com uma energia que vai te cansar na cama.”

Aperto os olhos e chupo a carne do seu pescoço, abaixo da orelha. “Então vamos testar essa energia toda.”

Nove

Victoria

SÁBADO, 30 DE JANEIRO DE 2014.



UMA COSQUINHA BEM SUAVE SOBRE MINHA BARRIGA — perto do meu umbigo — está incomodando meu sono. Resmungo e aperto os olhos ao mesmo tempo em que tento empurrar com minha mão a *coisa* que me faz cosquinha.

Escuto Ethan ri e seus lábios pressionam um beijo na minha barriga. Resmungando, estico as pernas, me espreguiçando e abro os olhos mirando para baixo e vejo o rosto mais lindo do mundo em um sorriso cálido e os olhos azuis brilhando.

“Bom dia, meu amor.” Ele murmura com a voz rouca.

“Mm...” Solto um gemido e agora estico os braços para o alto terminando de me espreguiçar *toda*. “Bom... dia...” minha voz sai arrastada.

Ele solta uma risada e suas mãos fortes apertam meu corpo deslizando até minha bunda e a aperta.

“Viu, você não está tão enérgica como falou.” Diz ele com humor e dá uma mordidinha no meu quadril.

Perco as forças e deixo meu riso sair em uma gargalhada, reclamo pedindo para ele parar. Me ignorando, ele morde de novo, mas dá um beijo suave no mesmo lugar. Desce para as coxas subindo um pouco seu corpo. Minhas mãos encontram sua cabeça e faço carinho nos cabelos macios e bagunçados que adoro. Ethan geme rouco e beija uma das minhas mãos.

“Você estava tão linda dormindo.”

“Oh... você também é lindo demais dormindo.”

“Não”, ele fala afável. “Hoje você estava sorrindo. Acho que você estava sonhando. Era um sorriso tão bonito e você parecia feliz.”

Arqueio as sobrancelhas surpresa, mas dou risada com a barba dele me fazendo cócegas nos seios enquanto sobe até me encarar.

“Para!” Reclamo e me arrasto para sentar na cama, encostando-me na cabeceira.

Ethan fica parado com o corpo erguido, quase de quatro, seus braços fortes ao lado das minhas coxas. Fico vidrada olhando para os seus olhos e quando ele abre um sorriso puxo-o para mim. Ele vem rápido, me abraçando e me dá um beijinho. Sorrio em sua boca e espero ele se acomodar em cima de mim deitando

a cabeça no meu peito. Ele suspira com humor e os braços ficam em minha volta. Protetores e exigentes.

Suspiro também e beijo o alto da sua cabeça. *Ah! Se ele soube que eu amo me sentir tão grande com ele nos meus braços.* A ideia de poder cuidar dele. Amo essa sensação. *Meu Ethan.* Ele deixa um som parecido com um ronronar sair enquanto recebe meu carinho.

“Eu tive um sonho.” Volto a tocar no assunto.

“Com o que?”

Olho para o teto do quarto relembrando o sonho e me sinto incomodada.

“Victoria?” Insiste.

“Só um sonho.”

Levanta a cabeça e me olha desconfiado. “Por que não quer me contar? Foi algo safado?” Ele pisca um olho e me beija rindo. “Não fica com vergonha dos seus sonhos depravados, amor. Eu tenho também.”

Arregalo os olhos perplexa. “Ethan! Não foi nada disso” falo e empurro o peito dele de leve. “Eu não tenho sonhos de sacanagem com você.”

Ergue a sobrancelha direita e um dos lados da sua boca se curva quando ele faz uma cara de sacana para mim antes de dizer: “Que pena. Eu tenho muitos sonhos eróticos, safados,” ele beija meu pescoço e desce...“depravados e deliciosos com você” beijando meus seios.

“Ah!” Gemo sentindo a língua dele passando no bico do meu seio e pego seus cabelos puxando ele para cima de novo. “Você sonha fazendo sacanagem comigo?”

“Um monte.” Confirma com um sorriso safado. “Tem um onde eu te como deitada depois de fazer massagem nas suas costas e antes que pergunte, tive essa inspiração quando assistia pornô nos tempos da faculdade.”

Jogo a cabeça para trás e rio alto.

Rindo também, ele morde minha orelha e murmura:

“Acho que você vai gostar. Ficar toda lambuzada de óleo com minhas mãos te massageando” fala baixinho e com as mãos passando no meu corpo. “Apertando os tendões e aí você solta um gemido gostoso quando minhas mãos apertam seus seios volumosos” e eu solto um gemido porque ele acaba de fazer isso.

“Ethan.” Agarro os cabelos dele.

“Calminha, vou chegar na parte onde eu fico em cima de você. Pelado com meu pau duro e pronto para entrar em você, porque você chega a brilhar nas minhas mãos e eu não me aguento de vontade de me enterrar em você.”

“Ai caramba.” A boca dele vai descendo pelo meu pescoço e chega no meu ombro e seios dando beijos e lambidas e mordidas.

“Seu gosto é tão bom e eu chupo sua bocetinha deixando sua bunda para o alto e na altura dos meus olhos. Porra. Eu sonho muito com isso.”

Abro minhas pernas e ele enfia o dedo em mim. Sinto o quanto estou molhada, carente, querendo muito que ele faça tudo que está narrando.

“Você realiza meu sonho?” Ele murmura com a voz abafada no meu seio.

“Sim... Muito. Quero muito mesmo realizar.”

Ele ronrona e sorri com perversidade. “Então que tal uma massagem hoje?”

“U-hum.”

“Quer agendar uma hora?” Brinca e puxa meus mamilos com os dedos, e eu grito.

“Qual... qu-quer... hora”, gaguejo quando ele enfia dois dedos dentro de mim.

“Merda. Se apenas em contar meu sonho deixo você assim. Imagina quando eu fizer de verdade?”

Seus dedos circulam e socam para dentro de mim com força para então massagear suavemente meu interior. Fecho os olhos abrindo a boca e aperto os cabelos dele, sua cabeça vai descendo para o meio das minhas pernas. Gemo e levanto a pélvis.

“Ah! Por favor... mais.”

Ele concorda emitindo um gemido com a garganta e sua língua faz um caminho da minha virilha até os lábios do meu sexo. Ele lambe meu clitóris suavemente antes de... chupar com força. Grito sentindo sua língua circular a pontinha e descer até que se enfia dentro do meu núcleo quente e muito molhado. Estou a ponto de explodir.

“Ai merda. Me faz gozar.” Exijo com uma voz que mal reconheço.

“Mm...” ele geme com a boca fazendo malabarismos na minha boceta. A língua entra e sai. Ele me chupa, mordisca e enfia língua dentro de mim saindo e entrando com força. Fazendo uma pressão... tão gostosa. Ele chupa minha boceta com a mesma voracidade e tesão que beija minha boca. Arqueio para cima minha pélvis, cravando os calcanhares na cama, levando minha boceta na direção da sua boca e rebolo. Sua mão vai para minha bunda, apertada com força, com fome, enquanto começo a gemer mais e mais. Vou gozar...

“Oh céus. Eu-eu vou... Sua boca... Ah, eu amo seus dedos.”

Ethan rosna e dá uma chupada bem forte no meu clitóris. Abro os olhos e fito seu rosto. Seus olhos estão famintos e um esboço de sorriso transparece enquanto ainda me chupa. Meus olhos ficam turvos e jogo as mãos para cima arranhando a cabeceira da cama, como uma louca, quando ele abandona completamente meu núcleo para apenas se concentrar no meu clitóris.

Arfo com o pulmão pegando fogo.

“Ethan!”

Ele aumenta a pressão e acelera os movimentos da sua língua se concentrando na pontinha sensível, mas oras sim e oras não, ele volta a chupar duro e mais duro, e eu sinto tudo se apertar. Minha garganta queima, minhas pernas tremem e eu aperto meus peitos. Pareço queimar por dentro e meus bicos estão tão sensíveis.

“Meu Deus, sua língua...” Exclamo gemendo alto e logo sinto sua boca. Beijos molhados são distribuídos nos meus seios, no meio deles, e no pescoço.

Literalmente desço dos céus e com a respiração voltando ao normal fixo nossos olhares quando ficamos cara a cara e jogo os braços nele circulando seu pescoço em um abraço de agradecimento. Sorrimos um para o outro e acaricio nossos narizes. Ganho um beijinho na boca e com um movimento rápido vou parar em cima do corpo nu e gostoso dele.

“Agora você pode me contar o seu sonho?”

Dou gargalhada e balanço a cabeça negando. “Nem lembro mais do que eu estava falando.”



DESÇO AS ESCADAS PARA COZINHA depois de terminar meu banho relaxante. Fui abandonada porque Ethan tomou banho mais rápido e no chuveiro, fiquei um pouco na banheira quando ele saiu. Encontro ele cozinhando. Pelo cheiro está fazendo ovos. Sorrio e espero ele terminar, servir em dois pratos, onde ele preparou para nós o balcão com frutas, suco de laranja em uma garrafa e um dos lados tem uma vasilha com leite e cereais. Meus cereais.

Bocejo para chamar a sua atenção e funciona. Ele abre os braços e vou correndo pousando minha cabeça no seu ombro e passo o nariz no seu pescoço sentindo seu cheiro natural misturado a colônia e a loção pós barba. Ele se barbeou hoje porque estava o irritando. Ergo o rosto e toco o dele, espalmado minha mão em uma bochecha e do outro lado encosto nossas bochechas para sentir a maciez da sua pele. Ethan respira fundo e aperta os braços em volta de mim tirando brevemente meus pés do chão.

“Você gosta mais de mim sem barba, não é?” Pergunta em um murmúrio me levando para sentar em umas das banquetas.

“Eu gosto de todas as formas” respondo me ajeitando na banco.

“Mas?” ele insiste.

Respiro fundo e pego suas mãos das minhas coxas.

“Mas desse jeito eu posso ver melhor seu rosto.”

Ele sorri e me beija. “Você gosta da minha cara feia?”

“Ah! Não diga isso.” Ralho e empurro seu peito. “Você é de longe o mais lindo, romântico e delicioso homem que eu conheço.”

“Que você conhece? Que história é essa?”

Dou risada e seguro com força seus ombros.

“Eu quis dizer o mais *tudo* do mundo todo.”

“Run... Acho bom mesmo. Sou seu único homem.”

“E é mesmo.” Afirmo mexendo as sobrancelhas.

Ele assente e fica me olhando nos olhos. O reflexo do sol faz um ponto de luz no meu anel quando subo as mãos para o pescoço dele e me alegro internamente. *Meu anel de noivado*. Ainda nem acredito. Sorrio quando ele vem lentamente chegando o rosto para o meu. Me beija enrolando carinhosamente meus cabelos no punho. O abraço com força, sentindo sua língua se enroscando na minha, me arrancando suspiros. Ethan para de me beijar dando um selinho e fico de olhos fechados, querendo mais sentada sozinha. Então abro os olhos e assisto pegar algo no armário.

“Que cara é essa?” Pergunta ele sentando-se ao meu lado.

“Estava lembrando da surpresa do anel.”

“Ah sim... acho que você gostou.” Diz despejando leite na minha vasilha. “Quer mel no cereal?”

“Não precisa fazer isso.” Pego da sua mão o cereal e junto ao leite, e falo: “Eu amei a surpresa. Foi incrível. E como descobriu meu sucrilhos?”

“Eu não sabia, pois nem sabia que você gostava de comer isso.”

Rio e deixo de encará-lo. “E eu não gosto, mas fiquei com vontade.”

Ele dá uma risada rouca, de boca cheia, chamando minha atenção. Me derreto toda e lhe dou um beijo rápido no ombro fazendo-o virar o rosto para mim e sorrir de lado.

Voltamos a comer e quando estou quase acabando ele toca no assunto de antes.

“E falando em lembranças. Você lembrou do sonho?”

“Hm...” resmungo. “Não foi nada demais. Já disse.”

“Qual é o mistério desse sonho, hein?” Ele larga seu prato e se vira para mim.

Respiro fundo e ele me puxa tirando da banquetta e me encaixando no meio das suas pernas.

“Você vai achar que é bobagem.” Murmuro.

“Não vou, não.” Ele acaricia meu rosto e pede de mansinho. “Diga, amor.”

“Está bem.... Eu tive esse sonho em Los Angeles e no avião, a caminho para cá. Estou em uma praia muito bonita, andando, e então um menino me chama. Quando me viro, vejo ele correndo para mim e me chamando de...” pauso e mudo o foco. “Você está ao lado dele. Tão bonito.” Só em lembrar fico emocionada. É um sonho lindo *até...*

Ethan segura meu rosto com um toque carinhoso e reverente. “Ele chama você de que? Percebi que você omitiu essa parte. Por que? Ele te chama de que?”

“Ah não lembro...” Dou de ombro e olho para baixo.

“Lembra sim.”

“Me chamava por uma coisa. Sem importância.”

“Se fosse mesmo — *olha para mim* —” ergue meu rosto, “você não estaria tão feliz como parecia estar quando dormia e um pouco triste depois.”

Seu olhar está me *perfurando*. “Você é irritante às vezes.”

“Você já sabia como eu era antes de namorar comigo e agora vai casar. Tem certeza disso? Já que sou tão teimoso.”

“Sem graça.”

“Então abre logo o bico e conta o sonho todo. Com detalhes.” Pede mandão e reprimi o sorriso.

Rio e empurro o ombro dele. “Chato. Você é impossível.”

“Sou mesmo. Agora fale, estou esperando.”

“Então o sonho começa assim...” Tomo uma respiração profunda e explico todo o sonho para ele. Detalhe por detalhe. A praia que era perfeita e que eu nunca fui. Depois o bebezinho me chamando com Ethan segurando a mão dele e conto que em Los Angeles eles sumiram do nada no sonho e eu estava no cativeiro de repente, mas aqui foi até o final com eles e eu consegui pegar o bebê nos braços e “ele me chama de mamãe.” Termino e dou um ‘meio’ sorriso.

Os olhos de Ethan se arregalam e a respiração fica suspensa. Mordo o lábio aflita e sinto suas mãos apertarem meu corpo, mas não com força, é o aperto estático. Ele está com o semblante estranho, parece não saber o fazer.

“Foi só um sonho”, sussurro e acaricio seu rosto.

Ethan engole em seco e nos coloca em pé. Ele pega meu rosto nas mãos novamente e encosta a testa na minha.

“Isso não vai acontecer. Você vai ficar bem, nós vamos ficar bem. Todos nós vamos.”

Arfo e lentamente encosto meus lábios no seu, mas não nos beijamos. Quero só ficar nos seus braços até que a pressão do mal-estar que o sonho me deu se dissipe. Só tenho o seu amor agora.



“NÓS VAMOS PATINAR NO GELO?” Pergunto animada.

Nós tivemos um almoço maravilhoso. Ethan me levou para comer em um restaurante japonês que tinha o melhor rolinho primavera e macarrão com frango e peixe branco do mundo. Pareceu estranho a mistura na primeira vez que eu apenas ouvi, mas quando comi, fiquei apaixonada e repeti duas vezes o potinho que é servido o Yakisoba, que eu detesto por causa do shoyo.

“Acho que sim, Srta. Colton.”

Rio e agarro a mão dele com força quando entramos na pista de gelo no Central Park. Eu sempre via essa pista nos filmes e televisão, mas nunca tive a chance de experimentar. É tão bonito aqui no inverno, apesar do frio ser realmente gelado, Nova York fica perfeita nessa estação.

“Você já patinou, não é?” Ethan pergunta me guiando, segurando minhas mãos e andando de costas para poder me puxar e olhar para mim.

“Já sim, mas nunca aqui.”

“Okay, certo. Então eu posso te soltar e nós podemos dançar aqui?”

Dou risada e balanço a cabeça negando. “Prefiro você segurando minha mão. Vamos fazer uma coisa romântica, príncipe.”

Ele assente e faz uma manobra abrindo levemente as pernas e as pontas dos pés para o lado e então ele passa por trás de mim dando uma volta pelo meu corpo com os braços abertos e para atrás de mim, me abraçando.

“Assim, Srta. Colton?” ele murmura no meu ouvido.

Pego as mãos dele, abrindo os braços e patinamos em uma velocidade razoável, nem rápido e nem devagar.

“Ótimo e é estranho você me chamar assim.”

Ethan morde devagar minha orelha e me abraça. “É ansiedade.”

Me solto dele e dou uma pirueta, dando um giro no mesmo eixo e viro de frente para ele pegando suas mãos. “Ansiedade de que? Me chamar de Sra. Brown?”

Seus olhos brilham com fogo e ele me puxa para ele. Suas mãos ficam na minha lombar, mas a intenção dos seus dedos é mais embaixo, porque estão tateando o alto da minha bunda quase se enfiando nos bolsos da minha calça jeans.

“Nossa, eu vou gritar isso te comendo na nossa lua de mel.”

Solto uma gargalhada forte jogando a cabeça para trás e solto meus braços

nos ombros dele, ficando mole, e ele me segura pelas ancas e gira como um passo de dança de gelo. É legal, mas parando. Volto a me agarrar a ele quase caindo quando nossos patins se batem.

“Cuidado.” Fala preocupado e o humor longe.

“Eu sei, desculpe. É que você me deixa idiota.”

Ele resmunga e gira meu corpo com cuidado para segurar minha mão e andarmos de patins com as mãos dadas como aqueles jovens namoradinhos de filme. Olho para o rosto dele e sorrio.

Amo tanto ele, penso nele até agora com ele ao meu lado. Muitos querem tanto isso na vida: amor. O que eu tenho com ele é mais valioso do que qualquer quantia. Eu poderia não ser tão afortunada, mas se sempre tivesse ele e soubesse que um dia teria, eu ainda seria tão feliz quanto sou agora. Meu mundo inteiro se resume a ele.

Ethan faz um aceno de brincadeira para os nossos seguranças que estão parados na arquibancada em volta a pista. Rio achando graça e Ken cruza os braços de cara amarrada. Passamos por eles e olho para pista. Está vazia, só umas dez pessoas e mais eu e Ethan com nossos seguranças.

“São que horas?”

Ethan olha o relógio e responde: “Nove e dez. Por que? Já está com fome ou quer ir embora.”

“Não.” Assim que respondo, olho uma luz amarela e fraca bem longe da pista e exclamo. “Ai, meu Deus.”

“O quê?” Ele pergunta freando bruscamente os patins e me segurando com força para não cair.

“Ah caramba, Ethan.” Reclamo quando consigo respirar. “Quer me derrubar?”

“E você me matar. O que foi?”

Reviro os olhos e encosto na mureta da pista. Tiro as luvas e coloco dentro do casaco grosso. “Eu achei que era uma carrocinha de algodão doce e maçã do amor. Só isso.”

“Porra! E eu ia adivinhar?” Briga comigo com as mãos na cintura. “Você me deu um susto.”

Respiro fundo e olho para as minhas mãos. “Desculpe, eu não queria te assustar só um algodão doce.”

Ele levanta meu rosto e me olha sério. “Está certo, mas não me mata do coração e vamos comprar essa merda de algodão doce.”

Dou um sorriso presunçoso e pego a mão dele caminhando para a saída mais perto de Ken, Jorge e Raul. Falando nele, o novo segurança pessoal de Ethan, me causa calafrio. Ele é muito sério e vive conversando com Ken. Eu

acho que ele está na mesma categoria que Ken na agência de segurança da nossa família. Ele é alto, cabelos escuros, olhos azuis escuros e forte. Ele é até bonito, mas uma beleza bruta como a do Wolverine. Balanço a cabeça com este pensamento.



DOMINGO, 31 DE JANEIRO DE 2014.

ACORDO PULANDO DA CAMA COM UM ENJOO ARREPIANTE. Corro para o banheiro com a mão na boca e levantando a tampa do vaso, vômito fazendo um barulho que eu não queria. *Que saco, isso vai acordar Ethan.*

“Você está bem?”

Só foi pensar e ele está aqui do meu lado.

“U-hum.” Resmungo dando descarga.

Ele pega meu rosto e olha meus olhos examinado. “Eu falei para não exagerar no algodão doce e na maçã do amor.”

Resmungo e tiro suas mãos de mim para ir lavar a boca. Escovo os dentes rápido e aproveito para passar água no rosto. Seco minhas mãos e rosto, e virando-me para o meu noivo super protetor, digo:

“Isso não é culpa do doce.” E me distraio vendo ele tirar a calça de flanela e entrar no box. “Quando você colocou essa calça?” Pergunto, porque se eu acordei nua, foi por culpa dele. Deve ter vestido de madrugada.

“Que calça?” Indaga ele, debaixo d’água e pegando o sabonete, passa no seu peito largo e musculoso.

Com as mãos abertas e formando espuma ele lava sobre os ombros, o tanquinho definido, o peito, debaixo dos braços e no seu pau formidável. Tudo com seu jeito sexy e elegante. Ethan é um homem com uma confiança que demanda muita força e seriedade. Com um olhar é capaz de me deixar louca por ele e aposto que qualquer mulher, mas se o objetivo é negócios, ele deixa o cliente no sapatinho.

Fico cobiçando o monumento que é seu corpo e sem um pinga de vergonha sorrio. Penso que quanto mais o tempo passa, mais eu sou dele e ele é meu. O que torna o nosso sexo uma coisa de louco. Minhas inibições não existem mais. Na cama, ou em qualquer lugar, com ele eu só consigo pensar nas maravilhas que ele pode fazer comigo.

Sem muito esforço ele está me deixando excitada agora. Suas mãos tiram o sabão do corpo apressadamente. Parece que a água está fria e ele está com

pressa, mas sei que é apenas o jeito dele. Ethan tem uma determinação implacável em qualquer coisa que ele almeja alcançar e agora eu apenas aprecio o show de vê-lo tomar banho. No momento, olho seus músculos das costas flexionarem quando ele lava os cabelos.

Tanto de frente, quanto de costas ele é perfeito. Não tem uma gordurinha para contar no seu corpo. É um metro e noventa de pura massa envolvendo seus músculos que fazem seu corpo parecer uma aparição divina. Seu traseiro é perfeito, redondinho e firme, de muita corrida e exercício físico. Amo apertar seu traseiro e arranhar suas costas. As marcas, levemente nas suas costas, deixa claro que ontem passei minhas unhas por ali.

Suspiro e cruzo os braços e bem na hora que ele volta a ficar de frente para mim. Os cantos da sua boca se curvam em um sorriso que ele sabe que deu um show.

“Não vai se juntar a mim?”

Suspiro alto e sorrio.

Ele abre a porta do boxe para mim e quando entro me puxa para debaixo da água quente com um abraço que tira meus pés do chão.

Dou uma risadinha por causa da água e meus lábios logo são atacados pelos dele. Sua língua lambe minha boca antes de invadir e sugar minha língua. Inclino a cabeça para dar mais acesso. Ethan aprofunda o beijo. Agarro seus cabelos com meus braços fracos nos seus ombros.

Solto um gemido baixo quando sinto o frio do azulejo nas minhas costas, já que estava recebendo uma água quentinha. Abraço seu pescoço e minhas pernas vão parar na sua cintura apertando e sentindo a ponta do seu pau na minha vagina. Sua boca abandona a minha para sugar e lambe a pele do meu pescoço, o lóbulo da minha orelha e meu queixo. Suas mãos descem para minha bunda e ele move meu corpo para seu pênis me penetrar lentamente.

“Não consigo me faltar de você”, ele murmura no meu ouvido.

“Eu também não”, arfo e rebolo sentindo seu pau me alargando. “Nunca vou.”

Ethan geme com a boca procurando a minha. Agarro seus cabelos trazendo sua boca para mim em um desesperado. Ele morde meu lábio e suga, enquanto pressiona meu corpo, aperta minha bunda para me manter no lugar e estoca com força dentro de mim. Minhas coxas apertam seus quadris. Meus seios estão muito pesados e sensíveis. Os bicos duros raspam no seu peito sentindo seus poucos pelos, que enviam uma onda de energia alucinante.

Uma das suas mãos deixa minha bunda e segura com desejo meu seio. Arfo e forço pra baixo, para ele ir mais fundo. Ele tira tudo e enfia com uma estocada forte e a fricção que me causa faz meu orgasmo explodir com um gemido rouco.

Ethan continua tirando tudo e enfiando com força e sinto suas mãos me agarrarem, seu pau inchar e sinto seu gozo quente dentro de mim me levando para mais um orgasmo. *Uau. Isso foi rápido.*

“Porra. Que delícia”, ele rosna e suas mãos vão para o meu rosto depois de ter a certeza que me mantem presa a parede e não vou cair. “Queria passar o dia todo assim”, diz quando me dá um beijo carinhoso na boca.

Sorrio fitando seus olhos. Acaricio seu rosto com reverência e beijo sua bochecha.

“Eu também gostaria de ficar assim o dia todo, mas o mundo está lá fora nos esperando.”

“Não preciso do mundo todo, só de você.”

Retribuo sua frase, beijando seu rosto e o sorriso que ele abre deixa claro que ele sabe o efeito que suas palavras tiveram em mim.

“Você gosta quando falo essas coisas.” Diz confiante.

“Claro que sim e você sabe que eu acho você um romântico mal disfarçado.”

Ethan dá sua risada rouca e aperta as mãos em minha cintura. “Estou sendo sincero, não romântico.”

“Você uma vez já falou isso.”

Ele assente. “Porque é verdade.”

Dou de ombros e nos beijamos de novo.

Ele me põe no chão e nos lavamos finalmente. Suas mãos passam a esponja com o sabonete no meu corpo todo, me deixando branquinha de espuma e eu faço o mesmo com ele. Formamos muita espuma e quando fomos ver estávamos brincando de espuma. Jogo no rosto dele e ele no meu. Rindo tiramos o sabão do corpo e eu termino de lavar meus cabelos com a visão dele se enxugando. Fecho o chuveiro, tiro o excesso de água do cabelo e abro o box. Ethan me envolve em uma toalha e me pega no colo.

“Ah!” dou um gritinho pendurada no ombro dele. Sou jogada na cama e ele vem para cima de mim rindo. Rio também e nos beijamos por muito tempo, até que a fome surge para nós dois e nos vestimos para tomar café da manhã.



E^{ETHAN BRINCA DISTRAIDAMENTE COM} meu anel, sentado ao meu lado com um braço atrás da minha cadeira. Estamos sentados em uma mesa distante em um evento, de negócios,

que fomos convidados em cima da hora e enquanto ele conversa, olho para as pessoas.

O evento é de uma das empresas que a Colton & Brown é patrocinadora e como Ethan estava na cidade pediram para ele vir representar — como um dos herdeiros e donos — a empresa. Claro que vim com ele, afinal sou também uma das herdeiras e não tinha pensado numa coisa, até Ethan dizer, que sou dona pelos dois lados da família.

Recebemos o convite hoje pela tarde quando estávamos assistindo um filme na cama com Prince no nosso meio. Estava tão gostoso e eu só não peguei no sono com o cafuné que Ethan fazia nos meus cabelos, porque estamos assistindo um filme de terror. Então quase no final do filme, Ethan recebeu o telefonema da secretária do CEO de Manhattan querendo saber se ele poderia vir ao evento.

E como um passe de mágica eu tinha tudo para vir ao evento. Bem, não foi mágica. Foi um passeio na Avenida Madison. Comprei um vestido de noite — um pretinho básico — e Ethan um terno simples com a gravata azul para combinar com meus sapatos novos também. Tudo em uma loja só. Busquei ir a uma loja que teria moda para homem e mulher, então fomos à Dior, na 57th. No entanto, como uma tentação, a Miu Miu fica ao lado e meus sapatos e a bolsinha foram comprados lá. Estranhamente Ethan me deixou pagar os sapatos e a bolsa.

“Ai, não aguento mais ficar sentada aqui. Vamos andar um pouquinho, amor”, falo no ouvido dele quando nos deixam à sós.

“Está bem.” Ele se levanta e puxa minha cadeira para eu sair. Oferecendo sua mão, diz: “Vamos dar uma volta por aqui e mais vinte minutos.”

Rio do seu modo ranzinza, cruzo meu braço com o dele e minha outra mão segura sua mão do mesmo braço que está circulado ao meu.

“Nós chegamos aqui tem uns vinte minutos.” Falo baixo.

“Eu sei e acho que quarenta minutos aturando esses bajuladores que nem me conhecem é o suficiente.”

Balanço a cabeça e discretamente sorrio caminhando com ele pelo evento. O evento é para arrecadar fundos. Um empresa de engenharia quer reformar alguns prédios arruinados com o tempo nos bairros pobres. A *Colton & Brown* já deu sua contribuição e apoio. Oferecemos propaganda pela cidade — banners do projeto — e comercial pelas redes de comunicação que circulam Nova York.

Ethan e eu somos parados por um grupo de cinco homens educados e evidente que são do ramo financeiro. Eles me cumprimentam e Ethan sempre me apresenta como namorada e uma das herdeiras, a filha dos Colton, então automaticamente sou ovacionada.

Abro meu sorriso amarelo e me mantenho quieta até eles finalmente nos deixarem. Apenas abro a boca quando me perguntam alguma coisa e — claro —

quando sou capaz de dar minha opinião.

“Foi um prazer conhecê-la, Srta. Colton.” Um dos homens fala enquanto apertamos as mãos.

“O meu também.”

“Espero que você também faça parte da empresa um dia.”

Assinto mantendo o sorriso e digo: “É o que eu pretendo. Colaborar com meus esforços na empresa da minha família.”

“Você vai se sair bem, está no sangue.” Ele fala e se vira para Ethan. “Espero que pense a respeito do que ofereci. Realmente seria um ótimo investimento.”

Ethan faz um aceno com a cabeça. “Vou pensar sim.”

“Tenha um bom fim de noite, jovens.” O homem fala amigável e nos deixa. Suspiro e encosto a cabeça no ombro de Ethan.

“Está cansada?” Pergunta pegando minha mão que estava circulando seu antebraço e aperta a que estamos com dedos entrelaçados.

“Não.”

Ele vem para a minha frente e coloca minhas mãos nos seus ombros. “Tem certeza? Nós podemos ir embora, querida.”

Sorrio com carinho por causa do jeito que ele me chama e balanço a cabeça. “Juro. Não estou cansada, mas é tão estranho o modo como as pessoas estão me tratando.”

Ele me olha sério e coloca uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha, apenas para ficar enrolando no dedo distraidamente com a mão apoiada no meu ombro.

“Eu sei que é um pouco estranho, mas tente entender. Você está comigo e eu sou o filho do segundo dono da empresa. As pessoas são maldosas e pensam um monte de coisas. Coisas boas e ruins. No nosso mundo tudo gira em torno do dinheiro e interesse. Eles não sabem que nós nos amamos tanto assim e que estamos juntos por causa disso. Nós dois somos uma jogada e tanto de aliança para eles”, ele termina com um sorriso amargo.

“É, eu sei”, falo alisando sua gravata.

“Pelo menos eles só falam com o tom sugestivo, sem realmente falar o que suas mentes maldosas pensam. Ponto para eles, porque senão eu ia ficar furioso.”

Assinto e subo meus olhos para os dele de novo. “Se controle, por favor.”

“Estou me controlando.”

Assinto rindo e beijo ele rápido. Não quero que falem e pensem mais besteira de mim, então não vou dar motivo. *Sem demonstração de afeto em público* — repito meu mantra. Ethan pega minha mão e voltamos a caminhar

pelo evento. Ora sim, ora não, deparamos com mais pessoas interessadas em falar com ele sobre negócios e do evento. Paramos perto da mesa de maquetes dos prédios preteridos para as reformas e ficamos momentaneamente à sós.

Ethan pega champanhe e água para mim quando o garçom passa por nós. Termino minha água e deixo o copo no próximo garçom. Volto a segurar sua mão e fico na frente dele, mas não tapando ele de ninguém. Não quero que pensem que estou impedindo de falarem com ele.

“Olhe, aquele homem está acenando pra você”, digo quando vejo que ele não está percebendo o homem.

Ethan vira o rosto para o lado e vê o homem que tem um olhar muito seguro e malicioso. Uma postura segura e um sorriso debochado de lado. A forma que ele olha para Ethan demonstra que eles se conhecem e acho que meu noivo não gosta do que vê.

“Percebi”, diz Ethan com aversão.

“Quem é? Você conhece? Ele parece que te conhece.”

“É Arnon Connor.”

Connor? Franzo a testa, lembrando que a primeira namorada de Ethan se chama Nicole Connor. Só em lembrar dela fico com ânsia de vômito. Nicole, aquela fingida. Quero distância dela e adoro que ainda não tive o desprazer de esbarrar com ela.

“Connor?”

Ethan assente e aperta minha mão. “Ele é irmão mais velho de Nicole.”

“Mas ela disse que só tinha o Jesse de irmão.”

Ele respira fundo e me olha. “Arnon ficou fora do país uns cinco anos. Pelo que eu sei a esposa ferrou com ele e o levou a falência. Agora parece que ele está de volta e eu ouvi que quer vingança. Nicole como uma boa filha da puta, fingiu que o irmão não existia para não deixar ninguém saber da derrota deles. Os Connor ficaram quase sem nada.”

“Que horror. Como você sabe disso?”

“Anton tem amigos incomum com Jesse e Arnon, mas não mantém contato com nenhum dos Connor. Eu mesmo não via um deles há muito tempo e gostaria de ficar assim, porém nossas vidas às vezes vão se cruzar por interesses de mercado.” Ele faz um aceno com a cabeça e entorta a boca. “E tem gente que acha que dinheiro é a melhor coisa do mundo. Ele pode sim proporcionar benefícios, mas tem muitos males em conjunto a isso.”

Assinto e suspiro. Eu mais do que ninguém sofro por causa da quantidade de dinheiro da minha família. Sei que essa perseguição e os sequestros têm a ver com dinheiro. O maldito do dinheiro.

“Eu sei”, murmuro e Ethan beija meu rosto com carinho, mas somos

interrompidos.

“Ethan Brown, quanto tempo.”

Viramos para Arnon, que nós nem tínhamos percebido se aproximar. Ele aperta a mão do meu noivo e depois a minha quando Ethan me apresenta. Arnon estreita os olhos e diz:

“Victoria, filha dos Colton?”

Nós dois afirmamos com um aceno de cabeça.

“Nossa, Ethan, você fez uma jogada de mestre em se envolver com a filha do sócio do seu pai. Parece até aquelas uniões de antigamente, quando os pais já têm tudo programado para os filhos se casarem no futuro. Uma aliança de sangue.”

Meus olhos se esbugalham. Prendo a respiração e engulo em seco. Nossa como ele é idiota.

Olho para Ethan quando escuto seus dentes trincar e os músculos das suas costas retesar. Seus olhos perfuram Arnon e eu sou obrigada a apertar seu braço com medo dele avançar no irmão de Nicole, mesmo que eu ache que ele mereça umas porradas. *Que merda, Ethan disse que estava por um fio sobre esse mesmo assunto.*

“Foi um prazer te ver de novo, Arnon. Mas se me der licença, vou me sentar. Eu nunca gostei de eventos assim e agora mais ainda que tenho que me deparar com pessoas como você.” Ethan sorri sem humor e me puxa sem dar tempo para Arnon dizer nada.

Olho para trás onde estávamos e vejo a cara de surpreso e desgosto de Arnon. Ethan continua me puxando para o canto afastado da festa. Ele ficou realmente puto.

“Ethan. Você vai deslocar meu braço.”

Ele para e se vira para mim. “Desculpa, meu anjo. Nem percebi que estava te puxando com tanta força.”

Sorrio sem graça e dou de ombros. “Está tudo bem e que tal irmos embora agora?” falo fazendo uma careta e abraço ele pelo pescoço. “Estou com fome e não consigo nem mais vê esses canapés de camarão e beber água.”

Ethan assente e me leva para saída sem pensar duas vezes. Que bom porque eu estava temendo a carinha bonita de Arnon ganhar um soco.

Raul aparece na entrada do evento e nos guia até o carro. Entramos, a porta é fechada e o carro começa a se movimentar após Raul sentar no banco do carona ao lado de Ken, e Jorge dirigindo.

Sou puxada por Ethan, me pondo em seu colo. Vou de bom grado já passando meus braços por seu pescoço. Ele beija de leve meus lábios e segura meu queixo com delicadeza.

“Eu sou apaixonado por você. Não tem nada a ver com dinheiro ou interesse ou —”

Coloco a mão na sua boca impedindo-o de terminar.

“Não quero que você nem pense nisso. Eu sei que você me ama e nunca passou na minha cabeça nada disso que essas pessoas estão pensando e falando. Nunca mais pense em tentar se explicar sobre isso. Eu te conheço e sei que me ama, assim como eu te amo.” Murmuro.

Ele assente e me beija, mas agora com um leve tom de desespero. “Você é tudo para mim e odeio que achem que estou com você por causa do seu nome. Eu estou com você porque não posso viver sem meu coração e ele é seu desde que vi aquela linda garota na minha academia.”

Solto um risinho e me ajeito no colo dele, abraço-o com mais força, deitando a cabeça no seu ombro e beijo seu rosto, antes de dizer no seu ouvido:

“Eu sei disso e o meu também é seu. Não pense mais nisso.”

Ele faz um som afirmativo com a garganta e acaricia meus cabelos. “Desculpe pelo Arnon. Ele sempre foi babaca.”

“Está bem e chega.” Beijo seu queixo sorrindo. “Agora me leva para comer alguma coisa. Estou morrendo de fome.”

Sinto seu corpo relaxar e passando as mãos em minhas costas, pergunta suavemente:

“Quer comer o que?”

Faço uma cara pensativa e sussurro brincando com ele para recuperar seu humor.

“Big Mc.”

Ethan solta uma risada e aperta o botão no teto do carro para baixar a janela que nos dá privacidade e fala para Jorge nos levar para o McDonald's, dizendo que hoje é o Mc'Dia Feliz. Dou risada e quando a janela suspende de novo me remexo no seu colo, provocando-o.

“O que você está fazendo?” Ele diz apertando minha bunda.

“Eu quero um Mc'Lanche Feliz também.”

Seus olhos se aquecem e me queimam. “Quer?” Sua voz sedutora me derrete.

“Quero, mas o meu é especial e só meu.” Sinto seu pau ficando duro e remexo mais ainda.

Ethan limpa a garganta e suga meu lábio inferior. “Em casa nós resolvemos isso.”

Mordo a boca para provocá-lo ainda mais.

“U-hum.”

“Você fica linda com essa carinha de safada, minha princesa.”

“Posso confessar uma coisa?” murmuro.

“Pode, claro.” Diz sério.

“Eu acho muito sexy quando você fala safadeza.”

“Ah é?” Ele pergunta rindo e enfia as mãos debaixo do meu vestido. “Ontem de manhã você disse que eu sou muito safado e agora você gosta.”

Assinto sem graça e baixo os olhos.

“Olha pra mim.” Levanta meu rosto e fixa nossos olhares. “Não quero que tenha vergonha comigo. Nos amamos e vamos nos casar. Você pode falar putaria, e já que você gosta, eu falo mais.”

Solto uma gargalhada jogando a cabeça para trás. “Você é terrível.”

Ethan solta um som grave e me puxa, roçando sua ereção crescente em mim. “Mais você ama e adora isso.”

Gemo baixo e enfio as mãos nos seus cabelos jogando a cabeça para trás e ele beija meu pescoço.

“Está ficando molhadinha para mim?” Sussurra no meu ouvido.

“U-hum.”

“Maravilha, mas quero que se controle. Quando chegarmos em casa eu te dou seu Mc Lanche Feliz, meu anjo safado.”

Rio e junto nossas bocas. Nos beijamos com paixão, enlouquecidos. Estou com tesão e no meio do meu peito parece ter uma brasa se aquecendo.

Dez

Ethan

DOMINGO, 31 DE JANEIRO DE 2014.



ENTRO EM CASA COM VICTORIA NOS BRAÇOS rindo. Ela está feliz e vestindo meu paletó porque ficou com frio. Sou louco pela risada dela, porque parece acender algo dentro de mim. Ela é como um anjo que chegou na minha vida para iluminar e me dar vida. Desde o primeiro estante que coloquei meus olhos nela minha vida se acendeu. Giro com ela nos meus braços, fazendo ela sorrir mais ainda, porém ganho um leve empurrão no peito.

“Me põe no chão.” Ela diz com a mão na boca. “Ethan! Me põe no chão, agora.”

“Está bem.”

Assim que seus pés tocam o chão ela corre para o banheiro perto das escadas e da cozinha. Sem entender vou atrás.

“Amor?”

Ela está vomitando disparadamente no vaso, agachada e com as mãos no cabelo se apoiando na descarga acoplada. *Que merda.* Não aguento vê-la assim. Toda hora é isso. De manhã, ontem de tarde depois de sairmos do restaurante, quando infelizmente um caminhão de lixo passou do lado do nosso carro no Brooklyn, depois que patinamos no gelo, porém só ficou enjoada e agora quando estamos curtindo e ela comeu com tanto gosto seus dois Big MC. Isso me entristece. Não gosto de ver minha garota assim. Preciso urgente falar com a médica dela. *Ela já tem médica?*

“Querida,” falo chegando perto ajudando-a, entrego o papel higiênico para ela passar na boca. “Victoria, nós precisamos ir ao médico.”

Ela suspira e chega até a pia do banheiro. Lava a boca e as mãos, depois com a pequena toalha se seca. Chamo de novo seu nome. Ela não me responde deixando a toalha em cima da pia, vira-se para mim, me olha com tanto amor e gratidão possível.

“Ethan, eu não preciso ir ao médico. Eu estou grávida e as grávidas sofrem de enjoos.”

“Mas seria bom irmos. É sua primeira gravidez e eu não sei nada, então como vou saber se você está bem mesmo?”

Ela ri com doçura, se aproxima de mim e joga os braços nos meus ombros.

“Você é maravilhoso, sabia? E eu sei que é a primeira gravidez e eu não sei muita coisa também, mas eu li que isso é normal. Até as vinte semanas, ou às vezes a gravidez toda as grávidas podem enjoar e vomitar.”

“Mais que merda. Não vou suportar ver você assim nove meses.” Falo nervoso. “Não pode acontecer com você. Se tudo que você comer vomitar, como vai sobreviver e ele vai crescer?”

Ela assente sorrindo e faz um carinho no meu rosto. “É verdade.” Concorde com um sorriso de desculpa.

“E tem outra coisa. Aquela história da anemia. Você está tomando as vitaminas? E eu sei que as mães precisam de cálcio.”

Os olhos dela ficam marejados e ela beija suavemente minha boca, feito um carinho e diz nos meus lábios: “Achei que não tinha como te amar mais, mas eu posso sim. Todo dia eu acho isso e te amo mais e mais.”

Solto um resmungo e seguro o rosto dela. “Por que disse isso? E estou falando sério.”

“Eu sei que está, querido.” Ela ri mesmo assim. “E eu estou falando isso porque você é incrivelmente maravilhoso e vai ser o pai mais lindo e perfeito do mundo todo. Não se preocupe, Ethan. Nós vamos ficar bem.”

Não entendo isso. Parece que estou fazendo algo formidável, mas não tem nada demais em me preocupar com ela. FRANZO a testa e pergunto:

“Está falando isso porque estou me preocupando com você?” Ela assente. Rio e afago suas costas colando nossos corpos. “Victoria, às vezes você se impressiona fácil demais. É meu dever me preocupar com você. Com a minha futura esposa e além do mais, grávida. Então é óbvio que tenho que cuidar de você” me afasto dela e coloco a mão na sua barriga “e dele.”

Ela pisca passando a mão no meu rosto. “Eu sei que é,” sussurra, “mas não consigo não achar que tudo que você faz para mim é grande demais. Você é um homem tão bom e generoso.” Ela faz carinho em mim com suas mãos sob seu rosto. “Você é maravilhoso. Perfeito. Perfeito. PERFEITO.” Ela repete rindo.

Meu coração se acelera e abraço-a com força. “Você que é perfeita e eu sou muito sortudo.”

Ela morde minha orelha. “Agora me leve para cama” murmura.

“Vou sim.” Volto a pegá-la nos braços e caminho pela casa, subindo as escadas para chegar ao nosso quarto. “Vou cuidar de você, porque eu te amo.”

“Mmm...” Ela geme baixinho no meio ouvido e deita a cabeça no seu braço que está no meu ombro me abraçando. Beijo sua mão livre e chegando na suíte fecho a porta. Prince está aprendendo a subir as escadas e eu não acho certo — na verdade não fico confortável — com ele nos assistindo transar e sem contar que não estou muito acostumado a dormir com ele, mesmo assim às vezes

acontece.

Deixo ela na frente da cama. Suas mãos passam em meu peito com vontade. Adoro que ela faça isso comigo. Preciso do seu toque tanto quanto ela precisa me tocar. Tiro meu paletó dela, aproveitando para sentir o calor da sua pele quando meus dedos passam nos seus braços. Sento-a na cama e fico na sua frente.

Dou um beijinho nos seus lábios e quando ela apoia os braços atrás do corpo na cama, permitindo que eu procure o zíper do seu vestido que fica do lado. Com seu sorrisinho safado vou baixando ele. Victoria fecha os olhos, entregue e disposta a mim. Amo quando ela faz isso. Sou viciado nela. Um amante ganancioso que adora desfrutar do corpo da sua amada e se pudesse passaria vinte e quatro horas amando-a. Tiro as alças do vestido deslizando por seus braços e ela morde a boca quando passo as mãos em cima dos seus seios, cobertos por um sutiã *tomara-que-caia*.

“Vem, fique de pé para eu tirar o vestido.”

Seguro suas mãos e a puxo. Com ela de pé termino de tirar o vestido. Ela suspira de olhos fechados quando vou erguendo o corpo com minhas mãos alisando seu corpo, fazendo minha ereção despertar mais ainda. Estou ficando duro pra caralho e louco para sentir seu gosto, mas tem uma coisa que eu quero e tem um tempo que não ganho dela.

Seguro sua cintura e beijo lentamente seus lábios, só passando os meus por cima e murmuro. “Quero pedir uma coisa.”

“Peça.” Diz sedutora.

“Quero sua boca.”

Seus olhos faíscam de luxúria, seu lábio inferior é sugado e soltado devagar para me provocar.

“Leu meus pensamentos” fala ela baixinho e beija meu pescoço para dizer no meu ouvido: “Mas primeiro vou escovar os dentes.”

Franzo o cenho e seguro seu rosto para afastá-lo e poder olhar seus olhos. “Por que isso?”

“Acabei de passar mal, amor”, diz acanhada e dando de ombros.

Aceno com a cabeça e em um movimento rápido pego ela nos braços, deixando em cima dos meus ombros só de calcinha, sutiã e sapatos.

“Ah!”

Viro o rosto e mordo sua carne. “Vamos então tomar um banho quentinho juntos.”

Ela resmunga quando tiro seus sapatos. Sento ela na pia do banheiro e vou até a banheira, ligo em um ritmo lento. Coloco sais de banho e quando volto para Victoria ela já escovou os dentes e percebo que suas bochechas estão vermelhas

porque ficou de cabeça para baixo e os olhos brilham de tesão. Abro suas pernas para ficar no meio e ela me puxa pelas lapelas da minha blusa de linho. Adoro quando ela me pega assim, selvagem e sexy. Todo homem gosta de ser pego pela mulher que ele deseja e principalmente ama.

Enquanto minhas mãos afagam seu corpo: a cintura fina e o abdômen — ainda reto — e suas costelas, sentindo o calor debaixo dos seus seios. Amo pra caralho esse lugar específico nela. É macio e quente, na verdade seus peitos são muito quentes e eu amo colocar minha boca neles. Amo chupar o bico até ela arranhar minha pele louca de tesão.

Ela abre cada botão da minha camisa e terminando passa as mãos no meu peito. Primeiro só as pontas dos dedos, depois ela arranha de leve meu peito. Solto um gemido rouco do fundo da minha garganta e ela me puxa. Sua boca chupa meu pescoço e ela geme.

“Amo tanto seu gosto.” Diz beijando e lambendo meu pescoço, orelha e peito. “Oh céus. Você é gostoso demais.”

Acho graça do seu comentário e aperto suas coxas. Levanto ela um pouquinho, tirando da pia. Ela inclina o corpo um pouco para trás e aparte debaixo aproxima de mim, se esfregando com vontade. Sinto meu pau quase furar a calça. Um arrepio passa no meu corpo que erradia do meu saco até a espinha.

“Gostosa é você.” Não reconheço minha voz.

Victoria resmunga e baixa o rosto novamente. Beija suavemente meu peito e me pegando desprevenido lambe meu mamilo esquerdo. *Ah caralho.* Não é só mulher que gosta disso. Sinto um tesão monstruoso e enquanto deixo Victoria molhada eu fico babado e o pau mais duro que diamante.

Sua língua faz círculos lentos no meu mamilo e as unhas cravam minha pele deixando uma ardência próxima aos músculos do meu umbigo. Ela troca de mamilo e eu agarro os cabelos dela. Victoria arfa e geme enquanto me empurra com os olhos nos meus. Seu olhar penetrante erradia excitação. Meu pau está muito duro. Ela morde os lábios e abre minha calça enquanto deixa beijos molhados e quentes no meu peito. Fica de joelhos e abaixa a peça. Seus olhos em mim, estão tão verdes que chega a brilhar. *Putá que o pariu, essa mulher me mata.*

Suas mãos, como da primeira vez que me fez um boquete, sobem pelas minhas pernas, deslizando calmamente, me arrepiando. Ela deixa as mãos nas minhas coxas e passa o rosto na minha ereção por cima da cueca. Ela sorve meu cheiro. Fico louco e agarro seus cabelos, fechando os olhos e jogando a cabeça para trás. *Putá que o pariu.*

Solto a respiração pelo nariz e sinto seu beijo acima do elástico da cueca.

Ela enfia seus polegares na cueca e tira lentamente. Então vem seu hálito quente no meu pau. Levanto os pés para ela terminar de tirar a cueca e calça. Suas mãos novamente passam pelas minhas pernas e sem delonga pega meu pau. Solto um som rouco com a garganta e ela dá um beijo na cabeça que está molhada de pré-ejaculação.

“Você quer isso, meu bem?” Ela pergunta sussurrando.

Puxo seu cabelo para levantar seu rosto e passo o polegar nos seus lábios brilhando com minha excitação.

“Não comece algo que não pode parar.”

Ela dá um sorrisinho diabólico e lambe a extensão do meu pau das bolas até a cabeça.

“Não pretendo parar.” Dá um apertão no meu pau, me fazendo gemer. “Só estava perguntando.”

“Então não tenha dúvidas e engole meu pau.” Ela assente mordendo os lábios e acaricio sua bochecha. “Engole gostoso do jeito que você faz, meu anjo safado.”

Ela assente de novo e com os olhos grudados nos meus abocanha meu pau. Solto um rosnado arfante. Ela lambe só a cabeça, rodopiando com a língua e sugando minha porra. Depois coloca mais para dentro. Fecho os olhos porque finalmente ela começa a chupar meu pau. Enfia até a garganta por um momento.

“Ai caralho, Victoria!”

“Mmm...” ela geme me sugando e chupando. Sua boca está quentinha e molhada. Um paraíso. E mesmo que não... É a minha mulher, minha garota. Sempre tenho que pedir para dá uma paradinha. Me sinto um adolescente com ela. Tenho que me controlar para não gozar apenas com o toque dela. Ela me aperta enquanto me chupa, *punhetando* de um jeito que me leva ao abismo muito rápido. Nenhuma outra mulher me causou tanto prazer como Victoria me causa. Às vezes acho que estou realmente louco, só que ela realmente leva meu corpo a ter reações que nunca senti antes, inclusive fodê-la duas vezes em menos de uma hora. Isso é um patamar que só ela conseguiu, me tornou ainda mais apaixonado.

Pode ser ridículo os pensamentos de um homem, mas nós não fomos programados para se apaixonar tão fácil. O sexo vem primeiro e com Victoria, veio junto. Nem antes e nem depois. Nossa primeira vez, foi minha união a ela definitivamente. Naquela noite e minha obsessão e paixão se tornou profunda. Sou dela até meu último suspiro.

Arfo com força e sinto minha pulsação martelar no meu ouvido. O sangue está correndo em minhas veias e Victoria engole meu pau até a garganta e depois tira ele todo. Suga e lambe enquanto as mãos massageiam meu saco. *Meu Deus.* Ela sabe como eu gosto. Ela é perfeita.

“Vou gozar nessa sua boquinha, meu” respiro com dificuldade “anjo.”

“Ahã”, ela faz com a garganta e solta meu pau para agarrar minhas coxas. Urro com a dor das unhas dela na minha carne e hipnotizado vejo quando suas bochechas se comprimem dando uma longa chupada com força.

“Porra, Victoria.”

Ela coloca mais pressão. A sensação quente na cabeça do pau me leva a borda. Sinto minha ereção maior e meu saco começar a comprimir. O orgasmo está chegando e vou gozar muito.

“Você quer mesmo isso até o fim?”

“Ahã” ela afirma e me olha.

“Então engole tudinho.”

Ela choraminga um som de súplica e fecha os olhos. Chupa com fúria, se deliciando e como estivesse faminta pelo meu gozo. Nosso desejo é igual e quando eu chupo ela é o mesmo para mim. Uma fome crua de sentir seu gosto na minha boca. Reivindicando aquilo que é meu.

“Minha”, minha voz está rouca.

Os dedos enfiados nos seus cabelos, faço pressão no couro cabeludo. Sem empurrar, só provocando, como ela gosta de fazer com as pontas dos dedos na minha garganta às vezes. Porque quando o assunto é cabelo, ela ama puxar os meus. Meu saco retrai e sinto o frio na minha espinha. Meu corpo todo se arrepia e fecho os olhos quando começo a gozar enchendo a boca da *minha mulher* com minha porra. Ela engole tudo sem restrições, como se meu gosto fosse o melhor do mundo.

Victoria geme soltando meu pau e o lambe, limpando. Dou um sorriso perverso e assisto-a limpar sua boca com as pontas dos dedos. Puxo-a para cima, segurando seus ombros e agarro ela dando um beijo na sua boca faminto e grato pelo que ela acabou de fazer. Isso é uma prova de amor. Nem todo homem beija a mulher depois dela chupar ele, são hipócritas. Porque ao contrário, elas não ligam de beijar o homem que chupou elas.

Eu amo a minha e furioso, preciso pegá-la nos meus braços e beijá-la para abafar a ansiedade dentro do meu peito por ela ser tão maravilhosa e me agradar tanto. Ela é a minha *realidade* erótica.

“Te amo” ela murmura enquanto empurra minha camisa que cai livre no chão.

“Eu amo você e” beijo sua boca falando: “amo. Sua. Boca. Safada.”

Victoria dá uma risadinha e morde o canto da boca. “Gosto da sua também”, diz passando o dedo nos meus lábios.

Abro um sorriso de lado, que eu sei que ela fica cheia de tesão, e peço para ela fechar os olhos.

“Agora é a minha vez.”

Ela assente freneticamente. Tiro seu sutiã, a calcinha e dou beijos suaves no seu corpo. Vamos para a banheira fazer amor calmamente. Sinto uma grande vontade de tratá-la com carinho depois de usá-la para o meu bel-prazer.

Encosto meu corpo na banheira com as costas apoiadas e Victoria em cima de mim, sentada de frente, com cada perna de um lado das minhas coxas. Amo ficar assim com ela. Pego a esponja e passo no seu corpo, molhando oras sim e oras não. Ela faz o mesmo depois, me limpando todo. Chega o corpo para trás e lava até minhas coxas deslizando as mãos com os dedos fazendo pressão. Uma massagem tentadora.

Quando termina, sorri e fica de joelhos na banheira. Chego para frente e passo minhas mãos no seu corpo, sentindo as curvas macias e molhadas. Minha princesa está branquinha, cheia de expunha e sorridente. Minha princesa angelical. Sorrio e a puxo para os meus braços, me apoio novamente na banheira. Fecho os olhos quando ela fecha os dela e nossos lábios se encontram em um beijo suave e apaixonado. Sinto-me tão feliz que chega a ser sufocante. Gosto de estar assim com ela. Eu não sei o que mudou, mas algo mudou no nosso relacionamento depois da briga. E foi para melhor.



NO DIA SEGUINTE meu despertador me acorda às oito horas. Resmungo e passo a mão no rosto. Mesmo dormindo — muito bem — com Victoria, quentinha nos meus braços, dormi pouco para acordar para o trabalho hoje. Viemos para cama depois das três da manhã, quando estávamos exaustos, com frio e enrugados, após fazermos amor bem suave na banheira e ela quase desmaiar de sono.

Saí primeiro da banheira, me sequei, a peguei e sequei também. Vesti uma calça de flanela e ela uma calcinha com uma blusa minha de malhar. Eu amo quando ela usa minhas camisas. Tem uma em especial, que ela roubou e fez umas modificações, um nó grosso na frente. Ela usa com calça jeans ou dorme com ela, às vezes. Simples, sem glamour. Ainda tem gente que pensa que somos ricos metidos a besta. Estão enganados. Eu cansei de comer o que tinha na geladeira e muitas vezes só tinha restos. Não acontecia muito, porque minha mãe sempre estava de olho em mim.

Não nego que sou um filhinho da mamãe. Anton também, mas como é casado ela pega menos no pé dele. Coitada da dona Lauren, em breve não terá

mais o filho caçula para perturbar. Apesar que irá ficar de olho nos netos. *Minha nossa.*

Quando penso nisso meu coração palpita e estou com medo de acordar Victoria. Ela está dormindo em cima de mim. Me abraçando com as mãos por baixo dos meus braços e a cabeça no meu peito. Afago suas costas e fico receoso de contar para ela meu nervosismo.

Estou muito feliz por estarmos começando nossa família, mas não nego que isso me traz pânico.

Meu medo não é que façam mal a eles, isso só por cima de mim do meu cadáver. Meu medo se resume a uma coisa que todos dariam o nome de egoísmo, mas eu não vejo assim. Eu só esperava demorar um pouco mais para termos um filho. Queria ficar mais um tempo com ela. Apenas eu e ela, e quando o bebê chegar, vou ser obrigado a dividir ela com ele.

Vou amar. Já amo meu filho e todos que teremos, mas sei que quando uma mulher é mãe, ela fica dividida. Sinceramente não quero que Victoria se sinta assim. Vou tentar ao máximo não levar essa carga para ela. Vou engolir esse pequeno pânico dentro de mim e meu irmão disse que depois que ouviu o coração da Hanna mudou de pensamento.

É egoísta, mas meu pai fala que os homens são eternos garotos e precisam de uma mulher para cuidar e paparicar. Eu quero minha Victoria do jeito que está por mais um tempinho. Só que não tenho como mudar agora, então vou fazer o que for possível para ela ser muito feliz nessa gravidez. Prometi que iria fazê-la feliz e realizaria todos os seus sonhos. Vejo como ela está feliz com esse filho e eu vou ficar também.

Dou um beijo no alto da sua cabeça e penteio seus cabelos com meus dedos. Ela resmunga e se aconchega em meu peito. Sorrio e envolvo-a com meus braços e lentamente vou girando o corpo. Deixo ela na cama, se aconchegando entre o colchão e meu peito.

“Meu amor, preciso levantar para o trabalho” sussurro tirando seu cabelo da frente do rosto.

“Mmm...” ela tateia meu peito subindo e espalma a mão na maçã do meu rosto de olhos fechados.

Sorrio e seguro sua mão dando um beijo. Vagarosamente vou tirando meu corpo debaixo do dela. Sua mão agarra meu travesseiro e o leva para os seus braços apertando bem forte. Faço um carinho no seu rosto e vou para *closet* trocar de roupa.



ÀS NOVE HORAS, estou pronto e descendo as escadas, após deixar um beijo nos cabelos de Victoria, que ficou como uma princesa adormecida na cama.

“Oi, filhote.”

Solto Prince do cercadinho que ele fica. Vou até a cozinha, pego a ração no armário debaixo da despensa e encho a vasilha dele. Coloco água também. Ele balança o rabo e afago os pelos caramelos e macios da sua cabeça.

“Vou trabalhar, cuida da casa e da *mamãe*.”

AU! Ele late como tivesse entendido.

Saio da cozinha e sigo caminho para a porta de casa. Pego meu celular e mando mensagem para Raul dizendo que estou descendo. Vou no meu carro dirigindo, um BMW preto, e ele no Audi fazendo a segurança. Eu gosto de dirigir e mesmo com toda essa segurança, não vou abrir mão de mais uma coisa. Envio uma mensagem para Ken e Jorge dizendo que estou saindo. Com tudo confirmado, saio do elevador privado e depois de descer dezoito andares entro no meu carro para mais um dia de trabalho em Manhattan.



SÃO ONZE E MEIA DA MANHÃ e eu já estou ficando esgotado pelo dia inteiro e olha que fiquei apenas sentado na cadeira desde as nove da manhã, mas que se dane. Vir a Nova York a trabalho sempre é cansativo e acho que Anton me designa de propósito, me castigando.

Agora estou tendo meu pequeno momento de descanso enquanto espero a secretária trazer uns documentos que ainda preciso assinar. Aproveito e ligo para minha princesa. Ela até agora não ligou para mim, o que é estranho. Pego meu celular e aperto à chamada rápida, Victoria é a primeira da lista. Mesmo que ame e me preocupe com minha família, ela é mais importante e minha mãe já falou para mim que não se importa. Então...

“Alô?” Com uma voz rouca e sonolenta ela atende depois de uns dez toques.

Franzo a testa e um sorriso inevitável brota em meu rosto. “Oi, querida. Você ainda está dormindo?”

“Mm... Oi, *príncipe*.”

Rio com a preguiça dela até de falar.

“Está tão cansada assim?”

“*Não é isso, Ethaaan...*” ela arrasta meu nome e boceja. “*É porque aquilo na banheira ontem me deixou mole e sabia?*” Ela faz uma pausa. “*As grávidas têm muito sono e no início mais ainda.*”

“U-hum. Certo. Você pelo menos tomou café da manhã?”

“*Nah*”, resmunga.

“Minha linda, já vai dar a hora do almoço e você não comeu nada. Você enjoou hoje?”

“*Mm... Solonoponhio.*”

“O quê?” Ela está tão sonolenta que a língua embola. Tão adorável.

“*Só um pouquinho, mas nada demais.*” A frase inteira foi no meio de um bocejo que me dá vontade de abraçar ela.

“Certo. Escute, vou pedir Ken para te levar a um restaurante aqui perto, para nós almoçarmos.”

“*Ethan... Só mais um pouquinho.*” Resmunga em um murmuro.

Dou risada. “Amor, eu não disse agora. Durma mais um pouquinho e quando for uma e meia, esteja pronta.”

“*Está bem. Ah para!*” Ela resmunga e a voz ganha força.

“O que foi?”

“*Prince está lambendo meu pé. E já era. Ele sobe a escada e está quase subindo a cama, se não fosse tão bebê já estava lambendo é minha cara, isso sim.*” Ela ri e escuto o farfalhar das cobertas. Com certeza se sentou. “*Ele me despertou.*” Diz e a escuto falar com ela. “*Vem aqui peludo.*”

“Eu sabia que ele era do meu time e quer que você acorde para almoçar comigo.”

Ela dá risada e escuto o latido de Prince no fundo. “*Ele é mesmo do seu time, mas saiba que eu ia levantar de qualquer jeito. Minha bexiga está estourando. Obrigada por me acordar, amor.*”

“De nada, preguiçosa.” Falo rindo e ela bufa.

“*Deixa eu fazer xixi e então vou comer alguma coisa.*”

“Se você comer agora, não vai ter apetite para o almoço.”

“*Rá*”, ela solta uma risada irônica. “*Ethan eu estou com fome em dobro, não se preocupe, está bem. Vou ter fome de novo até... Que horas mesmo vou me encontrar com você?*”

“Uma e vinte, mais ou menos.”

“*Então, está tudo tranquilo. Tenho muito tempo para ficar com fome de novo.*”

Rio me divertindo com esse lado dela. É estranho eu amar que ela esteja se

sentindo assim? E às vezes meiga demais, emocionada e sem contar com um apetite sexual avassalador. Só me incomoda ela ficar enjoando toda hora, mas todo o resto com essa gravidez é incrível. Eu também amo que ela precise de mim mais agora. Ela não diz, mas suas atitudes provam isso. Pena que não vai durar muito.

“Se você está dizendo, eu confio.”

“*Okay. Espere aí*”, diz apressada.

O telefone fica momentaneamente mudo, então escuto o barulho dela fazendo xixi, o rolo do papel higiênico e a descarga. Estou rindo alto, feito um babaca agora. Minha princesa é uma raridade, mesmo.

“*Voltei!*” exclama cantante.

“Fez xixi direitinho?”

“*Ethan!*” Ela finge estar ofendida, mas sei que está rindo. “*Você é indelicado.*”

“Fazer o que? Deu para ouvir tudo.”

“*Eca. Para com isso, vou enjoar.*”

“Vai enjoar porque ouvi você fazendo suas necessidades? Ah Victoria, eu já fiz cada coisa com você, que ouvir e ver você urinando não é nada.”

Ela solta o ar com força — e posso vê-la revirar os olhos. “*Mas é diferente. Eu não gosto que você saiba disso e ainda fique falando.*”

Rio com força. “Você acha que eu penso que você é uma boneca e não faz xixi?”

“*Não é isso.*”

“Você me vê fazendo xixi às vezes.”

“*Chega. Já entendi seu ponto, mas não é uma imagem legal você ficar pensando em mim fazendo xixi. Então, por favor, não faça.*”

“E se eu imaginar você se tocando para mim?”

Ela resmunga, mas rindo. “*Só fiz isso uma vez.*”

“E foi memorável.”

Lembro perfeitamente no dia que eu liguei para ela — quando ela ainda não estava morando comigo — e nós começamos a conversar sobre sexo e então pronto. Eu fiquei de pau duro e ela molhadinha. Como já tinha passado de uma da manhã recorremos ao sexo por telefone. Foi perfeito. Sua voz, do jeito certo que me fez ejacular litros e claro que não deixei barato, ela teve que abafar o gemido enterrando a cabeça no travesseiro.

Foi uma experiência divertida e prazerosa. O fato da distância, de ter que dar tudo de mim para fazer ela sentir prazer e me tocar ao mesmo tempo com sua voz forçando-me ao ápice. Que pessoalmente atinge com facilidade. Principalmente porque sempre fico louco para transar com ela e claro que está

nos meus planos repetir a dose.

“Você não presta. Para com isso.”

“Por quê? Está ficando excitada?” Ela não responde e tomo isso como um sim e que preciso parar por aqui. “Está bem. Parei.”

“Obrigada.” Ela diz com a voz manhosa.

“Amor, vou precisa desligar. A secretaria chegou e eu tenho umas vinte folhas para assinar. Quero acabar logo tudo hoje para irmos para casa amanhã de manhã.”

“U-hum. Acho uma ótima ideia. Fique tranquilo e até daqui a pouco.”

“Fique bonita para mim.”

Ela rir e joga beijo.

“Beijo também, querida.”

“Até, príncipe.”

Encerro a ligação com um sorriso idiota na cara que não dura por mais uns dois minutos. A secretária coloca na minha mesa as papeladas, informando onde devo assinar e rubricar. Dou um aceno e mando ela me deixar. Ela está maluca se eu vou assinar sem ler isso aqui. Nem que eu fique até às sete da noite no escritório.



SAÍDO DO CARRO CHEGANDO NO RESTAURANTE que reservei uma mesa para Victoria e eu almoçarmos. Automaticamente fico irritado ao perceber um paparazzi na minha cola. Desabotoo o segundo botão da minha camisa me sentindo sufocar. Vou acabar mandando Raul acertar a câmera dele, ou eu mesmo. *Por que esse idiota está me fotografando?* Deus. Isso vai estragar tudo.

Victoria estar aqui em Nova York é algo bom. Ela dorme melhor, passa os dias mais tranquilas e eu não tenho que ficar aturando a vigilância incessante de Will no meu pé para cuidar dela. Apesar de que ele me manda mensagens perguntando se está tudo bem. Isso é tolerável, pois em Los Angeles ele até me rastreia. Aqui também, mas estou mais longe. Ele monitora os passos de Victoria pelos rastreadores no celular, relógio e um micro chip que fica dentro de um chaveiro que ela coloca em todas as bolsas. É do Mickey, uma lembrança da Disney e eu posso apostar que ninguém desconfia.

“Sr. Colton. Entre, por favor.” Raul fala de um jeito que não está nem um pouco satisfeito com os paparazzi.

“Vou entrar e você fica aqui esperando até que Victoria chegue.”

“Ela já está aí dentro, senhor.”

Dou um aceno e entramos juntos. Victoria já ter chego é menos uma merda na minha cabeça. Eu não quero esses abutres perambulando e atormentando nossas vidas. Ela estar aqui é quase que um segredo. Um descanso daquela merda toda que ficou em Los Angeles, mas se um paparazzi aparece e tira fotos dela, a paz definitivamente vai acabar. Filhos da puta.

Dentro do restaurante vou até a recepcionista e falo meu sobrenome, pois reservei a mesa em meu nome. A mulher chama outra e ela me leva até a mesa, que pedi para ser em um canto reservado.

Vejo minha princesa sentada, Ken e Jorge em uma mesa ao lado. Eles também são humanos e vão comer. Com um olho no prato e outro na porta, com certeza. Victoria está ao telefone, virada de costas para onde eu estou vindo. Está com um vestido azul escuro e um casaco branco repousa em uma das cadeira vazia da mesa com quatro assentos.

“Querida”, cumprimento-a assim que fico ao seu lado. Ela levanta o rosto e joga um beijo fazendo sinal para o telefone em sua mão. Aceno com a cabeça, como sinal de que compreendo.

“O senhor deseja algo para beber enquanto espera seu pedido?”

“Uma água com gás, só isso.” Respondo a mulher que me guiou.

Ela assente e sai. Vou me sentar, na outra ponta da mesa para poder ficar perto de Victoria. Não faço questão da cabeceira e daqui vejo a porta e a janela. Pego sua mão, que estava repousando na mesa, e beijo. Ela sorri agradecendo. Assinto e solto sua mão para pegar o cardápio.

“Não.” Victoria fala zangada ao telefone.

Pelo tom de voz e a cara amarela, deve estar falando com Will.

“Eu sei disso.” Pausa. “E você acha que eu queria isso? Você às vezes sai com uns argumentos doidos, Will. Eu não mandei tirarem fotos de mim.”

Merda. Eu sabia que ele ia ligar para reclamar disso. Só me falta... Espera aí. “Que merda é essa?” pergunto com a voz baixa, apontando para a bolsa enorme de Victoria, onde uma revista está com boa parte para fora, à mostra.

Ela respira fundo e pega a revista para mim balançando a cabeça.

“Certo, Will.” Enquanto estou lendo a frente da matéria, Victoria dialoga com ele. “Eu não sabia e eu posei para foto ao lado do Ethan porque nós estamos lá representando a empresa. Não foi uma coisa sem pensar como você está falando. Você queria o que? Que eu virasse a cara para eles. Nós estávamos em um evento e somos alvo da mídia. Foi inevitável pelo menos ser registrada em algumas fotos.” Ela assente e arfa com força. “Está bem e eu estou segura, Will. Praticamente não saio da cobertura e quando saio estou com Ethan e os três

seguranças.”

Pego sua mão e aperto firme. Eu não queria que a vida dela fosse assim e não vejo a hora desse pesadelo acabar.

“Tudo, manda um beijo para ela também.” Fala com a voz mansa. Com certeza mandou beijo para Cora. “Talvez voltaremos amanhã.” Assinto e ela diz: “Ethan disse que vamos mesmo amanhã.” Ela faz uma pausa, torce a cara em uma careta e passa o telefone para mim.

“Will.” Digo, seco.

“Ethan como você pôde deixar que fotografassem vocês?”

Controlo minha vontade de arfar, e mandar ele ir a merda, e limpo a garganta.

“Não foi nada demais e no momento eu pensei que era os fotógrafos do evento, mas não se preocupe.”

“Não me preocupar?” Berra, incrédulo. *“Além de mostrar onde Victoria está. Você deu uma olhada na matéria ridícula?”*

“Estou vendo agora.” E realmente a matéria é nojenta.

“Vou ver o que o ‘relações pública’ pode fazer. Sei que suas intensões com Victoria não diz respeito a imprensa, mas depois dessa divulgação seremos forçados a dar uma nota.”

“É verdade. Concordo.”

“Certo, vou deixar vocês almoçarem e vou comer também. Qualquer coisa me liga. A qualquer hora.” Fala com a voz firme, mostrando que não é uma opção e sim uma ordem.

“Tudo bem”, confirmo e desligo, devolvendo o aparelho a Victoria.

“Will surtou com isso.” Resmungo e balanço a cabeça olhando para o seu prato vazio.

“Amor, não esquite com isso. Está tudo bem?! Nós vamos dar um jeito, e eu mesmo querendo manter o noivado por enquanto entre nossas famílias, serei obrigado a divulgar na imprensa. Nós teremos que dar uma entrevista. Eles têm que entender que nosso relacionamento não tem nada a ver com a merda do vínculo empresarial da Colton & Brown.” Meu cinismo é notável no final da frase.

“Eu sei, Ethan.” Ela murmura e beija minha mão entrelaçada a dela. “Isso é tão irritante. Essas pessoas tirando conclusões precipitadas.”

Respiro fundo e com a mão livre, leio a revista. A matéria da STAR, uma revista regida por tabloides de fofoca, mostra eu e Victoria na capa de uma das cinco edições de hoje. Essa merda de revista publica por dia cinco exemplares que contém as melhores notícias. Como sempre nossa empresa é um alvo bom para a imprensa, pois somos um estopim para muitas marcas famosas

alavancarem no mercado.

Na frente da capa diz: O A_{MOR} F_{ORTALECE} O E_{LO} — em amarelo fluorescente e negrito. Embaixo, em uma faixa rosa — E_{THAN} B_{BROWN} & V_{ICTORIA} C_{OLTON} A_{INDA} A_{PAIXONADOS}. No roda pé, para instigar a pessoa a ler e comprar a porra dessa revista, eles trazem à tona a merda que aconteceu há quase três semanas e o nome dos nossos pais: E_{MPRESÁRIOS} A_{ARON} B_{BROWN} E R_{YAN} C_{OLTON}, AGORA TÊM NEGÓCIOS PARA ALÉM DA EMPRESA. PARECE QUE AS FAMÍLIAS SE TORNARAM FINALMENTE UMA SÓ. M_{ESMO} APÓS O ATAQUE, SEUS FILHOS PERMANECEM APAIXONADOS E UNIDOS.

Abrindo a revista, eles têm uma material completa de tudo que aconteceu conosco na academia, lógico que exagerando e inventando uma história de que o que aconteceu foi um atentado terrorista contra nossa empresa. *Meu Deus, como essas pessoas são ridículas.* Eles têm meu perfil e de Victoria todo dentro da revista e falam da história da junção da Colton & Brown.

Put a que o pariu. Se já não me bastece ontem eu ter que aturar Arnon com aquele discurso de que eu estou com Victoria por causa do que justamente essa matéria fala, agora sou obrigado a ler isso, que está espalhado em cadeia nacional. Estou com muita raiva. Quando voltar ao escritório vou falar diretamente com o Relações Pública e pedir para ontem um esclarecimento do meu relacionamento com Victoria. Se possível uma entrevista quando chegarmos na Califórnia. Esses *filho de uma puta* vão engolir a língua deles.

Terminando de ler a última linha, da primeira página, onde falam até da minha sobrinha, tenho a revista arrancada das minhas mãos.

“Chega. Você me chamou aqui para almoçar comigo, não ficar esquentando a cabeça.”

“Eu sei, você tem toda razão.” Sorrio me desculpando.

Ela assente e praticamente joga a revista em cima da sua bolsa. Então arrasta sua cadeira para ficar mais perto de mim.

“Eu sei que isso não estava nos seus planos, mas eu só quero que pense que no fim ainda sobra as coisas boas.”

Franzo a testa mordendo o maxilar. “Do que você está falando, Victoria?”

“De tudo.”

Balanço a cabeça sem entender e ela diz:

“Quero dizer de tudo que sua vida passou desde que você começou a namorar comigo. Tudo mudou de uma forma significativa e eu sinto muito, mas ainda estou aqui e eu te amo. Me desculpe.”

Seus olhos ganham um brilho e sei que lá vem às lágrimas, por isso arrasto minha cadeira também e fico bem perto dela. Pego suas duas mãos e seguro firme, olhando seus olhos que estão um misto de cores hoje. Um verde água e nublado.

“Victoria, eu já falei que nada disso importa e só para você entender de uma

vez por todas, nós não escolhemos por quem nos apaixonar e eu sou tão sortudo. De tantas milhares de pessoas no mundo, eu consegui te achar. A maior sorte de todas foi meu pai ser um empresário e conhecer o seu. Nos ligando de um jeito ou de outro. Por favor, não fique pensando essas coisas. O amor é uma transformação para qualquer um.”

“Mas na sua vida foi de um jeito estrondoso. Você nunca pode deixar de cuidar de mim.” Lamenta.

“Cuidaria até mesmo se ninguém estivesse perseguindo você. Realmente isso não é nada.”

Ela assente e aperta minha mão e dá um beijo. “Realmente temos sorte, não é?” Dá de ombros com um sorriso tímido.

“Muito mesmo meu anjo e eu não gosto que você pense que piorou minha vida, porque foi ao contrário. Você me deu um significado para viver e muito mais.”

Uma lágrima solitária escorre do seu rosto e eu limpo. Ela pisca e assente veemente, sorrindo.

“Realmente.” Murmura e aperta os lábios em lamento, mas alívio.

“Agora vamos comer, porque você disse que tem fome em dobro.”

Ela dá uma risada com os olhos brilhando ainda emocionados e eu fico feliz. Ela vive pedindo desculpas por tudo que minha vida se transformou em ter escolhido ficar com ela, mas eu só tenho a agradecer por ela estar nesse mundo no mesmo tempo que eu.



LATIDOS ME RECEBEM ASSIM QUE ENTRO EM CASA. Deixo minha pasta no aparador próximo à porta e pego Prince.

“Garotão. Como você está?” Ganho uma lambida feliz no rosto e limpo reclamando. “Prince! Chega, garoto.”

Volto ele para o chão e chamo Victoria, ela não me responde, então subo as escadas indo para a suíte com Prince me seguindo. Um montinho está formado na cama por baixo do edredom grosso e branco. Abro um sorriso espontâneo por chegar em casa e encontrá-la assim.

Tiro meu paletó, a gravata e os sapatos junto com as meias. Bem devagar subo na cama levantando a coberta. Ela está com a mesma blusa que dormiu ontem e com a calcinha que tem um gatinho na bunda. Ela detesta que eu a veja

com essas calcinhas grandes, mas eu não me importo. Acho ela linda com qualquer coisa.

Victoria resmunga quando passo meus braços em sua cintura me aconchegando a ela.

“Você está tão quentinha. Tive que me juntar a você.”

“Mm... Ethan”, ela diz meu nome de um jeito sexy e charmoso que me faz dar um beijo no seu pescoço.

“Victoria”, tento imitar ela, mas minha voz sai rouca.

“Amo quando você fala meu nome assim.”

Dou risada pelo fato de nós sermos tão parecidos às vezes. Beijo seu ombro, pescoço e girando seu corpo beijo seu rosto. Ela me abraça e nos beijamos lentamente. Ajeito meu corpo em cima dela e suas pernas circulam meu corpo se mexendo, fazendo carinho em mim.

“Hmm...” ela suspira e abre os olhos quando afasto o meu rosto.

“Acho que você está dormindo muito.” Digo afagando seus cabelos.

“Hun.” Ironiza, rindo. “Não sei, eu vim dormir agora.”

Franzo a testa. “Veio?”

“U-hum. Cheguei do restaurante, brinquei um pouco com Prince, porque ele é muito carente.”

“Não nega que é meu cachorro.”

Ela rir e continua: “Então subi, troquei de roupa e deitei” termina bocejando, e sorri passando o indicador nas minhas sobrancelhas. “Achei que ia chegar mais tarde. Por que veio cedo para casa?”

“Cedo? São sete e meia da noite.”

Ela vira o rosto para a janela da nossa suíte e como as cortinas estão fechadas não dá para ver nada. O que mantem a escuridão não importando a hora do dia. Com um sorriso ela volta a me olhar.

“Acha mesmo que estou dormindo muito?”

“Não, princesa. Você está de férias aqui.”

Ela sorri de lado. “Menos você, né.”

“Eu vim a trabalho, você veio para ficar comigo e eu quero que você descanse esses dias. Se está com sono, durma à vontade.”

“Você me mima demais.”

“É um prazer”, digo e beijo seu nariz, mas ela beija minha boca e depois murmura. “Quando voltar em casa, vou ter um monte de matérias para passar a limpo.”

“Eu te ajudo.”

Um grande sorriso se abre e ela segura meu rosto. “Vai me ajudar com as coisas da faculdade?” Assinto. “Pensei que você disse que queria distância disso

há um tempo.”

Levanto a sobrancelha esquerda e aperto os lábios. “Muitas coisas eu não queria há um ano, agora eu quero tudo e muito mais se eu estiver com você.”

“Ah minha nossa, você é tão maravilhoso.”

Dou de ombros e quando vou beijá-la novamente escutamos um latido e rimos. Victoria chama Prince ajudando-o a subir na cama. Ele lambe minha mão e o braço de Victoria, até quase o rosto, mas ela tira.

“Ah caramba, você vai me babar.”

“É o efeito que você nos causa.” Brinco.

Ela solta uma gargalhada e ficamos nesse momento perfeito, juntos. Nessas horas minha vida parece realmente perfeita.

Onze

Victoria

TERÇA-FEIRA, 02 DE FEVEREIRO DE 2014.



ACHO QUE NUNCA ENJOEI TANTO NA MINHA VIDA, principalmente em uma viagem de avião. Eu não estou conseguindo me controlar e o pobrezinho do Ethan não sabe o que fazer comigo. Mesmo eu tomando o remédio para não passar mal está sendo inevitável a ânsia de vômito o tempo todo.

Estou desde a hora que o avião decolou no pequeno quarto no jatinho, com a cara *literalmente* enterrada dentro do travesseiro e com Ethan afagando minhas costas, uma viagem de seis horas à Los Angeles.

Não tive coragem de confessar a Ethan que minha vontade de voltar para Los Angeles é tão grande quanto a minha felicidade de vomitar todas manhãs. Eu não estou contente em voltar para casa, mesmo que eu tenha tudo que precise lá. Minha faculdade e minha família toda está na Califórnia, mas estar em Nova York é tão bom que eu não queria sair dela.

Sinto a cama afundar atrás de mim e as mãos dele logo estão em minhas costas me fazendo carinho. Ele tinha saído do quarto há uns minutinhos, cheguei a ter uma soneca, para falar com o piloto.

“Onde estamos?” Pergunto quando ele beija meus cabelos.

“Ainda sobrevoando Ohaio.”

“Mm...” Resmungo gemendo e esfrego o rosto no travesseiro.

“Você quer outro remédio?” Ele massageia meus ombros.

“Não.”

“Querida — ”

“Num...” resmungo. “Não vai adiantar em nada mais um, Ethan.”

Ele respira fundo, provavelmente irritado e nervoso com a situação, e logo seus braços estão me abraçando forte. Suas pernas vêm para cima das minhas também. Pego a mão dele que está para frente do meu corpo e puxo para abraçar, escondendo embaixo do meu corpo. Sua risada rouca verbera em seu peito e atinge meu corpo. Amo quando ele sorrir assim.

“Onde está Prince?” Pergunto.

“Na gaiola.”

“Mmm... Quem está tomando conta dele?”

“Jorge.”

Rio e lembro o quanto ele fica irado por cuidar do filhote.

“Ele não gosta muito de ficar de olho no Prince.”

Ethan ri de novo e beija meu pescoço. “Ele não está sozinho”, diz com a voz rouca. “Ken está lá também e eu entendo o porquê Jorge não gosta do Prince.”

“Aquele dia foi demais”

“Meu cachorro tem meu temperamento. Fazer o que?”

Nunca vou esquecer quando Jorge deu um ataque porque pisou no coco do Prince e depois o cachorro fez xixi nos pés dele. Jorge — que normalmente é um guarda da Rainha, parece uma estátua — deu um chilique por causa do mijinho do Prince. Lembro como se fosse ontem. Eu quase fiz xixi também, nas calças, de tanto rir.

“Estou começando a acreditar que Prince é sua cópia, de verdade.”
Murmuro.

Ele me beija e sorri com os lábios na minha pele. “Com certeza é.”

Abro um sorriso e viro um pouco mais meu rosto no travesseiro. Ethan esfrega o rosto no meu e sussurra como um segredo:

“Vamos tentar dormir e assim você melhora.”

“U-hum.” Concordo e fecho os olhos com ele juntinho de mim. Eu poderia reclamar da minha vida o tempo inteiro — porque parece que o ser humano prefere fazer isso do que agradecer — mas do meu príncipe, eu não tenho nada do que reclamar.



ME MEXO NA CAMA DE CASAL, despertando da soneca que parece que dormi mil anos e viro-me para o lado, bocejando. Abro os braços me espreguiçando e me encontro sozinha. Abro um olho, depois o outro lentamente e fito o teto branco revestido por algodão macio de primeira linha, assim como todo o avião, e a listra em madeira escura que percorre o jatinho.

Sento na cama me empurrando para cima e encosto-me nos travesseiros e na cabeceira. Olho ao redor, as proteções das janelas estão fechadas, com certeza foi Ethan e onde ele estava deitado — ao meu lado — está frio. *Ele já foi tem um tempo.* Meus olhos seguem para a mesa — no canto do quarto — e na poltrona de dois lugares perto da escrivaninha onde estava seu notebook. Vejo seu casaco de couro na cadeira junto à minha bolsa.

Ligo o abajur do meu lado — para enxergar melhor. Está um silêncio sereno, quase parece que estou em casa, se não fosse a pressão da atmosfera aqui dentro. Me espanto com essas aeronaves tão modernas.

Levanto da cama e pego meu vestido da poltrona perto da cama e volto a vesti-lo. Tirei para deitar, porque não queria amarrotar e ficar parecendo que — realmente — passei as cinco horas dormindo como a cansada que estou ultimamente. Vou até o banheiro, faço xixi e lavo minhas mãos. Meu reflexo no espelho tem cara de sono e uma marca do travesseiro no rosto. É a tatuagem da vergonha.

“Nossa que horror”, murmuro e lavo meu rosto também.

Pego a minha nécessaire no armário — que tinha deixado aqui logo que entrei no avião, tomo um *Dramin* para não enjoar — e penteio o cabelo. Olho com raiva para o remédio me encarando na bolsinha. Estou com raiva. Isso antes sempre funcionou — porque sempre fui chata para viagens de avião ou navio — mas hoje definitivamente ele não foi uma ajuda. *Inútil*.

Terminando vou encontrar os outros.

Abrindo a porta do quarto paro no corredor do jatinho. Jorge, Raul e Ken estão do lado onde ficam as poltronas duplas e a mesa de madeira no meio delas, ao todo tem oito assentos deste lado. Ethan está do lado onde ficam as duas poltronas solitárias e o sofá para seis pessoas ao longo do espaço. Mais à frente tem mais duas poltronas, de novo uma de frente para outra e são um pouco maiores. Ele está sentado na mais próxima à cabine dos pilotos.

Com um bocejo vergonhoso, dou minha deixa de que estou no ambiente. Os homens olham para mim e sinto minhas bochechas queimarem. Abro um sorrisinho sem mostrar os dentes e Ethan se levanta vindo até a mim.

“Por que levantou?”

“Porque eu acordei, só isso.” Dou de ombros sutilmente.

Ele assente e passa as mãos em meus braços afagando com seu jeito bruto — que chega a levantar meus ombros. Aperto os olhos e inclino meu rosto para poder olhar o dele melhor.

“Tem algum problema?”

O cenho dele se espreme e isso só quer dizer algo: *Ele está nervoso com algo e não vai me contar. Já até sei.*

“Não, não é nada para você se preocupar não. Volte a dormir, querida.”

“Hun-hun”, nego balançando a cabeça. “Quero não. Quero que me diga o que você tem.”

“Não tenho nada”, diz e pega uma das minhas mãos e me faz sentar no sofá.

“Já disse que você não é muito bom em mentir”, murmuro no ouvido dele quando me sento e chego mais perto.

“Argh”, ele resmunga baixinho balançando a cabeça em negativa e dá uns tapinhas em minha mão. “É só uma coisa que você não precisa se preocupar.”

“Mas eu sou sua namorada e”, cochicho “em breve sua esposa e é meu dever estar ao seu lado e saber das coisas.” Assinto o incentivando a falar. “Já tínhamos conversado sobre isso. Então me conte logo.”

Ethan respira fundo e me puxa para um abraço. Sua testa encosta na minha e ele relaxa o corpo, aconchegando-nos ao sofá.

“Eu sei, Victoria. Eu sei disso.”

“Mas...”

“Mas eu não quero te preocupar.”

Levanto o rosto e olho para ele bem séria. Sua boca não diz nada, mas seus olhos dizem o fundamental. Ele está perturbado com alguma coisa. Viro meu corpo e olho para os seguranças que foram para perto da cabine, dando privacidade para nós. Ken olha para mim e conheço seu olhar de preocupação e o aviso nítido para eu não insistir. Resmungo internamente e volto a olhar Ethan que está inquieto agora, brincando com meus dedos e meu anel de noivado.

“Vai falar por bem ou eu vou ter que te ameaçar.”

O canto da sua boca se curva com um sorriso presunçoso e logo ele solta uma risada rouca.

“Isso já é uma ameaça.”

“Ainda não disse o que eu vou fazer, só disse que vou fazer.”

Ele me dá um olhar penetrante por baixo das sobrancelhas e levanta a direita suavemente. Chega o rosto perto do meu e “Então me conta seu castigo”, sussurra com um sorriso lindo de derreter meu coração.

“Argh!” Empurro ele. “Não vale fazer isso.”

“O quê?” Pergunta fingindo inocência.

Olho seus olhos azuis, que estão da cor do oceano no alto mar, abaixo meus olhos para não vê-lo e me distrair com sua beleza toda. *Irritante.*

“Você está me distraindo.”

“Não estou fazendo nada.”

“Está sim.”

Ele pega meu rosto pelo queixo e ergue dando uma piscadinha de olho. “Estou apenas conversando com a minha noiva nervosinha.”

Levanto do assento fazendo cara de má e cruzo os braços na frente dele, batendo o pé como uma menina de dez anos. *Que se dane.*

“Vou contar até dez ou vou roubar essa informação do Ken.” Levanto o dedo e me viro para os seguranças. “Melhor, vou perguntar ao Jorge.” Dou um passo para os seguranças e Jorge arregala os olhos, receoso. Nem preciso olhar Ethan para saber que ele está com a cara amarrada para os seguranças.

“Victoria vem aqui.”

Ele me puxa pela mão e me leva sem o mínimo esforço para o quarto. Fecha a porta e mantenho minha postura. Braços cruzados e o pé batucando o chão. Nem está fazendo tanto barulho, porque estou descalça. Droga, queria estar com minhas botas. *Elas fazem um barulho legal.*

“Vai falar agora?” Indago, séria.

“Se eu falar, você vai prometer não ficar nervosa.”

Reviro os olhos — fechando-os para não parecer tão mal criada — e digo:

“Estou ficando agora.”

“Senta.”

Franzo a testa e dou um passo para perto dele. “Você não fala assim comigo e eu estou ficando com raiva de você.”

Ele assente e solta a respiração. “Desculpe, mas — por favor — sente-se”, diz e indica a poltrona com mão.

“Por que não posso ficar de pé?”

Ethan coça a barba, que está crescendo e se aproxima de mim para massagear — de novo, de um jeito bruto — meus ombros e ele me empurra suavemente para sentar na poltrona. Quando me sento, ele se agacha e segura minhas mãos como se eu fosse uma criança. *Ai, Deus. O que foi agora?*

Respirando fundo fala baixo:

“Você vai me prometer escutar até o final e não vai me interromper.” Assinto e ele limpa a garganta. “Nós estamos indo rapidinho na casa dos meus pais.”

Meu coração dá uma forte batida e o sangue foge do meu rosto. “Por quê?”

“Porque precisamos fazer essa — ”

“O que aconteceu? Foi com eles ou com a minha família?” Pergunto em um fio de voz e sinto o bolo na minha garganta.

“Victoria, presta atenção.” Ele se levanta e chega o rosto perto do meu ainda segurando minhas mãos. “Não fica nervosa, a única coisa que eu sei até agora é que não podemos ir para casa no momento. Ryan mandou eu te levar para outro lugar, menos para lá ou Nova York. Então vamos para a casa dos meus pais.”

Respiro com dificuldade e aperto as mãos dele. Engulo tentando falar e meu queixo treme com a vontade de chorar.

“O que aconteceu?” Sussurro.

“Ryan mandou um rádio para o avião dizendo que tinha algo errado com o outro jato da empresa. Não deu detalhes, mas pediu para voltarmos e levar você para um lugar seguro.” Ele engole em seco e os olhos brilham preocupados. “E estou fazendo isso agora.”

Perco uma respiração e uma lágrima escorre na minha face. “Minha família”, minha voz é cortada quando fungo. “Anton, Hanna, Jenny. Eles estão bem?”

Ele assente e limpa meu rosto. “Estão, amor. Todos estão bem em suas casas.”

“Então...”

Ethan balança a cabeça negando com o rosto resignado. “Eu não sei de tudo, apenas estou fazendo o que Ryan pediu e sua segurança vem em primeiro lugar. Quando chegarmos em Maryland saberemos melhor da situação.” Assinto e ele fala com a voz suave: “Está tudo bem.”

Assinto de novo, mesmo que isso não tenha sido uma pergunta. Ele limpa meu rosto e com o medo me dominando escorro pela poltrona e me agarro a ele com força. Seus braços me circulam e um deles vai parar debaixo das minhas pernas. Me pegando nos braços, Ethan me leva para a cama. Me senta sobre suas pernas e me conforta. *Estou com medo. Sempre estou com medo.* Choro baixinho recebendo o carinho dele.

“Shh... Está tudo bem, não fique assim.”

“Não consigo não ficar.”

“Por isso não queria contar e deixar você dormindo”, murmura passando as mãos em meus cabelos.

“Ia saber de qualquer jeito depois.” Balbucio.

“U-hum”, ele concorda e me afasta para ver meu rosto. “Não gosto que fique nervosa assim, não é bom. Não faz bem ao bebê.”

Enrugo mais meu rosto e choro feito criança com os olhos fechados e enterrando meu rosto no peito dele. Ele faz um som irritado e depois beija meus cabelos.

“O que foi agora? Que merda, eu não gosto de te ver assim, Victoria.”

“É que meu filho vai nascer nesse inferno.”

“Não vai, não”, fala com a voz sério e profunda.

Levanto a cabeça e fito seus olhos. “Fiquei com medo de você agora.” Digo com a voz fraca.

Ele perde a cara séria e me beija. “Não é você que tem que ter medo e sim eles. Ninguém mexe com a minha família.”

Afago com carinho seu rosto. “Eu sei.”

Seus olhos brilham e coloca a mão em cima da minha barriga. “Vai ficar tudo bem.”



ESTAMOS CHEGANDO NA CASA DE LAUREN e Aaron, quase ao meio dia. Se tivéssemos saído de Nova York direto para cá levaria mais ou menos uma hora, mas como mudamos de rota quando sobrevoamos o Missouri, levamos cinco horas de voo. Tínhamos saído de Manhattan as oito e meia da manhã, Ethan fez questão do café da manhã caprichado, pelo fato de que eu disse que no avião não ia comer e até Los Angeles era muito tempo. Agora eu sei que parece ter um buraco no meu estômago. Estou morta de fome.

O motorista, que serve para as visitas da casa dos Brown, foi nos pegar. Ken está na frente com o motorista e Raul e Jorge atrás comigo e Ethan, o carro é grande e ninguém está apertado. Passamos pelos portões e assim que o carro para, Jorge e Raul saem. Ethan segue eles e oferece a mão para eu sair. Como sempre a primeira pessoa que vejo saindo da casa com o sorriso aconchegante é Lauren.

“Meus queridos, como vocês estão?”

“Bem, mãe.” Ethan diz enquanto ela o abraça primeiro e depois a mim.

“Você está passando mal?” Pergunta preocupada. “Está tão pálida, querida.”

Dou de ombros e engulo com força. Estou com a boca seca. “É só a viagem.”

“Oh, vamos entrar e comer algo.” Ela enlaça o braço no meu e puxa o do Ethan também nos levando para dentro e diz feliz para o filho: “Parece que adivinhei que você viria, filho. Fiz lasanha de frango com queijo imperial. Seu avô trouxe para mim.”

“Vovô está aqui?” Ele pergunta franzindo a testa.

“Ele esteve, mas já foi. Ficou muito preocupado com o que aconteceu com você, mas eu conversei com ele e disse que estava tudo bem.”

Abaixo meu rosto e fito o chão. *O que eu estou fazendo com essa família?* Não consigo não me sentir culpada e sei que ninguém me entende.

Lauren nos solta e fala sem parar. Manda os seguranças irem se acomodar na pequena casa que fica ao lado da casa principal e não demorar para almoçarem. Ela pede licença e vai para cozinhar terminar ajudar a preparar o almoço. Lauren é uma mulher fina, mas não tem frescura para nada.

Dou um sorrisinho para ela e a vejo andando apresada e sorrindo. Sabe o barulho perfeito? É o riso dessa mulher e sem contar que a beleza dela é estonteante e sorrindo é mais ainda.

Meus olhos correm pela casa e encontro *meu príncipe* de cara fechada. Ele

anda até a mim e pega minha mão.

“Vamos dar uma volta.” Ele diz e assinto.



ETHAN QUIS CAMINHAR PELO PÍER. A cada passo que dou, a memória do dia que disse a ele que o amava queima meu peito. Aperto a mão dele quando paramos bem em cima de onde escrevi com a chave do carro: *Te amo*.

Agacho e passo a mão em cima do rabisco. Está intacto e já faz três meses. Meus olhos ficam marejados e passo a mão nos olhos para não chorar. Ethan se ajoelha no chão e se inclina com a mão segurando algo em cima do rabisco. Espero ele terminar e quando se afasta, permitindo eu ver o que ele fez, leio embaixo do meu rabisco: *Para todo o sempre*.

Automaticamente fungo e uma lágrima escorre livre em meu rosto. Ele ergue o corpo e me puxa para os seus braços. Fecho os olhos recebendo seu carinho e o calor do seu corpo que me conforta e aquece em um dia de inverno. Um vento fraco sopra do lago ao nosso redor e o aperto mais ainda.

“Não se preocupe com nada.” Sussurra no meu ouvido e com a boca perto do meu pescoço.

Dou um beijo nele e minto, pois, é mais fácil. “Eu não estou.”

Ele faz carinho no meu corpo, passando as mãos ao longo dos meus cabelos até minhas costas. Nos seus braços sou tão pequena. Ele é minha fortaleza.

“Eu conheço o seu olhar e vi quando minha mãe falou do que aconteceu, como você ficou.” Fala com a voz rouca no meu ouvido. “Só quero que você não comece a colocar caraminholas na sua cabecinha. Nós já conversamos sobre isso.”

Assinto e deito minha cabeça no seu peito acariciando como a um felino.

“Só não gosto de saber que deixo todos preocupados com você. Antes de mim não era assim.”

Ele respira fundo e afasta meu corpo. Olha profundamente meus olhos e contrai o maxilar.

“Antes de você, eu nem sei o que eu era. Sei que isso é brega, clichê e repetitivo, mas estou falando de verdade. Antes de você na minha vida, eu só era um cara babaca que queria aproveitar na vida. Com você eu quero aproveitar o que a vida tem de melhor e você é tudo o que eu quero.”

“Eu sei disso, sabe. Entre nós dois, me esqueço de tudo. Só existe eu e

você. Só que quando eu vejo que essas coisas da minha vida atingem outras pessoas, isso me machuca. Eu sei que você é forte e por nós dois, mas não consigo ignorar os fatos, Ethan.”

Ele respira auditivo e coloca uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha. “Eu entendo perfeitamente, mas não precisa ficar triste com isso. Minha mãe sempre foi exagerada.”

Rio e o abraço de novo ficando na ponta do pé. Ele me pega no colo e passo os braços ao redor do seu pescoço e minhas pernas na sua cintura. Com as mãos dele em minhas costas e as minhas nos seus cabelos, nossos lábios se encontram num beijo apaixonado. Nossos olhos fechados. Nossos corpos colados. Nossas línguas se enroscando uma na outra de uma forma única e perfeita. Uma imagem linda.

Ele dá mordidinhas na minha boca e suga minha língua com desejo. Meus lábios começam a inchar e formigar. Sinto que outra coisa também está começando a inchar. Com um tesão incontrolável que meu corpo se encontra, me esfrego nele suavemente. Ethan geme e sua mão na minha lombar me puxa para de encontro a ele.

“Ei pombinhos” alguém grita do deck dos barcos “o almoço está servido. Parem com isso aí.”

Sorrio com a boca ainda colada à do meu príncipe. Ethan nos afasta e dá uma gargalhada forte. Me coloca no chão e viramos para ver Aaron com as mãos na cintura e olhando para nós com um sorriso feliz.

“Ai, que vergonha”, murmuro acenando para ele e sorrindo, mas por dentro estou queimando de vergonha. *E de desejo* – meu inconsciente se mete.

“Não liga, meu pai é tranquilo.” Ethan fala caminhando comigo ao encontro do pai.

“Victoria.” Aaron me cumprimenta com um abraço e murmura só para mim: “Não se preocupe, ser pai de menino dá muito nisso.”

Levanto a sobrelhaça me afastando dele — ainda com o meu sorriso de aeromoça — e dando uma piscadela para mim, ele cumprimenta o filho com uns tapas nas costas.

“Filhão.”

Ethan faz um aceno com a cabeça e pega minha mão. “Vamos logo para dentro, estou morrendo de fome.”

“Sua mãe fez seu prato favorito”, Aaron fala quando passamos pelo portão do jardim.

“Eu sei, ela falou logo que cheguei.”

“É um absurdo isso.”

“O que pai?” Meu noivo pergunta e olho curiosa para Aaron.

“Você e seu irmão ter prato especial quando vem ver sua mãe. Eu moro com ela e é raramente que ganho um agrado desses.”

Caio na gargalhada com Ethan e Aaron acaba rindo também. Continuamos o caminho e quando mal entramos em casa, Lauren vem ao nosso encontro e olha zangada para o marido.

“Querido, você não trocou de roupa ainda. Ai meu Deus, por favor, Aaron.”

Ele balança a cabeça fingindo estar chateado e reclama: “E ainda ganho esporo.” Logo que fala chega na esposa e agarra a cintura dela.

Rio com as bochechas vermelhas de ver essa cena e virando meu rosto para Ethan, vejo seus olhos brilharem de felicidade admirando os pais. Ele percebe meu olhar e desce os olhos para mim sorrindo.

“Vamos ser assim daqui a vinte anos?”

Dou de ombros. “Pode ser.”

Ele assente como um garoto feliz e seguimos caminho para a sala de jantar.



LOGO QUE CHEGAMOS AQUI OS PAIS DE Ethan não demonstraram surpresa e nenhum sinal de preocupação por estarmos aqui. Acho que apenas Aaron sabe o que aconteceu, porque ele me deu um olhar de lamento ao sentar-se à mesa do almoço, ao lado da esposa.

Estou muito aflita para saber o que houve e sei que se Ethan souber e for grave não vai querer me falar. Então já estou preparada para duelar com ele. Não adianta dizer que sou forte, ele insiste em me proteger das mínimas coisas.

Volto do banheiro, tinha pedido licença enquanto estávamos almoçado e não encontro ninguém na sala de jantar. Procuro pela casa alguém e encontro Lauren.

“Você viu o Ethan?” pergunto a ela que está organizando alguns álbuns de retrato perto do piano na antessala.

“Ele ainda está no escritório com o pai” diz virando o rosto para mim e sorri. “Vem aqui e me dê uma mãozinha.”

Assinto e chego até ela. Lauren pede para colocar as revistas no armário que tem na sala, na parte debaixo, e depois pega um dos álbuns de retrato e me chama para sentar no imenso sofá.

“Estou procurando há dias uma foto que eu tinha aqui em casa e sumiu.”

Sorrio e tento ver as fotos que ela folheia.

“Era tão linda.” Ela continua. “Estava você e Ethan na foto comigo.”

“Ah, eu me lembro dessa foto. Ela estava em um dos quadros na parede de fotos da família. Eu vi,” assinto, lembrando da imagem. Na foto estava eu e Ethan sentados no jardim da minha casa com Lauren. Estamos sorrindo felizes. Eu amei aquela foto. “Quem deve ter tirado ela de lá?” pergunto curiosa.

“Não sei, meu bem. Talvez na hora de limpar tiraram e esquecerem de devolver para o lugar.”

“O quadro sumiu junto?”

Os cantos da sua boca se curvam em um sorriso pensativo. Acho que ela sabe o que aconteceu com a foto agora.

“Não. Só a foto sumiu,” ela me olha “o que é muito estranho.”

“Realmente”, falo e aperto os olhos para ela com uma pulga atrás da orelha. “Você acha que o — ”

“Ethan pegou a foto?” Ela completa. “Sim, eu acho.”

Dou risada e Lauren também. Escutamos passos pelo corredor que liga a casa e vejo Ethan entrando na sala. Meu sorriso esmorece pela expressão do seu rosto.

“Oi”, ele diz baixo. “Estão fazendo o que?”

“Nada, só conversando, mas” a mãe se levanta e deixa o álbum em cima da poltrona ao lado da lareira e vai ao encontro do filho e lhe dá um beijo, “eu tenho outra coisa para fazer agora. Fiquem à vontade. Mais tarde conversamos no jantar ou antes.” Se despede dando até logo para mim e passa a mão carinhosamente no rosto do filho.

Assim que ficamos à sós, me levanto e chego perto de Ethan. Ele pega minhas mãos, dá um beijo suave em cada uma e aperta depois.

“Está tudo bem com você? Por que essa cara?”

Com um suspiro, ele chega o rosto mais perto do meu e me beija. Fecho os olhos recebendo o carinho dos seus lábios passando lentamente aos meus. Agarro ele passando os braços por seu pescoço e os dele em minha volta circulando meu corpo e sinto a ponta dos seus dedos quase chegando a lateral dos meus seios.

“Você não está bem”, sussurro em seus lábios e afagando seus cabelos.

Seus olhos estão como vidros me fitando. Ele abre a boca, mas desiste e apenas meneia a cabeça.

“Você não vai me contar, não é?!”

Ethan arfa e foge os olhos dos meus. “Querer, eu não quero.”

Agora eu arfo e faço-o olhar para mim novamente, mas então ele entrelaça nossos dedos e me leva para o lado de fora. Caminhamos em silêncio e de repente ele para. Olho para o seu rosto e vejo sua mandíbula cerrada. Mais uns

minutos em silêncio e sou obrigada a intervir. *Ethan modo silencioso é um saco.*

“Então, agora você vai me explicar o que aconteceu?” pergunto baixinho para não o deixar nervoso.

Apertando minha mão arfa com força e semicerra os olhos. Como se estivesse com dor me deixando inquieta e não se vira para mim. Ficando nervosa, viro meu rosto também e observo o lugar onde ele nos trouxe. Estamos no quintal da casa, perto do parque que foi feito para Hanna e supostamente todos os netos, ‘A nova’ geração dos Brown. Pensar que meus filhos estão incluídos é *super* legal. É excitante.

Vejo o banquinho de madeira perto da maior árvore do jardim e puxo meu namorado teimoso para lá. Sentamos juntos e chego meu corpo mais para perto dele jogando minhas pernas sobre as dele e pego suas mãos. Ele foca sua atenção em nossas mãos e logo sobem para o meu rosto. Está tão nítido seu nervoso e acho que medo.

“Não vou desistir. Só quero te deixar confortável para falar o que você precisa dizer.”

Ele assente com a expressão pensativa e seus dedos se flexionam fazendo carinho nos meus.

“Antes promete ficar — ”

“De novo isso, Ethan?”

“Você por acaso ficou calma no avião?” Diz seco.

Dou de ombros e deixo seus olhos. “É porque você me deixa ansiosa, nervosa e irritada.” Encaro-o “Por isso fiquei daquele jeito.”

“Certo, mas agora eu *preciso*” ele diz com urgência “que você mantenha a calma. Senão nunca mais vou falar merda nenhuma para você.”

Pisco os olhos e reprimo à vontade — não sei de onde — de rir e assinto.

“Não estou brincando, Victoria.”

Engulo literalmente o riso e digo: “Eu sei. Prometo não ficar nervosa.”

A expressão do seu rosto não suaviza e ele murmura para si mesmo: “Duvido” e volta a olhar dentro dos meus olhos. “O problema foi com o outro avião, como eu tinha falado. Mas meu pai me chamou para explicar direito o que houve e, por favor, não fale com minha mãe.”

“Por que não?” Franzo a testa e meu coração começa a palpitar.

“Porque ela possivelmente vai surtar e eu não quero mais uma enlouquecendo na minha cabeça.”

Faço bico e murmuro de cara fechada:

“A primeira louca sou eu?”

Ele tenta sorrir, mas não passa de uma careta. “Eu não falei isso.” Me beija e tira a mecha de cabelo do meu rosto. “Enfim,” respira e solta devagar. “O outro

avião sofreu um pequeno transtorno enquanto estava voando.”

“E?”

“E que ele...” pausa longa.

“Fala Ethan!” exclamo ficando irritada. “Você pede para eu não me estressar, mas você faz isso comigo. Fala de uma vez.”

“O avião explodiu. Foi isso”, sua mão, que segura a minha, estremece quando termina de falar.

Com um suspiro deixo minha boca aberta e congelo. Eu ouvi direito? *O avião explodiu.* No ar. Meu coração colapsa dentro de mim e não consigo respirar.

“Victoria?” Ele me chama agarrando meus braços e me colocando em seu colo. “Querida? Não faz isso comigo.”

Não consigo sentir nada. Nem consigo respirar. *Meu Deus!*

Tapo minha boca quando deixo escapar um gemido de dor e caio para a frente, colidindo com o peito dele e sou abraçada bem forte.

“Shuu. Se acalme. Eu estou aqui.”

Balanço a cabeça e o agarro com toda minha força. Ai... meu coração. Um calafrio corre pelo meu corpo e o puxo mais para mim. Nada pode passar no meio de nós dois, nem mesmo uma folha de papel. Fecho os olhos e sinto as lágrimas fugirem por baixo das minhas pálpebras fechadas. Eu quero perguntar a ele se foi um defeito que fez o avião explodir, mas também não quero me soltar e mesmo assim não acho que minha voz conseguirá ser auditiva.

Minha cabeça está pesando e meus músculos sendo contraídos dolorosamente pela simples dor emocional que sofro agora. Tremo como estivesse morrendo de frio e as mãos de Ethan começam a passear meu corpo com força de cima para baixo. Aquecendo-me.

“*Não é frio. É medo.*” Sussurro muito, muito baixo.

“Eu sei”, ele sussurra e sinto sua compaixão.

“Foi um acidente?” Falo em um suspiro.

Ele não me responde, só me abraça mais forte. Acho que isso é um *não*. O avião explodiu porque alguém fez ele explodir. *Ai! Minha nossa.* Uma vertigem chega pela minha espinha, percorrendo meu corpo até minha cabeça e eu fico mole e...



UM CHEIRO FORTE QUEIMA MEU NARIZ. Minhas costas estão em algo macio. Estou deitada. Sinto cheiro de roupa de cama limpa, passada... Amaciante de algodão. O cheiro da casa dos pais de Ethan. Respiro fundo e abro os olhos.

Estou no quarto do Ethan, em Maryland. *Ah! Eu estava aqui*, mas não aqui. Estava no jardim, com Ethan. Ele contou o que *aconteceu* com o avião... Por uma mão imaginária meu coração é espremido com as palavras que passam em minha memória. *Explodiu*.

Arfo e me sento rápido na cama. E *ele* já está aqui para mim, pegando minhas mãos e me olhando preocupado.

“E-e-eu...” gaguejo. “Eu não sonhei?”

Chega mais perto e ele segura meu rosto. “Não. Você apenas desmaiou e eu trouxe você para o quarto.”

Assinto automaticamente.

“Você está se sentindo bem?” Acho que pergunta por perguntar. Ele sabe a resposta. Nego com a cabeça e ele me dá um copo. “Beba.”

“O que é isso?”

“Água, meu anjo. Só água.”

Aceito o copo e bebo a água toda porque ele entorna o copo, levantando e levantando até que não resta uma gotinha. Respiro fundo quando ele pega o copo da minha mão e deixa em cima da mesinha de cabeceira.

“Está melhor?”

Dou de ombros. “Estou tentando manter a calma Ethan, mas não posso. Você tem noção de que se o avião...”

Ele assente e não olha para mim.

“Minha família está bem? Eu quero falar com eles.” Peço desesperando-me.

“Estão todos bem, Victoria”, uma voz atrás de Ethan responde. Olho e vejo Aaron entrando no quarto. “Eu falei com Ryan e todos estão bem. Os seguranças pediram para vocês não continuarem o voo porque estavam com medo de que o avião de vocês fossem os próximos alvos.”

Franzo a testa. “Alvos?”

“Pai”, Ethan o alerta se virando para ele.

“Ela precisa saber de uma vez.”

“Do que? Falem logo.” Me sento ereta na cama. Sabe quando o inevitável acontece. Me sinto como se o trem fosse me atingir e não tivesse tempo de correr. Então... *okay*.

Aaron se aproxima ficando ao lado de Ethan que está sentado na beira da cama e voltou a me olhar, e bem sério.

“Sim, o outro avião foi um alvo. Eles foram atingidos enquanto voavam. Estavam a caminho de Chicago, saindo de Nova York.”

Meus olhos parecem saltar do meu rosto. *Oh meu Deus!*

Aaron continua: “Eu *quero* acreditar que foi um erro, que foi apenas um aviso. Um susto na gente, mas a verdade é que eu acho que não foi. Eles queriam pegar o avião de vocês.” Ele troca um olhar com o filho e se volta para mim. “O avião estava muito perto de vocês.”

Tento puxar o ar, mas não consigo. Engulo em seco e meu corpo treme. Não consigo controlar.

“Chega, pai.” Ethan fala ansioso e vem para o meu lado.

Me deixo cair nos seus braços e choro soluçando e sem reação. Estou com tanto medo. Minha nossa. Só em pensar no nosso avião sendo atingido, meu coração não aguenta a dor que sinto e solto um gemido alto de dor.

“Victoria, você está bem agora.” Aaron fala sentando na cama também e pegando minha mão.

“Pai, deixa que eu cuido dela agora.”

“Tudo bem, qualquer coisa chama”, diz paciente e levantando, agarro sua mão.

“Quem estava no avião?” Preciso saber. Talvez eu goste de me torturar.

“Não.” Ethan adverte, mas o pai responde:

“O CEO de Seattle e dois gerentes de crises da empresa.”

Assinto e fecho os olhos. Ele solta minha mão dando um tapinha reconfortante, mas não me conforta em nada. Nada vai conseguir melhorar essa queimação dentro do meu peito. É algo que eu não sei explicar. É medo, pavor e amor... Culpa. Me sinto pequena demais. Frágil demais. *Mas eu quero ser forte.*

“Eu não posso aceitar que eles são mais fortes do que nós. Que estão levando a melhor.” Abro os olhos e forço Ethan a se afastar e praticamente dou um grito de socorro. “Ethan! Por favor.”

“E eles não são.” Ele diz, mas não tem certeza. Eu vejo isso.

“São sim.”

“Victoria”, ele fala em alerta.

“Ethan” suspiro e me agarro nele com mais força, muito mais força agora. “Você não entendeu. O nosso avião ia ser explodido.” Me solto dele e olho profundamente seus olhos azuis, sem vida. “Nós íamos...” minha voz treme sendo cortada, “morrer. *Você* ia morrer.”

Uma lágrima escorre quando pisca e ele fecha os olhos parecendo sofrer. Sinto seu corpo tremer. Ele abre a boca, espero alguma coisa, mas nada sai.

“Eu sei que você quer ser forte,” sussurro chorando junto com ele, “mas você está sofrendo com isso.”

Ele balança a cabeça negando e me puxa para os seus braços novamente. Sinto uma forte tontura momentânea e um cansaço.

“Deite um pouco, minha linda”, murmura deitando meu corpo calmamente. Ele se fecha de novo. Como tudo fosse normal. Porra! Não é.

“Eu não quero dormir.” Empurro ele e limpo meu rosto.

“Victoria.”

“Ethan!” Dou um gritinho porque ele me faz deitar a força.

“Não começa a ficar assim. Fica calma.”

“Ethan...” respiro fundo. “Eu estou tentando não enlouquecer. Estou tentando ser positiva. Estou tentando não pensar que parece que o fim está chegando para mim. Em pensar em como eu trouxe problemas para você. Eu sei que você vai dizer o quanto me ama e que tudo vale a pena, mas” engulo o choro e limpo os olhos “é difícil não notar. Não perceber que eu sou um risco muito alto.” Sacudo a cabeça. “Eu sei que você disse que tudo vai acabar, que isso vai ter fim. Você diz isso sempre e eu quero isso agora mais que tudo.” Fungo e volto meus olhos aos dele. “Mas não consigo não me sentir culpada. Estou destruindo você. Me deixa sentir, Ethan.”

Ele balança a cabeça e limpa minhas lágrimas. Seus olhos tão afetuosos e transparentes, mostram como ele está abalado com tudo também. Vejo o cansaço através deles, mesmo que o amor seja o mais forte, ele está cansado e com medo.

“Você só vai me destruir se me deixar.” Ele confessa.

Meu coração se aperta e minhas vistas ficam turvas. Meu corpo treme e soluço de boca fechada o que faz o choro fica preso. Com a mão tremendo limpo seu rosto, as lágrimas grossas que escapam.

“Eu nunca vou deixar você. Nunca!”

Ele assente e segura minha mão espalmando ela na maçã do seu rosto. Olhando profundamente em meus olhos por um longo tempo. Eu o amo tanto que o pensamento de lhe fazerem mal — de novo — me corrói por dentro. *Minha nossa. O avião explodiu. Imaginar se...*

Os olhos dele parecem desesperados e eu sei que ele pensou o mesmo que eu agora. Me jogo em seus braços e o aperto forte, assim como ele. Derramo meu pranto no aconchego e na proteção dos seus braços. E mesmo sentindo medo, ele me ampara e protege.

“Ethan.” Seu nome escapa da minha boca como um pranto.

“Shuu...” ele faz baixinho no meu ouvido e sinto seu casaco umedecer com meu choro. “Se acalme.” Beija meus cabelos. “Que droga, eu não queria que você soubesse por causa disso. Você vai acabar doente e eu vou ficar maluco.” Ele me afasta e fita meus olhos. “Por favor” sua voz treme e ele cerra o maxilar. “Tenta se acalmar, por mim. Pelo nosso bebê. Por você.”

Meu corpo treme soluçando, mas agora é aqueles momentos que o corpo sofre os reflexos do choro.

“Shuu...” Faz quando deita na cama e me abraça. Fecho os olhos que queimam com as lágrimas e empurro meu corpo para se encaixar ao dele. Seus braços me apertam, mas meu coração não se acalma.

“Por favor, pare de chorar agora.”

Soluço e tento respirar puxando o ar com força. “Na-não consigo. Doí tanto.”

“O quê? Você está com dor aonde?”

“No meu coração.” Sussurro.

“Oh amor.” Ele beija meus cabelos e afaga minhas costas. “Nós estamos bem agora. Todos nós. Eu não vou deixar te fazerem mal algum. Eu prometo.”

Assinto com a testa no peito dele. Sinto alguém vindo da porta, mas não levanto o rosto para ver. Uma mão, que não é a de Ethan, afaga meus cabelos carinhosamente.

“Vocês vão ficar bem, minha querida.” Escuto Lauren.

Sofro por estar fazendo outra pessoa que amo sofrer. Ela, como mãe, deve ficar arrasada com tudo isso.

“Me desculpe”, sussurro e ela faz uma cara de lamento, mas abre um sorriso que não chega em seus olhos.

“Não precisa, meu bem”, fala calmamente e passa a mão nos cabelos do filho que está me olhando em silêncio. Escondo meu rosto no peito dele e deixo escapar um soluço. Ele me conforta pedindo para eu parar de chorar.

“Ethan” Lauren fala, “deixa eu à sós com ela só um pouquinho.”

“Por quê?” ele pergunta confuso.

“Deixe-me conversar com ela e tentar acalmá-la. Talvez eu consiga.”

Ergo a cabeça e pisco os olhos para ela, depois olho para Ethan que me fita ansioso. “Você vai ficar bem?”

Ele é tão bom para mim. Acaricio seu rosto e tento sorrir.

“Vou”, respondo baixinho.

Ele assente, beija minha testa e se levanta da cama.

“Daqui a pouco eu volto.” Aceno com a cabeça e ele se vira para mãe a abraça e fala rápido, mas tão baixo que não entendo, só escuto o final. “A senhora me chama, qualquer coisa.”

“Claro, querido.”

Ele fecha a porta e Lauren senta na beira da cama e pega minha mão fazendo um carinho.

“Eu sei que você está com medo, mas também sei que o meu filho jamais deixará nada acontecer com você. Então, por favor, tente se acalmar um pouco.”

“Estou tentando”, sussurro.

Ela dá um meio sorriso e afaga meu rosto. “Aaron não quis me contar o que

aconteceu e não vou enganar que temo ser algo bem ruim, mas não vou insistir. Ele sempre teve a mania de não me contar as coisas, principalmente se elas fossem me preocupar.”

Troco um sorriso de que eu entendo muito bem o que ela está dizendo.

“É, meu filho faz o mesmo”, diz sorrindo e sem deixar minha mão. “Na verdade, os dois são iguais ao pai.”

Assinto, concordando com ela.

“Mas eu não vim aqui para falar de como os homens da minha família são teimosos e insistentes. Eu vim porque Aaron disse que você ficou nervosa demais e talvez Ethan não conseguiria te acalmar.”

“Por quê?”

“Vocês dois estão abalados e não tem como ele te acalmar se está nervoso também.”

Desvio o olhar, fitando o nada e murmuro com vergonha: “Eu sinto muito trazer isso para sua família, Lauren.”

“Oh, querida. Não pense assim, viu.” Ela puxa meu rosto. “Eu sempre me preocupei com você e agora você faz parte da minha família. Eu sempre a tive como uma filha. Sempre quis sua alegria e bem estar e agora o carinho de antes é maior. Não fique pensando essas coisas, Victoria.”

“Mas você tem que concordar que antes você se preocupava, mas sua família não era um alvo.”

Ela suspira e meneia a cabeça suavemente. “Pode ser que sim, só que agora não adianta fazer mais nada. Você está aqui e eu quero que continue.” Engole em seco e aperta minha mão. “Eu realmente não sei o que você está sentindo e pensando, mas quero que saiba que eu nunca vi meu filho tão feliz e você é a razão disso. E o que eu mais quero é a felicidade dele e a sua. Porque eu a tenho como minha filha e não quero que você ou ele sofra, por nada. Então não desista agora.”

Respiro fundo e sento na cama fitando seus olhos. “Como assim?” Questiono em um fio de voz.

“Ele se preocupa, cuida e zela por você. Ethan te ama e se algo lhe acontecer, ele ficará arrasado. Entendo você estar com medo, mas se desistir dele agora, se romper com ele, mesmo que para você seja para o bem dele. Isso destruirá meu filho. Ele não consegue mais viver sem você.”

Meu choro volta com força, com suspiros de lamento. Abaixo o rosto e vejo minhas mãos segurando com força a barra do meu vestido.

“Eu também o amo.” Fungo. “Amo demais.”

“Oh, querida” ela me abraça e deixa eu chorar no seu colo, como se fosse minha mãe ou Cora. “Eu sei disso e não fique assim. Vai ficar tudo bem, eu

também não vou deixar tocarem em um fio do seu cabelo. Eu prometo”, sua voz falha emocionada.

“Me desculpe, Lauren.”

“Não, peça desculpas por amá-lo assim. Por fazê-lo feliz.”

“Eu queria mesmo fazer ele feliz. É o que eu mais quero.” Confesso.

Ela me afasta e segura meu rosto. “E você faz, Victoria. Acredite em mim.” Balanço a cabeça negando e Lauren faz uma careta triste. “Você faz sim.” Assente com confiança e diz: “Só não desiste dele, por mim”, sua voz tem um tom triste que me parte mais ainda o coração. “Por você também e por ele.”

Assinto e volto a abraçá-la. “Eu prometo... prometo, prometo”, continuo sussurrando até minha voz sumir.

Chorando baixinho, fico nos seus braços até me sentir cansada demais, até mesmo para chorar. Ela me deita na cama gentilmente e pede para eu dormir.

“Não quero”, sussurro balançando a cabeça freneticamente.

“Victoria, você tem que se acalmar. Deite um pouco.”

Aperto sua mão. “Eu não quero... Tenho medo.”

Ela fica confusa. “Medo? Mas está tudo bem. Você está a salvo aqui.”

“Não é isso. Eu tenho medo dos pesadelos.” Fecho os olhos e arfo com o reflexo do choro. “Sempre que acontece algo, eles pioram. É tão ruim... tão assustador. Tudo volta e se mistura.”

Sinto sua mão no meu rosto e abro os olhos e a fito. Seus olhos estão marejados, mas a voz está contida a emoção.

“Não vou te deixar. Vou ficar aqui até você adormecer. Não tenha medo. Eu prometo cuidar de você.”

Assinto e soluço como uma criança. Lauren chega o corpo para perto dos travesseiros e apoia as costas na cabeceira da cama. Suas mãos afagam meus cabelos em um carinho que me relaxa e como Cora fazia quando eu era criança, ela cantarola uma canção de ninar.

Suavemente meu choro vai se acalmando, deixando os soluços cada vez mais imperceptíveis e caindo em um sono pesado, escuto ao fundo a voz *dele*.

“Obrigado por cuidar dela mãe.”

“Não foi nada meu filho.”

“Agora pode deixar comigo.”

“Certo, qualquer coisa me chame.”

“Sim...”

Há um silêncio e então seu corpo quente me abraça e a voz aveludada sussurra.

“Eu te amo.”



DESPERTO DE UM BREU. Um sono tão profundo que passou como um piscar de olhos. *Não sonhei.* Eu não tive pesadelo. Apaguei por completo.

Respiro fundo e abro os olhos. O quarto está escuro e o relógio em cima da mesa de cabeceira marca dez horas da noite. *Eu dormir muito.* Flexiono os braços e sinto que estou presa por braços fortes e firmes. *Ethan.* Respiro de novo e sinto seu cheiro. Estou encolhida e encaixada em seus braços, estou quase embaixo do seu corpo. Nossas mãos estão unidas e ele as segura firme. Sinto-me como fosse escapar e ele não deixaria.

“Ethan”, sussurro.

“Oi”, ele fala baixo também e beija meus cabelos. Suspiro e aperto suas mãos. “Você está melhor?”

“Acho que sim.” Assinto e confirmo. “Estou.”

Ficamos em um silêncio um pouco estranho.

“Você colocou algo na minha água, não foi?”

Ele faz um som com a garganta lamentando. “Estava apenas querendo te acalmar, meu amor.”

Assinto e fecho os olhos. “Tudo bem. Eu entendo.”

Voltamos ao silêncio. Meus pensamentos vão para as últimas notícias e meu coração volta a se apertar. Eu ainda não acredito que o nosso avião poderia ser atingido. E por tão pouco. Um suspiro de choro escapa e Ethan afaga meu corpo.

“Não comece a pensar nisso, de novo.”

“Desculpe, foi inevitável.”

“Para mim também, mas eu não quero ficar com isso na minha cabeça.”

Assinto e respiro fundo. “Eu sinto tanto que eu trouxe isso para você.”

“Ah não comece com isso.” Ele reclama e sinto que ficou nervoso.

“Mas é verdade.” Me encolho em seus braços e aperto os olhos com força, como se isso amenizasse meu medo. “E sinto que eles estão mais em cima. Você tem noção que se o nosso avião — ”

“Eu sei”, ele fala me cortando.

“Por favor, deixa eu te pedir desculpas.” Praticamente imploro e estranhamente ele deixa. “Porque eu sei que preciso. Eu já sofria tanto, antes. Calada. Sonhando e chorando às vezes. Tendo meus pesadelos. Sozinha...” as lágrimas saem livres. “Eu nunca quis esse inferno para ninguém. Já tinha muitas pessoas envolvidas da minha família, mas...”

“Shuu... Chega.” Ele pede, resignado.

“Mas então você chegou e meu mundo ficou melhor. Preciso que saiba. Eu voltei a acreditar na felicidade.” Deixo um beijo na mão dele. “Só não queria que nada disso acontecesse com você.”

“Tudo bem, tudo bem, tudo bem querida. Fica calminha.”

“Sua mãe disse que —”, minha voz falha.

“O que ela disse?”

“Que sempre me teve como uma filha, que mesmo antes não iria querer que nada acontecesse comigo, mas que agora é maior. Que eu sou fundamental para —”

“Para?”

“Para sua felicidade” sussurro e minha voz sai tremula. “Eu quero tanto te fazer feliz. É o que eu mais quero.”

Ficamos em um silêncio emocionado e sinto seu coração acelerar. As mãos dele tremem e sinto um pinga no meu rosto. Ethan funga e eu sei que está chorando também.

“É” ele respira. “Você não me faz nem um pouco feliz. Nadinha.” Faz uma pausa. “Ouvi seu riso, olhar seus olhos, escutar sua voz, acordar e ver seu sorriso. Te beijar.” Outra pausa. “Fazer amor com você e... escutar que você me ama.” Sua mão desce e apalpa meu ventre. “E fazer um filho com você. Minha família. Nada. Nada disso me faz feliz.”

Seu choro é forte e trêmulo. Passo seus braços novamente por mim e choro com ele.

“Me desculpe.” Peço a ele, sei que o feri agora.

“Você não entende.”

“Entendo, mas não queria isso com você. Não é justo.”

“E o que é justo?” Ele pergunta forçando a voz, fazendo-a ficar firme.

“Eu não sei, mas não a vida que você está levando desde que está comigo.”

Ele solta um riso sarcástico com a respiração arfante. “Então você queria que eu nunca tivesse voltado? Que eu não tivesse ficado louco por você naquela academia. Me apaixonado perdidamente.” Ele cospe. “Que eu tivesse encontrado outra mulher e agora estivesse construindo minha família com ela.”

“Não!” Falo rápido, me virando e o abraço com tudo de mim. “Não, não, não.”

“Sem você...” murmura no meu ouvido “não sou nada.”

“Também na-não sou.” Gaguejo. “Me desculpe por tudo. Só quero você feliz.”

“Mas porra, você me faz feliz.”

Balanço a cabeça e sinto que minhas lágrimas estão molhando seu casaco,

mais uma vez.

“Pare, Victoria!” De repente ele me afasta e berra fitando meus olhos. “Me deixe, me abandone logo. Me destruía de uma vez.”

Perco a respiração e fito seus olhos negando com a cabeça.

“Faça logo isso, já que você não enxerga que você é a minha felicidade. *Minha vida*. Se você for me abandonar algum dia, faça agora”, diz e as lágrimas escorrem dos seus olhos e dos meus ao mesmo tempo.

“Não diga isso.”

“Por favor, Victoria” ele funga e pega meu rosto. “Não...”

Não consigo focar seu rosto, mas sinto suas lágrimas com meus dedos em seu rosto.

“Fique comigo.”

“E eu vou ficar”, balbucio.

Ele toma meu rosto e seus lábios encontram os meus furiosamente. Sua língua invade minha boca e trocamos um beijo emocionado com gosto salgado de lágrimas. Nosso choro. Nosso amor e medo juntos. Agarro seu pescoço querendo nunca mais soltá-lo. Nossas línguas se enroscam com sofreguidão. Esse não é um beijo apaixonado ou desejoso. É um beijo de lamento e saudades. Saudade de algo que ainda temos e que eu preciso ter por muitos anos.

“Eu estou com medo, amor” falo encostando nossas testas quando paramos de nos beijar.

Ethan não diz nada, apenas beija com carinho meus lábios e me abraça. Ficamos assim por longos minutos, sentindo nossos corações se acalmar. Então ele murmura no meu ouvido:

“Eu quero que você saiba. Quero que você entenda. Eu te amo mais que a mim mesmo e vou amar para sempre. Meu amor por você é eterno e vou te amar até depois da minha morte. E se eu tivesse morrido no avião com você, eu morreria feliz. Porque estaria ao seu lado” diz emocionado e beija minha testa. “E é isso que tem que ser. Você tem que estar ao meu lado, para sempre.”

Emoção volta a preencher meu peito. A vontade de chorar volta, mas tento controlar e escuto-o.

“E quero que você saiba também, que se alguma coisa acontecer. Eu vou escolher você.”

“O^{QUÊ}?” Me afasto e olho para o seu rosto.

“Você vem em primeiro lugar, porque nunca vão machucar você. Você é a minha prioridade.”

“Do que você está falando?” Indago alto. Não choro, mas sinto um tremor de raiva.

“Eu vou matar, esfolar e morrer por você.”

“Não”, falo com a voz quebrada. “Não diz isso.”

“Nunca ninguém tocará em você.”

“Na-não... Não, Ethan. Para! Não pode ser assim. Porque se você morrer, eu morro junto. Não existo sem você.”

Ele alisa meu rosto. “Não, você vai morrer velhinha com seus netinhos, feliz...”

“Não!” Arfo sem fôlego. “Sem você isso não vai acontecer. Nunca.” Agarro seu casaco com força e minhas vistas embaçam.

“Eu só quero que você fique bem.”

“Isso só acontecerá se eu estiver com você!”

Seu rosto está passivo, como a decisão já tivesse sido tomada. Enfurecida dou um muro no peito dele.

“Retire essas palavras. Não diga isso.” Bato nele de novo e ele me agarra. “Por favor”, choro e o aperto. “Ethan! Você não vai fazer isso.” Digo chorando, com raiva, com medo. Triste.

“O que aconteceu na academia, se acontecesse de novo eu não hesitaria.”

Balanço a cabeça e coloco a palma da minha mão no seu coração. “Aquilo quase tirou você de mim.” Balbucio. “Eu ia perder você para sempre.”

Ele aperta minha mão que está em seu peito. “Eu só fiquei preocupado naquele dia que se eu morresse, eles levassem você. Eu não iria me perdoar nunca, mas se eu levar um tiro e te salvar. Vai valer a pena.”

Engulo o gosto salgado e não tenho voz para falar. Não consigo formar palavras, só me agarro mais e mais a ele. Pensar na minha vida sem ele, sem seu carinho, seu amor... Eu não posso viver.

Meu coração se aperta tão forte. Estou sufocando. Desprendo-me dele e viro meu corpo para cima. Fito o teto. Tento puxar o ar. Uma. Duas. Três vezes, mas não consigo. Meu corpo treme e minhas vistas não focalizam nada. As lágrimas embaçaram tudo, mas não se derramam.

“Victoria?” Ele chama meu nome preocupado. “Aí, merda. O que você está sentindo?”

Não consigo falar. Aperto a mão dele e olho seu rosto, preocupado.

“Você está me apavorando.”

Abro a boca para dizer que estou bem, mas o choro me detém e solto um soluço alto, sofrido. O ar não chega nos meus pulmões e meu peito dói tão forte. *Eu vou morrer. Meu Deus. Faz isso parar.*

De repente, ele sai da cama e corre para fora do quarto. Escuto-o chamar a mãe e como mágica ela aparece com ele na beira da cama.

“O que ela tem?” Lauren pergunta.

“Eu não sei mãe.”

“O que houve?”, ela pergunta com a mão na minha testa. Ela abre meus olhos, vendo minhas pupilas e checa meu pulso. “O que você tem, meu bem?”

Arfo com força, mas as palavras não saem.

“Nós só estávamos conversando e”

“ele me-me escolheu”, sussurro tremula, completando sua frase.

“O que você disse?” Lauren fala.

“E-e-le... ele disse que me escolheu.”

“Onde?” Pergunta para mim e olha para o filho. “Do que ela está falando Ethan?”

Ele abaixa a cabeça e balança. “Não é nada demais.”

“Disse que vai morrer por mim.” Forço minha voz. “Escolheu a mim. *Mas vai me deixar*”, falo e arfo com força e tremendo. Meu coração dói de um jeito estranho. Me sinto quente. Desorientada.

“Minha nossa.” Lauren fala com os olhos saltados. “Ela está tendo um ataque de pânico.” Preocupada, tira os cabelos das minhas vistas. “Se acalma. Ele não vai fazer isso.”

Assinto freneticamente. “Vai. Ele disse que vai.”

“Querida”, ela senta na cama e pega minhas mãos. “Fique boazinha.” Continuo chorando e então ela vira o rosto para o filho e ordena: “Fique aqui, eu já volto.”

Rapidamente a mãe dele some e eu fico com Ethan no quarto sozinha de novo. Respiro fundo e seguro firme suas mãos.

“Não faça isso, por favor. Por favor. Por favor.”

Ele engole em seco com os olhos lagrimejando. “Não vou”, murmura e a cabeça sutilmente balança.

Meu coração comprime e as lágrimas enchem meus olhos rapidamente. *Ele mentiu para mim.*

Soluto como uma criança e me levanto para pegá-lo. Fecho os olhos, abraçando-o e cravando minhas unhas nas suas costas. “Eu não vou deixar. Não vou. Não vou deixar.”

Ethan alisa meus cabelos e me balança, me ninando. “Fique calma amor.” Ele se mexe, soltando meu corpo e puxo seu casaco. “Espere, só vou me deitar aqui com você.”

Assinto e espero ele se encaixar atrás de mim com seus braços fortes me confortando.

“Agora se acalma. Seu corpo não pode sofrer isso. Olha como você está chorando e soluçando. Está tremendo tanto.”

“Culpa sua.” Murmuro e viro minha cabeça para olhar seus olhos e afago seu rosto com aflição. “Não me deixe. Não me deixe. Não me deixe.” Repito,

chorando copiosamente.

“Me perdoe”, ele chora e me abraça bem forte. “Me perdoe. Eu não vou te deixar.”

Fecho os olhos e choro com ele. Sinto seu coração bater tão forte que escuto a pulsação, mas não tenho certeza se não é meu próprio coração que está tão acelerado. *Deus tire essa ideia da cabeça dele.*

Lauren reaparece com a menina que é assistente dela e é enfermeira. Gisele chega perto de mim e vejo uma seringa com agulha na mão dela.

“Não!” Digo com urgência.

“Calma, Victoria, é só um calmante para você relaxar.”

Balanço a cabeça e prendo meus braços no meu corpo, por baixo dos braços do Ethan, que ainda me abraça.

“Não. De novo não.” Me viro para olhar melhor elas. “Es-estou calma.”

“Não está não, querida.” Lauren afirma.

“Ethan”, falo o nome dele, pedindo ajuda e coloco a mão na minha barriga, a mão que está entrelaçada a dele. “Não deixa, Ethan.”

“Não é nada demais, Victoria.” Ele murmura no meu ouvido. “Só vai fazer você dormir um pouco.”

Viro-me para ele e fito seus olhos. “E ele?” Sussurro.

“Não se preocupe.”

Lauren está atenta a nós dois e repara nossas mãos. Uma sombra de sorriso cruza seu rosto, mas logo some. Ela estende a mão para mim e diz:

“Não vai acontecer nada. Você só vai dormir um pouco como Ethan disse.”

Tremendo e relutante estico meu braço. Gisele se aproxima e depois de procurar mim veia enfia a agulha.

“Agora você vai relaxar”, ela diz com carinho e sai do quarto.

Lauren senta na cama e acaricia minha mão. “Durma, minha querida. Nós estamos aqui.”

Meu corpo se acalma momentaneamente. O efeito é rápido. Fico mole, sem reflexos. Antes de perder a consciência *chamo-o* uma última vez através de um sussurro indecifrável.

“Estou aqui, minha princesa.” Murmuro.

Doze

Ethan

TERÇA-FEIRA, 02 DE FEVEREIRO DE 2014.



MEU CORAÇÃO DESACELERA QUANDO VICTORIA entra em um sono profundo, graças ao sedativo. Deixo um beijo em sua testa. *Descanse, meu amor.* Fico um pouco assim, mas levanto para encarar minha mãe que está me repreendendo silenciosamente. Sei que vou ouvir poucas e boas, e mereço.

“Pode falar o que a senhora quer mãe.”

“Você é maluco Ethan Brown? Como pôde fazer uma coisa dessas sabendo que ela já estava abalada com o que aconteceu e eu nem quero saber o que foi. E ela tinha acabado de se acalmar. O que você tem na cabeça?”

Olho para o chão por vergonha de encará-la e não respondo. Ela tem toda razão. Eu não deveria ter dito aquelas palavras, mesmo que eu pense elas quase o tempo todo. Eu forcei a barra. Depois de um longo silêncio, minha mãe se manifesta.

“Victoria está grávida?” Pergunta mais suave.

Assinto.

“Meu Deus” ela fala em meio a um suspiro. Levanto o rosto e vejo como está angustiada. “Pior ainda. Victoria está muito mais emotiva e protetora agora. Você não deveria ter falado aquilo. A pobrezinha teve um ataque de pânico, Ethan.”

Respiro fundo e fito minha mulher na cama ressonando. Realmente eu exagerei sobre essa coisa de morrer por ela.

“Eu não pensei direito.”

“Não mesmo. As mulheres grávidas ficam mais voláteis e emocionais. Elas viram leas querendo proteger e defender sua cria. A Victoria ama você demais e ela faria tudo por você, muito mais agora que está esperando um filho *seu*.”

Olho para minha mãe e falo muito sério com a voz rouca: “Eu não pensei que o que eu disse iria causar isso. Só estava...” pauso procurando as palavras.

“O quê?”

“Querendo mostrar a ela que nunca vou deixar nada acontecer a ela e nem ao nosso filho.”

“E jurar que morrerá por ela é uma tática maravilhosa, não é.” Fala com sarcasmo.

Ando para o canto do quarto e sento-me no sofá perto da lareira. “Mãe. É complicado.”

“Por que Ethan?” Pergunta sentando perto de mim no outro sofá. “Me explique essa sua loucura momentânea. Você nunca foi um garoto impulsivo. Sempre pensou demais antes de fazer qualquer coisa. Então porque agora você saiu com esse assunto de morte, sem ao menos balançar os prós e contra dessas palavras.”

Fito o chão e explico. “Eu me desesperei porque Victoria às vezes, na verdade sempre, continua com a ideia de que ela mudou minha vida e é verdade, mas na cabeça dela só no sentindo ruim. Que me colocou em perigo por estar com ela e eu já expliquei para a senhora no hospital aquele lance dela querer se separar de mim por conta disso.”

Minha mãe põe a mão em cima da minha e eu olho para o seu rosto. “Eu entendo essa preocupação dela. É amor demais. Ela não quer que nada lhe aconteça.” Engole em seco. “Vocês se amam muito e às vezes perdem a linha da sanidade e da lógica. Mas você agora tem que ser mais paciente com ela.” Assinto querendo que ela saiba que vou tentar. “E ter um pouco mais de fé também.”

Franzo a testa e aperto sua mão. “Eu sei disso e realmente exagerei.”

Ela assente. “Está tudo bem agora. Victoria está descansando e quando acordar peça desculpas a ela. Diz que foi no calor do momento e você nem sabe o que falou.” Ela se levanta e a acompanho e nos abraçamos. “Sei que a ama muito, mas não quero que faça isso também. Não é só ela que vai sentir sua falta.” Se afasta e segura meu rosto. “Você vai ter um filho agora e vai entender o que eu sinto. Provavelmente não vai querer usar a sua ideia como saída para esse problema quando tiver ele nos braços. Ache outro jeito, filho.”

“Mãe...”

Seus olhos estão marejados e os lábios tremem brevemente. “Não fale mais, Ethan. Você vai agora deitar e fazer companhia a ela. Quando ela acordar, converse e peça desculpas por deixá-la desesperada.” Ela deixa um beijo suave na minha testa. “Agora vou me deitar também. Está tarde.”

Abraço-a de novo antes de ir. “Desculpe também, mãe.” Me afasto para olhar seus olhos castanhos claros, que adoro. “Eu sei que você ficou abalada também.”

Ela tenta sorrir e levanta os ombros sutilmente. “Fiquei sim, mas no meio disso tudo eu tive uma ótima notícia.”

Franzo a testa. “O quê?”

“Você é meio tonto às vezes, querido” diz dando uma risadinha. “Eu vou ser vovó e agora da sua parte. Estou muito feliz com isso.”

Respiro fundo e brevemente meus lábios se curvam. Mamãe enruga a testa.

“Você não está feliz?” Pergunta preocupada.

“Claro que sim.”

“Mas?”

Tentar enganar minha mãe é perda de tempo, então resolvo desabafar meu nervosismo.

“Estou preocupado com Victoria grávida andando por aí. Além desses filhos da mãe tentando nos assustar e perseguindo ela. Fico nervoso se ela vai ficar bem e se eu estou pronto.”

O rosto da minha mãe deixa claro que ela achou tudo que falei uma bobagem e ao mesmo tempo fofo. Mania de me acharem fofo. Porra. Só estou sendo racional e preocupado.

“Oh, meu menino lindo. Você vai ser um pai maravilhoso e está pronto sim. E não se preocupe sobre ela ficar bem, porque sei que vai. Todos nós vamos cuidar dela e com certeza esse inferno vai acabar antes dele nascer.”

Assinto veemente. “Tomara que sim. Isso é a minha missão de vida.”

Ela me abraça mais uma vez e beija meu rosto. Sorri e se afasta de mim, indo até a cama e beijando o rosto de Victoria e fazendo carinho nos cabelos dela. Sorrio para a cena e meu peito se enche de amor. Fico tão grato de todos amarem minha princesa. Somos uma família antes mesmo de eu me casar com ela, mas a verdade é que eu não preciso de um papel para isso. Sei que ela é minha, só que mesmo assim quero meu nome nela. Quero que todos saibam que ela é minha.

Depois que minha mãe se afasta de Victoria e me dá boa noite, fecho a porta do quarto e vou para cama. Finalmente tiro as botas de Victoria e meus sapatos. Tiro seu casaco, meu cinto — para não me machucar e nem a ela — e tiro o casaco. Calmamente tiro o edredom debaixo do seu corpo e a cubro logo em seguida.

Me deitando, abraço meu anjo. Ela dormindo parece um anjo, principalmente agora que está sobre efeito do sedativo. Dormindo profundamente. Faço seu corpo se encaixar ao meu e beijo os cabelos loiros macios do amor da minha vida.

“Pode deixar comigo. Nós vamos ficar bem.” Murmuro e minha mão alisa sua barriga que ainda não dá para notar nada de diferente. Continua plana e os poucos músculos abdominais presentes.

Não sei porque, mas tudo o que aconteceu fez meu receio com a chegada do bebê aliviar um pouco. Agora quero me concentrar em proteger minha família. Victoria e nosso filho. Talvez esse susto serviu para alguma coisa, além de mostrar que Victoria por mais forte que tente mostrar ser, é frágil e eu tenho que

cuidar dela. E isso não é problema nenhum como pensam.



MEUS OLHOS ABREM VAGAROSAMENTE e percebo a luz do lado de fora invadindo o quarto. Já está amanhecendo e o relógio na mesa de cabeceira — do outro lado — marca seis e meia da manhã. Respiro forte e passo a mão no rosto para despertar de vez. Quando tento flexionar o outro braço, sinto-o pesado e viro o rosto. Victoria como sempre se virou e juntou o corpo ao meu.

Estamos muito perto e nesse exato momento junto mais ainda. Me viro para ela e a abraço. Beijo sua testa e afago ao longo dos seus cabelos caídos sob a cama e meu braço que ampara suas costas. Fito seu rosto por longos minutos e pensamentos encham minha cabeça.

Acho que tem outra forma de manipular ela. Pelo menos essa coisa dela achar que é um erro nosso envolvimento. Ela está enganada, pois é minha e ninguém tirará de mim. Sou *profundamente envolvido* por ela e nada vai mudar esse sentimento. Nunca!

Preciso arrumar um jeito de tê-la para mim irrevogavelmente. Ter uma segurança de não a perder para sua teimosia e medo. Mesmo que eu a tenha pedido em casamento, não é algo concreto *ainda*. O jeito seria me casar com ela o quanto antes. Esse é o único jeito de me dar tranquilidade realmente. Chega de ter medo da sua mente.

Ela se mexe na cama, esfrega o rosto no meu peito e as mãos deslizam pelo meu torso e braços com certa voracidade. Fito seu rosto e vejo o momento que seus cílios batem suavemente e finalmente ela abre seus lindos olhos verdes. Ela é linda demais.

Seus olhos se fixam em meu pescoço. Acho que ela está recordando os últimos momentos antes de adormecer. Um tremor atravessar seu corpo e suas mãos se fecham em minha camisa. Victoria suspira e solta o ar tão devagar que parece que não quer soltar. Tiro a mecha de cabelo da frente do seu rosto e ela ergue os olhos para os meus.

“Oi, amor.”

Ela pisca e diz baixinho: “Oi.”

“Você está bem?” Abro um curto sorriso e acaricio a maçã do seu rosto.

Ela engole em seco e uma ruga se forma na sua testa quando junta as sobrancelhas. “Sim.” respira profundo e desvia o olhar. “Só... um pouco — ”

pausa e fico esperando, mas ela não termina a frase.

“O que você tem? Um pouco o que?”

As curvas dos seus lábios suavemente sobem, mas não forma um sorriso. Foi mais para uma careta de dor. Respiro fundo e a puxo para mim.

“Está tudo bem, Victoria. Nós estamos bem. Me desculpe.”

Os olhos verdes sobem e fitam os meus, sinto dentro de mim tudo se apertar com a forma que eles estão ficando úmidos. Passo as costas da minha mão no seu rosto e ela vira a cabeça para beijar minha mão e segura-a. Fecha os olhos e sinto seus pés flexionarem acariciando minhas pernas e levantando a bainha da calça. Ela sempre faz isso quando está inquieta.

“Me escuta” falo com a voz rouca. “Eu sei que você ficou mexida com o que eu disse. Eu sei que exagerei e deixei você abalada.” Seu queixo treme querendo chorar. “Não pensei que você ficaria assim. Do fundo do meu coração, não foi minha intensão, mas — ”

“Você não vai fazer.” Não reconheço sua voz. Quebrada e triste.

Isso mexe comigo de um jeito doloroso. Pego seu rosto em minhas mãos e beijo seus lábios com ternura. Um pouco desesperado também.

“Não vou deixar.” Ela determina quando afasto minha boca da sua.

Assinto e fecho os olhos, derrotado. De repente sinto seu corpo se chocando com o meu corpo e seus braços apertando meu pescoço, meus braços automaticamente são jogados para cima do seu corpo e a aperto forte.

“Você é tudo que eu sempre sonhei e eu vou viver com você nessa vida. Vou te amar para sempre, não duvide disso, mas quero passar essa vida — agora — com você.” Sussurra chorando no meu ouvido. “Quero ter tudo com você. Ser tudo para você. Então não pode me deixar. Vamos lutar, ser fortes juntos.” Ela levanta o rosto e me olha emocionada. “Não vou permitir você me deixar e me perdoe todas às vezes que eu fiz você ficar triste ou magoado. Sei que o que você falou tem uma parcela de culpa minha. Me perdoe, Ethan.”

Aperto-a mais um pouco. Querendo não soltá-la nunca. “Está tudo bem e você tem razão. Vamos fazer tudo juntos.”

“Juntos e para sempre.” Ela repete o que uma vez prometemos um para o outro.

Beijo sua boca de leve e cerrando a mandíbula. Respiro fundo e falo rápido para não perder a coragem.

“Casa comigo?”

Ela tenta sorrir, mas apenas assente deixando as lágrimas escorrerem. “Já disse que sim. Claro que sim.”

“Não. Eu quero dizer, casa comigo agora.”

Victoria congela em cima de mim. Estática. “Como assim?”

“Quero me casar com você o quanto antes.” Seus olhos se arregalam, ela levanta o corpo se sentando em minhas pernas e eu ergo o corpo sentando também.

“Por quê? Para que tanta pressa?”

“Victoria — ”

“Não, Ethan. Só me explique o motivo.”

Respiro fundo e pego suas mãos, que por sinal estão suadas. “Porque eu quero que você seja minha de uma vez.”

Seu rosto mostra sua total confusão. “Sou sua” diz como fosse um absurdo o que eu falei. Como se ela confirmasse o óbvio.

Abro um sorriso, assentindo. “Sei que é, mas preciso disso.” Ela não sabe o quanto preciso que ela seja minha, muito mais do que já é.

Ficamos nos fitando sem dizer nada. Eu respiro fundo e ela solta um suspiro antes de falar:

“Tudo bem.” Move sutilmente os ombros. “Eu caso com você.”

Dou um sorriso satisfeito e a derrubo na cama ficando em cima dela, invertendo nossa posição.

“Eu te amo e te quero muito. Quero que você seja minha esposa.”

“Bem, eu não posso reivindicar isso” diz sorrindo. “Quero que você seja meu marido também, muito e nós nem tínhamos falado sobre data, e nada do casamento.”

“É verdade.” Acaricio seu rosto.

“Então” ela dá de ombros “está tudo bem. Se começarmos a preparar o casamento agora, acho que em três meses — ”

“Três meses?” Interrompo-a e seu sorriso congela. “O que você quer dizer com três meses?”

“Ah, eu achei que...”

“Não. Eu não quis dizer que quero casar com você daqui a três meses.”

“Quanto tempo então?” Pergunta em voz baixo, receosa.

“Por mim seria amanhã.”

“Amanhã?”

“U-hum.”

Ela engole em seco e pisca várias vezes tentando achar palavras. “Mas amanhã não dá. Por que isso? O que você está pensando?”

Me desvencilho dela e sento na cama. “Você não entende” murmuro enterrando os dedos em meus cabelos e os puxando. A cama se mexe e sinto ela se sentar ao meu lado de pernas cruzadas de frente para mim.

“Então me explica.” Pede e inclina o corpo para o lado, para conseguir me ver melhor. “Ethan?”

“É que eu preciso dessa segurança. Se você for minha esposa, não vai poder escapar de mim tão fácil.” Olho para ela e confesso. “Toda vez que acontece alguma coisa ou você fica muito assustada sempre fala o quão perigoso é eu estar com você e... Se você for minha esposa, mesmo que queira fugir e escapar de mim... não vai dá.” Dou de ombros. “Pelo menos não tão fácil. Porque nunca vou deixar você sair da minha vida.” Seus lábios se abrem e uma lágrima solitária escorre no canto do seu rosto e caí livre. “Você entende?”

Os olhos brilham em um verde único e parece magnético, porque se transformam ficando cinza. “Você só quer casar comigo porque — ”

“ — para ter você para sempre.” Completo e digo com a voz rouca: “Eu tenho medo que você fuja de mim. De vez.”

Uma expressão de dor cobre seu rosto e ela se joga para cima de mim. Eu a pego e abraço tão forte que tenho medo de machucar. Não quero que ela fuja.

“Não vou conseguir viver” engulo o bolo em minha garganta “sem você. E você sabe disso.”

Estou me sentindo como um garoto perdido e sem amparo. Victoria é todo o meu mundo. Meu universo e não sei ficar mais sem ela. Sinto um desejo por ela o tempo todo. Uma força tão imensa que dói dentro do meu peito.

“Eu te amo tanto Ethan”, beija meu pescoço, “e eu vou me casar com você.” Se afasta para olhar dentro dos meus olhos. “Quando você quiser. Se quiser pode ser amanhã mesmo. Eu só quero estar ao seu lado também. Desculpe se passei a mensagem errada.”

Assinto, mostrando que está tudo bem e a abraço novamente. “Você é o meu mundo, meu anjo. Minha vida.”

“Você também é o meu. Eu nunca vou fugir de você. Nunca!”

Uma fome desesperada toma conta de mim. Tomo sua boca com desespero, enfiando a língua dentro da sua boca, se enrolando com a dela. Enfio as mãos por debaixo do seu vestido e tiro por cima da sua cabeça. Nossos lábios não se desgrudam. Deito seu corpo na cama e fico em cima dela. Deixo rastros de beijos sobre seu corpo, seus seios e descendo para o seu abdômen beijo com carinho em cima do seu ventre. Victoria pega meus cabelos e arfa com força.

“Você me terá para sempre.” Beijo sua barriga e volto a subir acariciando seu corpo e apalpando seus seios sobre o sutiã. “E eu agora preciso estar dentro de você.”

Ela assente freneticamente, e em poucos minutos nos despimos, nos acomodamos na cama e nos amamos apaixonadamente. Nos entregando ao nosso amor. A única coisa em nossas vidas *inteiramente* perfeita e só *nossa*.

Treze

Victoria

QUARTA-FEIRA, 03 DE FEVEREIRO DE 2014.



ETHAN E EU RESPIRAMOS OFEGANTES, recuperando o fôlego pós coito. Foi uma transa de desculpa arrebatadora e selvagem. Me sinto mole. Amo quando ele é carinhoso e sedutor, mas senti-lo perder o controle me deixa maluca. Sorrindo, ele se levanta e me leva para o banheiro. Rapidamente entramos no banho e quando a banheira fica cheia, aproveitamos, mas sem demorar muito. Não quero que Aaron e Lauren fiquem pensando que estamos desrespeitando a casa deles.

Saímos do banho, nos arrumamos e vamos tomar café da manhã na companhia dos meus sogros. Ainda é tão estranho pensar assim, mas futuramente — no caso, Ethan com a história de nos casarmos até o dia dos namorados — fazem deles meus sogros quase instantaneamente.

Aceitei o seu pedido de casamento porque é óbvio que eu quero passar a vida com ele, ainda mais agora com nosso bebê dentro de mim, mas não esperava ser tão logo. Porém entendi o desespero dele. É por culpa minha, das minhas bobagens. Meu coração se partiu com a declaração dele. Me senti culpada por feri-lo desse jeito, mais do que pensar que sou um estorvo na vida dele e não quero mais pensar isso. É bobagem. Agora vou pensar na sorte que tenho por ter conquistado um homem como ele.

Após o café da manhã, Aaron chama o filho. Parece que ele quer conversar com Ethan algo sério e espero pacientemente que ele me conte tudo depois. Não quero ficar pressionando toda vez para falar a verdade. Quero que ele faça por vontade própria e tenha consciência de que preciso saber também.

Volto para o quarto, já que Lauren deu uma saída e mal pisando no cômodo escuto meu celular. Pego e vejo que é minha mãe. Ela quer saber se estamos bem.

“Sim, nós estamos muito bem, mãe. Não se preocupe.” Acalmo ela.

“Se você está falando, eu acredito e se prepare que você receberá ligações. Will está desesperado.”

“Aí, minha nossa. Acalma ele por mim.”

“Vou tentar.” Diz com humor. “Qualquer coisa você me ligue. Não hesite.”

Sorrio, afirmo que ligarei se precisar e desligo. Se continuar ela não vai parar de se preocupar e perguntar de novo, de novo e de novo se realmente estou

bem. Vou para cama e me sento. Verifico o celular. Realmente recebi um monte de ligações e uma delas é da minha melhor amiga. Sorrio e ligo para Clara, porque ela deixou uma mensagem desesperada para mim. Desmiolada como sempre, Clara é muito neurótica como todos da minha família sobre minha segurança.

“Victoria, amiga! Está tudo bem com você?” Ela atendo afoita.

“Estou sim, Clara. Não precisa ficar assim.”

“Imagina. Se fosse ao contrário você ficaria do mesmo jeito. Como está Ethan? Ele está bem e os seguranças? Ken?” Fala disparada e nem me deixa responder nada. “Ele é um chato, mas cuida de mim e de você como nosso pai, ou cão de guarda. Ele está bem?” Depois que consigo parar de rir, faço uma pausa para ela entender que está no modo *‘Esquilo com cafeína’*. “Desculpe, pode falar agora.”

“Ora, muito obrigada! E respondendo todas as perguntas em uma só resposta; todos nós estamos bem e eu concordo com tudo que você falou sobre Ken.” Damos gargalhada. “Mas nunca deixe ele saber.”

“Pode deixar. Ele sempre vai pensar que nós o odiamos.”

“Não é para tanto. E conta as novidades. A última coisa que você me disse era que Ethan estava um amor com você — como isso fosse novidade — e que ia te levar para não sei aonde. Fazer uma surpresa. Me conta o que foi.” Ela ordena, não pede. Clara não muda nunca.

Fico pensativa e do outro lado da linha, escuto ela bater em algo, inquieta. Rio baixo, zombando dela. Clara é tão curiosa que me dá medo às vezes. Nem gosto de lembra as merdas que ela já fez na escola.

“Fala logo, Victoria!”

Ih. Falou meu nome, não o apelido. Está zangada.

“Eu” pausa longa “estou” paro de novo.

“Se você estivesse na minha frente agora, eu já tinha arrancado seus lindos olhos verdes.”

Não resisto e solto uma gargalhada muito alta que chega a balançar meu corpo.

“Eu estou...” começo de novo e ela bufa. “Quando é você que faz isso, eu nem posso reclamar que você fica *roxa beterraba*.”

Ela bufa de novo e sei que revirou os olhos. “Mas eu estou longe demais de você e não posso fazer nada. Quando eu enrolo você assim, você sempre aparece na minha porta depois de dez minutos.”

“É verdade.”

“Então fale de uma vez e não me enrole mais.”

“Eu estou noiva” falo rápido.

“Ah!?” Ela suspira alto, quase arfante.

“Clara?” Ela não responde. “Clara?”

“Eu sabia que ele ia me roubar você assim que vi os olhos dele em cima de você na NINE.”

“Oh... Ninguém nunca vai me rouba de você, sua tonta.”

Ela finge um soluço. “Ele já roubou. Agora só vai casar e você vai virar a Sra. Ethan Brown.” Escuto-a rir e então a doida fala: “Imagina só isso. Victoria Rose Colton Brown. Nossa! Isso é nome chique e grande demais, mas é legal.”

Dou risada e deixei meu corpo cair para trás, me deitando na cama. “É bonito mesmo.”

“Quando vocês estão pensando no casório?”

“Não sei. É segredo ainda, então não conta para ninguém.”

“Boca de siri.”

“Mas Ethan quer casar antes do dia dos namorados.”

“Ai caramba.” Exclama, eufórica. “Casa no dia do meu aniversário.”

“É uma boa ideia.”

“E eu sou a madrinha.” Faço um som afirmativo e então ela grita: “Mas espera. Isso é daqui a uns dez dias. Por que a pressa?” Abro a boca, mas ela me interrompe. “Você está grávida?”

“Hun...” resmungo. “Eu sabia que iam pensar isso.”

“É natural, não é?! Vocês começaram a namorar tem pouco tempo, então. Enfim, você está?”

“Não”, minto. Ainda não é a hora de Clara saber, mesmo sendo minha melhor amiga — claro, que depois de Cora.

“Então por que a pressa?”

“Porque nós nos amamos e” repito as palavras de Ethan “isso é inevitável. Mais dia ou menos dia ia acontecer.”

“É”, diz pensativa. “Isso é verdade. Vocês não se desgrudam.”

“U-hum, mas agora deixemos de falar da minha vida e vamos a sua. Como você está? Seu triângulo ainda está rolando e conturbado?”

“Ah Vic, eu nem te conto” e ficamos mais uma hora no telefone. E como milagre, um anjo aparece. Lucca e encerra nossa conversa. Eles vão sair hoje. Clara disse que ele vai levá-la a um lugar diferente e está muito ansiosa. Ela nega, mas está ficando caidinha por ele a cada dia.

Quando penso em deixar meu celular no criado mudo, ele toca de novo. Atendo antes de completar a quinta chamada e respiro fundo. Hoje o dia está agitado e minha orelha esquerda está queimando. Acho melhor escutar pelo lado direito.

“Alô?”

“Victoria! Como você está? Está tudo bem?” Cora surge do outro lado da linha, descontrolada.

Dou uma risada baixa e respondo: “Eu estou bem e se acalme, por favor, Cora.”

“Não posso, meu amorzinho. Fiquei tão aflita e preocupada com você. Como está? E o bebê e o Ethan?”

“Estamos todos bem e pode ficar calma agora. Aaron e Lauren nos hospedaram e me tranquilizaram quando chegamos.” Não vou contar sobre meu ataque de pânico e nem todo o resto dramático.

Não quero preocupá-la novamente e também estou ignorar o que houve. *Já superei*. Já basta Lauren preocupada comigo. Ela está pensando que eu preciso procurar ajuda médica para cuidar do meu medo de dormir e o ressentido ataque de pânico. Prometi a ela que irei pensar, talvez ela tenha razão.

“Ah, que bom querida” diz com a voz um pouco mais calma. “Mas de todo modo nós estamos indo para lá.”

“Nós?”

“Sim. Elizabeth, Ryan, eu e Will, estamos indo para Maryland. Acho que não vou conseguir dormir hoje de novo. Preciso ver você e confirmar que está bem com meus olhos.” Sorrio achando ela uma fofa. *Sempre protetora*. “Preciso te abraçar minha princesinha”, fala e percebo que está sorrindo emocionada.

“Está bem, está bem, se você quer me ver tanto assim.” Ela faz um som afirmativo e rio. “Mas acho que não precisa.”

“Ah! Precisa sim.” Ela insiste, mas tenho que falar.

“Nós já estamos voltando.”

“Não.” Sua voz sai rígida, poderosa. Está determinada.

“Não?”

Cora faz uma longa pausa e quando penso em falar, ela finalmente se manifesta.

“Ethan não conversou com ninguém a respeito do que aconteceu?” Sua pergunta tem tom de questionamento como já soubesse a resposta.

“Na verdade, ele está falando com Aaron agora. Anteontem só soubemos do avião, quase assim que chegamos. Ah! E que precisávamos ficar aqui por enquanto. Por quê?”

“Bem, porque a situação Victoria, é que acham que vocês sumiram do mapa.”

Meus pensamentos congelam por alguns segundos e então pergunto em um fio de voz:

“Que morremos?”

“Não necessariamente, mas que o avião de vocês sumiu, porque Ken

acionou a medida de protocolo de segurança e isso fez vocês sumirem do radar. Vocês foram para Maryland como medida de segurança, não de forma clandestina, mas... às cegas. Seu pai,” ela limpa a garganta e continua. “Bem, ele e Will querem que você e Ethan fiquem por aí. Pelo menos até que ele esteja aí, para resolver o que tem de ser feito.”

Meus olhos perdem o foco e minha mente foca em um simples pensamento. “Eu vou ter que me esconder agora?”

Cora se mantém muda e sou obrigada a pergunta de novo. Ela demora, mas enfim:

“Por enquanto sim.”

Balanço a cabeça e olho minha mão em cima da minha barriga. Agora ela vai automaticamente para cima do meu ventre e às vezes acaricio levemente de modo protetor. Respiro fundo e fecho os olhos.

“Tudo bem.” Murmuro conformada.

“É para o seu bem, Victoria.”

Assinto e falo no mesmo instante em que Ethan entra no quarto. Ele para na porta com uma expressão pesada e as sobrancelhas franzidas, formando a ruguinha no meio delas. Seus olhos azuis estão fixos em mim. Sinto seu corpo tensionado de longe e me dá uma vontade louca de abraçá-lo. Dá-lhe conforto.

“Eu sei que é.” Falo apenas isso. Não quero mais arrumar caso com ninguém. Já magoei demais as pessoas que amo e são importantes para mim com minha rebeldia, não querendo aceitar o que tem que ser feito. Mesmo que eu não goste, preciso enxergar que é preciso fazer essas medidas. Vou fazer pela minha família, pelo Ethan, pela família dele — que também é minha — e por mim, principalmente pelo *nosso* bebê.

Meus dedos se mexem, acariciando minha barriga e Ethan vira-se brevemente fechando a porta do quarto e vem para mim com seus passos marcados e andar elegante. Eu sou louca por ele, até quando está com a cara tão séria como agora. Olho para ele e só penso uma coisa. *Lindo. Meu lindo.* E pronto, minha energia foi sugada pelo meu amor por ele e a irritação por ter que me esconder foi *momentaneamente* esquecida. Porque juntos nos tornamos fortes e perfeitos, mas sei que o momento não vai durar. Estou me preparando para que o seu rosto sério tem a dizer.

“Que bom que você sabe.” Cora diz. “Sei que você não gosta dessa situação, mas por enquanto é preciso.”

“Tudo bem, Cora.” Digo.

Ethan faz um aceno com a cabeça, como confirmasse que era ela ao telefone. Sorrio e uno nossas mãos quando ele estica o braço e toca minha barriga.

“Ethan chegou no quarto e parece que tem algo a me dizer.”

Ele assente e eu sorrio.

“Tudo bem. Ele deve te passar o que seu pai conversou com Aaron.”
Afirmo com um som e ela diz: “Fique boazinha. Se alimente e durma bem. É importante.”

“Eu sei, dinda” falo rindo. “Não se preocupe. Tenho muitos vigilantes aqui sem você.”

Ela dá risada. “Sei que está bem assistida, mas é natural eu me preocupar com você. Amo você. Beijos e até hoje à noite, ou amanhã de manhã. Quando souber que horas iremos, ligo.”

“Certo. Beijos e amo você também.”

“Beijos princesinha e dê um abraço em Ethan.”

“Cora te mandou um abraço” digo para ele.

“Manda outro para ela.” Ele fala com a voz baixa.

“Ele mandou outro para você.”

“Agradeça a ele e até mais.” Ela diz com humor e desliga.

“Ela te agradeceu”, falo enquanto deixo o celular em cima da mesinha.

Viro-me para Ethan e ele me pega abraçando e tirando meus pés momentaneamente do chão. Jogo meus braços sobre seus ombros e o abraço bem forte. Dou beijinhos calmos e carinhosos no seu pescoço, sentindo seu cheiro natural combinado com o sabonete e sua pele macia quando afago seu rosto com o meu. Ele beija meu rosto tão apaixonado que me deixa mole.

Afasto um pouco meu rosto e olho seus lindos e maravilhosos olhos azuis. Ele relaxou um pouco, mas permanece sério.

“O que você tem que me contar?”, murmuro baixo.

“Nós não vamos para casa. Não vamos amanhã e nem provavelmente depois.”

“Eu sei.” Afirmo e assinto.

“Cora?”

“U-hum.” Assinto de novo.

“O que mais ela te falou?”

“Só isso e presumiu que você mealaria tudo que sabe agora.” Bato os cílios. “E você vai?”

Sorrindo, ele me pega no colo. “Claro que vou contar, sua espertinha. Agora vamos sentar aqui.” Diz nos sentando no sofá de dois lugares na antessala do quarto. Ao sentarmos ele fica bem perto de mim e segura minhas mãos em cima das suas pernas. “Bem, Will conversou com meu pai e o que ele me disse é que nós fomos dados como desaparecidos no radar. Não estamos ‘mortos’, mas não sabem para onde nosso avião foi. Ken ativou — ”

“O protocolo de segurança. Cora me contou isso também, só não disse o motivo real para nossa volta não poder ser agora.”

Ethan respira fundo e automaticamente seus punhos se fecham apertando minhas mãos. “Nós... O plano é que nosso paradeiro seja segredo e nós não podemos ficar aqui.”

Franzo a testa. “Como assim? Vamos para onde? Por quanto tempo?”

“Para Aspen, para a casa dos meus avós. Lá é um paradeiro que é pouco provável para lhe acharem.”

“E a nossa família? Eles vão ficar desprotegidos.”

“Victoria” diz claramente cansado e chega mais perto de mim. “O foco é você e eu, agora. Sei que eles focam no Will também, mas o real objetivo é você e já que tivemos a sorte de desaparecermos no mundo” fala com ironia e repulsa. “Vamos aproveitar isso e nos proteger.”

“Se escondendo.” Declaro sem entusiasmo.

Ele assente e seus olhos fogem dos meus. “Infelizmente, sim e eu sei que isso é uma merda, mas” volta a me fitar, “eu faço de tudo para lhe ter segura.” Fecho os olhos e me jogo para cima dele o abraçando. “Não se preocupe, amor.”

Assinto e murmuro: “Nós vamos ter que dar um tempo na nossa vida.” Me afasto para olhá-lo. “Seu trabalho que você estava gostando tanto e minha faculdade.”

“Bem, sobre isso. Talvez você me ache um babaca por falar o que eu estou prestes a dizer, mas a verdade é que eu não estava me sentindo preparado para você voltar as aulas. Não consegui dormir os dias que estávamos brigados e você foi, e quando fui para Nova York, eu sinceramente não dormir nada. Então... eu me sinto aliviado agora.” Aperta os lábios, culpado. “Desculpe por pensar assim. Só que não fico tranquilo com a minha mulher carregando meu bebê por aí com um bando de lunáticos tentando fazer mal a eles.”

Meu coração se aperta e eu confesso: “Eu também não estava me sentindo bem indo para faculdade. Meu plano era conversar com você e saber sua opinião sobre eu fazer o curso a distância. Comparecer quando tiver provas. Hoje em dia dá para fazer isso.” Dou de ombros. “Que bom, não é?”

Ethan quase sorrir e dá de ombros. “Acho essa ideia genial.”

Abro um sorriso amarelo e me ajeito no seu colo, seus braços em volta de mim, protetoramente. “E você? Não vai sentir falta do trabalho?”

Ele torce a boca e assente. “Vou, mas tem como eu trabalhar longe de casa. Certas coisas eu posso fazer *logando* na rede da empresa e fazer meu trabalho.”

“E não é perigoso?”

Me beija com doçura. “Você acha mesmo que eu faria algo para lhe colar em perigo?”

“Nos colocar”, corrijo.

“Sim... Você acha que eu faria algo para *nos* colocar em perigo?” Reformula a pergunta afagando minha barriga. Balanço a cabeça em negativa. “Ainda bem que você sabe disso e agora vamos falar do nosso casamento.”



No DIA SEGUINTE, APÓS O ALMOÇO. Levanto da cadeira no jardim, onde eu estava lendo um livro, corro para dentro de casa a procura do banheiro. Levanto a tampa do vaso e coloco tudo para fora até que minhas vistas embaçam e meus olhos lagrimejam. Odeio quando passo mal desse jeito. Fico com uma sensação horrível e se eu não frear, não paro de vomitar. Se bobear coloco para fora até o que eu nem lembro mais que comi.

“Está tudo bem?” Assinto olhando para Ethan pelo reflexo do espelho do banheiro. Ele anda até a mim, me abraça por trás e beija meu ombro. “Será que não tem nada que você possa tomar para melhorar isso?”

“Não sei, Ethan” digo sentindo minha garganta feito uma lixa e dou de ombros. “A única coisa que eu sei é que isso não pode durar os nove meses. Vou acabar *definindo* como a Bella do Crepúsculo.”

Ele aperta os lábios, reprovando. “Nós vamos ter que ir ao médico. Primeiro, que eu quero ver o bebê”, espalma a mão sobre a minha barriga. “Com certeza deve ter algo para se ver aí dentro.” Dou risada e ele continua falando com os olhos brilhando de divertimento. “E para saber como você está e sobre esses enjoos.” Me segura pelos ombros e me vira de frente, para me encarar. “Não pode continuar desse jeito. Me deixa nervoso.”

Assinto e o abraço. “Eu estou bem.”

“Minha mãe e — ”

“O quê?” Me sento dele às pressas. “O que tem sua mãe?”

“Antes de você ser sedada, você deu a entender sobre o bebê e você conhece a dona Lauren e ela sacou tudo. Então enquanto você estava inconsciente, além dela me dá um esporro por eu ter feito você ficar naquele estado”, me beija. “Ela perguntou se você está grávida.”

“Mmm...” faço pensativa.

“Está chateada comigo?”

Sorrio e balanço a cabeça. “Claro que não. O filho é seu também e se você queria contar para sua mãe, tudo bem.” Acaricio seu rosto e ganho seu sorriso

fofo. Agora eu entendo porque ela está me tratando feito porcelana, assim como Ethan e Cora. *Ai meu Deus*. Esse criança vai ser diabética de tanto doce que vão fazer com ela. *Meu pingentinho!* Sorrio ao pensar isso, e Ethan me olha sem entender, mas não se aprofunda.

“Enfim, eu dizer que vou falar com minha mãe para ela conseguir uma consulta para você com alguma amiga médica dela daqui.”

“U-hum. Legal.” Aceito, assentindo e penso. “É uma pena ela não ser obstetra.”

“É mesmo, mas ela vai dá o jeito dela e de toda forma ela quase não trabalha mais.”

Lauren é cardiologista e incrível. Agora se dá ao luxo de atender seus pacientes no seu consultório e às vezes faz operações de coração. É muito conhecida nos hospitais de Los Angeles e trouxe suas honras como médica para Maryland.

Saindo dos meus pensamentos, abro um sorriso para Ethan que está me olhando estranho e acabo sendo beijada. Recebo seus lábios carinhosamente num beijo casto e singelo. Fico na ponta dos pés para abraçar ele melhor e quando percebo ele pega minhas coxas e enlaça na sua cintura me sentando na pia da bancada. Seu beijo vai ganhando pressão e força, infelizmente não estou me sentindo bem agora para isso.

“Amor, eu não estou me sentindo bem” murmuro com os lábios no dele.

Ele respira fundo e me pega, tirando da bancada. “Tudo bem, vamos voltar para a varanda e ler.”

“Eu pensei em uma coisa diferente.”

“Hmm... No que seria?”

“Vamos ver um filme?”

Ethan sorrir e ergue as sobrancelhas. “Vai ficar de amasso comigo no cinema daqui?”

“Vou” digo dando risada.

“Então está bem e você pode até escolher o filme hoje.”

“Logo hoje que quero ver seus filmes doidos de ação.”

Seus olhos brilham com humor e tesão. “Quanta generosidade futura Sra. Brown.”

Dou risada caminhando com ele para a sala de cinema nos fundos da casa.

Catorze

Ethan

QUINTA-FEIRA, 04 DE FEVEREIRO DE 2014.



NÃO SEI SE ESTOU MALUCO, mas sinto uma ligeira mudança na minha futura esposa. Talvez seja sua maturidade que esteja aflorando. Tenho consciência de que ela é nova para casar e ser mãe, mas Victoria é capaz do que quer quando está determinada. Ela já me deu provas disso e sua mudança de comportamento comprova isso.

Uma vez meu pai disse para mim e Anton, que um bom relacionamento é aquele que o laço é mais forte do que um papel, uma certidão, um anel no dedo. Uma verdadeira união é aquela que os dois lados estão ligados além do que os olhos podem ver. Está na alma. Espiritualmente. E que a mulher é o reflexo do homem, e vice versa.

Confesso que na época não dei a mínima para aquilo. Eu era um babaca mulherengo, o *eu* antes dela, mas eu mudei, nós estamos mudados. Estamos nos fortalecendo e isso com certeza nada pode quebrar. Contudo, estou nervoso para caralho para pedir a mão dela em casamento.

Sou um homem crescido e não deveria sentir medo, mas qualquer homem deve ficar ansioso e nervoso com esse momento da vida. E nem estou botando em conta que quero o nosso casamento ainda esse mês. Possivelmente vou fazer uma cerimônia particular para nossa família e depois, mais lá para frente, faço o casamento especial que qualquer mulher sonha e ela merece.

E sabendo que os Colton são muito conservadores, quanto a minha, Ryan vai querer um casamento digno de uma princesa — como a chamam — e eu também quero ela linda, feliz e com um vestido branco caminhando para mim no altar. Isso com certeza dinheiro nenhum pode comprar.

Mas por enquanto o que eu quero é ela sendo minha esposa. Ter essa segurança comigo na hora de dormir e para enfrentar todas as dificuldades. Então para isso acontecer logo, vou organizar um casamento pequeno só para nossa família e se ela quiser chamar mais alguém, como Clara, por mim tudo bem. O que eu quero é ela.

Apago a luz da cozinha — vim tomar um copo d'água — e volto para o segundo andar.

Nós tínhamos assistido o filme que ela escolheu — lógico que aproveitei e passei constantemente minhas mãos pelas coxas, bunda e a cintura dela enquanto

ela estava em cima do meu colo — e depois jantamos com meus pais. Logo em seguida, peguei meu notebook para trabalhar rapidinho. Eu preciso do trabalho para não enlouquecer com essa pressão toda, e vou tentar manter o pique mesmo à distância.

Entrando no meu quarto, vejo meu anjo deitada na cama com as cobertas até a cintura e a camisola *sexy* dela. Ela preferiu vir para o quarto dormir e me deixar trabalhar sossegado. Quase pensei em ficar por aqui, mas se eu a visse como está agora, não ia conseguir me concentrar.

Sua camisola é meu ponto fraco, apesar de ir até a canela, deixa-a deliciosa. O material é transparente e rendado. Ando até a antessala, tiro meu suéter, deixando no sofá. O tempo tinha esfriado agora pouco, mas deu uma amenizada. Viro-me para cama e lindos olhos verdes acinzentados me fitam.

“Oi” digo para o meu amor que está com um sorrisinho sapeca. Ela pisca lentamente e se remexe na cama. “Está muito tempo me olhando?”

“Tempo o suficiente para ver você tirar seu suéter *sexy* e ficar com essa camisa de manga longa, colada ao seu corpo.” Ela senta na cama e me olha concentrada. “Seus braços cresceram?”

Rio e vou para ela. Sento na beira da cama, bem perto do seu corpo e ela se ajoelha. As mãos afagam meu peito com desejo. Em um movimento rápido, pego seu corpo e a deixo em cima das minhas pernas. Ela joga os braços em meus ombros.

“Acho que você está vendo coisas.”

Ela nega com a cabeça dando uma risadinha. “Não estou. Você está gostoso demais”, fala sedutora. “Mais gostoso.”

Abro um meio-sorriso de lado e enfio as mãos por dentro da sua camisola. Vou alisando, lento e suavemente sua pele que se arrepia e se aquece. Nossos olhares estão grudados e exalam tesão. Acho que ela já está melhor e fico feliz. Não só porque vou poder ter seu corpo, mas porque eu gosto dela bem.

Meus lábios tocam seus lábios, bem devagar, seduzindo-a. Amo quando parece que é nosso primeiro beijo. Seu corpo amolece em meu colo, seus dedos flexionam na minha nuca acariciando minha pele e me arrepiando também. Ela fecha os olhos tão suave e linda, me apaixono de novo. Quando finalmente a beijo, acariciando sua boca, colocando levemente pressão e minha língua escorregando para dentro, sentindo a dela deslizar sob a minha, puxo o ar com força e gemo. Abraço-a com força em meu colo, meus braços circulando seu corpo quente e a beijo como ela fosse um algodão doce e fosse se desmanchar. E eu não quero que ela derreta.

Me acalmando, ainda a beijando, percebo um violão no ambiente quando meus sentidos se aguçam. Uma música tão suave como nosso beijo, se estende

ao nosso redor.

“Eu te amo.” Ela diz suave. “Te amo tanto.” A voz falha e eu sinto meu queixo tremer, porque é tão sincero e profundo.

Apenas a abraço com carinho e continuo afagando suas costas. Escondo o rosto no seu pescoço e aproveitando seu calor. Seu cheiro.

“Às vezes...” ela respira e tenta de novo. “Às vezes esse amor me sufoca.” Seus dedos massageiam meu couro cabeludo ternamente. “E eu amo você. Você!” Afirma e ergo a cabeça, nos encaramos. “Não o que você me dá ou como me protege. Ou como se preocupa comigo. Eu apenas te amo. Amo tudo em você e cada parte sua. Todos os seus lados e cada vez que seus olhos me olhando assim... me apaixono de novo.”

Assinto, querendo que ela saiba que é recíproco. Eu entendo o que ela está dizendo. No meio desse drama todo, poderíamos perder o significado dos nossos sentimentos um para o outro. Ela se move, colocando as pernas uma de cada lado das minhas e segura meu rosto. Abre um sorriso lindo que perfura meu peito. Fica me encarando sem dizer em palavras, mas que seus olhos deixam transparecer e então ela balança a cabeça e seus lábios tremem ao sorrir de novo para mim.

“O que eu ia ser sem você, Ethan?” Sai em um murmúrio baixinho.

Respiro fundo e respondo: “Não sei, só sei que você é meu mundo e que vou passar a vida inteira te amando o mais forte que eu puder.”

Ela morde os lábios, sorrindo e me abraça enterrando o rosto no meu pescoço. “Obrigada.”

“Obrigado também.”

Ela assente e ficamos uns minutos abraçados sem a possibilidade de uma folha atravessar nós dois. Vou deslizando minhas mãos pelo seu corpo e chegando nas suas coxas, onde a camisola subiu um pouco e vou subindo mais o tecido. Deixo-a apenas de calcinha no meu colo em segundos. Seus olhos estão fechados. O rosto sereno. As mãos chegam a minha camisa, por baixo. Minha pele se aquece com suas mãos em mim e ela sobe a camisa até tirar.

Pego-a pelas coxas, me levanto para girar sobre a cama e deito-a. Beijo seu corpo dos ombros aos joelhos dobrados. Tiro sua calcinha enquanto a beijo. Me afasto e tiro meus sapatos com a ajuda dos próprios pés arranco minhas calças — a cueca junto —, e tiro as meias. Victoria estende os braços me chamando e sorrio com carinho para o seu sorriso. Volto para cama cobrindo seu corpo com o meu.

Nos ajeito no meio da cama. Deixo minhas mãos escorregarem para debaixo do seu corpo e ela envolve minha cintura com suas pernas. Seus olhos somem do meu campo de vista quando vou beijar seu pescoço. Suas mãos

passam pelos músculos dos meus braços e costas. Estamos no modo carinho. Desço mais meu corpo, me posiciono bem no meio das suas coxas. Ela está tão quente que fico duro como pedra.

Dou beijinhos no seu pescoço, subindo para encontrar sua boca. Deslizo minha língua na sua e gememos juntos baixinho. Acaricio seu calor com minha ereção, provocando-a. Faço com mais pressão e suas unhas arranham meus antebraços. Aprofundo o beijo e movo meu rosto para um lado enquanto ela para o outro, fazendo nossas línguas duelarem e sugo com vontade a dela. Sinto-a ficar molhada e dou uma estocada suave pressionando seu clitóris.

Victoria enterra as unhas nos meus cabelos me arranhando e depois os agarra. Sua boca escapa da minha e ela beija meu rosto, me abraça com força, beija meu pescoço. Minhas mãos embaixo dela apertam seus ombros e suas coxas me apertam também. Deslizo para baixo e deixo a ponta do meu membro onde ela está inchada. Precisando de mim. Ela geme e passa o rosto no meu me acariciando como uma felina.

“Ethan” sussurra. Se esfrega em mim e morde minha orelha. “Preciso... de você.”

Corro uma mão até sua bunda e aperto deslizando pelo seu calor e arfo com força. Ela está tão excitada. “Estou te preparando.”

“Ah não amor. Não precisa mais.” Ela geme baixinho. “Mm... Basta eu olhar para você que fico pronta.”

Rosno com o prazer de ouvi-la dizer isso. Fecho os olhos e lentamente posiciono a cabeça na sua entrada e deslizo finalmente para dentro da sua boceta quente e molhada, apertadinha. Abafo minha vontade de gemer alto com um beijo na sua boca. *Minha nossa*. Estou no céu.

“Você gosta de me deixar maluco.” Deslizo para fora e para dentro. “Putá que pariu você está incrível.”

Ela geme resmungando e levanta a pélvis se esfregando e mexendo comigo. Amo que ela sabe o que quer e procura seu prazer em mim. Ela é tão confiante. Perfeita *para mim*. Tudo nela me fascina. Suas mãos escorrendo pelo meu corpo, as coxas que me apertam, seus sons e gemidos. Seu gosto. Amo seus seios pressionados pelo meu peitoral.

Puxo o ar e mergulho nela de novo, no ritmo da música lenta que está tocando. Dou beijinhos na sua boca e levanto o rosto para olhar profundamente seus olhos. Ela segura meu rosto com delicadeza, e aumento a velocidade para chegarmos ao clímax juntos. Nossos olhares não se desgrudam por nenhum segundo enquanto gozamos.

Suave e calmo, movo nossos corpos para ficarmos de lado, saindo de dentro dela, Victoria se vira de costas. Beijo seu ombro e pego a coberta para nos cobrir

até a altura do peito e fico de conchinha com ela, fazendo carinho na sua barriga. Faço círculos em cima do seu umbigo e dou beijinhos no seu pescoço.

“Ethan.” Murmura baixinho.

“Que é amor?” Tiro seu cabelo da frente para ver seu perfil.

“Eu não quero que todos saibam ainda” diz entrelaçando nossos, na mão sobre sua barriga.

“Do bebê?”

“É. Por enquanto não quero que saibam.”

Franzo a testa, esperando uma explicação.

“Eu quero esperar mais um pouco para contar para mais alguém.”

“Por algum motivo que eu tenha que me preocupar?”

“Não”, responde rápido e se vira nos meus braços. “Só quero esperar o tempo recomendado para falar.”

“Quanto tempo é isso?”

Ela dá de ombros fazendo carinho no meu peito. “De doze a vinte semanas que as pessoas esperam.” Sorri de lado e me fita. “Então eu queria esperar isso. Pelo menos umas quinze.”

Beijo sua testa e assinto. “Por mim, tudo bem. Vamos nos concentrar em falar do casamento com eles por agora.”

“U-hum.” Faz e beija meu pescoço. Passa a perna em cima da minha cintura e se aconchega no meu corpo. Deixo minhas mãos; uma no seu cabelo e a outra nas suas costas, perto da volta da bunda acariciando com círculos sua pele.



SEXTA-FEIRA, 05 DE FEVEREIRO DE 2014.

Fechando a porta do quarto desço as escadas para ir à cozinha, quando escuto a voz de Cora e Will. Devem ter acabado de chegar e meus pais estão recebendo eles. Vou para o lobby da casa e encontro todos conversando, Cora ao me ver, vem na minha direção.

“Cadê Victoria?”

“Terminando de se arrumar.”

“Ela está bem?”

“Sim”, falo sufocado com a preocupação.

“Ah! Que bom. Estava preocupada com o que aconteceu fosse deixá-la nervosa. Ainda bem que não ficou.” Fala com alívio e sorri para mim. “E meus

parabéns” cochicha.

Ergo as sobranceiras, surpreso e dou um meio sorriso. “Muito obrigado.”

“Ethan.” Will estende a mão, aparecendo ao lado de Cora, e aperto, cumprimentando. “Onde está — ”

“Meu amorzinho” a voz de Cora abraçando Victoria no pé da escada corta a pergunta dele. Então faço apenas um aceno com a cabeça. Logo vejo-o cumprimentar a irmã, depois que Cora se afasta. Eles ficam paparicando ela por uns minutos. Tirando minha atenção, vejo Elizabeth e Ryan entrando na casa, conversando com meus pais. Todos se cumprimentam e puxo para o canto Ryan, para conversarmos à sós.

“Fico feliz em tiver rapaz”, ele diz me dando um abraço rápido e uns tapas nas costas. “Foi um baita de um susto.”

“Nem me fale.”

“É”, ele lamenta. “E você já conversou com ela sobre ter que se afastar por enquanto?”

“Sim e felizmente ela entendeu que é para o bem dela e de todos.”

Ele suspira aliviado. “Felizmente mesmo, pois eu não estou preparado agora para os momentos onde Victoria não quer aceitar o que tem que fazer e olha que nunca foi uma opção esconder ela, mas no momento vamos ter que recorrer a isto.”

“O que eu quero é mantê-la segura e fico mais calmo por ela ter entendido também.”

Ele aperta meu ombro. “Eu também estou.”

“Ryan, eu — ” faço uma pausa, procurando coragem.

“O que? Pode falar.”

“Eu quero lhe pedir a mão de Victoria.”

Ryan Colton fica petrificado na minha frente. O homem confiante, empresário conceituado e temido pelos adversários acaba de virar pedra na minha frente.

“Eu sei que você deve pensar que ela é jovem para se casar, mas eu a amo e quero muito transformá-la em minha esposa. Quero ser responsável por ela e lhe garanto que nunca nada vai falta a ela. Nada mesmo.” Ele continua mudo e isso me deixa preocupado. “Talvez eu não seja o melhor partido, mas — ”

“Não. Não. Não é isso, Ethan. Eu apenas fiquei surpreso.... no bom sentido. Vocês estão juntos tem pouco tempo e não imaginei que seria tão rápido um casamento, mesmo já acreditando que isso aconteceria em algum momento.”

“Bem, eu confesso que não imaginei que iria começar a namorar e casar tão rápido logo que voltei para casa, mas...” deixo o pensamento morrer e sorrio de

lado.

“Certo, meu jovem. Eu... eu vou falar com Elizabeth, mas sei que por ela está tudo bem e por mim também.”

Assinto, porém, há uma áurea estranha.

“Por que eu sinto que tem algum problema? O que é?”

Ryan desvia o olhar e respira fundo. “Não é nada. Está tudo bem.”

“Eu espero que sim, porque eu já a pedi em casamento.” Digo com bravura. “Estou apenas pedindo sua benção, não permissão.”

Sua testa enrugada pela idade, fica mais enrugada com a cara de abrasivo que ele faz e seus olhos demonstram orgulho.

“Você será um ótimo companheiro de vida para ela. Tem a força e bravura para defendê-la e protegê-la. Eu não escolheria melhor,” faz uma pausa e finaliza, “se pudesse.”

“Você tem razão e na realidade eu já sou.”

Ele ri e assente. “É verdade.”

Escutamos mais falação e voltamos para onde todos continuam conversando e se cumprimentando, pois, meu irmão chegou. Anton está falando do seu jeito alegre e espontâneo com Hanna no seu colo. Vou até ele, o abraço e tento pegar minha sobrinha.

“Qual o problema?” Pergunto quando ela não tira o rosto do pescoço do pai.

“Ela está de birra porque está doente e Anton não quer deixá-la brincar na neve.” Minha cunhada responde quando vem me abraçar.

“Hanna?” Chamo o nome dela, tentando novamente pegá-la, mas ela não cede.

“Deixa essa garota feia de lado, vamos falar de outra coisa”, meu irmão fala. “Pelo visto todos estão bem aqui.”

“Sim, filho. Todos nós estamos ótimos”, meu pai diz.

Cortando ele, Victoria chega perto do meu irmão e cola o rosto no de Hanna. Fica um pouquinho assim e então ela consegue tirar minha sobrinha do colo de Anton, levando para o outro lado da casa. Todos ficam olhando para ela com Hanna no colo e Cora a segue calmamente. Rio e cruzo os braços orgulhoso da minha mulher.

“Eu sempre falo para ela que o apelido dela era para ser feiticeira.” Murmuro distraído.

“Quando era menor, eu chamava Victoria de domadora de criaturinhas,” Elizabeth fala depois que todos param de rir.

“É, isso também serve. Ela domou o Ethan.” Meu irmão debocha. “Só que ele é uma criatura de porte maior.”

“Vai a merda Anton.”

“Meninos”, minha mãe repreende revirando os olhos e pede para todos irem para a sala de verão para esperarmos o jantar que ela está preparando.

Meu irmão, Jennifer, Ryan, Elizabeth e meu pai ficam na sala e eu vou atrás de Victoria que está com Hanna em algum canto, mamãe foi para cozinha. Estou atravessando o corredor da casa, quando escuto vozes no pequeno corredor que dá para a sala de cinema. Paro e abaixo a cabeça me concentrando. Parecem que estão discutindo.

“Will você não pode reclamar por conta disso.”

“Como não? Você quer que eu fique feliz, Cora?”

“Claro. Eu estou feliz...” há uma pausa *“por ela.”*

“Cora, eu não estou dizendo que estou triste ou puto com isso, mas... não posso ser um mero coadjuvante desta vez também.”

“Eu sei.” Ela baixa a voz. *“Só que agora é tarde. Nós demoramos demais para contar.”*

Contar o que? Do que eles estão falando?

“Não interessa. Se ele quer casar com ela, vai ter que pedir a mim.” Franzo a testa e dou um passo para trás. *“Ela é minha filha e ele tem que pedir a mão dela a mim e a você.”*

“Então você vai ter que contar o segredo, Will.”

“Quer saber, Cora? Já passou da hora e danasse as consequências. Estou farto disso.”

Meu Deus, do céu.

Estou petrificado, não consigo sair do lugar, mas se eu continuar aqui, eles vão me descobrir. Descobrir que eu ouvi que eles são os pais da... *Victoria.*

Pisco os olhos, passo a mão no rosto e ando depressa atrás dela. Entro na sala onde tem o piano da minha mãe e encontro ela com Hanna, brincando com as bonecas da minha sobrinha. Ela levanta o rosto para mim e sorri. Não consigo sorrir de volta. Tenho medo de contar quando nem eles contaram, mas também não quero mentir, nunca escondi nada dela. Meu Deus. Nada assim tão grande.

“Ethan?” Ela me chama e pede Hanna para ficar no sofá e vem até a mim. “Algum problema? Que cara é essa?” Passa as mãos no meu peito e acaricia meus cabelos, penteando para o lado a franja. “Você está esquisito. Quer me contar alguma coisa?” Tenta de novo, perguntando suave e de repente escuto atrás de mim.

“Victoria o jantar está quase pronto. Venha, querida”, Cora fala e coloca a mão no meu ombro, mas desvia sutilmente quando me empertigo. Ela me dá um olhar estranho e franze a testa. “Algum problema?”

Balanço a cabeça e cerro a mandíbula. *Por que ela mentiu para Victoria? Por que todos mentiram? O que eles escodem?* Sinto gosto de ferro e não gosto

da sensação que meu peito está sofrendo. Isso vai fazê-la sofrer. Eu sei. E mesmo que eu tente planejar uma saída para não magoá-la, isso vai a qualquer momento explodir. Eu não posso fazer nada e agora escondo esse segredo também.

Merda. Eu não posso.

“Ethan?” Victoria segura minha mão e aperta quando chegamos na sala de estar.

Pisco e olho para ela. Nem percebi que eu vim para cá e todos estão me olhando.

“Qual o problema?” Ela sussurra.

Olho para nossa família, um por um, e volto para ela.

“Nada. E-eu-eu... só estou com a cabeça cheia.” *Maldição. Eu nunca gaguejo.*

“Então vem se sentar. Você deve estar com fome,” minha mãe fala do meu outro lado.

“É.” Assinto e sorrio de lado. “Estou com fome.”



“FAMÍLIA”, ANTON SE LEVANTA, à mesa do jantar com o copo de vinho na mão, “eu quero primeiramente dizer que mesmo as circunstâncias que nos uniu hoje não tenham sido as melhores, estou feliz. Melhor ela do que...” ele engole e fita meus olhos e depois Victoria. Sorrimos para ele e então continua: “Desejo longa vida a meu irmão e a minha cunhada incrível.” Victoria sorri e levanta a taça com água. “E,” ele segura a mão da esposa, “Jennifer e eu estamos grávidos de novo.”

“Oh, que bom meu filho.” Minha mãe é a primeira a explodir de felicidade.

A comoção é instantânea. Todos se levantam, cumprimentando meu irmão e Jenny. Desejos de saúde ao bebê e a minha cunhada. Eu fico no lugar aproveitando para virar a taça de vinho e volto a me sentar. Do outro lado da mesa, Ryan me observa. Troco um olhar com ele e abaixo a cabeça.

Meu Deus, tudo pode virar uma grande confusão se eu falar do casamento e imagina se nós falarmos também do nosso bebê. Puta merda.

Sinto Victoria voltar a sentar e inclinar o rosto para ver o meu. Ela abre um sorriso gentil e aperta minha mão. “Você não está bem.” Sussurra e passa a mão no meu rosto fazendo um carinho de conforto. “Está nervoso com o pedido? É isso?” Respira apreensiva.

Viro meu rosto e vejo seus olhos ficando marejados. Fecho os olhos tentando me acalmar e sua mão escapa da minha. Ergo a cabeça, abrindo os olhos e a vejo correndo para longe. *Merda.* É fácil esquecer que ela tem dezenove anos e insegura quando é forte para tentar me confortar.

“Espera.” Vou atrás dela, correndo.

“*O que houve?*”

“*Deixa eles Elizabeth.*” Escuto eles falando, mas só quero saber da minha princesa.

Encontro-a no jardim, sentada perto da casinha de madeira. Está encolhida e soluçando.

“Amor?” Me ajoelho ao lado dela e pego seu rosto, limpo as lágrimas. “Não chora.”

“Você desistiu.” Balbucia tristemente.

“Não!” Digo convicto e beijo a testa dela. “É claro que não, amor.”

“Então o que houve?” Chora e o queixo treme. “Você disse que ia falar hoje... para eles. Quando todos estiverem aqui, no jantar.” Diz com a voz suave e dá de ombros. “Eu sei que você quer isso por insegurança, mas eu achei que era porque me ama também.”

Pego-a nos meus braços e aperto forte. “Shuu... Não é nada disso,” murmuro. “Só o que me importa é você. Só isso.”

“Então qual é o seu problema?” Ela se afasta e fita meus olhos. “É você que quer tudo perfeito. Que quer pedir minha mão ao meu pai. Ter a bênção da minha família.” Levanta os ombros. “Então porque agora você está agindo estranho?”

Tira a mecha da frente do seu rosto e beijo com carinho suas mãos nas minhas.

“Primeiro; eu não estou estranho e acho que ficar nervoso a maioria dos homens ficam. Segundo; o importante mesmo é você e você aceitou, para mim nada mais importa. Eu não preciso que ninguém deixe eu casar com você. Vou pedir sua mão por consideração. Só quero que eles aceitem, porque quero uma união perfeita com o nosso casamento.” Sorrio amarelo e cerro a mandíbula. “Terceiro e mais importante, eu nunca vou desistir de você. Por nada.”

Victoria assente freneticamente e se joga nos meus braços. “Eu sei. Estou sendo boba.”

“Não está não, meu amor.” Faço carinho nos seus cabelos afasto-o e dou um beijinho nos seus lábios. “Agora vamos entrar. Está frio aqui fora.”

Levantamos e seguimos para dentro de mãos dadas. Todos param de falar e comer, quando paramos nos nossos assentos. Dou um olhar para minha mãe, ela sorri. Olho para Ryan e Will, eles não estão sorrindo. Respiro fundo, olho para minha princesa que sorri com os olhos e me acalmo. *Se eu tiver ela, nada mais*

importa.

Aproximo meu rosto do seu e murmuro no seu ouvido:

“Se tivermos um ao outro, nada mais importa. Eu sempre estarei aqui. Está bem? Sempre!”

Ela faz um aceno suave com a cabeça e engole em seco, sorri e respira fundo junto comigo.

Que eu seja o suficiente.

Quinze

Victoria

Sexta-Feira, 05 De Fevereiro De 2014.



A MÃO DE ETHAN ESTÁ SUANDO e apertando com força a minha. Tento não transparecer nosso nervosismo e olho para todos na mesa que parecem com expectativa. Olho para Ethan de novo e ele para mim. Tem alguma coisa errada e eu não faço a mínima ideia do que possa ser. Nem parece que acabamos de saber do novo bebê de Anton e Jennifer. Isso é tão legal. Nossos bebês vão ser superamigos. Estou empolgada com isso e para contar que também estou grávida.

Respirando fundo, voltamos a nos sentar, mas Ethan não relaxa e rapidamente ele volta a se levantar e bate na mesa, dando um susto em todos. O tapa que ele deu não foi de um jeito explosivo, foi ansioso. Ele está nervoso.

Olho para cima e o pego me encarando. Seguro sua mão e ele engole em seco, toma uma respiração profunda e olha os demais.

“Bem,” ele fala e faz uma pausa, me olha rapidamente e continua: “Bem, eu tenho algo a dizer também.” Engole com dificuldade e limpa a garganta. “Eu e Victoria vamos nos casar.” Assinto fitando ele sem coragem de encarar minha família e aperto sua mão. “Eu a pedi em casamento e queria que todos soubessem e ficassem felizes por nós.”

A primeira a se levantar é Lauren, ela abraça o filho e depois a mim, quando me levanto. Aaron faz o mesmo, seguido de Anton, Jennifer e até Hanna. Meu pai se levanta, dá a volta na mesa, cumprimenta com um aperto de mão Ethan e depois minha mãe. Eles me abraçam em seguida e me desejam felicidades.

Quando viro meu rosto, vejo meu irmão de cabeça baixa e Cora com a cabeça perto da dele falando alguma coisa. Will cerra a mandíbula sacudindo a cabeça e se levanta em um movimento rápido.

“Ethan preciso falar com você.” Ele cospe as palavras com urgência.

A confusão passa pelo meu corpo enquanto olho para ele e Cora que abre um sorriso para mim e dando a volta pela mesa me abraça. Está cortando a atenção que eu estava em Will. Está me distraindo.

“Parabéns, minha princesa.” Se afasta e seus olhos estão marejados. “Desejo tudo de bom para vocês dois. Você merece toda a felicidade do mundo.”

“Qual o problema?”, pergunto seguindo com os olhos os passos de Ethan

que vai até meu irmão.

“Nenhum,” ela responde e tenta abrir um sorriso tranquilizador, mas falha.

Saio dos seus braços e olho para os dois homens que admiro e amo que estão estranhos. Vejo os movimentos do meu irmão como fosse em câmera lenta. Ele está retraído.

Afinal, qual é o seu problema?

Ele fica bem perto de Ethan, com um olhar morto. Não decifro seu estado.

“Will”, chamo-o e ele me olha. “O que houve? Você não ficou feliz?”

Todos na mesa estão parados e calmos demais, que me dá nos nervos. Ethan está em silêncio e de cabeça baixa. Isso não é o seu normal. Está parado e olhando para mim sem reação. Anton, Jennifer, seus pais e os meus continuam — aparentemente — surpresos com a áurea esquisita sob nós, fingindo não ter nada. E Hanna, bem, ela está brincando com os legumes do seu prato, no colo da sua mãe.

Não gosto desse clima que se instalou. Nós sempre nos demos bem e meu irmão sempre fica feliz quando eu estou. Ele disse que eu mereço toda a felicidade do mundo inteiro — do universo — e agora está... indiferente. *Por quê?* Eu estou tão feliz, apesar de tudo que aconteceu nessa semana que passou, estou realmente feliz.

“Por quê?” Falo com ele e minha voz está quebrada. Hormônios irritantes que tudo me fazem chorar ou ficar emocionada. *Que merda.*

“Não é isso.” Ele diz e eu dou a volta na mesa e fico na sua frente.

“O que é então? Você não disse que queria a maior felicidade do mundo para mim?” Abro um sorriso triste e digo: “Eu me sinto feliz como nunca senti. Por que você não está feliz por mim?”

Ele balança a cabeça e isso aperta meus botões. Vou para mais perto dele e o faço me encarar.

“O problema é ele? Porque se for, não ligo.” Afirmo, rebelde. “E também não entendo. Melhor do que o Ethan, eu nunca iria conseguir e ele é perfeito para mim.” Meus olhos ficam quentes, marejados e sinto as mãos de Ethan nos meus ombros e ele me repreende sutilmente.

“Victoria.”

Viro-me para ele e replico. “Você não tem nada a ver com isso.” E volto-me para Will. “E você não tem que tomar as decisões da minha vida. Não é o seu direito fazer isso.”

“É sim.” Will muda a postura e sua voz me assusta.

Engulo em seco e meu pai se levanta da mesa e chama atenção dele.

“William.”

“Chega, pai. Cansei disso.” Meu irmão fala olhando para ele. Cora balança

a cabeça e fica ao lado de Will, apertando seu braço. “Eu não vou aturar você falar mais assim comigo.”

“Falando como? Você não se toca que não tem que se meter na minha vida. Vo — ”

“Chega!” Ele me corta. “Você tem que me respeitar e eu posso e devo me meter na sua vida. Quando e como eu quiser.”

Meus olhos se arregalam e sinto as mãos de Ethan apertarem mais ainda os músculos dos meus ombros. “Querida.”

“Do que você está falando? Você é meu irmão, não é meu pai para se meter na minha vida. Para com isso.”

“E olha que você está enganada.” Will diz com sarcasmos.

“William,” mamãe fala nervosa. Olho para ela e depois para Will.

“O quê? Do que você está falando?”

“Eu cansei de guardar isso pra mim, estou farto dessa mentira.”

“Que mentira Will?” Viro-me para Cora e ela está de olhos fechados a cabeça baixa. Olho meus pais petrificados e ansiosamente nervosos. “Que história é essa?”

Will toma uma respiração profunda e depois de cerrar a mandíbula fala: “Eu preciso que você saiba, não quero estar mais uma vez de fora da sua vida como eu não deveria ficar e sim, eu tenho todo o direito de me meter na sua vida. Afinal,” ele faz uma pausa “eu sou seu pai.”

Um suspiro suspenso fica preso em meus pulmões e no ar. Minha cabeça gira e meu corpo treme.

“Co-como assim? Você está louco?”

“Não. Eu apenas não te contei — ”

“Calma!” Peço, cortando-o e olho meus... *pais*? Como assim? Não pode ser. Balanço a cabeça freneticamente e minhas vistas ficam turvas com as lágrimas que estão chegando. “Não pode ser. Não pode ser.” Minha voz está falha e baixa, arranhada. “Isso é mentira.”

“Não é. Eu sou seu pai.”

“Mas...” Olho para Ryan e Elizabeth, ou meus pais e tenho certeza que eles entendem o que meus olhos querem dizer — *Isso é verdade? Como isso?* — e eles não dizem uma palavra, com uma expressão de arrependimento. *Arrependimento?* Recuo um passo me sentindo estilhaçar. Eles... Todos eles mentiram para mim a vida toda e não sabem dizer NADA. Volto para Will e sinto uma lágrima escorrer.

“Isso é mentira,” sussurro fraca e nem as mãos de Ethan em mim agora me confortam. “Você é meu irmão.” Pareço uma criança abandonada falando.

“Não, Victoria.” Ele diz negando com a cabeça e o rosto se contorce como

sentisse dor.

Choro olhando para o chão e tremo.

E_{STOU VAZIA}. Não sinto nada.

Como isso pode ser verdade?

Soluço e engulo com força o bolo.

“Foi tudo uma mentira? Minha vida toda foi uma mentira.” Murmuro e fito seus olhos — iguais aos meus — que estão marejados. Fecho meus punhos ao lado do meu corpo, os nervos retesados e me afasto do toque do Ethan. Não quero nada... eu.. eu preciso... Espera! *Se ele é meu pai...*

“Quem é minha mãe?” Pergunto correndo os olhos dele para os meus “pais”.

Então como um estalo, olho para Cora e noto o quão vulnerável ela está. *Meu Deus*. Não! Soluço mais alto e me sinto fraca. Quase caio se não fosse os braços de Ethan. Ele me pega, gira meu corpo e me abraça forte. *Ah! Se eu não o tivesse agora*. Choro nos seus braços escondendo o rosto no seu peito.

“Eu lamento muito que demorei tanto para dizer a verdade a você. Me perdoe.” Will fala atrás de mim. “Eu não queria que fosse assim, Victoria.”

Continuo chorando enquanto ele fala e tomando coragem viro meu rosto para ele.

“Por quê? Essa é a única coisa que eu quero saber agora. Por quê?”

“Isso é uma história tão grande e complicada.”

Ganho forças — não sei de onde — e me viro rápido para encará-lo de verdade.

“Estou cansada também de ouvir isso e eu não tenho lugar nenhum para ir. Eu estou me escondendo” cuspo, amarga. “E agora, talvez, eu tenha entendido o motivo. Eles me perseguem por causa de você?”

Will morde a mandíbula e minha mãe, *a mãe dele, a Elizabeth*, aparece ao seu lado. *Isso está me deixando doente*.

“Há alguns anos nossa família sofreu um atentado quando eu era pequeno e os sequestradores não ficaram felizes de eu ter escapado ileso e desde então nós sofremos ameaças e quando você era recém-nascida, pegaram você. Nós conseguimos te achar quase que na porta de casa. Fizemos um acordo e eles nos devolveram você.”

“Um acordo?”

“Eles começaram a nos monitorar, a perseguir. Por um tempo eu e sua mãe criamos você como... o que você é... nossa filha.” Ele faz uma pausa. “Mas então recebemos uma ameaça seguida de bilhetes aterrorizantes e a casa da Cora foi incendiada. Eles estavam determinados a não nós deixar em paz. Eles quase pegaram minha mãe e com ela foi dado um recado. Eles me queriam.” Vejo a

mão de Cora apertar a dele.

“E?”

“E eu fui até eles.” Will abaixa a cabeça e fica claro que ele está revivendo a lembrança. “Tinha que proteger você e minha família. Os desgraçados queriam infernizar e disse que se eu desse você para eles, ficaria tudo acertado.”

“Mas por que?” Minha voz sai fraca.

“Nessa coisa que eu disse que sofreremos, ele disse que perdeu o filho dele... Então ele queria olho por olho.” Ergo o rosto para mim. “E como ele coloca a culpa em mim...” a frase morre.

Ficamos nos esgarando sem dizer nada e a emoção me preenche novamente. Meus olhos queimam e deixo as lágrimas escaparem sem esforço. *Isso é demais.*

“Óbvio que eu não aceitei...” Will diz rápido. “Mas tive que esconder de você a verdade. Era o único jeito deles pararem um pouco de infernizar, mas eu nunca esperei que eles continuassem e comessem a caçar você. Negar o direito de você como minha filha foi pouco para ele, afinal ele queria que colocássemos você para doação. Meus pais foi a melhor saída, *senão...*”

“Você sabe quem é?”

“Não sabemos muita coisa.” Ryan diz.

Assinto automaticamente. Olho para eles três, eles quatro e ainda não acredito. Meu coração está doendo e as lágrimas insistem em sair. Nos fitamos por longos minutos e então noto que sobrou apenas nós e Ethan atrás de mim. Fecho os olhos me sentindo exausta e fungando, olho para o chão.

“Mas por que não me falaram? Só para mim?” Questiono baixo e o rosto.

“Uma vez tentamos... só que não deu certo.” Cora murmura deixando claro que a tentativa não é algo que ela quer lembrar.

No entanto, *eu* preciso saber e talvez agora não. Estou desmoronando. Sendo engolida. Sufocando e perdendo de vista o azul do mar e apenas ficando no breu profundo.

“Não entendo.” Arfo balançando a cabeça. “Como vocês podem continuar a mercê deles? E eu?”

“Estamos tentando de tudo para esse inferno acabar, querida.”

Coloco as mãos no rosto e deixo meu soluço sair alto e uma tristeza tão profunda me domina. Ainda é irreal eles serem meus pais. Viro-me de costas para eles querendo sair de perto deles, mas paro.

“Quem mais sabia?” Pergunto sobre os ombros.

“Nós, meus pais, os pais de Cora e os seguranças mais importantes. Poucas pessoas.” Elizabeth responde baixo.

Assinto, cansada e olho Ethan. Ele parece preocupado, me segurando com o jeito que sempre parece que vou cair, mas ele não deixaria. Abraço-o com toda a

minha força e me sinto segura. Aqui nada pode me atingir, ninguém pode me machucar.

“Sinto muito.” Ele murmura.

Levanto o rosto do seu peito e olho seus olhos. Tento abrir um sorriso e ele também. Não *sei o porquê*, quero saber dele *se...*

“Você não sabia, não é?” Murmuro.

Ethan engole em seco, olha para minha família atrás de mim, nervoso. Então me viro, olho para eles e percebo uma troca de olhares. *Ah não!* Fecho os olhos. Meu corpo retesa e treme, me afasto deles sentindo todo o esforço do meu corpo para não desabar no chão.

“Você sabia.” Acuso.

Mordo os cantos da boca para não gritar e me afasto mais, ele estende a mão, mas não deixa me tocar.

“Amor, eu ouvi eles conversando hoje, mais cedo e não soube o que fazer. O segredo não era meu e eu sabia que ia te magoar.”

“E mesmo assim não me contou.”

“É-é... eu sei.” Gagueja e ele não faz isso. “Eu não sabia o que fazer.”

Não tenho palavras, me sinto em choque. Olho para eles angustiados e tristes. Ethan me pede perdão desesperadamente com os olhos e eu não o odeio, só preciso ficar longe deles e... dessa mentira.

Tudo foi uma mentira.

Balanço a cabeça negando nem sei o que, e dando um último olhar corro pela casa. Braços fortes me pegam e quando olho para cima, Anton está me segurando. Meus olhos ficam embaçados e me agarro a ele chorando.

“Shu... Está tudo bem.” Ele diz e choro mais ainda.

Escuto Ethan falando, vindo atrás de mim e o irmão o detém.

“Deixa comigo.”

“Anton.”

“Não, Ethan. Deixa ela se acalmar um pouco.”

O abraço mais e murmuro: “Me leva daqui.”

“Tudo bem.” Ele fala e como se eu fosse uma pluma me pega nos braços.



Anton me trouxe para o quarto e me ajudou a deitar com toda delicadeza do mundo me cobrindo com a colcha. Me dá um pouco de água da garrafa em cima do criado

mudo e senta na beira da cama segurando minha mão.

“Está melhor?”

Dou de ombros e entrego o copo.

“Tudo bem. Agora, relaxa.”

Ele faz menção de se levantar e falo com pressa:

“Como eles fizeram isso comigo?”

Anton volta a se sentar e faz uma careta de lamento. “Eu sei que o que eu vou dizer não é nada, mas tenho certeza que não foi fácil para nenhum deles. Imagina só passar esse tempo todo guardando esse segredo. Tendo que ser para você o que eles mais queriam na vida.”

“Eles poderiam contar só para mim.”

“Com certeza não quiseram correr o risco e isso é apenas o meu ponto de vista, Victoria.” Assinto e fungo limpando o nariz com o lenço que ele me deu. “E perdoe o Ethan, ele só estava querendo te proteger.”

“Eu não estou com raiva dele.” Sacudo a cabeça. “De ninguém.”

Meu cunhado sempre bem humorado está sério e protetor. Ele dá um sorriso tranquilo e aperta minha mão.

“Vai tudo ficar bem, tenho certeza e quando você se sentir melhor fale com eles.”

“Vou fazer.”

Ele sorri de novo. “E parabéns pelo noivado, estou muito feliz com isso.”

Tento abrir um sorriso, mas falho. “Obrigada” agradeço com a voz embargada e triste.

“Oh! Victoria, não fique assim. Eu não gosto de ver você chorar e posso ser honesto?” Assinto e ele continua. “Eu adoro de verdade você e te acho uma garota em mil. Você é doce, educada, inteligente, generosa e muito legal. Pode até ser que agora esteja se sentindo triste, mas se eu lembro de como Will te tratava quando você era criança. Você lembra também e sabe o quanto ele te ama. Sempre te seguindo e protegendo. Eu sempre achei um exagero, mas agora eu entendo tudo. Então só peço para você relembrar desse carinho todo e...” ele dá de ombros, “reconsiderar. Foi tudo por amor. Tenho certeza.”

Me jogo para ele e o abraço. Ele está tão certo que me deixa mortalmente mais triste e cansada. Fico tonta e mole. Anton percebe e me afasta.

“Deita um pouco agora, descansa e depois Ethan vem aqui te ver.”

Assinto me ajeitando ao deitar na cama. “Eu não os odeio, nunca poderia. Não sei odiar nada e nem ninguém.”

“É por isso que você é a melhor garota do mundo.”

Dou de ombros. “Só estou triste, sabe.”

Ele assente. “Está tudo bem se sentir assim depois desse choque. Agora

durma um pouco.” Se levanta e ajeita a coberta em mim como se eu fosse criança. Isso me deixa mais emocionada e choro. Anton dá um sorriso que não chega aos seus olhos. “Espero que quando você acordar, sorria como sempre. Não gosto de você assim.”

Assinto. Ele sorri mais uma vez e sai do quarto me deixando sozinha com meus pensamentos.

Olho para o teto e as palavras que Anton falou são tão verdadeiras que me faz lembrar de todos os momentos da minha vida até hoje.

As preocupações, cuidados e carinhos de Will e Cora. As preocupações não eram sobre minha segurança, eram coisas banais como banho, roupa e mimos. Era carinho. O jeito como eles sempre cuidaram de mim. Como Will nunca me deixou sozinha e Cora. Só quando eles fizeram faculdade, mas sei que eles sempre ligavam e vinham nos feriados e alguns fins de semana. Eles nunca me deixaram.

Choro e me agarro ao travesseiro tirando ele debaixo da minha cabeça e o apertando nos braços. A dor que sinto no peito é tão forte e é porque eu não consigo acreditar ainda. O Will e Cora são meus pais.

Todos os nossos momentos juntos. Meu quarto na casa dele e... dela. Os presentes, meu primeiro carro foi ele que deu. Lembro do vídeo de quando eu era criança e... os meus primeiros passos. Andando de bicicleta e quando eu caí, Cora correu para mim.

Quando voltei do sequestro e ela não me deixou sozinha. Não saía de perto de mim por nada. Toda essa segurança é porque não querem me perder. Eu só queria saber antes e saber quem é aquele homem.

“*Está procurando seu irmão?*” Eu lembro quando ele, no baile, me disse isso. Ele foi irônico. É tudo culpa dele. Aquele infeliz nós fez ficar separados. “*Você é uma cachorrinha medrosa igual a todos da sua família.*”

Minha família. Minha família que mentiu para mim para me proteger dele e mesmo assim ele toca o terror em nossas vidas. Eu não posso acreditar nisso. Não consigo assimilar isso e pensando bem, eu os fiz sofrer. Todas as vezes que fui rebelde e não entendi eles estarem tomando conta de mim. Eu disse tantas vezes para Will: *Você não é meu pai.*

“Aí que dor.” Murmuro abafando o soluço no travesseiro. Fico chorando incansavelmente até que minha cabeça dói tanto que tento ficar em silêncio, mas ainda sinto dor. Dor em todo meu corpo e no coração. Fecho os olhos e respiro fundo.



MEU CÉREBRO GANHA CONSCIÊNCIA QUANDO ACORDO DO SONHO, mas não desperto totalmente. Devo ter pego no sono de tanto chorar. Me sinto exausta.

Noto uma cosquinha em minha cabeça e me concentrando nisso, percebo que são dedos. Um carinho singelo de um vaivém calmo penteando meus cabelos para trás. *É Ethan.* Sinto a força dos seus braços e o peito atrás de mim e seu cheiro.

Relaxo e mantenho-me de olhos fechados. Não sei se ele já percebeu que acordei, mas ele continua do mesmo jeito me fazendo carinho. Meu coração se aperta quando os pensamentos tomam consciência. Os acontecimentos ruins dos últimos dias. Inspiro com força e puxo o braço dele soltando um soluço fraco que escapa de dentro de mim.

“Meu amor,” ele diz baixinho no meu ouvido e me encaixa perfeitamente nos seus braços. “Estou aqui.”

Por estar com ele deixo meu pranto se dissolver, procurando alívio. *Com ele nada vai me atingir.*

“Eu sabia que ia te magoar. Eu sabia que você ia ficar assim e foi por isso que não te contei.” Ethan sussurra no meu ouvido e sinto que está pedindo desculpas. “Eu prometi não mentir para você, mas além disso, prometi não lhe fazer sofrer e isso...” ele me beija os cabelos, “está fazendo você sofrer agora. Então me desculpe.”

Ele faz meu coração ser mais apertado e fungo tentando parar de chorar e dizer que o perdoo.

“Victoria, meu amor.” Ele diz baixo e me vira na cama me deitando de costa e olha dentro dos meus olhos. “Me perdoe de coração querida. Eu tinha acabado de ouvir eles conversando e logo em seguida te encontrei. Não tinha me recuperado da surpresa e como eu sabia que ia te machucar, não contei na hora. Queria mais tempo para pensar num jeito de contar e não fazer você sofrer. Só foi por isso que não disse assim que soube.”

“Ethan,” sussurro colocando a mão em seu rosto.

“Oi, querida.” O modo que ele diz isso: desesperado e nervoso me deixa partida ao meio. “Não se afaste de mim de novo. Eu não posso — ”

“Shu... Não, Ethan.” Lamento e puxo-o envolvendo seu pescoço com meus braços e ele abraça meu corpo tão forte que chega a sufocar, mas não reclamo. *Assim é bom, é perfeito.* “Desculpe deixar você assim. Eu não vou me afastar de você.” Inclino meu corpo levemente para trás e fito seus olhos azuis que amo.

“Preciso de você agora mais do que nunca.” Digo com a voz tremida. “Eu não sei o que fazer e... nem sem mais quem eu sou.”

Ele pisca com força e cerra a mandíbula. “Você é a Victoria, uma mulher forte, inteligente, educada, gentil e amorosa que eu amo demais e em breve para não ter dúvidas, uma coisa com certeza você será. Minha esposa. Victoria Brown e isso é tudo que eu quero” ele engole seco “e preciso.”

Voltamos a nos prender em um abraço profundo e intenso.

“Ainda bem que eu tenho você.” Digo no seu ouvido.

“E sempre, sempre e sempre terá.”

Assinto deixando mais lágrimas saírem e possivelmente ajudando a curar a dor em meu peito. Eu posso não saber o que fazer agora, mas uma coisa eu tenho certeza. Eu tenho Ethan e ele é tudo que mais me importa no mundo.

Ele nos afasta um pouco e pega meu rosto nas mãos enquanto seu corpo está sobre o meu e me beija profundamente. Doce e feroz ao mesmo tempo. Como sempre, me entrego e meus dedos se enfiam em seus cabelos acariciando e massageando o couro cabeludo.

“Eu preciso de você.”

Ethan assente e me beija nos lábios docemente. “Eu estou aqui e sou todo seu. Me pega, meu amor.”

Soluço com os lábios tremendo. Ficamos nos olhando e ele deixa o corpo cair mais para cama saindo de cima da minha barriga. Faço carinho no seu rosto e falo:

“Eu tive um sonho.”

“É? Fala mais”, pede interessado e afaga meu ombro direito e pescoço lentamente. Quer me distrair.

“Pareceu um sonho, mas eu não sei.” Respondo com a voz distante tentando lembra do sonho que mais parecia uma lembrança e possivelmente pode ser. “Foi como uma lembrança.”

“Está tudo bem, me conta.”

Fico em silêncio com ele esperando eu me pronunciar de novo.

“Eu os fiz sofrer. Todas às vezes que não quis obedecer e eu disse várias vezes para Will que ele não era meu...” engasgo com o reflexo de um soluço “pai. Isso foi mal.”

Ethan faz um som no fundo da garganta torcendo o rosto.

“Você não sabia.” Me consola. “Você não tinha como saber. Ninguém na verdade, então não fique se culpando, por favor.”

“Mesmo assim.” Aperto meu rosto no seu pescoço.

“Não quero que você fique pensando isso. Okay? Realmente deve ter sido horrível para eles, mas agora você já sabe e quando se sentir melhor, você

conversa com eles.”

“Não sei o que dizer.”

“Na hora você vai saber” ele diz e beija meus cabelos. “Agora eu quero que você durma.”

“Eu quero ir para Aspen.” Falo olhando para ele.

“Nós vamos daqui a dois dias.”

“Não. Eu quero ir agora. Preciso pensar e sei que se eu estiver longe deles, vou pensar melhor. Não os quero fazer sofrer com meu silêncio. Então prefiro estar longe, por favor.”

Ethan concorda acenando com a cabeça. “Então nós vamos para Aspen antes do almoço, amanhã.”

“Obrigada.”

Ele acaricia meu rosto e diz: “Não me agradeça por cuidar de você. É meu dever.”

Extra

Cora

SEXTA-FEIRA, 05 DE FEVEREIRO DE 2014.



NÃO ME SINTO BEM e para ser honesta, comigo mesma. Me sinto um lixo. Estou olhando para o chão. Cabeça baixa, mãos tremendo e um coração que bate compassadamente. Sinto-me fraca. Sem vida.

Will e Ethan estão gritando na minha frente. O fato é que Ethan está defendendo Victoria e Will também. Os dois com argumentos totalmente diferentes e no fundo com o mesmo propósito. *Proteger minha menina*. E enquanto isso, estou entrando em pânico. Minhas entranhas se apertando e o coração que bate, é o meu de quinze anos, quando descobri que estava grávida.

Foi uma emoção tão grande e apavorante. Eu tinha tantos sonhos e planos. Queria fazer e realizar coisas de menininhas de colegial, mas tudo foi deixado para trás quando eu soube da minha *princesinha* e não me arrependo de nada... Apenas dessa grande mentira que eu tive que conviver durante dezenove anos.

Confesso que na altura da minha vida e nos acontecimentos atuais, achei que o dia que eu fosse revelar isso à Victoria nunca chegaria.

Will apenas explodiu hoje, porque foi um homem criado em uma família formal, com respeito e conservadora e assistir a filha ficar noiva na sua frente sem pode fazer seu papel *real* o corroeou por dentro. Seu lado *pai*, rugiu dentro dele.

Ryan tentou convencer ele, Elizabeth tentou convencer ele e eu... Bem, internamente não estava preparada para hoje ser *o dia fatal* das nossas vidas — da minha vida. Porém eu sabia que ele estava com sua razão. Então eu apenas tentei acalmá-lo, pedi para escolher as palavras certas, para falar com ela uma outra hora, não agora, não hoje... não nesse exato momento. Porque minha garotinha dos olhos verdes acabou de sair correndo. Para longe de nós.

Minhas lágrimas escorreram livres em minha face e ainda escorre. A dor em meu peito chega a me preocupar. Não sou mais uma garota de vinte anos, tenho trinta e seis anos e posso muito bem ter um AVC.

Porém a última coisa que eu quero é morrer antes de falar com *ela*. Antes de ouvi-la me perdoadando, me chamando de mãe — de verdade. Quando ela me chama de mãe, por ter um carinho enorme pela *dinda* dela, me mata. Eu quero poder segurá-la e amá-la como a *mãe* dela. Quero pegar meu neto — ou a minha

neta — e poder dizer e ouvir que sou a vovó deles de verdade, não a segunda avó. A mãe substituta. A número *dois*.

Eu sei que ela não dizia essas coisas com o intuito de me machucar, ela não sabia, mas como doía ouvi-la dizer. “*Eu te amo, Cora. Amo como minha segunda mãe.*”

Nossa! Isso foi uma das piores coisas que ouvi na minha vida. Ela dizer que me ama, tudo bem, mas como sua *segunda* mãe, não. Não mesmo.

Eu chorei tanto naquela noite. Chorei escondido e nos braços do meu marido quando ele chegou em casa exausto do trabalho, mas sempre disposto a cuidar de mim. Will apenas soube o que ela tinha me dito, não o motivo. Ele não sabe que ela está grávida. Não quis deixá-lo mais angustiado e triste.

William é forte, é firme e não é nada emocional. Ele mostra sua preocupação e carinho de forme singela. É protetor com seus pais e extremamente comigo e Victoria. Nesses últimos dias tem andado no seu limite.

Parece que o nosso perseguidor tem andado o atormentando desde o atentado na academia e a história do avião, foi a gota d’água para Will. Ele está tentando não enlouquecer, mas eu sei que todas as noites, quando deita na cama, passa meia hora olhando para o teto. Tem noites que nem dorme. Fica em claro ao meu lado, fazendo carinho em mim ou vai para varanda do quarto namorar as ondas da praia em frente ao nosso prédio.

Tudo está destruindo todos nós e ele insiste em pegar o lado mais pesado da cruz, não gosta que os outros sofram e dá tudo de si. Para completar meus pais ligaram essa semana, enchendo sua paciência. Eles querem saber de Victoria e como sempre voltam ao assunto de que Will é culpado do que aconteceu com ela quando criança. Por eles, ela estaria na Inglaterra sendo criada com eles e *comigo*.

Mas eu nunca, jamais, em hipótese alguma, deixaria William. Por mais que a ideia não tenha sido de todo mal, eu não poderia deixá-lo sem a filha e sem mim. Eu também não conseguiria ficar longe dele e com isso meus pais — praticamente — me deserdaram, abandonaram e foram embora.

Me deixaram logo em seguida que nossa casa foi incendiada. Eles não conseguiam mais viver aqui depois de tudo. Depois do que aconteceu com... Enfim, eles desistiram *de mim* e desmancharam a união com Ryan na empresa. No caso meu pai acabou com a sociedade e meu tio fez merda na empresa também. Até hoje não sei o que houve, mas Ryan um homem tão gentil, tem ódio mortal do meu tio Tom.

Mas tirando *tudo* isso — como se fosse pouco. Hoje me deparo com Will explodindo, minha filha ficando noiva, fugindo depois que soube da verdade e meu marido brigando com o noivo dela.

Não! Chega. Eu não aguento isso tudo de uma vez e não desmoronar.

“Chega!” Peço levantando a voz. “Parem.” Ando até Ethan e olho dentro dos seus olhos angustiados. “Eu sei que você quer protegê-la, mas escute uma coisa. Ela é minha filha e não importa o que você esteja pensando agora. Eu e Will nunca a abandonamos. E mesmo que você tenha razão, que nós realmente a fizemos sofrer, não era nossa intenção. Nunca foi nossa intenção fazer nada disso.”

Ethan assente com o rosto resignado. Viro-me para Will e falo:

“E você... por favor, se acalme também. Eu não posso — ” minha voz fraca é cortada e isso o faz chegar até mim colocando seus braços protetores em minha volta.

“Me desculpe, querida.” Ele sussurra beijando meus cabelos e olhando para Ethan — um pouco relaxado — fala: “Cora tem razão. Nós não temos que ficar brigando agora. Não é isso que quero.”

Ethan relaxa a postura. “Eu sei, eu sei. Me desculpe por discutir com vocês. Eu... eu só estou tão surpreso como possivelmente ela esteja. Nunca passou isso na minha cabeça e agora ela está zangada comigo também. E estou...” ele deixa a frase morrer e encara Will. “Não sei o que fazer agora.”

Meu marido troca um olhar comigo e faço um aceno de cabeça tão singelo que realmente apenas ele percebeu. *Nossa linguagem silenciosa pelos olhos.* Ele volta para Ethan.

“Eu lamento que o houve e tenho certeza que ela está bem. E sobre o casamento — ” Will para e sinto-o apertar mais meu corpo. “Eu dou meu consentimento de você casar com ela. Você cuida dela e a faz feliz. Além disso, tem sofrido esse inferno que nós convivemos há anos e não desistiu dela. Então você a merece.”

A reação de Ethan é cômica. Mesmo me sentindo tão mal por tudo que aconteceu, eu acho graça do seu rosto. Seus olhos ansiosos e a mão nervosa. Talvez ele queira apertar a mão de Will e meu querido marido percebendo, estende para ele. Os dois trocam um aperto de mão e acenam com a cabeça positivamente em um acordo silencioso de honra.

Eu aceno com a cabeça para Ethan e ele silenciosamente agradece. Depois fala com meus sogros e se retira para ir ficar com Victoria. Antes para falando com sua família e o olho subir as escadas com um aperto no coração muito forte. Os braços de Will circulam meus ombros e ele fala no meu ouvido:

“Vem.” Um beijo suave é deixado em meu rosto e sou puxada para o jardim da casa. “Nós vamos lá para fora. A gente precisa de um tempo à sós.”

“Claro, filho”, Elizabeth fala e então saímos da casa principal.

Caminho um pouco com meu marido em um silêncio seco. Seu braço está

em meus ombros, a mão faz círculos suaves em meu braço e deito minha cabeça em seu peito quando paramos perto da casa adjacente — a que Lauren deixa disponível para nós e meus sogros. Will me puxa me abraçando e me encaixo nele. Encosto minha testa em seu peito e fecho os olhos.

Preciso do carinho dele agora me sinto acabada. Estou morrendo de medo que Victoria nos odeie.

Suas mãos afagam minhas costas e como sempre faz, deixa os antebraços apoiados em meus ombros e as mãos pegam meu cabelo — que está curto na linha do meu queixo — para se distrair. Já pensei que ele sintia falta dos meus cabelos compridos, mas nunca reclamou de eu ter cortado tão curto assim.

Respiro fundo e agarro mais seu corpo meus braços circulam sua cintura.

“Fala comigo.” Ele pede e sacudo a cabeça suavemente, negando. “Cora.” Ele insiste com a voz rouca.

Afasto meu rosto do lugar seguro que estava e olho para cima, para o rosto dele. Seus olhos cinza fazem meu coração doer, pois me lembram os olhos dela e começo a chorar de novo. Will pega meu rosto em suas mãos e tenta limpar minhas lágrimas.

“Estou com medo dela nos odiar.” Digo.

Ele respira fundo e balança a cabeça. “Esse sempre foi o risco que nós sabíamos que íamos pagar para ver.” Faz uma pausa e me olha intensamente. “Mas você acha mesmo que ela vai nos odiar?”

Com minhas vistas turvas, a garganta com um bolo fazendo ser difícil falar, arfo e respondo:

“Não. Eu não acho que ela vai nos odiar. Porém por um tempo isso pode acontecer. Você viu como ela ficou. Não quis ouvir mais nada e nem quis ficar com Ethan.”

“Ela ficou muito chateada, mas não acho que vai ser para sempre.” Ele solta a respiração cansada. “Conhecendo ela como conhecemos e sabendo como ela se parece comigo, você sabe que talvez ela agora só esteja tentando entender tudo e aceitar a verdade.”

Assinto e me agarro a ele. “Eu só quero abraçá-la. Não quero que ela me odeie.”

“Eu sei como você sempre se sentiu Cora. Só que nunca foi necessário ter medo dela esquecer você ou não lhe considerar por você ser apenas a *madrinha* dela.”

Fungo e me afasto dele limpando meu rosto. “Para você é fácil. Você era o irmão dela. Para ela você sempre fo-foi um parente, corria o mesmo sangue e-e-e eu... eu era apenas uma estranha que entrou na família por ser madrinha dela e por estar namorando você.”

William coloca as mãos na cintura erguendo sua postura e cerra a mandíbula. “Não cria coisas onde não existem. Você sabe que não foi fácil para mim. Sabe que sofri para caralho todos esses anos. Eu sempre te digo para não ficar imaginando coisas. Victoria não sabia de nada, mas sempre te amou como deveria amar.” Ele coloca as mãos em meus braços gentilmente, me aproximando dele de novo. “E a mim... Bem, ela me amou como seu irmão e respeitou como pai, porque sempre fiz de tudo para ser assim. Só — ” sou puxada para um abraço sufocante, “só não...” Sua voz embargada se fecha e o abraço fazendo carinho em suas costas.

Choramos grudados um no outro e forço minha voz a sair.

“Eu sei disso e sei como você se magoo todo esse tempo. Desculpe... mas Will — ” Olho em seus olhos. “Esperamos tanto tempo, esperamos ela ter uma idade onde iria compreender a situação, só que no fundo sabíamos que seria difícil para ela. E sabe” soluço, “eu cheguei a pensar que ela nunca saberia.”

Ele balança a cabeça com força. “Eu jamais iria deixar isso acontecer. Jamais iria lhe trazer essa dor para vida toda e para mim também.”

Assinto porque sei que ele está falando a verdade e sei como sofreu.

“Não sabia qual seria a reação dela e agora estou com medo. Quero tanto Dizer que a amo.”

“Minha vida”, ele diz com a voz suave e emocionada. “Não fica assim. Vai ficar tudo bem e você vai poder falar isso para ela. Mesmo ela sabendo disso profundamente dentro do seu coração. Victoria só precisa de tempo e nós também.”

“U-hum” faço assentindo e chorando. “Só me prometa — ”

“Eu vou cuidar dela”, ele me corta. “Vou cuidar de vocês duas.”

Tomo uma respiração e mesmo que meu coração chore, eu paro de chorar, como aprendi há anos a guardar meus sentimentos. Eles foram trancados para não me deixarem exposta. Teve tantos momentos que eu quis chorar por coisas que Victoria — tão inocente — fez e dizia, mas isso é passado e agora eu vou esperar de bom grado por ela. Como estou esperando há dezoito anos ouvir uma simples palavra dela.

Dezesseis

Ethan

SÁBADO, 06 DE FEVEREIRO DE 2014.



TENHO UM SOBRESSALTO E PULO NA CAMA. Pisco com força para tentar enxergar alguma coisa e me virando para a cabeça acendo o abajur. *Victoria* — meu primeiro pensamento.

Me viro na cama e percebo o que me acordou. Ela está sonhando, melhor, tendo um pesadelo. Suas pernas estão se mexendo, chutando — não com muita força — o ar, fazendo o edredom ser puxado para fora dos nosso corpos. Os braços estão para cima, as mãos uma de cada lado do seu rosto, agitadas e uma delas voa para cima de mim, e atinge meu peito, pego-a por precaução, não porque me machucou. Além do seu corpo mostrar seu pânico, ela geme dolorosamente.

Isso me mata por dentro e a raiva me consome. Eu não sei mesmo o que eu faria se pegasse esse filho da puta que a fez mal. Com certeza o mato com minhas próprias mãos.

“Querida”, falo suavemente. “Acorda, *Victoria*.”

Ela choraminga e as mãos encontram as minhas quando se vira rápido na cama, apertando-as. Calmo, puxo *Victoria* para mim, abraçando e tentando protegê-la de algo que eu sei que não posso. Tem vezes que sinto que estamos em sonhos diferentes, eu também sonho, mas bons sonhos. Fecho os olhos e afago suas costas falando baixo no seu ouvido.

Victoria soltu um gemido e chamo mais alto seu nome.

“Acorda *Victoria*. É apenas um sonho.” Pego seu rosto em minhas mãos. “*Victoria*. *Victoria*, acorda. É um sonho. Estou aqui.”

Seus olhos se abrem e o verde vivo, mesmo com a luz fraca do abajur, cintilam. É linda até aterrorizada. Seu corpo ainda está agitado e tremendo. Provavelmente estava lutando contra o pesadelo por mais tempo do que eu quero admitir. Demorei para perceber que ela estava sonhando, porque estou cansado. Passei tempo demais em claro, vigiando seu sono enquanto ela adormeceu depois de se agarrar a mim.

Normalmente eu acordo no primeiro gemido de dor que ela dá, enquanto tem seus pesadelos que não a deixam descansar direito. Entretanto, agora demorei e ela está tremendo ainda.

“Foi um sonho. Está tudo bem.” Asseguro.

“U-hum.” Ela assente e os braços apertam meu pescoço fazendo meu rosto ficar entre seus seios. Estou sendo abraçado enquanto a abraço e é reconfortante. Também preciso disso para me manter sã. “Eu sei. Só fica um pouquinho assim.” Murmura ela, baixinho.

“Claro.” Afirmo e me aconchego nela.

Ouço as batidas do seu coração acelerado, martelando perto do meu ouvido, do lado que meu rosto está encostando nela. Eu preciso conversar com alguém sobre seus terrores noturnos. Sei que ela tem desculpa para continuar a tê-los, mas a cada dia piora. Isso me preocupa e minha mãe tem razão sobre isso ser prejudicial ao bebê.

“Nós vamos procurar ajuda para você e assim não terá mais pesadelos.”

“Ethan — ”

“Não”, a corto. “Você sofre demais e eu não gosto nem um pouco quando você acorda como fez agora.” Coloco a mecha do seu cabelo atrás da sua orelha e ela desvia o olhar. “Você por acaso gosta de ter esses pesadelos e acordar assim?” Não a deixo responder. “Com certeza não. Então vamos resolver isso.”

“Você tem razão.” Seus olhos voltam para os meus e ela suspira. “Eu realmente não gosto de acordar assim. Sinto como se meu coração fosse sair de dentro do meu peito e o ar não fosse o suficiente.” Os lábios se curvam em um sorriso triste. “Ainda bem que eu tenho você agora. Porque antes...”

“O quê?” pergunto fazendo carinho no seu corpo e nos cabelos.

“Antes eu só saía do sonho quando ele acabava e aí — *provavelmente* — eu gritava e vinha alguém. Quando eu era menina e Cora morava lá, ela entrava no meu quarto no mesmo instante que eu abria os olhos e depois a minha...” seu rosto se contorce em confusão. “Minha mãe — ” ela fecha os olhos e sussurra, quase não ouço. “Elizabeth.”

Subo meu corpo, nossos rostos ficam no mesmo nível e sinto que não tenho que dizer nada. Seguro suas mãos, entrelaçando nossos dedos no meio de nós e espero ela dizer o que está deixando seu rosto torcido de aflição.

“É confuso.” Diz olhando distante. “Ainda não sei como reagir a isso.”

“Eu entendo, amor. Uma hora você se acostuma.” *Assim eu espero.*

“É.” Assente e o canto da sua boca se curva. “Eu sei disso. Quer dizer. Eu sei que em algum momento vou ter que... Não aceitar, não tenho como não aceitar. Não é algo que eu possa mudar.” Diz e completa rápido: “E eu não quero. Sabe?!” Ela olha para mim e sinto uma força vital nela. “Só preciso de um tempo para me acostumar.”

“Eu sei e entendo como deve estar sendo difícil para você.”

“Não chega a ser difícil, só é estranho. Por vinte anos eu era uma pessoa e agora tudo mudou.”

“Nada mudou para mim.”

Ela sorri com ternura e lhe dou um beijo estalado.

“Eu sei o que você quer dizer,” diz séria, “mas para mim muita coisa mudou. Agora eu apenas quero um tempo para me acostumar. Porque se eles são meus pais...” ela deixa a frase morrer e eu completo:

“Elizabeth e Ryan são seus avós.”

“É.” Solta em meio a um suspiro, voz aguda.

“E você é filha única.”

“É.”

“E convenhamos que muita coisa faz sentido.” Digo.

“O que quer dizer?”

“As idades dos seus pais, a possessão do Will, o carinho de Cora e como Ryan e Elizabeth cuidam de você mais como avós do que pais.”

Ela franze a testa. “Não entendi.”

“Você vai entender quando estiver com meus avós em Aspen e comparando a vovó Maya com Elizabeth e Ryan.” Dou um sorriso cúmplice e deito meu corpo puxando o dela para cima do meu. “Agora vamos voltar a dormir, por favor.”

“Desculpe te acordar.” Ela beija meu peito.

“Não foi nada. Só preciso dormir mais um pouco para dar conta de amanhã.”



PARECE QUE DORMIR NÃO É ALGO que vou conseguir de bom grado hoje. Levanto da cama e olho o relógio. Sete e vinte da manhã. “Merda.” Resmungo, baixo.

Olho Victoria, um anjo dormindo. Depois do pesadelo ela dormiu profundamente, diferente de mim. Dou um beijo nas suas costas, virada para cima, porque seu rosto está *praticamente* enterrado no travesseiro que seus braços apertam com gosto. Tenho ciúmes infantis do travesseiro e desejo me dá um soco por isso.

Ando até a antessala do quarto, visto a camisa de manga longa de dormir e o roupão de cetim cinza. Calço os chinelos de inverno fofos e sento-me na mesa no canto do quarto onde está meu notebook. Me acomodo na cadeira e deslizo o dedo no mouse-touch e a tela sai do modo descanso, mostrando o rosto de Victoria.

Respiro fundo com a imagem dela sorrindo, capturei essa imagem quando estávamos no Central Park patinando. Consegui pegar a imagem dela, linda, onde estava tão feliz. Meu maior objetivo de vida, minha obrigação, fazer da minha garota a mais feliz. Ganho forças quando eu a vejo sendo livre e espontânea.

Nosso tempo em Nova York foi perfeito. Semana passada estava sendo maravilhoso, porque ela sentiu um pouco do gostinho de ter uma vida normal e foi tão bom para ela, para nós, mas como um balde de água fria tudo mudou de uma hora para hora.

E o foda é que eu ainda estava tentando me recuperar emocionalmente do tiro, do anel, de tudo, e como se já não bastasse nosso medo — da própria sombra — o avião explodiu no céu perto de nós. Isso causou um estrago no meu sono, pior do que hoje quando eu tive que cuidar dela. Eu não sonho tem muito tempo, porque eu mal durmo.

Victoria não sabe que eu estive com dificuldade de dormir, não queria levar mais essa preocupação a ela. Estava pensando no seu bem e do nosso bebê, mas mal eu sabia que uma bomba iria explodir bem no seu colo ontem.

Caralho. Era para ser um jantar agradável. Uma garota sendo pedida em casamento feliz e apaixonada. E o que eu ganhei? Uma garota perdida e arrasada.

Eu poderia ter atrasado o pedido de casamento, mas ela já estava colocando minhocas na cabeça que não existiam. Eu a amo e nada mudaria minha decisão de casarmos, entretanto, ouvir Will reclamando com Cora não foi algo que eu previ. *Deus.* Essa história dele ser o pai dela nunca, jamais, nem em mil anos, passou na minha cabeça.

Fiquei com raiva pela mentira na hora e mais ainda quando Will contou daquela forma. Não consegui aceitar eles terem mentido por tantos anos para ela, mas relaxei depois que Cora falou comigo. Compreendi que eles sofreram também e fizeram por amor, mas não posso dizer que entendo completamente.

Talvez esse oceano de segredos, seja muito profundo para eu mergulhar de cabeça — por enquanto. Victoria é a mulher da minha vida e mato e morro por ela. Apesar de eu ter sido afoito, estou feliz por estar com ela nesse momento da sua vida. Ninguém socorreria ela como eu.

Fugindo dessas merdas que os Colton sabem fazer com tanta *destreza*, me concentro em abrir meu e-mail. Leio alguns e respondo rápido outros que eu estava trabalhando em fusão comerciais e financeira em Nova York.

Um deles me chama atenção, por um simples motivo, vejo nele um meio para ajudar na busca desse filho da puta que eu ainda nem sei a procedência direito e nem o nome. Eu já disse para Will que preciso de *mais*, e como agora

eu sei que ele é o pai de Victoria, não vou deixá-lo escapar tão fácil. Estou farto. Ele precisa abrir o jogo e me ajudar a ajudá-lo. Quero todas as informações para que o plano que tenho em mente funcione, mas tenho que persuadir William.

Às vezes trabalhar em marketing não é apenas direcionar um produto e ganhar terreno no mercado. No meu caso, é também fazer contatos e vínculos com pessoas poderosas, que agora vejo uma oportunidade de cobrar a promessa. *Quando precisar é só chamar.*

Fecho o notebook e levanto da cadeira. Dou uma olhada em Victoria, que permanece do mesmo jeito e desço para cozinha. Vou trazer um café da manhã reforçado para ela na cama. Além de ser um prazer mimar ela, sei que ontem ela não comeu muito.

Chegando à cozinha escuto um barulho e fico alerta. Ou Prince fugiu da casinha dele, ou tem um rato tentando comer as sobras, ou... é Cora mexendo a colher na xícara que está na sua mão.

“Oi”, murmuro baixo para não assustá-la.

“Ethan.” Ela diz meu nome se virando para mim e tenta abrir um sorriso.

Sorriso para ela e vou até a geladeira pegar ovos e leite.

“Não consegue dormir também?” Pergunta ela.

“Mais ou menos isso.” Digo distraído colocando os ingredientes na bancada no meio da cozinha que nos separa.

“E *ela*. Como ela está?”

“Bem”, respondo procurando uma frigideira.

Eu ainda agradeço a minha mãe por insistir de eu aprender a fazer pelo menos meu café da manhã e outras coisas que me serviu durante anos morando sozinho.

“Ela teve um pesadelo, mas está bem agora.” Completo e quando fito o rosto de Cora me arrependo de dizer as palavras.

“Ah”, ela lamenta com o rosto marcado de preocupação.

“Não se preocupe. Nós conversamos e ela pegou no sono de novo. Agora está dormindo feito uma pedra.” *Uma pedra muito sexy com um rosto de anjo.*

“Sempre fiquei angustiada quando ela tinha esses pesadelos.” Cora conta sentando-se na banqueta do balcão. “Me sentia uma inútil por não poder fazer nada.”

Coloco um pouco de olho vegetal — minha mãe diz que é mais saudável e Victoria precisa se alimentar direito para ficar forte e nosso filho também — e quebro os ovos. Mesmo de costas tento esconder a simpatia pela preocupação de Cora. Eu a entendo perfeitamente.

“Eu sei que você ainda pensa porquê nós não falamos antes — ”

“Não estou pensando nada, Cora.” Corto-a virando para olhar seu rosto.

Seus lábios se apertam, ignorando-me. “Mas nós tentamos de verdade contar uma vez.” Baixa a cabeça e pega o pano de prato dando nós nas pontas.

“E?”

“Isso foi um mês antes da minha casa pegar fogo, então desde aquele dia decidimos não arriscar em contar a verdade e para ser honesta... Estou com medo por Will ter falado.”

“Sabe de uma coisa, Cora? Eu acho que vocês estão dando muita força para essa pessoa.”

“Não é isso, Ethan. A gente não sabe quem é.”

“Pois já deveriam ter descoberto, ou ter uma pista. São uns vinte anos dessa agonia.”

Ela assente e enquanto viro-me para o fogão despejando os ovos em um prato, ela diz: “Nós já tivemos uma pista, mas quando Will foi confirmar, era falsa. Eles conseguiram... a assinatura do meu pai e isso fez com que a gente acreditasse que foram eles, mas meus pais também estão procurando eles.”

Arfo soltando o ar com força e viro-me para ela novamente. “Você tem certeza?”

“Que não são meus pais?” Pergunta incrédula.

“Sim.”

“Tenho. Eles na época da primeira ameaça ofereceram para mim ficar lá com eles.”

“Como assim?” Cruzo os braços.

“Eles queriam me proteger depois que nossa casa foi incendiada. Como você sabe, eles foram embora para Inglaterra, de onde nós somos, e queriam que eu fosse junto com eles e levasse Victoria. Nós moraríamos com eles e meus irmãos.” Sinto no final da sua frase algo escapando. Alguma informação oculta. “Mas eu recusei. Não poderia ir e deixar Will. Não conseguiria viver sem ele e mesmo assim, não era certo deixá-lo sem a filha. Mesmo que nós fôssemos muito novos, sempre amamos e protegemos ela.”

“Eu entendo.” Falo taciturno.

“Foi muito difícil conviver com essa mentira por todos esses anos. Era triste pra gente não ser para ela o que realmente somos.” Sua voz fica embargada. “Todas as vezes que ela conquistou alguma coisa, sempre nos agradeceu, *sabe*? Sempre foi tão doce e amável comigo. Uma amor natural e vindo de tanto cuidado desde pequena. Só que ela agradecia em primeiro lugar os pais... e na cabecinha dela, eles eram Ryan e Elizabeth.”

Assinto enquanto coloco as frutas na bandeja e tento não encarar Cora.

“Sinto muito.” Digo de verdade, porque não sei como seria passar por isso.

Depois de um silêncio longo, ela diz:

“Para mim foi difícil, muito difícil esses anos, mas para William...” respira fundo, “para ele foi pior.”

Levanto a cabeça e vejo seus olhos distantes, provavelmente recordando os momentos difíceis. Realmente deve ter sido horrível e eu não consigo imaginar viver desse jeito. Estar tão perto de quem eu amo e ajudei a dar a vida, e não poder reivindicar meus direitos. Seria muito ruim, mesmo.

“Eu tive momentos com ela raros. Lembro a primeira vez que ela me chamou de mãe, sua primeira palavra.” Seus olhos ficam marejados. “Lembro de toda a infância dela e até os dois anos nós fomos uma família.” Assente reforçando suas palavras com um meio sorriso. “Foi muito bom por um curto tempo, não quê ficar com ela como ficamos tenha sido ruim, mas não o que queríamos. Meu marido mais do que eu abriu mão de muita coisa da vida dele para ficar com a nossa *princesa* e eu.”

Como? Marido? Isso capturou minha atenção. Isso e a forma que ela fala o apelido de Victoria, *princesa*. Tem algo estranho ou talvez seja coisa da minha cabeça. Mesmo assim, acho que por trás do apelido tem algo fundamental. Uma junção de alguma coisa.

“Marido?” Indago sem poder me controlar.

“Oh, sim.” Ela confirma assentindo. “Will e eu nos casamos na Inglaterra quando estávamos na faculdade. Foi um momento difícil. Meus pais estavam mais pertos e insistiam ainda eu ir para casa deles com Victoria e deixar William. Então ele me levou em uma capela e nos casamos.” Dá de ombros, sucinta.

“Em segredo?”

“Não. Ryan e Elizabeth ficaram sabendo no mesmo dia. Meus pais souberam depois. Quase um mês depois.”

Penso a respeito da atitude dele e tirando em conta o meu pânico por Victoria escapar de mim, provavelmente ele casou com Cora no mesmo intuito. Afirmar o amor deles, tê-la irrevogavelmente. Definitivo. *Acho que temos algo em comum, Will.*

“São tantas informações para uma manhã.” Sacudo a cabeça e sinto o esgotamento me dominar.

Ela sorri tristemente e assente. “Eu sei que isso tudo foi uma bomba jogada em cima de vocês. Na verdade, você é perfeito para minha *princesa*.” Cora deixa uma lágrima escapar e chega perto de mim. “Muito obrigada por cuidar e amar tanto ela. Não tenho palavras — nunca vou ter — para lhe dizer o quanto sou feliz de vê-la com alguém forte e destemido como você. Sei que nossa diferença de idade não compete para eu ser sua mãe, mas te amo como um filho por todo o amor que você dá para Victoria.”

É inevitável não abraçá-la quando ela me abraça, visivelmente se sentindo

abalada.

“Realmente não há de que Cora e eu sinto muito mesmo por tudo.” Me afasto deixando minhas mãos ainda em seus ombros. “Queria que tivesse sido diferente. Queria que ninguém estivesse sofrendo agora, porém não teve como mudar, mas dou minha palavra que isso vai acabar de uma vez. Eu já tinha dito isso a Will, que eu estaria disposto a ajudar e agora mais do que nunca, porque sei o verdadeiro motivo.”

“Obrigada por dizer isso querido, mas na verdade você não sabe.”

“O que você quer dizer?” Franzo a testa e me afasto.

“Com todos esses anos de perseguição, só tivemos uma vez uma única pista de verdade de quem poderia ser e mesmo que nossas suspeitas pudessem ser confirmadas, não saberíamos o motivo. A única coisa que realmente sabemos é que o foco é Will. Ele quer ferir William e assim Victoria se tornou o tendão de Aquiles do pai. Eles sabem que se atingirem ela, vai chegar a ele.”

“E porque vocês não confirmaram essas suspeitas?”

“Por que é muito mais difícil do que você pensa. A equipe de segurança que Will e Ryan montaram, que Ken coordena, descobriu que não é apenas um homem que comanda essa *Gang*. E é verdade sim. Eles são os mesmos que raptaram ela quando criança e suspeitamos que seja essas quadrilhas que não gostam que suas crianças sejam libertas, com ou sem o dinheiro do resgate.”

“Vocês deram dinheiro para eles?”

“Não, nunca. Logo que levaram ela a primeira vez, nós já sabíamos que era por causa de vingança. Afinal, nós estávamos sob ameaça muito antes dela nascer e sem contar que no dia que eles a pegaram na fazenda e a esconderam por lá. Não entendi até hoje o que eles quiseram com aquilo, mas funcionou. Vivemos todos os seguintes anos com medo.”

Assinto atento a todas as informações que ela me dá *finalmente*. Contudo, irei ter novamente uma conversa com Will. Ele precisa soltar a língua. Não vou permitir que minha noiva viva assim por mais tempo.

“Certo, entendi.” Falo e pego o moedor de laranja para fazer um suco para Victoria. “Será que Will pode me passar mais informações? Eu tenho que saber mais.”

“Claro, que sim”, diz de prontidão. “Tem mais coisas que ele não me conta e se você insistir ele te passa tudo. Will no começo é teimoso, mas com o tempo cede.”

Abro um sorriso enquanto ela me ajuda a fazer o suco.

“Entendo, bem isso. Victoria é assim também.”

Cora sorri com os olhos distantes, mas parecendo olhar a laranja que está moendo.

“Ela sempre foi mais parecida com ele do que comigo. William diz que ela é doce como eu e azeda como ele.”

Apenas levanto as sobancelhas. Não posso dizer que concordo, afinal é do marido dela que estamos falando e ele é o Will. *Caralho, meu sogro.*

Terminando de preparar a bandeja para Victoria, acabamos tomando um café preto fresco que Cora fez e não falamos mais nada. Sinto que ela está tentando ser forte, mesmo a ansiedade de falar com a filha corroendo.

Pego a bandeja e caminho para o corredor onde fica a escada para o segundo andar. Cora me acompanha e para quando piso no primeiro degrau.

“Cuida dela por mim por enquanto.”

“Sempre e não fique assim. Logo ela vai falar com vocês.”

Ela assente resignada. “Eu só lamento ela me odiar agora.”

“Cora,” balanço a cabeça, “ela não te odeia. Ela não é capaz disso.”

“Ela disse isso?” Sua voz está repleta de esperança.

“Disse e mesmo que não tivesse, nós conhecemos ela muito bem e sabemos como pensa. Como ela é boa.”

“Você tem razão.” Ela pisca, expulsando a vontade de chorar. “Assim que ela estiver pronta, eu estarei esperando por ela. Como fiz esses anos todos, até lá cuide da minha princesa.”

Aceno que sim e não me controlo, e acabo perguntando:

“Esse lance de princesa é algo muito mais do que um simples apelido, não é?” Estou querendo tirar essa pulga atrás da orelha desde ontem, acho que desde sempre.

Ela sorri como estivesse guardando um segredo e assente. “Tem sim.”

“Certo.” Digo não querendo me aprofundar e ela parece não querer também. “Agora vou levar o café dela e antes de partirmos, nos falamos.”

“Tudo bem, Ethan e muito obrigada pela conversa. Eu estava precisando.”

Aceno com a cabeça querendo dizer que não foi nada. Eu também estava precisando de conversa. Colocar os pensamentos em ordem e entender mais todo esse drama. Cora vira-se para saída da casa e vai para o jardim coberto por uma nevoa branca de inverno. Percebo só agora que ela está aqui e não na casa adjacente. Provavelmente querendo ficar mais perto de Victoria.



EMPURRO A PORTA DO QUARTO CALMAMENTE para não acordar Victoria e coloco a bandeja na mesa da

antessala, ao lado do notebook, que pego e coloco em cima da minha mala no sofá do canto. Tiro o roupão e me aproximo da cama. Sentando-me na beira, perto do corpo mole e quentinho do meu amor.

Ela está deitada de lado, com os braços para cima, abraçando o travesseiro que está pousando sua cabeça e as mãos agarrando a ponta do meu travesseiro. Não consigo ver seu perfil direito, apenas a testa e um pedaço da bochecha. Está em um sono profundo. Nem as pálpebras tremem e sinto alívio. Como qualquer ser-humano, depois do que houve ela precisava de descanso e uma mulher grávida mais ainda.

Passo minha mão suavemente por cima do seu corpo, deslizando pela curva da sua cintura e pouso em sua barriga. Me bate uma curiosidade de como ela vai ficar daqui a uns três, quatro meses. A barriga aparente, exposta, grande e redonda. Com certeza vai ficar linda e mais radiante, porque o brilho de mulher grávida ela já está ganhando. A cada dia muda algo nela e os olhos estão mais acesos e brilhantes.

Victoria resmunga dormindo e desce o braço de cima da sua cabeça, repousando na lateral do seu corpo e a mão encontra a minha sobre sua barriga. Olho para o seu rosto e a vejo de olhos abertos.

“Oi.” Digo e movo meu corpo para mais perto do dela.

Não satisfeita, ela senta-se na cama e com um movimento rápido me puxa. Rimos e abraço seu corpo em cima de mim.

“Oi, meu amor.” Ela murmura carinhosa.

Sorrio e tiro o cabelo do seu rosto para ver melhor. Seu sorriso vai esmorecendo e os olhos escurecendo. Suas mãos escorrem por meus braços estendidos, agarrado a sua cintura. Ela morde o lábio inferior e abaixa a cabeça para me beijar. Gemo quando deixo ela enfiar sua língua na minha boca, as mãos em cada lado do meu rosto, assim como as pernas nas laterais do meu corpo. Minhas mãos correm de baixo para cima no seu corpo e se enfia entre seus cabelos loiros. Pego sua cabeça e aprofundo o beijo fazendo-a soltar sons de prazer.

Sei que mesmo que o mundo vire de cabeça para baixo nos atordoando. Sempre teremos isso. Um ao outro para nos perdemos e nos amar apaixonadamente. Sugo sua língua, seu lábio inferior e Victoria morde de leve minha boca. Rosno porque amo ela selvagem.

Desacelero o beijo, dando *selinhos* barulhentos e gemidos suaves. Ela está mole em meus braços, mas as mãos acariciam meus cabelos, como sempre me deixando sonolento. Essa mulher me enfeitiça. Ela passa o nariz no meu, fazendo dengo e resmungando. Sorri sonolenta e afasta um pouco o rosto para os seus maravilhosos olhos acinzentados me fitar.

“Melhor bom dia do mundo.” Ela diz e dá uma risadinha.

“Tem certeza que já não fiz melhor?”

“Mm...”, faz deitando a cabeça de lado com seu sorriso sapeca.

“Amo ver você sorrindo.” Falo afagando gentilmente suas costas.

Ela assente e beija meu rosto. Aperto a mandíbula e arfo com força. Estou preenchido por seu amor. É tão fácil isso. *Amar e ser amado*. Ficamos em silêncio nos olhando e sorrindo. Seria estranho senão estivéssemos dizendo com os olhos o quanto um precisa do outro.

Então, ela empertiga a coluna e aperta meus cabelos.

“Você está tão lindo.”

“Estou?” Pergunto fingindo interesse.

“Muito.”

“E não estava?”

Ela dá risada e deixa as mãos no meu peito. “Não foi isso que eu quis dizer, só... você está... lindo.” Faz carinho no meu peito, subindo as mãos e pega meu rosto. “Estou tentando... dizer obrigada por cuidar tão bem de mim” sussurra deixando sua testa encostar na minha.

Fecho os olhos e penso o quão abençoado eu sou por tê-la para mim. Chego ela para mais perto, colando seu corpo ao meu e a beijo com vontade. Victoria corresponde beijando-me com fervor. Arranco um gemido dela de susto quando levanto com ela nos braços.

“Você sabe que não precisa agradecer”, digo andando até a mesa, “e ainda nem viu isso.” Sento-a na cadeira em frente a bandeja. Ela sorri para mim e não solta minhas mãos.

“Vem aqui!”

Rio e a levanto, sento e a coloco no meu colo. Ela abraça meu pescoço e me beija.

“Agora está perfeito.” Sussurra.

Assinto e afago suas costas, seus olhos não prestam atenção em mais nada, a não ser em mim.

“Você quer me dizer alguma coisa?” Pergunto.

“Não”, responde com o rosto neutro.

“Certeza?”

Assente e se mexe no meu colo ficando virada para a mesa e pega o suco de laranja. Bebe fazendo um som de prazer e come uma colherada dos ovos mexidos.

“Hmm...” ela vira o rosto para mim. “De-fi-ti-va-men-te você já...” mastiga, “pode casar.”

Solto uma gargalhada. “Com você. Engraçadinha.”

Ela ri e come mais, alegrando meu dia e me abençoando por estar bem. Fico passando as mãos nas suas costas e nas coxas em cima de mim enquanto ela come. Victoria me oferece um pouco dos ovos e do suco. Aceito, mas recuso quando ela oferece mais.

“Já comeu?” Pergunta, baixo.

“Não, mas fiz para você.”

“Hun.” Resmunga. “Se você não quer — ” dá de ombros brincalhona e morde a maçã. “Sobra mais para mim.”

Concordo e assisto ela terminar de comer os ovos, a maçã, a banana, o iogurte e o suco de laranja está quase acabando. Só resta dois dedos de um copo de 400 ml. Minha garota estava com fome.

Quebrando nosso silêncio preenchido por ela mastigando e eu falando de como são meus avós, porque ela está curiosa, ela solta um arrote, me surpreendendo.

“Ai! Que horror.” Victoria fala com as bochechas vermelhas. Não resisto e solto uma gargalhada que a faz rir também. “Você vai se casar com uma porca.”

Rindo faço seu corpo virar um pouco para mim e minhas mãos nos seus ombros massageando-a.

“Uma porquinha muito sexy e linda.”

“Mm...”, ela sorri e os dedos alisam minhas sobrancelhas. “É porque o suco estava muito bom.” Bebe mais um pouco. “Você acertou a medida das laranjas e na hora de adoçar.”

“Mm... é.” Afirmo sem graça. “Mas não fui eu que fiz o suco.”

“Quem foi?” Pergunta com os olhos bem abertos e curiosos. Amo como eles ficam verdes e não sei como ela faz isso.

“Foi a Cora.”

Seu semblante esmorece e ganha uma expressão neutra, não consigo ler o que ela está pensando, mesmo que rapidamente algo como reconhecimento passa em seu rosto.

“Eu a encontrei na cozinha e ela me ajudou a fazer o suco. A preparar a bandeja para você.” Explico, já que ela não diz nada e continua *em branco* no meu colo.

Victoria assente e desvia os olhos.

“Ela perguntou de você.” Conto olhando seu perfil. “Ficou preocupada que você teve um pesadelo.”

“Porque disse para ela?” Vira o rosto para mim e diz ansiosa: “Ela vai ficar preocupada.”

“Não esquente, querida.” Pego suas mãos. “Eu disse que você estava bem e voltou a dormir. Então ela ficou menos preocupada.”

“Menos?”

“É. Ela está muito aflita querendo falar com você e” respiro, fazendo uma pausa e espero não me arrepender por abrir a boca, “muito abalada. Talvez se você pudesse — ”

“Ethan!” Ela me corta, fecha os olhos e sai do meu colo ficando na minha frente. O rosto ainda não transparece nada, porém os braços cruzados na frente do corpo deixa claro que está na defensiva.

“Eu sei que você está se sentindo estranha com essa situação, mas se você... Não sei. Dá uma chance para ela.”

“Eu não me sinto estranha.” Fala rápido, a voz firme. “Só não me sinto...” Levanta as mãos dando de ombros. “Em relação a isso, não sinto nada Ethan. Não me sinto preparada para encarar eles.”

“Eu sei, amor — ”

“Não! Você não sabe.” Me interrompe com a voz mais alta que a minha. “Não sabe como eu me sinto confusa. Perdida. Enganada.” Os olhos brilham e ficam marejados, mas não sinto como se ela fosse chorar. Está desabafando e suspirando diz alto: “E estou com medo. Eu disse... eu disse para você, Ethan.” Ela reforça e chega perto de mim e segura minha camisa como se um vento pudesse a levar para longe. “Eu só quero um tempo para mim. Para me conectar com tudo isso.”

“Eu sei,” murmuro. “Me desculpe.”

“Agora eu digo, não precisa pedir desculpas, só... Só tenta me entender e ver que meu mundo virou de cabeça para baixo e não a um ser humano nessa Terra que passaria por isso tudo e simplesmente...”, pausa procurando as palavras “vá falar com eles e... Oi mãe. Oi pai.” Sacode a cabeça o rosto transparece como está sofrendo em não saber lidar com a situação. “Eu não posso. Não agora. Entende?”

Assinto e seguro suas mãos no meu peito. “Eu entendo, só pensei que você poderia dizer para ela que não está com raiva dela. Deles dois.”

“Mas eu não estou.” Sua voz sai impaciente. “Eu os amo, mas agora não posso — ” respira fundo.

“Tudo bem, eu apenas queria ajudar vocês.”

“Eu sei.” Ela fixa os olhos nos meus e leva uma das mãos ao meu rosto. “Você sempre quer me ajudar. Me fazer feliz, mas agora só eu mesma posso resolver isso.” Diz determinada e se afasta um pouco de mim. “Eu tenho que encontrar dentro de mim a força para encaixar tudo isso. Eu os amo. Eu te amo, mas agora eu quero ficar... em silêncio. Ficar só.”

“Como assim?”

“Que ir para Aspen, nunca me pareceu uma ideia tão promissora. Não foi

algo que eu planejei, nem você, no entanto agora parece ser a coisa mais certa, porque eu preciso me ‘*achar*’ primeiro para depois aceitar tudo isso.” Ela sorri de lado e dá de ombros. “Só quero eu e você e o nosso bebê. Por enquanto isso já me basta.”

Assinto e nos abraçamos. Victoria beija meu rosto e eu pego o seu ventre em minhas mãos, junto nossos lábios gentilmente e ela suspira ao se afastar.

“Eu... Eu vou pegar — ” Gesticula com as mãos balbuciando. “Procurar o Prince.”

“Amor”, dou um passo me aproximando, mas ela recua.

“Só vou buscar ele.”

Cerro a mandíbula e sou obrigado a aceitar. Não vai adiantar nada contrariar ela.

“Por favor”, pede sussurrando.

Engulo em seco e concordo. Eu sei que ela não está pedindo para ir pegar Prince e sim *espaço*. Ela pega o meu roupão que a engole e sai do quarto. Fico parado apenas olhando e irritado com a família dela. Eu a amo profundamente, irrevogavelmente, para sempre. *Mas os Colton não poderiam ser mais complicados?* Isso foi uma grande ironia.



ENTRO NO ESCRITÓRIO onde mamãe disse que meu irmão e meu pai estariam me esperando e os encontro falando descontraidamente, mas quando me olham parece que se estalou um ar negro na sala.

“Qual o problema de vocês?”

“Nada filho, só estamos preocupados com Victoria.”

“Como ela está?” Pergunta Anton.

“Em algum canto da casa irritada comigo.”

Meu pai franze a testa e meu irmão diz:

“O que você fez idiota? Já não está complicado demais para garota, não?”

“Não fiz nada.” Respondo indo até o bar e encho um copo com uísque e bebo. Foda-se que ainda nem passou das nove da manhã.

“Você vai acabar um alcoólatra e com cirrose.” Anton ironiza de novo.

Sento no sofá do canto do escritório. Os olhos do meu pai me repreendendo de longe e ignoro. Me acomodo e coloco o copo na mesinha ao lado do sofá — *vazio*. Só coloquei dois dedos de uísque. Nada para me embriagar, só para sentir

um pouco do ardor amargo da bebida e despertar. Tentar anestesiá-los os problemas na minha cabeça.

“Estou com a cabeça cheia. Irritei Victoria e — puta que pariu — os Colton podem ser mais complicados?” Falo sem fixar os olhos em nenhum dos dois e abaixo a cabeça olhando para o tapete Persa.

“Eu sei que provavelmente deve estar sendo difícil para ela e para você, mas você não pode sair bebendo todas as vezes que tem problema.” Meu pai diz e meu irmão faz um som de concordância.

Merda.

“Eu não estou bebendo.” Olho para eles. “Peguei no calor do momento, nem vim procurar isso.”

“Certo, filho. Sem problemas.” Ele diz e senta na poltrona ao lado do sofá. “Agora explica o que houve? E como ela realmente está?”

“Perdida.”

“O quê?” Anton diz sentando ao meu lado.

“Ela se sente perdida e não é porque ela disse, eu sei que está com medo e ela confirmou. E como não estaria?” Fito meu pai. “Como eles puderam deixar isso virar essa bola de neve? Eu não consigo acreditar. Se eu pegar esse filho da puta eu mato com minhas mãos.”

“Ethan.” Papai me repreende. “Não estoure seus miolos antes do tempo e pense direito.”

“Já pensei muito e agora eu estou por um fio. Se eu tiver uma chance, eu mato ele e Will tem que me falar as coisas. Mais coisas. Eu vou casar com a filha dele e ele precisa me dizer tudo. Confiar em mim para fazer isso e ajudar ele.”

“Primeiro, eu não disse que não confio em você.”

Levanto da cadeira e vejo Will na porta do escritório com sua postura de superior.

“Segundo, que eu sei disso tudo que você falou e se acha que eu estou satisfeito com essa *bola de neve*,” repete minhas palavras com um gosto azedo. “Está enganado. Eu não suporto ver minha filha viver como vive. Não suporto não ser para ela o que sou e sempre fui. Quem cuidou, criou, educou, pagou por tudo e mimou Victoria, fui eu e a mãe dela. Infelizmente sobre uma sombra, mas nunca deixei de ser o pai dela perante minhas obrigações e nem a lei. Infelizmente tive que me submeter a chantagem e o medo. Só que isso não quer dizer que não estou fazendo o que posso para resolver.”

“Em momento algum disse ao contrário.” Digo baixo.

“Eu sei e apenas estou falando. Deixando claro que sou o *pai* da sua *noiva*.”

“U-hum.” Assinto e ele tem mais para falar.

“E eu sei muito bem que não foi — não é fácil lidar com isso. Mas como

uma vez você disse, juntos seremos mais fortes e se acha que não ajudou em nada, está enganado. Victoria mudou muito depois de você e está menos teimosa.” Faço uma cara irônica e ele *quase* rir. “Quero dizer, em termos ela está mais compreensiva e pelo fato de estar apaixonada, não quer perder você e não quer que a levem. Isso a torna forte.”

“Falando assim, até parece que ela não se atirou na frente daqueles delinquentes na academia.”

Will respira fundo e sacode a cabeça. “Ethan! Amar é fazer isso. Se colocar em perigo. Fazer coisas que ninguém entendi e concordar com a pessoa que amamos, mesmo não gostando. Mesmo que aquele dia tenha sido aterrorizante, foi por sua causa que tudo saiu bem. Poderia ter sido bem pior.”

“Eu sei disso.” Murmuro e sacudo a cabeça para espantar as lembranças.

“Enfim, eu vim aqui conversar com seu pai e já que você está aqui, melhor ainda.”

Assentimos e sentamos no sofá, esperando Will falar.

“Pode falar, Will. Sei que agora você está mais preocupado do que nunca, mas pode contar conosco.” Meu pai diz e meu irmão assente.

Fico do mesmo jeito, porque não gosto de me repetir e ele sabe que estou dentro, não importa o que ele está armando para acabar com esses filhos da puta.

“Ken me contou que vocês vão para Aspen.” Ele diz olhando para mim e eu quero enganar Ken por ter a língua grande.

“Sim. Vou levar porque ela me pediu, nós iríamos amanhã.”

“Tudo bem.” Will diz frio como se nada tivesse acontecido.

As palavras de Cora em minha cabeça: *Ele abriu mão de muitas coisas para ser pai*. E provavelmente abriu mão até mesmo de ter sentimentos e demonstrar eles. Se fechou dentro dele para não sofrer.

“Quero que vocês fiquem atentos. Ken e Jorge vão com vocês e os seus seguranças.”

“Seus?” Meu pai pergunta para mim.

“Contratei mais dois seguranças para ficar de prontidão. Prefiro prevenir do que remediar e não é problema algum pagar por mais segurança.” Explico.

Will assente, ainda de pé como eu, perto da porta e meu irmão, papai sentados.

“Eles vão chegar na segunda.” Digo.

“Certo, mas eu quero saber quem são.” Will exige.

A contragosto esclareço tudo para não o irritar ainda mais, porque ele sempre parece estar de mau humor.



ANDO PELA CASA À PROCURA de Victoria como um cão atrás do osso. Sei que ela não é doida de sair de casa sozinha e muito menos sem falar comigo. Ela sabe que eu iria enlouquecer e com certeza iria me irritar com ela, mesmo sabendo que eu tenho que ter muita calma. *Ela está grávida, Ethan. Faça com carinho.* Seria o que minha mãe falaria. Passo pelo corredor e vou até a sala do piano.

“Obrigada, Jenny.” Escuto a voz de Victoria e entrando na sala, encontro-a com minha cunhada no canto conversando em voz baixa. “E parabéns pelo bebê também. Fiquei muito feliz.”

“Ah obrigada, Vic.” Elas se abraçam e Jennifer fala: “Fiquei um pouco surpresa por estar esperando outro bebê, mas Anton amou a novidade e ficou eufórico para contar para todos.”

Meu anjo assente sorrindo e talvez querendo compartilhar da mesma alegria, mas duvido muito que agora seja uma boa hora. Minha cunhada fala mais alguma coisa, mas seus olhos percorrem a sala e me encontram. Ela se detém e corta o assunto. Se despede de Victoria e ao passar por mim, troca um olhar comigo.

“Obrigado.” Agradeço sutilmente.

Ela sorri e faz um gesto com a cabeça. “Não foi nada e agora converse com ela. Seja paciente.”

Assinto e ela sai, caminho para o cômodo onde minha noiva está de costas para mim. Ela sente minha presença sem eu ter dito nada. Os ombros ficam mais eretos e ela coloca os braços protetoramente em sua volta, se abraçando como se estive com frio.

“Eu não estou com raiva de você. Está bem” diz ainda de costa para mim. “Só queria pensar.”

“Sei disso.”

Ando mais para perto e percebo seu corpo se arrepiar, então paro bem perto dela ao ponto de minhas mãos poderem tocar seu corpo — mas ainda não faço.

“Apenas quero que você entenda que não é fácil. Nenhum um pouco fácil lidar com essa novidade. Não foi algo que passou em minha cabeça ou que eu tenha sonhado.” Ela solta um riso resignado e se vira para mim. Seu rosto está marcado de ansiedade. “Jamais passou isso na minha cabeça. Eles... meus pais?” Balança a cabeça como limpasse os pensamentos. “Não. Não foi mesmo algo que eu sonhei e agora eu apenas quero me manter longe para poder pensar direito.”

Olho no fundo dos seus olhos e entendo o que quer.

“Aceitar no seu tempo e não magoar ninguém.” Completo e corto o resto do espaço que nos separava. Pego suas mãos e ela aperta as minhas com força. “Eu conheço você e sei no que está pensando agora. Desculpe se lá no quarto eu pareci insistente e teimoso. Apenas estava tentando te ajudar, mas não como você queria ou quer. Não é?”

Dá de ombros e pergunta: “E agora você sabe? Sabe do que eu preciso.”

“Sei e por isso estamos indo agora para Aspen.”

Victoria toma uma respiração profunda e vem me abraçar. Meus braços circulam seu corpo pequeno e por alguns momentos penso que ela é fraca, mas sei que não é. Por trás da mulher doce e generosa, minha garota é destemida e brava. Parece ser frágil e irritadiça às vezes, mas não é. Tem um coração maior que o mundo e quer abraçar tudo e todos. E é por isso que a amo tanto.



TODAS AS NOSSAS COISAS JÁ ESTÃO NO CARRO para pegarmos o jatinho. Vamos fazer uma tática para chegar até o aeroporto com cem por cento de segurança de não nos seguirem.

Vamos em um carro e trocaremos de veículo onde os seguranças marcaram o lugar estratégico. Por isso, quem nos lavará até o nosso verdadeiro carro — onde estão Raul, Ken e Jorge — é o motorista do meu pai.

Saímos da casa e paramos na frente da mesma para nos despedir de todos. Termino de abraçar minha mãe e Victoria fala com Anton. Chego perto de Ryan e a família dele. Aperto sua mão, cumprimento Elizabeth, Cora e Will, que me dá um olhar sério e assinto entendendo o recado. *Eu cuidarei dela.*

“Qualquer coisa entre em contato e assim que não precisar mais ficar longe de casa, volte com ela. Vou te deixar *a par* de tudo.”

“Eu sei e não precisa se preocupar.”

Ele faz um simples aceno com a cabeça para não insistir em mandar eu cuidar dela. Viro-me para Victoria e a encontro de cabeça baixa virada para sua família, onde ainda estou muito próximo. Não sei o que ela está sentindo, ou pensando, porém deve ser complicado. Ela caminha, fica ao meu lado e pega minha mão entrelaçando nossos dedos com força.

“Se cuida, está bem.” Cora diz mantendo *a* distância.

Victoria assente e mantém o rosto baixo. *Inferno*, isso não é bom.

“Fala pelo menos alguma coisa antes de ir, amor.” Sussurro no ouvido dela.

Seus olhos verdes fitam os meus, marejados e brilhantes de emoção. Ela quer falar com eles, mas não sabe o que dizer.

“Só diga tchau”, digo gesticulando com a boca.

Ela engole seco e assente.

“Até mais.” Victoria murmura com a voz fraca.

Cora dá um passo para mais perto e solto a mão de Victoria.

“Posso te abraçar antes de ir?” Ela pergunta.

Mãe e filha se encaram e sinto meu anjo esmorecer e cair nos braços de Cora.

“Está tudo bem.” Diz Cora, passando as mãos nos longos cabelos dourados da minha garota, que chora baixinho escondendo o rosto nas próprias mãos.

Escuto Hanna falando sem parar atrás de mim e quando Cora se desprende de Victoria, meu anjo limpa o rosto, acena com a cabeça para o resto da sua família, que estão visivelmente emocionados com a cena delas duas e se vira para minha sobrinha. Se ajoelha no chão e a abraça com carinho.

“Por que você está chorando?” Hanna pergunta baixo.

“Porque eu vou ficar com saudade de você.”

“Então me leva junto.”

“Não posso bonequinha.” Ela diz passando as mãos no vestido e nos cabelos da criança. “Você tem escola e mesmo assim, seus pais vão ficar com saudade de você.”

Minha sobrinha cruza os braços e franze a testa chateada. “Mas eu sou esperta tia e não tem nada demais aprender a desenhar na escola. Você pode me ensinar como faz quando brinca comigo. Prometo me comportar.”

Victoria sorri com ternura. “Eu iria adorar levar você, mas não posso agora. Quem sabe nas férias?”

“Tá!” Hanna responde de cara amarrada e prendo a vontade de rir.

“Não se zangue.” Me agacho ao lado de Victoria — sei que ela está tentando se manter firme com as próprias emoções — e brinco com minha sobrinha fazendo cocegas embaixo dos seus braços. “Juro que na próxima levamos você.”

“Jura juradinho? De mindinho?”

Escuto todos riem e assinto.

“Juradinho” falo e cruzo meu dedo mindinho com minha sobrinha. Nossa, eu amo essa espertinha e se eu e Victoria tivermos uma assim, vou ser o pai mais bobão do mundo, mais que meu irmão já é.

Levantamos, eu com Hanna no colo e andamos para o carro. Com certa dificuldade passo minha sobrinha para o colo do meu pai, só ele para fazer ela ceder rápido e após entramos o carro segue o caminho da rua.

“Você está bem?” Pergunto.

Victoria apenas assente chegando mais perto de mim e deitando a cabeça no meu peito. Meus braços circulam sua cintura. Assinto também, aceitando sua resposta e beijo seus cabelos.

Dezessete

Victoria

SÁBADO, 06 DE FEVEREIRO DE 2014.



É ESTRANHO ADMITIR QUE FICAR LONGE da minha família me dá alívio e não é de maldade. Assim eu posso pensar direito e não magoá-los. Espero do fundo do meu coração que o abraço que troquei com Cora tenha deixado claro que eu não a odeio. Espero que eles me conheçam tão bem quanto Ethan e entendam que eu apenas quero pensar.

Eu sei que não vou aguentar muito tempo não dizer nada. Mal estou distante deles e apesar do alívio, já sinto saudades, principalmente da Cora.

Fecho os olhos e esfrego meu rosto no pescoço do Ethan. Ele me pega e coloca de uma vez no seu colo. Agradeço abraçando-o com mais força.

Ele perguntou se eu estava bem. Emocionalmente estou esgotada e meu corpo — eu acho — que está sentindo tudo isso. Estou me sentindo tonta. Minha cabeça está doendo muito, parece que está tudo girando, só que não tem como. Estou sentada no banco do carro nos braços do Ethan, que por sinal está massageando minhas costas, me confortando. Porém agora não está.

Resmungo e tento ficar confortável. *Nada*. Não consigo. Levanto no colo dele e logo suas mãos estão passando por meu corpo, me checando.

“O que houve?”

“Não me sinto bem”, digo a verdade, porque faz segundos que ele perguntou isso e eu disse sim.

Seu rosto fica preocupado e falo rápido:

“Não é nada demais. Apenas dor de cabeça.”

Ele solta a respiração com a cara zangada e faz carinho no meu rosto. “Já, já estaremos no avião e você poderá tomar um remédio e dormir até chegarmos à Aspen.”

Assinto e viro meu rosto para o lado quando uma sombra me chama atenção pela janela. O carro entra em uma garagem e sobe, sobe até o quarto andar do estacionamento do shopping que eu vim uma vez com Lauren, Jennifer e Hanna no Réveillon.

“O que estamos fazendo aqui?”

Ethan me tira do seu colo bem na hora que o carro para. “Vamos trocar de carro. Venha, rápido.” Ele abre a porta do carro, sai e estende a mão para mim.

“Vem, amor.”

Respiro fundo e saio do carro. Aprumo a postura e avisto meus seguranças perto de um Escalade branco. Seria uma cena para colocar respeito, mas Prince no colo do Jorge, torna difícil. Não consigo achar esse homem sério com um filhote de Golden Retriever nos braços e afagando os pelos do animal. Com certeza Prince está dando trabalho, por isso está fora da casinha e agora que percebo que não estava no outro carro.

Enquanto Ethan praticamente me puxa para o outro carro, viro meu rosto para ele e pergunto:

“Branco?”

“O que?” diz sem demonstrar expressão. Está tão sério.

“O carro branco. Um Escalade branco. Um carro desse tamanho todo branco?”

Ele resmunga e para na frente dos seguranças. Jorge me passa o cachorro, estendendo-o.

“É justamente para ninguém suspeitar. Agora entre no carro para a gente chegar logo no aeroporto.”

Autoritário. Sério. Sem humor. Com certeza está nervoso e não vou contrariar. Entro no carro com o cachorro e reprimo a vontade de dá um beijo no meu príncipe nervosinho. Ele fica tão sexy desse jeito.

Ethan fala com os seguranças ainda fora do carro e quando entra, senta ao meu lado mexendo no celular digitando rápido. Logo guarda o aparelho no bolso da calça jeans escura que está usando junto com a blusa de linho e o casaco de couro preto. Franzo a testa e olho para minha roupa. Uau estamos combinando. Estou de calça preta e meu sobretudo até minhas coxas preto também e as botas que ele adora.

“Por que trocamos de carro?” Questiono assim que o carro começa a andar.

“Para ninguém nos seguir.”

“Seguir?” Me mexo no banco virando para o corpo dele. “Como assim?”

“Hipoteticamente, Victoria.” Ele diz e vira o rosto para mim. “E você não estava com dor de cabeça?”

Levanto as sobrancelhas. “Estou e por que está zangado?”

“Não estou não, querida.” Pega minha mão em cima do Prince e aperta. “Só estou atento. No avião vou relaxar. Prometo.” Diz suavizando os olhos como sempre faz quando fala comigo.

“Está bem. Vou ficar quieta.”

Ele acena com a cabeça e eu deito a cabeça no seu ombro de novo afagando Prince em cima das minhas pernas e de Ethan. Na verdade, só as patinhas traseiras estão em cima do pai dele. Rio e fecho os olhos.

“Por que o riso?” Questiona Ethan.

“Lembrei de quando você disse que Prince seria como nosso filho. Que você seria o pai e eu a mãe dele. E agora nós vamos mesmo ter um filho.”

“Hmm...” ele faz com a garganta e o peito sob meus ouvidos verbera. Aquele som rouco e sexy que ele faz. “Vamos ter mais um, Prince não pode achar que vai ficar de lado.” Murmura e beija meus cabelos.

Solto uma risadinha e fico quieta para não irritá-lo sem motivo.

Fito a janela do carro com uma película extremamente escura e penso na minha família.

Faço uma oração silenciosa para eles ficarem bem, para Will cuidar de todos como sempre faz e um dia ele ter descanso. Eu sempre achei ele preocupado demais, só que nunca pensei que o motivo fosse o segredo que ele escondia de mim. No caso, eu.

Estou preocupada com ele, sempre fiquei e agora mais ainda. Pensar o quanto ele teve que aguentar. O quanto teve que esconder e penso nele com a Cora. *Meus pais*. Eles devem se amar tanto e não puderam mostrar isso ao mundo por causa de uma vingança. Sei que um dia eles vão me explicar tudo. Quando nós estivermos tranquilos. Agora está tudo acontecendo *perigosamente* rápido demais.

O abraço em Cora agora foi uma explosão de sentimentos. Eu a amo tanto, sempre amei e sempre corri para os seus braços. Mesmo que algumas pessoas falassem que eu dependia muito dela porque ela ajudou a me criar — a história que eles inventaram. Eu sempre achei estranho precisar tanto dela e agora faz sentindo. Ela é minha mãe. *Mãe*. Minha Cora é minha mãe.

Tomo uma respiração rápida e sutilmente limpo a beira dos meus olhos, as lágrimas que deixei escapar. Continuo parada e percebo que Ethan não notou. Está falando alguma coisa ao telefone, que eu também não estou prestando atenção. *Ótimo*. Não quero ficar chorando na frente dele, na frente de ninguém.

Não demora muito e o carro entra direto no hangar do aeroporto de Maryland. Ethan sai do carro e o sigo com Prince no colo que se agita e prendo-o nos braços.

“Continua bonzinho, filho.”

“Vou dar o remédio que a veterinária receitou.”

“Vai dopar sua família na viagem?” Brincando e Ethan demora dois segundos para entender. Enfim ri e passa o braço ao redor do meu corpo.

“Vamos. Você está muito engraçadinha hoje.”

Andamos e dentro da garagem do jatinho fico espantada com o que vejo.

“Que jatinho é esse?” Fito o monstro preto com uma faixa dourada no meio e na ponta do aviãozinho um emblema que não reconheço.

“É de um amigo.” Responde Ethan.

Raul e Jorge levam as três malas para dentro. Trouxemos as coisas básicas para não tomar tempo e mesmo assim, não é como se Aspen não estivesse rodeada de lojas e muitas de grifes.

“Lucca?” Indago subindo as escadas na frente dele, já que me força a subir na sua frente.

“Não, amor. De outro amigo.”

Viro-me no corredorzinho do jato e questiono com a expressão dos meus olhos e as sobrancelhas erguidas. Ethan sorri e coloca as mãos nos meus ombros.

“Vamos sentar que eu te explico.”

“Só responde de quem é. O resto não preciso saber. Você está querendo despistar nossa partida. Não é isso? Eu sei.” Balanço a cabeça afirmando minhas palavras e ele também. “Só quero saber de quem é.”

“É de um cliente meu, que é irmão de um amigo meu da faculdade. A esposa dele ficou preocupada com aquele incidente na academia e se ofereceu para nos ajudar. Para qualquer coisa. Então eu perguntei se poderia dar uma mãozinha com a nossa viagem para Aspen e eis aqui a ajuda.”

Sinto meu sangue se aquecer em minhas veias. Uma mulher está se oferecendo para ajudar ele. *O que ela quer com ele?* E porque ele não me contou dela antes? E como assim ela soube dos nossos problemas?

“Certo.” Digo e respiro fundo. Me solto do aperto de suas mãos, me viro e ando até umas das poltronas. Sento e olho para a janelinha do jato da *amiga* do Ethan.

Sinto ele sentando do meu lado, mas não me viro. Ele inclina o corpo para frente e sua mão pega meu rosto.

“Qual o problema?”

“Nada”, respondo neutra, mas sinto meus olhos falharem.

“Vai explicar sua mudança de comportamento repentina ou vou ter que adivinhar? Uma hora você está curiosa e agora me deu as costas. Está fingindo não estar nem aí.”

“Impressão sua. Você me respondeu e eu me sentei.” Dou de ombros.

Ethan aperta os olhos, desconfiado, e suavemente um sorriso presunçoso surgiu em seu maldito rosto perfeito.

“Você está com ciúmes da Madeleine?”

A amiga tem nome. E inferno, o nome é lindo.

“Não.” minha voz sai fininha e isso só acontece quando minto, e ele sabe.

Seu rosto fica neutro, se vira e chama Jorge.

“Dê o remédio que a veterinária receitou para Prince e fica um pouco com ele. Vou ter uma palavrinha com a Srta. Colton rapidinho.”

“Sim, senhor.” Responde Jorge e Prince é tirado do meu colo e dado para ele.

“Vem comigo.” Ethan fala de pé e estende a mão.

“Para que? O avião vai decolar e você sabe que precisamos estar sentados.”

Ele resmunga — parecendo mais um rosnado — e me surpreende. Abaixa o corpo, pega minhas pernas, coloca uma mão atrás de mim — na altura da minha lombar — e me ergue nos seus ombros. Estou meio torta e por isso me agarro a ele. Rio e rapidamente estou dentro do quartinho do jatinho. Sou derrubada na cama e logo ele está em cima de mim me olhando sério.

“Victoria.”

Prendo a vontade de sorrir com seu tom de voz falando meu nome.

“Amor, eu acho legal você com ciúmes de mim e foram só umas três vezes...”

“Diferente de você que foram muito mais que três.” Corto-o completando.

“Mas você é linda.”

“Oras e você não?”

Ele dá de ombros e puxo de leve sua orelha.

“Você é lindo sim e todas as mulheres que te conhecem acham isso. Então não banca o inocente. Você sabe que é lindo.”

“Já disse que o que importa é sua opinião, mas deixa isso para lá.” Diz e me dá um beijinho. “O que eu queria dizer é que não precisa ficar com ciúme da Madeleine. Ela é casada com um dos homens mais influenciáveis e importante de Nevada. Ela o ama, assim como eu te amo, e mesmo assim eu teria que ser louco de roubar a mulher do Travis.”

“Por que?” Agora fiquei curiosa e ainda não gostando desse assunto. *Ele com outra mulher. Nunca. Não deixo. Jamais. Nem sobre meu cadáver.*

“Bem, porque ele é o chefe da máfia da Costa Oeste do país, querida.”

“Máfia?”

“U-hum.”

“Tipo do poderoso chefão?”

Ethan solta uma risada e me beija de novo. “Mais ou menos isso e acredite. Eles existem e são maus.”

“E você está no meio deles? Ai meu Deus.” Meu coração acelera.

“Não. Eu só os conheço e ele virou meu cliente por causa do Colen, que é irmão dele e um amigo meu.”

“Cliente? O que você fez para ele?”

“Ajudei a elaborar uma propaganda chamativa para o cassino dele em Las Vegas. Ele queria que as pessoas deixassem de lado um pouco o MGM e fossem para o dele. E foi o que eu fiz acontecer.”

“Qual é o cassino dele?”

“Run!” Ele ri e limpa a garganta. “Esse mês vai fazer dois meses — graças a mim — que ele conseguiu o Bellagio.”

“O Bellagio. Nossa! Como você conseguiu?”

Sorrindo orgulhoso, meu amor responde:

“Já disse como sou bom com números?”

“Já”, digo rindo assentindo para o seu sorriso maravilhoso.

“Então, eu dei o primeiro empurrão para o ex-dono vender para o Travis. O resto ele fez do jeito dele e não me pergunte o quê. Provavelmente é algo fora dos limites de restrições da justiça e eu não quis saber.”

“Aí, amor. Você não pode lidar com eles.”

“Na verdade, eles gostam de mim e a Madeleine é louca para te conhecer. Ela é italiana, assim como o marido e é muito romântica. Ama histórias de amor e por isso gosta de mim. Ela fala que meus olhos transparecem o quanto estou apaixonado quando falo de você.”

“Oh!” Faço meu som fofo e sinto minhas bochechas queimarem. “Ela te conhece pessoalmente?”

“Todos eles foram para Los Angeles negociar comigo depois da gente falar pelo telefone.”

“Como eles te descobriram?”

“Colen. O irmão mais novo do Travis me conheceu nos tempos da faculdade e quando morei em Nova York. Ele e eu fomos amigos de zoeira, mas jamais passou na minha cabeça que ele era um magnata fodão e violento.” Arregalo os olhos e ele continua: “Enfim, ele deu meu nome para o irmão quando eles precisaram de um novo contador e de propaganda para os negócios em Las Vegas.” Ethan encosta a boca na minha e sussurra como um segredo: “Então foi assim que eu entrei no mundo do crime, amor.” Brinca.

“Seu bobo.” Dou um empurrão no seu ombro e ele pega meus braços e prende acima da minha cabeça.

“Pelo menos fiz você sorrir e nem percebeu que o avião decolou.”

“Tem certeza?”

“Sim.” Se levanta e me puxa. “Agora vamos tomar o remédio e deitar. Vamos colocar você para dormir e não perturbar meu príncipe.”

“Seu príncipe?” Deito a cabeça de lado curiosa.

“Nosso bebê.”

“Hmm... tá.” Abraço-o e deixo a cabeça afastada para olhar seu rosto. “Falando nisso, eu andei pensando. Quando ele, ou ela nascer, vamos chamá-lo assim. É até meio óbvio, mas não ligo. Acho lindo isso.” Ethan assente prestando atenção. “Então eu não vou mais ser sua princesa e mesmo assim,

acho que estou ficando velha demais para ser chamada assim.”

“Você ainda me chama de príncipe.”

Reviro os olhos e digo: “Na minha cabeça às vezes te chamo só de Lindo.” Ele revira os olhos. Ignoro. “Capitão América.” Ele rir alto. “E de príncipe também, mas acho que você seria mais um rei, ou um guerreiro. Então vou parar. Você pode me chamar do que quiser. Está tudo bem, mas *o princesa* deixaremos para nossa filha.”

“Ela vai mesmo ser uma princesa. Vai ter uma mãe linda como você.”

“Ah! Você é tão fofo.”

“Só para você. Você sabe.” Pisca o olho.

“Sei.” Confirmo com a cabeça. “E aí? O que acha? Concorde no que eu disse?”

“Muito e pensei nisso também. Você será minha linda e amada esposa muito em breve e já me acostumei a te chamar de anjo.”

“É verdade.” Falo fazendo charme.

“Talvez pode ser feiticeira, já que você me enfeitiçou desde a primeira vez.”

“Oh!”

“Mas anjo é apropriado, porque mesmo que você não concorde você é meu anjo. Você é a benção na minha vida.”

“Que lindo.” Digo toda boba.

“E tem outro motivo para eu mudar o jeito que te chamo.”

“Ah é?” Afasto meu rosto do seu pescoço. “O quê?”

“Por acaso você sabe se a família da Cora tem linhagem real?”

“Oi? Estou um pouco tonta, mas ouvi direito? Como assim?”

“Eu achei estranho como ela se referiu a você como princesa com tanta propriedade. Então perguntei se o apelido tinha algo mais profundo e ela respondeu sorrindo e assentindo de um jeito bem sugestivo.”

“Você está dizendo que acha que eu sou uma princesa de verdade?”

“Ou uma duquesa. Sua mãe é da Inglaterra e lá é muito fácil achar famílias Reais. Tem muita gente na linhagem do trono bem distante da coroa, mas continuam com o título de realeza.”

“Caramba, Ethan. Se isso for verdade, é loucura demais. Imagina isso.” Falo balançando a cabeça. Acho isso uma grande loucura. “Não. Não pode ser.”

“Só quem pode realmente te responder isso é ela.”

“Meu Deus”, balbucio.

Ele massageia meu corpo e faz carinho no meu rosto. “Okay. Agora vamos esquecer isso.” Beija minha boca. “Vou te chamar do que vier na cabeça, mas duas coisas serão certas. Amor e esposa. Então o resto não importa.”

Abro um sorriso para ele e assinto. “Você tem razão e serei para você o que

quiser. Sua princesa, seu anjo, sua feiticeira, sua safada... O que quiser.”

“Hmm...” ele geme. “Eu gosto disso.”



SEIS HORAS DE VOO e eu praticamente apaguei. Ethan me deu o remédio e só sei que deitei na cama zonza. Agora estou com a cara amassada me fitando no banheiro do jato. Parece até déjà vu. *Nossa!*

Já estamos em Aspen prestes a pousar e então ajeito meus cabelos para poder ficar apresentável aos avós de Ethan, e saio do quarto para falar com os seguranças e a tripulação.

Termino de usar o banheiro e vou pegar o casaco do Ethan em cima da cama. Abro a porta do quarto e vejo Ethan com Prince praticamente desmaiado no colo e sorrio com a imagem do peludinho nos seus braços.

“Ele ainda não acordou?” Faço carinho nos pelos do nosso cachorro.

“A veterinária disse que dura umas seis horas.”

“Já passou.”

“Não. A viagem durou cinco horas e meia, e Jorge deu para ele o remédio um pouco depois de decolar.”

“Mas você mandou ele dá antes.”

Ele sorri de lado, cúmplice. “Jorge ficou brincando com ele um pouco. A aeromoça gostou do Prince.”

“Hmm... tá. Entendi tudo.”

Ele faz um aceno com a cabeça enquanto sorri, mas logo assume a expressão séria.

“Senhores, vamos pousar em três minutos. Sentem.” A aeromoça — muito bonita de cabelos castanhos e olhos verdes escuros — informa.

“Obrigado.” Ele acena e sentamos.

Sinto o avião tomar pressão e parecer de borracha quando começamos a pousar. Após essa sensação, respiro melhor e até Prince desperta.

“Oi, filho.” Levanto ele nos braços e ele me olha com a cabeça caída. Está molinho ainda. “Oh, fofinho.” Aperto-o com carinho nos braços e ele chega a soltar um sonzinho ressonando.

A aeromoça volta para onde estamos e fala que já podemos sair. A porta se abre e primeiro sai os seguranças, Jorge com as duas malas e Ethan com a outra. Sigo ele e bato o queixo de frio quando estamos fora do avião.

“Que frio.” Aperto mais ainda Prince para nos aquecer.

“Ah querida, vem cá.” Ethan passa o braço em volta de mim e vamos para o carro rapidamente.

Todos entram de novo em um Escalade, agora preto. Eu entendo esse fascínio da família do Ethan com esses carros. São confortáveis e grandes, tanto por dentro quanto por fora. Dá todo mundo e na frente os três seguranças ficam confortáveis, apesar que Ethan às vezes insiste de um deles ir em outro carro nos seguindo.

Pegamos a estrada e fico hipnotizada com a paisagem exuberante de Aspen Hills, conhecida também como Ajax. O lugar parece outro mundo, melhor, outro país. Eu diria que a Suíça pelas fotos que conheço, porque mesmo com tanto dinheiro nunca sai da Califórnia.

Meu avô William tinha me contado sobre este lugar, mas vir aqui é diferente do que ouvir suas histórias de como é lindo. As casinhas são de madeira, bem rusticas. Um vilarejo moderno e encantador na melhor arquitetura moderna, mas mantendo a classe antiga. É tudo coberto de neve, tem vários picos para patinar, esqui e andar com as motos de esqui. Tem muitos teleféricos e quando o carro corta o centro comercial vejo que tem várias boutiques e restaurantes famosos.

O carro ganha velocidade e percebo que estamos subindo mais, ficando mais frio. O termômetro que acabamos de passar marca menos 3 graus. Minha nossa vou congelar.

“Você trouxe mais casaco aí?”

Ethan rir e estica o braço para trás de nós e puxa algo, um casaco de pele da cor do Prince cai no meu colo e em cima do próprio cachorro que mesmo sonolento leva um susto.

“Eu sou prevenido e mandei colocarem casacos no carro. Esse é o seu.”

“Hun!”

Faço biquinho, brincando com ele e acabo ganhando um beijo. Visto o casaco com a ajuda de Ethan e ele logo veste apenas um sobretudo preto grosso.

“É o bastante?” pergunto.

“É sim. Eu não sou friorento.”

“Está menos três graus. Isso não é ser friorento, isso é ser humano e eu não quero você doente.”

Ele ergue as sobrancelhas e me puxa para ele. “Se eu adoecer, você cuida de mim.”

“Você que está dizendo”, entro na sua brincadeira.

“Tenho certeza.”

“Convencido”, digo rindo e ele me beija.

Pouso a cabeça no seu ombro e quando entramos em uma rua com muros altos aprumo a postura. Paramos em frente à portões de ferro negros e altos, muito altos. Em cima está o sobrenome da mãe de Ethan: L_{YON}.

Acabo de me tocar que eu provavelmente não lembro dos avós dele. Eu era criança demais quando os conheci, provavelmente uns sete anos, porque conheci Ethan com quatro/cinco anos.

Os portões se abrem e entramos, praticamente minha boca se abre junto. Não é porque estou acostumada com luxo que não vou abrir a boca para esse *quase* castelo de neve. A estrada que leva para a casa tem árvores no caminho. São pinheiros gigantes e lindos. Algumas árvores de inverno que tem flores azuis e outras rosas. Parece um sonho.

Me debruço no vidro do carro maravilhada como se eu fosse uma criança indo à primeira vez na Disney.

“Que perfeito Ethan.” Digo e minha voz sai sonhadora.

Sinto suas mãos na minha cintura. “Eu adoro esse lugar.” Murmura perto do meu ouvido.

“É um lugar encantador.” Volto a me sentar normal com Prince se agitando no meu colo. “Queria ter vindo aqui antes. Estou apaixonada.”

“Fico feliz com isso.” Ele diz sorrindo e o carro para. “Vamos conhecer vovó e vovô. E não ligue para eles. São um pouco como Anton.”

“Engraçados?”

“Palhaços.” Ele corrige rindo.

Sáimos e fico ao lado dele subindo os oito degraus para as portas de madeira dupla da mansão. A casa tem dois andares — contando com apenas as janelas e porta do andar de baixo e as seis janelas da frente, em cima — mas ela tem um tamanho de três andares e fora o teto da casa, com um bico lindo de madeira escura fazendo contraste com a cor da casa perola. É perfeita.

“E ele veio mesmo”, diz uma senhora com olhos castanhos esverdeados, os olhos do Anton e um sorriso acolhedor, o sorriso de Lauren. Os cabelos castanhos pintados e tem até mechas mais claras. O corpo é bonito, ela me lembra as atrizes de Hollywood mais velhas. É muito bonita como todos da família Lyon.

“Vovó.” Ethan diz com a voz rouca cumprimentando-a e vai abraçá-la.

“Que saudades de você, meu querido. Como está? Fico contente que esteja com saúde. Está grandão.” Ela fala passando as mãos nos ombros e braços dele.

Tenho que concordar: Ele está cheio de *saúde* mesmo.

“Certo, certo vovó. Venha aqui. Deixa eu te apresentar minha noiva.”

“Noiva?” Fala em um misto de curiosidade e humor.

“Na verdade, a senhora a conhece, mas tem muito tempo. É a filha dos

Colton — ” Ele trava no meio da frase.

Sorrio mostrando que está tudo bem e eu continuo sendo mesmo a filha dos Colton. William Colton.

“Vó, essa é Victoria, amor essa é a senhora Lavínia Lyon.”

“Ora, ora. Que bela menina você tem meu filho.” A senhora diz e rio, porque parece frase de filme de época. *Ela fala como vovó Maya.*

“Obrigada. A senhora é muito gentil.”

“Mas que senhora nada. Você vai casar com meu neto, então vai ser minha neta e vou avisando. Eu quero bisnetos logo.” Fico vermelha, mas ela nem liga, se vira para Ethan que sorri de orelha a orelha e fala: “Anton me ligou ontem e disse que a pequena esposa dele está grávida de novo. Dois bisnetos dele e agora eu quero um seu.”

“Okay, vovó. Vou fazer um só para a senhora.” Ele troca um olhar comigo e automaticamente minha mão afaga minha barriga.

“E vocês tem um cachorro. Que lindinho. Qual o nome?”

“Prince”, respondo orgulhosa do meu peludo sendo acariciado por ela e logo em seguida roubado dos meus braços.

“Um rapazinho. Cherí vai amar ele.”

“Cherí?” Eu e Ethan perguntamos ao mesmo tempo seguindo a senhora fofinha para dentro de casa.

“Gideon me deu um cachorro de presente semana passada.”

“Hm...” Ethan assente pensativo e eu fico com cara de paisagem. “Que foi?” ele pergunta para mim.

“Quem é Gideon?” Cochicho.

“Meu avô.”

Como um filme todas as informações que eu tenho de muitas coisas vem na minha cabeça e o nome dele vem como uma explosão. *Gideon Lyon* é um produtor executivo e diretor de Hollywood. *Será que é o mesmo? Como eu não me toquei antes?* Quer dizer, eu não lembrava que o nome dele era Gideon.

“Seu avô — ”

“— é um diretor de cinema e produtor.” Ele completa. “Mais conhecido por causa da série Guerra das Estrelas, onde foi um dos produtores e o último ajudou na parte de direção. Ultimamente trabalha em alguns projetos da HBO e produziu o último Indiana Jones.”

“Minha nossa!” Falo sorrindo e espantada.

“Quer entrar em Hollywood, amor?” Ethan pergunta e solto uma gargalhada.

Meus olhos correm pela casa chique e bem equipada com tudo de moderno e luxuoso. Lembra bastante a minha, sendo que tem muitos animais de enfeite.

Cabeça de Alce, cabeça de Urso. Tudo de mentira. Artesanal e tem um Leão de tamanho verdadeiro perto das escadas de madeira clara e os tapetes são de pele de animais ou persas. As cores que sobressaem na casa são vermelho, marrom, marfim, bege e cinza.

A lareira é de tijolos cinzas e tem um quadro com a pintura da família: Gideon, Lavínia, Lauren, Aaron, Anton e Ethan. Jennifer e Hanna estão em um quadro gigante com Anton em um corredor cheio de fotos com molduras marrões, parecido com o murro de fotos da casa de Lauren.

Um senhor parecido com a versão do George Clooney — um pouco mais velho e mais magro — corta a sala principal que tem um sofá marrom de camurça em L, e três poltronas caramelo do outro lado da mesinha de centro, de vidro e madeira, que eu acho que era um tronco de árvore.

“Ethan, meu neto.” O senhor fala sorridente e de braços abertos. Eles se abraçam fortemente e Gideon me olha atento. “Essa é a sua garota? Que bonita.”

Fico vermelha de novo e ganho um abraço do avô de Ethan. Nos soltamos e sorrindo — compulsivamente — cumprimento-o:

“É um prazer conhecer você.” Uso o tom informal para ele não dizer o que ouvi da vovó.

“Já gostei dela. Me chamando de você, não de senhor. Eu sou velho, mas família não tem que ser assim.”

“Menos quando o assunto é sério.” O neto completa.

“É diferente, meu filho e ela podem me chamar de vovô ou vô.” Assisto ele começa a andar para dentro da casa. “Vamos almoçar. Lavínia não me deixou tocar na comida enquanto vocês não chegaram. Essa velha está ficando terrível.”

“Velha? Eu ouvi isso Gideon?”

“Oh, querida. É força de expressão. Você é uma senhorinha muito linda ainda.” Ele fala indo até ela.

Deixo minha risada sair e Ethan envolve minha cintura com seu braço. Deito a cabeça em seu ombro e vamos para a sala de jantar comer com seus avós. Estou realmente leve e é tão bom estar aqui, mesmo não sendo planejado. Sinto que essa viagem vai ser boa.



DOMINGO, 07 DE FEVEREIRO DE 2014.

ETHAN TEM RAZÃO, depois de passar um dia com seus avos percebi que Elizabeth e Ryan me tratam como neta. Não lembro de ter ganhado uma bronca séria deles, bem,

eu acho que ela dá aqueles puxos de orelha básico, mas logo está mudando de ideia e me ajudando.

Quando comecei com a fixação com os animais de rua. Elizabeth me chamava de domadora de animais, porque até os mais ariscos ficavam mansos comigo e eu conseguia pegar e cuidar deles. Com isso, Ryan fez a instituição de animais de rua para eu continuar a cuidar deles e muitos outros. Will ficava uma ferra quando eu levava um animal para casa. Cora me ajudava a cuidar deles e na frente do Will dizia que seria só por um dia, mas na garagem de casa me deixava ficar com o bichinho uma semana às vezes.

Essas lembranças inundam meu cérebro, meu coração. *Ah como eles me amam.* E eu também, não seria nada sem eles. Na verdade, eu não estaria aqui sem eles terem lutado por mim e continuam lutando. Sinto falta deles, sinto o tempo todo e quando estou longe preciso ouvir a voz deles.

Desde que estou com Ethan, fiquei mais independente. Deixei de ser a garotinha do Will, sempre fui chamada assim e nunca veio na minha cabeça que eu era a garotinha do papai. Para mim ele só era um grande irmão protetor e incrível. Meu amor por ele é forte, sempre foi e acho que agora sinto-o mais forte. Tanto por ele, quanto por Cora.

“Que cara é essa?” Ethan questiona tirando os olhos da estrada rapidamente para me ver.

Estamos indo para cidade e sozinhos. Aqui estamos mais livres e ridiculamente sinto-me esquisita sem os seguranças nos seguindo. Acho que vai levar um tempo para eu me acostumar com essa liberdade, mesmo que temporária. Ethan disse que não é temporária. Que eu vou logo, logo andar e fazer o que quiser sem medo.

“Acho que a ficha está caindo.” Respondo.

“Sobre?”

“Minha família.” Murmuro e viro o rosto para as montanhas. “Cora, Will... Elizabeth e Ryan.”

“E?”

Respiro fundo, pisco os olhos e sentindo alívio suspiro. “Tanta coisa faz tanto sentido e eu... só quero que a gente tenha uma vida melhor. Que nós possamos ser a família que deveríamos ser desde sempre. Cora e Will, meus pais e Elizabeth e Ryan, meus avós. E você tem razão. Eles me tratam como neta mesmo.”

“Eu disse que você ia ver a diferença.”

Olho para o seu perfil e deito a cabeça. “Você desconfiava de alguma coisa?”

“Hmm...” ele coça a barba com a mão aberta e me olha de soslaio. “Não

isso, mas teve uma vez... Logo que nos reencontramos. Naquele jantar que fizeram para minha volta, na sua casa.”

“Sim.” Lembro muito bem desse dia.

“Quando eu vi Cora descendo as escadas, ela me lembrou você. Eu pensei que ela me lembrava alguém e pensar na garota estranha da academia era uma coisa de maluco e em você mais ainda. Então ignorei isso.”

“Você acha que eu pareço com ela?” Pergunto curiosa e até um pouco feliz. Cora é linda.

Paramos o carro e ele desliga. Vira o corpo para mim e assente.

“Acho. Olhando atentamente seus cabelos são claros como o dela, o queixo e o nariz também são dela. Os olhos, não tente negar, eles são esverdeados e sua família tem olhos azuis e do Will é um azul acinzentado. Seus olhos são verdes e cinza, apenas na luz forte do sol — às vezes — fica azulado.” Ele faz um aceno com cabeça como descobrisse algo. “Você tem a cor dos olhos dela e do Will misturado.”

Abro um sorriso e mordo o lábio tentando esconder.

“Você gosta de parecer com ela.”

“Gosto.” Afirmo sabendo que ele não me perguntou. “Eu sempre achei ela uma mulher linda. Quando criança imitava ela e roubava seus sapatos e roupas. Sempre quis parecer com ela.”

“E você parece.”

“Na rua perguntavam se ela era minha mãe.” Murmuro baixo. “E ela dizia que não.” Meu coração se aperta e meus olhos enchem d’água. Não consigo evitar.

Ethan pega minhas mãos e não diz nada. Ele sabe o que eu devo estar sentindo. Pisco e respiro fundo.

“Quero um dia recompensar ela. E ele também.”

“Você vai poder e eu vou te ajudar.”

Assinto ainda emocionada e me jogo nos seus braços. Melhor lugar do mundo todo. “Obrigada por estar ao meu lado.”

“Não sei mais aonde eu deveria estar”, fala e beija meus cabelos. “Agora vamos respirar e fazer compras”, diz como um resmungo e acabo rindo me afastando dos seus braços.

“Vou fazer valer a pena.”

“Só se comprar uma lingerie e dançar para mim na casinha que meus avós deixaram para nós.”

Ah... a casinha é linda. Um andar só, toda de madeira clara. As cores predominantes continuam as mesma da casa principal e o mais legal é que é distante. Ethan ficou contente com isso. Disse que vamos poder fazer *barulho*.

Tarado.

“Se você se comportar. Eu compro e danço para você.”

Ethan sorri de lado e me beija tirando meu ar. “Deixa que eu compro. Vou destruir ela mesmo e vamos logo. Agora quero chegar em casa.”

Rio e vejo-o sair do carro, dá a volta e abrir a porta para mim. Saio e ele me imprensa com seu corpo no carro. Ainda bem que estava na garagem e está limpo. Quero nem imaginar ele coberto de neve como alguns carros que vi pela cidade.

Suas mãos agarram minha cabeça com seus dedos enfiando-se em meus cabelos. Ethan beija meus lábios furiosamente, sem paciente e enfia a língua na minha boca. Me dando um beijo mais forte que o de dentro do carro, me aquecendo e facilmente fazendo meu corpo deixar de perceber que está menos 3 graus. *Oh céus.*

“Ethan,” solto seu nome sem fôlego e tento puxar o ar e limpar minha boca. Devo estar com cara de beijo. Meus lábios estão quentes, molhados e quase dormentes.

Ele ri, todo confiante e pega minha mão.

“Vamos logo, querida.”

Sigo-o rindo. *Inacreditável.* Ele nem está abalado com o beijo e sua suave ereção. Seu autocontrole é discutível às vezes.



“VOCÊ PARECE SUCULENTA NOIVA.” Ethan fala me comendo com os olhos, provavelmente ansioso para arrancar a cinta-liga, o sutiã, a calcinha e o corpete preto que ele comprou na Lincherie, uma loja de lingerie famosa que felizmente tem por aqui, não que a Victoria Secret não tenha, mas ele gostou da lingerie que estou usando neste momento.

“Estou tão feliz que vou deixar você destruir essa beleza *aqui.*”

“Ah é?” Questiona entrando mais no quarto.

Mandei ele ver Prince, que a avó dele roubou de nós enquanto eu colocava meu presente. *Ou seu presente.* Nunca sei de quem é o presente quando se trata de lingerie.

Os avós Lyon estão vendo TV com os cachorros e tinham dito que dormem cedo. Então após o jantar, que comemos depois das compras, eu e Ethan programamos para fazer nossa dancinha.

“É”, sussurro sensualizando e mexo os quadris.

Ele avança para cima de mim e me derruba na cama, atrás de mim.

“Pode me dizer porquê?”

“Porque hoje eu me senti uma garota normal. Que nem aquela vez que fomos as compras na Rodeo Drive. Eu amei aquele dia, assim como amei hoje.”

“Sabe que eu vou te dar mais, não sabe?” Ele diz olhando dentro dos meus olhos.

Suspiro me sentindo completamente feliz e dele.

“Eu sei...”, perco a respiração e engulo seco. “Eu sei disso e por isso nunca vou poder te agradecer o suficiente.” Ele abre a boca, mas coloco o dedo, parando-o. “E eu sei o que você pensa. Por isso me sinto tão completa. Não tem um dia que eu não me apaixono por você de novo.”

Seus olhos ganham um brilho emocionado e ele me beija suavemente. “Isso é só o que me importa. Te fazer feliz e minha.”

Assinto veemente. “Eu sei.”

Ethan me beija nos lábios e enfia o rosto nos meus seios fazendo um barulho engraçado. Dou risada com a cosquinha que sua barba faz e empurrou ele. Seus olhos fitam os meus e ele me beija de novo. Um beijo mais demorado e acentuado.

“Por que sempre que estamos de bem, estamos transando?” Franzo a testa.

“Está reclamando?”

“Jamais” falo humorada fingindo estar exaltada.

Ele me beija e murmura na minha boca. “Ainda bem, porque fazer amor com você é a melhor coisa que eu faço no mundo. Te amar, devorar e fazer você gozar.”

Rio e o puxo para mim. “Sorte a minha.”

“Sorte *a* minha.” Repete com propriedade. *Ah! Esse homem.*



TERÇA-FEIRA, 09 DE FEVEREIRO DE 2014.

ENTRO NA BANHEIRA & FECHO OS OLHOS quando a água quentinha me cobre os ombros e deito a cabeça no encosto macio da banheira. Corro minhas mãos por meu corpo e deixo na minha barriga. Faço um carinho sobre ela e curvo meus lábios em um sorriso tranquilo. Meu bebê está crescendo.

Como ele será, ou ela?

Às vezes quero uma menina, mas quando lembro do sonho e do bebezinho.

Um menino lindo e tão parecido com Ethan, meu coração se enche de alegria de ter um *mini* Ethan nos meus braços.

Faço um som sonolento e sorrio com os pensamentos no nosso bebê.

Uma sombra passa na borda da banheira, abro os olhos subindo o rosto e vejo meu *Lindo* sorrindo para mim. E está lindo mesmo. Todo de preto e os braços afastados porque as mãos estão na cintura. Minha postura preferida. Meu *Capitão América* lindo e todinho meu.

“Viu alguma coisa aí?” Pergunta mexendo as sobrancelhas e fitando minhas mãos.

Sorrio e assinto. “Acho que já tem algo para ver sim.”

Ethan abre mais o sorriso e começa a se despir na minha frente. Tira a calça grossa e a camisa de manga longa que colocou para pegar as coisas para o café da manhã na casa principal. Fiz ovos mexidos, pão torrado e café forte do jeito que ele gosta. Amo cozinhar para ele. Me sinto bem em cuidar do meu amor. Estamos brincando de casinha aqui tem três dias certos e estou nas nuvens.

Enfim nu, ele enfia a perna dentro d'água. Sorrindo escorrego para frente, dando espaço para ele se sentar atrás de mim. Quando se acomoda, ele me puxa para os seus braços e deito meu corpo sobre o dele, minhas costas colada em seu peito largo e forte. Nos encaixamos perfeitamente. Amo ficar assim com ele.

Suas mãos correm por meus braços e encontram minhas mãos, ainda sobre minha barriga. Ethan espalma as mãos sobre meu ventre e fecho os olhos com seus dedos fazendo círculos e pressão na minha pele. É relaxante sentir seu carinho e sentir que ele está neste momento me amando e ao nosso filho.

“E não é que ache que você tem razão.” Sua voz tem um misto de humor e curiosidade. Ele afasta um pouco minhas mãos da minha barriga para sentir melhor e circula com o dedo indicador meu umbigo.

“Mm...” Gemo, ficando mole em seus braços.

“Tem uma voltinha aqui que não tinha.”

“Você acha mesmo?”, minha voz sai esperançosa.

“Acho sim.” Solto uma risada e suas mãos sobem até meus seios segurando-os com vontade. “E eles estão maiores. Na verdade, mais lindos e cheios.”

Solto um gemido de novo sentindo seu aperto nos meus peitos, juntando eles e seus polegares acariciam meus mamilos que estão ficando duros.

“Amo como seu corpo reage a mim. Me quer tanto quanto te quero.” Murmura no meu ouvido e sinto seu corpo me querendo também embaixo de mim. Sinto sua leve ereção crescendo.

“E quer mesmo. Muito. O tempo todo.” Junto minhas mãos com as dele nos meus peitos e ajudo-o a me acariciar. É eroticamente uma cena deliciosa. Nós

dentro d'água nos provocando. “Aí! Como eu amo suas mãozonas.”

Ethan solta uma gargalhada forte e rouca no meu ouvido que me faz rir e acender por dentro.

“Minhas mãozonas.” Repete e aperta as próprias em meus seios novamente.

Jogo a cabeça mais para trás e logo sua boca está no meu pescoço. Seus braços circulam meu corpo sob as costelas e sou puxada para cima. Ele deixa as mãos encontrar meus seios novamente e aperta enquanto sua boca mordisca meu pescoço, orelha e virando o rosto. Minha boca encontra a dele e minhas mãos vão para cima, encontrando seus cabelos e dou o apertão que amo.

Sua língua escorrega na minha, se enrolando. Ele suga minha boca, língua e eu seguro com vontade seus cabelos para não ter um pouquinho de espaço entre a minha boca e a dele. Deslizo minha língua na sua e sinto seu gosto. Pasta de dente de menta e seu próprio gosto. Nos devoramos em um beijo delicioso de língua. Ethan geme enquanto me beija, acompanhando meus gemidos também. Chupo sua língua e ele faz o mesmo em meu lábio inferior. Ah! Como eu amo seus beijos.

Começo a sentir minhas entranhas aquecerem, meus seios pesarem e com certeza estou molhada, muito mais do que pela água da banheira.

As mãos do meu príncipe vão deixando meus seios, apalpando meu corpo. Minhas costelas, a curva da minha cintura, a volta dos meus quadris e enfim dentro das minhas coxas. Ele suavemente abre minhas pernas e seus dedos fazem pressão na minha pele, se encaminhando para onde eu sei que ele quer chegar.

Dou um gritinho quando sinto seus dedos na ponta do meu clitóris.

“Está sensível?” Questiona com a boca colada à minha ainda.

Assinto e suavizo minhas carícias nos seus cabelos. “Um pouco.”

“Mas não transamos têm quatro dias.”

É, realmente não transamos tem quatro dias. Sexta foi um dia agitado. Segredos, revelações, choros e muita emoção. Sábado, viemos para cá, saímos e jantamos. Domingo, foi dia de dar atenção aos *avós Lyon* — como vou chamá-los — e apesar da brincadeira com a lingerie, eu acabei pegando no sono com suas carícias. Vergonhosamente adormeci e ele me acordou na segunda dando beijinhos e todo fofo — não mereço um homem que mesmo sendo deixado na mão, me acorda com carinho — e depois fomos passear com os avós dele na cidade. Hoje, ainda estamos começando, né.

“Deve ser tesão acumulado.” Murmuro.

Rio e ele me acompanha, me dá um beijão estalado na boca segurando meu queixo. “Terrível.”

“Eu estava cansada esses dias, mas sempre quero você.” Passo meu nariz no

seu e agarro seus cabelos, deixando claro para ele continuar de onde parou.

“Que bom.” Ele afirma. “Domingo eu tive que usar minha imaginação para não acordar com a bolas roxas.”

Mesmo que ele tenha murmurado isso com a voz sexy no meu ouvido, solto uma gargalhada.

“Pare de rir. Porque agora você vai me pagar.”

“Vou?” Sussurro e me solto dele, mesmo amando seus dedos em mim. Fico de joelhos, viro-me para ele e monto suas pernas.

“Vem mais para cá.” Ethan rosna e me puxa, fazendo eu ficar bem em cima dele. Segura seu pau e esfrega a cabeça em mim. Fecho os olhos e jogo a cabeça para trás quando ele me faz sentar *nele*, me invadindo, abrindo. Penetrando deliciosamente lento.

“Ai! Merda, Ethan.”

Suas mãos, firmemente me segurando pela cintura, me apertam. Ele me faz subir e descer nele. Estou sensível mesmo, porque sinto cada pedacinho dele dentro de mim. É incrível. Deliciosamente doloroso.

“Vamos, amor. Assim. Me cavalga.”

Grito quando ele empurra para cima e agarro com força seu ombro, cravando minhas unhas na sua pele. Vai ficar a marca e eu sei que ele adora. Ganho velocidade e subo e desço nele. Rápido e certo.

O *jeito* que ele me aperta a cintura, me enlouquece, mas elas correm por meu corpo, encontram meus seios e os aperta. Ele pede para ir rápido. Estamos fodendo, sendo selvagens.

As mãos dele vão parar nas minhas costas e meu corpo é puxa para ele. Logo seu boca está sugando meus seios e minhas mãos ainda estão nos seus ombros. Arranho sua pele e subo até seus cabelos. Abaixo o rosto e cavalcando seu pau, beijo selvagemmente seus cabelos, me deliciando com sua boca nos meus peitos.

As mãos dele percorrem agora todo o meu corpo. Sinto-o em minhas costas, cintura, bunda e nas coxas. Ele enche as mãos nas maçãs da minha bunda e me faz mexer o corpo para frente e para trás quando desço mais o corpo ficando sentada nele.

Puxo seus cabelos expondo seu rosto para cima e olho dentro dos seus olhos. Deixo que ele veja o que faz comigo. Então abaixo o rosto e começo a beijá-lo furiosamente. Ele solta um som com a garganta animalesco enquanto me ama tão ferozmente e as mãos me apertam, me impulsionam, assim como ele joga a pélvis para cima, me penetrando profundamente.

Eu me mexo, ele se mexe e a água da banheira vaza, molhando tudo e que sorte que fica dentro do box com o roda pé alto. Iria fazer um estrago senão

fosse assim.

“Oh céus, Ethan!” Exclamando deixo de beijar ele, para tomar ar. Jogando a cabeça para trás.

“Céus mesmo meu anjo.”

Ele pega meus cabelos e inclina meu rosto para ele, e volta a me beijar, enfiando a língua profunda na minha boca e agarrando meus cabelos do jeito que me faz arranhar com força suas costas. Estamos no meio da banheira e ainda bem que é grande. Mesmo, assim, os músculos das minhas coxas estão queimando por causa da posição que estou e porque estou quase gozando.

Ethan enfia uma das mãos no meio das minhas pernas e encontra meu clitóris inchado. Grito quando ele faz círculos e pressiona. Está querendo que eu perca a cabeça e perco mesmo. Jogo a cabeça para trás, sentindo meu núcleo apertar com força seu pau. Gozo gemendo como se estivesse com dor e é quase isso que sinto. Uma descarga tão grande que o ar me falta.

Mas ainda tenho fôlego para cavalgar com mais força para *ele* perder a cabeça. E finalmente ele fecha os olhos e morde a boca. Fico maravilhada com a cara sexy e erótica que ele está fazendo enquanto seu orgasmo vem quente e grosso dentro de mim.

Minhas mãos pegam seus rosto e junto nossos lábios. Beijo-o de língua. Olhos fechando, sentindo seu gosto almiscarado, sentindo ele amolecer dentro de mim, sentindo suas mãos apertando meus cabelos da nuca, sentindo meus seios sendo prensados no seu peito. Sentindo todo seu amor e dando o meu. Nunca vou cansar disso.

“Nunca, nunca, nunca mesmo” sussurro enquanto beijo, mordo e sugo sua boca.

“Hm?”

“Nunca vou cansar disso”, esclareço sem voz ainda.

“Fico muito feliz de saber disso.” Ele diz orgulhoso com os olhos famintos e completamente satisfeitos.



SEXTA-FEIRA, 12 DE FEVEREIRO DE 2014.

UMA SEMANA EM ASPEN é como viver um sonho interminável. Queria estar completamente feliz por estar aqui, mas saber as circunstâncias que me trouxeram aqui...

Curtir esse tempo aqui, os avós do Ethan, Gideon e Lavínia são perfeitos. Eu já os amo, de verdade. Hoje é nosso aniversário de namorado. Nem acredito.

Quatro meses juntos.

Meu coração nunca esteve tão aflito e feliz ao mesmo tempo. Eu nunca, nunca mesmo pensei que teria alguém e jamais sonhei que *um Ethan* existisse no mundo. Para falar a verdade, às vezes penso que estou tendo aqueles tipos de sonhos, que parece tão real que chega a ser triste acordar e ver que ele não é real. É tão perfeito que fico louca com ele.

E para comemorar quatro meses juntos viemos jantar na cidade, mas antes vamos fazer uma paradinha nas lojas. Viemos cedo demais e já que vou passar pelas lojas vou comprar algo para Clara, a minha doida preferida no mundo todo faz aniversário depois de amanhã.

Passando pela calçada linda de pedras, uma vitrine me chama atenção e me aproximo, tanto que já estou entro na loja. Uma loja de roupas de criança e sinto meu coração acelerar. Não sei porque me sinto tão emocionada em fazer isso, mas me sinto mesmo assim. Ando até as roupinhas de inverno pendurados nos cabides e pego uma.

Engulo em seco vendo ela na minha mão. É um casaco de frio, para o ar gelado de Aspen justamente na estação que estamos, inverno. É caramelo, mais ou menos da cor de Prince. Sorrio com isso e sinto meus olhos brilharem de ver minha garotinha dentro de um desses. Tem um lacinho do lado, bege claro para sobrepor a cor total dele. Coloco minha mão dentro e apenas três dedos passam no bracinho. É para um bebê de uns quatro meses. Respiro fundo e vejo de canto de olho a atende da loja.

“Boa tarde. A senhora gostaria de ajuda?”

“Estou apenas olhando.” Respondo e fico indecisa de colocar o casaco no cabide. “É lindo.” Me refiro ao próprio casaquinho nas minhas mãos.

“Esse modelo é novo. Chegou tem um semana.”

“É muito fofo.” Digo e completo: “Literalmente.”

“Verdade.”

Assinto e como ela continua perto de mim, franzo a testa.

“A senhora gostaria de ver algo em especial?”

Abro e fecho a boca umas três vezes. Olho para o lado de fora da butique de moda infantil, para ver se vejo Ethan. Meu objetivo era comprar meias. Estou com frio nos pés na hora de dormir e Ethan disse que ia ver o restaurante para jantarmos enquanto isso.

Ainda nem acredito que não tem Ken, Jorge ou Raul do lado de fora da loja, como fui acostumada à minha vida toda e nem mesmo meu noivo super protetor.

Quando ele falou para eu vir comprar as meias e encontrá-lo no carro que está estacionado em frente à loja do lado que estou — na hora que saí do carro, há vinte minutos, meus olhos ascenderam para as roupinhas de bebê e crianças

— eu achei que ele estava zoando comigo.

Enfim, já se passaram alguns minutos, ninguém está me pressionado a andar logo, então volto minha atenção para a vendedora — louca para vender.

“Eu queria algo para menino.”

Ela sorri e prontamente anda para o outro lado da loja. Acompanho e a escuto dizer: “Quantos anos ele tem?”

Fico parada ao seu lado e abaixo a cabeça. Acho que oito semanas, penso a resposta óbvia.

“É para um bebê, mas seria legal para um menininho de um ano, ou dois. Sei lá.”

“Ah, sim.” Ela faz e me olha compreendendo minha lógica. “Vou mostrar algumas coisas neutras e se você quiser tudo bem.”

“Obrigada.”

A vendedora começa a mostrar várias roupinhas. De menino e de menina. Fico apaixonada por quase tudo e tenho que me controlar para não comprar todas as peças. Nem sei qual é o sexo do bebê e já estou fazendo compras de roupas de inverno e eu moro em Los Angeles, onde usar casaco da grossura dos daqui e de pele, é complicado e raro. Então me controlo.

Depois de quinze minutos saio da loja com apenas uma sacola, mas que engana, além de grande tem dez itens. Dez roupinhas para bebês e duas peças para no máximo dois anos. Comprei também um casaco para Hanna, que está na outra bolsa de papelão da loja embrulhado para presente. É um casaco lindo que vai até os joelhos dela e imita pele de Leão. Ela vai adorar. É toda chique.

Encontro Ethan com o celular na orelha e a outra mão no quadril. A postura erguida e poderosa. Parece estar no modo de poucos amigos. Arrogante. Sorrio e escuto meu celular tocar.

“Está me ligando?”

Ele se vira como um furacão e me fuzila com os olhos. “Onde você se meteu?”

Sorrio apertando os lábios, culpada, e ergo as sacolas para ele ver.

“Comprei as meias e um casaco de dormir para mim e fui nessa loja ali.” Digo e faço um gesto com a cabeça para o lado, indicando a butique.

Ele relaxa — mais ou menos — e anda até a mim. “Você poderia ter me falado onde estava. Não estou acostumado com você andando sozinha por aí e eu cheguei aqui e não te achei. Fui até a loja que você disse que ia e nada. Voltei e nada. Entrei em pânico.”

“Desculpe. Eu fiquei tão entretida com as roupinhas que esqueci de mandar uma mensagem. E você tem razão, é tão diferente andar sozinha.” Falo e dou um leve sorriso suspirando.

“Tudo bem.” Ele acena e beija minha testa. “Certo. Agora vamos jantar. Consegui marcar para — ”

“Espere.” Corto e ele para com a mão no porta malas do carro.

Ele pegou o Mustang do avó emprestado. Disse que não ia ficar andando com um mostro de carro que é o Escalade para cima e para baixo.

Me olha atento e franze a testa. “O quê?”

Respiro e sinto a garganta seca. Chego perto dele e ponho as sacolas com minhas coisas e o presente da Hanna na mala aberta e tiro de dentro uma caixinha, porque tudo fica dentro de uma caixa retangular com um papel protegendo. Abro a caixa e tiro o casaco azul escuro que escolhi para menino.

“Olha.” Digo sentindo um carroço preso na garganta. “Não é lindo. Imagina ele aqui dentro.”

Ethan respira fundo e abaixa minhas mãos que estava tampando meu rosto mostrando a roupinha. Ele pisca e chega mais perto de mim.

“Quería te mostrar. Quería te fazer feliz.” Digo fungando porque sou uma idiota.

Seu rosto se contorce de culpa e ele limpa meu rosto com os polegares passando nas minhas maçãs.

“Desculpe. Fui frio com você. Na verdade, eu nem me toquei o que era a loja. Há quinze minutos estava nervoso te procurando, amor.” Ele me puxa para um abraço e beija meu rosto. “É lindo e eu sou feliz, não estou. Você me faz feliz. Me perdoe a indiferença.”

Assinto e me afasto um pouco. “Eu sei e desculpe de novo não te avisar. Fiquei tão apaixonada com as roupas e imaginando nosso bebê.” Pisco e respiro para não chorar mais. “Quería que você se concentrasse nisso. Nele... ou nela.”

Seus olhos ganham culpa e remorso. Então rapidamente faço carinho no seu rosto.

“Não fica assim, Ethan. Eu sei que é muita coisa na sua cabeça, mas eu queria tanto que fosse só nós três. Pelo menos agora. Só nós.” Fungo e limpo o rosto. “Odeio chorar toda hora. Não queria chorar na sua frente. Quero ser forte, mas — ” choro mais e ele me abraça de novo.

“Não tem problema, amor. Não precisa segurar isso. Eu não choro porque acho que sei me controlar mais e você está grávida, os hormônios estão passando por altos e baixos.” Ele beija meus cabelos. “E vou me concentrar mais em vocês. Prometo dar mais atenção ao nosso bebê.” Ele murmura.

“Tudo bem, Ethan.” Murmuro também me sentindo melhor.

“Você pensa na minha felicidade o tempo todo e eu na sua, mas talvez eu me concentrei apenas em um ponto e esqueci outro.” Ele afasta meu rosto e segura, dando beijinhos nos meus lábios. “A partir de agora prometo focar em

você, na sua gravidez. Vai ser a minha prioridade. No nosso bebê. Em nossa família. Na minha família que eu amo mais que a mim mesmo.”

“Eu sei, eu sei,” assinto repetidas vezes. “Eu sei querido.”

Ele sorri, meio sem graça e me solta. Pega a roupinha com suas mãos tão grandes e ergue sobre as vistas para olhar melhor.

“Meu filho vai caber aqui? É pequeno demais.”

E, assim, tão fácil ele me faz sorrir como um dia de sol depois da tempestade. Me jogo nele e o abraço de cheio. Um abraço apaixonado como se eu estivesse com saudades. Seus braços caem e ele me aperta. Tem mil e uma forma de dizer a pessoa que você gosta, que a ama e nem sempre são com palavras. Eu e Ethan sabemos pelo menos — até agora — algumas cem formas e *contando...*



RETOCO A MAQUIAGEM NO BANHEIRO DO RESTAURANTE e saio. Meus olhos vermelhos e levemente inchados fizeram o maître me olhar estranho. Meu rímel borrado e a pouca base que passei no rosto ficou destruída. Tinha feito de tudo para não chegar no restaurante com cara de choro e os óculos escuros foram meus heróis, porém eu fui a louca das sete da noite de óculos escuros.

Volto para onde Ethan está me esperando no bar e abraço seu corpo sentado por trás. Ele pega minhas mãos em seu peito e entrelaça nossos dedos.

“Você demorou muito.”

“Exagero seu. Se eu tivesse demorado você já estaria sentado na nossa mesa.”

Ele resmunga e me puxa se virando no banco e me encaixando no meio das suas pernas. “Estou morrendo de fome e eles me enrolando, assim eu volto para casa.”

“Por que não vamos?”

Seus olhos brilham interessados. “Porque eu estou com fome.”

“Eu sirvo para que?”

Ele abre o seu sorriso feliz e me beija rápido na boca. “Vai cozinhar para mim?”

“Por que não? Quando nós casarmos vou ser uma esposa de verdade. Sei que temos dinheiro, mas eu gosto de te agradar.” Reviro os olhos. “Tenho que aprender a fazer algumas — muitas — coisas, mas eu sei fazer algumas coisas

que você gosta. Ruby me ensinou e a Margot também. Sei cozinhar tudo.”

“Tudo?” Fala com humor.

Empurro seu ombro de brincadeira. “Sei, sim. Margot me ensinou quando eu tinha meus quinze anos a fazer comida. O básico para não ficar sem fazer nada. Então sei cozinhar legumes, ovos, frango. Algumas receitas.”

“Qual o mistério de cozinhar um ovo?”

“Ah, amor. Tem que saber o tempo certo para ele não ficar cru ou passar do ponto. Os legumes também e sei fazer café da manhã — ”

“Eu sei que sabe”, diz interrompendo e aperta os braços em volta de mim.

“Para.” Seguro suas mãos atrás de mim. “E eu sei fazer macarrão, lasanha, ravióli, risoto, tortellini e nhoque.”

“Você nunca fez ravióli para mim.”

Faço beicinho e beijo-o. “Então vamos para o chalé, não casinha”, lembrei da avó dele falando isso e rio, “e lá eu faço para você.”

“Mas se não tiver os ingredientes?”

“Passamos no mercado antes. Sem problema.”

Ele sorri e pega minhas mãos que o estavam travando e prende as dele atrás de mim.

“Você está se saindo melhor que encomenda.” Me beija moderadamente selvagem para um restaurante chique e me solta se levantando do banco.

O metre do restaurante nos encontra indo para a saída e apressa o passo. “Senhor, sua mesa estará pronta em três minutos.”

Ethan tira uma nota de vinte dólares do bolso do paletó — onde ele deixa algumas notas soltas — e entrega ao homem espantado.

“Desculpe, amigo. Minha esposa não está bem, então vamos para casa.”

Ethan passa o braço em volta dos meus ombros e sou obrigada a fazer cara de lamento, fingindo não estar bem. Não estou mesmo. *Minha esposa* está girando na minha cabeça.

“Só quero os casacos, por favor.”

“Sim, senhor.”

O metre rapidamente manda a garota que fica no armário com os casacos pegar os nossos e volta entregando o meu que pego e me visto e Ethan pega o seu da mão da mulher.

“Melhoras madame.” O homem diz e agradeço com um aceno de cabeça. “Quem sabe na próxima.”

Ethan acena e saímos do restaurante de mãos dadas. Andamos na direção do mercado que vimos na direção oposta do carro e quando ele para na frente da pilha de cestos e da fileira de carrinhos de mercado fico na ponta dos pés e sussurro no seu ouvido:

“Não sou sua esposa ainda.”

Ele se vira com um movimento rápido e enlaça minha cintura com seu braço e o outro pega uma cestinha. “Falta muito pouco para isso.”



Uma lareira com fogo alto — troncos de árvore em brasa — deixando a sala quentinha. Uma colcha esticada perto dela, velas acesas em alguns pontos da sala, enfeitando. Dando um toque romântico junto com a música perfeita, acordes de violão e a voz suave de Nora Jones, porque foi o único CD que Ethan conseguiu achar romântico na coleção da avó na estante aqui.

Eu amei esse chalé. É confortável como um lar deve ser. O cheiro de madeira fresca — árvore, natureza e frio — é maravilhoso. Escuta-se de dentro da casa os pingos da chuva de inverno. Neve caindo nos telhados e nas janelas, a imagem de montanhas cobertas por um lençol branco, parece um bolo confeitado com açúcar.

Ergo-me de joelhos e caminho assim até o aparelho de som, desligo e pego o controle remoto. Ligo a TV e escolho um canal onde esteja passando um filme legal para ver na companhia do meu noivo romântico. Não acho nada e então compro um filme pela TV acabo. *Uma Linda Mulher*. Amo esse filme com todas as forças.

Volto a ficar perto da mesa onde está a comida e bebo um pouco da água sem graça na minha taça de cristal. Ethan está bebendo vinho e acho isso injusto, mas fico quieta. É tudo em prol da saúde do meu *mini Ethan*.

Sinto ele voltar para a sala e viro-me. Ele já é alto quando o olho de pé, agora — eu deitada no chão com as costas nas almofadas gigantes — me sinto minúscula. Ele sorri e se ajoelha com minhas pernas ficando no meio das suas. Está escondendo algo atrás dele e então estica para mim.

“Presente?”

Ele assente com seu olhar confiante. Vou me sentando e ele é obrigado a se afastar um pouco, me dando espaço.

“Hoje faz quatro meses que achei a mulher da minha vida.”

“Oooh!” Em um movimento rápido, o abraço. “Que lindo.”

Ele beija meus cabelos e nos afastamos, ele diz: “Vai. Abre, Victoria.”

Faço bico e franzo a testa. “Não comprei nada para você.” Deixo meus ombros caírem. “Não consegui achar nada bonito para você, hoje. Amanhã eu

tento de novo.”

“Não precisa, anjo. Você me dá muito todos os dias apenas me dando o prazer de acordar ao seu lado. Nada nesse mundo iria compensar esse presente.”

Prendo a respiração e solto lentamente. “Você não existe.”

Ele me ignora e bate na caixinha retangular e branca em minhas mãos. “O presente.”

Sorrio achando graça dele falando assim. Me concentro na caixa e tirando a tampa, fico maravilhada. É um uma presilha de cabelo com uma flor azul celeste que parece vidro, mas sei que é cristal. Tem um cartão embaixo da presilha. Pego e leio:

Dizem que as noivas têm que ter algo azul para colocar no casamento.

Espero que goste.

Do seu Lindo com muito amor.

Levo minhas mãos ao rosto — graças a Deus, ele está segurando a caixa, aliás tremendo — e limpo minhas lágrimas. Tomando umas três respirações profundas, fito seus olhos azuis. Ethan está ansioso, agitado e quase me sacudindo para responder sua carta.

“Esse é meu presente?” Sussurro.

“Pode ser o meu também”, e completa baixo: “Se você aceitar usar no próximo sábado.”

Rio, emocionada e tiro a caixa da mão dele, coloco na mesinha e pego suas mãos. Ele aperta as minhas e ando de joelhos colocando aos dele.

“Nós tínhamos conversado sobre isso.”

“Você concordou e eu não mudei de ideia.”

“Eu sei.” Digo e solto suas mãos para abraçar seu pescoço. “Mas como vou casar sem meus pais?”

“Esse casamento será só nosso. Depois eu te dou um casamento de princesa. Tudo o que você merece, mas eu preciso tanto que você case comigo logo.”

“Ethan — ”

“Estou te dando uma semana.” Me corta falando o que para ele é a coisa mais lógica.

Suspiro e faço carinho nos cabelos da sua nuca. “Mas como vamos fazer isso dar certo em uma semana?”

“Eu dou meu jeito. Confia em mim.”

“Eu confio e sei que você sempre consegue tudo.”

“Consigo mesmo.”

Pisco e desvio os olhos. “Eu queria ficar bonita no meu casamento. Ser uma noiva bonita para você.”

“Se você enrolar um lençol no corpo e fizer uma maquiagem, está perfeita.”

“Ethan! Estou falando sério.”

“Eu também.”

Balança a cabeça e pega meu rosto, os olhos fixos profundamente nos meus.

“Tudo bem, você quer um vestido de noiva bonito? Então você vai ter. Vou fazer o casamento simples mais bonito possível.”

“Eu sei que vai.”

“Então isso é um sim?”

Respiro fundo e sorrindo de lado, chego meu rosto perto do dele. “Sim.” Cochicho.

Ethan rouba meu ar me beijando e me derruba em cima das almofadas e da colcha. Se eu pensasse que o cara louco da academia fosse me proporcionar tanta alegria, amor, esperança e tudo mais. Eu com certeza não teria deixado demorar tanto tempo para a gente se entender e pensar que ele era o Ethan Brown. Penso também... E se fosse outra garota, teria corrido do louco da academia. Meu *Watchman* favorito no mundo todo.

Dezoito

Ethan

SÁBADO, 13 DE FEVEREIRO DE 2014.



UM BARULHO ME ACORDA & ME FAZ SALTAR AGITADO. Esfrego os olhos e olho as horas no relógio pendurado na parede da casinha. Minha avó insiste em chamar de chalé e Victoria também, mas para mim é uma casinha. Não é ruim ou feia, porém pequena.

No relógio marca uma e vinte da manhã. Quem diabos está batendo na porta a essa hora? Se for Raul eu posso perdoar, ele está esperando a resposta de Colen.

Tiro meu braço lentamente debaixo da cabeça de Victoria, beijo suas costas, virada para mim e levanto do chão. Pegamos no sono na sala mesmo depois de transarmos lentamente.

Coloco minha calça de algodão e o roupão grosso, e vou abrir a porta. Meu corpo está quente — pela lareira e por causa do meu anjo levado, que ressona lindamente — e abrindo a porta, me arrepio com o frio. *Porra.*

Franzo a testa para a imagem do meu avô com Prince enrolado em uma manta.

“Não te avisaram que deixar o filho na casa dos avós dá problema às vezes.” Ele coloca meu cachorro nos meus braços. “Ele não consegue dormir sem vocês.”

Olho para Prince e afago sua orelha do jeito que ele gosta. Seu corpo amolece e ele relaxa.

“E parece que ninguém avisou para não bater na porta de alguém uma da madrugada vovô.”

Ele ergue suas sobrancelhas grisalhas e dá de ombros. Ignorando meu protesto. “Volte a dormir e coloca esse cachorro no meio de vocês. Boa noite.” Sai andando.

Balanço a cabeça rindo do meu vô Gideon. Homem terrível. Anton é igualzinho. Genética às vezes é uma merda.

“Boa noite para o senhor também.” Falo alto.

Ele faz um aceno com a mão para o alto, balançando e continua andando.

“Deu trabalho para o vovô Gideon é?” Pergunto a Prince fechando a porta. Ele se agita no meu colo e o solto, colocando no chão.

Prince anda até a área que fica a outra porta da casa, na cozinha, e faz xixi no jornal que Victoria colocou. Vendo ele fazer suas necessidades sinto vontade de mijar também e vou no banheiro. Faço xixi, lavo as mãos — já que vou tocar minha noiva quentinha e fofa a noite toda e de manhã obviamente — e volto para a sala há tempo de ver Prince cheirando as mãos dela.

“Ei!” Murmuro com a voz rouca, pateticamente chamando sua atenção. “Volte aqui e deixa a mamãe dormir. Garoto mal. Garoto mal.” Corro para ele e o pego, colocando de lado. “Não acorde ela.”

Prince choraminga, mas não ligo. Me abaixo e encaixo meus braços embaixo dela e levanto o corpo carregando-a como se fosse uma pluma em meus braços. Ela faz um gemido, ressonando perto do meu ouvido. Daqui a alguns meses ela não vai estar tão leve assim. Beijo sua cabeça apoiada no meu ombro.

Caminho calmamente para o quarto, entro e deito ela devagar do lado esquerdo da cama — que ela gosta mais. Victoria se vira na cama e se acomoda, deixando o corpo de lado e as mãos se escondendo debaixo do travesseiro que está pousando a cabeça.

Sinto algo molhado na minha canela e olho para baixo. Prince conseguiu subir um pouco a bainha da minha calça e me lambe.

“Você vai ficar no chão.” Digo baixo e ele choraminga. “Fica quietinho, aí.”

Como me entendesse, se vira e com suas patinhas peludas arrasta o tapete no canto do quarto, perto da poltrona de couro com as compras de Victoria. Depois de cinco, seis, acho que sete vezes voltas no mesmo lugar, ele deita, se remexendo e aconchegando.

Aperto meus olhos e quero me socar. Vou até o armário, pego uma coberta e indo até meu cachorro manhoso, como a dona dele, cubro seu corpinho peludo. Prince nem se mexe, apenas faz um som fofinho com o nariz e os olhinhos estão fechados serenamente.

“Você é incrível, carinha.” Murmuro para ele e ergo meu corpo.

Vou até a sala, apago as luzes, a TV e pego as roupas deixadas para trás e levo para o quarto. Jogo no baú de roupas nos pés da cama, pego na mala de Victoria uma calcinha para ela e na minha mala, uma blusa. Vou para cama e a visto vagarosamente. Ela só reclama, mas não desperta. Deixo ela deitar de novo e fazendo a volta na cama, me preparo para tirar os chinelos e ...

“As meias.”

Chego na poltrona de couro marrom de novo e pego a bolsa da loja que ela comprou as meias. Tiro da embalagem e vou até Victoria. Coloco as meias nela e finalmente ando até o meu lado da cama, tiro os chinelos e puxo as cobertas grossas para cima do meu corpo e dela.

Puxo seu corpo para mim e faço uma massagem rápida e bruta em seus

braços, para aquecê-la mais um pouco. Eu não ligo para frio, mas ela sim. Ela se aconchega no meu corpo e abre um dos olhos. Fito seu rosto e ela sorri sonolenta. Sorrio de volta e faço um carinho nos seus cabelos fazendo seus olhos fecharem e assim pegamos no sono. Quentinhos e agarradinhos.



DOMINGO, 14 DE FEVEREIRO DE 2014.

OS DIAS PARECEM PASSAR MUITO RÁPIDO AQUI EM ASPEN. Talvez não seja o local, mas sim minha ansiedade de resolver os problemas, estar longe de casa, casar com Victoria e ir ao médico finalmente ver o nosso bebê.

Acabo de fazer minha centésima flexão e levanto meu corpo fazendo-me saltar e ficar de pé. Pego a toalha pequena e passo pelo meu rosto. Estou suado. Corri quinze quilômetros na esteira, fiz abdominal, barra e flexão. Tudo na academia da casa dos meus avós, porque ir para cidade só para malhar não ia rolar mesmo.

Escuto meu celular tocar e abandono a garrafa de água, vazia em cima do banco de exercício de peitoral e pego o celular no meu bolso.

“Ethan.” Atendo.

“Bom dia, Sr. Brown. É Debora, senhor.” Minha secretaria me saúda.

“Bom dia. O que deseja? Está ligando do celular seguro?”

“Sim, senhor. O Clonney me entregou ontem.”

Clonney é um dos seguranças dos Colton, acho que da Cora. Pedi para Ken resolver o problema da comunicação com a Califórnia enquanto eu e Victoria não podemos deixar saber onde estamos, então alguém em Los Angeles ia fazer o trabalho dele.

“Certo. Me diga o que é?”

“O que o senhor me pediu está sendo resolvido. A Srta. Wellings vai entrar em contato com vocês. Disse que vai ser do jeito dela e seguro.”

Vou matar aquela desmiolada se ela fizer merda. Quero nem saber que Victoria a ama como irmã.

“Que seja.” Falo com desdém. “Agora me diga os assuntos de negócios.”

“Um pessoal de Las Vegas ligou, não os Lozartan.”

“Quem então?”

“Carl Sung. Ele tem, melhor, tinha uma empresa de financeiro, mas ela deu uma caidinha e agora quer contratar alguém que seja bom em reorganizar tarefas e desfazer problemas. Disse que o senhor está sendo bem falado nas outras

empresas e de como é bom com números.” Diz com a voz humorada. “Palavras dele senhor.”

Hmm... interessante.

“Certo. Vou entrar em contato com ele por e-mail. Mais alguma coisa?”

“O Sr. Travis ligou para verificar o assunto de vocês. Não quis entrar em detalhes porque disse que você sabe o que é.”

“Sem problema.”

“O Sr. Colen ligou também, logo em seguida ao irmão e disse que entrará em contato com o senhor em Aspen mesmo.”

“Não diga o nome criatura. Você sabe o motivo.”

“Perdoe-me, senhor. Foi sem querer.”

“Está bem. Vou desligar e passar essas informações a limpo.”

“Ah... o Sr. Cobalto ligou.”

“De novo?”

“Sim, senhor. Disse que assim que o senhor estiver disponível, irá convocar uma reunião com o senhor. Ele disse, abre aspas. *‘Nem que seja no inferno’*.”

Torço minha cara toda de raiva e jogo com força a toalha para longe. Minha vontade mesmo é quebrar a cara desse desgraçado chato, burro, infeliz. Não gosto de gente assim.

“Certo, certo. Vou indo e qualquer coisa manda mensagem.”

“Tudo bem, senhor e cuide-se.” Ela respira fundo e diz: “Manda um abraço para a... ela.”

Rio e concordo com um som e desligo. Com uma força desnecessária, enfio o telefone no bolso da minha calça. Aperto os tendões retesado do meu pescoço e arfo alto, não tem nada a ver com o meu recente esforço físico e sim o estresse do trabalho.

“O que a pobre toalhinha te fez?” Victoria pergunta entrando na academia, que fica ao lado da garagem da casa principal.

Está toda agasalhada porque veio da casinha com o nariz um pouco vermelho do frio. Parece fofa e agradável. Não sinto esse frio todo.

“Ela estava me atrapalhando.” Respondo e ando até ela no meio do salão com os poucos aparelhos de treino.

“Você está de mau humor?”

“Mais ou menos”, falo enquanto tiro seu casaco. “Se eu responder que sim, você fica mais exposta para mim e tenta me acalmar?”

Ela solta uma gargalhada e me deixa tirar a toca e o cachecol.

“Você quer dizer nua?”

“Não necessariamente. Só quero sentir seu corpo nos meus braços, não um urso.”

“Ethan!” Ela diz sorrindo e apenas com seu casaco de algodão fino, envolve os braços em meu pescoço. “Assim é melhor?” Pergunta e eu aperto ela, enterrando o rosto entre seus cabelos cheirosos e macios.

“Perfeito.”

“É perfeito mesmo”, sussurra. “Você todo suado, sarado e quente me abraçando com seus braços enormes e fortes.”

Rio e a aperto mais ainda, fazendo ela ficar na ponta do pé.

“Hm... Esse cheiro delicioso misturado. Sabonete, suor e Ethan. Não tem nada igual.”

“Estou ficando duro. É melhor parar.”

“Você quer que eu pare?” Murmura no meu ouvido e beija meu rosto. “Você não gosta disso?”

“Disso?” Falo achando graça e interessado na resposta.

“Eu achar você o homem mais gostoso, delicioso e perfeito do mundo.” Ela agarra meus cabelos e me faz olhar para ela. “E só meu. Isso! Estou falando *disso*.”

Seguro seu corpo pelas ancas e a encosto na parede mais comprida da academia, completamente de espelho. Ela arfa sentindo o vidro gelado e pegando sua cintura imprenso seu corpo com o meu. Ela passa as pernas em volta dos meus quadris e retesa as coxas, me apertando.

Solto seu corpo e chego as mãos no seu rosto deslizando entre seus cabelos e puxo para mim. Sua boca encosta na minha gananciosa e meto a língua sentindo seu gosto e impedindo seu gemido alto. Agarro seus cabelos e faço seu rosto inclinar para o lado oposto do meu e nos beijamos com desejo. Um beijo de língua delicioso e ardente.

Vou dando beijinhos leves em seus lábios inchados do jeito que eu gosto de deixar e sorrio.

“Está rindo por que?” Ela indaga com a voz arfante e passando os dedos nas veias do meu pescoço.

“Hoje é o nosso primeiro dia dos namorados.”

“É verdade, sabia que é aniversário da Clara?”

“Não.” Digo sucinto.

“Ela não gosta muito desse dia por causa disso. Ela nunca vai se livrar do carma do dia dos namorados.”

Rio e a beijo rápido.

“Mas o que você gostaria de fazer hoje, hein?”

“Ah, eu não sei Ethan, porque você me cobre de carinho e presentes o tempo todo, anteontem foi nosso aniversário de namoro e sábado é o nosso casamento. Eu não quero nada.”

“Nadinha?” Pergunto sugestivo.

Ela balança a cabeça, rindo e diz:

“Talvez aquela massagem com óleo, morangos com creme de leite e sexo sonolento na lareira. Isso é de bom tamanho.”

Sorrio de lado. “Isso me parece um plano perfeito. Vai ser como você vive dizendo:” imito a voz dela. “*Oh céus.*” Ela rir. “Vou te levar aos céus, já que você faz isso comigo. Você é o meu paraíso.”

Ela sorri toda boba, sem mostrar os dentes e os olhos brilham apaixonados.

“Então tá, mas você vai ser meu deus hoje.”

“Seu deus?”

“É.” Afirma fingindo estar séria. “Meu deus da gostosura maravilhoso.”

Solto uma gargalhada ela sorrir também e me beija o rosto todo. Tirando ela do colo, coloco um casaco e saímos da academia. Hoje será um dia de *amor*.

“Você é maravilhoso.” Ela cochicha enquanto caminhamos e sorrio.

Paro em frente à garagem e novamente nos beijamos. Menos apressado, menos quente, nada para nos matar de tesão. É um beijo carinhoso e que pode durar muito mais tempo que nossos beijos loucos. Esse beijo é o que eu mais amo. Faço amor com ela, beijando-a. Sua boca, a minha. Suas mãos e as minhas passando por cada parte dos nossos corpos. Nada se compara a isso e eu vou ter isso para sempre. Desde a primeira vez que a beijei soube disso. Nunca mais poderia não tê-la para mim.



SEGUNDA-FEIRA, 15 DE FEVEREIRO DE 2014.

ASSINO OS ARRANJOS PARA AS FLORES DO CASAMENTO. Minha avó me trouxe até a floricultura da amiga dela. A grande verdade é que ela é amiga de todo mundo na cidade. Uma cidade com oito mil habitantes. O que torna possível vovó conhecer a grande maioria. Além disso, ela é muito simpática.

Agora, pela lista de afazeres dela, vamos até a uma organizadora de casamentos. Mesmo que não seja algo escandaloso e glamoroso, ela quer que seja bonito. Disse que eu mereço e Victoria também.

“Vó, se a senhora sabe como organizar, por que tem que contratar uma pessoa para isso? E é coisa simples.”

“Querido”, ela para de andar e se vira para mim. “Eu sei realmente fazer uma festa, grande ou pequena, mas eu vou convidar Rilba porque ela é minha amiga e sabe o que faz. Fica quieto e me siga.” Ela me dá as costas e anda. “Só

pague, querido. Só pague.”

Deixo uma gargalhada sair e sigo-a calado. Talvez Rilba — que diabos de nome estranho — possa ajudá-la a preparar coisas de cores, flores e sei lá mais o que. Só preciso do juiz de paz ou alguém que tenha permissão para casar alguém aqui em Aspen, para casar Victoria comigo. Ele lá, eu lá, minha noiva lá. Só preciso do sim. Um bolo simples, o vestido que ela tanto quer e tudo certo.

Confesso que queria meus pais comigo e meu irmão. Não seria justo e certo não os tê-los aqui, mas no momento eu preciso mesmo é dela casada comigo. Sendo minha. Depois eu faço um casamento digno de capa de revista, onde claro que vamos estar. Esses abutres que não tem limites sempre se metendo na vida alheia.

Eu não ligo para as pessoas ao redor do mundo que nos admira, gosta e até tem inveja, mas eu não gosto e nunca vou gostar de paparazzi e revistas de fofoca. Um; é um incômodo do caralho. Dois; eles só falam as especulações deles. Um monte de mentiras. Invenções que até eu acho incrível às vezes.

Ainda quero queimar aquela revista que falou sobre meu envolvimento com Victoria ser por aliança. Aqueles filhos da puta estragaram nosso momento calmo em Nova York. Fez Will me dá um esporo de leve — coisa que eu detesto — e para completar deram o paradeiro de Victoria e resultou naquela merda do outro avião. Sobre isso, preciso saber como se resolveu ou ainda está se resolvendo.

“Ethan!” Vovó me chama, na verdade, berra.

“Sim.”

“Eu estou te perguntando que cor Victoria mais gosta.”

Entramos em uma loja com vários lustres de louça, porcelana, vidro e cristal. São muito bonitos e uma mulher mais nova que vovó está perto dela, atenta a minha resposta — provavelmente.

Limpo a garganta e enfio as mãos nos bolsos da calça de linho. “Ah... azul?”

“Você vai casar com ela e não sabe a cor favorita dela?” Minha avó faz parecer que isso é de extrema importância.

“Eu nunca me toquei e perguntei, mas sinceramente, ela gosta de tudo. Sempre que dou presente ela sorri e agradece” me beijando e às vezes paramos na cama. “Então, eu não sei de verdade qual é a sua cor favorita.”

“Homens”, vovó resmunga e revira os olhos. “Qual é a cor que ela mais usa?”

“Roupa?”

“Não. Esmalte, querido.” Fala tirando onda com a minha cara.

Balanço a cabeça. *Porra*, mesmo eu sabendo que foi uma resposta irônica.

Eu nunca percebi a cor dos esmaltes de Victoria. Pera. Já sim. Umas três, quatro... cinco vezes. Ela gosta de pintar de rosa, ou vermelho e uma vez de preto. *Putá merda*. Esmalte é difícil de saber.

“Ela gosta de preto e branco. Sempre se veste assim, ou neutra.”

“Neutra?”

“Bege, marfim e creme. Para mim tudo isso é branco.”

“Okay, certo. A cor do quarto dela?”

“Rosa e parece a versão do quarto da Hanna para adultos. É até legal, mas é muito mulherzinha.”

“Ethan. Ela é mulher.”

“A senhora que perguntou.”

“Tudo bem. Então vou colocar tudo em rosa.”

“Eu acho que ela vai preferir azul” falo rápido enquanto ela vira para a mulher perto de nós. “Azul, escuro”, completo.

“Por que?” Ela pergunta me olhando por cima do ombro.

“Palpite.” Victoria ama meus olhos e eles são azuis. Além disso, quando reformei a casa, ela me ajudou e deu muitos toques de cores. A maioria foi azul e verde, muito similar as cores do meu quarto antigo. Pode ser por esse motivo, ou porque queria uma casa para um homem, ou ela gosta mesmo dos meus olhos e quis tudo azul. *O verde seria ela? Eu e ela?*

“Se fosse verde, também.”

“Quer saber,” vovó volta a me olhar “vou fazer dourado. É o mais certo e o buque eu faço todas essas cores que você disse... E agora fica quieto. Você é pior que Gideon. Meu Deus.” Ela reclama e sai andando com a mulher que está sorrindo, achando graça.

Estou tendo a maior paciência com ela e recebo isso? Poxa. Pelo menos Victoria acha graça que eu nem sei a diferença de rosa para pink. *Merda*. É tudo parecido com vermelho manchado.



CHEGO EM CASA COM DOR DE CABEÇA. Minha avó estava afim mesmo de me matar. Eu nunca vi tanta mulher faladeira de uma vez só. Desligo o carro e fico um pouco parado dentro dele. Realmente estou com dor de cabeça.

Alguém bate no vidro da porta do carro e olho já espumando raiva. *Ken*. Tinha que ser. Tiro o cinto, abro a porta e saio do Mustang 94 do vovô. Eu tenho

um 2013, do ano, mas esse 94 é foda. E eu gostei da cor. Vermelho. Não tenho nenhum vermelho ainda. Vou rouba esse carro para mim.

“Sim?”

“O Sr. Colen ligou e disse que não conseguiu falar com o senhor. É sobre a vinda dele.”

“Obrigado.” Agradeço e caminho para a casinha. “Ah. Pega as bolsas dentro do porta mala e leva para a casa dos meus avós, por favor. Minha avó sabe o que fazer.”

“Sim, senhor.

Volto a caminhar para a casinha e abro a porta. Tiro o casaco e penduro no gancho onde está o casaco de Victoria e o cachecol dela. Ela está aqui, não na casa principal. Ando e olho para sala.

“O que você está fazendo aí?” Pergunto a Prince na janela, que tem tipo um aparador feito com as próprias paredes e é acolchoado.

Ele pula e vem correndo para mim, fica com as patas traseiras no chão e as outras bate nas minhas pernas. Abaixo o corpo e pego ele.

“Estava olhando o que, hein?”

Entro no quarto e encontro Victoria dormindo na cama. Jogo Prince na cama e ele corre para ela, se aconchegando nela. Ele se enfia entre os braços — que estavam jogados para o lado vazio da cama e ela abre os olhos, abaixando o rosto. Sorri e abraça o nosso cachorro.

“Alguém estava com frio.” Digo tirando o celular e a carteira do bolso.

“Oh, amor. Você chegou.”

“Não se levante. Eu já estou indo me juntar a vocês.” Falo rápido quando ela se mexe.

“Está bem” sussurra e fica me olhando.

Vejo no celular uma mensagem. Droga, Colen só chega quarta. Provavelmente descobriu alguma pista do filho da puta que persegue Will e Victoria. Envio uma mensagem dizendo que está tudo bem. Meu celular continua apitando. Procuro o motivo e então eis uma notificação no Instagram. Mensagem no privado de Clara:

Não sei porque vocês não estão em casa.

Lucca disse que pode me levar e claro que vai junto, mas por que é surpresa?

E por que não posso falar com Victoria?

Você está aprontando o que agora?

Vai casar com ela em Aspen?

Chata! Sorrio e apenas respondo:

Apenas venha e obrigado por aceitar o convite.

Vou fazer isso torcendo que Victoria fique feliz em ter pelo menos Clara aqui. Acho que ela vai ficar contente. Coloco o celular em cima da mesa de cabeceira do meu lado. Tiro meu outro casaco, a bota de cano baixo. Troco minha calça de linho por uma calça de algodão, tudo com meu anjo me vigiando e sorrindo.

Me enfio debaixo das cobertas quentes segurando Prince para ele ir para baixo junto comigo. Victoria se mexe ficando mais perto. Eu e ela apertamos um pouco Prince no nosso meio e relaxamos.

“Foi legal o passeio?”

“Não. Terrível.”

Ela dá risada e alisa meu rosto com carinho. “Pobrezinho.”

“Você não estava para saber como sofri. Aliás, qual sua cor favorita?”

“O quê? Por quê?” Diz sorrindo.

“Vovó perguntou e eu fiquei confuso.”

“Ah tá.” Ela suspira e responde humorada. “Eu gosto de tudo.”

“Eu disse para ela.” Falo por cima.

“Mas eu adoro rosa, lilás, azul.” Continua falando. “Para roupa gosto de cores neutras, sabe. Entre o preto e o branco. É raro eu usar vermelho. Não gosto muito.”

“Mas você disse que gosta de rosa.”

“Amor, rosa não é vermelho. Tudo bem que o rosa é a mistura de vermelho e branco.”

“Isso eu aprendi na escola primaria.”

“Não tira onda comigo.” Ela empurra meu ombro e eu pego a mão dela e prendo.

“Está bem, mas então. Qual é sua cor favorita? De todas. Escolha uma por favor.”

“Uma só?” Ela pergunta com a voz fina. Desvia os olhos, pensa um pouco e mordendo a boca volta a me olhar. “Eu acho que agora minha cor predileta” fala pausadamente e os olhos fixos nos meus “é azul.” Seu rosto tem um sorriso sincero e meigo.

“Posso saber por que?” É claro que eu desconfio do motivo.

“Você sabe.” Murmura ela.

“Sei?”

Ela assente e solta a mão do meu punho e acaricia meu rosto. “É por causa

dos seus olhos. Eu sempre gostei de azul. Agora eu tenho um motivo maior para amar.”

Levo minha mão até o rosto dela e acaricio também. “E eu amo verde.”

Victoria abre seu sorriso agradecido e subindo um pouco o corpo, me beija. Meus dedos deslizam para os seus cabelos e seguro firme sua cabeça inclinado para mim. Suavemente enfio a língua na sua boca e deslizo pela sua língua. Retribuindo seu carinho.



SEGUNDA-FEIRA, 14 DE FEVEREIRO DE 2014.

ANDO AO LADO DE VICTORIA, DE MÃOS DADAS. Entramos na clínica que minha mãe tinha marcado a consulta com a obstetra que é amiga dela. Finalmente vamos fazer a ultrassonografia, que era para ter sido feito semana passada. Porém as circunstâncias não permitiram. Vamos até a recepcionista sorridente e falamos nosso nome.

“É só aguardar Sra. Brown. Já irá ser atendida.”

Gostei da recepcionista, garota esperta.

Olho para a minha feiticeira e ela está claramente orgulhosa e tentando não sorrir. Assentimos e vamos sentar nas poltronas cinzas sem vida. Provavelmente para contrastar com as paredes azuis em cima e rosa em baixo, com um quadro enorme. A foto de um bebê desenhado.

Vejo Victoria pegando uma revista e se aconchegando ao meu corpo no sofá. Meu braço por cima dos seus ombros envolve mais ela e dou uma espiada na revista de mamães e bebês. Ela abre um sorriso distraído e apaixonado para uma foto de um bebê com um cachorro em cima de uma cama que parece ser muito confortável.

“Parece o Prince.” Ela diz passando a mão sobre a imagem. Deixo a revista de lado e foco seu rosto, então ela percebe e olha para mim também. “Oi.”

Tiro o cabelo da frente do seu rosto e coloco atrás da sua orelha.

“Você está linda hoje.”

“Obrigada”, agradece um pouco tímida.

E ela está realmente linda demais com um vestido longo claro, não sei se é bege ou perola, ela falou que era perola saindo de casa quando falei que gostei do vestido. Eu prefiro dizer que é bege. Por cima do vestido está com um sobretudo da cor do Prince, de um tecido macio e nos pés usa as mesmas botas pretas que chegou em Nova York e eu ainda não fiz bom uso dessa beleza com

ela vestida.

“Para de olhar para minhas botas.” Ela resmunga e me dá uma cotovelada de brincadeira.

“Não posso fazer nada se elas atraem meus olhos.”

“Você está ficando tarado demais.”

Chego meu rosto para perto do seu e murmuro no seu ouvido: “Ficando?”

Victoria solta uma gargalhada baixa e vira o rosto para o meu se esquivando um pouco, inclinando o corpo para me ver direito e aperta os olhos. Sei que é tudo fingimento sua bravura.

“Se comporte. Você está na rua.”

Dou um beijo rápido nela e volto a me sentar direito na poltrona de dois lugares onde estamos. Pego outra revista e ela é roubada das minhas mãos. Acho que ela gostou do bebê vestido de urso na capa.

“Oh!” Faz seu som de: Achei isso fofo. “Eu preciso demais disso”, diz com a voz sonhadora.

“Se você diz.”

“Mas olha Ethan. É muito fofo.”

Realmente. Muito fofo.

“É legal.”

Ela abaixa a revista e me olha séria. “Você não gostou mesmo ou é implicância?”

“Não disse nada. Falei que é legal.”

“Legal? Não é legal. É fofo. Lindo. Imagina nosso bebê aqui.”

Esse é o problema. Imaginar meu filho dentro daquilo.

“Para dormir no inverno vai ser bom.”

“Ah!” Ela bufa e faz um gesto com a mão, me ignorando. “Você não entende.”

Penso em argumentar, mas um homem com mais ou menos a idade do meu pai, chama o nome da minha noiva. *Um médico?* Não gostei disso. Dou uma leve mexida de cabeça e reprimo a vontade de bufar. Levanto da cadeira e acompanho Victoria para dentro do consultório.

“Sou o Dr. Stewart.”

“Victoria.” Ela diz sorridente e eu aperto a mão dele, sem sorrir.

“Ethan Brown.”

“Pode ir até o vestiário e se trocar, por favor. Pela ficha que li, você está de poucas semanas. Então fique pronta como fosse fazer o preventivo.”

“Tudo bem”, ela responde baixo.

“Se quiser o senhor pode esperar aqui.”

Balanço a cabeça negando e a acompanho até o vestiário no canto afastado

da mesa do obstetra.

Seguro a bolsa dela, o casaco e o vestido.

“Vai ficar nua?”

Ela levanta os olhos e sorri. “Vou colocar a roupa hospitalar. Um vestidinho leve.” Ela pega uma coisa azul e me mostra. “Esse aqui.” Veste por cima dos braços e de repente se abaixa e tira a calcinha, pendurando no cabinho na parede.

“Mas o quê? Para que isso?”

“Quer esperar lá fora?” Pergunta com a voz mansa.

“Com certeza, não.” Passo a língua nos lábios, nervoso.

Ela pega as coisas das minhas mãos e pendura nos ganchos do vestiário.

“Pode ficar com minha bolsa?”

“Claro que sim.” Respondo seco.

“Ethan.” Diz com paciência colocando as mãos no meu ombro. “Relaxa. Não é nada demais e tenho certeza que vai ser rápido.”

Fecho os olhos e balanço a cabeça nervoso.

“Amor, relaxa.” Ela beija meu rosto suavemente. “Vamos.”

Sigo-a de volta para onde o médico nos esperar e ela logo senta na mesa, cadeira.

“É certeza a gravidez?”

“Sim. Foi por exame de sangue. Três exames.”

“U-hum. Você sabe quanto tempo está?”

“Pelas contas da médica que descobriu, umas sete semanas.”

“Certo. É sua primeira ultrassom?”

“Sim, senhor.”

Ele assente e senta na cadeira perto das pernas dela, que ela levanta e encaixa os pés no apoio que fica dos lados. *Put a que pariu.* Ela está com as pernas abertas e ele olhando lá para dentro. Depois a mão dele vai chegando perto de onde ele não deveria mexer e Victoria solta um gemido desconfortável.

Volto minha atenção para o rosto dela.

“Vem cá.” Pede baixinho e eu vou. “Fica aqui.”

Me contorço por dentro. Um homem está mexendo na vagina da minha mulher. Na *minha* boceta. *Caralho.* Fecho os olhos e pego a mão que ela oferece para mim. Aperto e chego o rosto para o seu pescoço.

“Isso não está certo.” Murmuro.

Ela ri e beija meu rosto. “Shuu...”

Escuto um barulho alto de elástico estalando e me ergo. O Dr. Stewart está segurando um troço que parece um... Socador de alho elétrico, mas o troço branco está revestido com uma camisinha. *Para que isso?*

Ele aproxima o negócio para as pernas abertas de Victoria e então ela aperta

com força a minha mão. Olha para o seu rosto e ela está desconfortável.

“O que é isso?” Pergunto.

“Como só tem poucas semanas, preciso fazer a ultrassom transvaginal. Ainda é cedo para fazer pelo abdômen.” O médico responde distraído e metendo o socador branco nela e olhando para tela do outro lado da mesa. “E vou confirmar quanto tempo de gestação ela está.” Fala confiante.

Estou com raiva do sorriso confiante dele. Filho da puta olhador de vagina.

“Pega meu celular.” Victoria pede baixinho.

“Para que?”

“Quero gravar.” Ela explica.

Faço um esforço hercúleo pegando meu celular mesmo, depois passo para ela e ligo a câmera mirando na telinha. O doutor movimenta um pouco o braço, me deixando puto e quando um borrão aparece na pequena tela ele ergue a postura e ainda mexendo, analisa.

“Ali está.”

“Onde? Não estou vendo nada.”

Com a outra mão, o médico aponta para uma mancha mais escura na tela. Ele pega o mouse que eu nem tinha reparado e congela a tela, coloca a setinha bem aonde ele quer mostrar.

“Aqui. Esse é o seu bebê.”

Tão natural e radiante quanto um sol nascer o sorriso de Victoria se abre. Os olhos fixos na tela, na manchinha mais escura. Deixo de olhar ela e foco na tela. Deito a cabeça e me concentro onde o doutor disse que é meu *filho*.

É estranho ver isso. Me sinto meio fora da zona de conforto. Quero sentar. Estou sentindo minhas pernas fraquejar. *É meu filho. Que legal.*

“Vamos ouvir os batimentos dele. E para o tamanho... Você está com oito semanas.”

Dois meses. Porra!

“Tem o tamanho de uma noz.” O doutor fala sorrindo para o meu anjo que está radiante.

“Assim?” Ela pergunta fazendo a ponta do dedo indicador ficar um pouco acima ao meio do dedão. Filmo seu gesto e sorrio.

“É.” O doutor confirma.

Victoria solta uma gargalhada e volta a olhar a tela.

De repente um barulhinho. Um TUM—TUM... TUM—TUM... em sequência. É o coração dele. Nossa! Bate firme, mas devagar. Sinto meus próprios batimentos diminuírem, como se fosse para eu poder ouvir apenas os dele.

Pego a mão de Victoria e coloco em cima do meu peito, por nada. Só para

tê-la mais perto de mim e mantenho o celular na tela. *Eu* quero gravar isso também.

Sinto meus olhos nublarem. Ficando marejados. Passo com força meus dedos nos cabelos, penteando para trás. Com certeza bagunçando ainda mais e se minhas pernas estavam falhando antes, agora mais ainda. Preciso sentar. Não. Preciso ficar à sós com a minha princesa. Ela sempre será meu anjo de coroa de princesa. A feiticeira que fisgou minha alma por todas as minhas vidas.

Nossa. Caralho que incrível. Tem *alguém* dentro dela e eu já o amo.

Anton tinha razão. Eu precisava ouvir o coração para me conectar como Victoria se conectou desde o momento que soube. É uma sensação muito incrível e assustadora.

Coloco o celular dentro do bolso, desligando a câmera. Abaixo meu rosto e beijo o do amor da minha vida. A mãe do meu filho.

Ela vira o rosto para mim e ela está chorando. “Eu te amo”, sussurra. Só para mim.

Assinto e limpo a garganta. Passo o dedo no nariz arrebitadinho dela e limpo o canto da sua face.

“Eu te amo mais.”

Cortando um pouco o clima, o médico interrompe as batidas do bebê tirando aquele socador milagroso de dentro da Victoria e se levanta.

“Vou dar um momento para vocês e para você se vestir. Nos encontramos na salinha aqui ao lado.”

“Tudo bem doutor e muito obrigado.” Digo e ele sorri saindo. Volto a olhar para Victoria.

Ela joga os braços em cima de mim apertando meu pescoço fortemente e chora baixinho.

“Shuu... Não era para você chorar”, falo com a voz embargada.

“É choro feliz. Estou tão feliz. Eu te amo tanto.”

Não contesto e apenas a abraço forte. Abraço sentindo a força que tenho com ela aqui. Eu poderia dar o mundo pela minha garota. Eu a amo tanto. Amo profundamente e acabei de descobrir que posso dividir ela com a nossa metade e quantos outras metades nossas fizemos. É amor demais e somos capazes de amar todos.

Fecho os olhos e escondo o rosto nos seus cabelos. Sinto seu coração acelerado. As mãos acariciando minha cabeça, meus cabelos. Escuto baixinho ela fugando de leve.

Como minha vida mudou. Quem eu era antes. Mulherengo. Descompromissado. Idiota. Às vezes inútil. Eu estava esperando ela. Merda. Ainda bem que cheguei a tempo e eu vou dar tudo de mim para ser o marido, o

pai maravilhoso — como ela insiste em me chamar — para ela e a nossa família.

Dezenove

Victoria

SEGUNDA-FEIRA, 14 DE FEVEREIRO DE 2014.



OLHOS MOLHADOS & MÃOS FIRMES. Seguro o celular do Ethan nas mãos com os olhos vidrados e apaixonados ainda. Estou com um sorriso bobo no rosto. É tão lindo ouvir o coração dele ou dela bater. É forte e eu me sinto anestesiada, faz algumas horas que escutei pela primeira vez na clínica e eu quero ouvir toda hora. Só larguei o celular para entrar no carro. Estou com as orelhas sensíveis por causa do fone.

Amor, nós vamos jantar daqui a pouco? – A voz de Ethan sai distante enquanto ele tira um dos lados do fone do meu ouvido. “Está me ouvindo, querida?”

Dou uma risada. “Estou”, falo como uma criança zombando dele.

Ele sorri feito um bobo e segue o caminho até em casa. Curto esse tempo para ouvir mais do meu bebê, sou interrompida com meu celular vibrando na minha bolsa em cima das minhas pernas. Pego e vejo que é Clara. *Ai meu Deus.* Ontem foi aniversário dela e esqueci.

“Alô.” Digo sorrindo.

“Oi, amiga. Como está?”

“Bem e você? Ganhou muitos presentes?” Falo com entusiasmo.

“Não muitos, mas Lucca me levou para jantar. Uma coisa romântica e eu não sei se foi por causa do meu aniversário ou pelo dia dos namorados? Odeio esse dia por causa disso. Parece durar a semana inteira.”

Dou uma gargalhada forte.

“Eu sempre lembro de você no seu aniversário, mesmo te amando. Nunca tive olhos para você desse jeito —”, deixo a frase morrer e a risada dela deixa claro que ela entendeu. “Então... Feliz aniversário atrasado, que você consiga tudo que deseja, saúde, muito amor e paciência minha irmã postiça que eu amo demais e estou morrendo de saudades.”

Pelas contas faz mais duas semanas que não a vejo, estou com saudades mesmo, profundas e tenho tanto para conversar com ela. Quero falar dos meus pais, do bebê e do casamento com ela na minha frente, não por telefone.

“Oh sua boba. Não me deixe emotiva. Não gosto de chorar.” Ela fala brincando — não que ela seja assim mesmo. “E já que estamos aqui. Tenho uma novidade.”

“É? Eu tenho várias também” incluindo que meus pais não são meus pais, e meu irmão e Cora são.

“Lucca vai me levar para viajar. Finalmente consegui um partidão que nem o seu.” Ela ri alto e eu sou obrigada a afastar o aparelho do meu rosto.

“Você não muda.”

“Jamais, mas agora tenho que desligar.”

“Ué? Você me ligou para que então?”

“Saudades, princesa. Tchau, tchau!”

Ela desligou o telefone? Reviro os olhos e guardo meu celular novamente na bolsa.

“Como ela está?” Ethan pergunta distraído, dirigindo.

Eu não disse quem era ou até mesmo o nome de Clara enquanto falava com ela, mas a chamei de irmã e ele também sabe que foi aniversário dela ontem.

“Bem, mas desligou o telefone na minha cara.”

Ele ri e balança a cabeça como se isso fosse normal. Até é, vindo dela. Volto para os meus fones e escuto meu bebê.



ENTRO NO CHALÉ E MEU CORAÇÃO DISPARA DE EMOÇÃO. Tem pequenas velas acesas por todo o canto, uma mesa perto da lareira — a mesinha de madeira — com pratos, talheres, taças, uma garrafa de vinho branco, que eu não vou poder beber mais de três goles, segundo o médico e duas pequenas panelas de inox.

Perto da mesa tem um tapete fofo parecido com o tapete que tem no quarto do Ethan e nós adoramos. Com certeza vamos sentar ali e nos acomodar com as almofadas grandes e fofas. Uma coisa parecida com o dia do nosso aniversário de namoro, mas tem uma caixa enorme em cima do sofá encostado na parede lateral as grandes janelas do chalé.

Olho para o meu Watchman e ele assente lendo meus pensamentos. Ando para a caixa e abro, fazendo força porque é realmente grande a tampa pesada.

“Ai não”, digo em meio ao suspiro surpreso.

Dentro tem um casaco de pelo de animal artificial — morreria se fosse de verdade um ex ursinho, melhor, ursão, mas parece um urso branco e enorme. Pego e levanto até meus olhos. Não é para cobrir o braço todo, as mangas são $\frac{3}{4}$ e tem uma fita de seda no top na frente dele, para eu fechar, sob minha clavícula. É lindo demais.

“Comprei para você colocar no sábado.” Ele diz atrás de mim. “Sei que você ficou olhando quando saímos ontem e de qualquer forma, vovó disse que nos casamentos aqui algumas noivas usam esses... tipo echarpe com o vestido.”

Giro meu corpo e o vejo com as mãos nos bolsos e as pernas afastadas. Amo quando ele fica sexy desse jeito. Calça de linho, a camisa branca social embaixo do suéter preto fazendo contraste e o sobretudo que chega até os joelhos. Sorrio com a visão que ele é e mesmo amando o presente, abandono na caixa gigante e corro para o meu homem mais maravilhoso do mundo todo.

Ele me abraça forte e tira meus pés do chão. Beijo seu pescoço, o maxilar, o queixo e quando ele inclina a cabeça, beijo sua boca loucamente apaixonada por ele. Ethan faz um som sexy com a garganta e enfia a língua na minha boca. Um dos seus braços continua me segurando e o outro ele coloca embaixo da minha bunda e me sobe para poder me beijar melhor e se eu não tivesse de vestido, conseguiria enlaçar sua cintura.

Sua boca devora a minha e eu deslizo a língua da sua sentindo meu corpo aquecer. Enterro meus dedos em seus cabelos e aperto. Ethan aperta mais meu corpo ao dele como se fosse possível ficarmos mais colados e eu quero arrancar essas roupas dele e as minhas.

“Ontem foi meu primeiro dia dos namorados com você meu anjo e mesmo você não querendo nada, eu quero. E vou comemorar a semana toda.”

Sorrio, me derretendo toda. Ainda estou me acostumando com ele me chamando assim, não que nunca tenha chamado, mas está ficando mais frequente.

“Primeiro de muitos.” Falo e beijo-o de novo. “Comprei um presente para você também enquanto você foi ver não sei o que com a sua avó ontem.”

Nós fomos jantar ontem com seus avós. Foi engraçado comemorar o dia dos namorados, meu e de Ethan, de Lavínia e Gideon.

“Você já me deu.”

“Não dei não. Está na minha bolsa.” Falo rápido explicando e não o entendendo.

Ele sorri e me deixa no chão. Beija suavemente meus lábios, segurando meu rosto e quando se afasta seus olhos estão ternos.

“Me deu hoje de manhã.” Fala espalmando a mão sobre meu ventre.

Minha postura se eleva em compreensão e meu coração colapsa com algo dentro de mim se desesperando e deformando de amor por Ethan.

“Oh céus! Você é irritantemente maravilhoso.”

Ele ri e dá de ombros. “Podemos comer agora? Estou realmente com fome.” Inclina o corpo e murmura no meu ouvido. “E hoje eu vou te pegar de jeito com essas botas.”

Agarro o pescoço dele e ele me gira no ar com nós dois rindo.

Quando damos uma pausa na comida, conversamos. Está sendo uma noite maravilhoso, assim como o meu Ethan. Nosso primeiro quatorze de fevereiro será para sempre lembrado por mim. O dia que escutamos nosso bebê pela primeira vez.

“Vou pegar seu presente.”

“Não, espera aqui.” Ele segura meu pulso.

“Não, eu já volto.” Levanto e vou até minha bolsa e pego o embrulho da Cartier e voltando a se sentar no chão, ao seu lado, entrego a ele.

O presente dele são dois braceletes de ouro combinando com o relógio, também todo de ouro. É másculo e poderoso.

“Leia atrás as gravações.”

Ethan sorri e vira o relógio, mostro os braceletes que então os três formam juntos:

Ethan & Victoria para sempre. Sempre. E sempre.

Os braceletes são ajustáveis e só pode ser colocado com uma chavinha que vem junto com eles. É adorável e eu comprei para mim também, mas as femininas são mais finas.

Ethan assente e vira o rosto para mim, sorrindo com gratidão e paixão.

“Eu adorei, muito obrigado meu amor.” Ele se inclina e me beija.

Dou de ombros e explico: “Eu não sei direito o que comprar para você, então gostei da ideia de comprar algo assim e gravar. Pelo menos se torna especial.”

“Eu amo tudo que você me dá, já disse, mas por via das dúvidas repito... E relógio nunca é demais.”

Sorrio feliz por ter acertado.

“Se é assim, eu vou fazer uma nova coleção para você, agora de relógio.”

Ele ri, deixa a caixinha do relógio na mesa e pede para eu ajudá-lo a colocar os braceletes.

“Agora você está preso a mim.” Brinco.

“Nem precisava disso.”

HOJE EU JÁ FIZ MUITAS COISAS. Provei bolo e infelizmente botei tudo para fora, mas consegui escolher o de baunilha com chocolate branco. Ia ser o de nozes, mas o avô do Ethan é alérgico e eu não quero deixá-lo sem comer *principalmente* o bolo. Ele é tão incrível que me sentiria culpada.

Agora estou voltando da prova do vestido. Não é bem uma prova, fui escolher meu vestido de noiva e Lavínia foi comigo até a loja de roupas de gala mais famosa da cidade. Como esperado, segundo as informações que meu príncipe disse, ela conhece todos da loja.

Escolhi um vestido estilo sereia. Ele é colado ao meu corpo até os joelhos e depois aberto com uma calda moderada. Mangas $\frac{3}{4}$, por dentro dos braços é transparente e desce dos ombros até cotovelo bordadas a mão, como todo o vestido. As rendas de flores são lindas e no decote generoso que sobressaem meus seios, tem algumas pedrinhas de swarovski. Adorei ele logo que a mulher da loja me mostrou e agradei por ser do meu tamanho certinho.

E com bolo escolhido, ornamentação paga e o almoço que teremos depois da pequena cerimônia — feita por um juiz de paz — e o vestido já em minhas mãos, só falta dizer o sim... Na realidade quem carrega o vestido é Colen.

Ele é amigo do Ethan e meu noivo o chamou para ajudar nos ajudar, mas ele não tem cara de segurança como os meus e Raul. Colen tem classe e um olhar penetrante. Provavelmente é confiável e muito bom no que faz para o meu noivo paranoico deixar apenas ele me acompanhar até a cidade com sua avó, que eu não sei onde foi.

De qualquer forma, ele parece ser legal, mesmo não tendo trocado uma palavra comigo ainda, desde que chegou hoje de manhã bem cedo. Ele está do meu lado, caminhando de cabeça erguida e óculos de sol, porque mesmo no inverno e frio do jeito que Aspen é, o sol brilha graciosamente.

Fito seu perfil de relance e aposto que ele tem uns vinte e seis anos. É alto como Anton, os cabelos são claros como os meus e é bronzeado. Tem os braços enormes, compridos e um peito largo, parece que está estufando ou de mal humor. O rosto tem uma cicatriz, um corte da orelha até o pescoço. Isso me fez gelar na primeira hora que o vi. Lembrei do homem da academia, mesmo que a do cara seja sob o maxilar.

Colen mexe o pescoço como estivesse desconfortável e lentamente vira o rosto para mim. Tento disfarçar que o estava encarando, no entanto sei que é inútil, então sorrio sem graça.

“Você quer alguma coisa?”

Resmungo e dou de ombros. “Desculpe. É que você está do meu lado, me acompanhando e eu só sei seu nome. Não que eu saiba muita coisa dos outros seguranças — ”

“Não sou um segurança.” Fala me corta.

“Eu sei, você é amigo do Ethan e justamente eu não sei o que você é, Colen.”

Ele aperta os lábios mostrando irritação. Nervosinho como Ethan.

“O que você quer saber?”

“Você é militar, por que veio ajudar a gente?”

Ele pisca e responde voltando a caminhar para o carro, olhando para frente.

“Eu conheci Ethan em Nova York quando ele morava lá.”

“E por que você está aqui agora?”

“A gente ficou amigo e eu disse que se ele precisasse de mim era só ligar. Por coincidência ele fez um trabalho para meu irmão e a mulher dele gostou do Ethan. Ficamos preocupados com a situação de vocês. Não gostamos do que estão fazendo e queremos acabar com eles tanto quanto vocês.”

“Espera.” Falo ligando as informações. “Então você é irmão do Travis? O mafioso?”

Isso faz Colen rir e virar o rosto para mim quando justamente paramos no carro que ele nos trouxe.

“Sim. Sou irmão do Travis Lozartan.”

“Oh meu Deus. Ethan não estava brincando.”

“Por que ele brincaria com uma coisa dessa?” Ele fala sério. “Pelo que sabemos sua família está desesperada depois do problema na academia e no avião semana passada. Isso tudo passou dos limites” eleva a voz assustadoramente “e nós da máfia não gostamos desse tipo de coisa. Não quero saber qual o real motivo para o tal sujeito estar fazendo isso, quero solucionar e eliminar ele. Vim para cá colher informações com Ethan fora dos regimes da lei. Além de ficar de olho em você.”

“Sem ofender, eu já tenho dois seguranças.” Falo baixo assistindo-o colocar as sacolas dentro do porta malas.

“Sei disso, mas eu não tenho medo de matar, torturar e esmagar a garganta de um lunático como esse cara.”

Dou um passo para trás assustada e ele percebe, balança a cabeça e sorrir.

“Não é para você ter medo de mim.”

“Desculpe”, murmuro. “Foi reflexo.”

Colen assente e circula o carro entrando do lado do motorista e eu entro no carona. Com movimentos econômicos, ele sai com o carro e pegamos a estrada para a casa.

“Você já descobriu alguma coisa?”

Ele fica mudo e eu acho que não vai me responder. Só que ele respira fundo e tira os óculos pendurando no sobretudo marrom escuro e diz:

“Sim, mas ainda nada sobre o paradeiro do filho da puta. Apenas uma pista.”

“Você pode me dizer? Ethan não gosta de me contar nada. Fica preocupado que eu vá ficar *preocupada*, mas fico mais ainda quando tenho que inventar as coisas na minha cabeça.”

“Eu entendo ele. Só está querendo te proteger.” Assinto e ele continua: “Consegui levantar mais informações de tudo que aconteceu com você e sua família anos atrás. Uma delas foi o sequestro do seu pai.”

“Will?” *Will foi sequestrado?*

“Sim. Quando ele tinha onze anos foi sequestrado.”

Will foi sequestrado.

“Ficou quatro dias sumidos e pelo que li a equipe de resgate não conseguiu achá-lo antes. Ryan Colton pagou o resgate, mesmo assim tinha mandado a equipe atrás do Will. Provavelmente os sequestradores não gostaram. No cativeiro tinha mais crianças e o cara matou quase todas, só três sobreviveram.” Ele olha para mim rapidamente. “Não se deve brincar com esses caras. Deu o dinheiro, espere. Se não der e chamar a polícia é mais compreensível na cabeça deles. Caso contrário é traição.”

“Você fala como se entendesse.” Sussurro.

“Eu entendo.” Ele fala assentindo e meu corpo se arrepia.

“Você faz isso também?”

“Não com crianças, mas com familiares dos nossos inimigos. Se bem que não chega a ser um sequestro. Apenas ficamos com os sobreviventes de uma emboscada para nós coletarmos informações deles.” Ele me olha de novo. “Embora, a gente pegue parentes dos nossos inimigos sim, mesmo que às vezes eles nem liguem.”

“Está falando sério? Como eles não se importam?”

“Meu mundo é mais sujo que você possa imaginar e normalmente os chefes de gangs ou homens feitos não querem saber de família, a não ser a da máfia. Eles querem território. Poder. Para muitos; família, esposa e filhos, é um jogo de união entre uma facção e outra.”

“Minha nossa”, sussurro baixo, horrorizada. “Você acha que esses homens atrás de mim são tipos como esses que você falou agora?”

“Não. Ele não quer fazer isso por território ou poder, se bem que ele conseguir a vingança dele — porque está mais do que claro que é por isto — ele vai mostrar poder acima da sua família.”

Assinto e desvio meus olhos para janela. É tanta coisa, não sei o que pensar. Will foi sequestrado e eu nunca soube disso. Uma coisa que aconteceu na nossa família anos atrás. Foi quase isso que eles falaram para mim e agora faz

sentindo.

“Você acha que são os mesmos homens que pegaram *meu pai*?” Pergunto tão rápido que chamo Will de pai no calor do momento e... se encaixa. E tenho que me acostumar.

“Eu pensei muito sobre isso com meu irmão.” Colen faz uma pausa para acionar o interfone dos portões de ferro. Entramos e levando o carro para perto do chalé, volta a falar: “E conversei com os outros seguranças que cuidam de você desde pequena e as informações foram se encaixando. Raul disse a mesma coisa que eu. Esse cara supostamente pode ser os sequestradores do Will, ou alguém muito perto de vocês que ninguém suspeita.”

“Você acha isso mesmo?”

“Acho, porque não é possível não terem noção de quem ele seja.”

“No baile da empresa,” começo a falar e ele estaciona o carro e se vira para mim, “apareceu um homem muito estranho e falou comigo umas coisas assustadoras. Ele estava morrendo de ódio e disse que eu era uma medrosa como todos da minha família.” Fito seus olhos. “Ele estava lá provavelmente como um convidado, porque estava vestido como todos os outros. Elegante e bem apresentável. Você falar que ele pode estar no nosso meio e não temos noção de quem seja... faz todo sentido.”

Ele assente prestando atenção e como estivesse anotando mentalmente tudo, pergunta:

“Ele só falou com você?”

“É. Ethan apareceu e ele sumiu. O homem olhou para trás de mim, aí eu me virei para ver o que chamou atenção dele, então Ethan apareceu e chegou a me dar um susto. Acho que eles nem se esbarram. Foi muito rápido. Nunca fiquei com tanto medo.”

“Ele não fez mais nada?” Colen pergunta franzindo a testa.

“Me tocou e eu desviei rápido. Estava morrendo de medo.”

“Nunca mais o viu?”

Balanço a cabeça. “Na academia. Eu acho que ele estava lá.” Falo com a voz baixa, recordando. “Vi de longe um homem perto de um carro todo preto. Estava como se me esperasse e eu acho que foi por causa do que ele fez no baile que eu fui ver o que ele queria e bem, aconteceu o que aconteceu.”

“Você foi imprudente e muito corajosa também, mas nunca mais repita isso sem falar com ninguém.”

“Como assim?”

“A ideia não foi ruim, mas burra, pois você poderia estar morta agora e todos. Não sabemos o que realmente eles querem e você é fraca para uma tática como essa. Na máfia às vezes somos iscas, mas somos homens feitos da máfia,

sabemos os ricos e o que estamos fazendo, você não.” Balança a cabeça. “Por isso sua ideia não foi de todo ruim, mas totalmente imprudente e você tem sorte que seu homem é um homem de lei.”

“Por que senão?” Pergunto com os olhos fixos nos seus azuis claro.

Colen sorri de lado. “Ficaria trancada dentro de casa durante um mês para não fazer mais isso. Pelo menos meus irmãos e eu não somos de bater em mulheres, mas alguns, sim. Apenas gostamos de dar uma lição, um castigo.” Ele assente e abrindo a porta, saindo do carro, diz: “Você é muito forte, mais do que muitos percebem, mas não pode combater fogo com fogo contra eles. Aprenda a confiar e aceitar que precisa de segurança.” Sai e abre o porta-malas pegando as coisas e entrando dentro do chalé.

“Eu não tinha escolha naquela dia.” Digo de frente para ele quando saio do carro e entro no chalé.

“Você tinha sim.” Colen diz sério. “Escolheu a errada em enfrentar eles daquela forma, mas agora não vai fazer mais isso. Ethan não vai permitir, seus seguranças não vão, seu pai e eu também. Nós somos a máfia, somos responsáveis pela Costa Oeste e você pertence a ela. Confia em mim e nos meus homens. Nada vai lhe acontecer sem acontecer a eles. Quando um dos meus sangra, sangra muito mais nos deles.”

Meu coração bate tão forte que chega a doer dentro de mim. Abraço meu corpo e vejo Colen sair. Estou atônita, apática, anestesiada. Nunca pensei que chegaria a isso, na verdade, meu... pai não chegaria a tanto e meu avô também. Minha família não faria isso, mas Ethan... ele está determinado e a qualquer custo.

Pisco os olhos e percebo quando ele entra para e fica na minha frente. Estou congelada. Subo meus olhos e encontro os seus. Ethan sabe que perguntei e Colen me contou tudo. Talvez não havia código de sigilo e fico grata. Ele me prometeu sem segredos, não ia esconder mais nada e... cumpriu.

“Você quer mesmo acabar com isso, não é?” Sorrio de lado fraca.

“Quero viver em paz. Quero sua liberdade e de toda a nossa família.”

“Você não estava brincando com esse negócio de máfia.”

“Não brinco sobre sua segurança.” Ele diz quase a mesma coisa que Colen e assinto.

“Eu sei.” Ando até ele e nos abraçamos forte.

“Apenas confie em mim, querida.”

“Com a minha alma.”

Ethan beija meus cabelos e afasta apenas meu rosto, me beija castamente e encosta a testa na minha. Ficamos assim e sinto sua força e como estamos ligados. Algo ascende dentro de mim e agarro-o com força. Vamos conseguir

nosso *felizes para sempre*. Confio nisso profundamente.



ABRO OS OLHOS E FITO O TETO DE MADEIRA. Suspiro e abro os braços também, meu corpo no meio da cama está livre para se espreguiçar. A avó de Ethan fez ele dormir no quarto dele na casa principal. Ele foi muito contrariado e reclamando do jeito chato dele. Antes de ir me deu um beijo de ficar na ponta dos pés e foi me deixando sem fôlego.

Dormi como uma pedra e fiquei um pouco surpresa. A conversa com Colen foi pesada. As novas informações que tive eram para me deixar angustiada, mas eu não fiquei e nem estou. Ele me assustou no começo e confessei isso para Ethan, mas ele disse para não ficar assim. Que confia nos irmãos Lozartan.

Não estou sendo submissa e deixando de ter meus próprios pensamentos, concordei com tudo, porque senti que Colen é um homem bom, não um *bom homem*. Como seria se mata pessoas e tortura com facilidade? Eu apenas quero que ele seja bom para mim, minha família e Ethan. Não me interessa o que faz longe de nós.

Levanto da cama, jogo as pernas para fora e fito meu vestido pendurado na porta do guarda roupa do lado de fora. Ethan quase viu ontem e mesmo que o casamento seja algo... apressado, não quis que ele visse. Quero seguir todas as tradições. *Menos a de entrar com meu pai*.

Meus ombros caem e penso em Will e Cora. Estou surpresa comigo mesma. Eu já os aceitei como meus pais. Na quarta, quando conversei com Ethan sobre tudo e chamei Will de pai, ele sorriu. Um sorriso aliviado e segurou forte minhas mãos. Ele me entende tanto que sabe que agora só preciso encontrar com eles e abraçá-los, como se assim eu pudesse recompensar todos os anos perdidos que não fomos uma família.

Estou com saudades deles e pensei em ligar, mas eu aprendi com Will que conversas sérias não devem ser por telefone. Fora que eu também não quero isso. Quero nosso encontro, quero poder abraçar eles e dizer olhando seus olhos como os amo e sou uma filha sortuda por ter dois pais tão guerreiros.

Escuto alguém bater na porta e me levanto da cama colocando o robe de algodão do Ethan. Ele deixou aqui porque foi vestido conforme tinha voltado da cidade com Ken, Jorge, Raul e Colen, acho que Gideon foi também e mais os homens que trabalham aqui. Aperto a gola no meu pescoço e inspiro com força

para sorver seu cheiro no tecido. Sorrio e coloco minhas pantufas, mesmo de meia. Abro a porta e Clara adentra o quarto sorridente.

Ela chegou ontem e foi o melhor presente de casamento que Ethan poderia ter me dado. Ele disse que não poderia trazer todo mundo — até confessou que Anton sabia e queria vir, mas não poderia arriscar — mas trouxe minha melhor amiga, minha irmã postiça. Eles brigam às vezes e brincam. Sei que é zoação. Ethan gosta da Clara, só não tem muita paciência com seu alto nível de humor e piadinhas.

“Você acordou agora princesa? Por que já não está de banho tomado?” Ela pergunta entrando no banheiro.

“Porque eu fui dormir tarde.”

“Oras, por que?” Vira o corpo para mim e me fita ansiosa. “Ethan nem dormiu aqui, se tivesse eu teria entendido. Já que vocês parecem — ”

“Shiu, Clara!” Ralho e ela dá risada. “Estava com dificuldade de dormir. Acho que ansiedade.”

“Hmm... entendo e não entendo.” Se aproxima de mim e pega minhas mãos. “Você acha que está cedo demais? Que ele não é o cara?”

“Claro que não. Ethan é *o cara*!” Afirmo com total certeza. “Só não estou mais acostumada a dormir sem ele.”

“Oh, que fofo. Vocês se merecem. Eu o peguei andando pela casa de madrugada e ele disse a mesma coisa.”

“Jura?” Sussurra.

“Juro e não sei qual é a surpresa. Aquele homem tem todos os pneus arriados por você e o step.”

Dou risada, mas ela logo bate as mãos na minha frente. “Eu sei que tudo isso é fofo, lindo, romântico e sexy, mas precisamos dá uma geral em você. A cabelereira que a Lavínia pediu vai chegar as onze horas, então temos só duas horas para você tomar banho, se depilar com a cera que eu trouxe e nós vamos fazer as unhas.”

“Nós?” Pergunto rindo.

“É, amiga. Vai chegar uma ‘faz tudo’ aqui para mim e para você. Isso *eu* consegui! Nada que um cartão de crédito não resolva.” Ela fala e faz um gesto com os dedos como se fosse uma bruxa de filme de criança.

Clara começa a preparar o banho de banheira para mim e me viro para ir à cozinha comer algo. Estou morrendo de fome.

“Ei!”, ela me grita e olho para ela novamente. “Está indo aonde?”

“Não posso ficar sem comer. Estou faminta. Vou desmaiar daqui a pouco.”

“Que seja. Come rápido.”

“Assim vou botar tudo para fora depois.”

“Está bem.” Ela diz e vem até a mim. “Vamos comer e depois banho, depilação, unhas e cabelos. Você vai ser a fast-noiva mais linda.”

“Fast-noiva?”

“É. Que nem fast-food, comida rápida. Você é a noiva rápida.”

“Ah! Clara. Você é terrível.”

“Eu sei, eu sei. Obrigada.”



LEVANTO DA CADEIRA depois de uma hora e meia sentada fazendo o cabelo, maquiagem e terminando de fazer as unhas dos pés. Passo as mãos nos meus cabelos de leve para não desmanchar o penteado. Christina, a faz tudo como Clara fica chamando, penteou meu cabelo para o lado, prendendo com o prendedor que Ethan me deu. A flor de cristal está brilhando e o azul vivo. Nas orelhas coloquei um brinco da avó dele. Uma asa de anjo com pedras de brilhante. É lindo e antigo. Dá sorte.

Meus cabelos, eu pedi a Christina para deixá-los mais claros e cortei uns quatro dedos. Estou torcendo que Ethan goste. Eu amei e sei que ele não liga para essas coisas. No ano novo mexi e ele apenas disse que ficou lindo, sem mais.

Minha maquiagem é simples, mas nos lábios estou com batom vermelho. Raridade eu colocar um batom tão forte. Eu adorei e meus lábios estão bem desenhados. *Pena que ele vai destruir depois.* Reclamo como se eu não gostasse. Rio e vejo Clara e Christina tirando meu vestido do cabide. Paramos quando alguém bate na porta do chalé, onde estamos só nós três.

“Quem será?” Clara diz e vai conferir. “O que você está fazendo aqui?”

“Quero falar com ela dois minutos. Prometo.”

“Nem um segundo.” Ela resmunga.

“Quem é Clara?” Pergunto.

“Sou eu, amor.” Ethan berra. “Deixa eu falar com você rapidinho. Juro que fico de olho fechado.”

“É urgente?” Caminho para perto da porta.

“Não caia na onda dele, Vic. Ele não vai entrar.”

“Deixa ele, não estou pronta ainda.” Murmuro para ela. “Vai. Solte a porta. Eu mesmo o faço sair. Marca cinco minutos.”

Ela revira os olhos e abre a porta. Olho para Ethan e suspiro. Está com o

cabelo arrumadinho com gel e cortou também um pouco. Está lindo, de barba feita e o sobretudo está escondendo o que está vestindo, mas pela calça de linho passada e preta com os sapatos polidos e sociais, com certeza já está pronto.

Ele anda até a mim e me puxa para o quarto. Sigo escutando Clara reclamar atrás de nós e quando ele fecha a porta, me abraça. Respiro fundo e sinto seu perfume. Está tão cheiro. Seus braços fortes me envolvem toda. Me afasto para não o amarrotar e passo as mãos no seu peito, ajeitando.

“Você já está pronto?”

“Sim”, diz com a voz rouca. “Senti sua falta na hora de dormir. Foi uma merda.”

Rio e afago seu rosto. “Também senti.”

“Enfim, eu prometi dois minutos e você cinco. Vamos ser rápidos.”

“Ok. O que você quer? Só me abraçar?”

“Não. Vim trazer isso. Recebi por e-mail de Anton agora a pouco, tentei vir mais cedo, mais não me deixaram.” Ele tira de dentro de um envelope que eu nem tinha reparado que estava segurando, umas folhas grampeadas.

“O que é isso?”

“Nosso acordo pré nupcial.”

Meus ombros caem, mesmo que eu entenda que famílias como as nossas tem isso e às vezes precisa, eu estou sem reação.

“Não é o que você está pensando. Vou me casar com você por comunhão de bens. Tudo que é meu passa a ser seu.” Sua voz sai rouca.

“Não quero nada disso”, murmuro.

“Me escuta.” Ele fala olhando meus olhos e sério. “Você terá mais partes nas ações da empresa casando comigo e vai ter mais direitos sobre a Colton & Brown.”

“Não ligo.”

“Amor, eu sei que não e não estou dizendo isso, mas quero garanti que nossos filhos tenham. Eles serão donos dos dois lados e mesmo que você não aceite, eu quero garantir isso.”

Balanço a cabeça e olho minhas mãos. “Não entendo para que isso.”

Não compreendo porque geralmente existem esses acordos para prevenir se o casal se divorciar os filhos não percam nada e nenhuma das partes perca nenhum benefício ao se unir. Ele disse com comunhão de bens, eu não ligo para nada disso.

“Ei”, ele levanta meu rosto com o indicador no meu queixo. “Não existe a possibilidade de nós nos separarmos. Só saio desse casamento morto. *Até que a morte nos separe.*”

“Não diga isso.” Seguro seu rosto. “Nem brincando.”

“É a verdade e eu quero que entenda que esses papéis são para a nossa segurança e dos nossos filhos. Nada além disso, então não tem porque você não assinar.”

Suspiro e assinto. “Você tem razão, é só que... eu não gosto disso. Não quero mais parte da empresa. Não quero seu dinheiro e nem seus bens.” Falo baixo com as mãos no seu peito. “Nada disso tem valor para mim Ethan. Que nem quando eu te expliquei que tudo que é meu, que é rastreado não tem significado. São matérias, objetos. Seu anel só fica no meu dedo porque eu sei que as palavras foram de coração e sei que fez tudo por amor, mas de qualquer forma o que eu vejo olhando para ele, é a lembrança daquele dia, não os dólares que você gastou nele. Nasci rica, mas não morro por dinheiro.”

Ethan respira profundamente e pega meu rosto. Me dá um beijo casto e doce que faz meu coração contorce dentro do peito.

“Eu sei disso, meu anjo. Eu te conheço.”

Nos beijamos e me afasto pegando uma caneta na minha bolsa. Sento na cama, perto da cabeceira para ter apoio e assinar e rubrico onde tem que fazer. Ele me faz ler antes e eu concordo com tudo, até rio na parte que diz que meu nome vai mudar e sem usar hífen. Mais em baixo encontro meu nome de solteira e dos meus pais. Meu coração dispara. Meu nome de verdade, na certidão de nascimento original: Victoria Rose Leiwns Colton, filha de Cora Rose Leiwns Colton e William Wayne Colton.

“Eles são casados.” Solto, passando o dedo em cima dos nomes dos meus pais.

“São.”

Subo meu rosto e encaro Ethan. “Você sabia há muito tempo?”

“Ela me disse no dia seguinte que você soube deles. Eles se casaram quando estavam na Inglaterra.”

Franzo a testa. “Mas eu já era nascida, como o nome dela está diferente na certidão?”

“Repare aqui.” Ele se inclina e aponta para a data da certidão, é uma segunda via e de quatro anos depois do meu nascimento.

“Eles sempre foram meus pais.” Minha voz sai distante.

“Claro que sim, querida.” Ethan beija minha cabeça e ergue o corpo. “Não tenha dúvida disso.”

Olho para ele e fico espantada com a segurança que essas palavras saíram da sua boca. Confiante e certa. Abro um sorriso contente e assino tudo. Me levanto e entrego os papéis para ele. Sou agarrada e solto uma risada.

“Até daqui a pouco Srta. Colton.” Ele me beija e limpo a boca dele de batom. Está todo manchado.

“Vamos, você já tirou meu batom.”

“Você passa de novo.” Diz me seguindo para fora do quarto e na sala, me agarra por trás. “A propósito, você está linda demais com o cabelo novo.”

Me viro — escutando Clara fazer som de nojo — e faço carinho no rosto dele.

“Você também está.”

Ele me beija de levinho nos lábios e me afasto.

“Christina você pode remover o batom da boca dele com aquele produto?”

“Claro.”

“Nem vem passar esses negócios na minha cara.” Ele reclama quando o empurro para cadeira perto do espelho.

“Para de ser ranzinza e deixa ela limpar você. Não é maquiagem, é demaquilante.”

Ele resmunga e revira os olhos, mas deixa ela fazer.

Limpo e resmungão, Ethan se levanta, me dá um beijo no rosto e caminha para porta.



MESMO EM UM CASAMENTO ÀS PRESSAS eu tenho direito a uma entrada até o altar digna. Um tapete vermelho, que metade tenho apenas a companhia da paisagem linda do jardim e a neve, e depois dos avós de Ethan, os seguranças, Prince e Clara e Lucca, que ficam no altar. Meus padrinhos. E tenho direito a música também e os primeiros acordes já tocam.

Sinto borboletas tentando levantar voo dentro de mim. Engulo seco e dou um passo, depois outro e levanto a cabeça. *Lá está ele.*

Lindo, arrumado de smoking preto, blusa de linho branca, gravata azul — a que eu escolhi para ele ir no baile. Eu sabia que ele estava com ela na mala, mas meus olhos se enchem por ele estar com ela justamente hoje.

Está com as mãos unidas na frente do corpo e o peito estufado, pernas levemente separadas e ele mexe o pé direito, nervoso. Sorrio e engulo o bolo na minha garganta. Desse jeito vou ser a noiva urso, com bolas negras envolta dos olhos por chorar tanto e me borrar.

Seus olhos só estão em mim e os meus nele. *Eu não consigo tirar meus olhos de você* tem tudo a ver conosco. E é justamente a música que está tocando, a música do baile: *Can't take my eyes off of you* do Franklin Sinatra. Ela toca ao fundo e meus lábios tremem. *Ele não fez isso! Poxa! Eu vou chorar tanto.* Fungo

e caminho até ele.

Chegando mais perto, percebo que seus olhos estão molhados e ele engole em seco quando paro na sua frente, sorri e limpa a garganta.

“Oi.”

“Oi.” Sussurro e ele estende a mão para mim com um lenço. Aceito e limpo embaixo dos meus olhos.

O juiz de paz começa a falar e é rápido. Não é uma grande cerimônia para falar aquelas coisas todas e se ele falasse, eu iria me desmanchar de chorar e derreter toda a neve de Aspen.

O tempo todo Ethan não para de me olhar e a *merda* da música toca ao fundo, só os acordes. *Romântico, idiota*. Faço cara feia para ele e isso o faz sorrir. Ele sabe o que estou pensando, sabe tanto que dá um apertão na minha mão – que ele não solta.

Ao comando do juiz, nós repetimos algumas coisas, olhando um para o outro. Que iremos respeitar, amar e proteger. Honrar o sagrado matrimonial. Agora ele pede para falar os votos. Ethan limpa a garganta novamente, se vira para mim e olha meus olhos concentrado.

“A primeira vez que cantei essa música para você,” ele fala com a voz rouca e a música parece mais alta “eu entreguei meu coração e nem percebi. Talvez ele soubesse primeiro do que eu, que eu te pertencia e por um tempo, acho que uma semana, eu tive medo desse sentimento.” Faz uma pausa e respira fundo. “Hoje o que eu mais quero... é demonstrar o quanto te amo, que vou te respeitar, proteger. O quanto me sinto no céu com você nos meus braços e o quanto quero você para mim. Que deixe-me te amar para sempre.”

Pisco os olhos e fungo baixinho secando as lágrimas que escorreram no canto da minha face. Ethan faz uma careta comovida e assente para eu falar.

Merda. Não sei se vou conseguir.

Respiro profundamente e aperto as mãos dele.

“Não há palavras... no mundo para eu explicar como te amo. Não há palavras certas... para eu dizer como me sinto quando estou nos seus braços. Não há outra forma de dizer o quanto sou sua, sem entregar minha alma, meu coração e meu corpo.... Eu sabia que você ia sacudir meu mundo e você fez mais que isso. Você me transformou e sou muito melhor agora e vou continuar procurando ser mais ainda para ser digna de você até que eu... me for.” Meus olhos se embaçam e tomo fôlego. “Não tenho certeza de nada, do amanhã, do futuro, de nada, mas tenho certeza de que sou sua e serei eternamente.” As lágrimas escapam e soluço rouco.

Ethan tem os olhos comovidos e emocionados enquanto me fita. Sei que escutei suspiros quando ele falou seus votos e agora escuto as poucas pessoas, os

avós dele, Clara, Lucca, nossos seguranças e os empregados da casa que ajudaram a organizar a festa e Christina, suspirando de modo emocionado e tenho certeza que ouvi Lavínia fungar.

O juiz de paz pede para nós falarmos os juramentos. Na alegria e na tristeza... E pede as alianças. Para minha total surpresa, mesmo se falando de Ethan que sempre pensa em tudo. Lucca entrega a ele a aliança e ele pega minha mão, repete o que o juiz fala e coloca no meu dedo anular da mão esquerda o anel, com as mãos tremendo. Depois é minha vez com a aliança que Clara me dá.

Trocadas as alianças, assinamos o documento e o juiz nos declara marido e mulher. Engulo em seco erguendo meu corpo. Ethan dá um passo para frente, ficando mais perto de mim e segura meu rosto quando finalmente escutamos: Pode beijar a noiva.

Assisto lentamente ele aproximar o rosto do meu e fecho os olhos quando ele roça os lábios nos meus. Um beijo suave e casto que deixa meu coração derretido. Seguro seus punhos enquanto ele segura meu rosto e sinto-me profundamente feliz e amada. Um flash nos registra nesse momento único e eterno.

Ele se afasta, sorri e acaricia meu rosto.

“Eu amo você” fala com a voz rouca e baixa, “minha esposa.”

“Eu te amo demais, meu marido.” Sussurro e ele abre um sorriso de iluminar o céu inteirinho. Beija minha mão, em cima da aliança e eu repito o gesto em sua mão.

Saímos desse momento só nosso, quando escutamos aplausos e os avós dele falam conosco, Clara e Lucca, até Ken me cumprimenta e o abraço. Com certeza sem ele, eu não estaria aqui hoje.

“Obrigada por me salvar e permitir eu viver isso.”

Ele acena com a cabeça e recua um passo. “E vai viver muito mais, tenha certeza.”

Assinto e sigo todos para a tenta posta no jardim. A mesa é comprida com quatorze cadeiras com uma espécie de véu atrás. Na mesa a toalha é marfim, os castiçais são altos e lindos, combinando com os três lustres pendurados. Está tudo simples e lindo. Sento ao lado de Ethan para almoçar com os demais.

“Está feliz?” Ele me pergunta quando todos já estão servidos e comendo.

“Claro que sim.” Sorrio e faço carinho no seu rosto.

“Nós vamos fazer isso de novo, para toda nossa família. Prometo.”

Assinto, porque sei que ele irá fazer. Ele faz tudo para me agradar e eu tenho a vida toda para fazer o mesmo. Nunca pensei que chegaria a encontrar meu príncipe encantado, mas eis ele aqui, ao meu lado, lindo, gentil,

profundamente apaixonado e meu marido. Sorrio me sinto plena e grata.

Vinte

Ethan

SÁBADO, 20 DE FEVEREIRO DE 2014.



VICTORIA ESTÁ CALADA AO MEU LADO, mas com um sorriso adorável. Eu já acabei de comer e vejo que ela está terminando. Não quero apressar ela, mas também não quero ficar mais aqui. O casamento era apenas para nós, não era para celebrar. Não acho certo com nossos pais e também quero ficar à sós com ela.

“Está satisfeita, querida?” Pergunto mirando seu perfil.

“Sim.” Ela vira o rosto para mim e deita o rosto. “Qual problema?”

“Podemos ir?” Franze a testa e chego meu rosto perto dela, beijo de leve sua boca e murmuro: “Apenas me siga.”

Ela solta sua risadinha, eu afasto minha cadeira e olho Ken. Ele percebe e quando faço um aceno, ele repete o gesto e se levanta junto conosco. Minha avó, quando pego a mão de Victoria para ela vir também, aparece na nossa frente.

“Onde vocês estão indo?”

“Vovó nós já estamos indo. Pode ficar e curtir o almoço, mas para nós terminou.”

“Por quê?”

“Não é justo termos uma festa de casamento sem nossos pais.” Falo em meu nome e de Victoria que aperta minha mão concordando.

“Você tem razão, querido.” Vovó diz abraçando eu e Victoria.

Sigo para dentro do chalé com minha esposa e fecho a porta para ficarmos à sós rapidinho. Vamos para o quarto e ela de repente se vira para mim, joga os braços para cima dos meus ombros e sorri.

“O que é isso Sra. Brown?”

Ela abre mais o sorriso.

“Só estou te abraçando, porque você está lindo.” Ela acaricia meu rosto.

Encosto a testa na dela. “Minha esposa.”

Victoria ri baixinho e sussurra também:

“Meu marido. Meu marido lindo.”

“Você me surpreendeu hoje, nem chorou no altar como faz sempre.”

“As outras vezes eu estava chorando de tristeza, hoje é de felicidade e eu me controlei o máximo que pude. Você tinha que usar aquela música?” Ela pergunta e dou de ombros.

“Mas você ficou feliz hoje? Quero dizer, dentro de você?” Mudo o foco para algo que preciso saber.

“É claro que sim. Muito feliz mesmo.”

“Mesmo eu não te dando tudo?”

Ela afasta o rosto e me olha sorrindo. “Você vai me dar depois, sei que vai.” Fala confiante.

“Vou mesmo e vai ser uma honra casar com você de novo Sra. Brown.”

Victoria solta uma risadinha e passa o dedo nas minhas sobrancelhas.

“Você vai ficar me chamando assim toda hora? Eu acho chato.” Faz uma careta. “Cresci toda a minha vida escutando: Srta. Colton. Senhorita. Me sinto velha desde os oito anos.”

Rio e beijo de leve seu nariz, não paro de fazer isso, ela está linda demais.

“Imagina eu que nunca fui um *senhorito*.”

Ela dá gargalhada e encosta a testa na minha de novo, mas seguro seu rosto com uma mão e encosto meus lábios nos dela. Nós beijamos com mais vontade, enfio a língua na sua boca e suas mãos nos meus cabelos. Ela geme baixinho e solto seu rosto, deslizo as mãos por seu corpo e deixo em cima da sua bunda.

“Hmm...” ela murmura um gemido. “Estava louca para ficar sozinha com você.” Me beija. “Chegar no quarto e...”, sussurra.

“Não vamos ficar no quarto. Nada de casinha hoje.”

“Não?”

“Não”, murmuro e a encaro. “Eu reservei um quarto de hotel com tudo que tem direito para minha esposa querida.”

“Hmm... eu gosto disso.” Ela me beija e me abraça mais, também aperto seu corpo quente. “Me sinto diferente.” Sussurra.

“Diferente?” Falo humorado.

“Mais sua” diz com a voz sexy “e você mais meu.”

Sorrio de lado e beijo seu nariz de novo. “Isso parece bom.”

“É maravilhoso.” Ela afirma e afasta o rosto olhando profundo em meus olhos. “Vou passar a vida toda ao seu lado. Tendo isso só para mim.” Acaricia meu rosto e os olhos ficando marejados. “Te amando e sendo a mulher mais amada e feliz. Sou tão sortuda.”

“Então porque quer chorar?”

“Porque é grandioso demais e eu te amo tan — ” sua voz falha e ela engole para depois me beijar suavemente nos lábios.

Fecho os olhos e aceito seu beijo. Seus lábios passam lentamente nos meus e suas mãos acariciam meu rosto e cabelo *sonolentemente*. Meu coração se aperta quando me afasto e ela fixa suas bolas verdes nas minhas azuis e agora molhadas.

“Nunca deixe me levarem.” Ela murmura baixo e uma lágrima escapa.

“Jamais.” Falo rouco sentindo um bolo na garganta.

Victoria suspira e as comportas se abrem. Ela chora baixinho com olhos nos meus, perfurando minha alma.

“Está chorando por que agora, amor? Não precisa, estou aqui. Ei.” Limpo seu rosto.

“É que... eu um dia vou ficar velhinha e...” Ela me agarra, abraçando meu pescoço com força.

Sinto seu corpo tremer e tremo também. Estou profundamente emocionado com ela.

“Não quero te dizer adeus nunca.” Puxa a cabeça para trás e encosta a testa na minha segurando meu rosto com certo desespero. “Esperei por você a minha vida toda. Acho que por todas as minhas vidas e eu... eu não quero ficar sem você nunca mais.”

Agora eu a agarro. Meus braços apertam tanto seu corpo que tenho medo de machucá-la. A possibilidade de ficar sem ela... Nunca tive medo de morrer, da morte. Não importa a circunstância da vida, nem o tempo, nada. Agora eu estou desesperado e sei que não posso prometer nada a ela. Só que irei viver a minha vida inteira ao seu lado.

“Ninguém nunca vai sentir um amor como o nosso.” Ela balbucia chorando baixinho nos meus braços. “E eu vou ter você de novo para mim. A vida não pode ser só isso, Ethan. Tem que ter mais.”

“Também acho”, concordo arfando para conseguir respirar através do bolo na minha garganta. Não sou de ferro quando esse futuro é iminente “e eu vou achar você de novo e de novo e vamos nos amar eternamente.”

Sinto seu rosto balançar quando ela acena que sim. “Você nunca mais vai ficar sem mim.”

Limpo a garganta e pego seu rosto fitando seus olhos. “Você é minha para todo o sempre.”

“Você é meu para todo o sempre e sempre e sempre. O infinito é pouco, Ethan Lyon Brown.”

“Sim e agora vamos viver intensamente essa vida, meu anjo.”

Victoria assente freneticamente. Nossos olhos se travam em uma mensagem profunda de amor e elo. Nada nunca vai nos separar. Nem a morte. Ela me agarra de novo e eu a ela. Seus braços apertam meu pescoço e os meus suas costelas. Afastamos apenas nossos rostos e nos beijamos apaixonadamente e entregues. Ela será minha, *profundamente minha* para além da eternidade. Agora vou viver intensamente essa vida com ela e mesmo que alguns não acreditem no pós vida ou na vida eterna, eu nunca desejei tanto que tudo isso seja verdade.



SABO PRIMEIRO DO CARRO E CONTORNO ELE, abro a porta e estico a mão para Victoria sair. Sorrindo ela aceita minha mão e sai do carro segurando a barra do vestido. Andamos para dentro do hotel com Raul na frente carregando uma mala com minhas coisas e as delas. Vamos ficar dois dias aqui e na verdade, a mala não tem quase nada. Vai servir para guardar o vestido de noiva.

Entramos no elevador ao lado do que Raul e Ken pegaram. Jorge ficou por lá, preciso de um dos meus olhando meus avós. Aproveito que estamos à sós e a abraço por trás.

“Eu esqueci de dizer” murmuro quando as portas de aço se fecham e a abraço por trás. “Você está deslumbrante neste vestido.”

Victoria geme e gira nos meus braços, coloca as mãos nos meus ombros e ajeita desnecessariamente a gola do meu casaco. “Você também está deslumbrante. Tão lindo que estou com pena de desmontar você.”

Solto um riso forte lembrando que uma vez falei a mesma coisa para ela, no dia do baile.

“Você é terrível, meu anjo.”

“O anjo é você. Meu anjo da guarda.” Diz piscando os olhos. “Meu protetor.”

Tiro as mãos da sua cintura, passo por cima do seu casaco peludo, o que eu dei e pego seu rosto para beijar sua boca, porém o barulho nos desperta e olhamos para a porta do elevador se abrindo.

“Deixa pra daqui a pouco, amor.” Ela diz e pega minha mão saindo.

“Ei. Nada disso.” Falo e abaixo o corpo, a pego pelas pernas e a cintura, e ergo em meus braços. Ela solta um gritinho rindo e envolve meu pescoço com um braço. “Vou entrar com minha esposa no nosso quarto de hotel, na nossa noite de núpcias em meus braços.”

“Te amo.” Ela beija meu rosto, sorrindo e deita a cabeça entre seu braço e meu ombro. Ficamos parados na frente da porta da suíte que reservei, esperando. “Vai cansar me segurando”, sussurra.

Plim. O elevador faz e nossos seguranças saem. Victoria sorri e esconde o rosto no meu pescoço. Aceno para Raul e ele logo abre as portas duplas do quarto máster. Ele deixa a mala em cima do sofá e volta para as portas que eu estou passando agora com minha esposa nos braços. Falo para ele ficar à vontade

no hotel e qualquer coisa envio mensagem, mas espero não fazer. Ele sai fechando as portas.

“Finalmente você é só minha” murmuro com a boca perto do ouvido dela.

Sorrindo ela desliza a mão por meus ombros e sobe para o meu rosto. Segura e inclina o dela para me beijar. Fecho os olhos e aperto minhas mãos no corpo dela, em suas coxas. Sugo seu lábio inferior e solto deixando um estalo no ar.

“Finalmente você é só meu.” Ela repete minhas palavras me fazendo sorrir.

Calmamente coloco seus pés no chão sem tirar minha mão das suas costas e quando volto a ficar de frente para ela, abraço com vontade seu corpo. Ela chega o rosto para o meu pescoço e beija minha pele, subindo beija minha orelha, meu queixo, maçãs do rosto, fecho os olhos e ela beija meus olhos e nariz.

“Eu sou louca por você”, sussurra e dá um beijinho na minha boca.

Sorrio pela ternura dela. “Também sou louco por você. Profundamente louco, querida.” Beijo seu nariz e tiro seu casaco deixando-o cair no chão “Preciso que você faça uma coisa comigo.” Me afasto dela.

“O quê?”

“Você vai ver.”

Tiro meu casaco também, deixo no sofá. Vou até o aparelho de som e ligo. A música começa a tocar, lenta. Eu procurei uma seleção de músicas românticas na internet. São lentas e ótima para eu dançar e despir minha querida e angelical esposa que está mordendo a boca para não sorrir. Curvo meus lábios de lado orgulhoso que acertei e vou até a mesa no meio do quarto, pego a garrafa de champanhe no balde com gelo e sirvo duas taças.

“É só um gole.” Digo entregando a ela a bebida fervilhante.

“Sim, senhor.” Ela zomba de mim e brinda de leve a taça na minha. “A você meu grande e único verdadeiro amor.”

Pego a cintura dela e encosto nossos corpos. “A nós dois, meu amor.”

Ela sorri e enlaça o antebraço com o meu e damos um gole, nos encarando. Rio quando ela mexe as sobrancelhas sugestivamente.

“Agora chega.” Falo e tiro a taça da sua mão, deixo na mesa e volto para ela. “Dance comigo, esposa.”

Ela assente e morde o lábio sorrindo. “É claro.”

Abro um sorriso, pego-a pelos quadris e puxo para mim. Pego sua mão direita dos meus ombros e entrelaço nossos dedos levantando nossas mãos, dobrando os braços para ficarmos bem perto. Deixo a outra mão na base da sua coluna e dou os primeiros passos conduzindo-a em uma dança lenta. Seus olhos faíscam quando ela sorri para mim.

Pra lá e pra cá. Nós dançamos suavemente pela antessala da grande suíte.

Segurando firme sua mão, faço-a girar para longe de mim, esticando nossos braços e a puxo de volta. Ela solta uma gargalhada e abraça meu pescoço com um braço. Giro meus calcanhares com ela e beijo seu rosto. Ela pousa a cabeça no meu peito e sorri sonhadora.

“Amo ver você sorrindo assim.”

“Mm.... e eu amo ficar assim... com você.” Murmura e faz um som de prazer com a garganta e acaricia minhas costas. “Você é o meu sonho. Eu te amo tanto” diz assentindo, reafirmando suas palavras.

Acaricio seu nariz com o meu e deito meu rosto no dela e dançamos assim. Suas mãos acariciam os cabelos da minha nuca e minhas costas. Eu afagando suas costas e ombros.

Ficamos assim por um tempo e percebo a noite chegando, dançamos umas cinco muitas ou mais. Olho as horas no meu relógio novo, presente dela — eu realmente adorei ele — e vejo que são quase cinco horas. Aqui escurece rápido e principalmente no inverno.

Dou beijinhos no seu rosto, ela ronrona e me abraça mais. Minhas mãos sobem, agora abraçando-a e afagam suas costas. Encontro o zíper do seu vestido de noiva, puxo lentamente para baixo e o abro. Victoria geme baixinho e se afasta para olhar meu rosto. Ela morde seus lábios enquanto fecha os olhos e acaricia distraidamente meus ombros. Exponho suas costas abrindo o vestido.

Ela abre um sorriso e meu peito parece pequeno demais para o quanto estou apaixonado por ela. Meu coração acelera. Ela fica radiante feliz. Aproximo nossos corpos, abaixo o rosto e beijo seu pescoço. Ela inclina a cabeça, me dando mais acesso. Deslizo as pontas dos dedos nas suas costas, subindo e sentindo a lingerie. Percebo que é um corpete e é preso por laços.

Meus dedos estão trêmulos e pego o pano do vestido e empurro para baixo, escorregando por seus braços, pela cintura e dou uma puxadinha para soltar das suas coxas incríveis. Amo seu corpo, suas curvas. O vestido fica amontoado em seus pés e erguendo meu corpo vou deslizando as pontas dos dedos na sua pele até ficar cara a cara com ela novamente.

Dou um passo para trás e olho seu corpo coberto apenas por uma lingerie branca. As meias chegam até as coxas, presas por uma cinta-liga. O corpete molda sua cintura e o sutiã deixa seus peitos deliciosos. Ela sorri e dá uma voltinha para mim.

“Você está incrível.”

“Hm... obrigada.” Fala baixo, sorrindo com malícia e então pula para o meu colo.

Seguro-a firme, gostando da iniciativa. Ela me abraça com as pernas e os braços, e me beija. Me sinto entregue quando ela faz isso. *Sou dela.*

Seguro seu corpo, uma mão nas suas costas e a outra na sua bunda e aperto. Meus lábios raspam os dela delicadamente e enfio a língua com fúria na sua boca. Beijo sua boca cheio de tesão, desejo, amor e tudo que nos representa. Enroscro a língua na dela, sentindo o gosto da minha Victoria. Meu anjo, minha princesa. *Minha!* Minha esposa. Aperto de novo seu corpo com a onda de eletricidade que atravessa meu corpo. Ela é minha esposa e sinto o mundo em ordem.

Beijando sua boca, deslizo a minha língua na dela, arrancando suspiros e gemidos. Sugo sua língua, seus lábios e mordisco. A sensação de poder que eu tenho com essa mulher, o amor intenso que a gente sente. *Como eu a amo.*

Victoria volta a ficar de pé e nos guia até a cama, as cegas. Quando percebo estou deitado com ela em cima de mim ainda com a boca na minha. Me beijando com ardor nos devorando num beijo excitante.

“Você” ela fala enquanto beija minha boca “é tão” e eu chupo a pele do seu pescoço “delicioso.” Ela puxa meu cabelo e eu pego seu rosto e calo-a com minha boca.

Seus beijos me deixam perdidos, duro como pedra. Victoria me beija como se eu fosse um sorvete no verão derretendo e ela quer sorver o gosto dele rápido, antes de liquefazer. Com uma intensidade que sempre faz meu pau endurecer dolorosamente. Sua língua se enroscando na minha e ela suga fazendo sons. As mãos estão na minha cabeça bagunçando meu cabelo do jeito que só ela faz. As coxas uma de cada lado do meu corpo tencionam sobre minhas mãos e ela se esfrega em mim.

“Quero tanto você dentro de mim.”

Ela senta em cima de mim e as mãos voam para os botões do meu paletó. Rosno e giro nossos corpos trocando de lugar com ela. Suas mãos continuam tentando tirar minha roupa, então deixo e ela tira meu paletó, desfaz o nó da gravata e desabotoa minha blusa. De repente puxa as pontas da minha gravata com as duas mãos.

“Eu.Te.Amo”, sussurra com a boca colada na minha.

Sorrio e dou um beijinho nos seus lábios. “Eu.Amo.Voce.” Minha voz sai rouca e lembro da nossa promessa. Que nunca iríamos repetir esses votos. Nada de eu *também* te amo, parece repetição e nosso amor é forte demais para ser assim. Nos amamos com a mesma intensidade. *Profundamente.*

Acaricio seu rosto com o meu e minha boca passa por ele acariciando seus olhos, nariz, as bochechas e a boca do jeito que ela tinha feito comigo antes, mas eu não beijo, apenas faço carinho e escuto ela suspirar.

Meus braços estão do lado do seu corpo e as mãos dela ainda não liberaram minha gravata. Meu peito está colado ao dela e tento não jogar meu peso em

cima do seu corpo.

Consigo dobrar as pernas e ficar meio sentado em cima dela. Seguro suas mãos e delicadamente solto minha gravata. Ela pisca os olhos sorrateiros e abre as mãos ao lado da sua cabeça em rendição.

“Bom. Agora fique quietinha.”

Victoria sorri e assente.

Vou fazendo carinho no seu corpo, desço a cabeça para minha boca encontrar seu pescoço. Beijo suas clavículas até o vale dos seus seios. Ela arqueia as costas e sinto suas pernas flexionarem e se abrirem mais. Meu corpo fica no meio delas. É difícil para ela ficar quieta. Vou descendo mais meu corpo e quando estou praticamente de joelho na cama pego os tornozelos dela e posiciono ao lado das minhas pernas, virando ela.

Coloco as mãos em suas costas e feito uma boneca, vou erguendo seu corpo, ela permite que eu arqueie seu corpo e a ponho sentada. Ela se vira e vem para cima de mim. Dou beijinhos em seu corpo e quando suas mãos invadem minha camisa, ela afaga meu peito todo. Sinto meu corpo arrepiar e minha ereção doer.

Me inclino e puxo os laços da lingerie em suas costas e o corpete afrouxa. Termino de abri-lo e finalmente tenho o vislumbre dos seus peitos cheios e fartos. Os bicos estão rígidos e coloco minha boca em um deles, provocando e sentindo como estão duros. Seus dedos se enterram em meus cabelos e ela acaricia de forma bruta meu couro cabeludo e me beija para aliviar.

Pego-a pelo quadril e puxo seu corpo, faço ela cair deitada na cama. Ela solta uma risada. Dou beijos nas suas pernas e descendo encontro sua fina calcinha de seda molhada. Sinto seu cheiro, cheiro de sexo e estou louco de tesão. Dou uma lambida por cima do pano. Ela grita e agarra os lençóis da cama.

Relutante, pulo fora da cama e rasgo sua calcinha. Será mais fácil assim para mantê-la com a cinta-liga e os sapatos brancos de bico fino. Victoria morde os lábios como se lesse meus pensamentos. Ela apoia os cotovelos atrás do corpo e coloca o pé no meio do meu peito.

“Tira também.”

Agarro seu tornozelo e rosno como uma fera morrendo de tesão. Deixo seu pé na cama de novo, mantendo as pernas dela abertas, porque a mulher é minha e sou pervertido e gosto do que vejo. Novamente ela sorri e balança a cabeça. Pisco o olho e abro a camisa de linho, abro o cinto e a calça. Tiro tudo com a cueca, assistindo ela se tocar para mim.

“Nossa.” Victoria murmura com a voz rouca. “Eu me esforço para fazer um showzinho e você nada. Só tirou a roupa.”

Dou uma gargalhada e tiro os sapatos com ajuda dos pés e assim me livro

das calças. Vou para cima dela, engatinhando na cama e fazendo ela deitar de novo. Suas pernas circulam meu quadril e sinto o frio gelado dos saltos do sapato que parece ser de ferro.

“Você não se esforça em nada para me seduzir, querida. Não preciso de muito.”

“Se eu vestir uma túnica você vai — ”

“Vou ficar de pau duro ansioso para despir e descobrir o que tem debaixo daqueles panos todos.”

Ela ri alto e beija meu rosto. “Você é terrível.”

Faço uma careta e fico de joelhos, recuo mais um pouco, curvando meu corpo e pego seus tornozelos, empurro suas pernas para o alto, dobrando elas e encostando suas coxas no seu peito. Abaixo a cabeça para o meio das suas pernas. Agora eu a encontro nua, peladinha e macia. Primeiro passo a língua nos lábios e prendo seu clitóris com a ponta da boca.

“Ah!” Ela geme e sua boceta contrai.

Fico mais tentado e chupo sua boceta com mais vontade. Ela vai ficando mais molhada e seu clitóris inchado. Descrevo círculos com minha língua lentamente no seu clitóris e mordo a ponta. Seus gemidos se tornam resmungos, sai deliciosamente do fundo da sua garganta e ela agita as pernas.

“Ethan!”

Olho para o seu rosto com os olhos cerrados. Ela aperta os cabelos e está forçando os olhos fechados enquanto geme. Sorrio com a boca nela e continuo. Dou uma boa lambida, sorvendo sua excitação e enfio a língua no seu núcleo. Ela está tão quente e molhada. *Caralho!* Pego meu pau e aperto, bombeando um pouco para aliviar. Quero que ela goze.

“Oh céus.” Victoria reclama e puxa meus cabelos. “Oh céus! Oh céus!”

“Vamos, amor. Goza.”

“Ah!” Ela arfa dando um grito abafado e estica os braços para o alto e as pernas para o lado se abrindo mais para mim. Ela chega no clímax gritando meu nome e praguejando. Me divirto quando ela enlouquece assim. Sorvendo seu gosto doce e almiscarado. É confuso descrever isso. Ela é simplesmente gostosa.

Inclino meu corpo para frente e beijo sua boca. Ela não resiste e me agarra pelos cabelos enquanto me beija cheia de tesão. Ah minha esposa safada.

“Agora vou entrar no meu potinho de mel.”

Ela dá ri e afrouxa o aperto nos meus cabelos. “Potinho de mel?”

“Querida, quando entro dentro de você é assim que me sinto. Enfiando meu pau num pote de mel quente e apertado.” Beijo sua boca rápido e sorrio de lado. “É gostoso pra caralho.”

Victoria solta uma gargalhada tão gostosa que enche meu coração de

felicidade. O que faltava na minha vida de imprevisto, caos, afeto, amor e união ela preencheu. Sou apaixonado por ela em cada instante dos meus dias ao seu lado e amo ver ela sorrindo e amo mais ainda ser o responsável por isso.

Beijo sua boca e fico de joelhos na cama. Seus olhos verdes estão brilhantes e ficam acinzentados quando passo os dedos no seu sexo. Ela contraia os músculos das coxas e tenta me puxar de volta para ela. Sacudo a cabeça negando e pego suas pernas, coloco para o alto voltando para posição que estava antes. Olhando dentro dos seus olhos. Seguro com suas pernas com uma mão e a outra ponho a cabeça do meu pau na sua abertura molhada.

Ela fecha os olhos e arqueia o corpo. Escorrego vagarosamente para dentro do seu núcleo. Ela está incrível, tão molhada e macia. Rosno um gemido de pura satisfação e prazer, sentindo ela envolver meu pau e fecho os olhos. Ela geme também e joga a cabeça para trás chamando meu nome.

Me inclino para frente, deixo seus tornozelos nos meus ombros e ela fica mais aberta e disposta para mim. Vou abaixando meu corpo e a abrindo mais, meus braços ficam ao lado do seu corpo mantendo suas pernas pressas para o alto e no meio do nosso corpo. Fico face a face com ela e sorrio.

Docemente ela caricia um dos meus braços e a outra mão meu rosto. Passo meu nariz no dela e coloco a língua para fora e ela abre a boca para eu enfiar a língua. Victoria chupa minha língua gemendo. Tiro meu pau para fora e deslizo para dentro calmamente.

“Quero muito você.”

Ela concorda com a garganta e consegue me abraçar o pescoço. Sorrio beijando ela de língua, enfio bem fundo na sua boca e meto fundo meu pau na sua boceta doce. *Ah, caralho ela está incrível.*

“Você tem noção que agora é inteiramente” tiro para fora e deslizo de novo dentro dela “minha.” Termino de falar.

“Sei.” Geme de olhos fechados. “Ah, euuu sei.”

Ondulo meu corpo, fazendo meu pau massagear ela lentamente e nós deliramos. Eu quero lento, suave, sentir cada centímetro entrando nela e saindo. Quero durar a noite toda, mesmo que meu saco esteja tão dolorido. Vou gozar muito.

“Meu amor” falo palavras carinhosas enquanto a penetro ternamente. Ela abre os olhos e fixa eles em mim, dentro de mim. Acaricio seu nariz com o meu e colo minha testa na dela mantendo seu olhar penetrante.

É intenso meu desejo. Sexo sempre foi sexo. Vontade passageira. Com ela é necessidade bruta e voraz. Eu a quero e preciso o tempo todo. Ainda mais agora que ela é minha esposa. *Minha*, profundamente minha. Dou uma estocada para dentro dela e urro excitado. *Esse corpo. Essa mulher.*

Esse laço é mais que conjugal, é espiritual. Nossa união é elo para a eternidade.

Tiro tudo e volto com força para dentro e ela grita. Meus músculos tencionam, estou queimando e meu coração está martelando. Quero gozar, marcar ela.

Explosões. Desejo. Ganancia. Posse. Milha mulher. *Meu filho* — ele vem na minha cabeça por mais estranho que parece o momento. Eu lembro dele e isso queima dentro do meu peito. Abro os olhos e a fito. Ela, apenas ela me deu tudo. A maior felicidade que eu nunca almejei. Um amor verdadeiro, um elo de alma e sangue.

“Eu *realmente* te amo”, falo mantendo a parte de cima do meu corpo parado e continuo mexendo a parte de trás.

Ela acaricia meu rosto e sorri com a boca e os olhos fechados. Esse sorriso e a ternura que me faz carinho. Ela diz o mesmo. *Eu te amo*. Ainda é estranho ter essa conexão com Victoria, mas é muito bom, sempre foi. Como nos entendemos assim sem palavras e como já passamos tantas coisas juntos. O medo é nosso aliado, está pairando em nossas vidas e eu quero muito não sentir mais ele. Quero fazer ela plenamente feliz.

Forço para dentro dela, aumentando o ritmo e sinto sua boceta me aperta mais e mais forte. Ela se abre mais para mim, me dando tudo. Estoco uma vez só com força e ela enfia os dedos no meu cabelo e goza deixando a boca aberta em um grito perdido.

Agarrando suas gozas, gananciosamente, continuo fodendo ela até que gozo dentro dela. Jatoss grossos e longos de sêmen. Meus movimentos vão cessando e dou beijos no seu rosto, arfando e tentando puxar ar para dentro dos pulmões.



FAAÇO CAFUNE NOS CABELOS DE VICTORIA enquanto ela brinca com meus outros dedos. Entrelaçando seus dedos nos meus e tamborilando as pontas. Estamos deitados no meio cama, agarrados e ela está deitada sobre mim. Sua cabeça está apoiada no meu ombro, o corpo encostado no meu e sua perna em cima de mim acaricia as minhas lentamente.

Estamos exaustos depois de transarmos por horas. Tomamos banho de banheira quente, com mais sexo. A noite chegou e pedi o serviço de quarto e jantamos uma massa deliciosa com molho branco repleto de ingredientes que ela

pediu. Estava com vontade de comer e claro que atendi seu desejo.

Agora deitamos e ficamos nos beijando por indeterminados minutos, como dois namorados de colegial. Lembrei da vez que ficamos assim na casa da piscina dela e eu não queria fazer sexo com ela ainda. Ela merecia mais que eu metendo meu pau nela sem nos conhecermos melhor.

A televisão está ligada e é a única luz que ilumina o ambiente do quarto com um leve aroma de baunilha vindo das velas que devem estar derretendo nas bordas da banheira. Está passando um filme de cachorro e honestamente não estou assistindo. Meus olhos estão fechados e curto o calor do corpo dela e das suas caricias e retribuo. Minha mão em suas costas sobe e desce, afagando ela suavemente.

“Sabe, amor” ela fala com a voz baixa e sonolenta, “um dia seria legal a gente ir ao cinema.” Levanta a cabeça e me olha. “Quando pudermos.”

Tiro o cabelo do seu rosto e coloco atrás da sua orelha e acaricio seu rosto com o polegar. “Nós vamos. Vamos fazer tudo que você quiser.”

Escuto-a ri e ela sobe mais um pouco o corpo, inclina o rosto para mim e me dá um beijo nos lábios. “Obrigada.” E volta a deitar a cabeça no meu peito.

Nossa. Ainda fico surpreso com essas coisas. O quanto de coisas que ela nunca fez.

“Eu apenas quero fazer coisas normais e com você melhor ainda.” A voz dela volta e ela afaga meu peitoral.

Pego a mão dela e beijo. “Esse tempo aqui está sendo bom, não é?”

Ela assente. “Está. Estou gostando de ser normal.” Seu corpo treme quando ela ri. “Quero dizer... é bom sair e ser livre. Poder entrar nas lojas, andar pela rua e fazer as coisas cotidianas que todos fazem e sozinha.”

“Eu entendo.” Falo.

Ela fica em silêncio por segundos e fito o teto, mas logo vem sua voz suave de novo.

“Eu sei que muitos acham isso chato. Ouvi várias vezes coisas ruins de mim. Eu não fazia as coisas porque eu não queria. Era apenas uma criança cercada e amedrontada. Nunca fui em nenhuma excursão ou acampamento de verão. Não era permitido. Era perigoso demais.” Diz amargamente e respira fundo. “Nos dois primeiros anos depois do sequestro, quando eu tinha sete anos, fiz terapia, mas não... tinha nada. Minha... quer dizer” ela ri baixinho. “Minha avó falou que eu estava assustada, só isso e precisava de amor.”

Aperto os olhos com as pontas dos dedos com os pensamentos atordoados que rondam minha cabeça. Ela sozinha com medo. Inconscientemente estreito meu braço no seu corpo trazendo ela mais colada ao meu.

“E o que você realmente sentia?” Pergunto olhando para ela distraidamente

olhando a TV.

“Não sei dizer em palavras o que eu senti... A verdade, é que eu não lembro, mas...” ela faz uma longa pausa e suspira. “Quando eu sonho”, balança a cabeça e vira o rosto para mim. “Eu sou aquela garotinha de novo. Sou a filha mimada dos Colton que tem medo de dormir no escuro e não pode ir a lugar algum sozinha, ou melhor, sem precisar de três pessoas com ela. Que não confia totalmente em ninguém. Tem medo que seja o bicho-papão e para muitas crianças eles são lendas...” seus olhos ficam marejados. “Para mim são de verdade.” Sussurra e fica em cima do meu corpo e esconde o rosto no meu pescoço.

“Shuu... Estou aqui.”

“Eu sei.” Diz baixinho e não está chorando. Ainda bem que não está. Ela levanta o rosto e acaricia o meu. “Não queria falar disso hoje. Não gosto de falar disso, mas eu senti vontade. Fiquei deitada aqui, assistindo esse filme de uma garota arrogante e chata que ninguém entendia. Pensei em mim, em como eu poderia ter sido diferente e dou graças a Deus por ser quem sou e por ter uma família maravilhosa e conseguido um homem como você.” Seu rosto fica torcido de tristeza e ela olha minha garganta onde passa o dedo. “Não sinto mais aquilo.”

“O quê?”

“Que eu mudei... mudei sua vida.” Volta os olhos para os meus. “Porque foi você que mudou a minha. Você diz que vai me dá a liberdade, a vida normal que eu deveria ter e me dar tudo que eu pedir, mas você não percebe que já fez isso. Você é meu mundo inteiro e agora... aqui. Só eu e você. Eu já tenho tudo e é perfeito.”

Engulo seco e acaricio seu rosto. As luzes da TV jogam flashes de luzes em nós e vejo de relance seus olhos brilharem de emoção e algo mais, talvez amor ou gratidão. Respiro fundo e pego seu rosto dando um beijinho nos seus lábios.

“Foi você que fez tudo, amor. Me fez mudar para poder ser o que precisa e te dar o que eu já te dei e vou dar muito mais.”

Ela sorri e encosta a testa na minha. “Não acho que fui eu. Você que sempre foi maravilhoso.”

“E por sua causa deixei todos perceberem isso.”

Ela ri e assente.

“E você pode conversar comigo sobre o que quiser, querida. Sou seu marido, amigo, príncipe e tudo mais.”

“Eu sei.” Respira fundo. “Antes eu conversava com a... com minha mãe.” Seus olhos ascendem. “Eu sempre precisei da Cora, sempre foi ela. Eu acho que porque ela é minha mãe ou passava muito a mão na minha cabeça e me mimava,

mas sempre foi ela.”

Sorrio e faço cafune nos seus cabelos. “Acredito mais na primeira opção.”

“Eu também.”

“Mas realmente ela mimou você. Todos eles te mimaram.”

“Nem todos. Will...” sacode a cabeça. “Meu pai não deixava eu fazer tudo. Brigava com todo mundo e eu sempre achei ele um exagerado. Eu não sabia que era meu pai, então achava que era um irmão irritante, mesmo o amando muito. Ele sempre foi duro comigo.”

“Eu sei. Lembro bem como William era com você. Minha nossa e pensar que era seu pai e que agora ele é meu sogro. Porra. Às vezes que eu falei alto com ele. Como se ele não tivesse que se intrometer na sua vida. Que merda.”

Ela gargalha e seus olhos ficam molhados por causa disso.

“Não ria. Por pouco não saímos na porrada.”

“Oh não. Nem pensar nisso.” Victoria faz uma cara estranha. “Eu quero todos unidos e felizes. Eu te amo e você é meu marido e ele meu pai. Quero a gente unido.”

“Concordo e eu entendo ele não deixar você fazer tudo. Os filhos de pessoas ricas como nós, são insuportáveis e se você fosse mais paparicada e mimada iria ser aquelas garotas nojentas e estragadas.” Ela abre a boca espantada. “Estou dizendo que você *ia* ser.”

Victoria dá gargalha e bate de leve no meu peito. “Agora você deu para falar isso? Eu sou mimada é?”

“Só ouviu isso do que eu falei? E ser mimada não é um defeito.” Beijo ela. “Mesmo assim, eu não acho que você é uma mimadinha de merda. É generosa, meiga, educada e muito simpática.”

“Hmm... Obrigada e eu confesso que fui mimada. Will era o que menos fazia as minhas vontades, mas não dizia muitos não.”

“É apenas porque eles te amavam demais e fazia suas vontades. Acho compreensível, pois tentaram recompensar o que você não podia ter e por preocupação pelo que aconteceu.”

“Uau. Nunca pensei nesse ângulo.” Ela beija minha boca sorrindo. “Meu maridinho esperto.”

“Por favor, não.”

“O que?” Diz com a voz fina.

“Maridinho não. Maridão. Olha esses braços. Não sou pequeno.” Elevo a pélvis fazendo ela sentir meu pau semiereto. “Em nenhum ponto desse corpo.”

“Ah meu Deus.” Ela ri e geme quando abro as pernas dela e faço de novo o movimento com a pélvis. “Você não presta.”

“Não, meu anjo.” Pego a bunda dela com as mãos. “Eu sou grande mesmo e

você adora.”

“Acertou de novo” murmura me seduzindo. “E só para constar”, ela inclina o corpo para baixo, empinando a bunda e beija meu peito com os olhos em mim, “você é muito mandão, teimoso — ” Resmungo e ela sorri. “Shuu.” Faz e estica os braços em cima do meu peito, erguendo o corpo e me olha. “Estou falando.”

“Okay. Continue.”

Levanta as sobrancelhas e sorri brevemente. “Você é mandão, teimoso, insistente e grosso às vezes. Um ogro lindo de morrer, mas ainda um ogro.”

Sento na cama, faço ela pular impulsionando as pernas para cima chegando mais perto e pego sua cintura. “Você é um anjo muito mal.” Agarro seus cabelos com uma mão e ela faz o mesmo com os meus e ri enquanto beijo seus lábios. “É teimosa também, chorona e simpática demais para o meu gosto. Os homens aproveitam disso.”

“Ah seu bobo ciumento. Sou só sua. Não importa se sou simpática com os demais.”

“Para mim importa sim.” Pego seu rosto e enfio minha língua na sua boca e chupo a dela. Me afastando o beijo faz um estalo. “E é legal saber que agora que sou seu marido, eu tenho defeitos.”

Ela joga a cabeça para trás rindo e depois balança voltando a me olhar. “Todos nós temos defeitos, mas.... para mim, isso nos torna especiais e únicos. Além do mais, seus defeitos são perfeitos para mim. O torna mais meu, porque comigo você é perfeito. Doce, simpático, romântico e” ela cochicha “fofo.”

“Ah, Victoria.” Rosno e pego seu rosto de novo. “Vou te mostrar quem é fofo.”

“Isso.” Geme no meu colo, rebolando no meu pau “Mostrar pra mim.”

“Gostosa.”

Ela segura meus pulsos no seu rosto e abre a boca colando seus lábios nos meus. Enfio minha língua na sua boca e lhe dou um beijo apaixonado e profundo. Acaricio seu corpo em cima de mim, suas costas nuas e seus braços. Ela suspira enquanto me beija e ficamos por longos minutos em uma carícia de provocações e sedução.

Solto seu rosto e vou deslizando até que encontro seus seios. Estão quentes, pesados e inchados. Faço círculos nas tetas para endurecer os bicos. Ela remexe mais em cima de mim e sinto sua excitação no meu pau. Está ficando pronta para mim, molhada. Os bicos endurecem com minhas carícias.

“Quero montar em você. Quero te cavalgar.” Ela sussurra no meu ouvido e morde minha orelha.

Caralho. “Certo. Só espere um pouco.”

“O quê?” Pergunta passando as mãos no meu peito a voz ficando instável.

Puxo meu corpo para trás e apoio as costas na cabeceira da cama. Seus olhos sorriem e a chamo com o dedo. “Agora vem, meu bem. Desce no meu pau.”

Ela morde os lábios e engatinha três passadas e pega meu pau, abaixa a cabeça e caralho, ela abocanha minha ereção e bombeia o comprimento. Agarro os cabelos dela por reflexo, mas não empurro. Meu pau fica duro de forma dolorosa enquanto ela me chupa. Ela está me deixando sem fôlego e louco para foder ela.

“Victoria”, seu nome sai da minha boca arranhada. Ela resmunga com a boca em mim e reprimo a vontade de empurrar para cima. “Mais forte, amor. Aperta mais... Isso. Continua. Caralho, eu vou gozar.”

Sua outra mão entra na brincadeira e ela aperta meu pau para cima e para baixo e a cabeça também sobe e desce. Fecho os olhos puxando o ar entre os dentes e arfando. A maciez da sua boca e a quentura estão me deixando na beira do orgasmo. Nem sempre ela faz um boquete em mim, mas quando faz parece que estava morrendo por isso. Faminta para sentir meu pau na sua boca. Ela me faz perder a cabeça.

Uma ansiedade me corrói e passa por meu corpo como um frenético arrepio e empurro meus quadris para cima. A cabeça do meu pau chega na sua goela e Victoria apenas respira fundo o desliza para fora até ter a cabeça nos seus lábios. Ela beija a glândula e volta a abocanhar, fazendo círculos na ponta com a língua.

“Caralho, Victoria. Eu vou gozar. Para!”

Ela faz um som afirmando. Solto seus cabelos e prefiro me agarrar as colchas, não quero machucá-la e ela está me fazendo perder a cabeça.

Ela abaixa a cabeça novamente, engolindo tudo e tira, liberando-me. Ela me segura com uma mão enquanto a outra acaricia minha coxa esquerda e passa a língua na extensão toda do meu pau de jeito *perturbadoramente* sexy. Seus olhos estão em mim, gananciosos e cheios de tesão.

Amo vê-la assim. Morro de tesão com ela toda sexy e disposta para mim. Querendo dominar o momento, me pegar na cama e fazer comigo o que quiser, me usar para ter prazer. Ela pega minhas bolas e massageia de um jeito delicioso. Está apertando e olhando para mim como se quisesse dizer que meu corpo é dela. É ela tem toda razão. Sou todo dela.

Corro minha mão no seu braço, nas costas e ponho a mão na sua nuca. Incentivando ela a me engolir mais uma vez e ela faz prontamente, me pegando com as duas mãos, punhetando com apertos firmes e lentos para cima e para baixo. Ela deixa os lábios se abrirem lentamente no meu pau e chupa a cabeça com a mesma velocidade que suas mãos trabalham.

Put a que o pariu. Meus músculos estão tensionados e queimando. Quero

gozar, mas quero guardar para ela, gozar dentro dela quando ela deslizar em mim. O desejo de remexer os quadris, sentir seu calor e foder, está me deixando agoniado. Meu orgasmo está gritando.

Respiro fundo e quase no mesmo momento ela também, quando me toma até a garganta e me solta. Sinto a falta do seu calor de imediato e preciso recuperar o fôlego. Ela levanta o corpo e vejo seu rosto. Seus lábios estão inchados e vermelhos, assim como os olhos lagrimejados.

Inclino meu corpo para frente e rapidamente a trago para mim sem esforço algum. Coloco ela de pernas abertas bem em cima do meu pau e aperto as maçãs da sua bunda.

“Quer me enlouquecer?”

Ela morde a boca e enterra as unhas em meus cabelos. “Quero te fazer delirar.”

Dou-lhe um beijo rápido, rindo maliciosamente. “Então termina o feitiço meu anjo feiticeiro.”

Ela geme concordando com a garganta. Coloco meu pau na sua entrada encharcada e só isso me dá um prazer enorme. Espalho sua umidade nos seus lábios e passo em cima do clitóris inchado. Ela grita um gemido. Alinho perfeitamente minha ereção no seu núcleo e meto a cabeça.

“Ah!” Ela grita de novo, arfando com força e apertando meus ombros.

Victoria vai descendo e seu interior me engolindo lentamente. Sinto seu sexo tremer com a invasão da minha ereção grossa e dura como nunca. Ela é quentinha, apertadinha e deliciosa. Impulsiono o quadril para cima e bato minhas coxas na sua bunda, enfiando tudo, então aperto sua cintura e a abaixo, invadindo-a por inteira.

Ela sobe e desce o corpo de novo, deslizando no meu pau. Os movimentos vão ficando mais rápidos e ela rebola em cima de mim, procurando fricção. Se esfrega em um vai e vem enquanto me cavalga. Suas mãos estão no meu peito, no rosto, nos cabelos... Ela encosta a testa na minha e me beija gemendo e arfando.

“Vamos, meu anjo”, murmuro com a voz rouca.

Seu núcleo me aperta forte como um punho e fica cada vez mais quente. Ela está incrivelmente molhada e suave. Forço para cima, estocando para dentro dela e minhas mãos apertam seu corpo, uma em sua lombar estimulando ela a remexer e a outra corro em suas costas e aperto seu ombro e vou subindo até pegar seus cabelos em minhas mãos e aperto.

Ela que está no comando, são seus movimentos que está nos levando à beira de um orgasmo alucinante e intenso. E eu não me importo, nem um pouco mesmo. Com ela tudo é bom, excitante e amo quão forte ela agarra meus

cabelos, como exige minha boca, como rebola lentamente e depois acelera chamando meu nome com a voz dolorosa e carente. Pedindo para eu tomá-la tanto quanto ela está fazendo comigo.

Abraço seu corpo, prendendo ao meu, enchendo meus braços com ela. Sua cabeça cai para frente e ela geme no meu ouvido, me acaricia o rosto com o seu. Nos mexemos no mesmo ritmo e estoco para cima, penetrando fundo, mas ela tira meus braços dela e os joga para o lado. Olho seus olhos e sorrio. Ela me empurra para a cabeceira da cama novamente.

As mãos correm por meus braços, peito, nos ombros e faz um carinho no meu rosto. Seu corpo está levemente afastado do meu e isso a deixa livre para me cavalgar como deseja. Então ela pega meu rosto, junta a boca na minha em um beijo furioso e me cavalga no seu ritmo, procurando seu orgasmo e me aproveito do seu desejo intenso.

Deixo ela se mexer à vontade o quanto quer, mas volto minhas mãos para o seu corpo e pego sua bunda com as duas mãos e aperto. Empurro para cima, fodendo com força seu corpo e procurando meu orgasmo também.

Ela nunca ficou tão voraz assim, intensa e fogosa. Apenas no dia que tinha colocado na cabeça que ia me deixar. Expulso essas lembranças da minha cabeça e aprofundo nosso beijo. Ficar sem ela, nunca. Isso não é nem uma cogitação.

“Minha”, balbucio separando meus lábios brevemente dos seus.

“Para sempre.” Ela replica sem voz.

Absolutamente. Minha para sempre. Abraço-a pela cintura, e remexo para dentro dela, com força, batendo meu corpo de encontro ao dela com pressa, cheio de tesão e paixão. Ela geme baixinho, eroticamente descontrolada e se agarra a mim pedindo mais, chamando meu nome e goza dizendo que me ama... Continuo dando estocadas firmes e quando meu coração martela dentro do meu peito, minha visão fica turva e um calafrio percorre minha espinha e eu gozo. Ela geme meu nome caindo nos meus braços e naturalmente sorrio de felicidade.



U_M ESTOURO NO QUARTO ME ACORDA. *Merda.* Esquecemos a televisão ligada e um filme com um tiroteio está passando. Viro para a cabeceira e pego o controle remoto e desligo de uma vez. Volto a deitar de costas e viro-me para Victoria. Ela está de costas para mim, os ombros engolidos enquanto abraça um travesseiro com os braços e a perna de cima o prende também.

Sorrio e tiro o cabelo de cima do seu rosto para poder vê-la melhor. Está tão serena e meiga. Inclino a cabeça e beijo seus cabelos trazendo ela mais para perto. Gosto de dormir de conchinha com ela, mas gosto mais quando ela está me abraçando como está fazendo com o travesseiro.

É engraçado essa mania dela. Desde a primeira vez que dormimos juntos eu notei isso. Na casa da piscina. Foi estranho ver que ela tinha tantos travesseiros, mesmo que para uma cama de casal o certo é ter mais de dois, porém ela tinha uns seis e na hora de dormir, fiquei com dois, ela com o resto. Caímos no sono abraçados, mas acordei com ela virada de costas para mim e com um travesseiro em seus braços.

Tinha pensado que era uma coisa repentina, nada como uma mania, mas estamos juntos quatro meses e eu não posso contar quantas vezes eu a peguei dormindo assim. Ou ela está abraçada a mim, ou ao travesseiro. Ai de mim tentar tirá-lo dela e pelo que eu percebi, não importa qual o travesseiro, não é como ter um xodó de infância, ela apenas quer abraçar algo fofo.

Victoria se mexe e se aconchega ao meu corpo como uma gatinha manhosa e solta um som ressonando.

“Amor?” Sussurro chamando-a.

Alguns segundos depois ela murmura. “Hum?”

“Posso fazer uma pergunta?”

“Hum?”

“Por que você sempre está abraçando um travesseiro?” Pergunto e completo baixinho no seu ouvido: “Não é ciúmes, tá. É curiosidade.”

Ela respira fundo e percebo que abre os olhos e fita a varanda à sua frente, pois eu fiquei com o lado do banheiro da suíte, em frente a cama fica as portas francesas, que dá para a antessala do quarto cinco estrelas.

Seu silêncio me deixa nervoso, então afago seu braço de cima e entrelaço meus dedos na sua mão, quase escondida embaixo do travesseiro.

“Tudo bem?” Murmuro.

“Está.” Ela pega minha mão no meio das suas e fala: “A primeira vez que me levaram... me sequestraram, eu estava segurando um urso.” Uma longa pausa e um aperto mais firme na minha mão. “Eles me tiram tudo, até meu casaco, mas deixaram meu urso. Acho que porque chorei muito e gritei. Me deram como um *cala boca* e eu claro que aceitei.”

Ela fica em silêncio de novo e beijo seus cabelos.

“Não lembro de tudo que aconteceu.” Volta a falar e a voz mais baixa e pausada. “Tenho fragmentos de memória e... realmente só as lembro quando durmo. Sonho com aqueles dias e — ” ela arfa e levanto o corpo para ver seu rosto.

“Tudo bem. Não precisa falar disso. Chega.”

“Não.” Ela se vira para mim e me abraça, escondendo o rosto no meu peito. “Não tem problema. Deixa eu falar para você entender.”

“Não precisa.” Ela afasta o rosto e me olha. Não está chorando, mas seus olhos mostram que está emocionada. “Não quero que você lembre disso.”

Ela sorri e balança a cabeça negativamente. “Deixa eu falar, por favor.”

Pensar nela pequena, indefesa, em um quarto escuro sozinha e com medo acaba comigo. Faz meu coração sangrar. Não pude fazer nada para deter isso e eu queria tanto fazer desaparecer essas lembranças, agora estou fazendo ela voltar para o passado, relembrar deles. Sou um babaca.

Dou de ombros e ela beija meu peito com ternura antes de voltar a falar.

“Quando eu sonho, eu às vezes estou como agora, adulta, mas tem vezes que sou criança, ou volto a ser. Aí eu... estou lá. É escuro, sou pequena e o quarto não tem maçaneta do lado de dentro. O ventilador é lerdo, quase parado. O colchão é... muito fedido. Eu sinto o cheiro, o calor e a fome.”

Meus olhos estão ardendo com a emoção que me invade suas palavras.

“Eu só tenho o Zeus.”

Arregalo os olhos. “O nome do seu cachorro...”

“É.” Ela confirma e assente olhando distraidamente seus dedos delineando os músculos do meu peito e ombro. “Eu coloquei o nome do Zeus por causa do meu urso.”

“Pensei ao contrário.”

“Não... Eu tive outro Zeus. Era um poodle. Eu sei que não era um nome muito adequado para o poodle.” Solta uma risada fraca com os olhos lagrimejando e eu os limpo logo. “Eu adorava ele. Morreu novinho, quando fugiu lá de casa e um carro pegou ele. Eu tinha uns sete anos, ele morreu uns dias antes de me levarem e a Cora tinha me dado um urso de pelúcia... Era idêntico a ele. Pequenininho e... champanhe. Ele era loirinho.” Seus lábios tremem.

Sorrio por compaixão a sua saudade. Alguém que adora animais como ela desde pequena, perder um cachorro é muito doloroso. Como um ente da família.

“Enfim,” ela sacode a cabeça, como para limpar os pensamentos. “O urso era como ele, foi a Cora que me deu, minha mãe e... eu o abraçava... abraçava bem forte ele... para —” ela solta um soluço sem chorar realmente. “Para me sentir em casa. Para espantar o frio de noite e... era como um escudo.”

“Eu entendo”, sussurro quase sem voz. *Ah meu amor.*

Ela limpa os olhos e sorri me fitando. “Nas próximas semanas, depois que me liberaram, eu fiquei grudada na Cora e... eu perdi o urso. Ela me deu outro quando se sentiu pronta para sair na rua.” Ela respira fundo. “E mesmo os

médicos falando que eu não fiquei traumatizada.” Ri com ironia e eu controlo minha vontade de xingar. “Acho que — ”

“Que você ficou e tem medo de dormir sozinha.” Completo e ela assente.

“É por causa dos sonhos, os pesadelos. Acho que peguei Zeus como escudo para não ter medo.”

“Onde está o urso?”

Seus lábios curvam-se suavemente. “Dentro do meu travesseiro no quarto da minha casa.”

“Sua casa é a minha, amor.”

Ela arrasta o corpo para cima e me beija os lábios rápido. “Na casa dos meus avós. Melhor?”

Assinto e acaricio seu corpo.

“Então... O segundo urso que minha mãe me deu está dentro do travesseiro. Fiz isso porque quando cresci e Clara e eu começamos a sair, eu parava na cobertura do meu pai. Eu não tinha o urso, mas... eu imaginava que dentro de um dos travesseiros tinha ele.”

Meu coração se aperta e puxo ela para mim, apertando bem forte.

“Você é tão forte e incrível. Sinto muito orgulho de você. Eu te amo muito.”

Ela funga perto da minha orelha. “Você me fez esquecer.”

“O quê?” Pergunto ainda grudado nela.

“O medo.” Ela impulsiona o corpo para trás e fita meus olhos. “Você é o meu urso.”

Seguro seu rosto e respiro profundo para não chorar. “Queria que você nunca tivesse passado por isso e se é possível, estou com mais ódio deles. Você era tão pequena.”

Ela sorri e deixa as lágrimas escorrem em silêncio. “Não chora por mim, está bem. Eu tenho você, estou bem agora.”

“Por que nunca me contou isso?”

“Do urso?”

Nego. “Dos sonhos.”

“Você já me viu tendo pesadelo. Já me acordou diversas vezes.”

“Mas não sabia que você sonhava com o cativo.”

“Ethan...” ela abaixa a cabeça. “Já bastava você aturar eu gritando e as vezes te batendo. Não tinha que saber o que passava na minha cabeça e também...”

“O que?” Levanto seu rosto.

“Depois que você ficou comigo... Comecei a ter pesadelo com você. Eles me tiram você e agora nosso bebê.” Volta a me agarrar.

Aperto seu corpo no meu e prometo que isso não vai acontecer. Um dia ela

só terá sonhos felizes.

Que merda. Eu quero o coração desse desgraçado que fez isso com ela esmagado nas minhas mãos.

Vinte & Um

Victoria

DOMINGO, 21 DE FEVEREIRO DE 2014.



SINTO UM LEVE CAFUNÉ NA MINHA CABEÇA. Isso me desperta de um sono tão bom, meu corpo está engolido na cama fofa do hotel. Não quero abrir os olhos. Não quero acordar e nem sair daqui, mas minha bexiga está gritando para ser esvaziada e o carinho nos meus cabelos faz meu corpo formigar.

“Ethan”, sussurro.

“Hun...” ele resmunga e beija meu pescoço me apertando em seus braços.

Ele está quase abraçando o meu travesseiro. O travesseiro. Sorrio e me sinto de certa forma aliviada por ter conversado com ele sobre isso. Talvez falando meus sonhos possam até melhorar. Não sei.

Mexo meu corpo e ele afrouxa o abraço. Giro e deito meu corpo de costas. Suas mãos vagueiam por meu corpo e pousa em cima da minha barriga. Isso me deixa feliz e meu sorriso de olhos fechados se alarga mais. Ele suspira e esconde o rosto entre meu pescoço e ombro, respira fundo, sentindo meu cheiro. Isso faz cocegas e acabo dando risada.

Ele puxa meu corpo me virando de frente para ele e assim eu o abraço apertado também. Dou beijinhos no seu rosto e o acarício o com meu de olhos fechados. Suas mãos afagam minhas costas. Me sinto tão em paz.

“Não quero sair daqui nunca mais.” Sussurro fazendo carinho no seu corpo. “Vamos ficar até...” Deixo a frase morrer.

“Eu adoraria ficar aqui por mais tempo.”

“U-hum.” Inclino o corpo para trás e olho seu rosto. “Eu gostei muito.”

Seus lábios se curvam no seu sorriso preferido. “Eu também e você sabe que isso não é uma lua de mel, certo?”

Dou de ombros, sorrindo. “Para mim é.” Falo baixo.

Suas sobrancelhas se erguem ignorando minha opinião. Meu homem teimoso e fofo. Fecho os olhos e faço biquinho. Ele entende o que eu quero e segura meu rosto e beija meus lábios suavemente. Meu corpo fica mole com seu afeto. Ethan fecha os braços em mim e gira o corpo, me deixando deitada em cima do dele, ainda me beijando só os lábios. Suas mãos vão subindo e então estão em meus cabelos. Suspiro e levanto o rosto.

“Preciso ir ao banheiro.”

“Não precisa não.”

“Amor.”

“Está tão gostoso. Seu corpo quentinho nos meus braços. Fica quietinha, princesa.”

Rio com força e tento me soltar dele em vão, porque ele é muito mais forte que eu e os braços me apertam pela cintura. Merda. Isso causa mais pressão na minha bexiga.

“Amor... É sério. Deixa eu ir ao banheiro. Vou fazer xixi em você.”

“Você não ousaria.” Ele diz e beija meu pescoço.

Solto um gemido resmungando e remexo o corpo compulsivamente. “Ethan!” Falo com a voz manhosa que acho um saco, mas não tenho como me ajudar.

Então ele gira nossos corpos e fica quase em cima de mim. Sua boca está na minha em segundos me dando um beijo de língua profundo e delicioso. Tesão e vontade de fazer xixi não combinam. *Argh!* Subo as pernas, na tentativa de abraçar ele com elas, mas só consigo circular as pernas na sua que está no meio das minhas. Remexo o corpo e gemo por causa da pressão maravilhosa na minha vulva pulsante e cheia.

“Caralho.” Ele reclama quando arranho suas costas com força. Minhas unhas se enfiaram em sua pele. “Menos, Victoria.”

Resmungo e continuo roçando nele e sinto seu pênis no osso da minha bacia. Ele está ficando duro e... Oh céus.

“Ethan... Pelo amor de Deus. Ah!” Grito e o arranho de novo.

“Quê, Victoria?” Ele afasta a parte de cima do corpo e me olha confuso.

“Não estou aguentando. Por favor.”

“Por favor o que?”

“Ou você me come ou me leva para o banheiro.” Falo com dificuldade e grito: “Jesus!” Nossa que dor.

“Certo. Certo. Vamos lá.”

Rapidamente ele se afasta de mim, erguendo-se com os braços ao meu lado e sai da cama. Sinto meu corpo ser puxado e então estou sendo carregada para dentro do banheiro. Ele consegue abrir o vaso e inacreditavelmente ele me senta no mesmo. Fecho os olhos e com um alívio que nunca senti, esvazio a bexiga.

“Nossa.” Falo com as mãos nos joelhos e fitando os pés de Ethan. Não estou ligando que ele esteja aqui. “Isso é muito bom.”

“Já acabou?”

Subo os olhos e o flagro sorrindo em divertimento.

“Sim.”

“Ótimo.” Exclama e pega meu corpo no colo de novo e gira os calcanhares

para o box. “Agora vamos tomar banho.”

“Ethan!”

“Shiu. Esposa.”

Ele coloca nós dois dentro do box e deixa meu corpo deslizar pelo dele. Banho com ele é fabuloso, não importa se é no chuveiro ou na banheira.



SEGUNDA-FEIRA, 22 DE FEVEREIRO DE 2014.

*O SOL FORTE QUEIMA MEUS OLHOS mesmo através das minhas pálpebras fechadas.
Abro os olhos e dou de cara com uma praia linda.
Parece ser deserta e a areia é extensa. Branquinha e quentinha.
Olho para baixo e vejo meus pés se afundando nela.
Giro meus calcanhares e ao longo da praia deserta vejo minhas pegadas
desde onde meus olhos não alcançam mais.
Como vim parar aqui?
O que estou fazendo?
“Victoria!”
Viro meu corpo, a procurar da voz.
Meus lábios se curvam em um sorriso largo e feliz. Meu Ethan.
Ele está tão lindo. Vestido com uma calça de algodão leve e branca.
A maresia do mar movimenta o tecido, assim como meu vestido. Mas ele é...
preto?
“Vem!” Chama ele abrindo os braços.
Dou uma risada forte e começo a correr para ele.
Mas não me sinto sair do lugar.
Olho para baixo e vejo minhas pernas em movimento.
Olho para ele e continua tão longe...
“Ethan!” Exclamo seu nome.
Ele deixa os braços caírem. O rosto marcado por dor.
“Ethan?”
Uma mancha vermelha se forma em seu peito.
Então ele cai.
“Amor.” Grito bem alto.
Chamando-o desesperada.
Meu coração dói.
Olho para cima.*

*O céu fica escuro, uma tempestade se aproximando rapidamente.
Me apavoro e tento correr mais rápido. E mais rápido.
Tenho que chegar nele. Ajudá-lo.
Não saio do lugar.
Meus movimentos param e então estou caindo em um fenda estranha.
Tudo está escuro e vejo o azul do céu ao longe.
Vejo meus braços e pernas agitados no ar.
Procuro em algo para pegar...
Mas nada!
NADA!
Pluf!
O barulho do meu corpo.
Caí no chão.
Um chão frio e melado.
Sujo.
Sento e acostumando-me com o escuro, eu vejo...
Oh não!
Pulo e estou de pé. Gritando. Berrando.
De novo não.
Por favor...
Bato na porta com força.
“Me tire daqui! Por favor!” A voz não é a minha.
Minhas mãos... são pequenas.
Sou criança de novo.
E estou sozinha de novo.
Choro e aperto os olhos com medo.
Sinto frio.
Medo.
“Shuu... Estou aqui.”
A voz...
Abro olhos e fito o sorriso doce, os olhos amáveis e os cabelos claros.
“Mamãe.”
Cora sorri e me abraça forte de novo.*

Arfo com força e abro os olhos. Meu coração está batendo tão forte. Esse foi o sonho mais longo que tive e estranho. É sempre a mesma coisa. O cativoiro, eu criança, agora Ethan sempre aparece e some. Prefiro me enganar que ele apenas some no sonho, porque eu não posso aceitar nem em sonhos ele...

Mas esse teve Cora e ela que me ajudou. Me tirou de lá. Talvez porque da

outra vez ela não se desgrudou de mim, cuidou de mim e estava quando me levaram. Quase sempre ela aparece antes, no estacionamento onde me pegaram, mas nunca no final. Ninguém nunca — na verdade — me salva.

Solto o ar com força e massajeio o peito. Uma tentativa inútil de aninhar meu coração dolorido. Odeio esses pesadelos, essas memórias. Por isso não gosto de tocar no assunto, mas Ethan precisava saber. Ele é meu marido e não quero esconder nada, nem mesmo esses pesadelos que não desejo compartilhar com ninguém.

Pisco e tento pensar em outra coisa. Essa soneca não era para acabar com meu coração e me deixar arrasada. Preciso do meu príncipe. Cadê ele?

Viro a cabeça na direção das portas duplas do quarto. Ethan está no telefone, andando de um lado para o outro inquieto na sala. Franzo a testa e fico preocupada. O que será? Meu Deus. Será que aconteceu alguma coisa com a minha família ou a dele. Meu coração começa a acelerar e minha ansiedade à flor da pele.

Me sento na cama e quando vou me levantar, Ethan termina a ligação e deixa o celular em cima do sofá com raiva.

“Aconteceu alguma coisa?” Pergunto acompanhando seus movimentos conforme vem até a mim.

“Não. Apenas um problema na empresa que preciso resolver logo.”

Ele coloca os joelhos na cama, um de cada lado das minhas pernas e se inclina me obrigando a deitar. Sorrio e enfio as mãos dentro do seu suéter cinza escuro, que faz seus olhos ficarem mais claros.

“Você já está pronta?” Murmura ele dando um beijinho na minha boca.

“Não quero ir.”

“Hm...” Ele resmunga. “Também não queria, mas tenho que resolver algumas coisas e acho que essas férias não irão durar mais que duas semanas.”

“Por que diz isso?”

Suspirando ele faz carinho no meu rosto com os olhos distantes. “Porque Anton me disse que a polícia quer falar conosco. Eles não concordam com o nosso sumiço. Disse que pode piorar as coisas e fica difícil proteger a gente quando eles não sabem onde estamos.” Ele deixa o corpo cair e deita em cima de mim com as mãos distraidamente afagando meus braços. Abraço ele e faço carinho em seus cabelos. “Provavelmente Will deve ligar até o final da semana.”

“Tudo bem.” Tento não mostrar minha decepção e angústia em voltar para Los Angeles.

Quero ver minha família, falar com meus pais e ver meu cachorro. Entretanto, não quero voltar a sentir como estivesse prestes a cair em um penhasco, sendo empurrada morro a baixo.

Ethan levanta o corpo e seu rosto está refletindo minhas emoções e algo mais, preocupação e zelo.

“Não precisa ficar assim. Vamos ficar bem. Só me prometa nada de heroísmo.”

“Eu não vou. Claro que não.” Murmuro.

Seus olhos mostram dúvida e quase sorriso por isso. É muito fácil quebrar a confiança de alguém e nós dois já fizemos isso, e estamos firmes e fortes por causa do nosso amor. No entanto, eu sei que ele talvez pense que irei repetir a merda que fiz na academia e eu também temo. As palavras dele dizendo que mata e morre por mim, não se esvaíram totalmente da minha consciência. Só que não quero tocar no assunto e não quero pensar sobre isso.

Pendo a cabeça para o lado e minhas mãos estão em seu rosto. Passo os dedos em suas sobrancelhas, no nariz e nas bochechas. Sua pele arranha levemente minha palma. A barba está crescendo.

“Eu prometi me comportar. Lembra?” Falo com humor, tentando resgatar o clima maravilhoso que estávamos.

Após nosso banho delicioso e ardente. Caímos na cama ainda úmidos com as toalhas enroladas em nossos corpos e nos beijamos por horas. Foi maravilhoso. Tudo com ele é maravilhoso. E é tão errado querer isso vinte e quatro horas? Apenas eu e ele e nosso mundo feliz. Com trabalho e os problemas com família, filhos, não me importo. Quero tudo isso, menos o medo. Meus olhos ardem e piscando os olhos percebo que formou uma poça de lágrima.

“Não chore, meu amor.” Pede ele com a voz agoniada e passando os polegares em meu rosto.

Balanço a cabeça negativamente me recompondo e puxo meu marido para os meus braços. Aperto ele pelo pescoço e ele me envolve nos dele beijando meu ombro.

“Não fique assim. Me mata ver você chorando, Victoria.”

Respiro fundo e engulo o choro. “Tudo bem. Tudo bem. Não vou chorar... é só tristeza por estourar nossa bolha encantada.”

Sua risada rouca me pega de surpresa. Ele nos afasta, pega meu rosto e beija cada cantinho fazendo um estalo. Meu coração se aperta e as lágrimas enchem meus olhos, mas é um choro de gratidão, de pura emoção e meus lábios tremem quando me forço a não chorar. Sinto sua boca suave deixar a minha e abro os olhos.

“Obrigada.” Só tenho isso para dizer a ele.

Gratidão não é algo que todos têm e principalmente por pequenas coisas e gestos. É algo que vem da alma. Sente na alma o poder de receber e mais ainda em agradecer. O que eu sinto por Ethan é isso, mais que amor, mais que paixão.

Eu sou profundamente grata por ele ser meu e me possuir de uma forma tão intensa.

Nossos olhos, fixos um no outro dizem as mais belas palavras não ditas. Eu confio nele. Acredito nele e tudo vai ficar bem. Tem que ficar. Aquilo foi apenas um sonho bobo.

Faço mais carinho nele e declaro: “Eu te amo.”

Ele abre seu sorriso tímido e fofo. Me beija e sentando me puxa para sentar também. Mal sento e o abraço com força.

“Ei.” Sussurra afagando minhas costas. “O que houve? Eu já disse que vai ficar tudo bem.”

“Nada.” Balbucio com o rosto no seu peito.

“Querida, não precisa — ”

“Não é isso.” Corto ele e fungo. “Eu tive um sonho quando cochilei agora.”

Seus músculos retesam e o seu abraço se aperta mais.

“Foi horrível, mas está tudo bem.”

Ele se separa de mim e me coloca em seu colo pega meu rosto. “Já acabou. Estou aqui.”

Assinto.

“Agora vamos almoçar com Lucca e a Clara, depois levar eles para o aeroporto.” Fala com a voz rouca, me beija e me olha fixamente. “Está tudo bem, meu anjo.”

“Eu sei. É porque foi agora. Está passando ainda na minha cabeça.”

“Eu entendo, mas tente esquecer.”

“Eu vou e...” deixo a frase morrer.

“O quê?”

“Você me empresta o telefone?”

Ele franze a testa. “Você não tem o seu, amor?”

“O telefone que pode ligar para os nossos pais.”

Agora suas sobrancelhas se erguem. “Ah, entendi.” Assente e brevemente sorri. “Claro que empresto.”

“Quero ligar para minha mãe.” Engulo em seco recordando o sonho e abaixo a cabeça. “Ela estava no sonho também. Você e ela.”

Um som sai da sua garganta, conforme ele entende o que disse. Ele levanta meu rosto. “Sua mãe?”

“Cora.”

“Oh, sim.” Dou de ombros e ele sorri de lado. “A gente pode entrar em acordo em uma coisa?”

“Ah.” Abro a boca sem entender. “O quê?”

“Quando você se referir aos seus pais; Will e Cora, e seus avós; Ryan e

Elizabeth, porque senão eu vou enlouquecer.”

Rio com vontade e balanço a cabeça negativamente achando engraçado da sua cara.

“Eu vou tentar.” Mordo a boca. “É que eu ainda estou acostumando, sabe. E tipo. Você já se acostumou?”

Ele pensa um pouco e responde. “Para falar a verdade, mais ou menos.” Rio fazendo carinho nele. “Eu sempre respeitei muito Will e agora ele mudou de cunhado possessivo para sogro e eu entendo. Eu também vou ficar maluco se tivermos uma filha tão linda quanto você.”

“Oh!” Abraço ele derretida pelo meu ogro fofo.

“Você se impressiona tão fácil.”

Rio alto e não o solto quando ele levanta da cama e me carrega junto. Ethan é o melhor remédio para tudo, principalmente minha tristeza.



LUCCA SOLTA UMA GARGALHADA FORTE DEPOIS que Clara fala uma das suas proezas. Minha amiga não cresce nunca. Lembro como fosse ontem, como perturbávamos Ken e ainda fazemos. Ela foi um balsamo para minha infância, sempre ao meu lado mesmo com minha rotina cercada de proteção e limites.

“Por que está cara?”, ela pergunta me olhando como se estivesse cor de rosa.

“Nada. Estou feliz que você esteja aqui.”

“Amiga”, exclama e me abraça forte. Está sentada ao meu lado, preferiu assim. Ficar perto de mim e disse que Ethan já me tem demais. Acho engraçado ela ter ciúme de mim. “Eu sempre vou estar ao seu lado.”

“Eu sei.”

Ela sorri e muda de assunto fazendo a gente rir, até Ethan que é difícil de rir de qualquer coisa, ri. Olho para o seu rosto e pego sua mão do outro lado da mesa. Ele aperta a minha e curtimos o tempo com nossos amigos. Conversamos coisas banais, assunto de trabalho — claro que os homens falam sobre finanças e futebol. Eu e Clara escutamos e às vezes nos metemos e acaba que mudamos o rumo da conversa.

Essa vida é tão boa. Eu e Ethan, nossos amigos conosco. Seus avós em casa, tranquilos com nosso peludinho. Pensando nisso lembro de Zeus. Não o vejo tem mais de um mês. Tadinho, deve estar com tanta saudade de mim.

Ethan aperta minha mão de novo e seu rosto ganha foco. “Sim?”

“Tudo bem?”

“U-hum. Por que?”

“Nada.” Diz balançando a cabeça negativamente e volta a presta atenção em Clara falando do caldo que tomou semana passada.

“Você é louca só pelo fato de surfar no inverno.” O namorado fala com humor.

“Oras, onde Los Angeles tem inverno?”

“Tem sim.” Afirmo.

“Tá! Mas não é um ventinho mais gelado e o tempo fechado que vai me impedir de surfar.” Ela fala com toda a certeza todo mundo. “Sem contar que as ondas estão melhores nessa época.”

“Eu não sou friorento, mas não me atrevo a surfar no inverno.” Ethan fala discordando dela visivelmente achando-a uma doida.

Ela apenas dá ombros e fala as coisas mais óbvias no mundo dela. Rio e abraço ela pelos ombros.

“Mesmo louca, eu te amo.”

“Eu também, princesa.” Ela replica e solta uma risada.

Meu marido; sério e com defeito de fábrica em falta de humor, solta uma gargalhada também. Viro rápido minha cabeça para ele e abro um sorriso besta. Ele fica tão lindo rindo e relaxado. Tira a tensão que ele fica às vezes quando estamos na rua. Me sinto feliz neste exato minuto e em todos com ele.



“É SÉRIO ISSO?” Clara pergunta com os olhos arregalados. “Eles são seus pais?”

Dou de ombros como uma desculpa.

Eu entendo ela está extremamente surpresa e reagindo a novidade como se fosse algo inimaginável. Na verdade, é. Quando uma garota vivendo sua vida normal, por mais que eu não tenha uma vida normal, vai imaginar que seus pais são seus avós e seu irmão é seu pai de verdade com a madrinha, mesmo essa madrinha sendo uma das pessoas que ela mais ama?

É, realmente eu ficaria com a cara que Clara está agora me encarando. Espantada e como se eu tivesse enlouquecido. Sinto que disse para ela que um coelhinho me entregou chocolate na páscoa passada e em mãos.

“Elizabeth e Ryan são seus avós?”

“Isso.”

“Porra!” Ela fala alto e se levanta da poltrona do jatinho do Lucca.

Ele veio no jato do campo de golfe que o pai dele tem e ele é o novo presidente. Clara está toda orgulhosa dele. Ethan também está muito feliz pelo amigo de infância e agora eles estão conversando lá fora sobre negócios e coisas de homem. Clara me carregou para dentro do jatinho, para conversarmos em particular coisas de mulher, então resolvi falar para ela dos meus pais.

“Clara, senta. Você me deixa louca. Para e senta aqui.”

Ela penteia os cabelos com os dedos para trás e faz um coque improvisado. Suspira e fazendo careta senta na poltrona para três pessoas parecida com a do jatinho da Colton & Brown, e também do jatinho do Travis.

Falando nos Lozartan. Clara achou o Colen aterrorizante. Eu ri dela falando dele e fiquei imaginando ele dizendo as coisas que me falou para ela.

“Desculpe. Eu só estou tentando assimilar.”

“Eu entendo.”

Ela olha para baixo, parece perdida. Passa as mãos no rosto, os dedos nas sobrancelhas e então levanta o rosto e me olha preocupada.

“Como você está?” Segura minhas mãos em cima das suas pernas.

Fico comovida com sua preocupação. Não existe pessoa mais amiga que ela. Sempre querendo ajudar e cuidar dos outros. Eu encontrei a melhor amiga protetora que Will poderia querer para mim, mesmo que ele nunca tenha nos deixado sozinhas nas baladas, mas eu entendo ele hoje, melhor do que nunca.

“Agora estou bem, só preciso falar com eles. Sabe — ” dou de ombros, “o jeito que vim para cá... sem falar com eles.”

Ela assente com o semblante sério. “Eu te entendo e você é um anjo amiga. Eu teria ficado puta, mesmo que os motivos tenham sido essa loucura toda que é, mas... porra. Eu ia falar muito.”

“É.”

Clara sorri. “Mas é super legal eles serem seus pais. Você sempre os amou e eles sempre foram isso para você.”

Ela me arranca uma risada e ri também.

“E se lembra quando eu disse que se eles tivessem um bebê, ele seria fenomenal.”

Solto uma gargalhada. “Não te mereço, Clara.”

“Ah, merece sim amiga.” Ela fica séria de novo e me abraça. “Você merece o céu e eu sei que aquele bobão de olhos azuis vai chegar perto disso.”

As lágrimas brotam em meus olhos e quando ela me solta, limpo os olhos.

“Vic,” diz suavemente. “Amiga, não chore.”

“Deixa pra lá. Eu choro o tempo todo.”

Ela assente e abre o sorriso do gato da Alice. Minha nossa. Ela me assusta quando faz isso.

“Eu percebi.”

Inclino a cabeça para trás, confusa. “O quê?” Pergunto e ela apenas ergue a sobrancelha. Reviro os olhos e rio sem graça. “Então... eu tenho outra coisa para falar, mas é — ”

“Você está grávida.” Ela me corta falando.

Abro a boca espantada e meus lábios se curvam gradativamente em um sorriso feliz. “É... e como você soube?”

“Você está comendo mais, está mais brilhante; mesmo que com um homem como Ethan — ”

“Clara!”, censuro ela.

Ela ri e continua. “Está preguiçosa e emotiva. Sem contar que peguei você e ele abraçados e com as mãos na altura da sua barriga. Poderia ser por acaso, mas aí ele mexeu a mão acariciando sua barriga.”

Pisco os olhos e fecho a boca, mas mantenho o sorriso que faz os músculos da minha bochecha doerem.

“Acertou”, sussurro.

Ela me abraça rápido. “Você está feliz?”

“Estou. Muito.”

“Você não casou por causa disso, não é? Foi porque Ethan está além de apaixonado, preocupado?”

Assinto, séria.

“Ele te ama muito.”

“Eu sei e eu o amo demais.”

Clara sorri de um jeito fofo. “Você agora não pode mais fazer aquilo que fez. Tem que pensar em nós. Sua família e esse bebê.”

“Eu sei. Sei de verdade que não posso mais cometer riscos e prometi que não vou.”

Ela sorri e assente. “E como todos estão com a novidade?”

“É segredo.”

“Como assim?”

“Só quem sabe é Cora, Lauren e você.”

“E a liga da justiça também.”

Solto uma risada de dentro de mim e meus olhos lagrimejam pelo riso. Ela não perde uma e colocou o nome dos meus seguranças de liga da justiça. Ethan achou divertido também e disse que vai adotar o apelido. Minha amiga é um máximo. É tão fácil perder a compostura de assuntos sérios com ela.

“Você vai contar para o resto da família quando? Seria mega legal. A

Jennifer está grávida também.” Ela bate palmas, entusiasmada na frente do corpo. “Os priminhos vão nascer quase que juntos. Que legal.”

“Eu sei. Pensei nisso também e tenho certeza que Anton vai gostar da novidade.”

“Vai com certeza. Esses homens dessa família são de outro planeta. Adora os filhos, netos e as esposas. Você viu o Gideon com a Lavínia? É injusto.” Cruza os braços, mas de brincadeira.

“Clara, seus pais também são assim.”

Ela dá de ombros. “É, mas eu acho eles nojento porque não gosto de pensar nos meus pais fodendo.”

Coloco a mão na boca e rio de doer a barriga. Vejo Lucca entrar no jatinho com Ethan atrás dele. Nos olham e franzem a testa.

“Qual foi a piada nova da Clara?”

“Por que tem que ter sido eu?”, pergunta se levantando e Lucca a abraça.

“Porque, baby, as melhores frases e que faz as pessoas chorarem de rir vem de você.”

“Culpada.”

“Certo meninas, a reunião acabou.” Lucca fala. “Temos que ir.”

“Oh.” Clara faz e se solta do namorado e me abraça com força quando me levanto. “Se cuida direitinho. Quero meu afilhado forte e lindo.” Sussurra e se afasta, pisca o olho.

Foi nossa promessa de meninas. Seríamos madrinhas dos nossos filhos. Rebecca também vai entrar na briga. Vou ter que ter mais de um filho para não dá confusão.

“Pode deixar.”

Lucca vem e me cumprimenta, me abraça e me felicita novamente pelo casamento e diz estar disposto a ajudar no que precisar. Ele é um querido. Nos damos melhor agora. Acho que ele pensou que eu ia machucar o amigo dele. Bem, não que eu não tenha feito.

Vejo Ethan retribuir o abraço em Clara e sorri. Ela falou algo para ele que o deixou com os olhos acesos. Dou mais um beijinho em Clara, prometendo estar de volta em casa o quanto antes. Também sinto falta de casa, apensar de tudo.

Pego a mão do meu marido e saio do jato. As escadas são recolhidas, fechando o avião e ele sai da garagem e rapidamente pega a pista. Levanta voo e eu aceno erguendo o braço. Faço uma breve oração para ela ir com Deus. Meus olhos ficam molhados de novo. Fecho eles e espremo.

“Que foi? Caiu alguma coisa no seu olho?” Ethan pergunta segurando meus ombros.

“Não. Fiquei emotiva de ver eles partindo.”

Ele rir e me puxa para um abraço apertado. “Achei outro defeito em você Sra. Brown.” Sussurra no meu ouvido. “Ama demais.”

Abro um sorriso e aproveito seu abraço, o carinho nas minhas costas. Beijo seu pescoço e fecho os olhos.



ABRO A PORTA e deixo Ethan entrar primeiro com a mala que levamos. Nela só tem nossas roupas de casamento, as que estavam dentro estamos vestindo. Um ótimo plano do meu querido marido de nos deixar pelados durante o sábado e domingo, e nos vestir só hoje de manhã para almoçar com Clara e Lucca. Amo sua *esperteza*.

Meu peludinho bate as patinhas nas minhas pernas, vindo da casa dos avós de Ethan. Jorge acabou de trazer ele. Me viro para porta e agradeço com um aceno de cabeça e ele sorri. Me abaixo e pego Prince.

“Oi, meu fofo. Sentiu tanta falta assim?” Ele late em cima das minhas coxas e o rabo balança freneticamente. “Senti a sua também.” Tento beijar o topo da sua cabeça, mas ele não permite porque fica lambendo meu queixo. Rio e me levanto.

Giro o corpo e vejo Ethan voltando do quarto com um aparelho celular que não é o dele. É da mesma marca, mas é menor. Ele para na minha frente e troca o aparelho pelo cachorro comigo. Prince beija seu queixo feliz de vê-lo também.

“O número da Cora está com o final nove e dois.”

“Okay, e é só ligar?”

“Sim e não liga para mais nenhum número. Todos os números da sua família, da minha, Clara e Lucca estão na lista telefônica com nome.”

“Clara está com um número clandestino também?”, pergunto perdida.

“Tive que fazer isso caso você fique com vontade de falar com ela. Dei o aparelho hoje para Lucca e ele vai falar com ela.”

Abraço ele, espremendo Prince em nosso meio. “Você é perfeito. Pensa sempre em tudo.”

“Em tudo para lhe fazer feliz.” Sorri de lado e me beija de leve nos lábios.

“Mas por que eu não tenho um também?”

Ele faz um cara séria, mas os olhos o traem. “Porque você sempre está comigo e continuará. Não sairá das minhas vistas.”

“Hmm... Não posso discordar, mesmo você sendo muito convencido.” Dou

um beijinho nele.

“Se você diz.” Coloca meus cabelos para trás do ombro e deixa a mão no meu pescoço. O polegar movimentando em um acaricia suave. “Agora fique à vontade com sua mãe. Vou falar com a *liga da justiça* e meus avós.”

Dou risada e cochicho: “Não deixe eles ouvirem isso.”

“Já ouvimos.” Escuto Colen dizer atrás de mim e me viro para fitar seus olhos azuis penetrantes e intentos. “Desculpe interromper. Preciso falar com você Ethan.”

“Certo”, Ethan diz. “Daqui a pouco eu volto.”

Assinto e curvo um dos lados da minha boca. Ele deixa um beijo na minha testa e sai na companhia de Colen, Jorge e Prince no seu colo. Pisco os olhos para a porta fechada e o chalé só para mim. Respiro fundo e ando até o sofá e me jogo nele.

Procuro o nome de Cora na lista telefônica e aperto para ligar. Ponho o aparelho no meu ouvido e espero. Menos de cinco toques e ela atende pensando que é Ethan e fala o nome dele com pressa. Preocupada.

“Sou eu... Victoria.”

Escuto ela respirar fundo.

Ficamos muda na linha por uns segundos. Sinto meu coração parar de bater também nesses longos segundos. Não sabia que estava sentindo sua falta até ouvir ela agora.

“Como você está?” Ela pergunta.

“Bem e você?”

Ela suspira. “Estou bem também.”

Novamente o silêncio.

Isto é tão horrível. Ela é a Cora. A pessoa que eu mais precisei a minha vida toda. Para quem eu corri para os braços quando chorei e me machuquei. Que foi minha fonte de força e amor. A pessoa que abriu mão de tudo. Que foi minha mãe independente de ser minha mãe na minha cabeça. Eu deveria amá-la como tal, porque sim.

“Eu te amo.” As palavras escapam de mim e meus olhos se embaçam. Fecho eles e me concentro na sua respiração do outro lado. “Eu sei que você deve pensar que eu não amo, mas eu amo. Você sempre foi uma das pessoas mais importantes do mundo para mim. Me desculpe por vir embora sem falar com você.” Tomo ar para continuar. “Eu só queria um tempo para pensar. Para mim. Não queria magoar vocês.”

“Eu sei, minha princesa.” A voz dela está fraca.

Ah, meu coração. Agora entendo o que Ethan disse. Como o significado desse apelido na boca dela e do Will é diferente. E como não faz sentindo ele me

chamar mais assim.

“Queria falar tudo que eu tenho para lhe dizer olhando para você, mas estou com tanta saudade —” meu choro me corta.

“Não chora, por favor.” Pede, mesmo ela mesma chorando. “Não vou poder fazer nada estando distante. Não me deixe preocupada.”

“Tudo bem. Desculpe.”

“Não peça desculpas. Eu te entendo e conheço você. Está tudo bem de verdade, eu juro.”

A voz dela me dá vontade de chorar e abro a boca para não soltar um soluço e fecho os olhos.

“Eu não sei o que dizer mais... Obrigada por tudo e eu sinto tanto por tudo que você passou. Por tudo que ouviu e deixou de ouvir.”

Ela suspira porque entende o que eu quero dizer.

“Você foi a melhor mãe do mundo.”

“Querida,” ela respira e escuto-a chorando baixinho, “eu te amo tanto. Lamento do fundo do coração ter escondido de você a verdade, mas nunca, nunca deixei de te amar. Você é o presente mais maravilhoso que recebi em toda minha vida. Todas às vezes que disse que tudo sempre foi por você, foi a mais pura verdade, minha princesa. Tudo que fiz na vida foi por você.”

“Eu sei.”

Choramos por uns segundos, cada uma de um lado fugando e respirando fundo, tentando parar e se recompor. Então ela suspira e fala:

“Chega disso. Eu era para estar muito feliz de você me ligar. Estava preocupada.”

“É verdade.” Sorrio, chorando. “Eu... eu queria falar uma coisa com você.”

“O quê? É algo grave? Ethan está bem? O bebê?”

“Não. Espere eu falar.”

“Fale logo. Estou longe e com o coração apertado.”

Consigo rir e quase posso imaginar sua cara preocupada. “Não fique, é algo feliz. Quer dizer, eu estou muito feliz.”

“É?” Pergunta suave e ansiosa. “Então me diga.”

“Espero que você não se zangue comigo, mas...” respiro fundo. “Lá vai. Eu e Ethan nos casamos.” Faço uma pausa. “Neste sábado. Casamos com os avós dele e ele trouxe Clara e Lucca, eles foram embora hoje.” Espero ela falar, mas como ela não se pronuncia, e continuo: “Foi coisa pequena e... e lindo. Queria você aqui e o — ” abro a boca e sai apenas um sussurro “papai.”

Ela suspira do outro lado e soluça.

“Oh, querida.” A voz arranhada e fraca, tão baixa. “É óbvio que eu queria estar aí e tenho certeza que vocês vão fazer de novo. Ethan tem uma família

unida e vai querer isso. Eu e... seu pai também. Minha nossa, filha. É tão bom falar isso em voz alta.”

Choro alto e mesmo assim consigo sorrir. Não enxergo nada por meio das lágrimas.

“Mãe.” A palavra sai genuína. Verdadeiramente do coração.

“Minha princesa, eu te amo. Amo muito e sinto sua falta. Volte para casa. Volte logo. Quero te abraçar.”

Fungo e assinto como uma louca, porque eu sei que ela não pode me ver. Sinto a falta de seus braços me abraçando, amando e amparando meu coração. Eu também quero, muito, ser abraçado por ela.

Vinte & Dois

Ethan

SEGUNDA-FEIRA, 22 DE FEVEREIRO DE 2014.



DEPOIS DE UMA LONGA CONVERSA com Colen e Travis, via vídeo conferência, me sinto exausto. Falamos sobre os planos de atacar o filho da puta que nós estamos suspeitando e atacarmos ele.

Acho que estamos certo sobre as pistas. Tudo se encaixa perfeitamente nele, porém não faz sentido, mas eu não hesitei em falar que o quero morto. Não me interessa nada sobre ele, apenas se tem mais alguém junto. Fora isso, quero que Colen corte sua garganta ou eu se tiver oportunidade.

Nunca na minha vida tive pensamentos assim. Realmente a males que vem para o bem, e vice versa. Meu amor por Victoria me trouxe possessão, domínio. Sou furioso quando se trata dela.

Saio da casa dos meus avós e caminho sob o chão coberto de neve para o chalé. Ao me aproximar penso como deve ter sido a conversa dela com Cora. Espero que tenha sido tudo bem e ela agora esteja relaxa e melhor.

Depois do segundo dia, que nós deixamos Maryland, senti que ela precisava muito de Will e Cora. Acho impressionante como ela os amava e sempre respeitou eles como pais, sem nem se dar conta. Como se fosse um segredo apenas para sua consciência ou a verdade não dita em palavras, mas sim em gestos e ações.

Assim que abro a porta e entro, escuto um gemido baixinho. Um ruído doloroso. FRANZO a testa e encontro no sofá da sala uma Victoria amuada, chorando e abraçando a si mesma, pernas encolhidas e braços sob o peito e as mãos nos ombros.

Vou depressa até ela, sem pensar. Ela levanta o rosto e ao me ver, levanta e me abraça choramingando.

“Ei, querida. Estou aqui.” Tento confortar ela, mas acho que sei o que ela quer.

“Quero voltar para casa”, sussurra.

“Nós vamos em breve.”

Ela se afasta para me olhar. “Eu preciso deles. Preciso falar com a minha mãe e meu pai.” Arfa e solta um soluço.

“Eu sei, querida. Eu entendo.” Falo assentindo e volto a abraçá-la.

Eu realmente entendo que ela precise tanto assim dos pais, da família. Fui criado em uma família unida também e talvez eu não seja tão apegado por ter ficado afastado por um tempo, mesmo minha mãe me visitando, não era a mesma coisa que conviver com eles sempre. Estranhamente eu não me importava com a distância, mas desde que estou com Victoria, dou mais valor à minha família. E agora mesmo que nos amamos tanto, ela precisa deles tanto quanto precisa de mim. São sentimentos e amores diferentes. Assim como eu percebo que meu amor pelo nosso filho é diferente do amor que sinto por ela.

Minha mãe tinha falado isso comigo. Que os filhos mudam a visão do mundo para os pais e eu já sinto isso. Sinto o suficiente para me colocar no lugar de Will e ter a certeza que ele sofreu esses anos que viveu na sombra do amor de pai dele e imaginar Victoria com a mesma dor me mata, então sinto pena por Cora também. Ela parece bastante com a mãe. Agora eu percebo isso com mais clareza e obviamente não acho estranho, pois faz sentido, antes eu pensara que estava maluco.

Victoria deixa meus braços e me puxa para o sofá. Sento ao seu lado e deixo o braço ao seu lado aberto para ela se aconchegar ao meu peito, e ela faz, circulando minha cintura com seus braços e deita a cabeça no meu peito.

“Me conta como foi o telefonema?”, pergunto.

“Foi muito legal.” Ela respira fundo. “Eu disse para ela o que tinha falado com você. Que a amo muito e que eu não queria magoar ninguém quando vim para cá. Só precisava de tempo.”

Assinto ouvindo com atenção e pergunto: “E mais o que?”

Ela suspira, algo perto de um suspiro feliz. “Contei que nos casamos.”

“U-hum. O que ela falou? Ficou chateada?”

“Disse que entende e sabe que nós vamos fazer de novo. Que tanto sua família quanto ela e meu pai vão querer fazer um casamento para nós.”

Assinto e afasto seu rosto erguendo com minha mão livre.

“Estou orgulhoso de você ser tão boa. Fico feliz que esteja tudo bem com eles e é reconfortante ouvir você chamando eles de pais. Com certeza eles ficaram felizes.”

Victoria senta direito e segura com força minha mão, tirando do seu rosto.

“Mesmo só falando com ela por enquanto, já me sinto diferente, feliz e é verdade,” sorri, “eles devem ficar felizes de eu reconhecer eles como meus pais.” Então fica pensativa e fala com a voz distante: “Não gosto nem de imaginar acontecer comigo o que eles passaram esses anos. Acho que os perdoei rápido, porque eu sei que eles sempre estiveram comigo e foram tudo para mim. Que mesmo não os chamando de pais, eu os amei dessa forma e.... porque estou grávida, entendo ainda mais.”

Aceno com a cabeça concordando e acaricio seu rosto. Ela volta a me olhar.

“O sentimento que tenho por esse ser pequenininho dentro de mim é tão grande.” Diz com um sorriso meigo. “Consigo entender o sentimento da Cora por mim. Todos os momentos comigo. Sempre me apoiando e no dia que me levaram. Tenho certeza que ela daria a vida por mim naquele momento.”

“Eu pensei justamente a mesma coisa. Que não desejo a ninguém o que Will passou e o quanto já amo nosso filho, como doeria não ser para ele o que eu realmente sou.”

Ela morde os lábios e engole em seco. “Eu sei, por isso preciso falar com ele. Acho que mais do que com ela, preciso me desculpar com ele. As coisas...” seus lábios tremem com a luta para não chorar, “que eu disse para ele. Perdi as contas quantas vezes eu falei que ele não era meu pai para se meter na minha vida. Até mesmo na nossa última conversa.”

Faço uma cara de lamento e a puxo para os meus braços.

“Não fique assim, ele entendeu você e tenho certeza que te ama muito e o suficiente para não ter guardado magoa. Não chore, meu amor.”

“U-hum. Eu sei, mas mesmo assim eu o machuquei. Teve vezes que fui muito má com ele.” Ela nega com a cabeça. “E ele não merecia. Não importa. Às vezes sou ruim.”

Fecho os olhos e respiro fundo. “Não, você não é. Estava apenas sendo uma adolescente e uma garota que perdeu sua liberdade. Ele te entendeu todas às vezes, pode apostar nisso.”

“Pode ser.” Murmura.

“Confia em mim, que foi isso e quando você o vê agora, terá a oportunidade de se desculpar por tudo e dizer o quanto o ama.”

Ela dá um sorriso triste, sem mostrar os dentes e balança a cabeça, mostrando-se agradecida e entorpecida.

“Eu te amo e nunca vou cansar de dizer isso. Muito obrigada.”

Dou de ombros e sorrio brevemente. “Apenas não quero ver você triste e sei o quanto eles te amam. E eu faço tudo por você.”

“Eu sei.” Murmura e volta a me abraçar com força. “Quando você diz isso, quando me apoia assim. Você deixa de ser meu companheiro. Meu namorado, amante, marido, homem.” Ela sussurra. “Você passa a ser meu melhor amigo. Alguém que eu posso falar o que quiser, que vai me apoiar e se precisar me dar bronca.” Levanta o rosto e fica cara a cara comigo e seguro meu rosto. “Alguém que me faz enxergar melhor as coisas e crescer. Isso é raro e eu sou profundamente grata a você por tudo. Eu confio a minha vida a você.”

Cerro a mandíbula, inebriado com a força do meu amor por ela e pego seu rosto nas mãos também lhe dando um beijo suave nos lábios.

Saio do escritório do meu avô sem acreditar que ele não tem uma impressora. Por Deus, em pleno século vinte e um, em uma casa que tem de tudo e até coisas que não deveria de ter, como um maldito Leão artificial que faz Prince disparar em latidos altos e agudos todas às vezes que entrar na casa.

Agora vou ter que ir à cidade para poder mandar imprimir a papelada que Debora enviou por e-mail. Um contrato que precisa da minha assinatura para começar as expedições da nova campanha da Hyundai.

Vou até os seguranças e os encontro rindo e se divertindo jogando baralho.

“Vou precisar ir à cidade.”

Eles param de jogar e se levantam.

“Colen você vai comigo.”

“Está bem.” Ele diz sem emoção. Sei que não ia recusar, mas ele não é meu empregado, é meu amigo que está me ajudando. Quero falar com ele mais sobre o que conversamos ontem com Travis.

“Ken fique de olho em Victoria.”

“Como sempre”, diz sendo sarcástico e óbvio.

“Vou pegar uma coisa na casa e nós já vamos Colen.” Digo e com um aceno de cabeça me afasto dele e vou para o chalé.

Abro a porta e encontro minha linda esposa na cozinha falando com Prince. Ela solta uma gargalhada e joga algo para ele que pega no ar. Sorrio com a imagem dela.

Está com uma calça de moletom, meias sob a batinha da calça e meu casaco. Meu suéter favorito dela. Sempre que uso ela fica animadinha e lembra que foi com ele que nos declaramos. Mesmo sendo uma memória dramática do nosso relacionamento, sei que ela se recorda daquele dia com felicidade.

“Querida”, falo com a voz baixa e me aproximo dela.

Ela dá risadinha quando a abraço por trás e deposito um beijo no seu pescoço.

“Já está falando sozinha, tão nova.”

“Claro que não.” Ri e gira nos meus braços e joga os dela em cima de mim.

“Estava falando com Prince.”

“Ah, claro.” Zombo.

“Para, viu! Porque ele me entende.”

“Eu sei que sim.”

“Estou falando sério.”

“E eu também. Eu acredito que os cachorros nos entendam.” Assinto com as feições neutras, para ver que estou falando sério.”

“Hmm... sei. Mas, então, eu descobri que ele gosta de cebola.”

Franzo a testa.

“Estou fazendo o molho que vi na internet para salada e aí deixei cair cebola. Ele comeu e pediu mais.”

Rio e assinto achando engraçado. “Ele é realmente um cachorro inusitado. Porque nem todos os humanos gostam de cebola e ele come e pede mais. Inesperado.”

“Para de zoar com a minha cara.”

Beijo seus lábios e aperto meus braços nela. Seus pés saem um pouco do chão.

“Eu não estou zoando você. Juro.” Murmuro e beijo sua boca sorridente.

“Eu vim aqui pegar meu notebook e a carteira. Vou na cidade rapidinho.”

“Por quê?”

“Preciso imprimir e enviar uns documentos com a minha assinatura para Los Angeles e aqui não tem impressora.”

“Ah, tudo bem.”

“Não vou demorar. Vai ser rápido.”

Victoria assente e penteia meus cabelos com as pontas dos dedos e beija meu rosto. “Sem problema, enquanto isso vou fazendo o jantar para gente e você pode trazer banana e sorvete de queijo daquela loja que fomos ontem depois de levar a Clara, sabe?”

“Sei e tem de queijo?”

“Tem, claro. Eu comi ele ontem e traz de chocolate, maçã verde, pistache e morango.”

“Tudo junto?”

“U-hum.”

“Não vai ficar com dor de barriga?”

Ela abre um sorriso sapeca. “Estou com vontade de comer sorvete com banana e pasta de amendoim salgada.”

Faço uma cara de nojo. “Isso vai te dá dor de barriga.”

“Vai não, Ethan. É desejo”, sussurra ela sorrindo ainda.

“Ah.” Abro a boca surpreso. “É aqueles desejos malucos de grávida?”

“É.”

“Hun... tudo bem. Agora que você disse. Vou trazer com o maior prazer. Se é o que meu bebê quer, eu vou dar.”

“Oh...” Ela geme seu som fofinho. “Obrigada e já que você está falando isso. Posso comer em cima de você?”

“Em cima de mim?” Pergunto de cenho franzido.

“É, em cima do seu peito musculoso e durinho. Deixa, vai!”

Aperto mais o cenho. “O desejo inclui comer sorvete em cima do meu corpo?”

Ela dá de ombros e morde a boca prendendo o sorriso. “Talvez.”

“Tudo bem”, murmuro.

Victoria solta os lábios e aproxima o rosto do meu, passa o nariz no meu e encosta o rosto fazendo carinho no meu com ele. Fecho os olhos e abraço suavemente ela.

“Você é fofa quando faz isso?”

Ela dá risada baixinho e sussurra: “Por que eu posso ser fofa e você não?”

“É diferente. Você é mulher, meiga, delicada e minha esposa. Você pode ser fofa, que quer dizer tudo o que eu acabei de dizer. Eu não sou nada disso.”

Balança cabeça e deita no meu ombro. “Seu raciocínio é inacreditável e só para constar na minha humilde opinião de esposa, amiga e sua alma gêmea, você é muito meigo.”

“Por favor.” Resmungo.

Ela ri. “Carinhoso?”

Penso um pouco e assinto. “Está bem.”

Rindo ela beija minha pele. Fico um pouco nesse carinho e depois me despeço. Pego a pasta com minhas coisas e saio.



ESCUTO ATENTO AS ORIENTAÇÕES da minha secretária. Ela está merecendo um aumento. A hora do expediente já passou e ela continuou na empresa me esperando chegar na cidade, abrir o e-mail, imprimir e assinar os papéis.

“O senhor tem que assinar onde está a bolinha vermelha.”

“Certo.”

“E rubrique nas amarelas.”

“Okay.”

Leio as cláusulas necessárias do meu interesse, mesmo que ela tenha redigido eu preciso ler. Foi a regra que meu pai me ensinou. Nunca assinar nada sem ler antes, mesmo sendo do seu melhor amigo. Confiança é algo frágil e fácil

de se partir como uma calda de açúcar sólida.

Assino os papéis e informo.

“Agora o senhor envia de volta.”

“Certo. Espere um pouco que chegará aí.” Falo e volto para onde está a impressora na land-house. “Você pode escanear agora.”

“Sim, senhor.” A garota que me atendeu e é a recepcionista, fala.

“Posso fazer eu mesmo? Ir atrás do balcão.”

Ela me olha de canto de olho e torce a boca antes de falar. “Pode, tudo bem.”

“Obrigado.” Agradeço.

Em poucos minutos passo as papeladas para Debora, confirmo o envio perguntando a ela por telefone. Tudo acabado e resolvido, leio rápido alguns e-mails e resolvo outros trabalhos com ela e encero a ligação. Pago a garota da land-house, que me comeu com os olhos o tempo todo, enfio o notebook na pasta, pego os papéis e saio do local.

“Aquela garota estava quase se atirando em cima de você.” Colen comenta com humor andando comigo até o carro.

“Eu percebi.”

Ele ri zombeteiro. “Você não fez nada? Nem uma piscadinha.”

“Claro que não.”

“O Ethan de antes ia levar ela para o canto da loja e dá um trato.”

Reviro os olhos e ignoro seu argumento.

“Victoria te colocou cabresto mesmo.”

Olho de soslaio para ele.

“Mas não te culpo. Ela é linda. Um mulherão.”

“Você perde a noção do perigo. Não me importo que você esteja com uma arma debaixo do casaco e que saiba usar muito bem uma faca e talvez nem precise de nada para matar alguém.” Falo olhando para ele bem sério. “Mas se você continuar falando da minha esposa assim, vou te dá uma porrada só.”

Colen ri e me dá um tapa forte nas costas. “Estou elogiando sua mulher, cara. Não leve a mal, porra. Você tem que se orgulhar, não ficar na defensiva.”

“U-hum.”

Agora ele me ignora e chegamos ao carro. Deixo a pasta no banco traseiro e bato a porta.

“Vou no mercado para Victoria. Se quiser pode ir ou não. Você não é meu segurança de qualquer modo.”

“Cara, eu sei disso.” Ele fala e me olho concentrado. “Você está puto comigo porque falei aquilo? Não estou de olho na sua mulher. Que isso, Ethan?”

Balanço a cabeça com desdém. “Eu sei. Não foi isso que eu quis dizer. Só

estou dizendo que não precisa me acompanhar, vai ser coisa rápida.”

“Tem certeza?”

“Já que você insiste. Você pode ir no mercado e enquanto isso eu vou na sorveteria comprar o sorvete que ela quer.”

“Melhor assim.”

Assinto e dou o dinheiro para ele e falo o que é para comprar. Colen aperta minha mão e novamente pede desculpa e eu o mesmo. Talvez meu ciúme às vezes extrapole, mas é normal. Um homem cobiçando minha esposa não é para eu achar legal e nem normal, não é para eu agir naturalmente. Não interessa que ele seja um amigo próximo.

Vou para o lado oposto que Colen e rapidamente chego à loja. Entro e faço o pedido. Espero pacientemente e nem quero pensar no embrulho no estômago que ela vai ter depois. Todos esses sabores de sorvete com banana e pasta de amendoim salgada. Se fosse a doce seria menos mal.

Pago e logo volto para a rua, com passos largos ando de volta para o carro. De repente uma mão encosta no meu braço. Paro de andar e me viro para ver quem é.

Por um momento acho que é alucinação. Não acredito que ela está aqui. *Está fazendo o que em Aspen?* Está bem longe de casa e pelo visto a passeio. Nas mãos, segura várias sacolas, está toda de preto por baixo e um sobre tudo vermelho sangue. Olhando para ela percebo como é totalmente o oposto de minha esposa. Victoria com toda certeza é o anjo e Nicole o demônio.

“Ethan”, ela diz com um sorriso aberto e audacioso, “o que faz aqui?”

“O que você faz aqui?”

Nicole abre mais o sorriso. “Vim passar as férias.”

“Desde quando?”

“Desde que tive vontade e você não me conhece mais.”

“Com certeza. Você odiava o frio.”

“Pois é.” Ela dá de ombros. “A gente muda.”

Aceno com a cabeça, desconfiado. Nada sobre Nicole é sem propósito, nada é sem algum motivo e quase sempre maldoso.

“Então, o que você está fazendo aqui? Tirando férias da *mimadinha* da Victoria?”

Cerro a mandíbula e prefiro me manter calado.

Ela dá gargalhada. “Qual foi Ethan? Você sabe o quanto ela é mimada.”

“Engraçado ouvir isso de você, para não dizer outra coisa, pois Victoria falou bem de você para mim e disse que vocês eram amigas. Lógico que ela mudou de ideia depois que eu disse quem você é de verdade.” Cuspo devolvendo o veneno.

“A gente se conheceu na universidade. Somos diferentes demais para ela ser minha amiga, apesar que ela não é de se jogar fora.”

“Isso eu tenho que concordar com você. Totalmente.”

Ela balança a cabeça e faz sua cara de soberba. “Ela é legal, rica e muito boa. Até demais, mas não combina comigo e sabe, eu li no jornal o que aconteceu com você.” Seu rosto fica inexpressivo. “Fiquei horrorizada. O que vocês fizeram para acontecer aquilo? E você levou um tiro. Fiquei realmente preocupada com você e feliz que nada aconteceu.”

Assinto e aperto a mandíbula. “Foi um episódio horrível para nós.”

“Deve ter sido e eu acho você um louco por continuar com ela. Victoria é linda, eu sei, mas é encrenca.”

Respiro fundo e falo entre os dentes: “Olha, eu tenho que ir e não sou obrigado a ouvir suas merdas, Nicole.”

“Qual é Ethan? Vai dizer que você não percebe a furada que ela? Desde pequena é azarada.”

“Cala a boca!”

Ela ri e balança a cabeça, nem aí para mim.

“Você está apaixonado eu entendo, mas um dia isso vai passar e você vai ver que grande merda é ficar com ela.”

“Com certeza com você seria melhor, não é?” Ironizo.

“Pelo menos você não teria a possibilidade de levar um tiro.”

“De um estranho talvez, mas de você eu realmente não posso colocar a mão no fogo.”

Ela ri alto jogando a cabeça para trás. “Sempre adorei esse seu jeito rude. Me divirto.”

“Hun.”

“Mas que seja, não é.” Dá de ombros e olha as unhas rapidamente. “Foi legal te ver aqui e manda um beijo para Victoria.”

Com certeza não vou fazer isso, ela pode se envenenar — penso olhando com asco para Nicole. Recuo um passo e antes de ir lembro de pedir a minha ex-namorada e amiga, para não espalhar que me viu por aqui.

“O que eu vou ganhar com isso? Você está valendo uma fortuna para os paparazzi?”

“Você não tem jeito, mesmo.” Falo irritado. “Se quiser dinheiro, te dou, mas respeite minha privacidade.”

“Está se escondendo de quem? Victoria?”

“Não te interessa, só mantem a boca fechada.” Digo.

Ela mantém os olhos fixos nos meus e calada. Sua cara está me dando vontade de socar ela, mesmo nunca pensando em bater em uma mulher na minha

vida. Meus pais não me criaram para ser covarde a esse ponto.

“Cinquenta mil e um jantar comigo.” Ela simplesmente cospe isso.

Cerro os olhos e a mandíbula. Ela continua a me surpreender, de modo ruim.

“Setenta mil, um jantar pago por mim e fim de papo.”

“Qual o problema você jantar comigo?”

“Você quer mesmo que eu responda?”

Ela dá de ombros e ri me olhando sob os cílios, sexualmente.

Balanço a cabeça, inacreditável como ela não percebe ou não tem noção do que fez comigo. Me enganou, fez minha mãe me colocar para estudar fora do país e em nenhum momento pediu desculpas, nem no dia que eu e Anton desmascaramos ela. Nicole deve ter algum distúrbio.

“Vou mandar um dos meus homens trazer o dinheiro para você amanhã de manhã, na sorveteria.”

“Por que lá?”

“Porque eu quero e vai ser assim. Não deixe de vir ou vai perder o dinheiro.”

“E você vai ter sua foto estampada nas revistas na manhã seguinte.”

“Certo.” Dou um aceno com a cabeça, me controlando. Giro meu corpo e me afasto dela voltando para o meu caminho.

“Tchauzinho.”

Respiro fundo e chego no carro. Colen se desencosta do mesmo com um sorriso sacana.

“Quem era a morena?”

“Uma ex.”

Ele faz um estalo com a boca e assente.

“Pode parando com isso. Ela já me estressou o suficiente. Vamos voltar logo. O sorvete deve estar mole já.” Falo e entro no carro do lado do motorista. Espero ele entrar e tiro o carro da vaga e pego as ruas.

“Como uma mulher daquelas te estressou?”

“Hun... Você não gostaria de saber a dor de cabeça que Nicole é.”

“Encrenca?”

“Das piores. Ela foi um terror na minha vida.” Comento e no caminho conto tudo que Nicole fez.

Colen acha que fui trouxa e não dei o que ela merecia. Infelizmente tenho que concordar. Ela nunca teve de mim o retorno da traição que fez comigo, porque é claro que mesmo eu sendo menos humorado e aberto com as pessoas, um ogro como Victoria fala, eu não sou ruim como Nicole foi comigo e até mereceu mesmo um corretivo. Eu apenas espero que a vida ensine a ela.



VICTORIA SORRI E LEVANTA DA MESA.

“Vou pegar o sorvete. Podemos brincar agora?”

Rio e levanto seguindo ela. Deixamos os pratos na pia e quando ela anda para chegar na geladeira seguro sua mão e a puxo para mim.

“Vem aqui rapidinho.”

Ela franze a testa e me deixa abraçá-la.

“O que houve? Está esquisito desde que voltou.”

“Impressão sua, amor. Estou bem.”

“Mm.... Eu não acho não. Você está caladão.”

Concordo com a cabeça. “É um pouco isso sim, mas é porque estou cansado. Vamos comer o sorvete e deitar. Pode ser? Outro dia você come sorvete em cima de mim.”

Ela dá de ombros e se solta de mim, pega no refrigerador os sorvetes e coloca só o de chocolate para mim o resto coloca em uma grande vasilha, pica a banana e duas colheres cheias de pasta de amendoim. Ela dá uma risadinha me olhando de relance e eu sorrio.

“Tem certeza que consegue comer isso tudo?”

“Não duvide disso.”

“Okay.”

Voltamos de mãos dadas para a sala, mas não sentamos na mesa onde comemos, vamos para o sofá e nos acomodamos nele. Ela liga a televisão e coloca em um filme. Curtimos o tempo juntos e me divirto com ela comendo o sorvete e tentando me fazer comer sua mistura.

“Nem pensar.”

“Está tão gostoso. Prova!”

Rio e nego com a cabeça. “Obrigado. Aproveita você.”

Ela ergue as sobrancelhas fazendo uma careta e volta a prestar atenção na TV. Entretida, ela acaba de comer e assim eu levanto e levo as coisas para cozinha e lavo a louça.

Penso no encontro com Nicole. Tento entender o que ela está fazendo aqui. Não gostei, primeiro porque nunca é satisfatório encontrar ela e segundo, porque senti algo estranho. Espero ser coisa da minha cabeça.

Volto para o sofá e vejo Victoria caindo de sono e a chamo para deitar.

“Vai escovar os dentes para deitar.”

Ela pisca os olhos sonolentos e me dando um abraço faz o que eu disse, enquanto isso desligo as coisas, verifico a porta, entro no quarto e ajeito a cama para nós. Escuto-a entrando no quarto antes mesmo de vê-la. Vou escovar os dentes também e logo estou debaixo das cobertas com ela.

O sono começa a chegar rápido. Estou cansado e necessitando dormir, mas me sinto inquieto e taciturno. Sei que preciso falar com ela sobre a Nicole. Não acho certo não contar.

Meus olhos começam a se fechar e aconchego o corpo dela no meu e deixo minha cabeça pousar em cima da dela.

“Querida?” Sussurro.

“Mm...”

“Encontrei alguém na cidade hoje. Estou tentando não ficar preocupado com isso e espero que não seja nada demais.”

Sinto o corpo dela tencionar. “Quem?” Ela murmura.

“Nicole.” Respondo baixo. “Não sei o que ela está fazendo aqui e espero que ela fique calada.”

“Como assim?”

“Não informar para os paparazzi de nós. Quero ela calada, na verdade, vou dá dinheiro para ela não falar nada.”

“Vai dar dinheiro a ela?”

Beijo seus cabelos, para tranquilizar.

“Vou pedir Colen para levar o dinheiro amanhã de manhã.”

Victoria suspira e segura forte minhas mãos em cima do seu peito.

“Tem certeza que ela não vai falar?”

“Eu espero que sim e de qualquer forma, sexta estamos indo para casa.”

Suspirando ela assente e beija minhas mãos. Sinto seu corpo relaxar e isso é o que preciso saber. Ela está tranquila e feliz que vamos para casa. Eu também estou. Dou um beijo no seu pescoço e murmuro:

“Durma com os anjos, querida. Boa noite.”

“Você também.” Beija minha mão de novo. “Boa noite, amor.” Ela sussurra bem baixinho.

Vinte & Três

Victoria

QUARTA-FEIRA, 24 DE FEVEREIRO DE 2014.



TALVEZ EU ESTEJA SENDO IRRACIONAL. Nicole não representa perigo algum no meu relacionamento com Ethan, mesmo assim eu não me sinto bem com ela esbarrando com ele por aí e muito menos estando onde não deveria. O que ela está fazendo aqui?

Eu sei que ela gosta de viajar e ostentar. Desde que nos conhecemos percebi esse lado narcisista da Nicole. Ela gosta de aparecer e gastar. *Nossa*. Como ela gosta de gastar dinheiro. Chega a ser pecaminoso isso. Agora ela está em Aspen gastando seu dinheiro, perto de mim e do Ethan.

Não gostei de ela estar aqui. Como se já não tivesse tantos problemas na minha cabeça, ainda tenho que me preocupar com essa ordinária. Talvez esteja me preocupando sem motivo, mas não posso evitar, desde que soube o que ela fez com Ethan tenho ódio dela e se o acaso me der a chance vou dá umas porradas nela. Ela mais do que merece.

Entro na academia particular da casa e tiro meu sobretudo grosso. Vou suar e queimar energia. Estou cheia de adrenalina no corpo. Me alongo enquanto vou me aproximando da esteira, subo nela e ligo. Ponho na velocidade para caminhar e me aquecer, daqui a pouco vou correr.

Não tem nada no mundo melhor que correr para relaxar, a não ser comer agora que estou grávida, mas eu já comi o pote de sorvete todo que Ethan trouxe. Terminei ele hoje de manhã por ansiedade.

Ele tinha foi levar o dinheiro com Colen. Esqueceu que precisava pegar no banco e agora estou esperando ele, que por sinal, ainda não voltou e faz quinze minutos... Estou olhando para o relógio a cada minuto que passa.

Coloco os fones no ouvido e deslizo o dedo na tela do meu celular e destravo. Feito, procuro as minhas músicas preferidas para correr e depois talvez eu malhe um pouco.

O médico disse que não tem problema, na verdade é saudável fazer exercício na gravidez e como eu já fazia, melhor ainda. E assim, meu corpo vai voltar ao que era antes mais rápido. Sorte a minha que adoro malhar e tenho o biótipo da minha família.

Quem olha minha mãe não diz que ela já foi mãe e pela idade era muito novinha. O que ajudou a voltar ao corpo de antes. Ainda não vi fotos dela

grávida de mim. *Será que tem?* Se tiver eu vou querer ver e pegar pelo menos uma para mim. Ela deve ter ficado muito bonita, porque ela é muito bonita e com dezesseis anos parecia uma porcelana.

A saudade bate no meu peito com isso, mesmo que eu tenha falado com ela no domingo quero conversar com ela de novo, aliás, ela seria muito útil no momento. Ia me ajudar a filtrar a situação e ver que Nicole não é nada.

Aumento a velocidade da esteira e em poucos minutos estou correndo como eu gosto. Meus pés batem com força, os braços vão para frente e para trás, me dando força. Estou focada no meu reflexo do espelho que é a parede toda da academia. A música toca no volume máximo. Um remix. Meu sangue está circulando rápido e minha pulsação está martelando nos meus ouvidos.

Verifico minha pressão colocando os dedos no pulso. Está acelerado, mas nada do que se preocupar.

Continuo correndo e aumento mais um pouco a velocidade e inclino no volume sete a esteira. Me sinto subir em uma rua levemente íngreme. Às vezes tenho sonhos comigo correndo no Griffith Park. Vejo fotos de algumas pessoas fazendo trilha ou apenas se exercitando por lá e morro de inveja. Queria poder fazer sem preocupação e sem seguranças. Deve ser muito revigorante. *Quem sabe um dia.*

Meu coração acelera mais conforme me esforço para alcançar a esteira na velocidade onze. Estou sem ar, ofegante e suando. Olho para o visor da esteira ergométrica e em trinta minutos já fiz quase seis quilômetros. Acho que estou correndo muito.

Mas continuo firme e teimosa. Isso me ajuda de uma forma inexplicável. Os problemas somem, as perguntas sem respostas e as dúvidas também. Esqueço tudo para estar concentrada aqui em cima. Aqui eu tenho poder sobre tudo e ao mesmo tempo luto com a força do aparelho. Como lutar com o invisível.

Pisco os olhos e procuro saliva, mas nada, minha garganta está seca.

Quarenta minutos e estou com muita falta de ar. Meu coração parece brigar para sair do meu peito e chega a doer. Minhas vistas ficam embaçadas e escuto um barulho do lado de fora da academia. Olho para minhas mãos e estou tremendo descontroladamente como se estivesse com frio. Não é isso.

Estou no meu limite e estou com vontade de vomitar.

Ai meu Deus.

Bato com a pouca força que me resta no botão gigante e vermelho de emergência que fica próximo à minha mão no corrimão de apoio. A esteira vai parando, mas meu corpo parece não perceber isso. Me seguro no corrimão e saio lentamente ficando ao lado da esteira e encosto meu corpo nela.

Coloco a mão na cabeça, tonta e pisco algumas vezes.

Uma dor forte na minha cabeça estoura e tudo fica preto.
Ah merda.



“VICTORIA! VICTORIA!” Exclamam meu nome alto e balançam meu corpo moderadamente rápido.

Abrindo e fechando os olhos para me acostumar com a luz, olho para Ethan sob meu corpo com as mãos em meus ombros. Estou deitada no chão com a parte de cima nas suas pernas.

“O que houve? O que você fez?”

Franzo a testa confusa e me arrependo de imediato. Isso me dá dor de cabeça.

“Como assim?” Minha voz sai feito lixa.

“Eu cheguei e te encontrei aqui, caída. Você tem ideia de como isso me deixou preocupado? O que você fez?”

Resmungo, me solto dele e sento puxando as pernas para o meu peito e abraço elas para ter apoio.

“Não fiz nada. Estava correndo. Me exercitando.” Falo de costas para ele.

Atrapalhada e tonta levanto. Claro, que ele levanta junto comigo e me ajuda, mas me afasto andando até o bebedouro. Pego um copo descartável, encho de água e bebo devagar para não passar mais mal.

“O que aconteceu com você?” Ethan pergunta perto de mim e quando tenta me encostar, desvio dele e vou sentar no banco de fazer peito. “Ei. O que foi isso?”

“Nada”, respondo com o copo sobre os lábios e terminando minha água.

“Nada? Você se afastou de mim e agora desvio. Não sou maluco.” Senta do meu lado com o corpo virando para mim. “Está me ignorando por que?”

“Impressão sua.” Digo e olho para ele sem expressão.

“Não é, não. E você está me olhando estranho. O que eu fiz?”

Cerro os dentes e sugo o canto da boca e mordo. É inacreditável como ele às vezes não tem noção nenhuma. Eu o amo. Amo com todo o meu coração, mas tem horas que quero dá um murro nele.

“Acho que você se esqueceu que foi levar o dinheiro para Nicole e, que, por sinal, demorou quase uma hora. Aproveitou e levou ela para tomar sorvete? Ou um cafezinho?”

“Victoria — ”

“Victoria nada.” Interrompo me irritando. “Você acha mesmo que fiquei feliz com o que você fez? Que eu achei muito legal você dar dinheiro para Nicole, me humilhando de certa forma. Você não é pai dela, marido, irmão, *nada* para lhe dar dinheiro, não importa o motivo. Você deveria ter ignorando ela, deixando ela falar sozinha e não caído na sua conversa... E muito menos oferecer dinheiro em troca de silêncio.”

“A gente conversou ontem e você pareceu não ligar.”

Reviro os olhos e mesmo tonta me lentando. “Eu estava caindo de sono, cansada e sou uma mulher grávida que quer comer e dormir o tempo todo.” Encaro ele, muito séria. “Então você me conta sua ideia mirabolante nesse exato momento e quando acordo. Cadê você?” Gesticulo abrindo os braços no ar. “Foi levar o dinheiro pessoalmente para ela, porque foi idiota o suficiente para não pensar que não teria sei lá quanto você deu a ela na carteira. Ou feito um cheque.” Balanço a cabeça descrente. “Você é tão *inacreditável* às vezes Ethan.”

Ele parece ter levado um soco ou algo do tipo. Foi atropelado com minha fúria e acho bom que ele tenha noção que estou muito zangada com ele.

Realmente não falei mais do que meias palavras sussurrando ontem antes de dormir. Estava com sono e mesmo surpresa não disse nada, mas a primeira coisa que fiz ao acordar foi pensar no assunto. *Justo*. Afinal, eu até tive um pesadelo com Nicole e ele.

Não sou de me colocar para baixo. Minha família sempre me ensinou que todos têm valor e que devem se amar em primeiro lugar para amar o próximo. Eu não tenho baixa autoestima, mesmo vivendo como vivi, gosto de mim e sei que tenho minhas virtudes, como meus defeitos também.

Porém, eu sempre achei que nunca iria poder ter um namorado de verdade. George foi um amigo que me beijou e com quem eu perdi a virgindade — porque achei que ia morrer imaculada — e que eu só o via na escola, em casa, nas festinhas que Clara dava em sua casa e nas reuniões na minha família. Uma forma de ser adolescente com limites. Nós não namorávamos de verdade. Era quase uma brincadeira.

Então, sempre achei que não poderia ter um relacionamento como o que eu tenho com Ethan. É muita pressão e desde o início do nosso relacionamento esperei o dia do fim, mas me surpreendendo ele se apaixonou por mim e caiu de cabeça na minha vida. É muito mais que meu — marido hoje. É meu salvador.

Pensar em Nicole com ele foi inevitável. Ela é livre, não há problemas na vida dela, a não ser ela e seus luxos extravagantes. Ele e ela teriam um relacionamento comum, com desavenças comuns. Com certeza ele teria uma vida menos turbulenta, dramática e assustadora do que está levando. Claro, eu

sei que ele me ama profundamente, assim como eu a ele, mas não pude evitar esse pensamento. Ela aparecer assim do nada aqui e me tirou dos eixos.

“Eu não sabia que você ia ficar tão chateada. Fiz isso para nossa segurança.”

“Às vezes eu tento entender seu cérebro assim como do meu pai. Temos uma porrada de seguranças para que?” Ele abre a boca para falar, mas levanto a mão e continuo. “Eu entendo que você fez isso porque estamos aqui... meio que nos escondendo. Eu entendi isso, mas não precisava dá nada a ela.”

“Eu tinha ignorado ela e apenas falei para ela não contar onde me viu, então ela pediu o dinheiro e um jantar comigo.”

Meu coração para e eu cambaleio para trás. “O quê?”

“Ei, clama.” Ele me segura pelos ombros. “É claro que não aceitei, amor. Eu ofereci mais dinheiro e um jantar pago por mim.” Balança a cabeça, angustiado. “Você acha que eu ia fazer isso com você? Jamais. Além disso, eu mal consigo olhar para ela direito. A única coisa que eu pensei era na sua segurança e agora que você falou tudo isso percebo que cedi rápido a ela e que fui um idiota mesmo.”

Assinto e respiro fundo com vontade de chorar. Choro de agonia e raiva. “Não gosto disso.”

“De que?” Pergunta.

“Desse sentimento ruim dentro de mim. Sentir esse ciúme louco no meu peito. Vontade de bater nela e te dá um soco por você ser um idiota.” Falo arfando um gaguejo.

O lamento cruza suas feições e ele me puxa para um abraço forte. Me deixo ir caindo mole em cima dele.

“Me desculpe e se você quiser pode me dá um soco. Eu mereço.”

“Não tenho coragem. Te amo demais.”

“Desculpe.” Beija minha cabeça com carinho.

Fecho os olhos com força e assinto apertando sua cintura. “Odeio ela. Odeio o que ela já fez com você e o que fez agora. Se eu encontrasse ela testaria todos os meus anos de aula de kickboxing. Vadia.”

Ethan reprime a vontade de ir e seu peito vibra por causa disso.

“Você está muito violenta hoje.” Tenta aliviar a tensão.

“Só um pouquinho.” Falo baixo.

Ele me afasta com a distância de um braço e fita meu rosto. “Eu sinto muito mesmo. Fui desrespeitoso e um imbecil em todos os sentidos.”

“Verdade”, murmuro.

“Você me perdoa?”

Respiro fundo e assinto lentamente. “Só porque vou precisar de você para

me levar de volta para o chalé.”

“Por que?” Diz e fica imediatamente preocupado.

“Estou tonta ainda.”

Com um movimento rápido ele me ergue em seus braços, abraço seu pescoço e deito minha cabeça em seu ombro.

“Ah, *é verdade*.” Ele fala como se tivesse se lembrado de algo. “O que você estava fazendo aqui? Tentando se matar?”

“Não”, resmungo. “Vim correr para espairecer meus pensamentos, mas acho que exagerei. Na verdade, acho que não posso mais correr como antes. Fiquei com a sensação de estar caindo em queda livre. Foi horrível e por pouco não desmaiei em cima da esteira.”

“Porra!” Exclama e seus braços me apertam. “Nem me fale isso, para uma pessoa normal é perigoso, para você mais ainda.”

Franzo a testa e levanto o rosto para olhar o dele. “Como assim?”

“Por causa do bebê, Victoria.”

“Hm... É verdade.” Deito a cabeça de novo enquanto ele me leva para fora da academia. “Não vou mais fazer isso.”

“Que bom.”

“U-hum. Acho que nós dois aprendemos algo hoje.” Murmuro e ele beija meus cabelos suavemente.

“Estamos progredindo e amadurecendo juntos.”

“E verdade.” Beijo seu rosto e fecho os olhos.

Eu amo tanto esse homem, mas ele é tão confuso às vezes. Faz as coisas primeiro e depois pensa. Sei que não é por mal. Hoje me fez lembrar o problema do anel de esmeralda. Ethan gosta das coisas nos seus devidos lugares, na cabeça dele provavelmente estão corretas, mas não. Sei que faz as coisas — muitas vezes — no calor do momento.

Ele é impetuoso, centrado, rigoroso e rápido. Sempre acha uma solução nos problemas. Realmente não existe outro homem no mundo tão perfeito para mim quanto ele. Meu pai tem que ficar muito feliz de eu ter me apaixonado e casado com alguém muito parecido com ele. Acho que foi por convivência que acabei achando sem saber alguém que me daria conforto, segurança e amor tanto quanto recebi desde pequena dele, da minha mamãe e dos meus avós... Da minha família toda aliás.



SENTO-ME NO MEIO DA CAMA ACORDANDO de um sono revigorante depois que Ethan me deu um remédio para me acalmar. O remedinho que a mãe dele receitou para mim ele me faz bem, me deixa relaxada e calma. Acho que depois do susto que dei nela e em Ethan em Maryland, eles estão querendo me sedar toda hora, assim não correm o risco de eu ter um ataque de pânico de novo.

Coloco meus pés para fora da cama e quase me arrependo. A superfície do chão está fria, não o chão em si, pois eu nem estou pisando nele ainda. Meus pés estão no tapete fofo que fica aos lados da cama... É de pelo e muito confortável, uma versão menor do tapete que fica em frente à TV na sala.

Me espreguiço, esticando os braços para cima e bochecho vergonhosamente. Foi uma soneca boa mesmo. Levanto e pego no sofá, acoplado a cama, o robe de Ethan.

Vou ao banheiro e esvazio minha bexiga que constantemente vive cheia e pareço que vou explodir o tempo todo. Antes eu não precisava de despertador porque tinha o relógio biológico, incrivelmente pontual, agora eu tenho uma bexiga que não aguenta um copo d'água.

Lavo as mãos e saio do quarto. Está tudo silencioso e o relógio na parede marca cinco da tarde. Pela janela vejo o entardecer que chega às pressas por aqui. Abro a geladeira e pego leite e os morangos gigantesco de Aspen. Queria morar aqui só para ter essas belezinhas todo dia, são lindos, vermelhinhos e orgânicos. Livres de agrotóxicos.

Limpo eles e jogo no liquidificador. Ponho o leite e ligo o aparelho. Bato o pé esquerdo esperando com as mãos atrás da lombar. Sorrio com a visão de mim mesma pelo reflexo da geladeira de aço inox, pareço uma mãe mesmo. Chego mais perto e abro o robe. Viro meu corpo e tento achar alguma forma na minha barriga.

“Bobagem”, zombo de mim e deito a cabeça ainda procurando algo. Respiro fundo e balanço a cabeça. “Está cedo ainda.”

Volto para o liquidificador, desligo e tiro do encaixe tirando a tampa. Inspiro com força, sentindo o cheiro da vitamina e fecho os olhos. Está divino e abriu meu apetite, o que não é uma grande novidade, deixo a tampa na pia e como estou sozinha bebo do copo de vidro do liquidificador mesmo.

Nossa! Está muito bom mesmo e gelado como se eu tivesse colocado gelo. Está doce e eu nem coloquei açúcar. O leite de amêndoa já é adoçado e os morangos são doces também. Está tão bom que bebo tudo e sinto meu estômago ficar cheio quando termino, deixo em cima da pia o copo vazio.

“Ah!” Solto a respiração, satisfeita e feliz.

Limpo a pia, lavo a louça e volto até a janela do chalé. Cadê Ethan e

Prince? Estou me sentindo sozinha demais hoje. Ando pela casa e volto para o quarto, um papelzinho amarelo em cima da mesinha de cabeira me chama atenção. Vou até ele e pego sentando na cama.

Estou na outra casa com Prince. Minha avó está preparando o jantar para nós e está fazendo torta de morango para você. Não te acordei porque você estava linda demais para ser acordada, mesmo com um beijo, princesa.

Estou te esperando.

Com amor,

Seu marido muito apaixonado.

“Oh. Que fofo. Depois ele reclama quando chamo ele assim.” Digo sorrindo como uma boba para o bilhetinho dele. “Esse homem não tem jeito.” Beijo o papel.

Levanto e ando até minha bolsa. Guardo o papel na carteira junto com os outros que ele já me deu na viagem. Daqui a pouco vou ter uma pasta lotada deles. Guardei todos eles, menos o que ele me deixou hoje dizendo que ia ver a Nicole. Víbora.

Abro o armário e procuro na minha mala uma roupa para ir jantar. Espero não estar tão amarrotada e que bom que não levei tanta coisa para Nova York, assim elas não ficaram prensadas dentro da mala que eu não desfiz aqui por precaução. Pode ser neurose, mas eu prefiro me prevenir.

Escolho uma calça jeans, um casaco fino para colocar outro por cima e as botas pretas favoritas do Ethan, foram as únicas que eu trouxe. Acho que nunca as usei tanto quanto estou nessas três últimas semanas. O tênis só uso para me exercitar, o que está sendo poucas vezes aqui. O sapato da cinderela que Ethan me deu, só usei no dia que me deu, assim como o sapato do nosso casamento.

Termino de me vestir e vou ao banheiro pentear meus cabelos e passar base, rímel e um batom simples. Sei que estou em casa, mas gosto de me arrumar e amo ver os olhos do meu maridinho sorridente quando me vê bonita.

Quando estou terminado de passar o batom escuto o toque do meu celular.

Estranho. Franzo a testa e o pego na minha bolsa em cima da cômoda do quarto.

“Alô?”

Do outro lado da linha escuto um barulho. Uma ventania e nada mais.

“Alô?” Repito e pergunto: “Está me ouvindo?”

“U-hum.” A pessoa faz.

Confusa olho para tela do celular. Número restrito.

“Clara é você? Está me ligando de novo do telefone dos outros?”

“Não é a Clara.”

Respiro fundo e sinto meu coração saltar dentro do peito. Essa voz não me é estranha e os pelos da minha nuca estão arrepiados.

“Quem é?” Minha voz sai baixa conforme meu medo começa a dominar tudo.

“Fico magoado de você não recordar minha voz... princesa.”

Acho que meu coração parou. Meus lábios tremem com a vontade de chorar. Meu corpo todo está tremendo e estou instável em minhas pernas bambas. Cambaleio até o sofá da cama e sento antes que eu caia.

“Oras, ficou muda?”

“O que você quer?”

Ele ri e acho que limpa a garganta. *“Porque vocês sempre têm que fazer as mesmas perguntas? É de família isso?”* Debocha. *“Com certeza deve ser, não é. Afinal de contas você é filha do mentiroso do seu papai querido.”*

“O qu-que você quer?”

“Nada.” Afirma calmamente com um tom irônico. *“Apenas matando... as saudades. Não nos vemos desde a academia. Aquele dia foi uma pena. Queria tanto te dar um abraço, princesa.”*

“Para de me chamar assim.”

Ele gargalha. *“Ora, ora. Você não é tão igual ao seu pai. Tem voz e é atrevida. Gosto disso. É vitalidade.”* Diz e sua voz fica perversamente rouca. *“Não se desperdiça isso.”*

Balanço a cabeça atordoada. Não sei o que fazer. Não sei se continuo ou desligo. Estou me sentindo em um beco sem saída e se eu desligar e ele ficar com mais raiva? Ou se continuar e ele ganhar força? Talvez eu possa fazer ele acreditar que tem algum poder. Ah merda. *Quem eu quero enganar?* Ele tem poder sobre mim. Infelizmente sou vulnerável a ele e suas ameaças.

“Sabe, princesa. Eu queria contar uma coisa para você, mas não fique com raiva. Vai ser bom.”

Tento falar. Não consigo e soluço umas respirações e engulo em seco. “O-o-o que? O que você fez?” Meus olhos estão ardendo e as lágrimas embaçam tudo.

“Eu?” Ironiza. *“Eu não fiz nada. Acho que sua família não é o que você pensa que é.”* Sua voz está tranquila e segura. Ele me tem em suas mãos agora e sabe disso. *“Acho que o seu papai, não é quem você pensa que é.”* Pausa. *“Ou será que sabe?”*

Minha garganta se fecha e mordo os lábios para não chorar e ele me ouvir. Respiro fundo e rapidamente retruco ele.

“Do que você está falando?” Tento parecer confusa e certa da minha ignorância. Ele não pode saber que eu sei. *Acho que não. Não sei.* Aquilo que

Will falou no dia que disse a verdade era algo sobre isso. Eles mentiram para mim para me proteger e porque era um acordo com esse lunático.

“Hmm...” Faz um som com a garganta arrepiante.

Minhas primeiras lágrimas escapam dos meus olhos e faço todo esforço do mundo para não soluçar. Os músculos do rosto chegam a doer com o esforço e minha garganta dói por desespero. A vontade de gritar é tamanha.

“Jura mesmo que ele não te contou?”

Perverso.

“William Colton cumpriu a promessa e não te contou que é seu pai com aquela cadela da sua mãe, Cora.” Ele está com raiva e sinto isso na minha alma. *“Eles mentiram para você todos esses anos porque foram medrosos e fracos, mas não os culpo. Suas cabeças estão na forca e eu sempre gostei de criança.”*

Doente. Maníaco.

“Quem é você?” Grito com a voz fraca. *“Por que faz isso com a gente?”* Solução e não me importo dele me ouvir.

“Sou aquele que um dia segurou a mão. Que se transformou em pó. Que ao ódio sucumbiu.” Ele pausa e escuto cerrar os dentes. *“Que ama mais o ódio do que a perda... Estou nas sombras.”*

“Por que?” Choro com abandono.

Ele não diz nada por longos segundos. *“Porque eu quero ver seu papai ter o que ele merece.”* Ele ri. *“E é melhor vocês olharem os seus, por todos os cantos. Não tenho apenas olhos para você, mesmo sendo a mais preciosa.”*

Minha boca se abre com um soluço mudo. Nunca senti meu corpo tremer como agora e então escuto o Tum... Tum... Tum.... Ele desligou.

Choro com força. Tanto medo que não cabe dentro de mim. Meu corpo se desliza para fora do sofá porque não me aguento. Minhas pernas não estão firmes. Caio no chão deitada de lado e fecho os olhos, mas ainda sinto as lágrimas quentes escorrem em minha face.

Não sei se é possível o coração tremer, mas eu acho que sim. Não sei se posso suportar tamanha dor e medo. Choro tudo que posso. Sinto um aperto dentro de mim. Agora parece que meu coração não está mais no meu peito. Estou vazia. Meu corpo sacode conforme soluço e espremo os olhos chorando com força.

Sinto-me sobrecarregada e sei que não posso ficar assim. Abro os olhos e avisto meu celular caído perto da cômoda. Engatinho até ele. Procuro o número do Will e aperto para ligar. Agora acabou o protocolo de silêncio. Telefones clandestinos e etc.

“Victoria?” Ele atende apreensivo.

“Ele ligou para mim.” Sussurro.

Ele respira fundo do outro lado e xinga. “Agora?”

“É. Acabou de desligar.”

“*Você deixou ele te levar na ligação?*” Pergunta paciente.

“Como assim? Ele ficou falando e falando. Estava morrendo de medo. Fiquei paralisada.”

“*Tudo bem. Tudo bem. Agora já foi.*”

“Ele disse para gente olhar os nossos. Todos nós. Que eu não sou a única que ele está de olho.” Choro. “Está tudo bem? Você está bem? Mamãe? Todo mundo?”

“*Ei. Calma. Estou bem, querida.*” Ele tenta me tranquilizar. “*Cadê o Ethan?*”

“Está com os avós.” Falo e soluço. Não posso me ajudar. “O que eu faço?”

“*Primeiro fique calma e depois vá até o Ethan.*” Ele respira. “*Quanto tempo você ficou no telefone com ele?*”

Balanço a cabeça perdida. “Eu não sei”, sussurro piscando os olhos atordoada ainda.

“*Mais de três minutos?*” Pergunta baixo e rouca.

Assinto e sacudo a cabeça. Ele não pode me ver. “Sim, uns cinco talvez.” Digo. “Por quê?”

“*Com três ele já te rastreia.*” Respira fundo e consigo sentir seu nervosismo. “*Vocês têm que sair daí agora. Está me ouvindo? Agora!*”

“Okay.” Assinto e suspiro secando as lágrimas teimosas. “Estou com medo.”

“*Não fique. Estou aqui e estou te esperando. Vai ficar tudo bem. Confia em mim.*”

“Tá.” Engulo o choro e falo: “Olha como estão todos, por favor.”

“*Estamos todos bem.*”

“A vovó Maya. Liga para ela. Você não tem como saber com ela em Napa. Então li-liga, por favor.”

“*Eu vou fazer. Não chore.*” Ele fala.

Vejo um vulto e levanto o rosto. Ethan entra no chalé e ao me ver no chão vem correndo e se ajoelha na minha frente.

“O que houve amor?”

Meu pranto se propaga quando ele me puxa para os seus braços. Choro e o aperto com força.

“O que foi?”

“E-le-ele ligou para mim.”

Ethan me afasta e coloca uma mão no meu rosto tentando limpar. “Quem?”

Assinto e forço-me a responder. “Ele.” Sacudo a cabeça. “Ele. O homem da

festa. Da academia. Ele ligou. Estou com tanto medo.”

“Merda.” Ethan me abraça. “Calma.”

“*Victoria!*” A voz do meu pai no meu celular, me despertar. Deixei ele na linha.

“Oi?”

“*Passa o telefone para o Ethan agora.*” Diz calmamente.

Faço o que ele pede e fico no casulo dos braços e do peito do meu marido, enquanto ele fala com meu pai. Meu Deus! Cuida de todos nós. Por favor.

Vinte & Quatro

Ethan

CONTINUAÇÃO...



MEU CORAÇÃO BOMBEIA COM MAIS PRESSÃO. O ódio e a ira me dominam, e a proteção também. Ela está agarrada a mim e passa o telefone. Will me explica rapidamente o que ela não consegue e ordena:

“Tire todos daí. Manda os empregados para as suas casas e traga seus avós.”

“Já estava em mente isso.”

“Certo, faça isso depressa, Ethan.”

“Eu sei, já estaremos aí. Vou manter tudo em ordem aqui e você vê como estão todos, minha família também.”

“Claro. Me ligue quando estiverem no avião.”

“Okay.”

Encerro a ligação e demoro cerca de cinco minutos para voltar a raciocinar direito. Preciso fazer tudo rápido. Possivelmente, oitenta e cinco por cento de certeza, esse maníaco perseguidor nos rastreou e está vindo para cá. Tenho que tirar todos daqui e ser rápido. *Merda*. Tenho que cuidar de Victoria e ao mesmo tempo dos meus avós e avisar os seguranças e empregados de tudo e se prepararem.

Respiro fundo e como um estalo, volto para o presente. Minha esposa ainda está agarrada a mim, me abraçando com força e parece estar mais calma. Pelo menos não estou ouvindo seus soluços de sempre. Estranhamente ela não chorou.

“Você está bem?” Murmuro acariciando suas costas.

“U-hum.” Resmunga.

“Mesmo?”

Ela respira fundo. “Sim, só... fiquei nervosa e com medo pela minha família.”

“Eu entendo, mas vai ficar tudo bem, querida.”

Ela respira fundo e se afasta de mim, deixando as mãos no meu peito e assente atônica. “Eu sei. Eu sei.” Sobe os olhos para mim e tenta sorrir.

“Vou cuidar de tudo. Não se preocupe.”

“Eu não vou.” Beija meu rosto e dá um passo para trás. “Vai lá cuidar dos

seus avós que eu vou pegar Prince, as coisas dele e as nossas. Você deixou a mala pré pronta, não foi?”

Ela fala automática e respondo do mesmo jeito. Mesmo achando estranho.

“U-hum.”

“Então está tudo certo. Vai lá, Ethan.”

“Querida você está bem mesmo?” Pergunto franzindo a testa.

“Estou, é... Estou sim. Por que?”

“Eu não sei. Entrei aqui e te encontrei devastada e agora você está calma desse jeito e pálida.”

Ela suspira com força e pega minhas mãos dos seus ombros, aperta e dá dois beijinhos em cada mão. “Eu só estava abalada, assustada pela ligação.” Diz olhando meus olhos. “Agora estou bem e só preciso ir embora.” Engole seco e chega mais perto de mim colocando as duas mãos no meu rosto. “Só preciso que você nos leve daqui agora.”

Seguro seus punhos no meu rosto e aperto refletindo a energia que passa no meu corpo, a necessidade de proteger e assegurar que tudo ficará bem. Dou um beijo suave na sua testa e a abraço pelos ombros deitando sua cabeça no meu peito.

“Nós já vamos.” Falo e a afasto de novo. “Vou lá agora. Certo?”

“Pode ir. Vai rápido.”

Assinto, beijo sua testa e viro-lhe as costas caminhando com passos firmes para fora do chalé. Pisando e marcando a neve chego na casa principal e entro com o propósito de falar primeiro com os seguranças. Encontro-os na cozinha comendo e conversando com a cozinheira e o motorista dos meus avós.

“Com licença.” Falo e eles se viram para mim. Faço um aceno com a cabeça e Ken levanta-se e vem até a mim.

“Qual o problema agora?”

“O desgraçado ligou para Victoria e ele levou ela tempo demais no telefone —”

“Então temos que sair daqui. Ele já rastreou.” Ele me interrompe completando.

Assinto. “Isso mesmo. Will já está a par da situação e mandou levar todos e os funcionários da casa irem para suas receptivas casas. Não pode sobrar ninguém aqui.”

Ken acena cerrando a mandíbula e a postura muda acionando o modo eficiente e ativo. “Vou preparar os carros e o avião.”

Concordo e como Raul estava escutando atrás dele, mando ele ir até ao aeroporto, na garagem onde está o jatinho e preparar tudo para nossa partida em vinte minutos.

“Considere feito, senhor.” Raul fala e sai pela porta dos fundos da casa, na cozinha.

“Agora vou falar com meus avós... Jorge?” Chamo e ele se vira para mim. “Avisar os funcionários e certifique-se de que todos vão para casa ou que saiam daqui. Não me interessa para onde vão, só os quero fora dessa casa em dez minutos.”

“Correto.” Fala e assente saindo da cozinha.

Olho para a cozinheira e o motorista, ordeno para eles irem logo para casa. A mulher fica preocupada com meus avós, mas eu a tranquilizo que eles ficaram bem. Eles vão ficar bem, então ela se retira indo pegar seus pertences.

“Senhor, eu vou levar todos no carro. Se não houver problema.” Avisar o motorista.

“Ótima ideia, mas faça rápido.”

“Com certeza.” Ele diz e segue o caminho da cozinheira.

Viro-me para Ken falando no telefone com não sei quem e antes de sair a procurar dos meus avós pergunto:

“Onde está Colen?”

“Ele foi na cidade tem uns cinco minutos.”

“Mais que merda.” Resmungo apertando o musculo do pescoço. Minha pressão está subindo com esse estresse. “O que ele foi fazer?” Pergunto entre os dentes.

“Ele não explicou”, Ken fala aparentemente insatisfeito. “Você sabe como ele é, mas disse que não ia demorar.”

“Que se foda. Ligue para ele e mande ele ir logo para o aeroporto... E faça o favor de pegar as coisas dele e de Jorge. Não temos tempo para isso.”

“Eu sei, Ethan. Vou fazer agora.”

“Okay. Vou procurar meus avós.”

“Eles estão na sala de jantar.” Ken informa e emenda: “Ainda esperando você e Victoria.”

“Certo.”

“Falando nela. Como está?” Ele pergunta quando eu viro as costas saindo a procura dos meus avós. Ken é sempre muito preocupado com ela. Está a tanto tempo cuidando dela que adquiriu um carinho paternal.

Paro e falo sobre os ombros. “Estranhamente tranquila e pegando nossas coisas, então depois que falar com Colen vá até ela e pegue as malas.” Resolvo me virar para ele e o encaro. “Você sabe como ela é e eu não a quero pegando peso. Ela não pode. Então você já sabe.”

“Já estou indo.”

Com um aceno de cabeça nós seguimos rumos diferente. Chego na sala de

jantar e encontro meus avós tranquilamente felizes e sorridentes.

“O que houve querido?” Vovó pergunta. É tão igual a minha mãe, que mesmo sem uma palavra minha detecta que tem algo errado. “Que cara é essa?”

“Preciso levar vocês para Los Angeles e agora. Peguem o necessário, não temos tempo.”

Meu avô se levanta e se aproxima de mim com as feições preocupadas. “Qual o problema? Aconteceu alguma coisa com sua mãe, ou Aaron e seu irmão?”

“Não vô.” Digo e com meias palavras esclareço o suficiente para eles ficaram preocupado e alertas. “Quando tiver tempo ou no avião explico tudo para vocês.”

Minha avó vem até nós e me surpreende abraçando-me suavemente. “Vai ficar tudo bem com você, meu querido. Ela vai ficar bem.”

Meu coração se contrai e aperta dentro do meu peito. “Eu agradeço o apoio de vocês.”

“Não há de que. Família é para isso.” Diz com a voz suave e se afasta de mim. “Agora vamos logo.” Ela puxa a mão do meu avô e sobe as escadas com ele.



A VIDA É UM PARADOXO CONSTANTE. O alívio que toma conta de mim agora, quando o avião lentava voo, nos levando de Aspen, é igual ao que tomou conta de mim quando cheguei aqui. Da mesma forma sinto-me sufocado e angustiado até pousar e ter certeza que todos estão bem. Que ela está bem.

E isso demora um certo tempo.

Quando Will avisou que precisaríamos ir para algum lugar que não fosse evidente, eu odeie. Queria levar Victoria para casa. Conviver com ela o mais normal possível. Assegurar de que ela estaria feliz e sem segredos e mentiras. Isso foram ideais que pensei na segunda noite antes dela aparecer em Nova York. Me surpreendendo como sempre.

Estava ansioso para chegar em Los Angeles, conversar e pedir desculpas a ela. Com certeza pedir ela em casamento em uma reunião de família que eu pensara fazer, então depois planejar nosso casamento, que eu planejara ser mais para frente, talvez no final do ano. Isso tudo foi por ralo com a chegada dela em Manhattan e mais ainda quando soube da sua gravidez.

Essa notícia mudou tudo. Senti que minha vida estava acontecendo rápido demais. Que ela estava me dando tudo muito rápido. Seu amor, sua confiança, seu sofrimento e medo. Estava se entregando a mim completamente. Que ela iria me dar uma família que eu nunca almejei antes dela aparecer na minha vida.

Nosso filho mudou tudo. A urgência de fazê-la minha se aprofundou intensamente dentro do meu peito. Eu tinha que ter a segurança de ela ser minha. Profundamente minha, então o avião explodiu e metaforicamente, na minha cabeça, isso foi um alerta.

Eu precisava ser rápido, tão rápido quanto o destino que nos uniu e está constantemente com pressa de nos fundir. Eu tinha que casar com ela. *Garantia*. Eu queria a garantia, o poder, a sensação de que alguma coisa eu podia fazer por vontade própria. Sem o destino ditar as regras.

Agora me deparo com esse desespero, a ânsia de chegar em Los Angeles. Cuidar dela e de todos. Sinto-me correr contra o tempo, está tudo indo rápido demais e eu não sei mais o que esperar.

Meu telefone toca me despertando. Levanto da poltrona, em frente as dos meus avós, e ando até a porta da cabine que é o quarto. Victoria está lá dentro, acabou de passar mal ficando tonta e com vontade de vomitar, então deixei ela aqui e vim rapidamente falar novamente com meus avós e os seguranças.

“Fala Will.” Digo atendendo-o.

“Estou a caminho de Napa Valle. Vou buscar a Nana e de qualquer forma não consigo contato com ela lá.”

Ah merda. “Será que aconteceu alguma coisa?”

“Não sei ainda, quero certificar por mim mesmo e talvez a ligação está sendo interrompida porque aconteceu uma tempestade em Napa ontem de madrugada.”

“Espero que seja.”

“Eu também.” Ele murmura e parece preocupando, mas sempre tentando disfarçar. “Quero que leve Victoria e todos para minha casa em Malibu. Cora já foi levada para lá e meus pais vão em seguida.”

Franzo a testa. “Casa em Malibu?”

“Sim. Eu tenho uma casa lá e Victoria sabe onde fica, porém Clonney vai encontrar com você entre a Pacific Coast Hwy., com a Entrada Doutor em Palisades. Próximo ao restaurante Mariz Tex Mex.”

“Eu sei onde é.”

“Certo. Vou desligar o celular por enquanto e você faça o mesmo por segurança. Até daqui a pouco.”

“Okay, Will. Quando estiver me Napa avise.”

“O mesmo serve para você.” Ele diz e desliga.

Respiro fundo, para me acalmar e abro a porta da cabine. Victoria está sentada no sofá no canto afagando sua barriga lentamente. Seus olhos se abrem quando ela sente eu me aproximando.

“Está tudo bem?” Pergunta se levantando.

“Sim. Em poucas horas vamos chegar. Will pediu para gente ir para Malibu.”

Ela assente compreendendo a lógica do pai. “Para casa deles, acho bom mesmo ir para lá.” Diz e vem me abraçar.

Fecho os olhos, circulando seus ombros com meus braços bem apertado e perto de mim. Ela fica na ponta dos pés, beija meu pescoço e repousa a cabeça no meu peito deixando a testa encostada no meu pescoço. Minha angustia se dissipa um pouco com ela nos meus braços, deixando meu corpo com um tremor que ela percebe e aperta os braços na minha cintura.

Eu só quero chegar em casa hoje em paz. Só quero que esse dia acabe, porque provavelmente amanhã minha energia será renovada. Terei novamente forças para lutar contra tudo e todos, mas agora eu quero a sua companhia até chegar na Califórnia.

“Vem.” Falo baixo e calmamente levo-a comigo para cama.

Deito sobre as cobertas, porque só quero deitar com ela, relaxar. Victoria deita do meu lado encaixando o corpo ao meu. Deixando a perna em cima das minhas, o braço no meu peitoral com a mão no meu rosto, a cabeça está bem em cima do meu coração ouvindo os batimentos apressados se acalmarem. Arfo e solto o ar rápido. Abraço mais ela e a trago o mais perto possível. De roupa e sapato ficamos no meio da cama, grudados em nosso casulo. Feito uma oração, o silêncio ao redor nos glorifica, acalma e fortalece o quanto possível.



A VIAGEM FOI TRANQUILA COMO EU DESEJEI. Acabamos de sair de Santa Monica, para chegar até onde Clonney, o segurança de Cora, está nos aguardando. Victoria está atrás com meus avós e eu estou na frente com Ken, atrás vem o carro com Jorge, Raul e Colen.

Ken vira a esquina e após alguns curtos quilômetros avistamos o carro de Clonney. Um inconfundível Rolls Royce preto. Will é bem preciso quando se trata de manter o padrão e eu nem posso falar muito, já que Escalade é o nosso carro padrão.

Piscamos três vezes e mais uma vez — demoradamente — o farol e quando o carro anda, seguimos. Dou uma olhada para trás do carro. Victoria levanta a cabeça, sentindo eu olhando para trás e sorri para tranquilizá-la. Ela assente e sorri também. Ela está com Prince, adormecido no colo e meus avós estão atentos, sentados lado a lado observando a cidade através da janela.

Viro-me para frente e pego meu celular. Tenho que ligar para os meus pais e meu irmão. Não que eu acredite que eles já não saibam da situação e posso apostar que Anton também deve ir para casa de Will. Se ele não vier, eu vou trazer.

Com três toque ele atende, de pronto:

“Oi.”

“Como você está? Hanna e Jennifer?”

“Estão bem, em casa. Eu estou saindo da empresa agora. Parece que o hoje o dia foi um pesadelo por todos os lados.”

“Aconteceu alguma coisa?”, pergunto com a voz baixa, para não alertar meus avós e Victoria. Ken está do meu lado e de qualquer jeito me ouviria. Ele parece um cão policial. Escuta tudo.

“Uns probleminhas com um cliente.”

“Quem?”

“Ethan.” Sinto sua má vontade de contar o problema. “Não vamos falar sobre isso agora. Se preocupe com o que é mais importante. Deixa que eu vejo isso amanhã com mais calma. Hoje simplesmente foi foda.”

“Porra, nem me fale. Quero que o dia acabe.”

“Idem e falta pouco.”

Assinto estupidamente para o telefone, mas aí murmuro: “U-hum.” E olho para o lado de fora.

O céu está escuro, a lua está cheia e brilhante, parece uma noite bonita e agradável. Seria. Se não fosse esse caos todo. O relógio no meu pulso marca dez e vinte. Graças a Deus levamos apenas duas horas e vinte de voo. Saímos de Aspen meia hora depois da ligação e agora estamos levando quase uma hora do aeroporto LAX para Malibu, no total, são quase quatro horas de desespero, ainda não me sinto em terra sólida... A áurea ainda é cinzenta e vulnerável.

“Então irmão, vou para casa agora. Está tudo tranquilo?” Anton fala e isso me leva de volta para ele.

“Merda, Anton. Eu me distraí, foi mal. Estou assim o dia todo e sim, está tudo tranquilo. Por favor, fique bem. Qualquer coisa, qualquer uma mesmo, me ligue ou sei lá, vá para casa do Will em Malibu.”

“Eu sei. Ele me falou a mesma coisa antes de sair. Parece que foi atrás da avó em Napa.”

“Isso mesmo. Ele preferiu conferir com os próprios olhos se está tudo bem por lá.”

“Hun...” Ele faz um som de lamento. “Quer saber irmão? Eu estou com um pressentimento ruim por conta de isso.”

Respiro fundo e engulo em seco. “Pior que eu também e, porra, não estou preparando.” Cerro os dentes. “Estou cansado dessa situação. Como um filho da puta continua a fazer isso e ainda não sabemos quem é? Como ele ainda se mantém nas sombras?” Murmuro com a voz travada e rouca. “Isso me deixa muito além de irado. Me deixa nervoso e agoniado.”

Sinto Ken me olhar, mas ignoro.

“Eu lhe entendo e também não entendo isso. Com certeza ele é alguém que ninguém espera ser.”

“Colen acha isso também e as pistas levam a isso.”

“Essa situação é uma merda completa. Eu sei que ter uma empresa bem-sucedida e nossas riquezas nos faz alvo de chantagem e inimigos, mas como um cara consegue fazer o que vem fazendo há tantos anos? Will ou Ryan devem ter apertado bem forte na ferida desse desgraçado.”

“Ele quer o filho, não o pai. Isso já deixou claro... E você sabia que ele foi sequestrado quando menor?”

Anton fica por alguns segundos em silêncio e então fala: “Na verdade, eu sabia sim.”

“Por que não me contou?”

“Isso foi águas passadas e eu nunca pensei que tinha ligação com os sequestros de Victoria. Só pensei que eles eram muito azarados mesmo.”

“Como Anton?” Falo incrédulo. “Três vezes e as perseguições até hoje.”

“Não foi isso que eu quis dizer. Estou falando dele e ela foi consequência. Porra não fique todo putinho porque eu pensei assim. A mídia também e só não aprofundou a situação porque Ryan pagou uma fortuna para abafar o sequestro do William. Tem família que acontece isso, claro que só uma vez com cada pessoa. No caso da Victoria, isso é vingança. Ele não quer ela por nada além de ferir Will.” Ele respira pausando. “Sabe-se lá o que ele quer com ela. O que deseja fazer. Deus me livre ele pegar ela novamente. Você sabe que não — ”

“Chega, já entendi!” Corto sentindo meu coração palpitar. “Não preciso disso para me deixar em claro de noite.”

“Eu sinto muito por você, Ethan. Sei que ama Victoria demais. Só que você não pode fingir que essa ideia não existe e está no ar.” Limpa a garganta. “Eu não quero, nunca, jamais, que a levem. A amo como minha irmã e sinto por você. Sei que você morre de preocupação com isso e enquanto não descobrimos quem é ele, isso não terá fim.”

Assinto e aperto os olhos com as pontas dos dedos. “Acho que o mais importante é saber o motivo do que ele. Não sei se essa serpente não tem duas cabeças.”

“Hun... Merda. Você tem razão.”

Ficamos os dois mudos, acho que absorvendo e filtrando tudo. Um bolo se forma na minha garganta, como me enforcasse. Sou obrigado a puxar a gola do meu suéter para conseguir respirar melhor.

“Mas não importa o que acontece ou quanto essa situação pareça sem saída irmão. Eu não vou deixar você sofrer. Posso brincar o tempo todo, mas sou seu irmão mais velho e cuido de você desde pequeno. Não será agora que vou fracassar. Estou com tanta pressa e raiva quanto todos vocês para matar essa serpente, com uma ou duas cabeças, ninguém mexe com meu irmãozinho.”

Escutar isso é reconfortante e engraçado. Anton é tão bobo, ele falar sério é cômico, mas eu conheço o irmão que tenho, realmente sempre pude contar com ele e sei que se o chamar ele vem ajudar. Nesse mar de desespero e medo, eu e Victoria temos algo que nos fortalece e auxilia, nossa família. Somos abençoados com elas.

“Obrigado, irmão. Você sabe que é recíproco.”

“Eu sei e você me dá trabalho desde pequeno, quando queria aprontar na escola e se ferrava. Você me deve algumas, aquelas tachinhas na cadeira da professora foram uma merda. Quase fui expulso com você.”

Balanço a cabeça e até abro um sorriso. “Mas não foi culpa minha, foi a...”, pausa e emendo. “Ah você me fez lembrar. Nicole apareceu em Aspen.”

“O que ela estava fazendo lá?”

“Eu não sei de verdade. Disse que foi passar um tempo por lá, mas eu não sei. Eu pedi para ela ficar calada, dei dinheiro para ela não alertar a mídia que me viu.”

“Quando foi isso?”

“Ontem.”

A informação fica rodeando meu cérebro e aposto que em Anton também.

“Você acha?” A frase fica incompleta, mas entendi.

“Não. Essa situação existe muito antes de eu me envolver com Victoria. Ela só é mais uma pedra no caminho que eu vou estilhaçar e jogar no mar.”

Ele ri irônico. “Me chama para ajudar, mas agora tenho que ir, está tarde para caralho. Jenny deve estar em casa roendo as unhas.”

“Tem razão. Vai com cuidado e me ligue ou mande mensagem dizendo que chegou em casa em segurança.”

“Certo. Tchau, irmão. Cuida da minha cunhada e amanhã eu ligo para os velhos.”

“Pode deixar.” Falando sorrindo. *Esse não tem jeito mesmo.*

Desligo e guardo o celular no bolso bem no momento que Ken para esperando Clonney cortar a Pacific Coast Hwy e entrar por um portão de ferro negro. O muro da casa é alto com dentes de leão, cerca elétrica e câmeras de segurança. Pelo menos consigo ver seis delas daqui. Tem muitas árvores, palmeiras altíssimas e cercas vivas.

A casa fica em frente a Escondido Beach. Já ouvira falar desse lugar. Têm muitas casas luxuosas, grandes e caríssimas, alguns resorts. Escondido Beach é uma praia muito conhecida que fica nas redondezas do centro de Malibu.

Depois do portão, segue-se uma pequena estrada com árvores do lado e no canto vejo uma quadra de tênis. Passamos um gramado verdinho com uma pequena casa, copiando — o que parece — a casa principal. A casa vem em seguida, gigante em altura e tamanho. É branca, ou bege, as luzes fortes que iluminam o ambiente a faz parecer branca. Tem grande janelas com molduras pretas, como as portas duplas da entrada. É apresentável e elegante como a casa dos Colton em Hollywood Hills. Com certeza Elizabeth deu seu toque por aqui. Ela é uma mulher com muito bom gosto.

Têm três andares — decrescente na largura — e no meio do terceiro andar, em cima uma torre. O aspecto realmente é de um castelo. Os telhados têm o estilo antigo, brancos e o da torre gravite. A casa é muito bonita mesmo. Sorrio por dentro ao pensar que eles fizeram ela para Victoria. Um castelo para a princesa deles.

Ken estaciona o carro no espaço em frente à garagem — branca com o teto grafite — coberta. Dentro tem três carros e um vaga. Do lado de fora tem espaço para uns oito carros ao ar livre. Ele salta e em seguida faço o mesmo. Vejo meus avós saindo e dou a volta no carro e abro para Victoria.

“Quer me dar ele?” Pergunta vendo ela ajeitar Prince no colo.

“Não, deixa ele aqui. Quando chegar lá dentro coloco ele em algum cantinho.” Fala afagando ele. “Pega a bolsinha dele? Está na mala.”

Assinto e chego no porta malas já aberto e pego a bolsa de Prince. É natural esse mimo para o nosso cachorro, mas sei que tem gente que não entende nós tratarmos ele como um filho. Eu também acharia palhaçada, porém hoje eu sou um babaca do meu cachorro.

“Peguei, vamos.” Falo e abraço os ombros dela com um braço andando pelo caminho de pedras até as portas da casa. O resto do chão é grama.

Victoria respira fundo quando entramos e seus passos se travam quando Cora surge na nossa frente. Ela está linda, toda de branco. Calça leve e blusa de manga de seda e um salto preto. Ela sorri e se aproxima cautelosamente.

“Oi. Que bom que chegaram bem.” Diz e vem me abraçar primeiro.

“Obrigada por cuidar dela.”

“Não tem o que agradecer, Cora.”

Ela assente e se afasta de mim. Seu corpo parece ter vontade própria, e ela luta contra, mas os olhos emanam amor e ansiedade em cima de Victoria. Ela sorri e fica mais perto da filha.

“Oi. Você está bem? Deve ter sido horrível falar com ele.”

Minha esposa assente vagarosamente, então se vira, passa Prince para o meu colo e vira-se para sua mãe e a abraça. Escuto Cora suspirar aliviada e fecha os olhos. Sinto mais *essa* pressão sair do meu peito e deixando um beijo nos cabelos de Victoria me retiro. Elas precisam de um momento.

Ando pela casa observando o ambiente elegante e sofisticado. Tem a elegância da casa dos Colton em alguns aspectos e até no chão as iniciais dos sobrenomes deles. Os móveis brancos, beges, mognos e de granito e vidro. Corto a sala de estar passando pela a de jantar do outro lado e as escadas de vidro espelhado chagando a cozinha aberta surpreendentemente para fora da casa.

O quintal é abundante em verde e novamente as palmeiras altíssimas. Algumas flores rosas, azuis e amarelo dão pontos coloridos no verde. A piscina ao longe notasse a grandeza. É tudo muito bonito e equipado com o melhor. Desço os quatro degraus da varanda que se junta a cozinha aberta em boa parte. Vou além da piscina percebendo um caminho que desce e leve até a praia. É tudo aberto e me deixa surpreso. É perigosamente e lindamente vulnerável essa casa.

Deito Prince em uma espreguiçadeira de praia e caminho até o nível da montanha onde fica a casa, por sinal tem um murro protetor *baixo*, curioso me aproximo de uma casa, bem pequena, como fosse de criança e a cópia — realmente — da casa principal. Sorrio por motivo desconhecido e sento no banco de madeira com aparência velha e caída. Pelo menos ele aguenta meu peso.

Respiro fundo e sinto paz. Balanço a cabeça e ergo as sobrancelhas. Paz é a última coisa que eu pensei em ter agora e esse lugar me deu. Talvez aconteceu porque eu sei do amor profundo que Cora e Will tem por Victoria. Eles a amam tanto e se amam, com certeza.

Ela diz que ninguém nunca amou como nós nos amamos. Eu acho que ela está enganada e vai se dar conta disso um dia quando de verdade percebe isso. Quando eles conversarem com ela.

Meu celular apita e vejo uma mensagem de Will. Ele já está voltando de Napa. É tudo o que ele me informa, então só me resta aguarda ele. Levanto e volto para casa, vou falar com Ryan e Elizabeth, depois ver como estão os meus avós e talvez comer. O jantar com tanto carinho que minha avó estava preparando foi para o lixo, tal como a calmaria que eu estava passando em Aspen. Acho que em breve vem tempestade e espero estar preparando para tudo.

Vinte & Cinco

Victoria

CONTINUAÇÃO...



SORRIR POR DENTRO, ADMIRAÇÃO, olhando para ela andando suavemente, linda e singela se aproximando de nós. Está radiante, mas com olheiras. Provavelmente teve noites de *cão*.

Seus olhos estão nas cores que eu mais adoro, verdinho como grama cuidada de um jardim florido. Ela sorri e saúda nossa chegada. Chega até meu Ethan e o abraça. Escuto-a falar algo para ele, que não entendo, mas quando ele diz que não precisa agradecer, sei que foi agradecendo por cuida de mim.

Eles se afastam e então ela fica mais na minha frente. Sem palavras os gestos dela diz que me ama e acho que sinto tanto sua vontade de me abraçar, quanto possível. Tento retribuir seu sorriso, mas estou nervosa. Acho que a vergonha está me consumindo nesse segundo.

“Oi. Você está bem? Deve ter sido horrível falar com ele.” Diz com a voz suave.

Ah mãe. Foi mais que isso — Lamento.

Respiro fundo e entrego Prince para Ethan que o pega sem perguntas. Evito olhar seus olhos. Estou fazendo isso desde a ligação. Quero mostrar que sou forte para ele. Só que todas às vezes que eu olho seus olhos angustiados, cheios de amor e proteção, me sinto desmanchar em desespero. Quero fazê-lo completamente feliz, como ele merece e não está sendo hoje.

Volto a encarar minha mãe e sem receio jogo meus braços nela, abraçando com toda a saudade que eu senti. Com a saudade que ela deve ter sentido todos esses anos, mesmo estando na minha vida, todos esses quase vinte anos, com certeza ela sentiu a perda de não me ter como queria.

Ela suspira em total e puro alívio e retribui meu abraço. Meus olhos ficam marejados e quando os fecho sinto umedecer levemente meus cílios.

Então um beijo leve e carinhoso é deixando em meus cabelos. *Ethan*. Ele afaga com carinho minhas costas e então some seu toque. Abro os olhos rapidamente e o vejo saindo da sala.

Observo-o saindo da casa, indo para o quintal. Os passos arrastados, ombros levemente caídos e mesmo de longe, mesmo de costas para mim, sinto seu cansaço e eu percebi suas olheiras também.

Fungo e me afasto da minha mãe. Limpo meus olhos, rápido, para encará-la.

“Ei, o que foi, querida?”

Balanço a cabeça em recusa e fito o chão. “Estou um pouco esgotada.” Falo baixo, entre as lágrimas, fungando devagar. “Sinto que devo desculpas para todos. Principalmente você, papai, Ethan...” Pauso por um soluço persistente e limpo meu nariz.

Ela não diz nada e pega minhas mãos e me guia para as escadas. “Vamos conversar lá em cima. Você deve estar cansada da viagem.”

Assinto e simplesmente vou com ela. Chegamos no segundo andar e ela me leva para um quarto grande com paredes brancas, móveis brancos também e roupas de cama claras. A cama de dossel fica no meio do quarto com duas mesinhas de cabeceira, com abajures lindos, e de um lado tem a foto dela com meu pai. Eles estão abraçados, com os rostos colados e sorrindo. Estão felizes.

Na outra cabeceira tem uma foto minha quando pequena. Devo ter uns dois anos ou menos. Ela está na foto sorrindo e Will também. Ele está segurando uma das minhas mãos enquanto eu caminho, acho que tento andar. Pisco os olhos marejados emocionada.

Ela senta na cama e eu faço o mesmo sentando na sua frente com uma das pernas dobradas na cama, mamãe sorri e segura minhas mãos fazendo carinho nelas.

“Você está bem?” Questiona suavemente.

Assinto. “Acho que sim.”

“Por que diz isso?”

Balanço a cabeça e deixo de encará-la. “Realmente me sinto esgotada, mas emocionalmente sinto-me culpada... Por você, papai e Ethan.” Pauso com um bolo na minha garganta. “Ele está tão cansado, mas não deixa transparecer. Fingi que está tudo sob controle, que não está preocupado vinte e quatro horas, que não está com medo.” Encaro ela. “Eu sei que ele me ama — ”

“E muito querida”, ela murmura me cortando.

“Eu sei, mas... Eu prometi a ele que não iria mais dizer que eu” reviro os olhos, “de certa forma, destruí a vida dele. Transformei num inferno, mas às vezes é inevitável. Eu o amo tanto e queria fazer ele feliz.”

“Victoria”, ela pega minhas mãos com uma mão e a outra coloca meu cabelo atrás da orelha. “Eu te entendo filha. Sei que essa situação é uma droga, mas sei também que apesar das dificuldades, Ethan está feliz. Você o faz feliz.”

“É sério? Como?”

“Tudo o que vocês já viveram, tudo que passaram fortaleceu o amor de vocês. O tornou mais forte que qualquer amor. Assim como o — ”

“Você e papai.” Completo.

Ela concorda. “Isso mesmo e quando um amor pode enfrentar tantas provações ele se torna inquebrável. Sei que você está com medo, eu também estou e Ethan. Todos nós. Isso é viver, sentir medo faz parte. Você está viva e o medo é normal. Eu acharia muito estranho você não estar, mas isso não significa que é fraca.” Ela aperta minhas mãos. “Porque você não é. Você é muito forte e corajosa. Quantas crianças aí são sequestradas e se negam a voltar a viver.” Segura meu rosto olhando no fundo dos meus olhos. “E com você não foi assim, não é assim.”

Assinto e digo baixo: “Verdade.”

“Com certeza, minha princesa. Você é forte, corajosa, doce e feliz. Por mais aterrorizante que a vida foi e... continua sendo, você é feliz e você faz ele feliz sim.”

Fungo e arfo, assentindo. “Mas não completamente. Não de verdade.”

Cora me olha por alguns segundos silenciosamente e afagando meu rosto.

“Ninguém é feliz completamente, querida”, ela diz e eu abro a boca, mas ela não deixa eu falar. “Tudo bem, eu sei o que você quis dizer e na minha opinião, você *ainda* não tem a felicidade que merece. Que eu e seu pai queremos para você, mas o que você já tem é muito mais do que poderíamos imaginar.” Diz confiante e sorri. “Você é determinada, corajosa, amiga. Encontrou um homem que a ama intensamente e lhe protege. Você tem — com toda certeza — uma família que te ama e sempre vai estar disposta a lhe dar de tudo. Eu sei que é meio contraditório, pois você não tem o que realmente deseja. Paz e liberdade.”

“Eu sei”, murmuro assentindo.

“Eu jurei que faria você a mais feliz de todos no mundo.” Os olhos dela ficam marejados. “Que amor não lhe faltaria, não importasse as circunstâncias. Eu e seu pai iríamos lhe fazer feliz, lhe proteger e amar acima de tudo.”

Abraço ela, chorando baixinho, emocionada com suas palavras. Ela também me abraça e chora, menos que eu, porque sou uma manteiga. Solto-me dela e fito seu rosto.

“Eu tenho tanto para agradecer a vocês e pedir desculpas.” Meu nariz queima por causa do choro.

“Ah, minha princesa. Você não precisa me pedir desculpas.”

“Preciso sim.” Falo sacodindo a cabeça que sim. “Eu magoei vocês.”

“Não. Não querida.” Ela chega o corpo mais perto e me puxa para um abraço forte e me nina nos seus braços. “Eu amo você demais e eu sempre relevei as coisas que você dizia. Sabia que não era de coração, que... Você não sabia quem eu era.”

“Mas — ”

“Shuu...” ela me silencia e se afasta. “Não precisa.” Engole em seco e uma lágrima escorre na sua face. “O que... O que eu mais queria era você... Você, me chamando de mãe e me reconhecendo. Deixando eu te amar como verdadeiramente eu amo desde o primeiro momento que eu soube da sua existência dentro de mim. Vo-você é meu melhor presente, minha maior alegria e orgulho.”

“Oh mãe. Eu amo você.” Falo olhando seus olhos. “Eu sinto tanto por tudo. Pelo que você passou, pelas coisas que eu disse e por você não ter me criado como merecia. Por tudo mãe. Eu amo você demais mesmo.”

Ela balança a cabeça e limpa as lágrimas em meu rosto. “Não precisa. Não precisa, porque tudo que eu queria, eu tenho agora. Tenho o seu amor de filha e eu posso ser de verdade a sua mãe.”

“Sempre foi.” E assim que digo as palavras que eu disse para ela no hospital vem na minha mente: *Você é a minha segunda mãe*. Isso faz eu me jogar para ela e abraçar bem forte. “Me desculpa mãe. Desculpa. Desculpa. Você é a *minha* mãe. A única e verdadeira. Eu sinto tanto.”

“Victoria... Não querida, a mamãe te perdoa... Do fundo do meu coração.” Murmura com a voz embargada.

Fungo baixinho, derramando meu pranto, meu desespero por ter sido tão cruel e a saudade estranha que sinto no peito, o arrependimento, mas também o amor que eu sinto por ela. Recuo e ainda muito perto dela começo a falar em disparar:

“Tudo fez tanto sentindo quando a ficha caiu e eu... Não sei bem se aceitar é a palavra certa, mas tudo fez sentido.” Respiro. “Meu amor por você, a vontade de sempre correr para você quando eu precisei. A segurança que você me dá... quando me abraça” pauso engolindo o bolo na minha garganta e respiro fundo de novo. “O conforto que só você me dá e a compreensão, as preocupações, o desespero quando me levaram e tudo mais. Tudo. Tudo fez sentido e é por isso que eu aceitei tão fácil” espremo os olhos, fazendo as lágrimas escorrerem. “Aceitei vocês como meus pais e eu os amo tanto e sou tão grata.”

“Ah, minha princesa.” Ela diz com uma tristeza na voz e suspira. Olhando meus olhos ela tenta abrir um sorriso. “Eu tive tanto medo de magoar você ou de você me odiar. A cada dia que passava eu... sentia que esse dia nunca ia chegar. Minhas esperanças estavam morrendo, mesmo Will dizendo que não ia permitir isso. Que nós íamos ser uma família... de verdade.” Ela funga. “E ouvir tudo isso de você agora é maravilhoso, é mais do que eu sonhei, do que eu pedi nas minhas orações.” Fecha os olhos sofrida. “Eu só queria que você continuasse a me amar, mesmo não me aceitando.”

“E eu amo, amo muito e eu não poderia pedir pais melhores. Vocês deram a vida por mim. Abriram mão de tanto coisa... por mim. Eu seria muito ingrata se não os perdoasse e amasse.”

Ela assente. “Isso é porque você é uma menina especial. A minha princesa encantada.”

Sorrio, ainda emocionada e lembro do que Ethan falou.

“Me conta essa história.” Peço com a voz baixa.

Mamãe franze a testa e deita a cabeça de lado, confusa. “Que história?”

“A de me chamar de princesa. Ethan me alertou dizendo que tem algo a mais sobre isso, que não é só um apelido.”

Um sorriso lindo e secreto se abre em seu rosto, seus olhos momentaneamente ficam perdidos, sem foco, quando ela lembra de alguma coisa, então ela me encara e respira fundo antes de começar a falar.

“Eu queria que seu pai estivesse aqui para gente te contar juntos, mas — ”

Franzo a testa e a interrompo. “Onde ele está?”

“Foi resolver um problema e já, já está aqui. Não se preocupe.” Assinto e ela continua: “Então, você se lembra da história que eu contei da casinha que é a cópia desta aqui? Que está lá fora.”

“Sim, é claro. Eu fiquei tão emocionada e agora entendi o jeito que você falou comigo.”

Ela assente. “É, foi muito emocionante aquele dia. Descobrir que o meu bebê vai ter um bebê, foi uma surpresa.” Acaricia meu rosto, falando. “Que você cresceu e... que estava com medo e nervosa por causa do Ethan. Espero que tudo tenha ocorrido bem, não é?”

“Foi perfeito e desculpe não falar antes sobre isso, a explosão do avião me deixou aérea.”

“Eu entendo e fico feliz que vocês estão bem com a gravidez e sabe, eu senti que ele ia gostar, que apesar da surpresa e do medo Ethan ia ficar feliz. Quando a gente ama muito alguém, nenhum problema e obstáculo é tão grande.”

“Foi assim que você e papai se sentiram?”

“Acho que sim.” Diz e balança a cabeça. “Nós éramos muito mais novos que você e Ethan são, mas ficamos felizes e aterrorizados ao mesmo tempo.”

“Por que?”

“Nós estávamos no colégio ainda... Acabando e cheios de sonhos, só pensávamos em curtir um pouco as férias antes de começar a faculdade e ir ao Baile.” Dá de ombros.

“Você foi ao Baile?”, pergunto com os cheios d’água lembrando o dia do meu e que eu fui impedida de ir. Como sempre era perigoso demais.

“Não. Eu descobri que estava grávida no feriado de ação de graças,” dá de

ombros, “e meus pais ficaram muito irritados comigo, então fui morar com Will na casa dos seus avós e o último semestre da escola fiz em Napa. Vovó Maya que cuidou de mim durante a gestação e eu terminei a escola em casa.”

“Tudo porque seus pais não me queriam?”

“Não foi isso. Eles só... ficaram com raiva por eu estar grávida tão nova. Pensaram que eu perderia todos os meus sonhos sendo mãe cedo. Preocupações de pais, sabe. Eu não fiquei com magoa deles, eu os entendi.”

“Mas eles te deixaram aqui.”

Suas feições ficam tão tristes que dá vontade de abraçá-la. Ela abaixa o rosto e pega minhas mãos acariciando distraidamente. Sorrio por dentro. *Eu faço isso também.*

“Eu meio que mereci eles fazerem isso comigo, mas não me arrependo e de qualquer forma depois que meu tio Tom deu um golpe no Ryan, eu morri de vergonha. Cheguei até a pensar que Ryan e Elizabeth não confiariam em mim, mas novamente eles me surpreenderam e foram perfeitos. Eles hoje são mais que meus sogros, são como meus pais também.”

Aceno com a cabeça freneticamente quando lembro. “É! Você e papai são casados, eu vi na certidão de nascimento.”

Ela sorri abertamente. “Hm... é, nós somos casados. Foi uma coisa que Will insistiu quando estávamos na faculdade, na Inglaterra. Ele se sentiu ameaçado por eu estar perto dos meus pais e a pressão que eles ainda colocavam em mim para ir para lá. Queriam que eu fosse morar com eles. Eu e você. Que eu deixasse seu pai, desse as costas para os Colton de uma vez. Então, em uma noite ele me pediu em casamento e na tarde seguinte casamos.” Diz com humor lembrando. “Foi muito lindo, simples e emocionante. O que importava para gente era ficar juntos.”

“Então eu acho que ele não vai ficar zangado por eu ter casado há três dias escondido.”

Cora dá um sorrisinho e assente. “Acho que sim, mas espere um sermão. Ele é um pai muito ciumento. Sabe, quando você pensava que ele era aqueles tipos de irmão que pega no pé dos caras que estão de olho nos irmãos. Então, ele é bem pior. Ele é seu pai e louco por você. Tudo que ele faz e já fez foi pensando em você, em mim, nos pais dele. Will é incrível. Um filho grato, um marido apaixonado e um pai em um milhão. Eu tenho tanta sorte de ter encontrado ele, dele ter me dado você.” Seus olhos voltam a ficar marejados e a mão está no meu rosto fazendo carinho. “Apesar de tudo, tudo mesmo, eu não me arrependo e faria tudo de novo.”

Assinto e coloco a mão em cima da dela no meu rosto. “Eu só tenho o que agradecer. Por você ser essa mãe dedicada e boa. Mesmo quando você não era,

para mim, minha mãe, eu já amava você assim, respeitava e sabia do seu amor por mim.”

“Isso é o que é mais importante para mim Victoria, porque eu sempre tentei dá o meu máximo.”

“E você deu.”

“Acho que sim e naquele dia no hospital. O que você me disse, foi muito importante para mim.”

“O quê?”

“Que eu fui a melhor mãe do mundo.”

“Mas eu disse que você era minha segunda mãe.” Digo me desculpando com a voz emotiva.

“Oh, minha querida, eu juro que não levei a mal.” Ela respira fundo, emocionada como eu. “Aqueles palavras para mim foram tão valiosas, um pouco doloridas também, mas eu preferi abstrair. Não se preocupe com o que você já falou para mim. Esqueça.”

“Eu vou tentar e é só culpa. Uma necessidade enorme de recompensar vocês.”

“Oh... minha princesa. Você é tão boa, me enche de orgulho esse seu coração tão bom.”

“Eu sou apenas o que você criou. Sou o espelho dos meus pais.” Dou de ombros.

“Na verdade, você é o seu pai toda... Até na teimosia.”

Solto risada. “Eu sei, sempre soube que era como Will.” Ela faz uma careta e eu emendo: “E já que você me chamou de princesa de novo, termina de explicar a história.”

“É verdade, me perdi aqui. Desculpe.” Ela diz com sua voz doce e olho com admiração para ela. Tenho certeza que meus olhos estão brilhando, ela pega minha mão e segura com carinho. “Eu sei que você me ama, mas para de me olhar assim Victoria. Você me desmancha filha.”

Não resisto e abraço ela bem forte. “Amo mesmo mãe.” Inclino a cabeça para olhar seu rosto, mas continuo no seu colo. “Será que se eu repetir milhões de vezes ‘mãe’ vou recompensar todos esses anos?”

Ela fita bem fundo meus olhos e afaga meus cabelos carinhosamente, bem devagar. “Não precisa, viu.” Sussurra. “Estou feliz por agora ter isso. Você. *Minha* filha que eu amo muito.” Diz com propriedade e a voz chorosa. “Tudo está perfeito agora que eu tenho a minha princesa e o motivo de nós chamarmos você assim é porque quando eu e seu pai éramos pequenos brincávamos muito aqui. Lembra na casinha lá fora?”

“Lembro sim. Você me trouxe aqui quando descobri do bebê.”

Ela assente sorrindo. “Isso e trazer você aqui foi a primeira coisa que eu pensei. Queria te levar para um lugar onde era minha casa, um lar. Onde eu sonhei em criar você e...”

“E?” Estou extremamente ansiosa.

“Nós fizemos você naquela casa.”

“Jura?”, pergunto de olhos arregalados.

“Foi e eu sei disso porque acho que nunca vou esquecer aquele dia. Nós estávamos aqui para um fim de semana e curtimos a praia o dia todo e acabamos dormindo lá. Foi um dia incrível.”

Fico paralisada. Não sei se sorrio ou fico vermelha em imaginar o que eles fizeram na casinha que parece um castelinho. Sacudo a cabeça para espantar esses pensamentos e falo:

“Deve ter sido legal, mas não quero detalhes.”

“Sua boba, eu jamais faria isso.” Diz rindo. “Então,” ela retoma a explicação, “como disse, aqui é ‘o nosso castelo’, a gente brincava que eu era a rainha e Will o rei.” Ela balança a cabeça lembrando. “Seria óbvio que você fosse a nossa princesa. Então, desde que soubemos que eu estava grávida. Você é a nossa princesa e é verdade. Nós falamos isso com muita propriedade e a sério. Sentimos que somos os reis aqui e que você é a nossa princesinha e”, seus olhos ficam cheios d’água “foi uma forma de você ser *nossa* como não seria de ninguém. Nosso segredo. Quando chamávamos e chamamos você assim, é como... disséssemos filha. A nossa filha. A nossa princesa.”

Meus olhos se enchem d’água também e tenho que passar a mão para desembaçar. “Que lindo.” Digo com a voz embargada. “Isso é tão lindo, tão... profundo.” Me sento ficando perto dela e fito seus olhos. “Mesmo que eu tivesse dúvidas do seu amor, do amor de vocês dois, eu mudaria de ideia agora. Tudo que vocês fizeram sempre foi por mim e eu levaria mais de uma vida para conseguir agradecer vocês.”

Ficamos nos olhando e sorrindo ela me abraça. A saudade que eu senti todos esses dias e eu pensara que valia por todos esses anos é real para ela também. Seu abraço é de saudade. A sensação que eu tenho é que agora eu posso encarar as coisas muito melhor, que meu final feliz está chegando, de alguma forma o fim para todos esses pesadelos está por fim com os dias contados.



ACORDO DANDO UM SALTO NA CAMA. Estou confusa, não sei bem o que me acordou, talvez tive um pesadelo e não lembro dele. Sei que é raríssimo acontecer isso, mas prefiro apostar nessa hipótese. Sento na cama e noto que ainda estou no quarto dos meus pais, entretanto estou sozinha agora, devo ter pegado no sono.

Está tudo escuro e mesmo que eu esteja com a impressão de que estou sonhando, sei que não estou. Passo a mão no rosto levando até os cabelos e penteando—os com os dedos, faço um coque prendendo com um nó com ele mesmo. É por isso que gosto de manter meu cabelo no comprimento médio ou longo.

Escuto um barulho vindo fora do quarto, passos, e viro para a porta, meus olhos se arregalam e meu coração começa a bater mais forte.

Will, meu pai, está na porta. Ele parece cansado. Os cabelos despenteados pela quantidade inumerável de vezes que ele passou a mão e geralmente ele faz isso quando está nervoso. A roupa está amarrotada, seu terno de trabalho e a camisa de linho, sem gravata. Alto e impetuoso, meu pai me observa de longe da porta.

Por impulso e me sentindo obrigada me levanto da cama, mas continuo perto dela, parada. Ele também não se mexe e nos encaramos por segundos intermináveis. Durante esse silêncio, passa um filme dentro da minha cabeça. Todas as memórias com ele, as boas e as ruins... E quando lembro das ruins, me odeio. Eu disse tantas vezes que ele não tinha que se meter na minha vida, mandar em mim, porque não era meu pai e sinto o gosto amargo dessas palavras agora.

Meu suspiro rouba o silêncio, alto e afoito, fito seus olhos sentindo os meus ficaram molhados, abro a boca para falar, mas ele é mais rápido.

“Eu sei que nós precisamos conversar. Que deve ser muito estranho para você essa situação, mas eu...” ele pausa e respira fundo. “Eu só quero deixar claro que nunca foi minha intenção magoar você.”

“E você não fez.” Falo baixo.

Seus ombros se aprumam e ele me olha surpreso.

“Eu entendo.” Forço minha voz que saí baixa. “Eu entendo porque vocês fizeram isso, acho que só não entendo o problema por trás desse segredo, mas não me importa agora.”

Ele engole seco antes de dizer.

“Para ser honesto eu não estou muito surpreso com você agora. Você é boa e eu sabia que uma hora ia nós dar uma chance de tentar explicar.” Ele dá um passo para frente, entrando no quarto. “E eu também não sei de verdade o que desencadeou esse ódio. Eu infelizmente não tenho pistas concretas para dizer para você o porquê disso tudo, a causa real dele fazer isso e a única coisa que eu

realmente sei é que é um homem, mas não sei quem é.” Diz negando com a cabeça. “Não sei o motivo e porque eu.”

Balanço a cabeça escutando e percebo como seus olhos estão brilhando pela emoção que ele está passando em me falar essas coisas.

“Eu nunca fiz mal a ninguém. Eu juro para você. Jamais fiz algo ruim para qualquer pessoa e por isso eu não entendo. Não entendo porque ainda me persegue e ele insiste em me atingir logo em você.” Ele se aproxima mais. “Porque entenda. Eu amo a Cora, amo com tudo de mim, mas você é... a minha menina e eu prometi proteger você antes mesmo dele começar a fazer esse inferno. Então eu entendo ele ir atrás de você. Não que se ele pegasse qualquer um da família eu não ligaria, mas com você é diferente. Se eu perco você, perco tudo e a Cora também. Nós amamos você demais e eu só quero que você não me prive de cuidar você, mesmo de longe.”

Agora eu mexo a cabeça em negativa, sem entendê-lo. “O que quer dizer?”

“Que eu vou entender se para você for estranho eu ser seu pai. Sei que foram muitos anos de mentira, de enganação e de certo modo manipulação, porém nunca deixei de mostrar o quanto me preocupo com você. Posso ter mentido no quem eu era, mas meu amor... ele foi real. Verdadeiro.”

“Eu sei.” Murmuro.

Will assente e arfa emocionado. Eu também respiro fundo e minhas mãos estão suando, meu coração bate fraco e olhando para ele eu só penso o quanto ele foi bom para mim. Minhas amigas sempre tiveram inveja do ‘irmão’ protetor que eu tinha e como eu era sortuda e eu sou mesmo.

Respiro fundo de novo e então eu corro para ele, o abraço bem forte e fecho os olhos.

Ele abraça meu corpo pelos ombros, forte demais, quase me sufocando, mas não me importo. Eu sinto dentro de mim também essa necessidade de abraçar ele. De aliviar a dor dentro do meu peito e acho que ele também. Seu coração está martelando no meu rosto que está no seu peito.

De novo a sensação da saudade que eu não consigo explicar. As lágrimas chegam em meus olhos sem eu nem mesmo me esforçar. Choro baixinho nos seus braços, nos braços do homem que me deu a vida e que deu a vida dele para cuidar de mim e da minha mãe.

Fungando me afasto de leve para poder olhar seu rosto e inclino a cabeça porque ele é alto.

“Eu nunca vou consigo te agradecer e me desculpe também por tudo que eu falei para você. Eu queria poder retirar todas aquelas coisas que eu disse. Me desculpe, de verdade.” Sussurro.

“Eu não preciso te desculpar por nada. Sou eu que tenho que pedir perdão

por esses anos de sofrimento e terror. Nunca na minha vida eu pensei que faria alguém sofrer tanto quanto eu fiz você e a sua mãe sofrer.”

“Não”, balbucio e negando com cabeça. “Não é sua culpa. Deve ter uma explicação e um dia eu tenho certeza que vamos acabar com ele.”

Ele assente e acaricia meu rosto. Pisco os olhos emocionada e abro a boca, ficando nano segundos assim, tomando de coragem e engolindo o bolo na minha garganta eu falo o que ele esperou todos esses anos, porque mesmo ele sendo minha segunda referência paterna, nunca o chamei assim, nem de brincadeira.

“Pai.” Sussurro baixinho.

Seus lábios tremem, os olhos se enchem de lágrimas e o canto dos seus lábios curvam suavemente. Sorrio olhando seus olhos iguais aos meus e falamos pelos olhos o quanto nosso carinho é valioso e nenhuma mentira foi capaz de destruir.

“Você só me chamou assim uma única vez e eu nunca esqueci.” Diz com a voz rouca.

Espremo meu sorriso choroso e balanço a cabeça, como me desculpasse. “Mas agora eu vou chamar muitas e muitas vezes.” Dou de ombros querendo trazer um pouco de humor.

“Você é incrível e eu morro de orgulho de você.”

Nego com a cabeça sorrindo envergonhada. “Sou assim porque eu tive pais incríveis.”

“Obrigado.” Ele diz e me abraça forte. Fico na ponta dos pés para abraçá-lo pelo pescoço e ele envolve à cima da minha cintura.

“Obrigada você pai.”

Ele me solta e suas mãos ficam nos meus ombros. “Eu gosto muito de você me chamando assim... É uma sensação boa.”

“Que bom e” respiro fazendo uma pausa e me afasta mais um pouco, “em breve você será chamado de outra coisa.”

Ele franze a testa e passa os olhos por mim dos pés à cabeça e repete. “O que você quer dizer?” Questiona desconfiado a voz baixa e cerra a mandíbula.

“Eu”, paro e mexo nas minhas mãos. “Eu casei.”

Prefiro contar essa notícia primeiro. Não sei o que esperar dele se eu contar que estou grávida. Quero que minha mãe esteja junto. Ela sempre amolece ele.

“Você o que Victoria?”

“Casei. Com Ethan.” Dou de ombro. “No sábado passado em Aspen.”

Ele abre e fecha a boca. Enterra os dedos nos cabelos e começa a andar de um lado para o outro na minha frente.

“Como você fez isso sem a presença da sua mãe e a minha? E cadê o respeito daquele moleque casando com a minha filha escondido.”

Cambaleio para trás assustada com seu tom de voz sério e agarro seu braço quando ele faz menção de sair do quarto.

“Vai aonde?”

“Falar com seu *marido*.” Diz com acidez a última palavra e me olha sobre os ombros.

“Pai?!”

“Pai nada.” Ele se vira e me encara muito sério. “Onde já se viu ele casar com você escondido. Você ainda é uma criança e mesmo que não fosse, não tinha ninguém da família com você. Como isso fica? Nós somos uma família influente e financeiramente comprometidas e se ele estiver querendo ter mais parte das ações da empresa casando? Você não pode sair casando desse jeito Victoria.

“Para Will.” A voz da minha mãe na porta é congelante. “Achei que sua intensão não era magoar ela e você está falando muitas coisas agora que pode fazer isso.” Ela adentra o quarto fica perto de nós e fita o rosto dele.

“Você sabia disso?”

Ela assente neutra. “Sim. Ela me contou no dia seguinte.”

“E por que diabos você não me disse?”

“Porque isso era assunto dela com você. Eu queria que ela tivesse um momento filha e pai com você e contasse as boas novas.”

“Boas novas? Você está de sacanagem comigo?” Ele ruge.

“Se você partir para esse tom, eu vou sair do quarto e não vou querer saber mais de nada. Ela está feliz e isso é o que mais importa para mim. Para você não?”

“Claro que sim — ”

“Então,” ela o interrompe “felicite sua filha por casar com um homem que a ama e protege tanto quanto nós dois e que nem em sonhos eu poderia imaginar um igual. Fique feliz, William. Ele é tão obcecado por ela quanto você é.”

Viro meu rosto de novo para meu pai e espero ele relaxar, mas o discurso da minha mãe não surgiu grandes efeitos. Vou para mais perto dela e discretamente indico o que ela entendeu perfeitamente. Ela passa um braço nos meus ombros, me protegendo como sempre da ira do Will.

“Mas ela é uma criança.” Fala com a voz baixa.

“Não é tão criança assim Will. Ela vai fazer vinte anos e já sabe — há muito tempo — o que é certo e errado. Desencana dessa possessão de ver sua filha com uma menininha.” Mamãe fala calmamente e os ombros dele caem.

Fito seus olhos suplicando que ele entenda.

“Mas — ”

“Eu assinei um acordo pré-nupcial, então essa coisa de dinheiro, pode ficar

despreocupado.”

“Você fez o que? Sem um advogado?”

“Eu confio nele e esperava que você fizesse o mesmo já que desde o início me deixou ir com ele. Que acreditou que cuidaria de mim. Se pôde confiar minha vida, por que não vai confiar minha herança?”

Vejo de canto de olho minha mãe assentir e espero a resposta dele.

“Como sempre você tem razão e eu...”, ele corta o espaço que nos divide e envolve os braços em mim abraçando minha mãe junto. “Eu só quero a sua felicidade.”

Sorrio e beijo seu rosto. “E eu nunca estive tão feliz. Eu juro.” Nos desgrudamos e continuo. “Se não fosse o Ethan, eu já teria perdido as poucas esperanças que eu tinha para continuar a viver. Com ele, hoje, eu vivo todos os dias, porque antes... eu me sentia apenas sobrevivendo. Ele me dá tudo que eu sempre sonhei e eu sei que ele vai me dar muito mais. Então,” dou de ombros, “apenas acredite em mim. Não há outra pessoa nesse mundo que me amaria tanto quanto ele me ama. Ele é minha alma gêmea.”

Meu pai faz uma cara esquisita e balança a cabeça vencido. Curva os lábios de lado e ergue as sobrancelhas.

“Definitivamente eu te perdi para ele e a culpa foi minha quando mandei ele te buscar na boate.”

Rio e vou abraçá-lo de novo. “Mas você nunca vai me perder.” Murmuro no seu ouvido porque ele se curvou para eu poder alcançar seu pescoço. “Vou ser para sempre a sua princesa, meu rei.”

Escuto-o respira fundo. Ele aperta os braços em mim e sinto os braços da minha mãe de novo. Nosso abraço de família e meus olhos se umedecem.

“Eu amo vocês para sempre.”

“Nós também.” Mamãe fala.



COM CUIDADO SAIO DO MEIO DOS MEUS PAIS. Acho muito cômico eu depois de grande dormir no meio deles. Minha mãe disse que eu fazia muito isso quando bebê e até me mostrou uma foto dormindo com eles. Falou também das fotos da mesa de cabeceira. A deles foi no meu aniversário de dezesseis anos. Eu tive uma festa muito legal, nada muito chamativo como fora o aniversário de dezesseis anos de Clara, mas a diferença é que ela poderia fazer extravagâncias, eu não.

Consigo levantar na cama e indo até a ponta saio dela. Solto uma respiração de alívio e pegando meus sapatos deixo-os dormindo no quarto deles e fecho a porta de volta. Eu sei que eles queriam que eu dormisse com eles, mas eu não consigo dormir sem Ethan e estou precisando conversar com ele.

Vou no banheiro rapidinho fazer xixi, porque minha bexiga não pode esperar, lavo as mãos e vou para as escadas. Desço no propósito de invadir a cozinha. Cora levou um sanduiche para mim mais cedo, mas agora, quase cinco horas depois estou morta de fome. Eu sei que a culpa da bexiga e da fome é de alguém muito danadinho dentro de mim.

Nossa eu nem falei dele com meu pai, fiquei nervosa demais com a reação dele com meu casamento, se eu contasse da gravidez acho que eu ia ficar viúva. Jesus. Deus me livre.

Quando estou virando a esquina para a cozinha esbarro em um vaso de planta no chão e faz um barulho. Ai caramba. Solto meus sapatos desesperada.

“Shu...”, sussurro e pego antes que caia do aparador de ferro. “Merda.”

Encaixo ele de volta no seu lugarzinho e ergo minha postura para voltar a cozinha, mas meus passos se travam quando escuto alguém perto de mim solta uma respiração. Me viro e vejo um Ethan sonolento, amarrotado como tivesse saído da boca de um leão, cansado e com olheiras, vindo da sala de estar.

“O que você está fazendo aqui?” Pergunto baixo para não acordar o resto da casa. “Você estava dormindo na sala?”

“Sim.” Responde e para na minha frente. Suas mãos estão em mim, passageando meus ombros e braços carinhosamente.

“Foi tudo bem com eles, eu presumo.”

“Por que?” Falamos juntos.

Sorrio e seguro seu rosto. “Sim, foi tudo bem.”

Ele acena satisfeito com a resposta e explica: “Eu estava aqui porque não conseguia dormir. Vim dá uma volta com Prince pelo jardim e acabei pegando no sono no sofá.” Levanta os ombros. “Tive uma estranha sensação de que encontraria você alguma hora aqui.”

Assinto franzindo a testa, mesmo ele sendo fofo agora, tenho um sentimento de que tem alguma coisa faltando na sua explicação.

“Só isso?”

“É.”

“Tem certeza?”

“Claro que sim. Por que a pergunta?”

“Não sei. Você está... estranho.”

Ele nega e murmura: “Você também está.”

Suspiro e fujo dos seus olhos, culpada. “Você tem razão.”

“Está me evitando desde que recebeu o telefonema. Eu ignorei porque tinha tanta coisa para fazer que para dizer a verdade, não tive tempo de sobra para me preocupar porque você preferiu se distanciar de mim.”

“Não foi isso.” Volto a fitar seu rosto. “Eu só não queria justamente ser mais um problema para você se preocupar.”

“Mas você é a minha primeira prioridade. Se estava precisando de mim, eu ia ficar ao seu lado.”

“Eu sei, mas naquele momento eu tive que ser forte. Mostrar para você e para mim também que eu posso lidar com as situações difíceis. Eu estava com medo, não vou mentir, mas não posso ficar fraquejando toda hora Ethan. Como vou cuidar de um bebê desse jeito?”

“Você tem a mim.”

Sorrio agradecida. “Eu sei que tenho, mas essa não é a questão, ok?! Eu preciso me manter sã no meio dessa loucura para não sobrecarregar você e nem ninguém.”

“Acho que entendo o que você quer dizer.” Ele me puxa e descansa as mãos na curva das minhas costas. “Só não quero que você se torne tão forte e independe e me deixe de lado.”

Rio e subo as mãos do seu peito até os ombros. “Isso nunca vai acontecer. Vou sempre precisar de você para muitas coisas ainda.”

Ethan sorri e me puxa para os seus braços. “Não foi isso que eu quis dizer seu anjo safado.” Murmura na minha orelha e morde a ponta da mesma.

“Ah. Foi você que pensou besteira.”

“Jura que não quis dizer isso?” Pergunta inclinando o pescoço para trás para me encarar.

“Juro.”

Ergue a sobancelha direita e me dá seu sorriso favorito. Dou risada e faço um biquinho para ele. Ele me beija de levinho. Me afasto e falo baixo:

“Mas agora vou precisar de você para fazer uma comigo.”

Ele franze a testa questionando sem palavras.

“Invadir a cozinha porque sua esposa grávida está morta de fome, na verdade, seu filho está com fome.”

“Opa, é pra já querida.” Ele diz e passando um braço debaixo das minhas pernas e o outro nas costas, me carrega para cozinha e me senta na bancada que fica no meio do cômodo. Sorrindo observo e aproveito do meu marido fofo e tão carente quanto ele. Nessas horas eu tenho certeza que Prince foi feito sob encomenda para ele e só me resta meu filho ser assim. Oh céus. Estou ferrada.

Vinte & Seis

Ethan

QUINTA-FEIRA, 25 DE FEVEREIRO DE 2014.



MINHA CABEÇA ESTÁ LATEJANDO. Fecho os olhos tentando me manter são e respiro fundo. Tudo já está fodido o suficiente e agora mais essa bomba. Abro os olhos e foco em Ryan ainda na minha frente com o rosto marcado de cansaço e preocupação. Engulo seco e aceno com a cabeça.

“Deixa que eu falo com ela.”

“Tem certeza?” Elizabeth pergunta com a voz exausta.

“Claro. É meu dever e podem ficar despreocupados que vou mantê-la calma.”

Eles assentem e pelo menos já compreenderam que como marido é meu dever cuidar dela agora. Eles ficaram felizes e um pouco surpresos quando contei que casamos.

Eu não queria falar sem Victoria, mas a situação me obrigou. Eu tive que marcar e afirmar minha posição ao lado dela, também deixando claro que serei um marido para todas os momentos da vida dela. Bons e ruins. Que eu sou comprometido e que eles podem ficar tranquilos que irei cuidar dela muito mais agora como eu já tivera prometido naquele café da manhã que eu pedi para namorar Victoria.

Ryan aperta meu ombro, de forma que passa seu apoio e repeti o gesto nele. Acho que de nós dois, ele precisa mais e Elizabeth que eu abraço antes de sair da ante sala que fica na parte afastada da casa perto do escritório e o banheiro de visita.

Com passos reclusos atravesso o corredor, passo pela cozinha e as escadas enormes em espiral que uma parte fica sob o corredor. Procuro pelos cômodos da casa a presença de Will e Cora, eles estão há mais de uma hora conversando com dois homens, não sei do que se trata, no escritório. Ergo as sobrancelhas porque provavelmente eles ainda estão no escritório e saio da casa indo para o quintal.

Vejo Victoria ao longe, o vestido longo branco que ela está usando voa sobre o vento forte, assim como os cabelos loiros, meu coração acelera com a visão do anjo da minha vida. Amo essa mulher mais que tudo. Ela está com os cachorros, sorrindo.

Ela ficou em êxtase total quando viu que Ryan trouxe Zeus para cá e agora

está brincando com ele e Prince. Parecem o pai e o filhote, e ela claro está babando eles juntos. Não sei quantas vezes ela me disse que queria apresentar Prince a ele. Acho adorável seu apego aos animais principalmente quando são seus. Esse lado caridoso dela é sublime e contagiante.

Paro um pouco distante e observo ela jogando um galho de árvore pequeno perto da casinha onde sentei no banco ontem de noite. Prince vai primeiro, mas Zeus quando decide ir atrás, deixando de beijar a mão de Victoria, atropela ele. Rio e balanço a cabeça. Victoria ri também e os chamam de volta. Zeus devolve o galho na sua mão e esfrega a cabeça nas pernas dela pedindo carinho.

Cruzo os braços sobre o peito olhando eles. Ela diz que Prince sou eu, mas depois de algumas horas com Zeus, percebo que ela está totalmente errada. Eu sou Zeus. Babão, grudento e profundamente apaixonado por ela como ele, e acho que ela sou eu porque Prince não desgruda de mim. Aí se ela ouvisse meus pensamentos.

Vou me aproximando dela e meu coração parece estar travado assim como meus passos. Sinto um nó na boca do estômago e quando fico atrás dela abraço-a por trás por impulso. Ela solta um suspiro de susto e ri.

“Ei.” Diz sorrindo e inclinando o corpo para o lado e virando o rosto para conseguir me ver. “Oi para você também.”

Passo o nariz no seu rosto e beijo. “Oi.” Murmuro.

Ela fica tensa e seu corpo se arrepia e se vira em meus braços. Joga os braços em meus ombros e me olha apreensiva. “O que aconteceu?”

Sua pergunta faz tudo dentro de mim se apertar. Eu não sei como vou contar para ela, sei que ela vai ficar muito abalada. Eu pensara que voltar para casa, mesmo com a circunstâncias que nos trouxe, seria bom. Todos nós pertos e apesar da preocupação estamos unidos, mas como sempre não está sendo como esperei. Prometi que não esconderia mais nada dela e de todo modo isso eu não posso esconder mesmo.

“Vamos dar uma volta?”

Ela franze a testa e assente solenemente. Pego sua mão e sigo a rampa que leva até a praia. Descemos e os cachorros estão atrás de nós. Victoria deita a cabeça no meu ombro e quando pisamos na areia sinto seu corpo relaxar mais. Fico contente dela ter um pouco de conforto e paz. Minha mulher foi feita para morar perto da praia, bem mais perto que nós já moramos. Acho que uma hora até a Santa Monica é muita coisa.

“Você gosta daqui.”

“Gosto muito.” Ela responde mais para afirmar.

“Você gostaria de morar aqui?”

“É isso que você quer falar comigo?” Ela pergunta parando de andar e fita

meus olhos. “Você quer comprar uma casa aqui?”

“Você gostaria?”

“Claro.”

“Vou providenciar isso com certeza.”

Ela sorri e envolve os braços no meu pescoço. Aperto sua cintura com meus braços tirando seus pés do chão e respiro fundo sentindo seu cheiro misturado ao cheiro da água salgada do mar, mas ela se afasta contra minha vontade.

“Minha mãe disse que queria morar aqui e seria tão legal se conseguíssemos uma casa perto deles.” Ela diz toda entusiasmada e chega a passar os olhos pela praia, olhando as casas.

Concordo com a cabeça. Ela nota que tem algo errado comigo, como sempre. Então a alegria deixa seu rosto, sento substituída pela preocupação.

“Qual o problema? Você não parece feliz com a sua própria ideia. O que houve Ethan?”

“É verdade, tem mais uma coisa que eu quero conversar com você e não é sobre comprar casa em Malibu.”

“Então diz logo.”

Respiro fundo e pego suas mãos. “Antes tente não se agitar e ficar muito nervosa. Não é bom para o bebê.”

“Está bem.” Murmura.

“Will foi ontem em Napa para pegar a Nana — ”

“Eu não sabia disso”, ela me corta.

“Sim, ele foi e voltou de madrugada. Isso você já sabe, né.” Ela assente e eu continuo: “Ele tinha me dito que não conseguia falar com ninguém lá e por isso foi. O que acontece amor... é que sua avó faleceu.”

Os olhos de Victoria imediatamente crescem e ficam sem brilho. As mãos tremem e ela engole seco. “Ah... O que? Repete.”

“Maya está morta sinto muito.”

Ela respira fundo e os olhos deixam de focar os meus para não focar em nada especificamente. Ela abre e fecha a boca, mas não diz nada. Olha para o céu abalada, segurando a emoção.

“Mas ela estava bem.” Diz baixinho e me dá as costas. Coloca as mãos no rosto, tampando os olhos e respira fundo. Enterra os dedos nos cabelos, juntando-os no topo e balança a cabeça. Seu corpo treme e ela deixa o choro rompante sair baixo, mas prende os soluços. Fico comovido e a abraço por trás.

Eu não sei o dizer e o que posso dizer. Porque definitivamente não está nada bem.

“Shuu... Se acalme amor.” Sussurro em seus cabelos.

Victoria solta um soluço baixo e se vira para mim. “Como isso aconteceu?”

Eu não entendo.”

Acaricio seu rosto dando meu máximo para confortá-la nesse momento. Eu sei o quanto ela amava a avó e perdê-la assim de repente é horrível.

“Ouça Victoria, quando seu pai chegou em Napa, na fazenda, tudo estava um caos e ele soube que a Nana enfartou.”

Ela assente sem deixar de focar em meus olhos e parece não estar me ouvindo direito. Trago ela para os meus braços e a aperto com força. Ela para de lutar e chora no meu peito com as mãos escondendo o rosto. Aliso seus cabelos e não compreendo porque ela está lutando contra a dor. Contra as lágrimas.

“Eu pensei que ela ia conhecer meu bebê. Que ia brincar com ele. Ai Ethan.” Ela sussurra com a voz nasal porque o nariz está escorrendo.

Ela está chorando tanto, mas não faz muito som. Permito ela desabafar seu luto comigo e aproveito esse tempo para ganhar coragem. Eu sabia que a morte de Maya ia causar isso e isso nem é tudo, não contei a história toda. Victoria se afasta de mim e limpa o rosto.

“Eu não entendo Ethan. Minha vizinha estava tão bem.” Balança a cabeça. “Ela era forte, não entendo como partiu assim de repente.”

Respiro fundo e aperto seus ombros para me encorajar nela. Mesmo fraca como está agora, ela é a única que é capaz de me fortalecer. Merda. Eu vou destruir minha mulher.

“Quando Will chegou lá, descobriu que colocaram fogo na fazenda.” Ela dá um passo para trás com as mãos na boca. “O quê?”

“Calma amor. Deixa eu terminar.”

“Mas.”

“Shuu... Fica calma deixa eu falar.” Dou um beijo nos lábios dela. “Calma.”

“Tudo bem desculpe.” Diz soltando a respiração.

“Não precisa pedir desculpas querida.” Faço carinho no seu rosto e retomo o que estava falando. “Então aconteceu que sua avó ficou muito nervosa com o fogo. Se assustou e sofreu um infarto fulminante. Os funcionários tentaram ajudá-la, mas não adiantou. Infelizmente ela morreu na hora. Eu sinto muito mesmo e” respiro para conseguir contar o resto, o semblante derrotado dela está me matando. “O que mais deixou ela nervosa foi que... infelizmente o fogo estava focado nos...”

“Nos? Onde Ethan?”

“No balcão de abrigo.”

“O quê?” Seus olhos se enchem d’água.

“O fogo começou onde os animais estavam e eu sinto muito Victoria. Os seus bichinhos... eles...”

“Não!” Ela cambaleia para trás e paro de falar e a puxo para os meus braços

antes que ela cai.

Agora ela chora descontrolada e me doí dentro do peito. Eu sei o quanto ela amava aqueles animais que ela cuidava com tanto carinho quando ia visitar. Que ela desde pequena tem amor e carinho. Acho que mesmo que a morte da vó tenha deixado ela triste, saber que seus bichinhos morreram de forma tão brutal é mais doloroso. Eu não entendia esse amor pelos animais antes, mas convivendo com ela percebi que ela tem razão em proteger eles.

As palavras do meu irmão quando eu e ela brigamos por causa do anel vem na minha cabeça. Victoria tem senso de proteção muito grande pelo fato de ter sido muito protegida e quando pequena, já que era privada de tantas coisas, se apegou aos animais, para protegê-los e amá-los como ela aprendeu e de certa forma queria retribuir e botar para fora um pouco da proteção que a cercava.

Embalado ela nos meus braços, balanço para frente e para trás seu corpo tentando de alguma forma confortá-la mesmo que nada o que eu faça agora vá adiantar. Desta vez eu não posso fazer nada, desta vez sou apenas o esteio para ela se amparar.

“Meus bichinhos morreram.” Ela sussurra chorosa no meu peito. As mãos agarradas na minha jaqueta com toda força. “Por que? Por que meus bichinhos? Eles não fizeram nada a ninguém.” Levanta o rosto e fita meus olhos. “Minha vozinha era para estar viva e cuidando deles.”

“Eu sei. Eu sei.” Repito e tiro a mecha de cabelo da frente do seu rosto com uma mão.

Seu rosto banhado de lágrimas e a testa enrugada com a força que está fazendo para chorar, me parte ao meio. A veia da testa chega a aparecer. Estou preocupado com esse desabafo dela.

“Querida, tenta se acalmar.”

Ela solta a respiração trepidada e assente. “E-eu-eu preciso de um tempo.” Engole seco e limpa o rosto. “Me deixe rapidinho sozinha?”

Cerro a mandíbula. “Você sabe que eu não posso te deixar sozinha.”

“Eu sei, é claro. Quero dizer... Quero ficar um pouco sozinha comigo mesma. Pode ser aqui.” Diz com a voz embargada, mas não chora. “Você fica aqui mesmo me olhando e-e-e eu vou...”

“Você caminha um pouco à minha frente, mas apenas dez passos. Isso é tudo que posso dar.”

“Por mim tudo bem. Está ótimo assim.”

Assinto e puxo ela para mim, dou um beijo na sua testa e a deixo se afastar. Ela me agradece com o olhar. Vejo-a virar as costas para mim e como disse, caminha um pouquinho na minha frente. É um termo simbólico ficar sozinha para ela agora e estou grato que ela entendeu que eu não posso tirar os olhos

dela. Isso não é domínio, é zelo. Estamos em uma praia particular e ao mesmo tempo pública, mas que tem dois hotéis muito perto. Pessoas estranhas passam por aqui e eu não posso me distanciar dela. Assim como tenho noção que Raul está nos olhando pelo quintal e tem vista para praia e fui esperto de manter o perímetro para ele.

Victoria se ajoelha perto do mar, bem perto da água e coloca as mãos onde as ondas se esvaem. Ela fecha os punhos, apertando a areia nas mãos. O rosto está virado para cima, olhando para o céu, suponho em prece. Os cabelos estão voando com o vento forte.

Sem esperar os cachorros se aproximam dela. Ela baixa o rosto e olha os dois, um de cada lado. Escuto-a soltar um riso leve de onde estou e isso me alivia o aperto no peito. Ela pega Prince, deixando-o no seu colo e Zeus fica ao seu lado com a cabeça no seu peito e ela o abraça.

Sei que ela está chorando com eles e até posso imaginar o que está passando na sua cabeça. Que merda. Que infeliz de homem que não nos deixa em paz. Will poderia ter dado a notícia com a esperança de que o incêndio foi acidental, mas não foi. Ele sofreu a mesma coisa quando a casa de Cora foi incendiada e até a própria casa dos Colton, só que na casa deles deu tempo de evitar o alastramento do fogo, mas nós sabemos que foi um incêndio criminoso e por este motivo Will se demorou em Napa conversando com a polícia que ainda está averiguando o caso. Agora estamos em estado de alerta total.

Vou me aproximando de Victoria lentamente, não aguento ficar de longe vendo ela sofrer tanto. Travo meus passos com o som de dor que ela acaba de soltar. Respiro fundo e acabo com o espaço entre nós e fico atrás dela, me ajoelho e a puxo para mim. Ela suspira com o susto ao colocar ela sentada em minhas pernas dobradas, mas então ela inspira profundamente e chora baixinho nos meus braços segurando meus punhos na sua frente. Ela deixa a cabeça ficar um pouco de lado, e eu encaixo a minha entre seu pescoço e ombro. Deixo um beijo suave na sua pele e balanço nós dois.

“Eu queria poder consertar isso Victoria. Queria muito fazer algo para aliviar sua perda.”

Ela assente e pega uma das minhas mãos, beija e espalma na maçã do seu rosto. “Só fica assim comigo.”

“Claro, meu anjo.”

Emitindo um som com a garganta, ela desabafa a dor que está sentindo comigo de forma sutil. Os cachorros estão ao nosso lado, quietos, como soubesse que nós precisamos justamente disso, apoio. O corpo de Victoria sacode de vez em quando, ao soltar soluços suaves. Este é um choro de saudades, perda e detecto medo. Eu também estou com medo, na verdade, apavorado. Esse

desgraçado mais uma vez está nos ferindo cruelmente. Estou com medo do que ele está armando a seguir e o mais preocupante foi que ele avisou a gente.

Victoria faz um carinho nos cachorros e pede para se afastarem um pouco. Como uma encantadora de cães, eles a atendem e vão passear pela praia. Olhos até onde vão e fico surpreso deles irem para Raul que desceu da casa e está apoiado na cabana que fica no fim da rampa para praia, onde fica as cadeiras de praia, mesa e etc., e a garagem ao lado que guarda os jet-skis e o iate. Para uma casa de fuga, ou um planejamento futuro, Will equipou ela com tudo sem medir esforços.

Volto a focar na minha esposa e a giro um pouco nos meus braços, deixando ela de lado em cima das minhas pernas, agora cruzadas, ela se acomoda em mim, os braços um no meu pescoço e o outro livre com a mão alisando distraidamente meu braço que segura suas pernas pela coxa. A cabeça está deitada entre meu ombro e peito. Respiro fundo e fecho os olhos.

“Queria poder te esconder nos meus braços para ninguém te ferir nunca.”

“Você faz.” Ela sussurra.

“Não como eu realmente quero.”

Ela suspira assentindo. “Eu sei, mas ter você assim comigo é muito importante.” A voz fica embargada de novo.

Coloco a mão em baixo do seu queixo e subo seu rosto. Os olhos dela estão embaçados e vermelhos. Acaricio sua bochecha e sinto um bolo na garganta e o gosto salgado das lágrimas.

“Eu não sei o que ia fazer sem você Ethan.” Balança a cabeça. “Eu juro que não sei porque... É só por você que continuo acreditando no amanhã. Eu amo a minha família, sabe, mas...”, uma lágrima escorre no canto da sua face. “É só por você que continuo acreditando.”

Assinto e engulo em seco. Inclino a cabeça e encosto meus lábios nos dela. “Você é tudo pra mim.”

“Você também é pra mim.” Diz e choca o corpo no meu quando me abraça apressada e com força. “O que nós vamos fazer Ethan?”

Aperto ela e deixo escapar algumas lágrimas e digo: “Vamos continuar lutando para tudo isso ter fim. Eu te prometi isso.”

Ela assente e me olha com tanto amor e algo mais que eu não sei descrever. É poderoso e puro, talvez eu saiba o que seja esse sentimento, mas estou preferindo negar para mim mesmo. Não gosto quando ela faz isso. Tenta ser o que não consegue, o que as pessoas esperam dela.

“Eu te amo.” Sussurra ela com a voz firme.

“Eu sei.” Digo e me levanto e logo estendo as mãos ajudando ela a levantar. Seguimos o caminho para rampa, os cachorros nos seguem e faço um aceno

em agradecimento a Raul por ter descido e mantido a guarda de perto com perfeita discrição. Ao chegarmos ao quintal da casa, Victoria faz questão de deslizar a mão em um banquinho de madeira perto da casinha idêntica a casa original, na varanda da casa, descendo os degraus Elizabeth estanca os passos ao ver a neta.

Victoria aperta forte minha mão. Paramos de andar mais próximo da varanda e ela vira o rosto para mim. Dou-lhe um sorriso tranquilizador e beijo sua testa.

“Vai falar com ela querida.”

Ela assente e curva sutilmente os lábios. Solto sua mão e com um aceno de cabeça ela se vira e caminha para enfim receber um abraço da avó. Arfo, e observo distante, Elizabeth afagando os cabelos da minha Victoria. Uma conforta a outra com a perda. Percebi que a Sra. Colton está muito emocionada com a perda da mãe e não é para menos. Maya era uma senhora incrível e até eu vou sentir saudades. Foi uma perda lastimável e mais um apertão nas nossas feridas. Ainda não falei com Will sobre o ocorrido, apenas com Ryan e posso imaginar como o pai da minha esposa está neste momento, consumido de ódio.

Prince vem correndo na minha direção, depois de rodear as duas à minha frente e cambaleando com a pancada que deu ao derrapar na grama do jardim, consegue deitar nos meus pés. Balanço a cabeça e sorrio de lado, apenas ele para rouba algo genuíno de nós neste momento e isso é mais um motivo de Victoria amar tanto os animais. Eles não precisam de palavras e abraços e nada tão extravagante para nos alegrar em qualquer momento.

Zeus para ao meu lado e deixa o corpo amolecer, deitando o corpo em minhas pernas. Estico a mão alcançando sua cabeça e afago seus pelos cor de champanhe. O temperamento dele é realmente parecido com o meu e me lembro do meu anjo falando isso.

Levanto a cabeça e bem na hora que Elizabeth me chama fazendo um gesto com a mão. Saindo do meio dos cachorros corro para elas.

“O que houve?”

“Não é nada.” Victoria responde e ao mesmo tempo que a avó. “Ela está se sentindo tonta, leve ela para o quarto para descansar.”

“Claro.” Falo e passo os braços pelas pernas e costas de Victoria e a suspendo nos braços. “Obrigado por avisar, vou deitá-la.”

“Que nada, querido.” Elizabeth fala fazendo carinho nos cabelos da neta.

“Vou deixar você agora. Tudo bem?”

“É claro. Podem ir.”

Faço um aceno com a cabeça e assim que Victoria beija o rosto da avó entro com ela para dentro de casa, subo as escadas e rapidamente entro no quarto que

Will e Cora fizeram para ela, que estamos acomodados, me aproximo da cama e quando vou deitar ela Victoria diz:

“Estou molhada. Espere.”

Verdade, o vestido dela molhou quando sentamos na areia. Ponho ela de pé, e tiro seu vestido com sua ajuda. Ando até minha mala e pego uma camisa qualquer. Voltando para ela, ela está nua e os sapatos abandonados em cima do tapete da cama.

“Preciso de uma calcinha.”

“Deixa que eu pego.”

“Não precisa.”

Dou um olha para ela ficar quieta. Ela acena com a cabeça e espera enquanto pego a calcinha na bolsa pequena dentro da mala dela. Pego a peça, paro na sua frente, me ajoelho e a visto. Levanto e coloco a camisa nela. Ela abre um sorriso fraco e me agradece com um abraço.

“Certo, certo. Deita agora.”

Ela concorda e vira na cama, entrando embaixo das cobertas calmamente. Ela se ajeita e eu arrumo os travesseiros.

“Está se sentindo bem agora?”, pergunto preocupado. Meu coração chega a estar acelerado ainda.

“Não foi nada, Ethan. Só me senti tonta.” Fala com a voz baixa. Mantenho meu olhar apreensivo e passo a mão no seu corpo, checando e ela insiste. “Ethan. Juro que estou bem.”

“Você sabe que eu sou irredutível quando se trata de você.” Afago seu rosto e coloco uma mecha de cabelo atrás da orelha.

“Eu sei.”

“Você quer alguma coisa?”

Ela parece pensar um pouco e diz: “Eu não comi nada ainda.”

“Como assim Victoria?”

“Calma. Eu levantei e quando vi Zeus, passei direto da mesa do café da manhã.” Dá de ombros. “E acabei não comendo nada.”

“Está explicado você ter passado mal.” Resmungo. “Vou lá em baixo buscar algo para você comer e já trago.”

“Está bem.” Murmura.

Levanto da cama, mas antes de me afastar sinto ela puxando minha mão. Viro-me e fito seu rosto.

“Não fica zangado comigo.”

“Amor...” Sento na beira da cama e ela joga os braços em mim me abraçando forte. “Ei. Não fique assim, anjo. Eu não estou zangado com você. Isso é a última coisa que passaria na minha cabeça agora.” Ela solta o ar devagar

e dá beijinhos no meu peito. “Calma Victoria. Vai ficar tudo bem.”

“U-hum.” Ela murmura.

Beijo seus cabelos e balanço seu corpo um pouco. “Escuta, vou buscar algo para te alimentar e aí ficamos deitados aqui, bem juntinhos.” Afasto ela segurando os ombros. “Tudo bem para você? Oh amor, não fica assim.”

Ela sacode a cabeça e aperta minha camisa. “Eu ainda não acredito Ethan.”

“Eu sei, eu sei! Mas eu vou tentar melhorar as coisas, eu prometo.”

“Só não me deixa sozinha.”

“É claro, amor.”

Deito ela com carinho na cama e beijo sua testa antes de levantar. Penso em troca de calça, porque molhou também, mas faço depois, antes vou alimentar minha esposa e meu filho. Desço as escadas e entro na cozinha... Pego uma bandeja, prato, talheres e um copo grande, abro a geladeira, pego leite, frutas e os frios frescos, não vou poder fazer ovos para ela. Não vou perder tempo.

Quando viro—me para preparar a bandeja Cora entra na cozinha e pelo visto andou chorando também.

“Elizabeth disse que ela passou mal. Ela está lá em cima agora?” fala com a voz mansa.

Assinto. “Ela só ficou tonta. Acho que a emoção do que aconteceu e não ter comido nada —”

“Você já contou para ela.” Ela afirma, mesmo assim assinto.

“Logo que Ryan conversou comigo.” Explico e emendo: “Eu sinto muito.”

“Ela adora a vovó Maya.” Cora diz baixo. “Como ela lidou com a notícia?”

“Ficou muito triste, mas eu acho que saber dos animais foi o que desestabilizou completamente. Ela está tentando mostrar que é forte, não sei por quê, mas eu sei que ela está muito mexida com tudo e é de se esperar isso.”

A mãe da minha esposa, minha sogra, se aproxima de mim com o olhar que minha mãe me dá quando quer me abraçar. Aprumo a coluna e fico nervoso quando ela para na minha frente.

“Ethan,” diz calmamente, “Victoria está preocupada com você.”

“Preocupada comigo por que?”

“Ela acha que você está se sobrecarregando. Está cansado e eu tenho que concordar com ela. Você está com a aparência exausta mesmo.”

Minha esposa está preocupada comigo? Ignoro, e balanço a cabeça.

“E-eu estou ótimo.”

“Você tem dormido?”

“Sim.” Minto, porque a última vez que dormir direito foi na noite que casei, relutante peguei no sono e acho que só dormir porque meu corpo estava acabado de tanto que fiz amor com minha esposa. Fora isso, sempre tenho poucas horas

de sono e quando acordo fico olhando Victoria dormir e normalmente tenho que ajudar ela — de alguma forma — quando começa a ter pesadelos. Então não, eu não tenho dormido. Porém isso não interessa ninguém. Guardo para mim.

“Eu acho que você está mentindo, mas tudo bem.”

“Eu sei que você quer ajudar Cora. Eu realmente entendo essa necessidade de cuidar de Victoria, ela é sua filha e você a ama, mas não precisa se preocupar comigo e nem ela. Vou conversar com ela sobre isso. Estou bem, juro.”

Ela espreme os lábios e assente dando um passo para trás. “Só tente descansar um pouco.”

Quando eu fizer isso vou dormir durante três dias diretos, mas no momento não preciso dormir.

“Eu vou.” Prefiro dizer isso para não deixá-la apreensiva também.

“Tudo bem. Agora deixe-me te ajudar a terminar de arrumar a bandeja.”

Agradeço com um aceno de cabeça e calados ajeitamos as coisas para Victoria comer. Terminando, repito o gesto com a cabeça e saio da cozinha com passos determinados para as escadas. Entro no quarto e vejo minha esposa deitada de lado abraçada a um travesseiro. Fico comovido e acho que nunca mais vou conseguir vê-la abraçar um travesseiro e achar fofo.

Deixo a bandeja em cima do criado mudo ao lado da cama e sento na beirada. Ela se vira e abrindo os olhos sonolentos senta na cama arrastando o corpo para se apoiar na cabeceira.

“Demorei?” Murmuro.

“Não. Eu só deitei de lado e fechei os olhos. Não dormir não.”

“Certo. Trouxe frutas, leite e torradas com peito de peru e queijo.”

Ela sorri e fica parada enquanto ajeito a bandeja que tem apoios do lado em cima das suas pernas esticadas. Calmamente ela começa a comer e eu a observo calado. Acaba com as frutas em poucos minutos e lambe os dedos para limpar. Sorrio de lado e ela faz o mesmo, deitando cabeça de lado me olhando com curiosidade.

“O quê?”

“Nada.” Balanço a cabeça. “É... Só estou pensando que te amo.”

Ela sorri com os olhos ficando marejados de repente, o rosto formando uma careta quando ela disfarça a emoção.

“Chora.”

“Na-não... não quero.” Nega com a cabeça e limpa rápido a breve lágrima que escapou.

“Chora, amor. Eu aguento.” Aceno encorajando. Pode parecer loucura, mas eu sei o que estou fazendo.

“Não seja ridículo, Ethan. Eu não quero chorar.” A voz saí estrangula pela

emoção contida.

Cerro a mandíbula, não por irritação. Deixa ela termina de comer e quando acaba de beber o leite, pego a bandeja de cima dela e coloco onde estava. Me sento mais perto dela e pego suas mãos que estão tremendo e frias.

“Você quer ser forte pra quem?”

Confusa ela apenas balança a cabeça.

“Você acabou de perder sua avó, a pessoa que ajudou a te por mundo. Seus bichinhos que você amava e deu tudo para conseguir fazer sua ONG foram machucados e...”, paro porque não vou magoar ela. “Nós vivemos um pequeno inferno e você recebeu uma ligação indesejável. Se você chorar meu amor, eu não vou te achar fraca. Isso prova que você tem coração e eu não vou criticar você. Eu não quero que você esconda sua dor de mim.”

Ela assente engolindo o soluço e duas lágrimas escapam de seus olhos impressionantemente verdes acinzentados como os de Cora agora a pouco na cozinha.

“Eu não quero que você se preocupe comigo. Se você quer chorar para desabafar, eu prefiro que seja nos meus braços. Eu estou com você na alegria e na tristeza — ”

“E eu só te dou tristeza.” Fala deixando as lágrimas finalmente escaparem. “Por que você ficou comigo? Por que você casou comigo?” Ela me abraça sem eu esperar se jogando em cima de mim de joelhos. “Por que você me ama tanto?”

Tento falar, mas não consigo de primeira. Respiro profundamente e seguro-a bem coloca a mim.

“Porque eu acredito seriamente que nasci só para ficar com você, porque eu não poderia casar com outra mulher, porque eu...” O bolo na garganta me trava, mas forço a sair a última pergunta dela. “Porque eu me apaixonei por você profundamente, irrevogavelmente e você não transformou minha vida para pior. Você melhorou ela. Você é a minha vida.”

Ela solta um soluço alto e começa um choro desabafando tudo que eu sei que ela sente. Que ela nunca encontraria alguém para amá-la, protegê-la e querer ficar com ela sem ser sua família, mas eu estou aqui e eu não me arrependo de nada, acho que só de ter demorado, talvez se eu tivesse sido amigo dela quando pequeno, ela poderia não ter sido levada aquela vez e não teria seus pesadelos.

Gosto de imaginar que eu poderia ter salvado ela antes, mas mesmo que não tenha feito antes, agora eu vou. Vou proteger ela com tudo que posso. Abraço ela forte e balanço nossos corpos para frente e para trás. Seu choro não tem som, mas é profundo de tristeza como um oceano cujo o fundo ninguém sabe a profundidade real.

Enquanto ela chora, beija meu pescoço repetidas vezes, me abraçando forte e passando as mãos em minhas costas. Fecho os olhos e gosto de lembrar a primeira vez que a vi no seu jardim. O susto, a surpresa e como era linda. Eu queria aquele sentimento de que nada estaria mais perfeito na minha vida do que a minha estranha da academia.

Por reflexo aperto meus braços em sua volta e ela solta um gemido baixinho. Afasto ela para pegar seu rosto em minhas mãos, beijos seus lábios inchados de tanto chorar e encosto a testa na dela.

“Eu te amo tanto que não posso nem imaginar eu sem você.”

Ela solta um riso entre o choro e coloca as mãos em meu rosto também. “Eu também não.”

“Diz que me ama.” Peço com a voz rouca.

“Amo com tudo de mim. Eu amo você.” Ela desencosta a testa da minha e dá vários beijos no meu rosto e diz em cada um deles: “Eu te amo. Amo. Amo. Amo tanto.”

Sacudo a cabeça acenando e repito seu gesto no seu rosto. Seus lábios curvam-se suavemente e de repente ela perde a expressão do rosto e o corpo amolece. Respiro fundo e beijo sua testa. O danado do remédio que minha mãe receitou, enfim deu efeito. Com delicadeza deito ela junto de mim na cama e aconchego seu corpo ao meu. Fecho os olhos e faço uma prece para que minha intuição esteja errada.



SÁBADO, 27 DE FEVEREIRO DE 2014.

ESTOU AO LADO DE VICTORIA com o braço em volta dos seus ombros. As pessoas passam nos cumprimentando, dando seus pêsames. Estamos no velório de Maya na casa dos Colton em Hollywood Hills, que Will organizou com o pai para ser no sábado. Dando tempo de trazer Maya para Los Angeles.

Ontem eu e Victoria ficamos mais um dia na casa de Will e Cora, mesmo que Ryan e Elizabeth tenham voltado para casa. Eu preferi me manter lá mais um dia. Minha esposa precisava de mim, mas também dos pais por perto e eu não me importei, de forma alguma com isso.

De cabeça baixa e um lenço na mão, que Ryan deu a esposa, Elizabeth fala com as poucas pessoas que comunicou da morte da mãe. Impressionante como aquela senhorinha toda alegre e simpática tinha amigos ainda vivos. Não estou sendo preconceituoso, mas ela já tinha quase noventa anos, mesmo eu admitindo

que não parentava nem ter setenta. Os amigos e parentes estão espalhados no quintal da casa e o caixão está perto da fonte dos desejos que Elizabeth adora e fez anos atrás. Will está ao lado de Cora, segurando a mão dela firme e com a livre apertada as das pessoas.

Tive uma conversa com ele bem longa ontem. Falamos sobre as novas precauções a serem tomadas para proteger a família toda. O filho da puta agora não está mais afim de mirar sua ira em cima de Victoria, ele está partido para o ataque e como eu, Will sente que ele está armando alguma. Fora essa conversa necessária, toquei no assunto do casamento com Victoria, ele aceitou nossa decisão, não que eu fosse mudar por causa dele.

Enfim, nós estamos amigos, como minha querida esposa gosta de dizer. O clima está ameno e ele chegou a me felicitar pelo casamento e deixou a mensagem explícita de que agora estará mais ainda na minha cola. Quase falei que ele poderia colocar um rastreador em mim, porque da filha dele eu não solto mais. E sobre o rastreador, eu bem que desconfio que ele já tenha feito em algum objeto meu. Talvez o celular, já que o carro eu gosto de mudar.

“Me tira um pouco daqui.” Victoria murmura.

“Claro. Quer ir para casa?” Pergunto entrando na casa dos Colton.

“Eu não sei. Talvez minha família precise de mim ainda.”

“Pode ir, querida.” Viramos ao som da voz suave de Cora. “Você está conosco desde cedo, não precisa ficar senão quiser.”

“Mas eu estou bem. Só preciso me deitar um pouco.”

Cora me dá um olhar e entendendo, envolvo os ombros de Victoria.

“Então vamos lá para cima deitar um pouco no seu quarto.” Falo manso.

“Ótima ideia, Ethan.”

“Não precisa, mãe.”

“Claro que precisa. Escute seu marido e suba com ele. Daqui a pouco vocês descem, ou não, isso aqui é formalidade para as pessoas, nossa despedida acontecerá amanhã.”

Victoria assente tristemente com a lembrança de que amanhã será a cremação de Maya. Cora percebe e rouba brevemente minha esposa de mim e a abraça com carinho. Fala baixinho no ouvido da filha e dando um beijo no rosto dela passa ela para mim de novo.

“Leva ela, Ethan.”

Aceno e girando nossos corpos, ando até as escadas e subimos rapidamente para o quarto rosa de princesa da minha esposa. Está tudo como vi a quase um mês e meio atrás. Depois que insiste para ela morar comigo, não vim mais aqui no quarto dela.

“Tem tempo que não venho aqui.” Murmuro quando sento ela na cama de

cobertas rosa. Ela sorri e me puxa para ficar ao seu lado. “Calma, vou fechar a porta.” Ela assente.

Fecho a porta para nos dar privacidade e volto para sentar na cama. Victoria joga as pernas em cima das minhas e abraça meu tronco deixando a cabeça no meu peito.

“Está tudo bem?”

“Mais ou menos.”

“Eu sei. Foi um pergunta retórica.”

“Eu entendi e ainda é a mesma resposta, mais ou menos. Só queria dormir e esquecer.”

“Não quer mesmo ir para nossa casa? Lá você vai ficar mais longe disso tudo, você ouviu sua mãe. Não precisamos ficar aqui hoje.”

“Eu só quero dar meu apoio a minha avó.”

“Querida, você já fez e muito bem.”

“Eu sei.” Sussurra. “É que ela a amava a vovó Maya e eu não gosto nem de imaginar como é perder uma mãe.”

Afago seus cabelos. “Eu também não, mas Cora tem razão. Você deveria descansar e de verdade, em outro lugar. Aqui sua cabeça vai ficar na sua família e se eles precisam de você.”

“Mas eles precisam.”

“Sei que sim, só que você também precisa de tranquilidade. Não faz bem ao bebê e a você essa sobrecarga toda.”

“Ninguém sabe que eu estou grávida.” Murmura ela.

Resmungo e afasto sua cabeça, para fitar seus olhos. “Eu sei e isso é o que mais importa. Seu marido está preocupado com você e quer que você descanse.”

Ela abre um sorriso. “Ainda é tão estranho ouvir você falar isso.”

“O quê?”

“Marido. Meu marido. É muito estranho.”

Rio e beijo sua boca. “Pois para mim é muito legal, minha esposa. Repete.”

“Sua esposa?”

“É.”

Ela ri e morde a boca antes de falar: “Sua esposa, meu marido bobo.”

Beijo-a de novo e coloco seu corpo no meu colo. “Então esposa teimosa, seu marido bobo e apaixonado quer levar você para casa.”

“Mas eu estou em casa.”

Resmungo e dou um apertão nela com meus braços na sua cintura. “Você está na sua antiga casa e eu estou me referindo a levar você para a nossa casa. Sinto falta de você lá.” Digo e não consigo disfarçar a melancolia.

“Oh, querido.” Ela beija meu rosto com carinho e acaricia minha barba rala.

“Já que você me pede com tanto carinho e fez essa carinha fofa de cachorro pidão eu vou.”

“Cachorro pidão?”

“Igual à do Prince.”

Rio rouco e levanto da cama com ela nos braços. “Vamos e talvez, se você quiser, eu te mostre o cachorro pidão.”

Ela dá uma leve risada e beija minha boca, mas não se demora. “Antes você pode me deixar no chão. Preciso pegar umas coisas no meu *closet*. Sabe eu ainda não levei minhas coisas para sua casa.”

Pouso ela no chão e a corrijo. “Claro que deixo e é nossa casa.”



RAUL PARA EM FRENTE AS PORTAS DUPLAS DE CASA e Victoria se ajeita para sair assim que Ken abre a porta traseira. Espero ela sair e falo com Raul dentro do carro.

“Mantem a vigila e fala com os outros para ficarem alertas.”

“Eu já os avisei, senhor.”

“Mesmo assim. Eu não estou me dando por satisfeito o que a polícia está fazendo.”

“E você tem razão, não tem mesmo que ficar esperando a polícia resolver assuntos como estes e fique despreocupado pelo menos esta noite. Vou cuidar de tudo com Ken.”

“Ethan?” Victoria chama e acenando direcionando um olhar para Raul saio do carro dando o assunto por encerrado.

“Sim, querida.”

“Vamos?” Pede gentilmente.

“Claro.”

Pego sua mão e entramos em casa. No primeiro instante sinto algo estranho com ela aqui de volta. Solto sua mão quando chegamos na sala, bem onde ela me deixou aquele dia. Sinto um bolo na garganta e quando ela engole seco, auditivo, sei que está com o mesmo sentimento. Foram dias difíceis sem ela, doeu demais e eu nunca mais quero passar aquilo de novo.

Ela caminha na minha frente, para no meio da sala da estar, passa as mãos no encosto do sofá, sai, indo até a varanda, olha para o dia que está terminando e vejo quando solta o ar com força seus ombros subindo e descendo rápido.

Ela coloca as mãos na frente do corpo e abaixa o rosto. Então se vira para

mim e caminha lentamente, freia os passos perto do bar e, talvez, ela tenha visto o vidro quebrado. Acho que sim, a cara dela diz que sim. Volta a caminhar e parando a poucos passos à minha frente, tira a mão de cima da outra... Fito a mão que ela sutilmente quer que eu olhe, dou um sorriso sarcástico de lado. Ela está com o anel de esmeralda.

Balanço a cabeça e levanto para encontrar seus olhos que estão vidrados em mim e marejados. Victoria engole seco e tirando os sapatos sem o mínimo de esforço, desencaixando os pés de dentro do scarpin, e corre na minha direção.

Pego ela nos braços, subindo seu corpo para ela envolver meu quadril com as pernas. Ela joga os braços em cima dos meus ombros e eu seguro firme seu corpo para ela não cair. Nossos lábios impacientes e famintos se raspam. Puxo com o dente seu lábio inferior e enfio minha língua na sua boca. Sugo sua língua com vontade e ela solta um gemido baixinho correspondendo as minhas carícias.

Ela aperta meus cabelos e sinto os músculos das suas coxas tencionarem. “Me.Leva.Para.O.Quarto.” Ela pede enquanto nos beijamos apaixonadamente.

Nada digo, apenas giro meus calcanhares e abro os olhos para subir as escadas para o terceiro andar. Quando estou pegando rumo ao último andar, Victoria afasta a boca e pula do meu colo pegando minha mão.

“O que está fazendo?”

“Não quero ir para o quarto.” Ela para em frente a porta do escritório. “Quero aqui.”

Franzo a testa, confuso. “Por que?”

Ela se aproxima de mim e puxa meu rosto para baixo, beija levemente minha boca e murmura: “É minha última lembrança feliz aqui nessa casa. Foi a última vez que fiz amor com você nela.” Ela respira e a voz fica baixa e embargada. “Quero fingir que não saímos daqui naquele dia e repetimos o que fizemos naquela cadeira várias e várias vezes. Quero fingir que não te magoei por ser uma idiota. Que eu não sofri tudo o que sofri desde aquele dia. Que o mundo é perfeito. Só eu e você. Que só existe o nosso amor.”

Engulo o nó se formando na minha garganta e a pego no colo, abro a porta do escritório, entro fechando a porta com um chute. Deito ela no canapê perto da estante de livros e fico sobre seu corpo. Limpo as poucas lágrimas do seu rosto e beijo suas pálpebras.

“Sra. Brown... eu só tenho a dizer que algumas coisas que aconteceu nessas últimas semanas, eu retiraria da minha vida, mas nunca, jamais, os dois melhores presentes que você me deu. Sendo minha esposa e me dando um filho.” Espalmo a mão no seu ventre. “Está tudo acontecendo tão rápido e é aterrorizante e feliz na minha vida. Você mudou tudo.” Pisco os olhos marejados e ela põe as mãos no meu rosto. “Eu não me arrependo de nada. Você é a única coisa certa que eu

sei da minha vida. É minha certeza absoluta. Minha esposa. Meu bem mais precioso, inestimável e insubstituível.” Pauso, para não chorar feito um bebê. “Eu amo você. Amo demais, Victoria.”

“Eu amo muito você também. Me perdoe.”

“Não tenho nada o que te perdoar.”

Ela respira fundo e assente. “Faz amor comigo.”

Concordo emitindo um som com a garganta e abaixo meu corpo. Victoria envolve meu corpo com as pernas e os braços. Encosto minha boca na dela e lentamente enfio a língua na sua boca. Sinto o gosto salgado das lágrimas delas que se confundem com as minhas. Sei que na tristeza e na alegria, na doença e na saúde, na riqueza e na pobreza... Nós estaremos sempre, sempre e sempre unidos.

Vinte & Sete

Victoria

DOMINGO, 28 DE FEVEREIRO DE 2014.



VIRO MEU CORPO DOLORIDO NA CAMA, sinto-me muito exausta e cansada. Eu sei porque estou assim e apesar de eu chorar horrores nos últimos dois meses, eu chorei muito mais hoje de manhã na cremação da vovó Maya. Ainda custo acreditar que ela partiu. Agora ela está com o vovô William no céu. Meu Deus, como vou sentir sua falta. Ela compensava a saudade do meu avô e agora não tenho mais ela.

Fora a tristeza de ter perdido ela, saber dos meus bichinhos foi demais. Eu sonhei com eles no dia seguinte que Ethan me contou. No outro já era o velório e hoje a cremação. Não tenho passado bem esses dias.

No sonho eu os vi tão feliz e eufóricos todas às vezes que eu chegava na fazenda, mesmo alguns nunca sabendo quem eu era, ficavam feliz quando eu entrava lá. Saber que eles morreram queimados me causa uma dor indescritível.

Espanto esses pensamentos e levanto da cama. Diferente de todas às vezes que sou dopada pelo meu marido, hoje eu tomei o remédio por conta própria. Chorei tanto que meu peito doía, meus olhos queimavam e eu não sentia gosto de nada a não ser de lágrimas. Então o melhor era me fazer dormir. Dormir para esquecer tudo e hoje realmente compreendi porque as fadas do filme ‘A Bela Adormecida’ preferiram colocar todos para dormir. *Porque só assim, a dor realmente some.*

Vou no banheiro, faço minha higiene, lavo as mãos e volto para o closet. Tiro o vestido que fui no crematório de cima do sofá e coloco ele no cesto de roupa suja. Ethan não teve maldade, mas é um pouco sujo demais deixar essa roupa aqui. Pego os sapatos e deixo no canto, limpo depois.

Ando até as gavetas de camisetas de malhar de Ethan e coloco uma, vestindo-a com uma calça legging, não estou com vontade de me arrumar, isso está ótimo para ir até a cozinha e pegar algo para comer. Talvez ver TV na sala.

É incrível como realmente me habituei a esta casa. Como senti falta dela e da cama. Mesmo tendo sonhos horríveis, dormi melhor de ontem para hoje. Sem contar que Ethan e eu fizemos amor no quarto depois que saímos do escritório.

Ficamos nos amando ontem até pegar nosso. Eu queria trazer nossa alegria e amor para essa casa depois do nosso rompimento. Foi muito emocionante ver os olhos dele úmidos quando me colocou deitada na cama e carinhosamente

beijou meu corpo inteiro. Sei que não é só por me ter por perto. Os últimos acontecimentos nos deixaram mais unidos, não que o nosso amor fosse menos profundo antes, mas acho que depois do avião nós estamos mais conectados.

Coloco as pantufas que comprei em Aspen e desço as escadas prendendo os cabelos. Chegando no segundo andar escuto a voz inconfundível do meu marido vindo do escritório e ele está zangado.

“Eu falo para você fazer uma coisa e você faz outra. Puta que pariu.”

Levanto as sobrancelhas e dou passos leves me aproximando. Com quem ele está falando? *Você não deveria fazer isso. A última vez você entendeu tudo errado* — Meu consciente zomba de mim, mas ignoro e fico bem perto da porta.

“Eu tentei ir atrás, Ethan. Não deu para alcançar.”

“Porra.”

Franzo a testa. O único que chama Ethan pelo nome é Colen. *Eles estavam seguindo alguém? Quem?*

Eles falam em voz baixa e com a porta aberta apenas uma fresta, não consigo entender. Dou mais um passo e de repente ela se escancara. Colen para na minha frente e eu colo meu corpo na parede.

“Oi, Victoria.” Ele com sua voz rouca, o rosto sem expressão e passa por mim.

Engulo em seco e volto a respira porque nem notei que segurava. Assisto Colen pegar as escadas e descer para o primeiro andar e os olhos dele em mim até onde pode. Infelizmente essas malditas escadas são de vidro e odeio isso às vezes. Pisco os olhos me recompondo e paro na porta aberta do escritório batendo suavemente na madeira.

“Victoria.” Ethan fala meu nome um tom acima e se levanta da cadeira.

“Não precisa se levantar.” Digo andando até ele.

Dou a volta em sua mesa rapidamente e sento no seu colo. Passo um braço por trás do seu pescoço e ele envolve minha cintura com um braço e acaricia minhas coxas com a mão livre.

“Está tudo bem? Pensei que estava dormindo.”

Sorrio e passo a mão no seu paletó cinza chumbo que ele usou com a calça no mesmo tom e a camisa de linho preta para ir ao crematório. Está tão lindo que me causa vertigem olhar para ele.

“Eu estava mesmo, feito pedra, mas eu descobrir uma coisa sobre esse remédio que sua mãe deu.”

“O quê?”

“Ele só tem forte efeito quando é dado contra a vontade.”

Ele ri balançando a cabeça. “Talvez você tenha razão.” Fala com sua voz suave e com a leve rouquidão que sempre me encantou. Diferente do Colen, a

voz dele me acalma e me deixa entregue a ele. Do Colen me dá medo e me arrepia.

“Amo sua voz.” Sussurro meio hipnotizada.

“É?”

Assinto e mordo o lábio. “É sexy e forte, um pouco rígida e amedrontadora às vezes.”

“Amedrontadora?”

“U-hum. Eu ouvi você falando com Colen agora. Quase fiz xixi nas calças de medo.”

A ruga da testa some e ele joga a cabeça para trás soltando uma gargalha. Rio com força e envolvo seus ombros beijando seu pescoço exposto. Ele deixa de ri e inclina a cabeça e pega meu rosto, passa suavemente os lábios por cima dos meus e deixa um estalinho.

“Você é um máximo e obrigado por me fazer rir.”

“Oras, você não sorri mais porque é ranzinza.”

“U-hum. É verdade e você me deixa menos ranzinza.” Ele diz com a voz arrastada.

Franzo a testa e afasto o rosto. Olho bem seu rosto e noto que os olhos estão secos e vermelhos.

“Você dormiu essa noite?”

“Hun... Claro que sim.” Responde e justamente quando fica quieto faz uma careta segurando o bocejo.

Rio de boca fechada e levanto as sobrancelhas.

“Jura?”

“É só um pouco de cansaço, Victoria. Nada de mais.”

“Você não tem dormido.”

“Impressão sua.”

“Não é não, porque sempre que acordo de madrugada você está acordado.”

“Porque você me acorda.”

“Se fosse você acordaria assustado, ou zozinho de sono, mas você está alerta. Não sou idiota.”

“Jamais ousaria te chamar assim.”

Ah esse home me mata do coração.

Dou um beijo no seu rosto e faço um carinho do outro lado. Ethan pisca rápido, lutando contra a soneca eminente, passo lentamente os dedos sobre suas pálpebras e ele segura minha mão me olhando feio.

“Eu sei o que você está tentando fazer.”

“Eu? Estou fazendo nada além de carinho em você.”

“Mentira.” Ele leva minha mão gentilmente até seu peito. “Está me

colocando para dormir. Você sempre faz isso, não sei como, mas eu sempre pego no sono.”

Dou de ombros, fingindo inocência. “Juro que não estava fazendo isso agora.”

“Sei, mas deixa disso.” Muda de assunto. “Você acordou só porque me ouviu gritando com Colen? Falei tão alto assim?”

“Não. Acordei com fome.”

Ele ri, recosta o corpo mais no encosto da cadeira *maravilhosa* do escritório, levanta a bainha da camiseta que estou usando e espalma a mão na minha barriga. Faz um carinho suave fazendo meu corpo formigar e me olha sobre as pestanas.

“Ele está com fome?”

Abro um sorriso bobo, que tenho que conter mordendo a boca e assinto. “Acho que sim e como você tem tanta certeza que é menino?”

“Ah”, ele dá de ombro, “eu sinto.”

“Jura?” Falo sonhadora.

“U-hum. Acho que vamos ter primeiro um menino.”

Rio e abraço ele bem forte. “Eu te amo.”

“Hm...” Ethan geme nos meus cabelos. “Amo vocês.”

“Eu sei.” Murmuro e inclino a cabeça para trás e fito seus olhos. Fico olhando-o sem piscar por alguns segundos, mas acabo rindo porque ele pisca o olho e beija minha boca.

“Não me olha assim.”

“Impossível.”

Dou um beijo nele, passando a língua nos seus lábios. As mãos deles chegam em meus cabelos e segura minha cabeça de forma possessiva. Ele enfia a língua na minha boca e aprofunda nosso beijo apaixonado, sem ar me afasto e lambo os lábios, inchados. Faço carinho no rosto dele e encosto minha testa na dele e sussurro:

“Eu gosto de ficar aqui, mas... preciso comer.”

“Tudo bem Sra. Brown pode ir.” Fala afagando minhas costas. “Vou terminar de ver umas coisas aqui e já me junto a vocês.”

“Acho um doce você ficar falando no plural.”

Ele levanta os ombros de um jeito fofo. Beijo suavemente sua boca com um sorriso no rosto e relutante saio de cima dele. As mãos dele ficam na minha cintura e ele ajeita a camisa com um sorriso orgulhoso. Se eu pudesse ler os pensamentos dele saberia que ele fica todo feliz de eu usar as roupas dele. *Ah eu amo demais sentir seu cheiro o tempo todo.*

“Não demore. Vou fazer a janta.”

“Vai cozinhar pra mim?”

“Para nós.” Corrijo.

“Certo.” Ele vira meu corpo e dá um tapa na minha bunda. “Vá. Estou com fome.”

Solto uma gargalhada e rebolo até a porta, dou uma parada na soleira e olho —o sobre os ombros. “Qual pedido especial Sr. Brown.”

Ethan ri e faz um barulho estalado com a língua. “Se eu falar você não vai sair daqui.”

“Terrível.” Falo e jogando um beijo e soprando-o saio pelo corredor.

Caminho pelo corredor passando a mão na parede de vidro que tem vista para o centro de Los Angeles. É uma visão deslumbrante. Desço as escadas, vou até a sala de estar, abro o armário de DVDs e CDs e escolho um. Coloquei uma das coleções de Lauren que deixou os CDs aqui caso Ethan quisesse ouvir alguma coisa. Mesmo em um mundo — hoje — que usamos pendrive ou músicas via internet, ela prefere os CDs e até os vinis. A música lenta e doce Tear in Heaven de Eric Clapton, invade o ambiente.

Sorrio e ergo o corpo indo a caminho da cozinha. Escuto um barulho vindo dos armários abrindo e panelas, vidros e talvez uma colher de pau. Franzo a testa. Abro um sorriso enorme ao ver quem está mexendo no fogão de casa.

“Ruby!” Exclamo abraçando ela de surpresa pelos ombros e de costas para mim. “Que saudades.”

“Oh, menina.” Ela diz toda feliz e se vira para mim me olhando dos pés à cabeça e sorri. “Você está mais bonita e isso é quase injusto.”

Solto uma risada. “Senti sua falta.”

“Eu também e fiquei muito triste por você ter brigado com o menino.”

“É. Aconteceu.” Digo amuada.

“Mas vamos esquecer isso, o importante é que você voltou e eu não vou mais vê-lo bebendo e quebrando a casa.”

Faço uma careta. “Justamente. Eu vi o vidro quebrado do bar.”

“Ah foi mesmo. Ele vai pedir para alguém trocar amanhã. Não deu tempo antes, porque ele viajou em cima da hora.”

“Eu sei. Eu estive aqui no dia que ele foi, toquei muito a campainha, então linguei para Anton e ele me disse para onde Ethan foi e eu fui atrás dele.”

“Você que foi atrás dele?”

Assinto com o rosto neutro.

“Você realmente é diferente. Geralmente quem vai ao encontro da amada e corre metade do país é o homem.”

Rio e balanço a cabeça. “Dessa vez não.”

“Ah estou feliz que vocês estão bem. A casa não é a mesma sem você e o

menino também não é nada sem você.”

“Oh Ruby.” Aperto os olhos para não chorar.

“Desculpe não quis deixar você emotiva.”

“Que nada. Não ligue. Eu choro atoa mesmo.”

“U—hum.” Fez com humor.

“O quê?”

“Nada e eu soube...” ela deixa a frase morrer e fica visivelmente triste. “Eu sinto muito pela sua perda.”

“Ah... Obrigada Ruby de coração.”

Ela curva levemente os lábios e faz um aceno com cabeça. “Mas vamos falar do que a mocinha veio fazer aqui. Está com fome?”

“Muito.”

“Ótimo. O que quer comer?”

“Oh não, Ruby. Deixa que eu faço. Eu vim justamente fazer a janta para mim e Ethan.”

“Deixe de bobagem. Não os vejo tem tanto tempo e ele pediu para eu vir aqui hoje ver como anda a casa.”

Franzo a testa e lembro que hoje é domingo. É verdade, ela não deveria estar aqui.

“Hoje é sua folga, por que está aqui?”

“Porque Ethan pediu para eu vir rapidinho.”

“Que afronto. Vou falar com ele depois, vai para casa.”

Ela ri e pega minhas mãos levando para uma das banquetas do balcão que dá para a varanda da piscina. “Fique quietinha aqui e eu faço a janta.”

“Não vou ficar olhando.”

“Então me ajude arrumando a mesa para vocês. Vamos fazer um jantar à luz de velas para vocês e com direito a sobremesa.”

Meu estômago faz um barulho quando ela diz isso e Ruby sorri.

“Vamos logo. Tem alguém aí dentro com fome.”

“Hun? O que disse?”

“Calma, eu quis dizer que você deve ter um monstrinho com fome dentro de você. Tipo, uma lombriga.”

“Ah sim.” Rio sem jeito. Ela não sabe que estou grávida ainda e reprimo a vontade de soltar uma gargalhada.

Filho, você acabou de ser chamado de parasita.

“Então. Vai pegando os pratos, talheres, copos. Você sabe.”

“Está bem Ruby.” Murmuro humorada.

Saio da cozinha, vou até o armário de louças que minha avó sempre me corrigi dizendo que não se chama assim, é Buffet. Pego os jogos americanos, já

arrumo um ao lado do outro na mesa. Passo a mão no tampo de vidro e lembro da minha primeira manhã aqui tomando café da manhã com Ethan. O que eu fiz foi muito indecente e... delicioso.

“Está sonhando acordada?” Brinca Ruby.

“Não. Estou pensando.”

“Okay. Vou fazer torta de banana com canela.”

“Não!” Exclamo alto.

Ela pisca os olhos assustada.

“Ah desculpe. Eu-eu... foi mal. Por favor, não coloque canela.”

“Está bem.” Assente e volta para cozinha.

Ai caramba. Coloco a mão na testa e coço distraidamente a franja que eu não tenho desde dez anos. Não gostei do meu jeito com Ruby, mas acho que ela desculpou. Falo com ela depois.

Termino de arrumar a mesa, colocando os pratos, talheres e os copos que só se usa em ocasiões especiais. Acabo ao som de Wonderful Tonight. Fico parada no meio da sala ouvindo a voz de Eric e o solo da sua guitarra. É perfeito. A música muda e volto para cozinha.

“Ruby me desculpe se eu fui grossa com você. Não foi minha intenção.”

Ela se vira para mim limpando as mãos no pano de prato e sorri. “É claro que desculpo e não foi nada demais. Não fique pensando nisso.”

Solto a respiração. “Olha, eu estou meio irritada às vezes e emotiva, então não ligue mesmo para mim. Não é minha intenção distratar ninguém.”

“Victoria.” Ela pega minhas mãos. “Está tudo bem.” Beija meu rosto e seus olhos castanhos estão amigáveis. “Vai colocar um vestido bonito para o menino ficar bambando em você mais um pouco.”

“Oh...” Abraço ela e sorrio emotiva. “Muito obrigada.”

Ela ri e passa as mãos no meu rosto. Faço um aceno com a cabeça e me despeço dela. Provavelmente não a verei quando voltar aqui. Atravesso as salas e subo as escadas correndo. Bato na porta do escritório e Ethan levanta o rosto.

“Sim?”

“Vou trocar de roupa e você, por favor, desça em cinco minutos.”

“Sim, minha patroa.”

Enrugo o nariz e dou a língua para ele, escutando a risada dele me viro e subo para nossa suíte.



VOLTO A DESCER AS ESCADAS escutando os acordes do violão de Fragile de Sting. Uma música perfeitamente apropriada e romântica. Sorrio aos pés da escada. Meu Ethan está encostado na pilastra que tem na sala de estar com as mãos para trás do corpo e os pés na frente do corpo, cruzados. Lindo, ele tirou o paletó e abriu os quatro botões da camisa social.

Mordo o lábio inferior quando ele se desencosta e caminha para mim com os olhos faiscando amor e sedução. Aperto os nós dos meus dedos e aprumo a postura.

“Isso tudo é para jantar comigo esposa?”

Rio e assinto.

Coloquei um vestido de seda, que geralmente era para usar em uma festa chique. Ele é longo com alças finas e um decote ridiculamente indecente nas costas. Nos pés estou com as sandálias que o vi pela primeira vez. *Estou melosa hoje*. E ele levantou as sobrancelhas ao olhar para elas.

“Gostei das sandálias.” Diz sorrindo e tirando as mãos de trás do corpo, me entrega uma flor que ele arrancou do jardim lá de fora.

“Oh que lindo. Obrigada, amor.”

“De nada.” Sussurra.

Ethan estende a mão para mim. Coloco a mão sobre a dele, ganho um beijo nela e sou levada calmamente para a sala de jantar. Ele puxa a cadeira para mim, sorrio e sento, enquanto me ajeito ele senta também. Acho estranho, na mesa ao invés de ter os pratos e as travessas com a comida tem duas tampas de prata escondendo os pratos. Ethan retira elas e eu me deparo com os pratos feitos. Arroz, brócolis, frango à parmegiana — com muito queijo no meu prato — cenoura, batata e ervilhas. Lambo os lábios com fome e pelo cheiro.

Ethan ri e eu olho para ele. “Bom apetite.”

“Obrigada para você também, mas vou logo avisando. Isso é pouco.”

Ele não resiste e solta uma gargalhada, se inclina para mim, me puxa com a mão no meu pescoço e me beija. “Eu pego mais.”

Assentindo começo a comer. Ethan me serve refrigerante e para ele vinho. Fico com um pouco de inveja, mas sei que não posso.

“Toma. Só um golinho.”

Rio como fosse criança no natal. Ele chega a taça na minha boca e vira bem pouco mesmo. O gosto do vinho branco se acentua na minha língua e quando menos espero, Ethan me agarra e beija minha boca. Fecho os olhos e saboreio em seus lábios mais ainda o gosto do vinho.

“Hmm... Combinação perfeita.” Sussurro com a boca na sua.

“Concordo.”

Pisco o olho e me recosto na cadeira, sentando direita e comendo.

“Ruby mandou dizer que a torta está no congelador.” Ele diz e enfia uma garfada na boca.

“Tudo bem e”, mastigo, “você não precisava chamar ela aqui.” Tomo um gole do suco. “Era a folga dela Ethan.”

“Eu disse para ela vir cedo e apenas dá uma olhada na casa, mas você a conhece. Ficou até agora a pouco.”

“Run!” Resmungo. “E como não a vi mais cedo?”

“Saímos muito cedo e quando voltamos você foi direto para o quarto e dormiu. Ela estava vendo as roupas.”

Balanço a cabeça e faço bico. “Eu sei colocar a roupa para lavar na máquina. Não precisava incomodá-la. Não faça mais isso, por favor. Fale comigo antes.”

Ele assente e pega minha mão em cima da mesa. “Certo, vou falar antes com você, mas em minha defesa, eu vi que você estava abalada com o que aconteceu e não queria te sobrecarregar. Por hoje eu queria você calminha e deitada para não passar mal que nem ontem.”

“Eu sei”, murmuro e beijo sua mão.

Terminamos de comer em silêncio. Ele me ajuda a colocar as louças na cozinha, limpar e pôr para lavar na máquina. Pego as taças para comer a sobremesa e servi para nós dois. Vamos de mãos dadas até a varanda e sentamos de pernas de chinês no futon perto da piscina.

Curtimos a temperatura amena, está levemente frio e o céu está limpo e cheio de estrelas. Terminando a sobremesa, Ethan pega as taças deixa no chão e me puxa para encostar as costas no seu peito e me abraça. Fico brincando com as mãos dele na frente do meu corpo, apoiando os cotovelos nas suas pernas dobradas.

Ele carícia meu rosto com o seu quando deixo a cabeça deitar no seu ombro, meio torta. Fecho os olhos e abraço seus braços. É tão perfeito ficar assim com ele. Isso é tudo o que eu quero. Isso é meu felizes para sempre. Estar ao seu lado e eu esqueço tudo lá fora.

Não existe medo, sofrimento, perda, mentiras, raiva, ódio, vingança, nada a não ser nosso amor. Respiro fundo e sinto as lágrimas pressionarem minhas pálpebras.

“Perfeito.” Ele murmura no meu ouvido.

Rio baixo soltando um gemido no final. “Você que é perfeito. Que fez minha vida perfeita.”

“Nós fizemos.”

“Hun.” Dou de ombros e deixo meu corpo cair para o lado e viro meu rosto

para poder olhá-lo, sorrio e faço carinho no rosto dele sentindo a barba arranhar menos minha palma da mão. “Você está ficando sexy de novo.”

Ele ri e beija minha palma da mão. “Então, eu deixei de ficar.”

“Não. Nunca mesmo.”

“Explique-se.”

Dou risada e mexo meu corpo nos seus braços. “Sua barba desse jeito te deixa mais sexy. Com cara de...”

“De?”

“Ah esquece.”

“Não fala.” Ele insiste com os olhos brilhando de humor.

“Safado. Bom de cama. Homem fodedor.”

“Uau, Victoria.” Diz realmente surpreso. “Cadê a menininha que disse que não tinha pensamentos assim, hein? Você está muito assanhada.”

“Shiu.” Coloco a mão na boca dele, brincando. “Você que perguntou e eu sou sua esposa, estou grávida de você. Acha mesmo que eu tenho que ficar com vergonha de falar essas coisas com você agora? Ah não mesmo. Você é meu e eu falo o que quiser.”

“*Você é minha dona?*” Lembra quando você perguntou isso para mim quando eu disse isso? Que eu estava bancando um homem possessivo desses livros e filmes?”

“Você lembra disso?” Pergunto rindo.

“Lembro de cada palavra que você me disse.”

Pisco os olhos. “Até as que te machucaram?”

Ethan fica em silêncio e curva o canto da boca, o sorriso sem emoção dele. “Não.”

Engulo seco o gosto salgado das lágrimas e passo o indicador nas curvas do seu rosto. Contorno sua boca. Impaciente, me ponho de joelhos no meio das suas pernas sentando nas minhas pernas e seguro seu rosto.

“Quero que saiba que todas elas foram da boca para fora, viu, mas todas as vezes que eu disse que te amo foi de verdade.”

“Oras querida, eu sei.” Ele limpa meu rosto.

“É que eu não deveria ser má com o homem da minha vida. Com o amor da minha vida. Era para eu só te dar amor.”

“Sua boba.” Murmura e me beija de levinho. “Até quando você foi má comigo seus olhos te traíram. Eu sei que você me ama por eles.”

“Então porque não soube antes de eu dizer?” Falo mais calma e enxugo o rosto.

“Como assim?”

“Daquela vez. Você... quando disse que me amava pela primeira vez, falou

que... mesmo que eu não” respiro, “o amasse de volta. Você iria me amar mesmo assim, mesmo que doesse saber disso.”

“Victoria, eu disse isso porque você uns dias antes falou que queria que eu me afastasse de você. Que nós não poderíamos ficar juntos. Foi por isso e eu me apaixonei por você instantaneamente e” ele pausa “eu acho que você não.” A voz sai baixinha.

Estou sem palavras. Chocada demais para formar palavras e me sentindo estranha. Quero berrar, chorar bem alto e gritar, principalmente que o amo. Respiro fundo para conseguir falar e pisco os olhos depressa.

“Mas eu me apaixonei por você. Perdidamente e...”, balanço a cabeça e engulo o bolo, “quando eu disse aquilo, foi porque eu não queria fazer você sofrer e eu sabia, dentro de mim eu soube. Eu já te amava e eu não conseguia ver um futuro para gente. Eu...” abaixo o rosto, “já te amava Ethan, só não acreditava que você pudesse me amar também.” Olho para ele. “Acredita em mim?”

Ele balança a cabeça com os olhos vermelhos e segura meu rosto, me dá um beijinho e me abraça. “Eu acredito em você sim. Claro que sim e agora eu entendo porque você chorou.”

“Foi. Eu estava com medo de me apaixonando por você.” Me afasto um pouco e passo a mão no ombro que ele levou o tiro. “Justamente por isso, não quero te ferir.”

“Eu já pensava que mais me valia ter um dia ao seu lado do que nenhum.” A voz dele sai rouca e uma lágrima escorre no canto do rosto. “Eu nunca tive medo de nada, nada a não ser perder você.”

“Não sei o que dizer.” Sussurro, deito a cabeça de lado e acaricio o rosto dele. “Você é maravilhoso.”

Ethan assente bem suave e me puxa para os seus braços de novo. Escondo o rosto no pescoço dele e o abraço bem forte. Escuto-o respirar fundo, me afastando acaricia meu rosto com o dele, fecho os olhos e passo o nariz no dele, os lábios nas suas maçãs e encostamos nossas testas.

Ficamos um tempinho assim e quando a música *More Than Words* do Extreme, começa, afastamos nossos rostos e sorrimos.

“Muito apropriado.” Ele diz.

“Talvez essa seja nossa música.”

“Mais uma meu anjo.”

Ethan se mexe e com movimentos rápidos e elegantes fica de pé estendendo a mão para mim. Levanto e ele me leva para frente das portas de vidro de correr. O som fica mais vivo, mesmo assim ele me beija, vai até o Home Theater, inicia a música de novo e aumenta. Sorrio e namoro ele andando até a mim. Amo o

jeito dele andar.

“Dança comigo?”

“Até as estrelas, porque eu sempre me sinto no paraíso com você.”

“Maravilha.” Ele pega minhas mãos e posiciona-as como fossemos dançar uma valsa. “Porque eu sempre quero te levar aos céus.”

“E você leva sempre.”

Nossas mãos estão firmes umas nas outras. Ele me leva lentamente em uma dança suave, balançando nossos corpos de um lado para o outro. Nunca perdemos o contato dos nossos olhos. Sempre foi assim, desde a primeira vez que ele me olhou. Meu vigilante preferido. Engulo a emoção e cerro os dentes, mas acabo sorrindo quando ele começa a cantar:

“Saying I love you... Is not the words I want to hear from you... It's not that I want you... Not to say, but if you only knew... How easy it would be to show me how you feel... More than words is all you have to do to make it real... Then you wouldn't have to say that you love me... Cause I'd already know...”

“Dizer eu te amo...

Não são as palavras que eu quero ouvir de você...

Não é que eu não queira...

Que você diga, mas se ao menos você soubesse...

Como poderia ser fácil me mostrar o que você sente...

Mais do que palavras é tudo que você tem que fazer para tornar real...

Então, você não precisaria dizer que me ama...

Porque eu já sei.”

Ele me gira, esticando o braço e me puxa de volta. Solto uma risada e abraço o pescoço dele. Agora ele sussurra no meu ouvido:

“What would you do if my heart was torn in two? More than words to show you feel...” Afasto o rosto e fito seus olhos. “That your love for me is real...What would you say if I took those words away? Then you couldn't make things new...Just by saying I love you.”

“O que você faria se meu coração fosse partido em dois?

Mais do que palavras para mostrar o que você sente...

Que seu amor por mim é real...

O que você diria se eu jogasse essas palavras fora?

Depois você não poderia tornar as coisas novas...

Só dizendo eu te amo.”

Estou ficando mexida com a música, a letra diz tudo que acabamos de falar. É incrivelmente perfeita para nós. Chega a segunda parte da música depois de um solo de violão lindo e eu levanto a voz, forçando o máximo que consigo e canto:

“Now that I've tried to talk to you and make you understand... All you have to do is close your eyes and just reach out your hands... And touch me... hold me close... don't ever let me go...” Paro engasgada.

*“Agora que tentei conversar com você e te fazer entender...
Tudo o que você tem que fazer é fechar os olhos e estender as mãos...
Para me tocar...
me abraçar...
não me deixar partir jamais...”*

“Nunca.” Ethan murmura e me aperta em um abraço apertado. “Jamais.”
Fecho os olhos e o deixo me tocar, me abraçar e amar como a música diz. Talvez seja verdade, esse é o único jeito de realmente demonstrar que nos amamos, mesmo que para mim ainda não é o bastante. Assim como uma vida inteira ao lado dele não será o bastante.

Queria ser a Bella do Crepúsculo. Queria que ele fosse o Edward e nós tivemos a possibilidade de viver para sempre. Eu toparia ser mordida na hora, dane-se que eu deixaria de ter alma, não teria coisa melhor que saber que viveria ao lado dele a eternidade.

Mas... eu ainda tenho fé que a vida é muito mais do que isso, do que nascer, crescer e morrer neste planeta. Há um mistério que ninguém sabe ainda e é ele que faz os corações das pessoas como eu e Ethan, minha mãe e meu pai, se encontrarem e ter um amor tão profundo.

Vinte & Oito

Ethan

SEGUNDA-FEIRA, 01 DE MARÇO DE 2014.



UM NOVO DIA COMEÇA. Mais uma nova chance de viver e lutar literalmente. Viro meu rosto e vejo minha bela esposa dormindo serenamente feito um anjo. Talvez eu tenha me equivocado quando a chamava de princesa antes. Me deixei levar pelo apelido de infância, mas isso são águas passadas. Agora eu só enxergo nela meu anjo, minha vida. Apesar de ela continuar com uma coroa imaginária na sua cabeça. Seu valor para mim é como ela fosse a rainha que governasse minha vida. Isso é extremamente piegas, mas metaforicamente é uma grande verdade.

Seu rosto está engolido pelo travesseiro, o corpo, de barriga para baixo e os braços em baixo do travesseiro... As pernas uma esticada e a outra está, uma parte sob o seu travesseiro — o Zeus de pelúcia dela está ali dentro, ela fez questão de trazê-lo do seu antigo quarto, afinal ela mora oficialmente aqui — e a outra parte em cima da minha perna esquerda. O pé dela se mexe de vez em quando, enquanto dorme, acariciando-me distraidamente.

Movo meu corpo calmamente para não despertar ela e fico deitado de lado. Victoria geme baixinho resmungando e remexe o corpo. Dobro o braço esquerdo e apoio a cabeça. Fico olhando para ela e pensando em todas as coisas que estamos passando.

Se passaram apenas quatro semanas do tiro na academia e desde aquele dia não tivemos mais tranquilidade. Quero tirar férias disso tudo. Quero ela tão calma quanto está dormindo agora. Preciso ter minha família nessa tranquilidade.

A cada coisa que acontece penso mais em nosso filho. Penso que preciso realmente acabar com isso. Ele não pode nascer nesse inferno e eu não quero que ele viva como a mãe dele viveu, reclusa de tudo por medo, não é justo.

Faço um carinho nos cabelos da minha angelical esposa. Tão linda, tão forte e ao mesmo tempo sensível. Se entrega a tudo que faz de coração e por isso sofre tanto. Ontem as palavras dela me comoveram e veio como um filme na minha cabeça à noite que ela tentou me pedir para ficar longe dela.

O dia anterior aquela noite foi um dos mais memoráveis da minha vida. Meu primeiro dia sozinho com ela. Ela sendo minha de todas as formas. Nós ultrapassando os limites, quebrando regras e nos entregando um ao outro. Foi

maravilhoso.

Mas então ela teve o pesadelo. Fiquei muito preocupado com ela insistindo que era real e a merda era que tudo foi real mesmo. Aquele desgraçado esteve tão perto dela e hoje eu penso porque ele não fez nada.

Para mim ele está armando alguma coisa que vai tentar nos pegar desprevenido. Eu já entendi que o alvo maior é Will e como ele percebeu que a filha é a coisa mais importante para ele depois de Cora, o filho da puta mira nela. Talvez ele apareceu no Baile, na academia, explodiu o avião, incendiou a fazenda, com o único propósito de botar medo.

Tem pessoas que não querem realmente destruir as outras. Elas querem colocar fogo na lona e invés de fugir e ter o plano feito, querem assistir à destruição. Querem colocar pavor, mas não ao ponto de matar. Querer a desgraça, não o fim, como realmente um castigo e esse miserável quer isso. Castigar Will por alguma coisa que eu, ainda, não sei.

Meu corpo se estremece todo com a raiva e inquietação. Não gosto de não ter controlo sobre as coisas, principalmente se tratando logo de Victoria e a minha família.

Calmamente tiro minha perna de baixo da dela. Victoria ronrona e move o corpo virando para as costas para mim e pegando o travesseiro do meio das pernas, abraça-o. Meu coração se contorce de angustia. Agora não vou conseguir vê-la abraçando os travesseiros sem lembrar do real móvito. Isso é uma droga.

Dou um beijo nos cabelos dela, no rosto e arrasto meu corpo para fora da cama. De pé vou até o *closet*, pego uma calça de pijama, seguindo caminho para o banheiro deixo a calça em cima da cadeira que tem no canto e entro no box. O jato d'água morna atinge minha cabeça e tento relaxar com isso, mas sinto todos os músculos do meu corpo tencionar, não relaxar.

Espalmo as mãos na parede de ladrilho do box e deixo a cabeça pesar para frente fazendo a água cair bem na minha nuca e ombros, onde sempre sinto mais os músculos repuxarem.

Fecho os olhos e lembro da noite de ontem. Foi tão bonito e romântico o jantar que Victoria preparou para mim. Ela estava absolutamente linda. Victoria me dá tanto e eu nunca imaginei viver um amor assim.

Impulsiono meu corpo para trás, empurrando com as mãos a parede e esfrego meus olhos soltando a respiração pesada. Apenas ela para me deixar tão mole. Rio soberbo e termino de tomar banho.

Desligo o chuveiro, pego minha toalha, me seco e visto a calça de flanela. Deixo a toalha pendurada no blindex e vou para frente da pia. Escovo os dentes e passo a mão na minha barba crescendo. Automaticamente lembro Victoria falando ontem de eu estar com cara de homem fodedor. Rio e balanço a cabeça.

Ela me dá múltiplos sentimentos em nano segundos.

Ela é intensidade máxima. Me faz rir, amar, chorar e morrer de tédio por ela em poucos segundos. Ela é realmente como um oceano. Lindo, mágico, apaixonante, perigoso, conhecido e desconhecido... Ao mesmo tempo que é seguro, é aterrorizante, profundo em todos os sentidos. Da beleza aos seus segredos.

Volto para o quarto e pego nossas roupas espalhadas no chão, dobro e deixo em cima do sofá nos pés da cama. Vou até Victoria, que permanece dormindo. Cubro direito seu corpo, está um pouco frio hoje. Deixo um beijo no seu rosto e me afasto.

Saio do quarto fechando a porta e desço para o primeiro andar. Está tudo em silêncio. Ruby não deve ter chegado e os seguranças estão na ala deles. Pego o controle geral da casa e suspendo as cortinas, destranco as portas da piscina e ligo a TV no jornal da manhã. Aproveito e vejo as horas na televisão.

Está cedo demais. São seis e meia ainda. Resmungo internamente e esfrego os olhos. Estou cansado, preciso dormir, mas sei que nem adianta tentar. Acho que só deito na cama e cochilo às vezes porque não sou de ferro, entretanto, não durmo como devo.

Entro na cozinha e abro os armários pegando o pó de café, coloco água e o pó na cafeteira chique demais que minha mãe deixou. Ainda tento entender para que uma cafeteira de café expresso. Eu quero café preto e forte, sem frescuras.

Pego na geladeira as coisas para preparar um café da manhã para mim e Victoria. No armário de panela pego a frigideira grande e colocando pedaços de bacon nela ligo o fogo. Assim que a gordura começa a se derreter quebro os ovos.

“Bom dia, Sr. Brown.” Saúda Ken entrando na cozinha pela porta dos fundos.

“Bom dia. Acabei de fazer café, se quiser.”

“Obrigado, mas combinei de tomar café com a minha filha.”

“Hun”, murmuro e sorrio.

Às vezes esqueço que meus seguranças têm vida, não por mal, mas porque eles convivem tanto comigo e Victoria, que esqueço desses detalhes.

“Isso parece bom.”

“Sim. Estou com saudade dela.”

Aceno com a cabeça e despejo os ovos e bacon em um prato. Pego café para mim e sento-me no balcão do outro lado da pia da cozinha com vista para as montanhas de Hollywood Hills e minha piscina.

“Eu vim justamente falar sobre isso.” Ken fala invadindo minha mente de novo.

“Ah... O quê?”

“Se tem algum problema eu ir agora?”

“Não. Você pode ir Ken. Não pretendo sair de casa hoje, vou trabalhar no escritório, apenas vou sair amanhã mesmo, então pode tirar o dia de folga.”

“Mas o combinado era só a parte da manhã.”

Olho para ele tomando um grande gole de café, pouso a caneca no balcão e digo: “Eu sei Ken, mas você merece esse tempo com ela. Está há muito tempo longe de casa. Pode ir tranquilo. Tem Raul e Colen.”

“E o Jorge?”

Balanço a cabeça e rio. “Ele está de folga também. Foi sair com Lucinda.”

Ken franze a testa. “A irmã da Ruby?”

“Sim.”

“Hun, safado. Ele disse que ficou de olho na menina lá da casa dos seus avós. Jorge quer todo mundo.”

“Todo mundo tem esse tempo Ken. Até encontrar quem realmente faltava para vida ficar completa.” Falo e faço uma pausa. Ken me fita sério e torço a boca. “Viu é disso que estou falando. A gente se apaixonada e fica poético. Um caso sério.”

Ele ri e enfia as mãos nos bolsos da calça de linho. Como sempre está com o terno preto, a camisa de linho branca e sem gravata. Por algum motivo ele nunca está com ela, o que o diferencia dos outros seguranças, além da cara mais séria e o jeito mais duro de falar. São quase sete da manhã e ele está com a escuta no ouvido. Ken é de uma eficiência incrível. Depois de um tempo acabei compreendendo porque Will deixou Victoria nas mãos dele.

“Isso é verdade, mas o amor é traiçoeiro infelizmente. Às vezes amamos uma pessoa e ela não, o que no final se torna ódio.”

“Isso que aconteceu com você e a sua esposa?” Pergunto e nem sei porque. Não gosto de me envolver na vida dos outros.

“Não. Ainda amo Alexandra, mas nós ficamos juntos por outros motivos que não foi amor. Somos verdadeiros amigos e eu estou me referindo a minha primeira esposa.”

“Você já foi casado duas vezes?”

“Sim.” Ele ri, mas sem muito humor. “Eu me casei primeiro com Karen quando tinha dezenove anos, mas ela não era o que eu pensei. Então me separei, por um tempo não quis me envolver com ninguém. Meu trabalho não me deixa muito livre para viver um grande romance.” Assinto com pesar. “Mas conheci Alexandra por acaso e ela foi uma mulher incrível. Ficamos juntos e quando ela quase foi deportada eu me casei com ela para ter a cidadania americana.”

“Sério que você fez isso? Caramba.”

“É. Eu fiz porque gostava dela e sua vida aqui estava estabilizada, se voltasse para o país dela iria com nada nas mãos. Isso mexeu comigo, mas eu não a amava como cheguei a amar Karen. Enfim, a gente se casou e mesmo uma relação de amizade uma noite ficamos juntos e ela acabou engravidando, no fundo eu não sinto arrependimento. Eu gosto dela, gosto como é uma boa mãe e dedicada. Gosto da sua amizade.”

“Então vocês são casados por faixa?” Questiono sem entender.

“Não somos mais casados. Ela tem a vida dela e eu a minha. A única coisa que realmente nos uni além do carinho e amizade é nossa filha.”

Aceno com a cabeça. “Quantos anos ela tem?”

“Holly tem dois anos.”

“Ela é um bebê ainda. Como consegue ficar longe dela?”

“Com muito esforço.” Ele fala acenando com a cabeça.

“Porra, eu nem gosto de imaginar ficar longe de Victoria e nosso filho assim, porque mesmo que ele ainda não tenha nascido, eu já gosto da sensação de ser o pai dele e ficar longe sem poder cuidar e proteger ele. Que droga.” Conclui e resolvo fazer uma coisa. “Pode ficar dois dias de folga.”

“Que isso senhor, não fique incomodado com isso. É minha vida, minha carreira e eu sabia que seria assim quando Alexandra ficou grávida, então está tudo bem. Não precisa.”

“Faço questão Ken. Você cuida tanto de Victoria e tão bem. Você merece um tempo de folga. Nós passamos esse último mês de um estado para o outro e você mal falou com a menina. Quando está aqui, eu sei que você vai vê-la, mas longe como estava, mal se falavam, então pode ficar com ela hoje e amanhã.”

“Ethan — ”

“Não vou entrar em discussão sobre isso Kennedy.” Digo sério sem dar chance para ele revidar.

“Está certo e eu realmente fico grato.”

Assinto mastigando os ovos.

“Então... eu já estou indo. Se estiver tudo bem.”

“Claro.”

Acenando com a cabeça ele sai da cozinha. Viro-me para o lado de fora, olhando ao longe das montanhas e termino de comer com os pensamentos realmente dispersos. Acabo com a comida no prato e me levanto. Deixo ele na pia com a caneca e ligo o fogo novamente para fazer os ovos para Victoria, enquanto isso pego o iogurte na geladeira, frutas e o mel no armário.

Estou acabando de arrumar tudo na bandeja e colocando os ovos no prato limpo quando Ruby chega com uma sacola enorme nas mãos e flores.

“O que você está fazendo aqui?” Ela pergunta me olhando do jeito sério que

vai me dá bronca.

“Levando café para Victoria.”

“Por que não me esperou chegar e por que acordou tão cedo? E coloque uma blusa.”

Rio e pousou a bandeja na bancada do meio da cozinha, onde fica os armários embaixo com as panelas e outras coisas. Me aproximo de Ruby dando um abraço nela. Meus braços praticamente engolem seu corpo baixinho e gorduchinho.

“Bom dia para você também.”

Ela balança a cabeça, me abraça e dá um passo para trás. “Está bem. Está bem. Bom dia e saia da minha cozinha agora.”

Dou gargalhada e faço o que ela manda. Pego a bandeja e passando por Ruby, deixo um beijo no topo da sua cabeça.

“Deixe eu levar isso para minha senhora. Ela deve estar quase acordando.”

“Senhora?” Escuto minha governanta perguntar quando estou passando pela sala de jantar.

“Sim, Ruby. Minha senhora.” Digo todo orgulhoso.

“Você é tão fofo e está tão apaixonado. Que gracinha.”

Paro e olho para ela. “Não vejo nada de mais ser assim com a minha esposa. Eu a amo mesmo.”

Ruby franze a testa, realmente franze fazendo um vinco entre as sobrancelhas.

“Esposa?” Ela caminha rápido e para na minha frente.

Olho para baixo e assinto com as feições neutras. “U-hum.” Resmungo.

“Vocês se casaram desde quando? Eu sei que a ama e quase morreu quando teve aquele problema na academia e depois vocês brigaram e etc., mas não vi casamento nenhum.”

“Run”, molho a boca com a língua e a olho confuso. “Victoria não lhe contou ontem?”

“Não falou nada disso, apenas lamentou aquela briguinha de vocês.”

Assinto em lamento. Eu também odiei de verdade aquela briguinha que nos afastou.

“A gente se casou em Aspen, sábado passado.” Sorrio. “No caso tem nove dias que ela é minha senhora.”

A boca de Ruby se rompe; espanto e surpresa correm por seu rosto. Então ela coloca as duas mãos na boca tapando e os olhos ficam marejados. Comovido deixo a bandeja na mesa da sala de jantar e a abraço.

“Pensei que ficaria feliz por mim.”

Ela inclina o pescoço para trás me abraçando forte. “Eu estou muito, mas

“você cresceu tão rápido. Parece que foi ontem que eu troquei sua fralda.”

Rio alto e faço um afago nos braços dela. Ruby foi como minha segunda mãe, acho que me aturou mais que a minha mãe quando pequeno. Infelizmente Anton teve mais a atenção da minha mãe depois que eu fiz cinco anos, porque ele era muito arteiro e tinha problema respiratórios. Então Ruby que me guarda com tanto carinho. Acho que entendo seu estado agora, foi igual ao da minha mãe.

“Eu já tenho vinte e seis anos Ruby. Já tem tempo que eu cresci e comparando com Anton, eu até demorei a casar, né.”

“É”, murmura docemente e se afasta de mim limpando os olhos. “Vou preparar uma coisa legal para vocês hoje no almoço. Poxa, ela não me contou ontem.”

“Hun... Ela estava ainda abalada com a morte da avó, entenda e também nós estamos passando por tanta coisa Ruby.” Pauso e respiro. “Eu quis casar com ela tão rápido assim porque estou com medo.”

“Medo?”

“Estou com medo dela ser tirada de mim. De não ter tempo o suficiente com ela, mesmo que uma aliança não impeça nada de acontecer.” É a primeira vez que confesso isso para outra pessoa, até mesmo com mais detalhes do que com Victoria. “Só queria a segurança e o controle de uma coisa na minha vida. Fazer Victoria minha esposa, ser minha, foi uma necessidade.”

Ruby se aproxima e passa a mão no meu rosto. “Vou rezar para que nada acontecesse com você e nem com a menina. Vocês vão ser muito felizes e cheios de filhinhos lindos de olhos azuis e verdes.”

“Ela está grávida.” Murmuro.

“Oh minha Virgem de Guadalupe.” Ela exclama alto com as mãos na boca. “Que notícia fantástica. Oh, meu menino! Estou tão feliz por você.” Ela me abraça e eu retribuo o gesto.

“Obrigado.” Falo contente e um pouco emotivo. Falar disso me deixa sentido. Meu anjo carregando meu filho dentro dela, é maravilhoso.

“Vá. Vá levar o café para ela.” Ruby me empurra e pega a bandeja e coloca na minha mão. “Vai cuidar dela. Oh meu Deus.” Ela levanta a mão para o alto e entra na cozinha falando em Castelhana que está feliz e vai fazer uma preze para cuidar de Victoria e do bebê.

Rio e mexo os pés achando graça e feliz pelas pessoas gostarem dessa notícia. Me viro e subo as escadas.

Sinto a falta de Prince me seguindo pela casa, tentando subir as escadas, que provavelmente deve estar conseguindo agora. Acho que vou ter que buscá-lo ainda hoje em Malibu, mesmo que meus avós estejam cuidando dele e Zeus lá.

Abro a porta e entro no quarto encostando a porta e empurrando com o pé. Deixo a bandeja na mesa no canto do quarto perto da lareira. Ando para a cama e sento na beirada do meu lado da cama, onde Victoria se virou e ficou abraçada ao *meu* travesseiro. Algo animalesco dentro de mim gosta dela fazendo isso e deixando “*seu travesseiro*” de lado. Isso significa muito.

Pego o controle remoto do ar-condicionado e aumento a temperatura, o quarto está muito frio. Deixo o controle no lugar e calmamente me ajeito na cama, ficando na ponta e abraço minha esposa toda quentinha e dorminhoca.

“Mm...”, ela murmura um resmungo e sorri de olhos fechados.

“Bom dia, amor.”

“Hun... Bom dia.” Diz baixinho.

Victoria tenta me abraçar, mas os braços então presos embaixo das cobertas. Me levanto, rápido, subo e entro embaixo das cobertas. Ela sorri e enquanto trago seu corpo para bem junto do meu, ela me abraça também e encosta o rosto entre meu pescoço e peito.

Fecho os olhos e tomo uma respiração profunda. Sinto sua pele quente e macia junto da minha, seus seios sempre febris colados ao meu peito. Ela suspira alto e passa o nariz no meu peito, sorvendo meu aroma com uma fungada e geme baixinho.

“Você está cheiroso. Tomou banho?”

“U-hum, mas depois que você levantar vamos tomar banho juntos.”

Ela beija meu peito. “Okay.”

Ficamos um tempinho assim, apenas nos abraçando e as mãos acariciando o corpo um do outro. Afago suas costas e aliso os cabelos para baixo. Amo sentir eles escorrendo ao longo de suas costas, apesar de ela ter cortado eles um pouco no nosso casamento.

“Seu café vai ficar frio.” Falo quebrando o silêncio.

Ela inclina a cabeça para trás e fita meus olhos. “Trouxe café para mim de novo?”

“Sim. Fiz ovos e trouxe frutas, iogurte e café com leite quente.”

Ela sorri e espreme os lábios.

“O que foi?” Pergunto.

“Sabe o que eu percebi.”

“Não, meu amor. O quê?”

“Que você me traz café na cama quando está nervoso ou preocupado demais.” Olho para ela cético, mas ela continua: “Sei que me ama muito também, mas todas às vezes foram em momentos de estresse e eu acho que o trabalho ajuda você a relaxar.”

Balanço a cabeça negando e tiro uma mecha do seu cabelo da frente do

rosto. “Eu não estou cansado.”

Ela faz carinho no meu rosto e sorri. “Ou você mente muito mal ou eu te conheço bem demais, porque eu não acreditei.”

Respiro fundo e puxo ela para os meus braços, apertando forte. “Um pouco de um, muito de outro.” Falo no seu ouvido.

Victoria dá risada e beija meu pescoço. “Mas enfim... você poderia descansar hoje.”

“Hun.” Resmungo e me afasto para poder fitar seu rosto. “Eu estou bem. Prometo.”

“Ethan...” Ela murmura meu nome e faz uma cara tristonha. “Vamos fazer um trato. Enquanto eu faço o almoço hoje, você descansa.”

“Não precisa.” Falo rápido. “Ruby está aí e ela disse que vai nos preparar um almoço especial.”

Minha esposa franze a testa. “Especial?”

Sorrio assentindo. “Sim, eu contei para ela que a gente casou, por sinal, já que você esqueceu.”

“Oh sim.” Ela suspira e sorri. “É que eu ontem ainda estava meio abalada com tudo que aconteceu.”

“Eu sei, meu anjo. Foi o que eu falei para ela.” Digo fazendo carinho no rosto del. “Contei também do bebê. Ela ficou muito feliz.”

Victoria abre a boca surpresa. Eu acho.

“Tudo bem eu ter contado, né?”

“Não, é. Claro que sim.”

“Mas?”

“Não conta mais para ninguém, por favor.” Pede com a voz baixa. “Meu pai ainda não sabe e já tem tanta gente sabendo. Minha mãe, a sua, os seguranças e agora Ruby.”

Assinto entendendo totalmente o ponto que ela quer chegar. Com certeza a família descobrir sobre o bebê depois de uma porrada de estranho, é sacanagem.

“Você contou pro Anton?” Victoria pergunta alisando minha barba com as pontas dos dedos.

“Não. Ele só sabe do casamento. Conte antes de ontem.”

“Está bem e me entenda. Will até mesmo quando era meu ‘irmão’,” ela faz aspas, “era muito ciumento e agora está um pouco pior.”

Rio e mexo a cabeça, concordando. “Entendo perfeitamente.”

“Okay. E tipo... eu não sei quando vou contar sobre o bebê para ele.” Murmura com a voz distante.

“Por que?” Acaricio o rosto dela.

“Porque ele não recebeu bem a notícia do casamento. Ficou nervoso e falou

tanta coisa...” Faz uma pausa, lembrando. “Falou tanta bobagem, então não me sinto preparada para falar do bebê ainda.”

“Você não me disse esse negócio dele não receber bem nosso casamento.”

Ela torce a boca, lamentando. “Eu não queria aborrecer você e muito menos criar um clima estranho entre vocês ou até uma discussão. Então não contei, mas fora isso minha mãe acalmou ele e então nos abraçamos e sorrimos.” Conta com um sorriso debochado.

“Hm... Eu entendo, mas nós estamos bem. Somos amigos.”

“Que bom.” Ela beija minha boca de levinho. “Eu não quero vocês brigando.”

“Não vamos.”

Ela assente. “Mas... Sei lá. Talvez eu espere ou fale por telefone, assim se ele fizer um show, discutir e falar um monte de coisas eu estarei longe dele.”

“É uma boa saída.”

Ela dá risada e de repente franze a testa. “Você viu meu celular. Eu não o vejo desde Aspen. Procurei ontem pela mala e pela minha bolsa, não lembro de tocar nele na casa dos meus pais em Malibu.”

“Está comigo.”

“Quê?”

“Eu o peguei e guardei comigo. Está na gaveta do escritório agora.”

“Por quê?”

“Porque eu tirei o chip dele. Eu joguei fora e vou comprar outro número para você.” Seus olhos se arregalam compreendendo. “Depois daquela ligação, você o deixou pelo quarto em Aspen, peguei ele e desliguei tirando o chip e queimando. Então chegamos aí e você nem sentiu falta do celular. Esqueci mesmo de falar para você, mas não se esquite, vou comprar um chip novo para você.”

“Não. Está tudo bem, amor. Só me toquei agora.”

Assinto. “Se quiser usa meu celular ou liga de casa.”

“Claro e você poderia me dar um dos números extras que você tem. Então não precisa comprar um número novo.”

“Vou pensar.” Digo e como ela franze a testa, explico. “Aqueles números foram feitos para uma emergência, são clonados, então não posso simplesmente te dá eles, mas entendi o que disse sobre você usar eles. Tem muita gente que tem ele e coisa e tal.”

“É foi isso que pensei, mas agora que você explicou, não faz sentido.”

Assinto sorrindo e beijo ela. “Eu sabia que você ia entender.” Aconchego ela nos meus braços e murmuro no seu ouvido: “Mas você poderia levantar e comer agora, deve estar tudo frio.”

Victoria resmunga e dá beijinhos no meu peito. “Eu vou porque está me batendo fome, mas aqui está tão bom. Você deveria ficar aqui.”

Afasto a cabeça para vê-la. “Como assim?”

“Ficar na cama, dormir um pouco. Tipo, eu posso ir ajudar Ruby com almoço e por enquanto você dormia.” Começo a negar com a cabeça e ela insiste. “Vai, por mim. Dorme só um pouquinho querido. Prometo que você vai me agradecer depois.”

“Eu tenho que resolver umas coisas.”

“Resolve depois do almoço Ethan. Juro que não vou deixar você dormir muito.”

“Não vai deixar?” Pergunto rindo e apertando sua cintura. Ela sente cocegas e crava as unhas no meu ombro de cima.

“Para e me escuta. Descansa um pouco e mais tarde você resolve os problemas. Vai trabalhar em casa né?” Detecto uma esperança na voz dela.

“Hoje sim, mas amanhã vou ter que ir ao escritório de qualquer maneira. Tenho que resolver umas coisas que só indo lá e quero te mostrar uma coisa...” pauso. “Depois do almoço porque minha esposa quer que eu durma.”

Ela ri e dá vários beijos no meu rosto. “Sua esposa quer seu bem porque te ama muito.” Sussurra no meu ouvido.

Rolo na cama e fico em cima dela, mas sem por meu peso... Dou beijinhos no seu rosto, no pescoço e uma mordidinha no queixo. Ela geme e agarra meus cabelos, calmamente vou aproximando minha boca da sua e quando nossos lábios se tocam, acaricio os dela com os meus e lentamente abro sua boca com minha língua. Victoria solta seu gemido rouco e baixo que eu amo e enfia a língua na minha boca com vontade aprofundando o beijo. Amo quando ela me beija assim. Adoro tudo que ela faz comigo.



SINTO ALGO PASSAR NO MEU NARIZ, viro a cabeça e esfrego a cara no travesseiro coçando. Me ajito novamente na cama. Não gosto de admitir, mas esse cochilo, realmente longo, está sendo bom. Já deve ter tempo que estou dormindo, pelo menos meu corpo se senti como eu tivesse dormido dez horas.

Viro-me na cama, ficando com o corpo virado para a varanda aberta. A claridade do dia ilumina o ambiente e estão servindo para me despertar, atravessando minhas pálpebras. Apertos os olhos antes de abri-los e observo o

céu azul acinzentado com muitas nuvens. Vai chover com certeza.

Respiro fundo e solto um bochecho. Porra. Estou cansado mesmo.

De repente sinto braços envolvendo meus ombros e beijos suaves sendo distribuídos no meu rosto. Sorrio e pego as mãos de Victoria no meu peito e aperto.

“Acorda dorminhoco.”

“Agora sou dorminhoco?”

Ela ri e me beija de novo. “Deixei você descansar bastante. Está se sentindo bem?”

Solto ela e giro o corpo de frente para ela e a puxo para mim. “Agora estou perfeito.”

“Oh... Seu bobo.”

“Mas é verdade. Dormir como há muito tempo não faço. São que horas?”

“São uma e meia. Você dormiu bastante e o almoço já está pronto e te esperando. Vim aqui dar uma olhada em você várias vezes e você continuava dormindo profundamente. Prova de que eu estava certa.” Ela sorri e pisca o olho. “Admita isso?”

Assinto e dou um beijo nela. “Sim, você estava e agora vamos tomar um banho de banheira juntinho.”

“Depois do almoço. Fiz algo que você vai amar.”

“Você fez?”

“Sim, porque eu dispensei Ruby hoje.” Me dá um olhar convencido e levanta as sobrancelhas. “Pedi para ela ir para casa assim que terminou de me ajudar a temperar o frango. Não era justo. Ela estava aqui ontem quando não era.”

“Okay. Eu concordo.”

Victoria sorri e brinca com a minha orelha, dobrando e apertando de leve a cartilagem. “Ela ficou toda fofa comigo. Me abraçou forte, ficou contando um monte de coisas sobre os filhos dela. Como foi a gravidez e o que nós devemos esperar disso. Perguntou se estou enjoando e se já sabemos o sexo.”

“É um menino.”

“Foi o que eu respondi a ela. Que você tem certeza, absoluta, que é um menino.”

“Porque será um menino e não é porque eu não quero uma menina. É um sentimento que eu tenho, que nosso primeiro filho será um menino.”

Minhas palavras dão um sorriso enorme e feliz no meu anjo, minha recompensa para qualquer coisa. Sorrio também e a puxo mais para os meus braços aconchegando ela. Beijo seus lábios de leve e encosto a testa na dela. Ainda me sinto sonolento e cansado, mas tenho tanta coisa para fazer.

“Por que você não descansa mais um pouco depois de almoçarmos e do banho de banheira.”

“Eu bem que gostaria, estava pensando nisso, mas não vou poder. Tenho que resolver umas coisas.”

Ela aperta os lábios. “Está bem. A noite nós dormimos mais cedo. Assim que você resolver as coisas.”

“Ótima ideia e eu tenho que acordar cedo amanhã mesmo. Vou ao escritório.”

“Ah jura? Eu amo tanto ficar com você assim, mas sei que o trabalho na sede faz falta para você. Que nem minha faculdade.”

“É justamente isso e eu vou tentar não demorar amanhã. Tenho que resolver umas coisas do negócio que estou fazendo.”

“O quê?”

“Estou montando um hotel. É um negócio só meu e vai ser legal.”

“Que legal Ethan.” Ela me beija no rosto todo. “Estou orgulhosa de você.”

“Não é nada ainda. Estamos nas obras ainda e eu estou fazendo com o dinheiro dos apartamentos que eu vendi. Sabe o prédio que fica minha cobertura em Manhattan?”

“Sei, claro. Descobri isso quando fui para lá a última vez.”

“U-hum. Comprei ele com minhas economias desde adolescente e meu avô Gideon ajudou, sem contar que vendi um carro meu. Foi um sacrifício que me levaria a lucros depois.”

“Nossa que maneiro isso.” Diz com um sorriso.

“Eu queria um prédio em Nova York, fiquei muito tempo esperando e quando aquele entrou no leilão, parece que o antigo dono estava sonegando impostos e o governo pegou, comprei por uma pechincha, pois ele valeria mais se fosse vendido normalmente, mas fiquei feliz de ter conseguido ele. Logo que contei para o meu pai, ele ficou surpreso e feliz por mim.”

“Imagino. Nossa, isso é muito legal.”

“É sim. Então depois que eu comprei, contratei uma empreiteira, reformei ele todo. Alguns apartamentos eu vendi e outros estão alugados, mas os vendidos eu ainda recebo do condomínio, então foi um ótimo negócio. Com isso, desde a metade da minha faculdade meu pai não banca minhas regalias. Na verdade, a última coisa que ele me deu foi essa casa.”

“Eu sei e eu estou admirada.”

“Eu já lhe disse. Quero crescer e ter sucesso por mérito meu. Lógico que muito do que tenho e as oportunidades foi graças a empresa, no caso meu pai, mas eu quero um dia não ter mais esse vínculo. Quero ter algo meu, por isso estou fazendo esse hotel e quero fazer outros e comprar mais prédios.”

Victoria sorri e olha profundamente meus olhos. “Isso é incrível, de verdade.”

“Obrigado.”

“Mas posso te fazer uma pergunta?”

“Claro amor.”

“Por que você colocou um apartamento no meu nome?”

“Você é minha esposa, nada mais justo.”

“Eu ainda não era na época.”

“Mas um dia iria ser.”

Ela ri e balança a cabeça. “Você é todo cheio de si. Tanta certeza, né.”

“Quando eu me apaixonei foi para a vida toda. Quando te escolhi foi para sempre. Não foi um amor que se perde um dia, ou se muda. Foi e é um amor que me matem nesse mundo com propósito maior.”

Os olhos dela ficam marejados, brilhando de emoção. Ela toma uma respiração profunda e difícil. Fica um tempo me olhando dentro dos olhos, apenas olhando como enxergasse minha alma.

“Você não existe Ethan...” A voz está embargada.

Sorrio e acaricio seu rosto, passando os polegares embaixo dos seus olhos. As lágrimas não saíram, mas estão formadas nas bolsinhas dos olhos.

“Te amo para sempre, Victoria.” Murmuro. “Irrevogavelmente.”



“RESOLVI ALMOÇAR AQUI FORA. Parece que vai chover, mas o céu está lindo.”

Concordo com um aceno de cabeça e sento no sofá que Victoria colocou a mesa de madeira da piscina no meio. Ela entra na cozinha e volta com uma travessa. O cheiro está maravilhoso e já sei o que é.

Ela serve uma porção para mim, depois põe no prato dela também e enche meu copo com vinho branco e o dela de suco. Pego um pedaço e chego a gemer de tão delicioso que está a comida. Victoria preparou minha lasanha de frango favorita ao molho branco. Adoro quando ela acerta no prato e cozinha para mim com todo amor.

“Está bom?”

“Como sempre.” Respondo e não consigo parar de comer. Está quente do jeito que gosto minha comida.

“Estou sentindo falta de Prince.” Ela murmura entre uma garfada e outra.

“Também. Estava pensando em buscá-lo ainda hoje, mesmo não querendo sair de casa hoje.” E Ken não está, o que me deixa nervoso em sair sem ele com ela. Penso, mas não digo para ela não ficar pensando que estou neurótico.

“Ah deixa para depois.” Murmura e toma um gole do suco de uva. “Eu aguento a saudades e você vai mesmo ter que sair amanhã, né?”

“Sim querida.”

“Hun. Está bem. Vou aproveitar e arrumar as coisas no closet.”

“Ah sim. Suas roupas ainda ficam na mala e no espaço pequeno no closet.”

“É que ele é seu.”

“A casa é nossa.” Falo, sério. “O quarto é nosso, na verdade, reformei e fiz ele maior para nós. Esse foi o objetivo e agora que estamos casados, você tem mesmo que trazer suas coisas. Não é certo ficar indo até a casa dos seus avós para pegar elas e tenho certeza que senti falta de algumas coisas.”

“Verdade, tem roupas, sapatos e até livros que eu sinto falta e estão lá.” Ela sorri, de repente, alegre. “Já sei. Amanhã vou aproveitar que você vai trabalhar e pegar algumas coisas lá e arrumar outras. Não vou conseguir trazer tudo de uma vez, mas será que vai caber naquele closet minhas coisas e as suas.”

“Eu já estava pensando nisso e então, vou contratar uma arquiteta para aumentar alguns espaços do nosso quarto e até fazer algumas mudanças na casa. Agora essa casa é sua e eu quero que se sinta em casa. Faça o que quiser com ela. Ela é uma casa de família agora.”

Victoria sorri e assente. “Obrigada amor e eu poderia ver o antigo quarto do Anton para ser do bebê. O tamanho dele é bom.”

“Eu aprovo, mas não está cedo para essas coisas?”

“Ah. Eu só vou ver, talvez planeje como vai ser a pintura e alguns detalhes. Berço, carrinho, os móveis no geral, vou ver mais para frente. Afinal, nós não sabemos o que vem por aí.” Diz sorrindo.

“Já disse que é um garoto.”

“Está bem Ethan.” Murmura.

Voltamos a comer em silêncio, ela serve mais um pouco para mim e quando acabamos. Levanto da mesa com ela para ajudá-la a limpar as louças e tirar a mesa. Na cozinha, jogo os restos no lixo e entrego para ela o prato, que ela passa uma água antes de colocar na máquina de lavar louça. Rapidamente tudo está limpo. Victoria está lavando as mãos na pia. Me aproximo por trás dela e junto minhas mãos as dela. Rindo ela lava nossas mãos.

“Que tal agora uma banho quentinho de banheira?”

“Mmm...” Ela geme e mexe o pescoço, excitada porque beijei sua orelha. “Parece uma excelente ideia.”

Viro o corpo dela para mim e coloco as mãos na sua cintura. “Então vamos

Sra. Brown.”

Pego a mão dela e levo para as escadas. Chegamos na suíte e vamos direto para o banheiro. Começo a tirar o vestido que ela está usando. Ele é rosa claro e chega abaixo das suas coxas. Ela ficou muito sexy vestida nele. Quando termino de tirar ele pelos braços dela, escuto alguém bater na porta.

“Quem será?” Victoria pergunta com o cenho franzido.

“Deixe-me ver quem é o que o que quer. Vai terminando de ficar nua para mim.”

“Claro.” Ela cantarola.

Pisco o olho e dou um beijo rápido na sua boca. Saio do banheiro e vou até a porta. É Raul com uma cara amena.

“Desculpe incomodar senhor.”

“O que houve Raul?” Pergunto ansioso.

“A polícia está aí. Os detetives Moraes e Clave estão na porta.”

Que merda esqueci completamente. Eles ligaram sexta-feira querendo falar comigo e Victoria sobre a explosão do jatinho e querem que ela dê mais detalhes do homem do Baile e consequentemente da confusão no pátio da academia.

Aceno com a cabeça e digo: “Deixe-os entrar, nós já vamos.”

Volto-me para Victoria. Engulo em seco por vê-la nua perto da banheira agachada enquanto coloca sais de banho, a torneira está ligada a toda força e quente. O vapor está invadindo o ambiente e a pele da minha esposa está começando a brilhar com isso. Observo seu quadril um pouco mais largo, os seios maiores e o leve volume da barriga. Está tão linda.

Balanço a cabeça, saindo do transe e ando para perto dela.

“Amor.”

“Oi.” Ela diz se virando e sorrindo para mim. Suas mãos voam para minha camisa, mas sou obrigado a segurar. Ela me olha confusa.

“Os detetives que falaram conosco no hospital aquela vez, estão aqui. Querem falar com a gente sobre o avião e colher mais informações sobre os acontecimentos.”

“Ah, sim.”

“Eles ligaram na sexta, mas depois do que aconteceu, eu pedi para virem depois.”

“Claro, entendo. Foi melhor mesmo.”

Assinto e acaricio suas mãos na minha com os polegares na palma da sua mão. “Está tudo bem para você?”

“Claro. São só perguntas.”

Beijo sua testa e corro minhas mãos para os seus ombros afagando sua pele. “Coloque uma roupa e desce.”

“Não vai me esperar?” Questiona com a voz baixa.

Respiro fundo e assinto. “Claro que vou.”

Ela sorri e passa as mãos no meu cabelo. “Vamos aproveitar e escovar os dentes.”

Reviro os olhos e dou risada. Dou um beijinho no seu rosto e vamos cada um para um lado do balcão com duas pias no banheiro. Escovamos os dentes e assim eu vou para o *closet* com ela. Victoria coloca um vestido azul escuro na altura dos joelhos, ele é leve e esvoaçante. Eu apenas mudo de camisa.

Prontos, descemos para o primeiro andar de mãos dadas. Na sala, vejo dois homens acompanhado de Raul. Um veste um terno azul escuro sem gravata e a camisa de linho cinza, o outro, está de terno preto com camisa branca e gravata amarela com desenhos. O de azul parece ter uns trinta anos, baixo, meio gorducho e com uma barba de cansaço na cara. O de preto deve ter a idade do meu pai, os cabelos grisalhos estão começando a se espalhar e nas têmporas é onde mais se vê. É alto e moreno.

Eu e Victoria nos aproximamos deles, que estão esperando ao lado da sala de estar. *Por que diabos Raul não mandou eles sentarem?* Estico minha mão para o baixinho.

“Boa tarde, senhores.”

“Boa tarde, espero não ter chegado em uma hora ruim.” Fala o de gravata.

“Não, sem problema.”

“Então, viemos falar com vocês para descobrirmos mais pistas. Acho que não devem se lembrar de nós.”

“Para fala a verdade, não me recordo mesmo dos nomes de vocês.” Digo.

“Sou Clive e esse é Morais.” O de gravata indica o parceiro do lado dele.

“Prazer, sou Ethan Brown”, viro-me para Victoria, “e essa é minha esposa.”

“Esposa?” Clive fala confuso. “No registro ela está com o nome de solteira. Victoria Colton.”

“Nos casamos há pouco tempo.” Victoria fala acanhada.

“Oh! Sim, claro.” Morais fala.

“Sentem-se, fiquem à vontade.” Ela fala para eles e vamos para os sofás da sala. “Querem ou algo para beber? Café, água ou suco.”

“Não, estamos bem.” Clive responde.

Então ela senta do meu lado no sofá menor e eles ficam no grande, de L.

“Nós gostaríamos de saber como aconteceu o problema do avião. Onde estavam?”

“Nós estamos voltando para cá.” Começo. “A empresa tem dois jatinhos, um deles estava conosco naquele dia, nos levando para cá e o outro, vim saber pelo rádio depois que explodiu, que estava saindo de Nova York também, quase

na mesma hora que o nosso e indo para Seattle.”

“Certo. Então vocês estavam voando na hora.”

“Sim. Estávamos vindo para Los Angeles, mas então recebemos o rádio dizendo o que aconteceu.” Respiro fundo. “Pelo que se notou, pela direção do míssil, ele quase nos pegou.”

Victoria aperta forte minha mão. Olho para o seu rosto e ele está sem expressão, congelado como se ela fosse uma estátua. Aperto de volta a mão dele, querendo dar meu apoio. Foi um grande susto que tomamos naquele dia. Poderia ser o fim de tudo.

Volto a olhar Clave e Morais que estão fazendo anotações.

“A senhora poderia me falar mais um pouco do homem que você viu naquela noite. Na academia.”

Ela suspira, fracamente, quase imperceptível e fita Clave.

“Ele era alto, mais ou menos como Ethan, mas tinha a idade do meu... avô. Ryan.”

“Avô?”

“Sim. Eu descobri recentemente que na verdade meu pai é William.”

“William Colton?” Morais se pronuncia. “Mas ele não era seu irmão.”

“É uma longa história.” Ela diz olhando para os dois detetives. “Mas o que importa, é que essa mentira existia por causa desse cara que nos persegue, que me persegue desde pequena. Sei que vocês acham que os acontecimentos são aleatórios um dos outros, mas tudo está vindo da mesma pessoa. Ele tentou me pegar quando bebê, depois mais velha e com sete anos. Agora está nos amedrontando. Não sei, sinceramente, o que esperar.”

“Eu acredito que isso faça parte de uma vingança, porém segundo seu... pai, William, ele não tem a mínima noção de quem pode vir a ser.” Morais fala, e Clave emenda.

“Por isso estamos juntando todas as pistas possíveis para achar ele. Nós tememos o que mais pode vir acontecer e não queremos uma situação pior.”

Agora eu aperto a mão de Victoria. “Eu também não quero que nada mais aconteça. Quero esse desgraçado morto.”

“Ethan.” Ela murmura meu nome preocupada, mas não ligo. Não quero esse filho da puta preso, quero morto. Olho para ela e dou um olhar que estou calmo.

“Sim, na sua situação a maioria das pessoas querem isso, mas antes de mais nada.” Clave rouba nossa atenção. “Precisamos saber o que tem por trás disso, mesmo sendo uma vingança temos que descobrir o motivo e se não tem mais ninguém o ajudando e se caso ele morra, não virá para retaliação.”

“Eu já pensei isso e até falei com meus seguranças.” Digo e vejo Raul assentindo atrás dos detetives. Ele não saiu de perto de nós.

“Sim, senhor. Nós temos noção que vocês são cercados de seguranças e provavelmente eles estão aptos para atirar ou morrer, porque depois do problema na academia a segurança pede isso, mas entenda a importância de descobrir quem é e o que ele quer.” Morais explica.

“Nós sabemos disso.” Raul fala e todos se viram para ele de pé mais perto de nós. “Por tanto que a equipe está disposta a manter todos salvo e se possível, não matar esse cara e os homens dele antes de colher informações.”

“Assim é melhor mesmo.” Clave fala e parece que ele é daqueles tipos de policial que espera que a justiça seja feita de forma judicial. *Ah, comigo não.* Se eu tiver oportunidade de pegar esse desgraçado, faço ele falar e dou um tiro na boca dele depois.

“Mas a senhora lembra mais alguma coisa dele?” Morais pergunta para Victoria.

“No Baile ele ficou bem perto de mim. Eu consegui ver bem seu rosto. Ele deve ter mesmo uns sessenta anos, alto, cabelos negros com mechas grisalhas e o rosto é marcante.” Ela engole seco e aperta minha mão. “Eu já descrevi ele e não me lembro de mais nada. Estava tão aterrorizada com ele. A única coisa que realmente me marcou... foi a gargalhada.”

Morais cerra a mandíbula, visivelmente irritado. “Soubemos que ele ligou para você em Aspen, por isso vocês voltaram e sabemos do incêndio na fazenda.”

“Sim, ele ligou para o meu celular.”

“O que ele falou para você?”

“Ele gosta de joguinhos e fez enigmas sobre quem era meu pai e disse para ficar de olho em todos que ele não tinha apenas olhos para mim.”

“Com certeza ele quer vingança e em cima de William.” Clave afirma e Morais assente.

“Você tem esse número ainda?”

“Não”, respondo por ela. “Eu desliguei o celular dela logo em seguida que ela me contou o que aconteceu e queimei o chip.”

Clave acena com a cabeça aprovando. Depois disso falamos sobre a ida para Aspen, vimos algo suspeito e rapidamente falamos sobre a morte de Maya. Não deixei eles se aprofundarem no assunto para não deixar Victoria abalada. Logo falamos tudo que sabíamos e eles se puseram de pé.

“Qualquer coisa entraremos em contato.” Morais fala. “E vocês também. Não hesitem em falar conosco.”

“Claro detetive.” Digo e perto a mão dele e depois de Clave.

Eles são levados para a porta de casa por Raul e eu puxo minha esposa imediatamente para as escadas. Chegamos na nossa suíte e fecho a porta. Ela

fica parada no meio do quarto observando o tempo se fechando mais ainda pela varanda aberta. O vento forte sopra as cortinas e chega a levantar suavemente as cobertas da cama. Ando até as portas de correr e fecho antes da chuva começar e acabar molhando tudo. Virando-me de novo para Victoria ando até ela e pego suas mãos.

“Você está bem?”

“U—hum.” Ela solta minhas mãos para colocar as delas no meu pescoço. “Só estou pensando no que eles falaram. Sobre terem medo de acontecer mais alguma coisa e mais grave.”

Aperto os lábios em lamento. “Eu também fiquei pensando, mas não vamos nos esquentar com isso. Se não, não vamos viver.” Digo e seguro o rosto. “Vamos tomar um banho quentinho agora e relaxar.”

Não espero ela concordar, pego ela em meus braços e vou para o banheiro.



Escuto um barulho nos portões da entrada de carros e levanto da mesa do escritório e subo as persianas. Um Rolls Royce preto está sendo estacionado em frente as portas de casa. Franzo a testa. Deve ser Will ou Ryan, ou um dos Colton. Esse carro é de um deles.

Volto para a mesa, sento-me e termino de enviar o e-mail para a empresa de engenharia que contratei. Coloco o computador em modo de espera e saio do escritório.

“O que veio fazer aqui? Aconteceu algo com mamãe ou — ” Escuto Victoria falar com Will.

“Não. Não aconteceu nada.” Ele responde cortando-a.

Eles estão na sala de estar. Paro no corrimão do segundo andar para dar um tempo para os dois.

“Ah, que bom.” Ela o abraça e se afastando Will fala:

“Eu vim falar com seu marido.”

Levanto as sobrancelhas pela forma sarcástica que ele falou marido. Victoria sorri de lado e fita o pai com os olhos cinza.

“Sinto uma certa ironia na frase.”

Will balança a cabeça e aposto que está fazendo sua cara neutra que mostra tudo.

“Ainda estranho isso. Você casada, morando em outra casa e justamente

com Ethan.”

“O que tem ele?” Minha esposa pergunta audaciosa.

Will bagunça o cabelo dela como se a filha tivesse cinco anos. Ela faz cara feia e recua dos passos. Rio e continuo no lugar.

“É apenas o filho do Aaron. Esse casamento é uma grande coincidência.”

“Não tem nada demais nisso. Eu me apaixonei por ele e ele por mim.”

“Para de arrumar confusão, Victoria.” Will resmunga e olha para os cantos da casa, talvez esteja me procurando. “Eu apenas quero dizer que o mundo realmente é muito pequeno. Uma caixinha de surpresas.”

“Hun.” Ela resmunga. “Que seja, mas acho bom você se acostumar com isso. Eu casei e não tem o que mudar.”

“Está bem. Está bem e eu jamais mudaria isso, se você está feliz. Para de fazer como a Clara. Sabe que não tenho paciência para isso.”

Faço uma cara rugosa e agora tenho certeza que eu e Victoria não estamos preparados para contar para ele da gravidez. Will vai pirar e fazer um show. Vai até pensar que casei com ela por causa disso. Porra. Eu nem sabia quando estava procurando o anel de noivado em Manhattan, mas ele não vai querer saber disso.

“Vou chamar, Ethan. Ele está no escritório. Espere aqui.”

“Por que eu não posso ir falar com ele lá? É assunto da empresa.”

“Não precisa.” Falo descendo as escadas. “Estou aqui.”

Eles se viram para mim e Will dá aquela olhada de cima a baixo que deixa qualquer um nervoso, porém eu já estou acostumado.

“Ouvi você chegando.” Falo esticando a mão, cumprimentando-o. “Boa noite, Will. Deseja alguma coisa, sem ser falar comigo. Eu e Victoria íamos jantar daqui há pouco. Não é, querida?” Pergunto virando-me para ela.

“Sim e já está pronto. Vamos nos sentar e conversar na mesa.”

Sinto que ele fica indeciso e tomo isso como o que ele tem para me dizer é algo que ele quer, como sempre, esconder da filha. Will respira fundo, baixo, disfarçadamente e assente.

“Certo. Vamos jantar e depois eu converso com Ethan.” Fala direcionando a atenção a Victoria. Ela dá de ombros e nos guia para a mesa que ela já pôs.



ESTOU ANDANDO DE UM LADO para o outro no escritório. Agitado e nervoso. Sei que Will está acompanhando meus movimentos e isso me deixa um pouco irritado, mas não

vou explodir com ele.

“Como ele conseguiu fazer isso e você não percebeu Will?” Pergunto parando no meio da minha mesa colocando as mãos em cima dela.

“Ele está há anos sumido. Johnny não sabe do paradeiro dele tem mais de dez anos.”

Franzo a testa. “Então ele pode ser o cara por trás da sua vingança. Ele pode ser o cara que persegue Victoria.”

“Nós já pensamos nisso e colhemos todo tipo de pistas.” Will fala se exaltando um pouco. “Mas não tivemos provas certas e mesmo assim, ela é a filha da sobrinha dele.”

Tenho vontade de rir na cara dele. “Quando se trata de dinheiro nem laços de sangue são capazes de superar. Você sabe muito bem disso. Acontece o tempo todo por aqui.”

Me refiro no meio social que viemos e até mesmo Los Angeles. Dinheiro, estrelato, fama e sucesso, fizeram e fazem famílias serem destruídas da noite para o dia há muito tempo. Principalmente aqui em Hollywood.

“Eu sei que sim.” Se levanta e vai até o bar que tenho no escritório.

Com um olhar pede permissão e eu aceno. Claro que ele pode pegar o que quer na minha casa. Ele pega a garrafa aberta do Bourbon, põe um pouco no copo para ele e serve um para mim também. Aceito quando ele me estende o copo. Nossa. Uísque sem gelo é problema.

Will toma um grande gole e anda até a janela e fica olhando para fora. “Eu nunca gostei do Tom.” Começa com a voz metódica. “Ele nunca me inspirou confiança e por algum motivo, foi um dos que não apoiou meu namoro com Cora. Ele infernizou a cabeça do Johnny para fazer a filha romper comigo, mas quando isso não aconteceu... ele iniciou uma implicância comigo gratuita.”

Will me olha parado no lugar e terminando o líquido âmbar no copo com uma golada só. Porra. Desceu queimando com certeza.

“Ele jogava piada, falava um monte de merda para mim e chegou a oferecer dinheiro para eu deixar ela em paz. Para ele, para a cabeça louca dele, eu namorar ela significava menos percentual nas ações futuramente, no caso da gente casar. Ele só pensa nisso. Dinheiro e posse. Por isso te digo. Ele pode ser um tremendo filho da puta, mas não acredito que chegaria ao ponto de quase matar Victoria, Cora, minha mãe e matar minha avó agora, mesmo que de fato ela tenha morrido de susto. Ele é tipo ladrão, mas não um assassino.”

“Você tem muita certeza.” Murmuro, irônico.

“Eu sei ler as pessoas e não é ele. Tenho certeza.”

“Me dê um pouco dessa certeza. Quero me assegurar que o que ele estava tentando comigo era tirar proveito da empresa e não uma forma de chegar até

minha esposa.” Falo seco.

“Tom entrou com contato comigo há doze anos pedindo dinheiro.” Will diz sério e se aproximando da mesa, deixando o copo no aparador embaixo da janela. “Pedi dois milhões de dólares. Queria isso para refazer a vida dele. Johnny, como eu disse, brigou feio com o irmão e deixou ele com as mãos apanhando. Por um tempo as economias foram o sustento de Tom, mas o dinheiro sempre acaba quando não se investi, por tanto em dois mil e um ele me pediu esse dinheiro para tentar de novo.”

“E?”

“E ele perguntou preocupado sobre como andava Victoria e Cora. Minha família toda na verdade. Por isso estou afirmando. Ele quer dinheiro e o que fez no passado que acarretou em uma briga feia entre o meu pai com Johnny, foi porque ele queria ser o sócio majoritário, queria o nome dele acima do meu pai e do irmão.”

“Então você acha que não é ele que quer pegar Victoria. Se vingar de você.”

“Sim.” Fala confiante. “Primeiro Tom não tem motivo de fato para se vingar de mim. Eu nunca virei as costas para ele, justamente para não sofrer com as consequências. Ele não mede esforços para ter dinheiro e então chegamos aonde você está querendo me convencer que estou errado e o que vou te dá uma explicação concreta de que o desgraçado que quer minha ruína não é Tom.”

Levanto as sobrancelhas ansioso pela explicação com tanta certeza de Will. Uma certeza mais que absoluta.

“Quem quer que seja essa pessoa, ela não quer meu dinheiro. Toda as vezes que houve contato, eu ofereci dinheiro, a quantia que fosse, mas ele ria e não dizia nada, desligava na minha cara.” Diz acenando com a cabeça relembrando com amargura evidente na sua expressão. “Essa pessoa não quer meu dinheiro, quer minha cabeça. Minha vida. Destruir tudo que amo e talvez, sei lá, me deixe vivo para me fazer aturar a dor de perder o que realmente é importante para mim. Então não se trata de dinheiro.”

Aceno com a cabeça também e sinto meu peito parecer pequeno demais para aguentar a batidas do meu coração enfurecido de medo e raiva.

“Então por que Tom estava tentando chegar até mim e com um nome diferente? Eu preciso acreditar que ele não traz perigo para ninguém, principalmente para Victoria.”

Will fica pensativo por alguns segundos e faz uma cara ambígua. “Ele está procurando um meio de se infiltrar na empresa. Talvez queira dinheiro ou algo mais. Seja o que for, ele está jogando com gente grande e todo capital da empresa não fica no nome dela, justamente por causa dele.” Explica com um sorriso mal-intencionado. “Enfim, quero que dê corda a ele.”

“Dê corda a ele? Você está louco William.” Pergunto um pouco alto demais.

“Não!” Confessa enigmático. “Quero que ele se enforque com essa corda e aprenda de uma vez por todas que esse jeito dele conquistar as coisas não dá em nada. Apenas em mais falhas e o fracasso dele.”

Respiro fundo, balançando a cabeça. Will está no meio de tanta gente filha da puta que pensa um pouco como elas e apensar de eu achar isso barra pesada, ele tem os motivos para ser tão desconfiado. Eu por pouco deixei de ser como ele é agora, após ter sofrido com Nicole e ficado amargurado com as pessoas, Victoria mudou isso dentro de mim.

Mas tenho que voltar a pensar como meu sogro se quero crescer na vida. Parece que na vida encontramos mais pessoas querendo nosso mal do que bem e às vezes a troca de nada. Elas apenas querem rir da cara de alguém.

Saio do escritório e encontramos Victoria falando no telefone com alguém. Ela nos vê e se despede da pessoa. Encerrando a chama, pula do sofá e se aproxima de nós.

“Era mamãe. Ela disse que Prince tem chorado muito.”

“Porra. Não me fale desse cachorro de vocês.” Will fala irritado.

Rio e envolvo ombros da minha esposa com um braço.

“Ah, pai. Não fala assim.”

“Ele é muito chato. Chora muito e por algum motivo só sossega quando chego.”

Victoria ri assentindo. “Minha mãe acabou de falar isso.” Ela dá de ombros. “Ele parece gostar dos homens que eu amo no mundo.”

Os olhos dele ganham um brilho sutil e meu anjo sai dos meus braços para abraçar o pai. Os braços dele engolem ela e Will beija o topo da cabeça da filha com carinho. Enfio as mãos na calça de moletom que pus para ficar à vontade em casa e observo eles falarem de coisas aleatórias rapidamente.

Se afastando ele procura algo pela casa.

“Está procurando o que?”

“O cara que Ethan chamou.” Diz e detecto o tom áspero.

“O que tem Colen?” Victoria pergunta achando estranho o comportamento de Will sobre isso e eu também.

“Não gosto dele perto de você. Ele é um mafioso, é perigoso.”

Seguro a vontade de revisar os olhos de indignação. “Eu o chamei porque precisava de reforços para cuidar de Victoria e, todavia, ele é meu amigo há muito tempo.”

“Você, amigo dessa gente?”

“Não implica com isso Will.” Victoria fala se afastando dele com as mãos na cintura. “Colen é legal.”

“Como você sabe? Mal o conhece.” Afirma e deixa de olhar ela para fitar meus olhos, zangado. “E eu não gosto que me espionem.”

“Está falando isso porque nós descobrimos coisas que você prefere manter ocultas.” Meu anjo, abusado cresce a voz chamando atenção para ela. “Se você falasse as coisas, a gente não ia precisa espionar você e descobrir coisas que você não conta. Tipo, você ter sido sequestrado anos atrás.”

Puxo minha esposa para os meus braços tentando conter a língua afiada dela. “Não foi nossa intenção espionar vocês. Estamos procurando mais pistas para ver se descobrimos quem pode ser esse cara.”

“Você acha que eu já não fiz isso.” Will fala intercalando o olhar entre mim e a filha. “Procurei tudo o que se é possível. Minha vida pessoal foi varrida pelos meus seguranças e meus contatos da empresa também... E até hoje não se têm pistas certas. Eu juro, estou falando a verdade e eu mais do que qualquer um quero saber quem é ele, não sei do que se trata essa vingança. Ele é como o coringa. Sabemos que está nas ruas botando medo em nós, mas nunca se descobre qual sua origem.”

Assinto e Victoria se desprende de mim e corre para o pai, abraçando e pedindo desculpas. Eu entendo Will ficar com o pé atrás com ele, mas foi essa sinceridade dele falar desse desgraçado que inferniza a vida dos Colton há anos, que fez eu me misturar com essa gente perigosa.

Victoria e eu levamos Will até a porta e esperamos ele sair com o carro e lá fora vimos que tinha um carro o esperando. Os seguranças deles sempre estão em outro carro. Eles vão embora e volto para dentro com minha esposa.

Sorrio quando chegamos na sala de estar e ela pisca os olhos do jeito travesso. Já até sei. Hoje tem filme de mulherzinha e cama com ela fofinha e sonolenta me abraçando de madrugada.

“Eu topo, mas não posso ficar até tarde. Tenho trabalho amanhã.”

Ela sorri toda feliz e assente. Me empurra para a parte maior do sofá, onde ficamos com as pernas esticadas, escolhe um filme e enquanto passa os créditos vai buscar a manta para nos cobrir no quarto.

Vinte & Nove

Victoria

TERÇA-FEIRA, 02 DE MARÇO DE 2014.



“AMOR.” O SUSSURRO NO MEU OUVIDO ME FAZ Sorrir. Ethan deixa um beijo suave na minha cabeça. “Querida?”

“Hmm...” Resmungo.

“São oito e meia, já estou indo.”

Me viro na cama e abro os olhos. Encaro seus maravilhosos olhos azuis turquesa que me deixa derretida por ele. Ergo os braços, dando uma leve espreguiçada e deixo-os cair nos ombros do meu marido sexy. Puxo ele para baixo envolvendo seu pescoço.

“Não ia me dá um beijinho antes de ir?” Finjo estar magoada.

Ele ri e beija meu nariz. “Claro que sim Sra. Brown.”

Seus lábios raspam nos meus carinhosamente e enfim encostam os seus totalmente em minha boca. A língua contorna a beiradinha e se enfia dentro da minha boca. Fecho olhos enquanto ele me dá um beijo intenso e apaixonado como sempre e faz meu coração acelerar. Gemo em sua boca e ele também. Sinto-o se afastar de mim e de olhos fechados sorrio.

“Quero mais.” Sussurro.

“Sempre.” Ele diz me dando um selinho rápido. “Mas não posso.”

Abro os olhos e enfio as mãos por dentro do seu paletó cinza escuro. Ele está todo lindo, cheiroso, de terno cinza, camisa social branca — com os três botões abertos na gola, sem gravata — e os cabelos penteados de leve.

Rio abertamente e deixo uma mão correr pelo seu corpo... Para cima até chegar em seu rosto e então enfio os dedos nos cabelos do meu ursão sexy, fazendo-o soltar sua gargalhada rouca.

“Sabia que você ia fazer isso.” Murmura rouco e fecha os olhos.

“Eu prefiro você assim. Fica com cara de quem acabou de me deixar morta na cama. Sexy.”

Ethan ri e abre os olhos me fitando com divertimento. “Você está tão *assanhadinha*, Victoria. Fica tentando me seduzir o tempo todo e fala umas coisas...”

“Coisas?” Pergunto fingindo inocência.

“Que me deixam com tesão e louco pra te deixar *morta* realmente embaixo

de mim.”

Dou risada e seguro o rosto dele, sentindo a barba, um pouco fofa agora, nas palmas das mãos.

“Eu quero ficar morta. Quero que você faça isso...agora.”

Ele sorri e beija rápido minha boca. “Está bem, mas preciso ir. Mais tarde nós ficamos no quarto, na banheira, no tapete...”, termina beijando meu pescoço. “Na casa toda.” Sussurra no meu ouvido e com um movimento rápido ergue o corpo.

“Não trabalhe demais e me ligue.”

Ele assente. Sento-me na cama e observo pegar a pasta em cima da mesa onde fica o notebook e passando a mão no paletó, ajeitando.

“Ethan?”

“Sim, querida.” Ele se vira para mim.

“Traz uma coisa pra mim?”

“O quê?”

Saio da cama e fico na frente dele arrumando a gola da camisa.

“Sabe o restaurante que o pessoal da empresa costuma comer?” Ele assente. “Você pode trazer para mim de lá um pedaço da torta de limão. É mais para um mousse... mas eu quero muito comer.”

“Se tiver, claro que trago.”

Sacudo a cabeça, afirmando. “Sempre fazem. É o doce da ‘casa’, nunca falta.”

Ele ergue as sobrancelhas. “Certo. Vou trazer pra você.”

Fico contente e um pensamento passa em minha mente. Respiro apressada e digo:

“Manda alguém ir. Não vai você. Não fica dando mole pelas ruas. Eu vou ficar preocupada e mesmo com desejo de comer essa torta, eu prefiro ficar sem comer do que colocar você na rua por bobagem.”

“Victoria.” Ele acaricia meu rosto com a mão livre. “Não fique preocupada comigo. Vou me cuidar e se eu sentir algo estranho. Peço para Debora ir comprar a torta e meu almoço.”

“Perfeito.”

“E você se comporte e se for mesmo pegar suas coisa, não pegue peça.” Ele espalma a mão na minha barriga. “Você não pode.”

Sorrio e levanto o rosto fazendo um biquinho que ele beija de leve.

“Prometo me comportar.”

Ele afasta o rosto do meu, sorri e acaricia meu braço. “Sinta minha falta e ligue pra qualquer coisa.”

“Já estou sentindo” digo sorrindo, “e vou ligar se precisar.”

Ethan me agarra pela cintura com um braço só e me dá um beijo maravilhoso de deixar as pernas bambas. Sorrindo para ele o levo até a porta do quarto e só volto a entrar quando ele desce as escadas e eu não posso mais vê-lo. Ele não quis que eu o levasse na porta de casa. Poxa!

Viro-me para nossa cama e parece que ela chama meu corpo. Meus olhos parecem ter vontade própria e quando deito logo volto a pegar no sono de novo.



QUANDO ACORDO À SEGUNDA VEZ, meu estômago que é o responsável. Sinto um enjoo horrível, um que eu não sofro há dias. Corro para o banheiro e vômito tudo que tenho direito e não tenho. Tomo um grande fôlego quando consigo me recuperar e apromo a postura com as mãos na lombar.

Rapidamente viro-me para o meu reflexo nos vidros do box. Estou suavemente curvando a coluna para trás, estufando a barriga e como tem um leve volume agora, parece maior. Passo a mão na minha barriga e penso em voz alta:

“Ah minha nossa. Isso é tão posse de grávida.”

Balançando a cabeça e rindo vou lavar a boca. Dentes escovados, cabelos escovados, roupão devidamente me cobrindo, saio do quarto para tomar café.

Encontro uma mesa de café da manhã repleta de variações, mesmo que eu já tenha minhas preferências. Isso tem dedo do meu marido nada romântico e exagerado.

Sento e logo pego um copo, coloco sujo de laranja fresco. O néctar dos deuses e tomo um grande gole. Sorrio para Ruby vindo da cozinha e deixando na mesa à minha frente um prato de mingau de aveia com frutas vermelhas.

“Nossa. Isso parece muito bom.”

“A maioria das mamães gostam de mingau na gravidez.” Ela diz com carinho e afagando meus cabelos. “Dormiu bem?”

“Sim, mesmo sentindo a falta do Ethan quando voltei a dormir mais um pouco.”

“Vocês não se desgrudam.”

“Não consigo. Ele é lindo demais. Vicieei completamente.”

Ela ri afetuosamente e me dá uma colher.

“A senhora deseja algo especial para o almoço?”

Olho para ela mostrando meu descontentamento com o *senhora*, mas não vou levantar esse tópico para o nosso diálogo. É perda de tempo.

“Não precisa.” Sirvo um pouco do mingau na colher e enfio na boca. “Hmm...” Gemo saboreando o gosto e volto a falar quando engulo. “Provavelmente vou acabar almoçando na casa dos meus avós, na minha antiga casa.” Ruby assente atenta. “Vou buscar minhas coisas hoje lá. Não tudo de uma vez, mas algumas coisas e outras vou preparando para trazer aos poucos.”

“Que felicidade.” Ela diz entusiasmada. “Quer que eu vá com você?”

“Seria bom, mas eu estava pensando”, pausa para engolir. Não gosto de falar de boa cheia. “Você poderia ajeitar pra mim o antigo quarto do Ethan?”

“Sim, claro.”

Sorrio e continuo: “Por enquanto algumas coisas vão ficar lá. Nós vamos aumentar o closet do nosso quarto para caber minhas coisas e as dele.”

“Claro que faço Victoria, mas eu acho o closet do quarto principal tão grande.”

Solto uma risadinha envergonhada. “Você não sabe quanta coisa eu tenho e de qualquer forma, quero arrumar as coisas aos poucos. Eu tenho livros, computador, coisas de maquiagem, banheiro e etc., demais e vou precisar de tempo e cabeça para organizar. Ainda bem que estou dando esse tempo na faculdade. Eu não iria conseguir fazer tudo isso junto e você me conhece, não consigo não colocar a mão no trabalho.”

Ela ri. “Eu sei. Você não é uma fresquinha que só olha, mas agora terá que fazer isso um pouco menos. Não vai inventar de pegar peso hoje.”

“Eu já sei.” Murmuro sorrindo. “Ethan falou a mesma coisa.”

“Ele é um homem sábio e preza por você.”

“Eu sei, Ruby. Eu sei muito bem disso.”

Ela faz um gesto com a cabeça. “Termine de comer tranquila. Vou acabar de fazer umas coisas na casa. Hoje é dia de faxina.”

“U—hum.” Concorro comendo.

“E hoje também vem o homem para trocar o vidro quebrado do bar.”

Respiro fundo e mexo a cabeça exasperada. Aquele vidro quebrado precisa mesmo sair daqui. Me causa um certo tipo de desconforto, uma angustia pelo que aconteceu comigo e Ethan, quando olho para ele lembro daquele dia que eu não gosto de lembrar.

Gentilmente Ruby me deixa terminar meu café da manhã à sós e vai fazer suas coisas. Quando termino vou até a cozinha levar meu prato e o copo. A irmã de Ruby está aqui hoje ajudando a limpar as coisas. Ela pede para eu não fazer nada e como não gosto de contrariar ela, deixo-a fazer seu serviço.

Estou quase subindo as escadas quando vejo Raul carregando uma caixa de papelão para dentro da área de serviço, pelo corredor da entrada dos funcionários. Caminho até onde ele entrou e acabo dando de cara com ele.

“Sra. Brown.” Diz desconsertado recuando para se afastar de mim. “Deseja alguma coisa?”

“Ah... Eu vou para casa dos meus avós.”

“Sim, o Sr. Brown já informou e estou lhe aguardado. Jorge vai conosco para ajudar.”

“Está bem. Vou tomar banho e desço para nós podermos ir.”

“Sem pressa.”

Sorrio e curiosa pergunto: “O que tem na caixa?”

“São matérias de limpeza que peguei no estoque, no galpão da casa. Nada de mais. Hoje é dia de limpeza.”

“Sim, claro. Não sei porque perguntei.”

“Que isso senhora. É sua casa, tem que saber das coisas.”

“Obrigada.” Agradeço sorrindo. “Agora vou...” Aponto para cima, indicando a suíte.

“Estarei aguardando aqui.”

Assinto e viro as costas caminhando para as escadas.

Não sei porque é tão difícil — estranho é a palavra certa — conviver com os seguranças do Ethan sem ele por perto. Me sinto uma intrusa aqui. Como se eles estivessem me espionando para não fazer nada de ruim nas coisas do patrão dele.

Isso é neurose, porque Ethan nunca fez esse tipo de distinção. Desde o primeiro dia aqui, como sua namorada, fui tratada como a dona da casa também. Nunca foi apenas a namoradinha, mulherzinha que ele estava comendo. Então não preciso ficar com esses pensamentos e agora eu sou a senhora dessa casa de verdade. No papel, legitimamente.

Respiro fundo e tiro a roupa deixando em cima da cadeira no banheiro, entro no box. Queria um banho de banheira, mas não quero perder tempo. O dia acaba rápido e tenho certeza que Ethan, nem ninguém, vai querer eu perambulando pelas ruas daqui para a casa dos meus avós até à noite.

Então tomo banho rápido, escolho uma calça jeans, blusa de manga preta, meu casaco de couro e as botas. Roupas que eu levei para Nova York, e minhas mudas de roupas não cansam de se repetir há quase um mês, mesmo tendo feito compras em Aspen.

Pego minha bolsa, só por pegar porque nem tenho celular e saio do quarto deixando tudo arrumado, para Rosa e as outras meninas desarrumarem para arrumar de novo. Dou de ombros. Pelo menos fiz a minha parte.

Descendo vejo Raul ao telefone. Seus olhos ao registrar minha presença ganham outro tom. De cinzas para azuis claros, suaves.

“O Sr. Brown quer falar com a senhora.” Ele diz me passando o aparelho.

Dou uma leve risadinha e pego da mão dele o celular e cumprimento meu marido.

“Oi amor.”

“Oi.” Ele responde com sua voz grossa, que no telefone é intensificada. “Está indo agora para casa do Ryan?”

“E da Elizabeth também.” Completo e digo. “Sim.”

“Está bem, por favor não suba em escadas, mesmo três degraus,” Ethan começa a fazer suas implicações pacientemente e como se eu fosse a Hanna, “não tente pegar nada que esteja mais alto que você. Como uma caixa de sapato no alto. Não pegue peso e por favor, não suba e desça as escadas daquela casa como você costuma fazer. Prometa isso.”

Meu rosto está torcido pelo meu riso. Eu não aguento ele. “Pode deixar que não vou fazer nenhuma dessas coisas.”

“Espero que sim. Se não, não vou conseguir trabalhar aqui em paz.”

“Eu sei, Ethan.” Murmuro.

“Se eu não precisasse resolver as coisas que eu deixei em aberto, eu estaria com você ajudando, mas com certeza assim que acabar tudo aqui, lá pelas cinco, eu te encontro.”

“Tudo bem. Não se preocupe comigo.”

“Impossível e outra coisa, nada de ficar até tarde fazendo essa mudança.” Assinto ouvindo, porque eu sabia que ele ia pedir isso. “No mais tardar até as sete horas. Estourando Victoria!”

“Ok. Está bem Ethan. Eu já sei disso tudo e não estava planejando ficar de noite zanzando de um lado para outro. Fique tranquilo.”

“Ótimo. Ainda bem que eu casei com uma mulher que é esperta e me ouve.”

Dou risada e balanço a cabeça. “Pena que a reciproca não funciona.”

“Às vezes sim.”

“Quase nunca.” Debocho e ele ri do outro lado da linha.

“Pode ser, mas eu te amo e por isso não te ouço. Se eu fizesse isso nós não teríamos nem começado a namorar de verdade, então eu sou um teimoso para o lado do bem.”

Pisco olhos e sorrio como uma boca, mesmo ele não vendo. “É verdade. Por isso eu deixo você ser como é. Sempre admirei sua teimosia.”

Ele ri, mais baixo agora e murmura concordando. “Certo. Eu preciso desligar agora, mas qualquer coisa — ”

“Eu ligo.” Completo, cortando-o. “Já sei querido.”

“Está bem Sra. Brown. Até daqui a pouco. Te amo, anjo.”

“Oh! Seu lindo. Te amo e não esquece o mousse.”

“Não era torta?”

“Dá no mesmo.”

“Se você diz.” Ele fala com desdém. Mando um beijo antes de ele desligar.

Entrego o aparelho para Raul de novo e o flagro com um sorrisinho no rosto, a cabeça baixa e as orelhas vermelhas. Reviro os olhos porque eu sei o motivo disso. Os seguranças sempre ficam tímidos quando eu e Ethan somos apaixonados, menos Ken que segura a barra desde o início. Nunca vou esquecer aquela noite na boate. Ken me ama com certeza.

“Raul?”

O segurança pessoal meu e do Ethan, especificamente, levanta o rosto atento a mim.

“Podemos ir? Cadê Jorge?”

“Aqui madame.” O próprio me respondi vindo da direção da porta principal da casa.

“Então vamos?” Pergunto baixo e eles assente.



ESTOU COM FOME DE NOVO. Não posso acreditar nisso. Não faz nem duas horas que almocei. Sei que estou grávida, mas nunca senti tanta fome assim. Margot tira mais uma roupa do armário é um vestido de verão com tiras e flores na bainha que bate nos meus joelhos.

Oh meu Deus.

Levanto da cama e vou até ela antes que coloque na mala para eu levar. Pego o vestido das suas mãos e seguro ao longo do meu braço para ver os detalhes. Foi ele. O vestido que vi Ethan pela primeira vez aqui em casa. Quando eu ainda nem sabia quem ele era ele. Quando nos reencontramos.

Abraço o vestido com uma saudade boba, eu sei, mas incontrolável. Fecho os olhos recordando aquela noite. Ele me esbarrando, seus olhos azuis turquesas fixos em mim e como eu me senti estranhamente bem com sua presença na minha casa. Ele ainda era um estranho, mas eu adorei vê-lo no meu jardim.

“Sabe Margot, vou vestir ele.” Digo sorrindo e entrando no banheiro.

Tiro minha calça jeans rapidamente, porque tinha tirado as botas. Tiro a blusa e visto o vestido ajeitando no meu corpo. Está quase chegando a hora dele vir aqui como prometeu. Estou rezando para que acabe tudo até as seis.

Saio do banheiro com as outras roupas na mão e vejo Margot sorrindo para

mim.

“Você ficou linda.”

“Muito obrigada. Vou guardar essas roupas na minha bolsa por estarem sujas.”

“Deixa aqui. Eu lavo.” A governanta da casa dos meus avós diz me seguindo até minha bolsa na minha cama.

“Não precisa Margot. Não quero lhe dar trabalho com isso, minha casa agora é lá.”

Ela sorri docemente e assente. “Eu sei, mas me custa acostumar com essa ideia. Vou sentir sua falta.”

“Eu também vou.”

“Para quem vou fazer panquecas com morangos?” Pergunta com a voz baixa.

“Oh Margot.” Ando até ela e a abraço. “Pode deixar que sempre que tiver muita vontade de comer sua comida venho aqui te perturbar.”

“Você nunca será capaz de me perturbar. É um prazer lhe servi.”

Sorrio e assinto. “Obrigada de coração e agora”, me afasto dela. “Vamos acabar com essa bagunça. Quero levar alguns sapatos e livros. Sinto falta deles.”

“Então mãos ao trabalho.”

Eu e Margot demos um duro no meu closet. Consegui colocar bastante roupa nas minhas quatro malas de viagem e enchi duas caixas com meus livros favoritos, meu notebook, maquiagem, perfumes e algumas joias. Agora estou esgotada e ajudando a levar tudo para o carro.

Pego a caixa com as coisas mais leves e desço as escadas calmamente. Parece que a voz de Ethan está na minha cabeça me cobrando a promessa de não me envolver demais com o desenvolver de pegar minhas coisas.

Chego ao primeiro andar e caminho para o lado de fora, o carro está bem na frente da porta com a mala quase completamente cheia. Deixo a caixa no bando traseiro e volto para dentro. Sinto um cheiro delicioso vindo da cozinha e como o gato Tom, do desenho animado, persigo o cheiro.

“Nossa que cheiro bom.” Exclamo me aproximando da cozinheira. “O que é isso?”

“É Paella Italiana, senhorita.”

Sorrio com simpatia. “É senhora agora. Eu me casei.” Minha voz é repleta de orgulho e eu levanto a mão mostrando para ela.

“Ah, meus parabéns.”

Assinto e vou até a gaveta pegar uma colher. Talvez ela me dê uma provinha da delícia que está cozinhando.

“Isso está pronto ou quase pronto? Posso experimentar?”

Ela ri e vira-se para mim antes de se afastar um pouco da beira do fogão. “Pode pegar um pouco, mas não pegue do meio. Está fervendo.”

“Obrigada.” Agradeço entusiasmada porque o cheiro é incrível. Coloco a colher, pegando um pouco e enfio na boca. Minha nossa! Arregalo os olhos para Belinda e engulo. “Isso está incrível. Tem camarão, não é?”

“Tem sim. É uma receita de família.”

“Oh que demais. Eu amei. É para o jantar?”

“Sim, senhora.”

Sorrio balançando a cabeça. “Obrigada e você está de parabéns. Vou agora terminar de pegar as coisas e ligar para o meu marido. Hoje eu vou jantar aqui.”

Ela ri alto, mas acanhada e acena com a mão em despedida quando saio da cozinha. Subo as escadas ansiosa para ligar para Ethan do meu quarto. Quando viro a parede que fica no final da escada e para o corredor do meu quarto dou de encontro em Jorge.

Não me sobra tempo para me segurar a alguma coisa. Cambaleio para trás e quando meu pé falha no vazio, no degrau da escada, apenas deixo meu corpo cair.

Nada passa na minha cabeça. Fecho os olhos e sinto meu corpo rolando nas escadas e batendo a cada lance que rolo para baixo. De repente braços me param, segurando com força.

“Victoria?”

Minha respiração falha e meu coração bate forte demais, não consigo pensar. Falta-me ar para falar, pensar e com uma dor muito forte na cabeça... Tudo se apaga em um breu rápido.



DESPERTO COM UM CHEIRO FORTE PRÓXIMO do meu nariz que chega a queimar. Álcool. Espremo meus olhos, piscando com força e então os abro. Porra! Tem uma luz forte bem em cima de mim que queima minhas retinas. Minha nossa.

“Ela acordou.” A voz de uma mulher que eu não reconheço fala e então ela está em cima de mim, pairando.

Dra. Karen?

“Você está bem?”

Franzo a testa, tentando entender porque ela está na minha frente.

“Onde estou?” Pergunto virando meu rosto e tenho a resposta antes de suas

palavras saírem:

“No hospital. Você sofreu um... incidente, podemos chamar assim.”

Assinto, atônica, mas não me recordo de nada. Fecho os olhos e tento lembrar da última coisa antes de estar aqui. Eu estava na casa dos meus avós, arrumando minhas coisas, desci para fazer — não lembro o que — e então quando voltei... Minha Nossa. Eu cai na escada. Meu bebê? Minhas mãos voam para cima da minha barriga.

“Meu bebê?”

“Ele está bem, Victoria.” A doutora assegura.

“Eu caí na escada.” Murmuro e Jorge surge ao meu lado:

“Eu sinto muito, senhora. A culpa foi minha.”

Olho-o, ainda confusa e balanço a cabeça. “Não, não foi sua culpa.”

“Foi sim. Você esbarrou em mim e eu te derrubei. Você rolou alguns lances de escada e graças a Colen não foi pior.”

“Colen?”

“Sim.” O próprio responde vindo do canto do consultório. “Por sorte eu estava subindo naquela momento e a segurei há tempo de não rolar a escada toda e ficar muito machucada ou até quebrar o pescoço.”

Engulo seco, sentindo meu coração acelerar a mil por horas. Estou assustada e preocupada. Afago minha barriga e foco na médica.

“Tem certeza que meu bebê está bem, doutora?”

“Sim. Você sofreu um pequeno sangramento, por causa da pancada e o susto, mas está tudo bem. Eu fiz uns exames e é claro que vou fazer outro agora que você acordou.”

Assinto automática.

“Você sente alguma dor?”

Me concentro no meu corpo e mexendo calmamente os braços e as pernas, sinto um dor nas costas.

“Minhas costas doem e minha cabeça também.”

“É normal. Você bateu direto com as costas, pelo que me contaram e foi muita sorte mesmo o outro homem aparecer e você não sofrer um aborto. Cair da escada em qualquer hipótese é perigoso, mas grávida é muito mais preocupante. Você realmente deu sorte.”

Eu sei. Aceno com a cabeça, concordando e minhas mãos protetoras ficam em cima da minha barriga até ela pedir para eu levantar o vestido. Jorge e Colen esperam do lado de fora enquanto a médica faz uma ultrassom.

“O bebê está bem e olha.” Ela aponta para o borrão na telinha. “Eu acertei daquela vez e no caso agora você está com dez semanas.”

Sorrio aliviada e feliz, mesmo preocupada com meu marido. Ethan vai fazer

um show.

“Tem como saber se é menino ou menina?”

Karen me olha com a expressão neutra, porém não feliz. “Infelizmente está cedo demais. Lá pela décima segunda, décima terceira semana já tem como saber melhor.”

“Ah.” Murmuro nenhum pouco entusiasmada.

“Mas tem como saber por um exame de sangue sexagem fetal.”

“Jura?” Agora sim estou feliz.

“Sim. Este exame de sangue detecta o sexo do bebê, é um teste que serve para isso, detectando a presença ou não de células do cromossoma Y, no caso; masculino, no sangue da mãe. O exame tem cerca de noventa e nove chances de determinar o sexo do feto. Não é muito praticado, pois é muito caro e nenhum convenio e rede pública cobre. Tem que ser pago.”

“Isso não é problema doutora.” Afirmo interrompendo.

Ela sorri e assente. “Certo, então. Vou pedir para colherem seu sangue e a espera é de cerca de cinco dias úteis para o resultado ficar pronto.”

“Cinco dias é melhor do que mais três semanas de espera.”

Ela sorri. “Mas você entendeu? Se não tiver nenhum cromossoma Y, é menina. Porque só terá o X.”

“Entendi perfeitamente.”

“Okay. Vou pedir para minha assistente tirar seu sangue e então você pode ir.” Afirmo com a cabeça. “Você tem certeza que não está sentindo nada?”

“No corpo não.”

Ela franze a testa voltando a fitar meu rosto e deixando a máquina de ultrassom de lado.

“Meu marido vai ter um troço quando souber da escada.” Explico em voz baixa.

“Ele tem razão de ficar preocupado. Foi realmente uma sorte.”

Aperto os lábios em lamento. Eu sei que foi uma sorte, mas conhecendo Ethan como conheço. No primeiro momento ele só vai saber de ficar nervoso e irritado, então depois que a adrenalina passar, vai me abraçar e dizer que me ama e sente muito. Por isso não foi retrucar quando ele brigar comigo.

Assim que a doutora sai, sua assistente entra e colhe rapidamente meu sangue. Ela diz para eu me ajeitar e antes de ir falar com a médica.

Calmamente levanto da cama. Ai merda que dor nas costas. Por que eu não vi o Jorge? Inferno. Vou até o banheiro e me olho no espelho. Estou com a aparência horrível. Meus cabelos estão uma bagunça e bem do lado do meu rosto tem um hematoma. Ah não. Ethan vai querer matar um hoje.

Pego um lenço de papel, umedeço e passo no rosto. Estou quente, me *sinto*

quente e grogue. Será que ela me deu alguma coisa? Respiro fundo, jogo o papel no vaso e saio. Não estou com bolsa e nada.

Entro no consultório onde fica a mesa dela. A doutora me dá uma receita; remédio para dor muscular, de cabeça, pomada para as supostas luxações — que eu posso muito bem usar arnica — e mais vitaminas para o bebê.

“Obrigada, doutora.”

“Não foi nada. Eu esperava lhe ver em breve, mas não esperava ser nessas condições.”

“Ah! Eu também não esperava, viu.” Digo com desdém, mas humorada e ela sorri. “A senhora me deu alguma coisa? Me sinto zozza.”

“Sim.” Responde sorrindo. “Dei um tranquilizante para você chegar em casa e dormir. Você precisa repousar para não acontecer nada. Sua queda foi um verdadeiro milagre, mas não abuse da sorte.”

“Eu sei, me desculpe.”

“Não se desculpe Victoria. Acidentes acontecem, mesmo eu não gostando desse tipo de acidente com minhas pacientes e já que você está aqui. Quando peguei os resultados do seu exame de sangue hoje, suas plaquetas estão estáveis, na verdade, você está muito bem.”

Solto o ar por contentamento. “Que maravilha.”

“É sim e fico feliz que você seguiu minhas ordens.”

Dou de ombros e sorrio.

“Agora vá e se cuide, não quero lhe ver tão cedo.”

Dou risada e com um aceno de cabeça me encaminho para a porta, mas antes de sair ela pergunta:

“Você está fazendo o pré natal? Já tem uma obstetra?”

Com vergonha volto-me para ela. “Na verdade, não. Minha vida tem sido uma bagunça e o único médico que vi foi em Aspen, onde descobrir que estava com oito semanas e fiz uma ultrassom-vaginal. Eu não procurei ainda um médico.”

“Eu desconfiava, por isso marquei uma consulta com meu irmão. Ele é obstetra e pediatra. Vai lhe atender semana que vem. Quarta-feira. Espero não ter me intrometido muito.”

“Oh não.” Exclamo, dando uma risadinha. “Muito obrigada pela consideração. Obrigada mesmo e eu vou na quarta. Já estava em meus planos procurar alguém.”

“Que bom então, agora você tem.”

Trocamos um olhar e fechando a porta, damos até logo.

“Você quer uma cadeira de rodas? Eu posso pegar uma para senhora.” Jorge fala comigo como se eu fosse quebrar e as mãos não sabem o que faz. Ele mexe

elas estranhamente. É engraçado. Parece querer me pegar, ou tocar, mas não faz.

“Fique tranquilo Jorge. Estou bem. Só me leve para casa.”

“Certo. Certo senhora.” Ele fica do meu lado e o braço atrás de mim, sem me tocar. “Vamos.”

Sorrindo para o seu estado catatônico caminho ao seu lado. Chegando no carro, Colen está no motorista e o celular no ouvido. Parece estar falando com alguém que o faz feliz, contudo, ao me ver chegando, encerra a ligação e liga o carro. Percebo que atrás do carro está Raul em outro carro. Para manter a escolta.

Colen é tão enigmático, chega a ser irritante. Ele ainda me causa arrepios, mas tento não pensar nisso. Ele é nosso amigo e está aqui para ajudar e o que disse ao meu pai é verdade. Ele é um cara legal, amedrontador, mas legal.

“Vou me deitar aqui atrás. Está bem?” me dirijo a Jorge segurando a porta do carro.

“Claro madame. Vou na frente com Colen.”

Assinto e entro no carro. Com cuidado, para a dor das minhas costas não irradiar pelo corpo todo, me deito no banco traseiro com as pernas dobradas e o braço do lado do encosto, embaixo da minha cabeça. Ouço a porta da frente bater quando Jorge entra.

Colen rapidamente sai do estacionamento do hospital onde fica o consultório da doutora Russel e escureceu.

Me dou conta de que eles me trouxeram para cá e não tem ninguém com eles. Primeiro; por que justamente ela me atendeu? E segundo; cadê pelo menos minha avó? Eu estava na casa dela.

“Por que me trouxeram para cá?”

“Porque foi aqui que você e o senhor Ethan ficaram daquela vez.” Jorge responde virando-se para mim. “O problema da academia.”

“U-hum.” Assinto automática. “Sim, claro. Mas por que ninguém veio com vocês? Digo, minha família. Nem minha avó. Eu estava na casa dela.”

“Quando você caiu, não tinha ninguém na casa. Margot queria vir, mas eu insisti para ela ficar lá e avisar a eles caso chegassem antes de nós e...” ele pausa, envergonhado, “fosse grave.”

Murmuro, concordando. “E vocês já ligaram para ela e contaram que não foi nada demais?”

“Sim.” Colen se dirige a mim. “Eu liguei assim que a médica disse que você e o bebê estavam bem.”

“Espera aí.” Falo em cima dele. “Você disse a Margot que estou grávida?”

“Não!” Jorge e Colen falam junto, mas meu segurança, completa: “Eu pedi para Colen não contar os detalhes. Só dizer que você passava bem.”

Meu coração desacelera, mas sei que a próxima perguntava vai fazê-lo disparar.

“E para o Ethan?”

Jorge deixa de me fitar, olhando para frente. Para as ruas longas e com palmeiras que os olhos não conseguem às vezes alcançar a última folha e o céu azul mais claro. Os carros do lado de fora fazem seus ruídos e sons. Não me concentro neles. Preciso saber do meu marido.

“Você contou não foi.” Pergunto, afirmando. Jorge continua contemplativo e Colen tamborila os dedos no volante quando paramos em um semáforo. “Me passa o telefone Jorge? Me empreste seu celular. Por favor.”

Sem nenhuma palavra ele me passa o aparelho. Focando em nada, a não ser no ícone de telefone azul, aperto ele. Disco os números do celular do meu marido e em poucos toques a voz do meu marido aparece estridente e irritada.

“O que foi Jorge? Onde vocês estão? Já levou ela — ”

“Oi.” Corto-o. “Sou eu amor.”

“Ainda bem que é você. Estava querendo mesmo falar com você e fico contente que esteja bem o suficiente para eu lhe dar um esporro.”

Meus olhos se arregalam.

“Você tem noção das coisas? Eu não disse para você ficar quieta e não fazer nada.”

Abro a boca para falar, mas ele não deixa.

“Eu estou aqui cheio de coisas para fazer e nervoso. Não fui para o hospital assim que soube porque eu realmente não podia, mas quase tive um derrame. Quer me matar Victoria?”

“Ethan — ”

“Eu pedi uma coisa simples. Não pegue peso...”

“Ethan?” Tento de novo.

“Não fiquei subindo em coisas. Não corra e não suba a escada daquela casa como uma louca...”

“Amor?”

“E você fez tudo ao contrário. Pelo amor de Deus Victoria.”

“Ethan!” Grito para fazê-lo parar.

Isso o silencia, escuto sua respiração do outro lado e solto a minha com força e fecho os olhos exausta e grogue do sedativo.

“Foi um acidente. Não esperava cair na escada.”

“Mas caiu e quase me matou do coração.” Sua voz está baixa e mais rouca do que o normal de tanto gritar.

“Eu sei.” Murmuro e coloco o braço em cima do rosto. “Foi só um susto. Estou bem.”

“E o bebê? Vocês dois estamos bem?”

“Sim Ethan. Eu sofri um sangramento, mas não foi nada demais. A doutra Russel disse que é normal pelo que aconteceu.”

Ele arfa com força e escuto o barulho da cadeira do escritório. Acho que ele se levantou.

“Queria ter ido ficar com você, mas estava prestes a entrar em uma reunião importante. Não pude mesmo ir e Jorge só me disse que você estava no hospital porque desmaiou. Colen que me contou depois direito o que houve.”

“U-hum. Entendo. Foi bom mesmo o Jorge não contar tudo.” Fito meu segurança e ele se vira para mim com cara de lamento. “Foi minha culpa, eu-eu... escorreguei no... na... no tapete da escada. Foi muito rápido.” Gaguejo minha mentira. “Quando vi, pisei em falso e caí. Colen me segurou há tempo, mas desmaie pelo susto.”

Ethan faz um som parecido com um rugido e solta o ar, novamente. Com certeza está tento uma luta interna de não esbravejar a raiva em cima de mim.

“Você tem que prestar mais atenção, Victoria.” Diz ele irritado.

“Eu sei.” Balbucio. “Foi minha culpa.” Assim que digo, Jorge cerra a mandíbula e me dá um olhar descontente antes de se virar para frente.

Eu não posso contar a verdade para Ethan. Ele vai brigar com Jorge, e feio. Comigo ele grita, faz um show, briga, mas depois pede desculpa. Nós sempre ficamos bem e mesmo que agora tenha sido um problema ‘quase’ grave — por sorte, muita sorte não foi. Ele vai me perdoar.

“Me desculpe.” Peço baixinho.

“Está certo e eu só quero o seu bem.”

“Eu sei.”

“Vou chegar em casa daqui uma hora. Tenho que termina umas papeladas aqui e então vou para casa.” Assinto ouvindo-o. “Quero chegar em casa e ver você deitada Victoria Rose Leiwns Colton Brown.”

Não consigo deixar de rir ao ouvir meu nome todo, que agora é muito mais bonito com o sobrenome dele.

“Vou mesmo descansar. Estou muito zonza.”

“Por que? Está se sentindo mal?” Ele fala disparado e eufórico. “Volte para o hospital agora.”

“Não, não querido. A médica me deu um sedativo. Parece que todo mundo adora fazer isso comigo.” Dou uma risadinha. “Vou me viciar e depois não adianta reclamar.”

“Deus me livre.” Diz, brincando. “Agora chegue em casa e me ligue. Certo? E...”

“E o que?”

“Ligue para sua mãe.”

“Aí, não. Você contou para ela?”

“Margot contou e ela entrou no meu escritório, enlouquecida, preocupada com você”, noto a censura na sua voz, “e quase foi para o hospital, mas você já corria bem.”

“Que bom que não foi.” Digo, mesmo que se tivesse alguém da minha família comigo eu iria me sentir melhor. Não que a presença de Jorge e Colen não tenha feito.

“Está bem, querida. Vou precisar desligar agora. Tem uma ligação na espera e tenho que atender.”

“Claro, amor. Sem problema.”

“Eu te amo e por isso quero seu bem.”

Sorrio concordando com a cabeça. “Eu sei e amo você por isso.”

Ethan sorri baixinho e murmura algo para alguém. “Tenho que desligar.”

“Okay. Amo você.”

“Amo mais você, meu anjo.”

Com pesar desligo e estico o braço para Jorge pegar o aparelho.

Alguns minutos depois percebo pela janela do carro — que mesmo que do lado de fora seja espelhada e não deixe ninguém ver nada do lado de dentro — posso ver que as árvores do caminho que Colen tomou é diferente.

Notando isso, me sento — vagarosamente, feito uma velhinha com problemas na coluna. Franzo a testa. Por que seguimos o caminho da avenida Hollywood? — que em breve chegará na calçada das estrelas. Não entendo. A clínica fica em Beverly Hills e o caminho é fácil para casa. Praticamente é como seguir em linha reta e então chegamos em Hollywood Hills, pegamos a entrada e rapidamente estamos em casa, após subir um longo caminho as montanhas.

Mas seguimos direto, passamos a entrada.

“Colen?” Anuncio de forma que ele sente minha interrogação.

“Fique de cabeça baixa, por favor, Victoria.”

O vinco da minha testa fica mais apertado e eu viro meu rosto para trás, olhando para fora. Estamos de fato entrando na avenida da calçada das estrelas, o que quer dizer que é muito longe de casa. Não estamos exatamente correndo ou devagar. Tem vários carros na rua, como de costume e estamos seguindo o trajeto na mesma velocidade que eles.

Viro-me para Colen e Jorge. “Qual o problema? Falem de uma vez.”

“Estamos sendo seguidos.”

Seguidos? Oh céus! Não. Sinto como tivesse ganhado um soco no meio do peito. Meu coração dispara e imediatamente minhas mãos começam a suar. Meu Deus. Não pode ser.

“Você tem certeza?” Minha voz soa baixa e arranhada.

“Sim. Desde que passamos de Beverly Hills, o sedan preto com um riscado na capota está atrás de nós.”

“Pode ser coincidência de percurso.” Falo, sem certeza alguma.

Olho para trás a procura do carro e eu o acho na frente do carro de Raul. Ele conseguiu ultrapassar minha escolta. *Oh não. Por favor.* Isso é um sonho.

“Nós mudamos de ruas quatro vezes até chegar nessa aqui e ele veio atrás.” Colen afirma e Jorge diz em seguida:

“E eu confirmei a placa enquanto a senhora estava falando com o senhor Ethan.” Ele se vira para mim. “É clonada.”

Volto a me sentar e aprumo a postura — por nervoso — e fito Jorge, ainda virado para mim.

“E agora?” Murmuro sentindo o coração enfraquecendo.

“Fique calma que vamos conseguir despistá-lo.”

“Ou se não, vamos entrar em modo de perseguição.” Colen diz sério.

Jorge olha para ele, confuso assim como eu.

“Como assim?” Pergunto.

“Você vai ver,” Colen responde trocando um olhar rápido com Jorge e comigo pelo vidro retrovisor do meio do carro, “caso não tenhamos outra escolha.”

“Você precisa me explicar melhor isso Colen.”

“Agora não e quero que você se abaixe. Fique quieta aí atrás.”

Fico um pouco em choque como ele me ordenou. Respiro fundo e faço o que pediu, mas não desisto. “Me fala essa coisa de modo de perseguição, por favor.”

Colen respira fundo e meneia a cabeça parecendo irritado. “Eu e Ethan tínhamos conversado sobre uma possível situação como estamos agora e como lá em Las Vegas, quando os meus rivais entram em ‘batalha’ com minha família, há uma perseguição, nós acionamos reforços, que são parceiros e eles entram no caminho, fazendo uma confusão na qual o jeito é parar antes que piore tudo. Isso que poderá acontecer aqui.”

“Como assim?”

“Eles entram no caminho”, sua voz soa esporadicamente, “para confundir quem está seguindo. Se bem que em Las Vegas nos trocamos tiros e etc., mas aqui eu posso apenas chamar os seguranças, reforços espalhados pela cidade.”

Assinto e murmuro baixinho um; *entendi*. Porém eu estou bem longe disso. Na realidade eu não entendi em um todo. Estou nervosa demais para compreender esses esquemas de máfias e registrar com exatidão as palavras dele; *trocamos tiros*.

Ai meu Deus. Será que meu pai estava certo e eu não deveria confiar em Colen de *olhos fechados*? Será que Ethan também não deveria?

Não. Não pode ser. Eles são amigos desde que Ethan entrou na faculdade, isso têm anos. Colen não pode ser um cara mal — quer dizer, não conheço, porque um mafioso sempre é mal. Ele pode até me dá medo, mas não quero acreditar que ele é ardiloso. Eu tenho que confiar nos meus seguranças. Meu pai confiou minha vida a eles, Ethan confia em Colen e meu avô também confia nos seguranças.

Meu coração está pedindo para não ficar com esses pensamentos agora. Eu confio neles, mesmo que de quem eu mais preciso e acho que me protege com tanta fúria quanto minha família, não esteja aqui agora — Ken. Preciso de Ken.

Respiro fundo e fecho os olhos. O carro ganha a altura da minha primeira escola, paralela à avenida Hollywood, onde estamos. Vejo o hotel que é feito as premiações de Hollywood, o teatro que eu gostava de ir quando pequena e tudo está se distanciando, pois parece que Colen acelerou um pouco mais. Ele corta os carros e meu corpo — deitado no bando traseiro — samba de um lado para o outro a cada ziguezague do carro. Empurro com os pés a porta e deixo meu braço em cima da minha cabeça para não machucar e assim me ‘prendo’ e meu corpo para de sacudir e eu não corro o risco de cair no vale entre os bancos no assoalho do carro.

Surpreendendo todos e ganhando buzinas e xingamentos, ele entra em uma rua — justamente a da minha escola primaria. Deitada vejo o céu e o letreiro do nome da escola. Fecho os olhos com força.

Um calafrio corre por meu corpo e logo sinto uma sensação febril da espinha até a nuca. Respiro fundo e tento me acalmar. *Minha nossa* — penso franzindo a testa e com vontade de chorar, mas não acontece. Meus olhos estão secos e não sinto as reações naturais de quando vou chorar. Apenas estou com medo. Vê essa escola me deixou em inercia com tudo. Estou perdida entre o medo e as lembranças. Boiando em alto mar com tubarões querendo me pegar. Sei que foi anos atrás, mas aquele dia vem em minha mente detalhadamente. Foi aqui.

E eu não quero estar aqui.

Não no lugar que fui pega e me levaram por três infernais dias. Que me tiraram da minha família e apenas em pensar nela agora, fico mais e mais apreensiva. Tenho medo de que se me levarem agora estarei sozinha, sem ao menos minha mãe, mesmo que eu tenha meus seguranças que servem para me proteger e eu confio. Isso não é suficiente.

Eu não estou pronta para que isso aconteça. Pronta para sofrer aquilo de novo e eu não quero dar adeus nunca a eles. Nunca! Não estou pronta. Minhas

lágrimas caem quentes tão de repente como uma chuva de verão que chega com trovejadas sem avisar e meu coração se aquece de forma dolorosa. Aperto os olhos e lembro de Ethan:

“Isso não justifica eu ser grosso com você Victoria e não ter dado atenção corretamente a você. Afinal nossas famílias são amigas.”

Dei de ombros. “Sem problemas. Agora a gente pode mudar isso. Se você quiser.”

“Eu quero.” Ele disse me olhando profundamente nos olhos.

Naquele momento algo se transformou dentro de mim. Se ascendeu ao fitar seus intensos olhos azuis turquesa.

“Okay e só para você saber. Praticamente ninguém me chama assim. Na verdade, só me chamam de Victoria quando querem me dar uma bronca.”

Rimos e ele perguntou:

“U-hum. Então como lhe devo chamar?” Como mágica, uma pausa se formou no tempo e ele pronunciou: “Princesa?”

Senti algo cutucar a boca do estômago. Meu coração acelerou e engoli em seco antes de dizer:

“Não. Me chame de Vic. Se quiser.”

“Certo, Vic.”

Ele nunca me chamou de Vic, mas... Ethan me olhou naquele jardim, naquele momento como soubesse como seria tudo. Talvez fosse cedo demais para se apaixonar por alguém, tão inesperadamente, mas eu senti algo sim por ele naquela jardim. Algo mágico. Algo que hoje sei que é meu puro e mais profundo amor por alguém.

Soluço, sentindo as mãos tremerem e abafando o choro com as próprias. Não! Eu não posso perder isso agora. Ele não pode me perder. Eu não estou pronta. Nunca vou estar.

Eu tenho tanto ainda para viver com meu marido romântico e protetor. Eu tenho nosso *pingentinho* que amamos tanto e queremos tanto. Preciso tê-lo mais um pouco, mais como uma vida inteira, mesmo que *ela mesma* não seja suficiente. Nunca será suficiente e se me pegaram agora, será muito pior. Não sei o que vão fazer. O que querem comigo.

As lágrimas escorrem livremente e eu aperto minhas mãos que estão no rosto, chorando baixinho. Preciso me acalmar e acreditar que tudo ocorrerá bem. Jorge e Colen vão me tirar daqui. Eles têm que fazer isso.

Lembro do dia da academia e os seguranças desesperados para me proteger e dar a vida por mim. E eles fizeram. Sebastian ainda é um remorso que vou

levar para minha vida. Ele morreu por mim e mesmo que falem que era o dever dele, eu não posso achar normal e não me sensibilizar com a situação. Alguém morreu me protegendo e isso é grandioso demais. Não é pouca coisa.

Quero, preciso, estou desesperada para sair dessa perseguição agora e de todo esse inferno que é minha vida, porém não mais as custas da vida de ninguém. Não quero que mais nenhum dos meus seguranças morra.

“Perdemos Raul.” A voz de Jorge me desperta e ao registrar suas palavras me sento rápido.

“O que?” Pergunto e olho para trás.

Estamos de volta na avenida Hollywood e atrás de cinco carros está o Honda preto com o riscado e não tem sinal do carro do segurança do meu marido, que agora é meu também. Ethan disse que não precisava e mandou Raul ficar na minha cola. Ele tenta confiar cegamente nos seguranças que papai designou para mim, mas não consegue. Ele só confia em Raul e Ken.

“Ele deve ter ficado para trás.” Colen deduz.

“Será?” Questiono nervosa. *E se aconteceu alguma coisa com ele?* — penso e já sinto o remorso. Ah não. Ele tem que estar bem. Ele é forte, ex combatente e muito minucioso.

“Com certeza. Raul deve ter um plano, vamos aguarda.” Jorge afirma. “Agora fique calma e deite. Você não deveria estar passando por isso agora.”

Assinto e mesmo que eu queria dizer que é impossível eu relaxar, ele tem razão. Eu não deveria estar sofrendo essas emoções. Não depois de cair de uma escada, bater de cabeça e grávida. Meu coração se aperta e coloco as mãos na minha barriga quando me deito de volta no banco.

Vai ficar tudo bem filho. Nós estaremos com papai daqui a pouco. — Solução. — *Confia em mim. Vamos ver ele em breve.* — Digo isso para o meu bebê, e para mim, e espero não estar contando a primeira mentira para o meu filho. Não porque eu precise que minhas palavras sejam verdadeiras e sim porque eu mesma preciso acreditar nisso.

“Merda.” Colen reclama e corta um veículo com tanta velocidade que bato de cabeça no encosto de braço da porta. Espremo com força os olhos pelo reflexo da dor na minha cabeça e solto um gemido de dor.

“Tudo bem Victoria?” Ele pergunta.

“Sim, sim. Eu só bati a cabeça.”

“Hun”, Colen resmunga. “Desculpe. O filho da puta está se aproximando do nosso carro e eu quero deixá-lo pelo menos dois carros de distância. Não sei do que ele está disposto e não quero correr o risco. Você está no carro e Ethan me mata se eu arriscar vê o que esse desgraçado quer.” Ele diz sem pausa, sem respirar e com ódio na voz.

Engulo em seco e meu pulso acelera com as novas informações. Eu não estou bem. Estou apavorada com a aproximação do carro. Junto as mãos em cima do meu peito e rezo com mais força. Deus não deixe que nada me acontecer. Por favor não! Me viro de barriga para baixo, de modo que estou mais firme no banco. O carro está correndo agora e escuto Colen falar pela escuta no ouvido e Jorge ao telefone. Eles estão tentando despistar o carro que nos persegue, mas ainda estamos em ruas movimentadas, então fica difícil.

Me concentro em manter meus nervosos razoavelmente calmos, porque não dá para não sentir nada agora. *Nossa!* Primeiro eu nunca pensei em me casar, construir uma família e ter filhos. Quero dizer, pensar eu até pensei, sonhei e brinquei com minhas Barbies que um dia eu seria feliz como nas novelas e filmes, mas nunca achei que conseguiria e agora... Agora eu estou passando por todos os tipos de medo que não desejo a ninguém. Que uma mulher grávida não deveria estar passando.

Eu deveria estar curtindo meu bebê com meu marido. Deveria estar preparando o quartinho dele, fazendo o pré natal, escolhendo nomes e feliz por ser tão abençoada, mas não, estou sofrendo e com medo. Balanço a cabeça e choro baixinho para ninguém ouvir. Eu não quero que meu pesadelo se torne realidade. Eu não quero perder isso tudo. Não quero perder meu bebê.

Eu quero tanto, tanto ver ele nascer e nos braços do meu amor. Quero o menininho que esteve em meus sonhos correndo na praia tão igual ao seu pai, vindo para mim. Quero que ele herde as qualidades encantadoras do seu pai. Ser tão apaixonado, intenso e com amor de sobra dentro do peito. Que respeite e ame sua família incondicionalmente. Quero ele correndo atrás do Ethan e abraçando as pernas do pai pedindo atenção intensiva porque ele é carente e apaixonado pelo homem de olhos azuis e um sorriso sutil, mas lindo. Quero tanto isso.

Eu não queria me sentir tão fraca agora e ficar chorando, me lamentando por algo que pode — tem — que dar certo. Não quero me agourar, mas não sou idiota e não penso que tudo é fácil. Colen está dando tudo de si para nos despistar, Jorge continua ao telefone nervoso.

Respiro fundo e com as faces molhadas, apenas aguardo chorando baixinho, porém sem lágrimas. É um choro de lamento apenas. Algo parece titubear os sons de carros, das vozes, dos murmurinhos, dos pneus do carro cantando cada vez que Colen toma a direção bruscamente. O silêncio é bom e aterrorizante ao mesmo tempo.

Me concentro nos meus pensamentos, que tento com todas as forças mantê-los positivos. Controlo minha respiração, mesmo sentindo meu corpo sem forças. De repente escuto um som de pneus cantando e então...

CRASH!

Meu carro é jogado para frente com toda força. Por pouco não caio no assoalho do carro, paro minha ida com minhas mãos no banco onde Jorge está sentado.

“Merda!” Colen rugi. “Ele está louco.”

Engulo seco e meu coração está tão acelerado. Ele acabou de bater no traseiro do nosso carro. Então está atrás de nós e querendo nos atingir.

“Faça alguma coisa Colen.” Jorge berra com ele e olha para trás. “Ele está vindo de novo.”

Colen xinga alto e faz uma manobra que joga todos nós para a direita, o carro parece ter ficado apenas em duas rodas quando ele entra rapidamente em uma rua. De onde estou, vejo-o apertar a mandíbula e engolir em seco, visivelmente tomado de raiva. Ele acelera ainda mais e agora estamos em total perseguição. Jorge atende um chamado no telefone e antes de se virar para frente de novo, me dá um olhar. Reconheço em seu olhar a preocupação e com todo o meu esforço, sorrio como uma forma fraca de tranquilizá-lo, mas sei que foi em vão.

Meu coração parecer querer saltar da minha boca pela emoção e preocupação. Não sei há quanto tempo estamos correndo desse carro. Provavelmente em breve Ethan irá ligar para eles e ficar preocupado. Odeio isso. Odeio fazer isso com ele. Caio da escada e agora sou seguida. Não dá para esse dia ficar pior.

Um barulho agudo e fino soa, não sei de onde. É estranho. Me concentro nesse som que está em crescente e abaixando a cabeça para o chão do carro, percebo que o barulho vem da minha bolsa. A bolsa que eu fui para casa dos meus avós e com certeza eles devem ter colocado dentro do carro ao me levarem para o hospital, mas esqueceram aqui.

Franzo a testa confusa e percebo que o som é um toque de celular. *Mas eu não tenho celular.* Não no momento, porque aconteceu aquilo e Ethan jogou fora o chip e estou sem número. Não pode ser um celular tocando na minha bolsa.

Respiro fundo e curiosa para descobrir o que é, inclino meu corpo quase com a parte de cima fora do banco e estico o braço para a bolsa no chão, quase debaixo do banco que Jorge está sentado. Abro-a e como ela é enorme, tenho que vasculhar calmamente, tateando os objetos dentro e então sinto ao gelado, fino e mais ou menos do tamanho do palmo da minha mão, uns sete centímetros. Oras, é mesmo um celular e ele está tremendo levemente conforme toca. *Mais como?* Ainda mais confusa e me sentindo estranhamente vigiada, além do óbvio que já sou, tiro o aparelho de dentro da bolsa.

LIGAÇÃO PRIVADA.

Ótimo. Além de ser um aparelho que não é meu, que não deveria estar

dentro da minha bolsa, a ligação é privada. Muito bom mesmo.

“Okay”, sussurro e simplesmente atendo. O que pode acontecer em eu atender o telefone. *Colocarem medo em mim?* Isso eu já estou. *Ficar apavorada?* Já estou também. Então eu vou atender essa ligação estranha, de um número estranho e de um aparelho estranho. Respiro fundo antes de dizer:

“Alo?”

“Victoria você precisa me escutar atentamente.”

Oi? Calma. Espera aí.

“Quem é?” Pergunto baixo.

“É Raul, seu segurança.”

Assinto e abro a boca, mas não digo nada, apenas sai um som de surpresa.

“Eu sei que você está com medo e se perguntando também porque tinha um celular na sua bolsa que não é seu. Eu vou explicar tudo, bem rápido. Está bem?”

“U-hum.”

“Primeiro, você está bem?”

“É...” Afirmo com desânimo.

Ele respira auditivo, parecendo muito estressado. “Certo. Esse número é clandestino como os que Ethan estava usando em Aspen. Você sempre teve esse aparelho na bolsa,” ele respira e se corrige, “eu sempre me certifico de colocar dentro da sua bolsa para poder te vigiar.”

“Desde quando?” Murmuro.

“Desde que Ethan me contratou.”

“Você faz isso porque ele quer? Porque ele pediu?”

“Sim e não.” Diz e continua após uma pausa, curta. “Eu sou um ex combatente como você já sabe e Ethan, mas você não sabe que eu era da Inglaterra, da terra da sua mãe.”

Assinto, escutando e achando *tudo* muito esquisito, mas tudo bem. Isso até que me distrai — mais ou menos. A cada solavanco que Colen faz o carro ter com suas manobras de defesa e curvas excessiva, meu coração bate dolorosamente dentro de mim, me despertando para realidade que eu ainda estou. *Queria tanto estar sonhando.*

“Eu vim para o Estados Unidos porque seus avós estavam preocupados com você e sua mãe.”

“O que? Como assim?”

“Estou aqui há anos vigiando vocês para eles. Protegendo de longe e felizmente ou infelizmente, após o que aconteceu com você na academia eu consegui uma brecha de me aproximar mais e finalmente trabalhar com seus seguranças de perto.”

“E porque você nunca falou nada Raul?”

“Porque eu sou como um espião. Will não confia nos seus avós, eles não se dão bem.”

Assinto, porque meus pais falaram de o lance dos meus avós quererem levar minha mãe — comigo — para morar com eles na Inglaterra, quando ela ainda estava na faculdade. Na verdade, eles tentaram antes e depois, talvez ainda querem isso. Balanço a cabeça e faço uma careta de resignação.

“Não é para menos. Eles queriam tirar eu e ela do meu pai.”

“Porque eles a amam Victoria, mas eu não tenho nada a ver com esses problemas.” Ele diz firme. “Meu trabalho aqui é proteger vocês e mantê-las seguras.”

“Ninguém sabe de você? E por que eu deveria confiar em você agora? E se meu pai estiver certo e eles quiserem fazer mal a mim?” Nego, balanço a cabeça mesmo que ele não possa me ver. “Ainda não sabemos quem é essa pessoa que quer se vingar do meu pai, da minha família e se for seus patrões?” Minha voz sai sarcástica no final.

“Eu entendo perfeitamente sua cautela.”

“Não diria cautela.” Murmuro com a voz rouca. “Sim, desconfiança.”

Ele respira e diz: “Sim, certo. Você está coberta de razão, mas eu estou aqui para ajudá-la. No dia da academia eu estava lá. Eu persegui o carro que estavam aqueles miseráveis, mas quando cheguei no local não tinha mais nada. Eles são espertos e agora enquanto você fala comigo, eles estão atrás de você e vão continuar incansavelmente. Então me escuta e faça o que eu digo.”

“Eu não te conheço Raul. Não pode me pedir isso assim.” Falo e um sorriso descrente escapa. “Como você quer que eu confie em você assim? Eu sei que você se mostrar capaz e protetor, para comigo e Ethan, mas...”

“Então confie em Ken.”

Ao ouvir ele dizer isso, sinto meu coração tamborilar. Ken é o único que realmente confio. Se não fosse ele...

“O que eu vou fazer e muito do que eu fiz, foi conversado com ele.”

“Então ele sabe de você.”

“Sim, mas além disso ele sabe que meu propósito é cuidar de você. Então por favor faça o que eu vou lhe pedir agora.”

“O que é?” Sussurro.

“Colen e Jorge não podem continuar fugindo. Você não pode continuar nessa fuga.”

“E?”

“Eu estou de moto e esperando você em algum ponto da cidade. Ken está no telefone com Jorge neste momento e eu quero que você seja corajosa e quando chegar a hora saia do carro e vá direto ao meu encontro.”

“O que? Como assim? Isso é loucura.”

“Não, não é. Isso é a saída que muitas celebridades e até políticos usam. Você vai se enfiar no meio da multidão e me encontrar. De moto vamos para o lado oposto da perseguição. Ken está indo para casa do Ethan, te esperando. Temos que ser rápidos, pois não há mais tempo.”

Balanço a cabeça atordoada. “Eu não sei que eu consigo. É perigoso demais.”

“Mais perigoso é você neste carro. Eles estão querendo acertar o carro de vocês, então eles não estão de brincadeira.” Ele respira. “Você precisa fazer o que eu estou falando.”

“Mas...”

“Não fale mais nada e agora siga as ordens de Jorge e Colen. Eles estão aí para lhe orientar. Vocês estão quase pegando a estrada da rodovia, está ficando perigoso demais e eu preciso tirar você dessa situação. Pelos seus avós, por Ethan e por seus pais também. Vamos Victoria. Pense no seu bebê.”

Uma lágrima escorre e eu assinto afirmando com a garganta. “Okay.”
Sussurro.

Ele arfa, aliviado. “Vou ficar na linha até o momento que você estiver para saltar do carro e me encontrar. Vou falar com Jorge agora.”

“Está certo.”

“Passe o telefone para ele.”

Afirmo com a garganta e me levanto. Respiro fundo e dou o telefone ao Jorge. Enquanto parece que Raul explica seu plano, eu fico pensando no plano e se não dê certo? É perigoso demais e arriscado. Meu Deus. eu não sei se consigo. Espalmo minhas mãos em minha barriga e tento me acalmar, ganhar forças.

“Eu não vou permitir isso.” Jorge grita e vira-se para mim. “Você acha que consegue fazer isso Victoria?”

Pulo com a rudez da sua voz e assinto, fracamente.

“Não me convenceu.” Ele diz para mim e então fala de volta com Raul. “Ela não vai conseguir. Isso é uma loucura.”

“Nem tanto. Esse cara atrás de nós vai acabar pegando todos nós. A gasolina uma hora vai acabar.” Colen explica.

“A dele também vai.”

Colen vira o rosto para Jorge, rapidamente e diz: “Vamos mesmo apostar na sorte de quem acaba primeiro?” Pergunta e não espera a resposta. “Não. Estou dando tudo de mim, mas mesmo que chame reforços, a ideia de Raul é bem melhor.” Com um movimento rápido ele pega o telefone da mão Jorge e então a voz de Raul soa pelo viva voz:

“Jorge eu sei que estão preocupados com Victoria, mas não dá mais para

ficar correndo pela cidade. Vocês têm que retornar e levá-la para algum lugar que eu possa pegá-la.”

“Você está falando isso muito fácil Raul.” Colen. “É uma ideia muito boa, mas não é fácil.”

“Mas é fácil se fizemos rápido. Ela é atlética e esperta. Vai conseguir.”

Sorrio com a confiança dele em mim, mesmo eu me achando uma pateta e sem forças tão lenta como a tartaruga filhote.

“Está bem.” Colen diz e Jorge também aceita e pergunta:

“Para onde infernos vamos levá-la?”

“Para o Hollywood Gateway.”

Para o shopping? — Questiono mentalmente.

“Por que lá?” Acabo perguntando, baixo.

“Porque é movimentado, principalmente a esta hora e se vocês fizerem o próximo retorno e pegar a Via California State, irão direto para a Santa Monica Boulevard e bem no começo fica esse shopping.”

“Eu sei Raul. Conheço a minha cidade melhor que você.” Jorge murmuro meio zangado.

“Tudo bem. Tudo bem.”

Raul parece estar irritado com Jorge agora. Homens adoram competição. Nossa!

“Mas escutem”, ele continua “vocês vão ter que entrar na rua do shopping e rápido, ficando bem na frente e aí Victoria salta e eu a pego. Vocês vão seguir caminho e sem o risco dela dentro do carro. Victoria não era para estar sofrendo essas emoções.”

Todos nós assentimos e sinto um gosto salgado da emoção. Eu só quero minha casa. Meu marido.

“Certo, nós vamos fazer o retorno em menos de cinco minutos. Fique preparado. Até o shopping deve dar quinze minutos, segundo o GPS.” Colen diz.

“Já estou indo para o local. Vou estar bem ao lado do Starbucks do shopping. Victoria, você terá que saltar na esquina e correr um pouco até onde eu estarei esperando.”

Puxo e solto o ar, inspirando e expirando. Colen troca um olhar comigo pelo retrovisor do meio do carro e acena com a cabeça.

“Você consegue. Pense apenas no Ethan, no seu bebê e em você.”

“Eu vou.” Murmuro e engulo seco.

Colen acelera o carro e começa a tomar o caminho do retorno. Jorge se mantém ao telefone e acho que Ken está falando com ele. Raul está na linha do celular da minha bolsa que está na minha mão, mas não estou ouvindo, só sei que ele ainda está na linha. Então Colen diz que está se distanciando do outro

carro e respiro fundo.

Encosto meu corpo no banco, procurando a sanidade. Daqui a pouco minutos vou ter que sair do carro e rapidamente andar até Raul e subir em uma moto, mas eu vou no fim disso tudo estar em casa, porque eu estou confiando e acreditando neles. Aceno freneticamente com a cabeça que sim. Vai ficar tudo bem.

“Eu consigo.” Sussurro para mim mesma.

Colen sem ligar a seta entra no retorno da estrada que pegou e estamos na via que se liga a avenida que fica o shopping. Falta pouco. Ao estarmos na Via California State, ele acelera e muito. Corta os carros em ziguezague e me seguro firme pelo puxador do carro preso no teto. O topo do shopping está ao longe e a mulher do GPS diz, seis minutos para o seu destino. Cinco minutos... quatro... três... dois e...

“Victoria!” Eles falam com urgência.

Sinto como estivesse em câmera lenta saindo do carro, Colen ainda acelera e acelera. Meu coração está muito rápido, os batimentos pulsam em meu corpo e sinto o martelar do ritmo das batidas no meu ouvido.

“Vai!” Colen grita quando estou fora do carro e respirando fundo e nano segundos corro e eles também.

Escuto o pneu do carro soar pelo asfalto e sem olhar para trás passo pela multidão. Meus passos parecem devagar, mas sei que estou andando depressa. Não consigo correr. Meus nervos não permitem. Vejo as pessoas andando de um lado para o outro no pátio aberto do shopping e passando pelo balcão de atendimento do Starbucks, virado para a Via California State, finalmente vejo Raul.

Ele está como falou. Em cima de uma moto, uma Kawasaki, vestido todo de preto e sem o terno de sempre, mas a camisa de dentro eu vejo que é a linho branco que usa sempre, mas o casaco de couro não. Ele me vê e sai de cima da moto e corro na minha direção.

“Você está bem?”

Nego com a cabeça e me sinto fraco, quase caio, mas ele me segura firme com as mãos em meus ombros.

“Calma. Preciso que se acalme para eu poder levar você para casa e na moto você ainda terá que manter o equilíbrio. Então se — ”

“Eu estou bem. Me leva logo para casa.” Choramingo. “Por favor.”

Ele assente e me guia até a moto. Assim que ele sobe e fica no seu lugar, eu também monto no veículo de duas rodas e Ethan pode morrer de ciúmes de mim, mas não quero saber e ele também não ligaria. Abraço com força o corpo de Raul e o homem parece uma rocha de músculos macio.

“Pronta?”

“U-hum.” Afirmo, expiro e inspiro profundamente. “Sim.”

Ele liga a moto e pega o caminho da rua. Parece que levou muitos minutos minha tomada de coragem, mas é tudo tão rápido, apenas que eu me sinto parando como fosse um brinquedo com a pilha acabando. As forças do meu corpo estão esgotadas. Meu coração parece duelar para os próprios batimentos. Estou ficando sem energia, mas vou continuar. Tem alguém que precisa muito de mim e tem mais outro alguém me esperando e muitos outros que me amam. Eu consigo.

Aperto mais Raul à medida que ele continua me levando para casa e quando vejo a entrada da estrada que leva para Hollywood Hills, escondo meu rosto, colocando a testa em suas costas. Respiro fundo, soltando o ar com força e ele vai subindo e subindo.

Estou chegando em casa.

Ele buzina e levanto o rosto. Estamos na rua da casa. Da minha casa. O alívio me aborda de forma total, como uma pancada no meio do peito. Sinto as pernas fracas, sem vida. Não sei se vou conseguir me mexer. Estamos em frente ao portões e ao acionar o alarme que os abre, entramos. Raul para na porta de casa, perto do portãozinho de madeira da piscina.

“Entre rápido e espere Ethan.” Ele diz.

“Não sei se consigo andar.”

Ele arfa. “Você precisa ser forte e apenas entrar. Agora que chegou até aqui, termine.”

“Você vai aonde?”

“Vou dá suporte aos outros.”

Respiro fundo e lentamente saio de cima da moto. Minha nossa. Minha coluna dói com o movimento, mas ignoro. Ele tem razão. Cheguei até aqui, o resto é mais rápido ainda. Falta pouco. Em pé na frente dele, pergunto:

“Vou ficar sozinha?”

“Não, querida. Ken está a caminho, se já não estiver lá dentro. Agora, por favor, entre Victoria.”

“O que você é?” Pergunto franzindo o cenho, balançando a cabeça e a emoção me tomando de novo.

“Um protetor.” Responde sorrindo e finaliza. “Depois falamos mais. Tenho que ir e você precisa entrar agora. Precisa descansar e se acalmar. Vai ficar tudo bem.”

Assinto e ele liga a moto de novo, faz um sinal e entendendo me viro quando ele também sai pelos portões. Sozinha olho ao redor da garagem, do pátio da frente da casa e girando meus pés, corro até o portão do deck e passo

pelo corredor do jardim e chego ao deck da piscina. Solto a respiração ao me sentir em casa e entro pelas portas duplas de vidro da sala.

“Ken?” Falo e ele se vira para mim rápido e a tempo. Ele me pega nos braços quando fico tonta e minhas pernas falham.

“Ei, calma. Venha se sentar.”

Balanço a cabeça e levanto a mesma fitando os olhos dele. “Ethan. Preciso dele.”

Um choro que vem de dentro de mim começa a sair e é tão forte.

“Ele está — ”

“Victoria!” A voz corta a de Ken.

Me solto do meu segurança e rapidamente estou no meu verdadeiro lar. Ele me abraça fortemente e sussurra que está tudo bem. Me agarro a Ethan com tudo de mim, com todas as forças que ainda me restam. Como se alguém pudesse me puxar dos seus braços a qualquer momento. Como se eu pudesse ser tirada dele neste exato momento e eu não quero. Nunca vou querer sair dos seus braços.

Derramo meu pranto baixinho, mas meu corpo balança e sua camisa está ficando molhada de tantas lágrimas. Ele está chorando também e me abraça mais forte e mais forte, seus braços me apertam como se eu realmente estivesse escorregando do seu aperto.

“Eu te amo meu anjo e eu nunca vou deixar ninguém me tirar você. Está me ouvindo? Isso o que você está sentindo agora”, ele diz com a voz embargada e grossa por forçar tanto o som a passar na sua garganta fechada pela emoção — assim como a minha, “ é apenas medo. Nada vai te acontecer — ” a voz falha. “Nada vai te acontecer. Eu não vou deixar.”

Levanto o rosto e olho seus olhos que tanto amo que me dizem como ele me ama e não viveria sem mim. Eu também não conseguiria e é tão estranho ainda como ele consegue ler meus pensamentos. Meus lábios tremem e depois de engolir em seco, falo:

“Eu amo tanto você. Não posso te deixar ficar sem mim... e eu também não quero ficar sem você.”

Ethan respira fundo, com a boca fechada — provavelmente está querendo ser forte — e tenta limpar meu rosto, no entanto, mais lágrimas caem.

“Isso nunca vai acontecer. Só estamos passando por isso tudo porque somos fortes. Você vai ser muito feliz e” ele beija meu rosto, “vai ter tudo que sempre quis.” Beija de novo e de novo.

“O que eu mais quero é viver com você. O que eu mais quero é você.”

Ele assente emocionado e encosta a testa na minha. Solução, fazendo meu corpo sacudir e abraço seu corpo. Sinto um tremor tão forte dentro do meu peito e minhas mãos ainda passam por seu corpo desesperadamente. Aperto em vários

lugares sua camisa de linho, marcando minhas mãos furiosas. Eu não posso deixar que eles vençam. Não posso deixar que eles me tirem o meu Paraíso.

Balanço a cabeça e inclino-a para trás e fito os olhos do meu príncipe, meu eterno príncipe e sorrio, mesmo que por dentro não esteja e meus olhos ainda escorrem meu pranto, meu desespero. Nada nunca vai matar meu amor por ele. Nego com a cabeça freneticamente e uma vertigem me atinge com força e minha cabeça dói tanto.

“Amor?”

Escuto sua voz tão distante, mesmo estando em seus braços e piscando lentamente, tudo fica turvo, embaçado... Até que escurece e vem o silêncio. Finalmente meu cansaço, medo, pânico, vence e desmaio.

Trinta

Ethan

CONTINUAÇÃO...



EU QUERIA ACREDITAR NAS MINHAS PRÓPRIAS PALAVRAS. Queria sentir toda a confiança que eu dava a minha esposa de que nada iria acontecer a nós, *a ela*, contudo, internamente estou apavorado, morrendo de medo de que tudo piore ainda mais, porque parece que estou cada vez mais sendo sugado pela mare, cada vez mais no fundo do oceano e já diz meu pai. “*No mar não tem cabelo.*” E eu não tenho aonde me segurar, me agarrar e nos salvar.

Ela desaba em meus braços, abalada e profundamente assustada com tudo. Também estou aterrorizado, mas não posso comparar meu medo com o dela. Ela é realmente uma guerreira por enfrentar tudo isso e ainda pensar nas outras pessoas. *Pensar em mim.*

“Ah! Meu amor.” Beijo sua testa quando a pego nos braços, sussurrando.

Meu Deus, como isso dói. Esse medo de perder a pessoa que é tudo para mim. Ela é meu mundo.

Meu coração está sendo apertado tão forte e mesmo que eu não consiga sentir direito meus músculos, ossos, tudo — como se fosse feito de gelatina meus braços e pernas — eu tomo um fôlego e a levo para o sofá como se não pesasse nada.

Vê-la tão abatida e pálida em meus braços, me fere o coração. Puxo-a mais para mim, dou um beijo em sua testa e me inclinando para baixo deixando-a suavemente deitada no sofá onde é mais comprido e posso sentar ao seu lado com as pernas esticadas.

Examino-a exasperado, alucinado, correndo as mãos em seu corpo, preocupado com alguma lesão. Ela caiu da escada hoje, ela foi perseguida, correu de um carro para chegar até uma moto e está aqui agora, graças a Deus sã e salva e sem nenhuma lesão aparentemente.

Espalmo minha mão no seu ventre e respiro fundo. No meio desse dia infernal que ela correu tantos perigos, ela carregou meu filho, *nosso filho*, mas ela parece bem, talvez agora melhor do que eu, pois mal sinto as batidas do meu coração enquanto ela está desmaiada, apática.

Sinto um leve alívio por não encontrar nada, sem machucados, arranhões ou sangue. Me aproximo dela e seguro seu rosto, desapoando sua cabeça do

encosto do sofá, serenamente, e deixo minha testa na dela. Fecho os olhos e respiro fundo.

O calafrio corre meu corpo e de novo a sensação de perda me abrandando. Infelizmente o que ela sentiu antes de desmaiar eu estou sentindo há algum tempo.

Porra! Eu não posso perdê-la. *Se acontecer...* Eu perco tudo!

“Senhor?” Escuto Ken falar perto de nós em voz baixa.

Respiro fundo e tomo a postura que preciso agora. Tenho que ser forte para ela tanto quanto ela é por nós. Olho para ele e espero dizer mais alguma coisa.

“Ela está bem?”

“Eu acho que sim. Não vejo nada.”

Ele acena uma única vez antes de dizer:

“O senhor não acha melhor deitá-la na cama. Seria mais confortável e ela precisa se acalmar. Descansar também.”

Volto meus olhos para minha esposa analisando a ideia de Ken. Ele tem razão, seria mais sensato deixá-la em nosso quarto para descansar e de qualquer forma daqui a pouco — assim eu espero — os outros irão estar aqui e preciso ter uma conversa séria com Raul, e Jorge também.

Assinto, murmurando que sim e me levanto.

Passo os braços por debaixo das pernas e das costas de Victoria. Com ela nos braços, acomodada, subo para o terceiro andar calmamente. Não precisamos de mais um susto hoje. Chega! Quero que esse dia acabe. A grande verdade, eu preciso que esse pesadelo *real* acabe de uma vez.

Sei que sou forte, que resisto, mas não sei mais quanto Victoria pode suportar. Tenho medo de que uma hora ela enlouqueça ou faça algo que vá me destruir. Talvez ela não faça, porém eu tenho muito medo disso.

Essa preocupação constante com como as pessoas estão sofrendo por causa dela — mesmo que a culpa não seja dela e sim de Will, de certo modo —, me deixa nervoso. Victoria não gosta de ver ninguém sofrendo e no caso, estamos todos vivendo uma dolorosa angústia até que tudo se resolva.

Chegando em nosso andar, encontro a porta do quarto aberta e agradeço mentalmente Ruby por isso.

Entro e vou até a cama pousando seu corpo lentamente no colchão. Ajeito-a o mais confortável possível que consigo. Tiro seus brincos de argola e o colar para não machucar ela, as sandálias também, deixando perto do canapé da cama.

Ao voltar para ela noto que o vestido é o mesmo do jardim, do jantar de boas-vindas que os Colton fizeram para mim e eu descobri que a minha adorável e irresistível estranha era *ela*.

Cerro a mandíbula e a melancolia atinge meu peito com uma forte pressão

angustiante. Minha princesa, meu anjo, meu *mundo*, sempre querendo me agradar, me fazer feliz.

Sento na beira da cama e meus olhos lagrimejam.

“Como eu te amo.” Digo passando os nós dos dedos no seu belo rosto. “Você é *todo* meu mundo. Sem você eu não sabia o verdadeiro propósito do que vim fazer nessa vida.” Me abaixo e abraço ela, fechando os olhos e me permitindo fraquejar e chorar. “Também não posso ficar sem você e eu não vou deixar isso acontecer. Eu prometo.”

“Eu sei.” O sussurro em meu ouvido me faz levantar o rosto em um movimento rápido. Ela acordou e está com os olhos levemente turvos, me olhando profundamente.

“Victoria.” Falo baixo, a voz rouca. Acaricio seu rosto e ela inclina o mesmo sob meu toque. “Você está bem? Sente alguma coisa?” Pergunto levantando o corpo para ver melhor seu rosto.

Ela balança a cabeça negando e pisca os olhos me olhando intensamente e faz carinho no meu rosto. Engulo em seco e cerro a mandíbula. Passo as mãos suavemente em seus cabelos. Meu coração está dilacerado com a dor que seus olhos emanam. Eu entendo perfeitamente o que ela quer dizer, sem palavras.

Deixo beijos leves em sua face tentando aliviar seus pensamentos ruins que com certeza estão a atormentando.

“Você é tão bom pra mim.” Ela sussurra.

Assinto e olho seus olhos. “Porque eu te amo.”

Ela suspira e seu rosto se desmancha em pura tristeza. “Eu sei e... você não merecia isso Ethan.”

“Por que não descansa de novo.” Falo com carinho tentando mudar de assunto, mesmo que ela negue com a cabeça. “Dorme amor, assim você vai aliviar seu coração. Você não pode se estressar depois do susto que tomou mais cedo. Era para estar repousando.”

“Deixa eu falar.” Ela chora e os lábios tremem com a emoção. “Eu preciso...”

Respiro fundo e concordo. Em vão tento limpar embaixo dos seus olhos.

“Você vai dormir depois?”

“Você vai ficar comigo?”

“É claro que sim.” Asseguro-a.

Ela assente e murmura um sim. Então seus olhos correm por meu rosto de um jeito que faz meu coração se apertar. Ela está com medo e eu realmente não tenho nada o que fazer. Só tenho que ficar aqui, com ela.

Victoria abre a boca e eu espero ela falar, mas apenas respira auditivo e os lábios continuam tremendo por causa da emoção.

“Me promete uma coisa?” Pergunta e seus dedos passam por baixo dos meus olhos, limpando. *Deus!* Eu nem percebi que estou chorando também.

“O quê?”

Ela sacode a cabeça e engolindo com dificuldade diz baixinho com sua voz fraca e chorosa:

“Que nunca vai me esquecer.”

“Victoria.” Solto o ar. “Amor,” pigarreio e pego seu rosto nas mãos. “Não fica pensando essas coisas. Não fica criando uma coisa que não precisamos. Por que eu te esqueceria se você vai viver ao meu lado para sempre?” Tive que força minha voz a sair.

“E se — ”

“Não!” Corto-a e ela acaba chorando com mais força. Movo-me para ficar sentado melhor ao seu lado e ela acaba se sentando, mas recostada nos travesseiros apoiados na cabeceira da cama. “Não quero ouvir você falar isso. Eu posso aceitar que você esteja com medo. Eu também estou.” Admito receoso de parecer fraco para ela. “Mas não vamos piorar a situação pensando apenas no pior.”

“Não é pensar no pior Ethan.” Seus olhos fitam nossas mãos juntas em cima da sua barriga. “É pensar no que pode acontecer.”

“Eu não vou perder você. Não vou perder vocês.” Digo e espalmo a mão no seu ventre.

“E-e-e...” gagueja fungando, “e se me pegarem?”

Nossos olhos se cruzam e eu engulo em seco, auditivo como ela tinha feito.

“Eu...” deixo a frase morrer. Não sei o que dizer merda. “Não vai.” Digo e a puxo para mim. Abraço-a com toda a minha força e ela a mim.

“Eu te amo, tá. Nunca esqueça disso.” Murmura no meu ouvido.

“Você vai me dizer isso para sempre.” Sei que estou chorando e molhando seu cabelo.

“Vou mesmo. De qualquer lugar. Vou ser sempre sua.”

“Você é o meu mundo. Minha vida. Meu anjo.” Afasto e olho seus impressionantes olhos verdes. “Não sei viver sem você. Não vou conseguir...” minha voz está arranhada, rouca, fraca e meus olhos turvos. “Me prometa uma coisa agora.”

Ela assente freneticamente.

“Se...” beijo seu rosto desesperadamente e me afasto de novo fitando profundamente seus olhos. “Se eu falhar... Se conseguirem te pegar...”

“Ethan!” Exclama, tremendo e eu nunca vi tanto medo nela.

“Me escuta.” Puxo-a para mim e encosto minha testa na dela. “Se eu falhar e te pegarem. Me prometa ser forte. Me espere. Porque eu vou te achar. Vou

sempre te achar. Eu juro. Prometo.” Beijo sua testa e assinto freneticamente. “Eu vou te achar. Vou acabar com isso tudo.”

Ela emite um som doloroso e se joga nos meus braços. “Estou com tanto medo. Eu senti tanto medo hoje.” Chora baixinho, soluçando. “Fiquei pensando em você, pensando no quanto eu queria te fazer feliz e te dar tudo. Dar uma família para você amar tanto quanto me ama...”

“E nós vamos ter, eu sei que vamos meu anjo.” Acaricio seus cabelos.

Ela sobe o corpo e fica no meu colo, o rosto em minhas mãos e olhando meus olhos soluça, mas suas lágrimas não caem ainda. “Não importa o que aconteça. Não me esqueça. Lembre sempre que eu sou sua de corpo e alma. Lembre dos momentos felizes e ...” ela arfa, pausando e beijo seu rosto. “Ethan.”

“Eu estou aqui. Estou aqui, meu amor. Estou aqui!” repito porque parece que é o que ela precisa.

“Eu te amo tanto.” As lágrimas começam a escorrer e eu não vou impedir, não vou deixá-la guardar esse sentimento dentro dela. “Me perdoa.”

“Não. Não diga isso, não tenho que perdoar você Victoria.”

“Não.” Ela segura meu rosto. “Eu preciso dizer isso para você. Preciso te pedir desculpas. Deixa...”

“Amor — ”

“Deixa eu falar.” Suspira e assente incisiva.

“Está bem.”

“Me perdoe por tudo. Por todas as coisas ruins que eu acabei trazendo para sua vida, por esses problemas e mesmo que eu tenha trago tanto amor, eu também trouxe tristeza para você.”

“Não foi.” Murmuro e tento sorrir, mas falho.

“Foi e eu me sinto tão mal por isso. Eu queria apenas amor para você, porque você merece. É tão bom, tão generoso e amoroso, ninguém nunca me amaria como você ama.”

Balanço a cabeça negando e volto a chorar. Não consigo controlar. É demais. Dói demais.

“Ninguém me daria tanto quanto você me deu e... eu sinto muito... Sinto muito mesmo por todos os momentos ruins. Todas às vezes que eu te magoei. Os momentos que você ficou desesperado e com medo.”

“Meu medo é só de te perder.”

“E é o meu também.” Ela suspira e parece lembrar de algo. “Acho que desde aquele pesadelo, o primeiro, na sua casa.” Abaixa os olhos para o meu pescoço. “Acho que ali eu vi que você seria muito mais para mim do que um namoro passageiro. Eu só estava negando e disse que não queria mais você... porque eu nunca quis” me olha e balança a cabeça enquanto fala, “que mais

ninguém se sentisse como eu e minha família nos sentimos. Eu sabia que seria pior, seria mais forte ainda meu medo de deixar mais alguém – ”

“Mas você não está deixando ninguém, porra.” Perco a linha. Estou desesperado e nervoso.

“Deixar mais alguém preocupado.” Ela completa e me olhando pedindo desculpas. “Deixar mais alguém triste e em perigo.”

“Eu daria minha vida por você se isso não fosse ser tão pior quanto pode ser.”

Ela assente concordando.

E é verdade. Não adiantaria dar minha vida pela dela, no final o estrago seria o mesmo. Sem eu, ela estaria arruinada e eu sem ela não existiria. Não existiria vida, nem mundo sem ela e eu nele. Se eu pulo, ela pula.

“Eu sei e eu não quero.... E eu sempre soube que você tinha invadido um lugar dentro de mim que não teria fim e é por isso que eu quero tanto te fazer feliz. Um dia eu vou fazer você muito feliz.”

Limpo seu rosto e pego na gaveta da mesa de cabeceira um lenço e limpo seu nariz. Ela o tira da minha mão e tenta se recompor, mas as lágrimas não cessam.

“Querida... ninguém é feliz cem por cento.”

Seus lábios tremem ela assente antes de dizer:

“Eu sei, mas...”

“E o que eu tenho é muito. Ter você na minha vida, nos meus braços é muito. É mais do que eu sonhei e imaginei que teria algum dia.”

“Ah Ethan.”

Beijo seu rosto suavemente. “Eu te chamava de princesa porque você tem essa aparência linda e seu jeito elegante, mas na verdade você sempre foi meu anjo.” Limpo seu rosto, mais uma vez. “O anjo que me dá forças para lutar pelos meus sonhos e eu vou lhe fazer a mulher mais feliz e completa desse mundo. Pode não ser agora, mas eu vou amor.”

“Eu sei que vai”, sussurra baixinho. “Confio em você e pode ter certeza que aconteça o que acontecer, no final você será meu príncipe encantado e vai me resgatar.”

Respiro fundo e afago seu rosto. “Eu não quero que nada aconteça e vou fazer de tudo para que não aconteça.”

Seu rosto fica sério, através da nevoa das lágrimas. “Mas talvez tenha que acontecer.”

Nego veementemente que não aceito isso.

“Ethan...” Choramanga e segura meu rosto. “Talvez tenha que acontecer para que assim esse homem desapareça das nossas vidas. Para que ele seja

pego.”

“Eu posso matar ele antes.” Afirmo com raiva.

Seus lábios curvam-se levemente para o lado em um sorriso mortiço. “Eu sei. Eu sei que você pode, mas talvez eu tenha que sofrer isso, meu pai tem que sofrer isso. Na vida coisas acontecem sem ser justificadas, pois é a leia do destino.”

“Mas...”

“Eu nunca vou te deixar. Jamais.” Fala com toda a certeza e tenta sorrir — mais uma vez.

“Amor”, engulo seco. “Por favor não, eu não posso permitir isso. Você não pode fazer isso.”

“Eu não vou fazer nada. Eu juro Ethan, mas sei lá.” Dá de ombros. “Eu.. Eu sinto algo... e mesmo morrendo de medo e não querendo mesmo que nada aconteça eu sempre fui muito realista. Então...” engole em seco. “Se acontecer, eu prometo que vou ser muito forte. Muito forte mesmo. Eu nunca...” ela arfa com dificuldade, “vou *deixar* você. E você sempre me terá.”

“Não se despeça de mim Victoria.” Falo sem voz. “Por favor. Não faça isso. Não pense isso.”

“Não estou amor e nunca vou.” Ela limpa meu rosto, as lágrimas que caem livres. “Lembra que eu disse que você sempre iria me achar?”

Assinto e a trago para os meus braços apertando-a bem forte.

“Então... É porque eu estou no seu coração e você no meu. Sempre será assim... até...” Victoria engole a emoção e termina, “até a eternidade. Eu sempre vou te amar, por toda a eternidade. Nunca vou te deixar. Jamais.”

Beijo com força seu rosto em vários lugarzinhos. “Eu quero você nos meus braços” murmuro em seu ouvido, “muito mais do que apenas no meu coração, na minha alma ou na minha memória.” Afasto-me para fitar seus olhos. “Entendeu?”

“Entendi sim e eu vou estar.” Ela assente dando segurança. “Não importa nada. Eu ainda vou viver muitos anos ao seu lado.” Me abraça forte e termina. “Preciso disso. Preciso viver ao seu lado e lhe fazer feliz.”

Suas palavras tocam fundo dentro de mim e com a emoção que estou carregando desde o momento que soube da perseguição, o susto de vê-la desmaiando em meus braços e essa conversa que está acabando com nós dois, uma torrente de lágrimas me atinge.

Contorço o rosto tentando segurar a emoção e não conseguindo, pego Victoria nos braços e a aperto com força. Choro e um som estranho sai arranhado pela minha garganta fechada. Escondo o rosto em seus cabelos e sinto suas mãos acariciando minhas costas.

“Shu...” ela sussurra e beija minha cabeça.

Sinto meus nervosos rígidos, principalmente do meu rosto e abrindo os olhos as lágrimas saem livres e não consigo enxergar nada. Eu tinha que ser forte agora. Forte para ela confiar em mim e que eu vou conseguir dar a vida que ela tanto deseja para nós.

“Ethan?”

Engulo em seco e não a encaro. Não posso. Estou me sentindo destruído.

“Querido...” Ela tenta pegar meu rosto. “Por que está se escondendo de mim?” Pergunta fracamente e emotiva.

Nego, balançando a cabeça e não recuo.

“Não precisa.” Sua voz está baixa e suave. Está tentando me ajudar me amando. Eu às vezes não acredito que a tenho na minha vida e por isso talvez eu realmente possa perder ela.

“Eu tenho que cuidar de você. Proteger você.” Digo e enfim saio do esconderijo dos seus cabelos e pego seu rosto nas mãos e encosto minha testa na dela. “Você é a minha maior fraqueza.”

Ela soluça e assente.

“E minha fortaleza. Não me deixe.”

“Nunca.”

Nos abraçamos com tanta força que ficamos sem ar, mas não nos desgrudamos. Precisamos tanto um do outro. Nosso amor é quase perigoso para nós dois. É intenso demais e doloroso de tanto que é forte. Nos amamos realmente muito além do que se é explicado para o homem.

Respiro fundo, tentando recuperar as forças e ser o que ela precisa agora. Me acalmo — pelo menos um pouco — e faço carinho em suas costas, alisando os cabelos.

Percebo que seu corpo está aliviando os soluços, que os tremores do choro estão cessando e a temperatura do seu corpo diminuiu. Ela estava muito quente enquanto chorava desesperadamente e seu coração batia como um louco, agora está batendo suavemente.

Sobre a sombra de lembranças da nossa conversa, lembro que ela disse que tomou o remédio. A médica tinha a sedado, talvez esteja fazendo efeito agora. Espero que sim. Ela precisa se acalmar e eu resolver as coisas, agora que também me recompus.

“Vamos descansar agora?”

Ela suspira e se afasta um pouco quebrando nosso abraço.

“Eu... eu não quero.”

“Você precisa descansar. Lembra que disse que a médica te deu sedativo. Então ele precisa fazer efeito, senão você vai ficar com dor de cabeça.”

Victoria deixa os ombros caírem e abaixa a cabeça para o peito, então afaga meus braços e passando as mãos no meu peitoral faz uma pausa.

“Por que você está todo sujo Ethan?”

Merda. Esqueci que na euforia da ligação de Ken falando que ela estava sendo seguida, no entanto chegando em casa através de Raul, derrubei o mousse de limão, que ela tinha me pedido mais cedo para trazer, em cima de mim. Nervoso apertei o pote e me caguei todo, mas pouco me importei. Apenas queria minha esposa sã e salva em casa, de preferência nos meus braços.

“Não é nada, amor. Fique calma.”

Ela suspira e olha meus olhos emanando preocupação e algo tão profundo que a faz ficar distante de mim. Voltando a ficar nervoso faço carinho seu rosto.

“Derrubei o mouse de limão em mim. É por isso que estou sujo, querida.”

“Ah!” Emite um som suave e passa os dedos na mancha na minha camisa. “Você tinha lembrado.” Me olha. “Obrigada.” Agradece como um lamento.

“Não foi nada.” Asseguro-a e pego sua mão e beijo suavemente seus dedos. “Agora quero que você durma um pouquinho. Você sofreu grandes emoções hoje e já nos emocionamos demais por hoje. Hun?” Inclino minha cabeça para o lado para olhar seu rosto. “Descanse um pouco, por mim. Está bem.”

Ela engole seco e sobe as mãos até meu peito e rosto, me fazendo carinho. “Fica comigo.” Pede baixinho e os olhos brilham tristemente. “Eu durmo, mas fica aqui.”

Assinto e cerro a mandíbula. “É claro que vou ficar, só me deixe tirar essa camisa e limpar você. Sujei você quando te abracei e eu não quero que dê formiga na cama e te morda.”

Ela abre um sorriso, que não alcança seus olhos e quando me levanto da cama me acompanha.

“Amor volta para cama.”

“Vou tirar esse vestido e”, ela olha para o mesmo, “estraguei ele quando subi na moto. Olha.” Ela vira e mostra o rasgado e volta a ficar de frente para mim rapidamente. “Coloquei ele para fazer uma surpresa pra você, mas... não deu.”

Sorrio e pego seu rosto deixando um beijo suave em seus lábios. “Eu fiquei muito feliz que você tenha pensado em mim. Obrigado querida.”

Ela sorri, agora de verdade e me acompanha quando seguro sua mão e a levo para o banheiro.

Com delicadeza tiro seu vestido e ela se vira para eu abrir o sutiã. Tiro a peça e ela volta a ficar de frente para mim. Tiro minha camisa e a calça, já que vou deitar com ela, tirei o cinto para não a machucar. Vamos para o closet e colando uma calça de moletom, pego uma das minhas camisas de algodão e visto

minha esposa que me abraça agradecendo. Não sei porque ela ainda agradece por eu cuidar dela é um prazer e um privilégio.

Voltamos para o quarto e verifico a cama se não sujou com o doce, apenas o edredom... Pego o mesmo e levo para o banheiro deixando no cesto de roupa suja. Quando volto para Victoria ela está ajeitando um edredom limpo para nós.

“Vamos descansar um pouco agora.” Digo me aproximando dela.

Deitando na cama, levanto a coberta e ela se deita também se encaixando em meu corpo. Nos cubro e a abraço. Ela se mexe e acaba se virando para mim, me abraçando também.

“Dorme amor. Estou aqui.”

Sinto-a assentir, pois ela está com o rosto entre o meu pescoço e ombro, pressionado. Afago suas costas e sinto sua mão, que está contornando-me na altura das costelas, acariciando minhas costas lentamente também. Dou um beijo em seus cabelos e continuo fazendo carinho nela. Ninando. Tentando ao máximo fazer ela pegar no sono logo.

Victoria suspira e esticando as pernas começa a amolecer, se entregando ao cansaço e talvez ao remédio.

Aliviado, continuo a afagar seu corpo porque eu preciso desse momento, quero recobrar as forças para poder descer e resolver os problemas. Tenho que ligar para Will e deixa ele a par da situação, se já não estiver.

De repente sinto meu próprio esgotamento querendo me atingir e meus olhos piscam lentamente, fechando-se por alguns segundos. Respiro fundo e tomo cuidado para que o movimento de encher e esvaziar meus pulmões não acorde Victoria.

Lentamente vou me soltando dela e quando ela geme paro.

“Shu...” Sussurro e afago seu rosto.

Ela geme de novo e ao se aconchegar acaba se agarrando ao travesseiro que eu estava deitado, coloco-o na sua frente. Ela murmura algo incoerente e ressona baixinho. Ótimo.

Com cuidado saio da cama, cubro ela direito e beijo seu rosto. Ando até o banheiro para pegar meu celular que deixei em cima da bancada da pia e passando rapidamente no closet, visto uma camisa e por cima um casaco. Está um pouco frio hoje.

“Não!” Escuto Victoria gritar.

Corro até ela e percebo que está apenas dormindo, talvez esteja tento um pesadelo. Fico sentido por isso e ao mesmo tempo com raiva. Malditos sonhos.

“Eu estou aqui, querida. Fique tranquila.” Murmuro no seu ouvido e gentilmente acaricio-a.

Ela parece se acalmar e com uma última olhada e um beijo em seus cabelos,

me afastado.

Minhas mãos estão tremendo. Estou perdidamente nervoso e fora de controle. Minha vontade é pega esse desgraçado e arrastar pela cidade inteira. Se antes eu tinha sangue nos olhos e o queria morto. Agora quero fazê-lo sofrer. Essa perseguição me deixou sedento por vingança.

Saio do quarto e deixo a porta encostada, caso Victoria acorde e eu possa ouvir.

Do alto vejo minha casa, na sala estão Raul e Ruby conversando. Respiro fundo e fecho os olhos me apoiando no parapeito do corrimão das escadas. Estou fervendo de raiva e angústia. Não quero confessar que é medo, mas sei que no fundo é medo o que sinto. Estou apavorado e se hoje tivessem conseguido pegar Victoria. *O que eu faria?*

Garanto que estaria sem rumo mais do que me sinto agora. No entanto, não posso me dar — sequer — o luxo de ser um covarde e lerdo. Preciso correr contra o tempo. Correr mais que esse filho da puta que eu quero muito saber como ele ainda está por aí ileso e como sempre está tirando a melhor. Tem que haver mais alguma coisa.

Tentando manter a calma, desço as escadas e vou para o segundar andar. Antes de entrar no escritório chego no parapeito e falo alto para chamar atenção.

“Raul.”

Ele se vira para mim, olhando para cima. Está atento, sempre apostos para uma missão.

“Quero falar com você daqui a pouco. Venha no meu escritório e onde está Ken e Jorge?”

“Aqui senhor.” Responde Ken vindo com Jorge do corredor que dá para a sala dos seguranças.

“Quero falar com vocês também.”

“Certo senhor.”

Com um aceno de cabeça viro-me para o escritório e finalmente entro fechando a porta. Ando até minha mesa e sentando na cadeira com o celular na mão, coloco a senha e procuro o nome de Anton.

“Oi irmão.” Ele atende após alguns toques.

“Vou precisar que você vá na reunião amanhã de manhã com um cliente meu. Não vou poder ir.”

“Qual o problema?” Pergunta preocupado e apostos a ajudar.

“Victoria sofreu um acidente hoje mais cedo e quando estava voltando para casa um carro a seguiu.”

“Que merda. Como ela está?”

“Agora, dormindo graças a médica que tinha dando sedativo a ela.”

Respondo e arfo com força. “Porra. Toda hora minha mulher é obrigada a tomar essas merdas. Vai acabar doente ou viciada.”

Anton solta a respiração demonstrando irritação. “Eu não sei como você aguenta essa vida e sinceramente não sei como Will, sendo como é, ainda não resolveu esse problema.”

“Vivo me questionando isso, mas ele diz não ter ideia de quem possa ser esse filho da puta.”

“As pesquisas de Colen e Travis não resultaram em nada?”

“Colen faz o que pode estando perto e ele é muito útil aqui. Sei que se for preciso irá apertar o gatilho para salvar Victoria e Travis tem certeza que essa pessoa já foi próxima dos Colton ou pelo menos de Will.”

Meu irmão fica em silêncio por um tempo e retoma a conversa com suas conclusões. “Será que é alguma ex namorada dele? Cara, eu acredito em tudo. Você vê o que Arnon está fazendo com a ex esposa. Então... Não sei. Tudo é possível.”

Assinto, concordando. “É, tudo é possível, porém Will só teve Cora na sua vida. Nunca teve outro relacionamento.”

“Então pode ser os pais dela.”

“Já pensei nisso também e a conclusão é que eles não poderiam ser.” E sorrindo sarcasticamente, conto a novidade sobre Raul.

“Porra. É sério?”

“Muito sério. Pelo que eu entendi, o que Ken tentou explicar — e o filho da mãe já sabia — Raul é uma espécie de espião dos pais de Cora. Está aqui desde que Victoria foi raptada a primeira vez e quando perdi meu segurança ele conseguiu finalmente se infiltrar na segurança dela diretamente.” Pauso ao lembrar do dia que eu apresentei ele a Victoria.

Raul ficou estático e não esboçou nenhuma reação. Nada de surpresa ou até respeito pela patroa dele, pois ela já era minha noiva e, todavia, não importa o rótulo que nos encaixamos, ela já era minha. Enfim, ele a olhou com admiração e proteção. O olhar que Ken dá a ela. Zeloso.

“E você quer saber”, volto a falar com Anton. “Eu desconfie de algo desde o dia que apresentei ele a Victoria. Foi muito estranho.”

“Você confia nele Ethan?”

Respiro fundo e meus olhos correm pelo escritório, não focando em nada e quando pousa na foto de nós dois no porta-retratos em cima da mesa, respondo.

“Ele a trouxe para mim. Salvou ela com uma prática e habilidade de agente da Casa Branca. Não sei se devo confiar nele, só confio em mim e na minha família e na dela, mas não sei Anton, talvez ele realmente só esteja fazendo o trabalho de cuidar de Victoria por causa dos avós dela.”

“Você já falou com eles?”

“Com quem?”

“Os pais de Cora.”

“Anton.” Digo descrente e mexo-me na cadeira. “Eu não sei nada deles. Nem onde vivem. Sei que eles são de Londres, mas não o endereço. Nada.”

“Será que Cora fala com eles?”

“Não sei. Pelo que ela deixou claro na casa dos nossos pais, no dia que teve aquela confissão do segredo, que eles perderam o contado, pois queriam de qualquer forma levar Cora e Victoria para viverem em Londres com eles. O caso do Will ter sido sequestrado, os levaram a ter receio da filha ficar perto dele e até mesmo ter um relacionamento com ele.”

“Ethan, será que esse cara que está querendo se vingar do Will tem a ver com esse sequestro?”

Balanço a cabeça e encosto o cotovelo do braço que segura o celular na mesa. “Eu já pesei isso. Victoria acha que sim e até Will, mas aí vem a pergunta... Por que a insistência nele?”

“Raiva. Will foi resgatado.”

“Você já leu o caso do sequestro do Will?”

“Não.”

Limpo a garganta e arfo. “Ryan foi com tudo para resgatar o filho. Acabou com o cativado. Os sequestradores com raiva mataram todas as crianças ou melhor tentou e de dez, apenas três ficaram vivas, mas muito feridas. Will foi o único, por incrível que pareça, que conseguiu sobreviver e os sequestradores morreram quando a polícia invadiu o local.”

“Caralho. Como você sabe disso? E como eu nunca li isso em um jornal? Era para ser mencionado, pelo menos de vez em quando, site de fofoca e paparazzo adoram histórias traumáticas assim.”

“Eu sei.” Afirmando irônico. “Eu também pensei o mesmo, mas Ryan também e por isso ele pagou muito caro para tudo ser arquivado e protegido da mídia. Na imprensa Will apenas sofreu um sequestro relâmpago com uns dez, onze anos.”

“Minha nossa. Os Colton têm sempre algo que me deixa de boca aberta.”

Rio sarcasticamente. “E eu tenho certeza que ainda não acabou e eles irão nos surpreender novamente.”



ENCERRO A LIGAÇÃO COM MEUS PAIS e me recosto na cadeira largando meu corpo cansado. São dez e vinte da noite. Estou exausto e ainda não conversei com Raul, apenas tive uma conversa rápida para saber como tudo se iniciou com Jorge e Colen.

Passando as mãos no rosto, sentindo meus olhos pesados e no fundo, no fundo, fome, movimento meu pescoço de um lado para o outro estalando-o. Aperto minha nuca procurando aliviar meus músculos e é quando escuto alguém bater na porta.

“Entre.” Ordeno e Ruby abre a porta.

“O Sr. Colton deseja falar com o senhor.”

Franzo a testa. “Ryan?”

“William. Ele está lá embaixo esperando com a Sra. Cora.”

Merda. Eu sabia que ele ia vir aqui, demorei a ligar e na verdade eu tinha que ter feito isso antes de conversa com Anton.

Eu só queria mais tempo para conversa com Will. Recebi uma mensagem de Elizabeth, via e-mail e quando respondi ela ligou. Falei com ela e com Ryan, explicando tudo e ele me avisou que o filho ia aparecer aqui mesmo eu tentando tranquiliza-lo. É sempre assim.

“Está bem.” Me levanto e contorno a mesa, indo até Ruby. “Vamos lá.”

Ela acena com a cabeça e me acompanha. No meio da escada viro-me para ela.

“Você poderia pegar as roupas no banheiro da minha suíte. Estão com doce e pode dar formiga, aproveite e dê uma olhada em Victoria, mas não a acorde.”

“Claro que sim, menino.” Ela sorri e girando o corpo, sobe para o terceiro andar e eu chego no primeiro.

“Como ela está?” Cora me aborda assim que me vê chegar na sala de estar.

“Dormindo.”

“Margot disse que ela caiu na escada. Como foi isso?”

“Jorge me disse que foi um acidente, ela se esbarrou nele e caiu. Graças a Colen, que estava subindo na mesma hora, ela não rolou a escada toda.”

“Meu Deus.” Cora diz angustiada e Will chega na esposa e abraça seus ombros, com um dos braços. “Mas ela está bem mesmo? Não sofreu nada? Não...”, ela deixa a frase morrer.

O bebê. Está preocupada com o bebê.

“Estamos todos bem.” Respondo no plural e faço um gesto com o rosto tentando mandar a mensagem de que precisa.

“Que bom! E como ela lidou com a perseguição?”

“Como isso aconteceu?” Will finalmente fala. Está sério e visivelmente nervoso.

“Jorge e Colen apenas sabem que nas redondezas da avenida que sai do hospital um carro apareceu seguindo-os. Foi uma longa perseguição.”

“Eu soube. Ken disse que monitorou Victoria através do celular.”

Assinto.

“Mas quero saber como ela chegou em casa?” Will questiona.

“Raul foi ao encontro deles. Pegou Victoria no shopping. Uma saída um pouco arriscada, mas a única no momento. O carro seguiu Colen e Jorge por mais de quarenta minutos, eles não quiseram prolongar o sofrimento dela.”

“Mas ela fugiu do carro no meio do povo. Foi muito arriscado essa alternativa.” Will fala indignado. “Poderia ter dado errado. Essa ideia por acaso foi sua?”

“Não! E saiba que também fiquei surpreso e não queria que *minha esposa* sofresse o aconteceu hoje. Estou fazendo de tudo para resolver isso e descobrir quem é, ou são, essas pessoas. Já que você não conseguiu até hoje descobrir William.”

“Você acha que eu gosto disso?” Ele dá dois passos na minha direção.

“Will, chega. Se acalmem.” Cora pede e coloca as mãos no peito do marido. “Não precisamos brigar. Isso não vai nos levar a nada.”

“Eu não quis ofender, só disse a verdade.” Comento fitando os olhos acinzentados do pai da minha esposa, tão parecido com ela.

Ele cerra a mandíbula e dando um olhar de que está bem para Cora, volta a me olhar.

“Acho que seria melhor deixar Victoria ficar em Malibu. Ninguém sabe dessa casa. Será mais seguro manter ela por lá. Sinto que esse lunático está querendo provar alguma coisa e vai atacar.” Engole em seco e conclui. “E eu não quero colocar a vida da *minha filha* em risco e a de ninguém.”

Agora eu mordo a mandíbula. “Não sei se isso é uma boa ideia.”

“É sim Ethan.” Cora diz e eu olho para ela. “Aquela casa é como um esconderijo e ninguém sabe dela, além do mais é distante de Los Angeles. Creio que seria bom para ela ficar conosco lá. Eu e seus avós vamos cuidar e ficar com ela.”

Desvio os olhos focando em um ponto na estante da sala e penso. Seria bom esconder ela. Eu tinha pensado sobre isso, levar ela para algum lugar que seja mais protegido e novo.

Por mim a tiraria do país. Tenho a sensação de que não a seguiriam para fora do país, mas se eu fosse seria para um país que não passaria na cabeça de ninguém que eu a levasse... Panamá, Bolívia ou até mesmo o Brasil.

Mas não sei, ela nunca lida bem com a ideia de escondê-la, trancafiar ela em um lugar e é compreensível. Ninguém gosta de ficar proibido de viver — de

certa forma é o que estamos pensando em fazer.

Porém, também tenho que pensar o melhor para ela e meu filho. Vou ficar com saudades de dormir com ela, ter ela em casa enquanto estiver na casa de Will, por que pela ideia eu não estou incluído. Não me importo, só quero a segurança de Victoria e sei que irei correr mais ainda atrás desse miserável, antes de acontecer o que não queremos que aconteça. Não concordo com Victoria sobre que talvez o pior tenha que acontecer para esse inferno ter fim e se for assim, e não ter um final feliz? Não! Eu não vou arriscar essa teoria de destino dela dessa vez.

“Está bem.” Falo assentindo e olhando para os pais dela. “Eu acho que seria uma boa, mas ainda não será o suficiente. Eu queria mesmo levar ela para algum lugar bem longe e estou pensando em armar uma cilada para esse filho da *puta* e enfim terminar isso. Estou cansado e ela mais ainda.”

“Também estamos, Ethan.” Cora murmura.

Will fica levemente distraído e engolindo em seco, diz:

“Eu acho que seu plano é bom. Quero dizer. Fazer uma armadilha é uma ótima ideia.”

“É”, afirmo sucinto. “Mas por enquanto vou levar ela para Malibu. Primeiro vou conversar com Victoria com acalma.”

E terei que ter muita paciência. Ela não vai gostar nenhum pouco de ficar longe de mim.

“Faça isso.” Cora diz gentilmente e se aproxima de mim, colocando as mãos em meus ombros. “Posso dar uma olhadinha nela? Quero muito ver minha filha.”

Sorrio e dou um aceno de cabeça concordando.



CORA E EU SUBIMOS PARA A SUÍTE ENQUANTO Will preferiu ficar e conversar com Ken e Raul. Não quero nem saber a conversa que ele vai ter com Raul quando ele souber, não vai ser nada bem. Ele não gosta muito dos pais de Cora.

Abro a porta do quarto para Cora e ela suavemente caminha para a cama. Ela senta na beirada e muito devagar afaga os cabelos da filha. Sorrio e invés de me juntar com elas, vou até o closet.

Ruby deixou tudo limpo em poucos minutos. As roupas sujas desapareceram do banheiro e ela ainda trocou as toalhas. Essa mulher é incrível.

Volto para o quarto e vejo Cora de pé velando Victoria dormir.

“Ela é tão doce. Minha princesinha.” Diz baixinho e pelo visto está chorando.

Fico ao seu lado e quando ela vira o rosto para mim, sorri com carinho e me olha estranho.

“Obrigada por cuidar dela, por amar tanto minha filha.”

Ergo as sobrancelhas em um movimento rápido, pois estou sem graça e abro um sorriso em agradecimento.

Cora volta a olhar minha esposa e deita a cabeça de lado, suavemente. Respira fundo e leva uma das mãos no rosto limpando as lágrimas.

Nossa. Eu não gosto de ver as mulheres da minha vida chorando não, porém a única que acaba fazendo eu chorar é a minha. Passo um braço pelos ombros de Cora e fala, tentando acalmá-la.

“Não fique assim. Ela está bem Cora.”

Ela suspira e balança a cabeça. “Nunca achei que um filho meu sofreria assim, mas também nunca pensei que”, ela vira o rosto para mim, “haveria outro homem como Will no mundo e ele justamente se apaixonaria profundamente pela minha filha. Então, apensar de tudo. Eu sou grata e sei que você fará de tudo, além do que já fez, por ela.”

Sutilmente deixo de abraçá-la e engulo a emoção. E olho *meu anjo, meu amor*.

“Na verdade, o privilégio de amar e estar ao lado dela é meu. Foi ela que me achou e com certeza, eu vou dar tudo para ela. Até mesmo as estrelas se ela me pedir.”

Cora suspira e funga baixinho. De repente seus braços estão em mim, me abraçando. Tocado com seu carinho, retribuo.



VEJO O CARRO DE WILL e Cora passar pelos portões e enfim retorno para dentro de casa. Estou esgotado e ainda tenho que falar com Raul, foi o único com quem ainda não conversei, mas antes de voltar para o escritório preciso beber alguma coisa e para não acabar com um copo de uísque na mão vou atrás de cafeína.

Entro na cozinha e ela está vazia. A casa toda está silenciosa e nesses momentos eu sinto a falta que a presença de Prince faz aqui. Ele sempre está atrás de mim e mesmo que eu duvide que agora ele estaria lá em cima no quarto

com Victoria, sei que ele sempre fica no meu encalço.

Tiro o copo da cafeteira do lugar e meus ombros caem. Tem só um restinho. Merda. Balanço a cabeça e pegando uma caneca no armário de cima da pia, despejo o resto do líquido preto.

Ainda está quente e o cheiro, fresco. Talvez Ruby tenha feito para os seguranças ou Will e Cora. Se bem que a hora não pede um café.

Estou bebendo um pouco do café e abrindo a geladeira procurando algo para beliscar quando minha governanta entra na cozinha.

“Deseja alguma coisa?” Ela pergunta parando perto de mim.

Primeiro penso que ela poderia me ajudar a fazer alguma coisa, sim. Estou ficando com fome e a última refeição que eu fiz tem mais de sete horas. Meus planos eram chegar em casa e jantar com Victoria.

Porém pensando melhor olho as horas e volto a encarar Ruby.

“O que você está fazendo aqui ainda? Não deveria estar em casa.”

Ela faz uma careta. “Sim, mas eu sei que você precisava de mim, então deixe isso pra lá e diga o que quer comer.”

Sorrio como forma de agradecimento. “Eu apenas queria tomar um café, mas pensando bem, acho que Victoria também não come desde cedo e eu queria fazer algo para ela. Vou subir daqui a pouco e vou acordá-la para comer.”

Ruby assente e logo começa a pegar algumas coisas do armário e pede licença para pegar ingredientes na geladeira.

“Vou fazer um lanchinho pra vocês.”

“Obrigado, vou subir para o escritório, mas não vou demorar, Então prepare uma bandeja que eu levo.”

Ela assente e sorrindo se aproxima de mim coloca as mãos em meus ombros e diz:

“Não precisa se preocupar. Eu vou levar a bandeja no escritório. Vai terminar de fazer o que precisa e eu preparo tudo.”

“Obrigado mesmo Ruby e assim que terminar, por favor, vá dormir.”

“Eu vou.”

Aceno com a cabeça e caminho para fora da cozinha. Paro quando ela me chama.

“O senhor ainda quer o café?”

“Não se incomode.”

Com gesto de desdém, vejo ela pegar os grãos de café e ligando a cafeteira de café expresso. Certo. Com ela não adianta dizer não.

“Já levo para o senhor o café. Pode ir.” Diz fazendo um gesto com as mãos, me expulsando.

Sorrio e balanço a cabeça. Passando pela sala de jantar vejo as portas da

varanda abertas e caminho até as cadeiras reclináveis de pegar sol e sento soltando uma respiração profunda.

Há um bom tempo que não venho aqui, não sento perto da piscina e vejo o sol nascer, ou se pôr, nem mesmo entro na água com Victoria. Adoro fazer isso com ela e sempre que estamos aqui lembro do final de semana que passamos depois do baile. Foram dias memoráveis.

Eu nunca fui muito de sonhar ou desejar algo na minha vida. Sempre fui de correr atrás do que eu queria. Por tanto que meus pais viviam reclamando da minha teimosia. Se eu queria algo, eu não parava de tentar até conseguir.

E hoje, agora, na minha vida eu tenho que ter mais ainda essa determinação e força de vontade. Não parar nunca, não descansar, não desistir ou esmorecer por medo ou porque tudo está dando sinais de fracasso ou dando errado.

Por tudo na minha vida eu lutei e tenho a *pouca* humildade de garantir; eu sempre conquistei tudo. Na escola, na adolescência, hoje, no trabalho. Conquisto tudo e principalmente a mulher linda e envergonhada que fiquei meses admirando a distância. Eu a conquistei. Eu a tenho para mim. Consegui o que sempre será minha maior conquista na vida.

E é por isso, pela minha teimosia, que vou provar que sou mais forte que qualquer inimigo. Não interessa que ele seja um fantasma. Eu vou pegá-lo e matá-lo. Deus sabe o quanto sinto sede de matar ele.

Eu sinto uma raiva tão grande que no primeiro momento que senti ela não reconheci o que meu corpo estava passando, mesmo com Nicole tendo feito aquela armação comigo eu nunca senti tamanho ódio e raiva.

Viro-me para a sala quando escuto vozes, me tirando dos meus pensamentos caóticos. Ruby está falando, ou explicando, algo para Raul. Ótimo, era com ele mesmo que queria falar. Penso levantando da cadeira e entrando em casa me aproximando deles.

“Ele deve estar no escritório.” Ruby diz, mas ao perceber minha presença sorri se virando para mim com meu segurança. “Olhe ele aqui.” Exclama e levanta sutilmente a bandeja pequena, onde tem uma caneca com um café fumegando e exalando o aroma. “Fiz seu café.”

Sorrio educadamente e estico a mão para pegar a caneca quando ela estica a bandeja para mim.

“Obrigado.”

“Não foi nada, menino. E daqui a pouco vou levar seu lanche e da Sra. Brown.”

“Certo.” Digo com um gesto com cabeça e me viro para Raul. “Você queria falar comigo?”

“O senhor queria falar comigo antes. Eu estava perguntando se já tinha ido

dormir, apenas.”

“Hm... Não. Eu estava tomando um ar.” Mordo a mandíbula e dizendo para ele me seguir, passo por ele e logo subimos para o segundo andar. “Sente-se.” Falo quando entramos no escritório e contorno minha mesa e me acomodo na minha cadeira.

“Não precisa senhor. Obrigado.”

Mexo rapidamente as sobrancelhas em sinal de impaciência. Estou muito esgotado, estressado, nervoso e preocupado para esquentar com ele. Não quer sentar. Foda-se.

Tomando um grande gole de café deixo a caneca em cima da mesa no porta copo — que Victoria deixou aqui para eu parar de manchar a mesa — e apoiando os cotovelos na mesa e as mãos perto do rosto olho para Raul com ar de poucos amigos.

“Quero que comece a se explicar. Que história toda é esse de você ser um tipo de anjo da guarda da minha mulher a mando dos avós maternos dela? Você sabe que isso pode implicar para o meu lado. Posso brigar com meu sogro por culpa da sua mentira.”

“Eu não menti.” Raul pronuncia em voz baixa sem se alterar.

“Como não? Eu não sabia nada sobre você ser um espião dos Leiwns.”

“Eu não sou um espião. Cuido da segurança dos Leiwns desde que me aposentei da Interpol. No caso tive a coincidência de encontrar o Sr. Leiwns um dia e ele estava desesperado com a situação da família. De imediato peguei aquilo como missão. Cuidar deles.”

“Mas isso foi desde quando?”

“Desde que eles voltaram para Inglaterra. Poucos dias depois eu encontrei com Johnny e após seu desabafo, nos demos bem e eu me ofereci para ajudar.”

Dou um aceno com a cabeça, absorvendo tudo, porém quero saber da parte que me interessa.

“E quando veio cuidar de Victoria? Por que ela?”

“Eu não cuido apenas dela. Estou aqui para cuidar da senhora Cora e de sua filha. Foi isto que me designaram. Estou aqui desde que aconteceu um acidente com Cora e um dos seus irmãos, onde seus pais ficaram além do desespero para proteger seus filhos.”

Franzo a testa. “E Victoria?”

“Tudo aconteceu muito rápido, além do acidente foi também o momento onde esses homens que perseguem eles fizeram uma emboscada e levaram Victoria com sete anos. Eles usaram um momento de fragilidade para atacar.”

“E por que você não fez nada? Você se garante tanto.” Cuspo com gosto de ferro as palavras. Não posso diante de tanta arrogância, onde ele diz ser um ex

agente especial da Interpol, não salvar minha esposa quando pequena, ficar calado.

“Naquele dia infelizmente eu estava com a Sra. Leiwns em Londres.”

Que maravilha. O destino de vez em quando chega a ser irônico ou filho da puta mesmo enquanto o homem com olhar escuro e frio, dando aspecto de não possuir uma alma, porém educado e gentil — todas as vezes que está perto das mulheres e da minha em especial, tratando-a cordialmente — esteve de olho em Victoria, nada lhe aconteceu, mas bastou ele se ausentar e a pegaram. Destino de merda.

“Alguma vez você realmente interferiu em algum caos?” Questiono.

Ele acena uma única vez.

“Alguém soube da sua proeza?”

“Ken.”

Ah, sim. Ken!

“Por que ele sabe da sua missão salvadora?”

Raul cerra a mandíbula e vejo rapidamente ele aperta os punhos. Talvez não tenha gostado do meu jeito irônico. Não posso me ajudar agora. Há tempos não sou babaca com ninguém. Victoria parece ter tirado esse defeito de mim, mas pelo que estou notando, só ausentei esse *Ethan* de dentro de mim porque ela não gosta e ele está de volta. *Fortemente*.

“Ken me descobriu em poucas semanas, assim que comecei a seguir Cora e Victoria. Ele quase me deu uma surra, mas quando contei quem eu era, meu propósito e tudo, ele não fez nada. Hoje vive de olho em mim se o senhor quer saber.”

Assinto enquanto o ouço e muito satisfeito. Eu sabia que poderia contar com Ken.

“Ele falou com os Leiwns. Eles se comunicam, para tranquilizá-lo. É a segunda garantia de que sua filha e neta estão bons.”

“Certo! E a parte do resgate de hoje... De quem foi essa ideia tão contra senso?” Não acredito que falei essa palavra arcaica. Deus!

“De nós dois.” Responde baixo novamente sem deixar passar nenhuma informação através de seus gestos. É um nato agente do governo. Morre, mas não conta o segredo. “Eu e Ken sabemos os ricos que Victoria corre desde muito cedo, sempre conversamos sobre medidas de saída e prevenções. Temos outras formas de sair de uma perseguição como a de hoje.”

“Colen também e nem por isso conseguiu despistar o carro.”

“Colen é um mafioso e está acostumado a fazer tumulto para tripudiar seus inimigos. Ele não se importaria de usar o poder do fogo. Só não fez isso porque sabia que você iria acabar com ele depois e por ser um grande risco tendo tiros

disparados pelo inimigo, mas, todavia, eu e Ken tivemos a ideia de fazer um resgate como este com Victoria, ou Cora, mediante elas ficando afastadas. Victoria crescendo e se tornando independente...”

Deixo escapar um resmungo misturado com um riso azedo, interrompendo-o e ele entende muito bem o motivo. Victoria não é independente, não porque não quer é porque não deixam e não pode de certa forma.

“O senhor entendeu. Concluindo...” Faz um gesto com a cabeça de impaciência, jogando o queixo para a direita rapidamente e volta a olhar meus olhos fixamente. “Eu fui treinado para casos como esses, perseguições em público, sem riscos e outras saídas. Ken e eu pensamos estrategicamente caso tivéssemos que fazer. Não foi de uma hora para outra Ethan que decidimos pegar uma moto e fazer Victoria sair de um carro, enfrentar um tumulto e encontrar um de nós. Planejamos isso muito bem.”

Deixo de cruzar os braços e pouso as mãos na cintura com os braços abertos. Isso tudo para estar consumindo minha energia. Sinto como o ar não fosse suficiente para os meus pulmões.

“Eu entendi o que você está fazendo.” Falo sem encará-lo, fitando a foto da minha esposa na mesa. “Eu entendo como os pais da Cora devem ficar com essa situação toda e eles não se falam direito e tudo mais. É um caso de família muito complicado e infelizmente minha esposa é a que mais sofre.”

Volto a olhar para ele e o pego torcendo a boca, então logo emendo.

“Você vai dizer que não? Que todos sofrem na mesma medida? Acho que pode ser, acho que cada um carrega um pouco desse fardo, mas você não pode deixar de ver como ela sofre e nem tem culpa. Como não teve chance de ter outra vida. A Cora também. Era muito nova quando teve Victoria e eu entendo tudo, me comovo, não por estar no meio disso tudo. Acho que não há ninguém que saiba desse caos que não se comova.”

Ele assente, atento sem ao menos picar, me ouvindo.

“Porém eu quero dizer que diante dos meus olhos a garota sorridente se transformou em uma paranoica e deprimente. Tentou se afastar de mim. Tenta se afastar dos outros e quando ela estava ficando mais solta, começando a viver tivemos o susto onde acabou tirando meu segurança e você se infiltrou finalmente na vida dela. Então...” engulo em seco “a única coisa que eu peço é para você fazer realmente o seu trabalho. Eu não sei o que pode acontecer”, mordo o maxilar. “Só eu sei o quanto não quero que nada acontecesse com ela e com meu filho. Quero que você continue trabalhando e dando tudo de si. Não há tempo para erros, não há chances para corrigir e nem riscos para serem tomados. Não é momento para planejar é um acerto de contas. Está claro para mim e eu quero que vocês, todos os seguranças, ajam, não pensem. Atirem, não esperem.

Matem, não perguntem.”

Com um olhar frio e assertivo nós selamos diante do meu escritório que é para matar ou morrer por ela. Pelos Colton, Brown e Leiwns. Não importa.

“Você já pode ir se deitar. Também estou indo.”

“Sim, senhor.” Raul diz e com um aceno de cabeça deixa o escritório.

Sentando na cadeira, novamente, deixo os batimentos do meu coração se acalmarem e o ar voltar para os meus pulmões. Me acalmando.

Termino o café, que talvez seja o culpado de eu estar agitado agora, não que eu não tenha outros motivos. Olho para a tela do computador e penso que amanhã terei que ligar para Debora, mais uma vez ela vai segurar as pontas para mim, junto com Anton.

“Senhor a bandeja.” Ruby diz parada na porta.

“Certo.” Levanto da cadeira e vou ao seu encontro já pegando a bandeja. “Obrigado e vai se deitar agora, por favor, Ruby.”

Ela sorri e assente. “Boa noite, senhor.”

“Boa noite.”

Com cuidado para não derramar a bebidas nos dois copos, subo as escadas. Ruby fez um lanche um pouco infantil para nós. Leite quente com baunilha — o aroma é delicioso — baguetes com peito de peru e queijo branco, e ainda tem uma fruta para Victoria. Não sou muito chegado em comer fruta de noite e Ruby me conhece.

Chegando na porta do quarto empurro, pois estava encostada e observo Victoria deitada entre os lençóis e os travesseiros. Parece ter se mexido bastante durante o sono. Vou até a mesa perto da varanda e deixo a bandeja em cima para ir acordar minha esposa.

Ela está dormindo desde as sete e pouca, agora o relógio marcam quase uma da madrugada. Está dormindo há muito tempo e sem comer ou beber nada também.

Tirando os chinelos, levanto as cobertas e vou me chegando mais perto dela arrastando meu corpo para junto do seu. Com delicadeza passo o braço por cima dela, envolvendo sua cintura e pousando a mão no osso do quadril.

Ela está dormindo meio de lado, meio de barriga para baixo. É uma posição que com certeza levará a uma dor na coluna depois, mas ela parece tão confortável em seu casulo particular e modestamente aquecido por seu corpo macio.

Ela resmunga quando me mexo de novo para poder colocar meu braço debaixo em arco, apoiando o cotovelo entre os travesseiros e poder ver seu rosto melhor. Inclino-me e deixo um beijo casto em seu rosto e sorrio quando ela novamente resmunga. Sinal de que está entre o sono e razão.

“Meu anjo.” Sussurro e beijo-a de novo. “Você precisa acordar. Comer e se quiser tomar um banho quentinho com seu marido de banheira.”

Victoria remexe os quadril e estica as pernas, até então dobradas.

“Hein... Acorde meu anjo.”

“Hmm...” resmunga alto e escorrendo-se entre meu braço que a envolve ela fica totalmente de barriga para baixo e vira o rosto para mim, escondendo-o no meu peito. As mãos deslizam pelo meu abdome e então ela espelha minha posição. Envolvendo minha cintura com seu braço de cima e o debaixo ela deixa a mão espalmada no meio do meu peito. Os dedos dedilhando suavemente.

“Ruby fez um lanche bem legal pra gente.” Digo enfiando a mão por debaixo da camisa larga que ela veste, minha camisa, e acaricio sua pele.

“U-hum.”

“Você não quer comer comigo?”

“Você não comeu?” A voz baixinha, suave e rouca de sono é como uma sinfonia para os meus ouvidos.

“Ainda não. Estou esperando minha esposa para comer comigo.”

Escuto-a sorrir e tiro o cabelo da frente da sua bochecha para ver seu sorriso.

“Amo ouvir você dizer isso.”

“Que bom. Eu amo que você seja minha esposa.”

O sorriso doce se abre mais ainda e ela me abraça com força. Sorrio também e desço meu corpo para baixo ficando cara a cara com ela. Beijo suave seu nariz e trago seu corpo para os meus braços, abraçando-a de cheio. Como eu gosto.

Lentamente ela abre os olhos me presenteando com suas bolas verdes acinzentadas e um sorriso apaixonado. É sempre bom ter *isso aqui*, não importa que o mundo esteja desabando. Eu tenho *isso aqui*.

“Olá.” Murmuro humorado apenas para ela sorri de novo.

“Oi.” Ela retribui do mesmo modo.

“Vamos lancha?”

Invés de me responder, ela sorri e pisca os olhos calidamente e os fecha quando aproxima o rosto do meu. Aperto-a em meus braços e ela me abraça com as pernas me dando um selinho que eu retribuo e ganha mais um. Sorrimos e ficamos trocando beijos até que ela segura meu rosto e suspira de olhos fechados.

“Quero dizer uma coisa pra você.”

“O quê?” Pergunto.

“Eu te amo.”

Solto a respiração pelo nariz quando sorrio e beijo sua testa. “Eu te amo

mais.”

“Não é possível porque eu te amo muito mais.”

“Hmm... Amor. Eu amo você infinitamente.”

Victoria faz uma cara engraçada e morde a boca antes de dizer: “Eu te amo pra caralho.”

Dou gargalhada e giro o corpo na cama levando seu corpo com o meu. Deixo ela por baixo e paio sobre seu corpo me apoiando no joelhos dobrados e as mãos ao lado do seu rosto.

“Você é terrível meu anjo.”

“Sou sua é por isso.”

“É sim. Muito minha. Agora vamos comer, para tomar um banho quentinho e finalmente ter um sono merecido.”

Ela assente e faz carinho no meu rosto. Beijo sua mão e rapidamente tiro as cobertas, emboladas em nossas pernas, de cima e saio da cama acompanhado de Victoria. Na mesa, sento primeiro e faço Victoria sentar no meu colo. Ela sorri e abraça meu pescoço com um dos braços.

“Isso parece estar bom.”

“U-hum.” Concordo e fico feliz de vê-la comendo e aparentemente calma.

Pensei que fosse encontrá-la cabisbaixa ou triste como todas as vezes que acontecesse alguma coisa ela fica. Dessa vez é diferente e apenas noto que ela está agarrada a mim e me beijando toda hora.

Nós dois comemos e Victoria acaba com tudo no seu prato e ainda rouba um pedaço do meu sanduíche. Rio e beijo a maçã do seu rosto.

“É o seu filho.” Diz brincando.

“Eu sei.”

Deixando ela na cadeira vou até o banheiro e ligo a torneira da banheira. Coloco os sais de banho e volto para o quarto. Pegando sua mão vamos para o banheiro. Rapidamente nos despimos, ela faz um coque alto para não molhar o cabelo e entra na água da banheira comigo.

A água está quente e os sais de banho fazem uma leve camada de espuma. Victoria pega a esponja e esfrega meu corpo calmamente. Quando termina repito o processo nela.

Sem molhar os cabelos ela sorri para mim, se vira e senta em cima de mim. Abraço seu corpo e fecho os olhos relaxando. Sua cabeça está apoiada no meu peito. As pernas esticadas e os pés brincando com os meus. Ela suspira e escuto-a bocejar. Rio e beijo seu rosto.

“Vamos dormir meu amor?”

“Como eu ainda estou com sono? Esse remédio não termina nunca?”

“Não sei se é por causa dele. Eu acho que você dormiu sedada, mas o

esgotamento ainda está aí.” Inclino para ver seu rosto. “Você não acha?”

Ela suspira, os olhos ficam distantes e piscando com força ela assente.

“É. Acho que deve ser isso e...”

“O quê?”

“Já sei que vou ter pesadelo e já estou odiando meu sono antes de deitar na cama.”

“Não pense assim.” Sento e ela é obrigada a fazer o mesmo. “Vira-se pra mim.” Ela faz e eu pego seu rosto entre as mãos. “Vamos pensar positivo e mesmo que você sonhe, eu vou estar com você. Vou te proteger e se você gritar estarei ao seu lado para te acordar e tudo vai passar.”

Suas feições, bem devagar, voltam a se ascender. “Você é o meu príncipe encantando.”

Assinto e beijo seus lábios. “Sou sim e você é a minha bela adormecida.”



COMO UM SOLAVANCO, desperto de um sono tortuoso e intenso. O senso de realismo chegou a ser aterrorizante. Foi um daqueles sonhos que a pessoa se vê nitidamente em uma situação e ao acordar, fica como estou. Confuso e com os batimentos desordenados.

Respiro fundo sentado na cama e olho Victoria. Ainda está tranquilamente em seu sono, talvez hoje invertamos as coisas e provavelmente meu desejo de trocar de lugar com ela hoje aconteceu.

Mas é estranho, pois eu nunca tenho pesadelos. Não consigo nem lembrar a última vez que tive um quando mais novo, porque definitivamente, depois da minha puberdade, nunca tive um. Volto o rosto para frente e não foco em nada. Tento acalmar meu coração acelerado e uma dor despachada dentro do meu peito. Foi um sonho horrível.

O sofrimento e a angústia de não conseguir fazer nada me desola demais. A tristeza nos olhos de Victoria e de sua família, da minha também. Eu nunca tinha sentindo tanta dor como este sonho me causou.

Bem devagar me arrasto na cama e levanto indo até o banheiro, enfio minhas mãos debaixo d'água e inclinando o corpo para baixo, pego um pouco de água fazendo uma concha com as mãos e passo no rosto. Querendo de alguma forma jogar para longe a dor e a perda.

Meu peito parece que vai se abrir e queimar de uma forma indescritível.

Apoio as mãos na bancada da pia e deixo a cabeça pender para a frente, os ombros rígidos e o corpo tremendo. Fecho os olhos tentando recuperar o fôlego.

“Meu Deus” arfo e puxo o ar de volta com força e o seguro junto com as lágrimas que insistem em sair. Talvez eu tenha algum alívio com elas, mas estou receoso de que se eu chorar, não conseguir parar. “Minha nossa.”

É estranho lembrar de fragmentos do sonho. Não conseguiria explicar ou narrar como foi, o que aconteceu se alguém me perguntar, mas a dor angustiante e a sensação de perda que está embutida no meu peito é terrível.

Jogo um pouco mais de água no corpo, no rosto e na nuca sem nenhum alívio. Tiro a calça de flanela e a camisa de dormir e entro no boxe. O jato de água quente atinge com força minha cabeça e me apoio na parede de azulejos frios contrastando sobre o vapor da água.

“Meu Deus não permita isso. Não importa o que seja, não deixe que eu sinta essa dor para sempre, por favor.” Falo baixo como uma oração. “Me traz alívio.”

Saio do banho e rapidamente me seco para me vestir e voltar para minha esposa. Preciso tanto dela. Preciso me aconchegar em seu corpo, abraçar ela e fechar os olhos para sentir seu cheiro, apenas ela conseguirá me dar alívio.

Eu só saí da cama para não acordá-la com os tremores horripilantes que meu corpo estava passando.

Apagando as luzes do banheiro, com a luz amarela do closet acesa, volto para o quarto. Paro nos pés da cama e olho tão serena e tranquila meu anjo na nossa cama. Meus olhos enchem d’água e meu coração chora em abandono. Sou obrigado a tapar a boca para não deixar o barulho do meu soluço acordá-la. Meu corpo todo treme e respiro calmamente, me recompondo.

Victoria se mexe, virando na cama, esticando o braço para o meu lado me procurando. “Ethan.” Murmura.

“Estou aqui amor.” Digo e engulo em seco caminhando até ela.

Me colocando debaixo das cobertas logo a tenho onde ela pertence. Meus braços. Beijo seus cabelos e sussurro para ela dormir.

“Você está bem?” Pergunta e se aconchega ao meu corpo abraçando meus braços sobre seu peito.

Murmuro um sim e assinto. Não dizemos mais nada e faço-a pegar no sono de novo acariciando seus cabelos e posso dizer com toda certeza que hoje não pego mais no sono.



BATO COM FORÇA A MÃO NO BOTÃO VERMELHO DA ESTEIRA e ela imediatamente começa a desacelerar progressivamente. Meus pulmões pedem ar. Estou arfando, todo suado e as mãos vermelhas pelos socos que dei no saco de pancada antes de subir na esteira e correr até sentir minhas pernas dormentes.

Ainda com o corpo em estado caótico de aceleração da endorfina e sobre o efeito da adrenalina da corrida, saio da esteira. Só fiz isso porque estou acostumado e porque o estresse bateu junto com a fadiga.

Sento no aparelho de fazer peito, no banco inclinado e acabo com a água dentro da minha garrafa. Tinha deixado ela justamente neste lugar estratégico.

Acordei — ou levantei, afinal não consegui dormir direito depois do pesadelo — tem mais ou menos uma hora, uma hora e meia. Depois que parei de namorar com os olhos minha mulher, dei um beijo em seu rosto e troquei de roupa para espalhar meus pensamentos na academia aqui de casa.

Não vou mentir dizendo que não estar dormindo direito não está me consumindo, mas só vou dormir agora à noite. Victoria deve levantar a qualquer momento e eu não quero ela se preocupando comigo. Se me ver bocejando ou arrastando os pés vai teimar em me fazer deitar.

Saio da academia deixando a porta aberta e atravesso o deck da piscina até entrar na cozinha pelo balcão do lado de fora.

“Bom dia, Ruby.”

“Bom dia patrão. Já está acordado tão cedo?” Ela deixa o regador perto da planta que molhava e me olha com cautela. “Você está bem?”

Curvo a boca levemente para o lado e passando por ela aperto seu ombro. “Estou. Só vim pegar um pouco de café. Victoria deve acordar daqui a pouco.” Digo de costas para ela servindo uma caneca de café para mim.

“O senhor está se entupido de café agora? Antes era uísque quando estava ansioso ou nervoso.”

Rio e viro para ela. “Qual você prefere? E quem disse que estou nervoso ou ansioso?”

“Preferia você calmo.”

“Eu estou bem. Agora me dê licença. Vou acordar uma senhora muito linda lá no meu quarto.”

Ruby sorri e se aproxima de mim. “Ela faz bem para o senhor e você a ela, mas não se desgaste. Deixe que seus homens cuidem das coisas Ethan.”

Dou-lhe um sorriso frouxo e assentindo saio da cozinha.

Com passos largo subo as escadas de dois em dois degraus, tomando cuidado para não derramar o café que bebo a cada lance de escada, que são só

dois. Entrando no quarto, vejo a cama vazia. Ótimo! Ela levantou. Já estava ficando preocupado, se bem que nem oito horas são.

Entro no *closet* deixando a caneca vazia na mesa do quarto e encontro meu amor escovando os dentes. Seus olhos percorrem meu corpo de cima à baixo e sorri com a boca cheia de espuma.

“Bom dia, querida.”

“Am ihm...” Resmunga com a escova na boca.

Rio e me aproximo dela. “O que você disse?”

Victoria balança a cabeça e revira os olhos antes de cuspir. “Bom dia.” Fala e lava a boca.

“Agora sim.” Digo e paro atrás dela, abraço seu corpo ainda inclinado para pia. “Dormiu bem?”

Ela assente e se erguendo, coloca a escova limpa ao lado da minha no porta —escovas sobre a pia e se vira em meus braços.

“Dormi e até demais.” Responde e levanta o queixo me olhando com um ar atrevido e cerra os olhos. “Você não dormiu nada, não foi.”

“Dormi sim. Não se preocupe.”

Suas feições ficam suaves e ela me abraça com força. Solto a respiração e abraço seu corpo com mais força ainda.

“Eu estou bem Victoria.”

Ela resmunga um sim, balançando a cabeça deitada no meu ombro e sinto suas unhas cravarem — sem muita força — minha pele. Cerro a mandíbula e beijando seus cabelos afasto-a um pouco. Beijo seu rosto em vários lugarzinhos e segurando seu rosto trocamos um beijo terno.

“Eu estou bem.”

“Eu te amo” ela responde e afaga meu rosto.

Sorrio e beijo-a mais uma vez. “Vamos descer para tomar café. Ruby está preparando.”

Ela assente e quando se desgruda de mim olha para o corpo. Seu vestido está todo molhado do meu suor ou seria melhor dizer ele me enxugou.

“Vou ter que trocar de roupa primeiro, não é.”

“Vamos.” Corrijo.

“Não vai tomar banho?”

Fito seus olhos e nego com a cabeça me soltando dela e ficando perto do cesto de roupas, tiro os tênis com a ajuda dos pés.

“Vou tomar banho depois do café e” olho para ela “se você quiser me dar a honra de me acompanhar.”

Victoria franze a testa e se aproxima. “E o trabalho?”

Nego mais uma vez com a cabeça e me abaixo em um movimento rápido

tirando a calça de corrida junto com a cueca, afinal ficou tudo uma meleca suada. Ergo meu corpo de novo e vejo os olhos do meu anjo me admirando.

Sorrio e me abaixo de novo para pegar a bainha do seu vestido, na altura dos joelhos, e puxo para cima tirando ele. Agora eu admiro seu corpo apenas de calcinha e sutiã. Corro as mãos das coxas até suas costelas e puxo seu corpo para mim de novo.

Ela engole em seco e morde os lábios para não sorrir. Mexo a sobrancelha esquerda, brincando com ela e dou um beijo molhado em seus lábios. Victoria geme e me abraça.

“Nós podemos relaxar depois. Primeiro vamos comer.”

“Não acha que temos coisas mais importantes pra fazer antes não?” ela pergunta com a voz sedutora e eu acabo rindo.

“Seria muito bom agora, mas eu acabei de correr e malhar. Meu corpo está precisando recuperar as energias e para demandar o esforço que vou precisar fazer com você preciso me alimentar mesmo.”

Ela dá risada e assente. “Está bem super homem.” E se solta de mim, entrando no closet. “Por que sua boca está com gosto de café se você ainda não comeu?”

Rio, jogando seu vestido no cesto e sigo sua voz no closet. Ela já está vestindo um vestido limpo e agora ele é azul escuro e cobre seu corpo todo. Vejo-a caminhando até o meu lado e pegando uma calça de flanela limpa e uma camisa. Abro um sorriso orgulhoso por ela cuidar de mim. Sou um bobão e nunca vou me acostumar com isso.

Quando ela caminha para mim e entrega a roupa, seguro suas mãos e beijo seu rosto. “Obrigado.”

Ela sorri e faz um gesto com a cabeça como dissesse: *Não foi nada*. Assinto e sobre seus olhos atentos visto a roupa.

“Amor!”

“O quê?” pergunto com cautela enfiando uma das pernas na calça e levanto o rosto para uma esposa de olhos bem arregalados.

“A cueca.” Ela corre para as minhas gavetas e volta com uma boxe nas mãos.

Rio e tiro a perna da calça, visto a cueca e finalmente a calça. Coloco a camisa e pego Victoria nos braços.

“Qual o problema eu ficar sem cueca? Às vezes você não liga.”

Ela ergue as sobrancelhas e faz um biquinho. “Quando estamos sozinhos e na hora de dormir, né.”

“Mm... Isto é ciúmes?”

“Nah...”

“Não?”

Ela nega.

“Está bem, mas você fez agora como se eu fosse para o trabalho sem cueca.”

Ela dá de ombros e se soltando de mim sai falando: “Vamos, estou com fome.”

“Agora você está com fome, é?”

Esperando na porta do quarto eu sair, ela faz uma cara irônica. “Estou sempre com fome ultimamente.”

Como sempre a menção do nosso filho faz meu coração bater mais forte. Abro um sorriso alegre e parando na frente dela espalmo a mão na sua barriga e dou um beijinho em seus lábios.

“Então é melhor eu ir. Preciso alimentar meu filho e a minha princesa angelical feiticeira.”

Ela ri alto enquanto descemos. “Eu sou isso tudo?”

Assinto e quando chegamos no primeiro andar paro e a seguro. “Esqueci. Esposa, amiga e em breve minha mamãe mais linda.”

“Oh, querido.” Sussurra e os olhos ficam marejados.

“Não chore amor.”

“Não vou.” Ela sorri e passa as mãos nos olhos. “Só fiquei emocionada, não triste e você é tão maravilhoso.”

“Porque você também é, preciso estar à altura.” Seu rosto se contorce para conter a emoção. Não querendo vê-la assim, beijo seu rosto todo, cada ruguinha que ela fez. “Não fica assim.”

Victoria suspira e enfia os dedos em meus cabelos. “Eu estou bem e... eu amo tanto você.”

Assinto e sinto meu coração acelerar de novo. “E eu você, por favor não chore porque seu marido é um babão.”

Isso a faz rir. “Meu marido é maravilhoso, isso sim.”

Pisco o olho e pego sua mão levando para a mesa do café da manhã. Ruby logo aparece trazendo ovos mexidos e mingau de aveia para Victoria. Enquanto comemos, falamos sobre o assunto do dia. Claro, Raul. Victoria fica surpresa com toda a história e é claro que pergunto o que ela acha disso.

“Não sei Ethan.” Diz com os olhos fixos no seu prato. “Acho que podemos confiar nele. Afinal, você já me deixou com ele — quero dizer sozinha, tomando conta de mim — várias vezes e eu estou aqui... E depois de ontem” olha para mim e diz “acho que ele merece créditos.”

“Eu pensei isso também. Você tem razão e o Ken sabia dessa história e ele é o único que seu pai confiou sua vida há anos. Ninguém nunca substituiu Ken.”

“É verdade. Não me lembro de ter outro guarda-costas, ele sempre esteve comigo e se ele confia no Raul, nós podemos também. Não acha?”

Assinto e percebo que seu olhar está distante. Estico o braço e pego sua mão. Estou sentado na cabeceira e ela na ponta. Quando vou perguntar se está tudo bem, o telefone de casa toca, o barulho estridente e alto domina o ambiente. Rapidamente Raquel, assistente de cozinha da Ruby, aparece e entre o aparelho para mim.

“É para o senhor do escritório.”

“Obrigado.” Agradeço e pego o aparelho. “Ethan” pronuncio para saber que sou do outro lado.

“Senhor, é Debora.”

“Fale. Qual o problema?”

“O seu irmão me disse que não virá hoje e”

“Eu ia ligar para você e pedir para cuidar de tudo e transferir as reuniões.” Explico, cortando-a.

“Sim, tudo bem. Sem problemas. Eu apenas liguei para saber se o senhor pelo menos não pode dar uma olhadinha no contrato pré-aprovado do seu cliente que o senhor Anton vai fazer a reunião, está bom.”

Respiro fundo e assinto antes de dizer. “Tudo bem. Eu dou uma olhada sim. Vou terminar de tomar café e faço.”

“Tudo bem senhor. Vou enviar para o seu e-mail e se o senhor puder imprimir e rubricar e enviar de volta via fax seria muito útil. Claro que se tiver tudo certo.”

“Irei ver isto tudo.”

“Certo, senhor. Bom dia e desculpe incomodar.”

“Sem problemas e se for realmente de extrema importância não hesite em ligar.”

Ouvindo-a se despedir, encerro a ligação e deixo o fone sobre a mesa, mas longe do meu prato.

“Você não precisa ficar em casa Ethan. Pode ir trabalhar.”

Franzo a testa e olho Victoria. “Você me pediu para ficar em casa ontem.”

“Eu sei”, sussurra e desvia os olhos.

Respiro fundo e escuto os dentes rangerem quando cerro a mandíbula. Tomando o resto do suco de laranja deixo o copo na mesa, observo que Victoria agora brinca com a comida em vez de comer e levanto da mesa.

“Vem.” Peço esticando a mão para ela.

Aceitando minha mão ela me acompanha para as escadas. Quando estamos passando pelo segundo andar escuto o telefone do escritório tocar. Resmungo e vou atender levando minha esposa comigo.

“Alô?”

“Sou eu irmão.” Escuto Anton e viro para ver Victoria fechando a porta e andando até a estante de livros.

“Se for para falar sobre o contrato, já sei. Debora acabou de me ligar.”

“Não é isso não.”

Atento ao meu irmão, acompanho com os olhos minha mulher pegando um livro e lendo a contracapa. Depois coloca ele no mesmo lugar e se vira para mim. Dou um sorriso frouxo e contorno a mesa, sento e faço um sinal para ela vir se sentar no meu colo. O que ela faz rapidamente.

Quer que eu vá trabalhar, mas basta eu chamar que se agarra a mim. Ela não me engana. Quer eu aqui tanto quanto eu quero estar com ela. Se eu fosse trabalhar hoje ficaria fora do ar, pensando nela o tempo todo e talvez trabalharia pior ainda do que de casa, como vou fazer.

Ela aconchega o corpo no meu, os braços envolvem meu tronco e a cabeça está em cima do meu coração. Enquanto Anton fala, penteio os cabelos dela para baixo.

“O que isso quer dizer?” Pergunto quando ele fala sobre o orçamento que fiz para publicidade de uma loja de departamento aqui de Los Angeles.

“Acho que você pediu pouco. Vou tentar melhorar isso. Eles são podres de rico, não seja modesto.”

“Vou deixar nas suas mãos, só não abuse.”

Ele ri. “Pode deixar e como está minha cunhada?”

“Muito bem.” Respondo olhando para ela de olhos fechados e as mãos me acariciando vagarosamente.

“Que bom.” Ele diz e faz uma pausa. “Queria falar com você sobre meu aniversário.”

“O quê?”

“É amanhã e como eu sei que você deve evitar sair de casa o resto da semana, falei com Jennifer que invés de vocês irem almoçar conosco amanhã, lá em casa, nós poderíamos jantar aí na casa de vocês.”

Não penso muito antes de dizer que concordo. “É uma ideia muito boa. Você está certo e prefiro que vocês venham aqui.”

“Então está marcado. Vamos amanhã jantar aí. Umas sete horas? Depois que eu sair do escritório.”

“Perfeito. Vou falar com Ruby.”

“Pede para ela fazer meu prato favorito. É meu aniversário, né.”

Rio e balanço a cabeça. “Vou pedir. Agora você tem mais alguma coisa para falar comigo?”

“Não. Era só isso.”

“Okay. Vou desligar e se precisar de alguma coisa liga no meu celular.”

“Sim. Tchau e te vejo amanhã.”

Murmuro um sim e desligo. Coloco o aparelho no gancho. Agora, com as mãos livres, abraço com vontade meu anjo. Ela geme baixinho e esfrega o rosto no meu peito.

“Anton vai vir jantar conosco amanhã.”

“Que bom. Hanna vai vir?”

“Com certeza, é aniversário dele.”

Ela inclina o rosto para mim e entendendo o propósito da escolha de vir para cá suas feições ficam carregadas. *A culpa*. Olho dentro dos seus olhos e acaricio seu rosto.

“Não quero que você fique assim, ele que deu a ideia. Sabe que quero ficar em casa.”

“Só porque você está preocupado comigo.”

“E daí? Eu não posso me preocupar com você? Não interessa a importância disso, eu sempre irie e vou me preocupar e pensar em você em primeiro lugar.”

Assente freneticamente e se ajeita no meu colo voltando a me abraçar, agora pelo meu pescoço e deixa a cabeça sobre um dos braços. Sinto seu nariz no meu pescoço aspirando meu cheiro.

“Eu sei Ethan, mas isso não é o normal. O certo era a gente ir na casa dele.”

“Pode ser, mas não importa.” Ficamos em silêncio e querendo recuperar sua alegria do banheiro — antes da ligação da minha secretária — brinco murmurando no seu ouvido. “E você quer que eu vá trabalhar?”

Ela nega com a cabeça.

“Eu já sabia disso e eu também não quero.”

“Hmm... Que bom.”

“É sim.”

Ficamos em um silêncio confortável nos amando. Acaricio seu corpo, as mãos deslizando em seus braços, na cintura, nas coxas — se enfiando por baixo do vestido — e seus cabelos. Suas mãos atrás da minha cabeça fazem carinho em mim, as unhas de vez em quando arranhando.

Fecho os olhos e contemplo esse momento. É um dia de semana, dia útil que eu poderia estar no trabalho, me estressando com meus clientes e tudo o que o trabalho traz, mas não, estou com meu anjo nos braços e realmente não importa a circunstância de me trazer a estar aqui em casa é sempre bom ficar com ela.

E esses pensamentos e a sensação está pesando mais agora por causa da proposta de Will. É uma escolha boa, mas não vai ser fácil. Pode demorar dois dias, uma semana, um mês. Qualquer tempo que me tirem Victoria é grandioso

demaís.

“Tenho uma coisa para falar com você.”

“O que é?”

“Seu pai acha que seria bom você ficar em Malibu, por enquanto.”

Seu corpo parece pedra em meus braços. Então ela se movimenta rápido se pondo ereta sentada nas minhas pernas.

“Como assim?”

“Ele quer que você vá para lá. Acha que se você sair um pouco da cidade vai ser bom.”

Ela torce a boca. “Malibu é aqui do lado Ethan.”

“Eu sei amor, mas ninguém conhece aquela casa.”

“Mas...”

“Vai ser rápido. Uma semana, no máximo um mês.”

Ela assente e desvia os olhos. O rosto transparecendo seus pensamentos conturbados, entrando em entendimento e sei que ela não gosta da ideia. Eu também não. Respirando fundo volta a me olhar e dá de ombros.

“E o seu trabalho?”

Merda. A parte mais difícil não era dizer a ideia, eu sabia isso, é dizer que não vou com ela.

“Eu vou ficar aqui.” Digo e engulo em seco cerrando a mandíbula.

Me assusta ver seus olhos ganharem brilho doloroso, suas lágrimas chegam tão depressa que sinto meu coração perder uma batida. Ela arfa e os lábios tremem, então ela se agarra a mim, se encolhendo no meu colo e chora tão depressa que me odeio por ter feito isso.

“Amor” murmuro tentando acalmar ela.

Ela estremece nos meus braços, seu coração bate tão rápido que sinto pela aproximação que estamos. As pernas sobem, se encolhendo, ficando como uma criança no meu colo, e às vezes ela é, minha garotinha assustada.

Sinto minhas lágrimas deslizarem e deito a cabeça na nela respirando devagar, enquanto sua respiração cada vez mais fica acelerada. O estopim. A dor do pesadelo, seu silêncio mediante o que ocorreu e como ela ficou emotiva ontem e acordou hoje até bem demais, essa ideia de levar ela para Malibu. Tudo chega de uma vez e remete a este abraço que não é o suficiente.

“Eu não quero ficar sozinha.”

“Mas você não vai ficar sozinha meu anjo. Sua mãe vai estar lá, nossos cachorros e meus avós. Acho que sua avó também.”

Ela nega e funga. “Eu fico dentro de casa. Não saio para nada.” Me aperta mais. “Eu prometo não sair.”

Arfo e beijo seus cabelos.

“Amor, você está grávida. Pode precisar ir no médico ou sair para fazer alguma coisa.”

“Mas não faz sentido.” Inclina a cabeça e fita meus olhos. “Se eu estiver aqui será a mesma coisa. E o médico pode vir até nós.”

“Não quero arriscar trazer ela aqui. Não posso confiar em ninguém no momento.”

“Ethan! Malibu fica aqui do lado. Não faz sen... — ” soluça “sentido, por que vai ser diferente ela ir lá?”

“Não sei. Não posso garantir isso a você além disso ninguém sabe daquela casa. Essa aqui todo mundo sabe de quem é e mesmo que não seja muito longe, Malibu é um lugar para deixar você mais segura. Sei que você não gosta, mas eu já estava pensando em um lugar para esconder você.”

“Você sabe que eu vou até para o inferno, mas com você.”

Engulo em seco e assinto. “Eu sei.” Balbucio.

Ela puxa o ar, arfando e os lábios tremem quando chora baixinho e me puxa de volta para um abraço apertado. “Me esconda *aqui*.”

Meu coração se aperta com suas palavras. O *aqui* quer dizer: nos meus braços. Resmungo e aperto com força.

“Eu fico quietinha aqui em casa. Com você.”

“Shuu... Não vamos mais falar sobre isso.”

Seu corpo está quente e as mãos sobre meu peito são como garras em minha camisa. Beijo seus cabelos e quero retirar minhas palavras. Não era para deixá-la assim, mas no fundo eu sabia que ela não ia lidar bem com o plano do pai.

Victoria inclina a cabeça e como fosse um bebê nos meus braços, me olha nos olhos intensamente e estica a mão que estava no meu peito até meu rosto.

“Eu não preciso nem olhar para o céu, ele está em seus olhos. Não preciso do sol, pois seu corpo me aquece. Não preciso de nada se eu tiver você.”

Com as mãos tremendo, assinto. “Você vai ficar comigo.”



DEPOIS DA CONVERSA NO ESCRITÓRIO, Victoria espera eu revolver o que Debora pediu e subimos para o nosso quarto. Tomamos o banho que tínhamos falado antes. Nos vestimos e vamos para cama. Deitamos agarradinhos e pego o controle remoto e coloco um filme. Escolho algo engraçado, nada de romance ou drama. Tenho isso de sobra no meu casamento.

Ela se aconchega em mim, suspira e eu beijo seus cabelos. De vez em quando damos risada e Victoria chega a chorar de rir.

“Isso é tão engraçado assim?”

“É” responde passando as mãos nos olhos.

Deixo de focar a televisão e viro o rosto inspirando o aroma dos seus cabelos lavados e secos por mim. Nunca tinha secado cabelo de ninguém, mas ela pediu e eu quis mimar ela hoje.

“Eu posso ser cabelereiro?”

Ela ri e sobe o rosto para me olhar. “Só se for exclusivamente meu.”

Assinto e beijo o biquinho que ela faz para mim antes de voltar a assistir TV.

Um pouco depois do filme acabar e minha mulher ficar sapecando os canais, escuto meu celular tocar. Viro meu rosto para a mesa de cabeceira e estico a mão para pegar o aparelho.

Merda.

“Quem é?” ela pergunta.

Acho que resmunguei alto.

“Seu pai.”

Ela olha um ponto qualquer em minha camisa e suspira. “Ele quer falar sobre Malibu.”

“Deve ser e porque está preocupado com você. Eles querem falar com você desde ontem.”

Ela morde a boca nervosa e senta na cama se arrastando para se encostar na cabeceira. Estica a o braço e pede com um gesto meu celular. Entrego e fico olhando para ela.

“É a Victoria, pai.” Corrige o que é previsto de Will, falar meu nome antes do ‘alo’.

“Sim, está do meu lado. Estou bem. Não precisa se preocupar. De verdade pai.” Ela coloca a mão no rosto e suspira. “Não precisa vir aqui, fica tranquilo. Se for para ver se estou bem, não venha. Estou muito bem.” Balança a cabeça e faz um biquinho mal humorado. “Não. Não sinto nada. Foi um acidente, não precisa matar o Jorge.”

Sorrio e assinto fazendo um *joia* erguendo o polegar. Ela agarra meu dedo e fala para o pai sossegar no canto dele. Acho que Cora aparece na linha e aí meu anjo fica mais relaxada, mas volta ficar nervosa quando Cora dá a crise que toda mãe dá.

“Não precisa, mãe. Parem com isso vocês dois, Que coisa! Eu sei que vocês se preocupam, mas eu estou bem agora e tudo foi um grande susto ontem. Foi horrível, mas estou bem.”

Ela faz uma pausa, escutando um deles, ou os dois. Acho que estão no viva voz. Então para o meu desprazer eles tocam no assunto de Malibu.

“Eu não sei se quero ir.” Escuto de longe Will gritar. Fico com raiva, mas me contenho. “Se você começar a falar assim, vou desligar. Não grita poxa.”

Respiro fundo e tento me afastar, antes que eu pegue o telefone e fale para o meu sogro que seu método de falar com a filha não funciona. Ela odeia essas demandas excessiva. Por isso eles acham ela rebelde. Não é isso. Com ela tem que comer pelas beiradas. Porra. Cadê a Cora? Ela sabe que é assim que a filha age.

Porém não saio nem do lugar. Victoria agarra minha mão e pede com os olhos para eu ficar. Assinto e respirando profundamente de novo, volto a ficar do seu lado. Agora ela se aconchega sobre meu peito.

“Pode ser, mas não faz muito sentindo. Eu estou — “ ela pausa e se vira para mim. Will não sabe do bebê. Me pedindo orientação com os olhos, eu dou de ombros. Por mim ela contava logo. Chega de segredo, mesmo que seja tradição. “Eu não sei se é uma super ideia.” Ela diz contornando a situação.

“Eu não me importo. Conta logo.” Falo tão baixo que na verdade gesticulei com a boca. E ela me ignora totalmente.

“Está bem. Eu vou pensar, só não dou certeza de nada. Eu não quero ficar longe do Ethan.” Pausa. “Eu sei que é para o meu bem e que vocês também me amam. Não disse nada disso.” Mais uma pausa. “Está bem mãe. Eu vou pensar.” Ela sorri e assente. “Certo. Beijos.” Desliga e coloca o celular na sua mesa de cabeceira.

“E então? O que eles falaram?”

Se vira para mim e me pegando desprevenido sobe no meu colo, sentando com as pernas abertas e me beija na boca. Enfia os dedos nos meus cabelos e a língua na minha boca rodopiando e sugando a minha.

“Minha nossa, meu anjo.” Falo sem fôlego. “Por que isso?”

Seus olhos brilham e ela dá de ombros. “Porque eu quis.”

Franzo a testa e acaricio seu corpo com uma camisola de seda.

“Fala a verdade.”

“Não é nada Ethan.”

“Um...”

Ela deixa meus olhos. “Por que você ia sair da cama? Você acha que os amo mais do que amo você também.”

“Não! Que absurdo é esse?” Não responde. Levanto seu rosto pelo queixo e olho seus olhos. “Eles falaram que você me ama mais do que ama eles?”

Ela assente e engole seco. “Não é verdade” sussurra.

“Eu sei que não.” Sorrio e beijo de leve seus lábios. “Amor de filho é

diferente de amor de marido. Amo meus pais e amo você. Não liga para o que eles falaram. Foi só para pressionar você a ir.”

“Eu sei, mas não quero que ninguém pense essas coisas. É horrível.”

“É verdade e é ciúme também.”

Ela sorri. “Deve ser, mas porque você ia sair da cama?”

“Não gosto como seu pai fala com você. Só isso.”

“Como assim?”

“Ele pressiona demais você e eu sei que não funciona. Com você é com jeitinho. Então para não me estressar com ele, quis sair.”

Ela dá risada. “Saiba que minha mãe fez seu trabalho.”

“Ótimo. E então o que você decidiu?”

Ela suspira e entorta a boca. “Posso fazer um teste de uma semana. Se eu não morrer de saudades, literalmente, eu sobrevivo sem você.”

Assinto e abraço-a bem apertado. “Eu também vou ficar com saudades, viu.”

“Eu vou muito mais e por favor, não demore, por favorzinho não demore mesmo.”

“Eu prometo.”



QUINTA-FEIRA, 04 DE MARÇO DE 2014.

HOJE EU E VICTORIA ACORDAMOS JÁ NOS preparativos para o almoço de aniversário para Anton que acabou se transformando em uma pequena festa. Meu anjo se empolgou.

Victoria fez questão de decorar a casa com bexigas de aniversário e tem até letreiro de parabéns. Ajudou Ruby com a comida e o bolo de baunilha. Convidou seus avós, pois a casa é aqui perto. Ainda bem que Will e Cora já estão em Malibu. Eu sei que não deveria *não* querer eles perto dela, mas a pressão que Will está colocando para ela ir para sua casa, está passando dos limites. Preocupação ou não, ele tem que aprender a manejar.

Enfim, tudo está impecável e tenho certeza que Anton vai ficar se gabando por isso.

Ela é incrível mesmo. Vai ser uma mãe como a minha foi. Dona Lauren fazia mágica para ocasiões como está. Uma festa surpresa e sempre acertava em tudo.

“Ele está demorando.” Diz Victoria andando de um lado para o outro na sala de estar.

Sorrio e mexo os pés sentado no braço do sofá olhando ela.

Anton acabou de sair do trabalho, ele mandou mensagem para o meu celular e minha cunhada também, com Hanna, estão vindo de casa com o motorista. São sete e vinte, devem estar chegando e minha esposa que está ansiosa.

“Ele já está chegando querida, para de andar... Estou ficando nervoso com você.”

Seus passos se estancam e ela me encara de cenho franzido.

“Eu estou te deixando nervoso Ethan?”

Curvo a boca de lado e levanto-me do braço do sofá caminhando até ela lentamente.

Está tão linda com um vestido vinho, ou vermelho, até os pés. As mangas $\frac{3}{4}$ e ele tem um decote sutil no colo, que ela aproveitou e colocou um colar singelo. Os cabelos loiros soltos e chegando no meio das suas costas. O sandália é baixa, por tanto quando a alcanço e abraço sua cintura, ela levanta o rosto — com uma maquiagem leve, apenas os lábios pintados de vermelho — para mim com um sorriso feliz.

“Já disse que você está deslumbrante hoje?”

Ela nega e sorri de boca fechada, mas os olhos acesos.

“Desculpe. Erro meu.” Murmuro e encosto a testa na dela. “Você está linda demais. Deslumbrante.”

“Obrigada” sussurra e desliza as mãos abertas em meus braços para cima e pra baixo. “Você também está ma-ra-vi-lho-so.” Diz separando as sílabas. “E eu só tenho olhos para você.”

Sorri e mordo a língua. Ela não vai me deixar esquecer tão cedo a crise de ciúmes de hoje mais cedo quando ela ficou perguntando como estava Colen.

Não sei o que me deu, só sei que tivemos uma pequena discussão por isso e ela passou praticamente a tarde me evitando, mas na hora de nos trocar, agora pouco, peguei ela saindo do banho e derrubei na cama. Pedi desculpas de uma forma bem sugestiva e ela me beijou. E acabamos transando.

“Eu sei. Minha esposa.”

“Sua. Só sua, seu idiota.”

Rio e desencosto nossas testas para beijar sua boca. Chupo seus lábios, depois lambo e enfio a língua na sua boca sentindo o gosto de menta da pasta de dente e inspiro com força para sentir o seu cheiro. Baunilha com morango e o aroma que nunca vou saber identificar. É simplesmente seu cheiro.

Paro o beijo quando escuto alguém pigarreando. Olho para ver quem é e vejo Anton com Hanna nos braços e Jennifer do seu lado sorrindo como tivesse assistindo algo bem romântico.

“Vocês chegaram.” Victoria exclama se soltando de mim e vai cumprimentar eles.

“Falando assim parece que vocês estavam muito animados para a nossa chegada.” Anton brinca com ela e beija seu rosto.

“Para sua informação, eu estava sim. Feliz aniversário!”

Ele abre um sorriso e abraça minha *garota de vermelho*. Ela é o meu pontinho vermelho hoje.

Sorrio e vou cumprimentar minha cunhada e pego Hanna no colo, mas ela se joga para Victoria quando se aproxima.

“Oi minha bonequinha. Como você está?”

“Estou muito bem tia e você está linda.”

“Oh! Que fofa. Obrigada Hanna. Você também está linda.”

Tento pegar minha sobrinha de volta, mas ela não solta Victoria.

“Vem um pouquinho comigo. Antes você não me largava.”

Ela fecha a cara e abraça com força o pescoço da tia. Rio e faço acarício em sua bochecha. “Tudo bem Hanna.”

“Vocês precisam de um filho, urgente.” Jennifer brinca.

Olho minha cunhada e pisco o olho. Ela levanta as sobrancelhas e talvez tenha entendido. Em breve terei o meu ou a minha bonequinha como Victoria chama minha sobrinha.

Sorrio e vou abraçar meu irmão, felicitando ele. Logo Elizabeth e Ryan chegam. Todos se cumprimentam e Elizabeth fica um tempinho com Victoria nos braços.

“O jantar está na mesa. Vamos comer.” Falo colocando a mão no ombro de Elizabeth. Ela sorri e assente.

Sorrindo e conversando normalmente vamos nos sentar à mesa.

“Ruby fez meu prato favorito. Que moral, hein.” Anton diz se servindo.

“E eu ajudei!” Victoria exclama toda feliz.

“Nossa! Obrigado cunhada.”

Ela agradece e as bochechas ficam vermelhas, aperto sua mão e ela me olha com seu jeito doce.

Conversamos enquanto comemos. Jennifer conta as travessuras de Hanna na escola e minha sobrinha diz ser inocente de tudo. Rimos e continuamos num clima contente.

Quando terminamos de comer, vamos sentar na varanda de casa, passar um tempo e cortar o bolo. Não quero que eles voltem para casa muito tarde.

“Vovó! Vovô!” Hanna exclama para os meus pais na vídeo conferência. Eles não poderiam perder a hora do parabéns.

Ruby traz o bolo para a mesa do lado de fora, mesmo estando um pouco

frio. Anton pega Hanna no colo e ela acende a vela do bolo. Cantamos parabéns, meus pais gritando do outro lado da tela do notebook. Minha sobrinha com Anton assopra a vela e enfim cortamos o bolo. Victoria estava aguardando com o bolo desde a hora que fez ele com Ruby.

“Você quer?” Ela me oferece sentada ao meu lado no sofá comprido próximo as lareiras artesanais que ficam nas paredes. Essas coisas são realmente uteis agora.

Anton e Jennifer estão sentados no balcão do lado da cozinha conversando com Ryan, Ruby, a irmã de Ruby, Colen e Ken. Raul não quis comparecer. Está na sala de serviço com Jorge vigiando a casa. Os outros seguranças, do meu irmão e dos Colton, estão na saleta para os serviços da casa. Mandeí servi comes e bebes para eles também. Não sou tão casca grossa como pensam.

“Não, meu amor.” Respondo Victoria e beijo seu rosto.

“Tem certeza?” Fala de novo mastigando e pega outro pedaço e direciona para a minha boca.

Sorrio e aceito. Faço sinal de okay e ela beija de leve minha boca. Realmente está muito gostoso. Viro meu rosto quando escuto a gargalhada de Hanna no colo de Elizabeth. Elas realmente parecem avó e neta. O que é bom com minha mãe agora longe.

As nove e meia acho que está na hora deles irem. Não quero ninguém andando por aí tarde demais. Levanto e vou falar com Anton.

“Acho que vocês já poderiam ir.”

“Está me expulsando da sua casa?” Diz fingindo estar ofendido.

“Deixa de ser idiota. Eu não quero vocês dando mole por aí.”

Ele perde o sorriso e assente. Ryan concorda e então nos despedimos. Por pouco Hanna não dorme aqui em casa.

“Final de semana você vai conosco para Malibu. O que acha?” Victoria pergunta a ela agachada na porta do carro do meu irmão.

“Você só promete.” Hanna diz fazendo bico.

“Filha, não fale assim com sua tia.” Jennifer ralha com ela.

“Desculpe.”

“Não tem problema, mas você quer ir?”

Hanna assente e abraça com força minha esposa. Dou um beijinho nos seus cabelos claros e me afasto.

“Foi muito bom o jantar Victoria. Muito obrigado.” Anton agradece a ela.

“Eu que agradeço o esforço e peço desculpa também.”

Ele balança a cabeça e abraça ela de novo. “Quem tem que agradecer aqui sou eu mesmo sua boba.” Se afasta e aperta minha mão de novo. “Se cuidem viu.”

“Pode deixar.”

Falamos com Ryan e Elizabeth que também pedem para nós nos cuidarmos.

“Nos veremos sábado em Malibu.” Elizabeth diz dentro do carro. “Até mais queridos.”

“Tchau, vovô.” Victoria diz e a mulher abre um sorriso enorme. É bom ver que a família agora está nos seus eixos.

Assistimos os carros deles saírem pelo portão, damos até logo, mais uma vez. Viro-me para Victoria e digo no seu ouvido:

“Agora é hora de dormir mocinha.”

Ela ri e me puxa para dentro. Sigo-a até a sala de jantar e ajudo a levar as coisas para cozinha. Ruby com a assistente lavam as louças e limpam tudo e expulsando eu e Victoria da cozinha. Rindo pego outro pedaço de bolo que minha comilona come sentada comigo no futon da piscina.

“Adoro esse lugar aqui.” Ela diz com a boca cheia.

“Eu também.” Murmuro olhando as estrelas.

Estou deitado e ela sentada com as pernas dobradas na minha frente. Minha mão afaga suas costas suavemente.

“Eu gosto do céu assim, mesmo que esteja frio, Los Angeles fica linda demais nessa estação.”

“Acho que fica linda em todas as estações. Assim como uma pessoa comilona que eu conheço.”

Ela solta uma gargalhada, deixa o prato no chão, perto do futon, e se vira deitando em cima de mim.

“É mesmo?” pergunta com queixo erguido pelas mãos apoiadas no meu peito.

“Sim e ela é muito atrevida e está com bolo na cara.”

Seus olhos se arregalam. “Estou?” Tateia o rosto.

Seguro sua mão e puxo seu rosto para mim. “Deixa que eu limpo.”

Levanto meu rosto um pouco para o dela e encosto minha boca na sua. Lambo seus lábios bem devagar, dou mordidinhas — fazendo-a gemer — e enfio a língua na sua boca. Fechamos os olhos e gememos uníssonos quando chupo seus lábios, a língua e a beijo com mais vontade.

Giro nossos corpos e fico por cima dela. Aprofundo o beijo e Victoria me abraça. Os braços fortemente envolvem meus ombros e sinto que suas pernas estão inquietas por não poder fazer o mesmo. O vestido não permite que me abrace com elas como sempre gosta de fazer.

Ela arfa e puxa meus cabelos com força. *Sempre*. É sempre assim e me sinto frenético todas as vezes. Amo beijar sua boca. Deixando-a entregue e toda minha. Nossos corações estão batendo muito rápido e as mãos impacientes

correm acariciando um ao outro.

Dou um selinho em seus lábios molhados e vermelhos, agora porque eu deixei assim. O batom já tinha saído desde o jantar. Afasto minha cabeça e fito seus olhos fazendo carinho no seu rosto e ela faz em minhas costas.

Estou apoiado com os braços dobrados ao lado do seu rosto e a parte debaixo um pouco para o lado, sem jogar meu peso sobre ela. Ela faz carinho em mim e eu fico admirado como ela é linda. Minha garota realmente ainda é uma garota.

“Por que você está me olhando assim?”

“Nada.” Sorrio. “É que às vezes é fácil esquecer quão jovem você é, mas quando eu lembro fico muito impressionado em como você é madura e incrível.” Acaricio seu rosto olhando-a concentrado. “Você só tem dezenove anos e é tão forte. Me dá tanto poder e eu me sinto tão importante por ter você, por hoje ser um homem melhor...Você me fez ser grande.”

Ela sorri docemente e desliza os dedos vagarosamente em meus braços.

“Você também me fez, e faz, ser grande. Apesar de tudo, tudo mesmo, eu sou muito feliz e você me completa de todas as formas.” Seus olhos ficam marejados e eu limpo a lágrima que escorre. Ela sorri e segura minha mão e deixa um beijo. “Não quero chorar, mesmo que seja de alegria eu não quero chorar. Eu... para que chorar?”

Cerro a mandíbula e respiro fundo. “Não fique pensando isso. Eu não penso nada sobre você chorar, principalmente se é de alegria, apenas quando está triste que meu coração se contorce dentro de mim.”

“Eu sei.” Assente e me puxa, mas não vou. Não quero machucar o bebê.

“Calma.” Peço.

“O quê?”

Em vez de responder giro nossos corpos deixando-a por cima e ela se aconchega sobre mim. Deixo um braço atrás da minha cabeça, como um travesseiro, e Victoria inclina o rosto para mim passando as mãos no meu peito. Ficamos nos olhando em silêncio. Meus pensamentos vão longe e fitando seus olhos falo:

“Você é tão doce. Tão maravilhosa meu anjo. Você vai ser uma mãe incrível. É uma esposa maravilhosa, uma filha doce, uma neta, uma tia, uma amiga tão incrível. Eu me sinto muito abençoado e muito orgulhoso de ter você na minha vida.”

Victoria engole a emoção e me abraça de novo ficando em cima de mim totalmente.

“Oh! Ethan. Eu te amo muito.” Beija meu pescoço fungando baixinho no meu ouvido. “E eu não quero ir. Não quero ficar longe de você.”

“Victoria...”

“Não. Você não entende.”

“Entendo sim e eu também não quero que vá, mas é preciso.”

“Eu não funciono direito sem você.” Sussurra bem baixinho. “Não consigo.”

Afasto-a e seguro seu rosto vendo as poucas lágrimas que escaparam e molharam as maçãs vermelhinhas da sua face.

“Mas é preciso e eu vou ficar todo final de semana com você. Não vou poder ir todo dia para não arriscar.”

“Não é o suficiente.”

“Meu amor...”

“Ethan.” Ela franze a testa com muita força e suspira. “Eu não funciono, de verdade, sem você. Desde que eu o encontrei não consigo ficar sem você.” Torce a boca em lamento e eu a entendo.

Encontrar é uma forma de dizer. Eu poderia dizer nos reencontramos e foi um reencontro que mudou totalmente minha vida, para sempre.

Ela continua: “Nós não nos separamos mais e foi como se eu tivesse encontrado a minha casa. Uma casca protetora. Um sopro de ar que encheu meus pulmões e a minha vida se transformou em você.” A voz treme de forma suave e uma lágrima escorre. “E agora eu vou ter que ficar longe de você por causa de uma coisa que já me tirou tanto... Não quero que me tire você.”

Trago-a para o meu peito e sussurro no seu ouvido:

“Isso não vai me tirar você meu amor. É apenas uma medida provisória de proteção e eu prometo que não vai demorar, apenas um mês e aí vou te buscar.”

“Como você pode ter certeza? E se demorar mais?”

Respiro fundo e mesmo que minhas palavras não possam dar a segurança que ela precisa e no fundo eu não tenha certeza de nada, decido dizer a pouca chance que tenho de que vamos ficar juntos de novo em breve.

“Eu prometo que não vai. Eu tenho um plano e vou fazer de tudo para que funcione e então você estará de volta em casa. De volta para mim.”

Sinto que ela assente, mas não muito confiante.

“Então eu aceito, mesmo odiando essa ideia.” Sussurra ela.

Sorriso aliviado e pego seu rosto levanto e a beijo de leve. “Eu prometo que vai ser rápido.”

“Promete ligar todo dia na hora de dormir, não sei como vou dormir sem seus braços.”

Assinto e continuo fazendo carinho nela. “Prometo e não vai demorar nada, minha querida.” Torno a beijá-la. “Você acha que vai ser fácil para mim ficar longe de você? Dormir sem você? Minha nossa. Eu nem me aguento ficar seis

horas longe de você quando estou trabalhando. Ligo a todo instante. Na hora do almoço, do lanche e na hora de voltar e é uma loucura, pois eu vou te ver em minutos, mas não aguento, morro de saudades de você.”

Seus olhos se ascendem e a tristeza some um pouco enchendo meu coração de alegria e amor quando ela abre um sorriso suave. Essa mulher me deixa bobo. Nos beijamos e ao nos separar ela segura meu rosto com ternura.

“E eu estarei sempre dentro do seu coração. Lembra?” digo dando um aceno confiante.

“Mesmo eu ficando com seu coração e você com o meu. Não é suficiente” murmura.

“Eu sei e eu prometo que vou todos os finais de semanas e quando tudo isso acabar vou te levar para tirar férias. Um mês longe daqui e disso tudo.”

Ela sorri esperançosa.

“Onde você gostaria de ir?”

“Eu queria ir para uma ilha deserta.”

Solto uma gargalhada. “Eu prometo uma praia deserta. Algum lugar secreto com praia e nós vamos transar durante o dia e a noite inteirinha.”

Victoria suspira e remexe em cima de mim. Deslizo as mãos por suas costas e agarro sua bunda. Ela morde a boca e as bochechas ficam mais vermelhas. Sorrindo beijo de levinho sua boca e ela fecha os olhos.

“Hum...” ela geme baixinho. “Por que não pode ser uma ilha? Ficar só eu e você.”

“Porque eu preciso de segurança amor e mesmo que eu dê a segurança de que nós estaremos livres, porque eu vou fazer isso acontecer, não posso te levar para uma ilha deserta, apenas isso.” Beijo seu rosto e ela abre os olhos. “Então vamos para um lugar paradisíaco e deserto. Nosso segredo.”

Suavemente ela sorri e acaricia meu rosto. “Tudo bem.” Sussurra com a testa na minha me olhando nos olhos.

“E depois de voltarmos dessa viagem quero lhe propor uma ideia que eu tive.”

“Qual?” Afasta o rosto e junta as sobrancelhas.

“A gente se mudar para Nova York.”

Agora seus olhos se arregalam e as sobrancelhas se erguem, surpresas.

“Morar lá?”

“Sim.”

“Por quê?”

“Porque eu acho que vai fazer bem para nós, para você. Mudar de ares. Quando estamos lá, você é diferente, eu sou diferente. Talvez possa ser nosso recomeço. Um alívio do que estamos vivendo e mesmo que toda vez que

estamos lá você fique trancada dentro do apartamento, fica melhor.”

Ela dá de ombros e afago seus cabelos esperando sua resposta, mas nada sai.

“Escuta.” Falo para ver se ela me entende. “Nós podemos nos mudar para lá e você pode estudar na Columbia e procurar fazer algo que goste. Arrumar amigos e viver a vida que você realmente desejou. Uma vida normal. Eu quero isso para você.”

“E o bebê?”

“O que tem ele? Nós damos conta. Juntos podemos fazer tudo.”

Assentindo ela deita a cabeça na minha mão, que eu a acariciava, mas os olhos atentos aos meus.

“Você quer que ele nasça em Nova York?”

“Não. Quando estiver perto dele nascer, nós voltamos para cá.”

Ela parece pensar em algo e então sorri de lado. “Acho que será muito bom. Eu realmente me sinto melhor lá.”

“Eu sei meu anjo.”

Ela assente de novo e ficando deitado de lados, nos abraçamos e nos beijamos até perder o fôlego. Victoria empurra sutilmente meu peito, rio e dou um selinho nela mantendo os olhos em sua face.

“Às vezes eu fecho os olhos e vejo nós dois mais velhos. Você mais velha e linda. Uma mulher de parar o trânsito, porque você vai ser assim. Já é.”

Ela dá risada e morde o lábio inferior.

“E eu vejo você com nossos filhos, na minha imaginação teremos três filhos.”

“Pode ser” murmura dando de ombros e eu continuo:

“E você está correndo com eles em uma praia a que você vive me contando que sonha e...” engulo o bolo que formou na minha garganta, “então eu abro os olhos e você está aqui, ao meu lado, você é minha e eu me sinto muito feliz.”

Seu rosto se desmonta me olhando em adoração. Os olhos se enchem e trocamos um abraço muito apertado.

“Eu sou desesperadamente apaixonada por você também Ethan.” Diz baixo em meu ouvido e beija meu pescoço.

“Eu também me sinto assim.” Dou beijinhos em seu rosto. “Você é minha e sempre será. *Profundamente* minha. Minha vida. Minha princesa. Minha existência.”

Suspiramos e pegando seu rosto, nos beijamos. Nossos corpos se aquecem e com isso nós levantamos e vamos para o quarto.

EU JÁ ESTOU FICANDO COM DOR DE CABEÇA. Não aguento mais a pressão que Will está fazendo. Eu falo que sou teimoso, mas ele é irritantemente mais teimoso do que eu. Cerro a mandíbula e balanço a cabeça mesmo que ele não possa me ver.

“Está bem Will, nós vamos chegar aí umas quatro horas.”

Ele concorda fazendo um som com a garganta e desliga.

Ergo as sobranceiras indignado como ele é *gentil* comigo.

Will está fazendo comigo agora que nem no dia da boate que ele me fez buscar Victoria. Se eu soubesse que era tão grave a situação não tinha zoadado da sua preocupação, porém ainda fico puto como é me trata feito seus seguranças.

Eu sou o marido da sua filha, não sou qualquer um. Não sou um namoradinho boco. Merda. Levanto da mesa do escritório e desço as escadas e ando com passos firmes até a saleta de serviço. Vejo Raul, Jorge e Ken conversando.

Pigarreio e eles se viram para mim.

“Estamos todos apenas esperando, senhor. Vamos sair daqui a pouco.”

Franzo a testa cerrando a mandíbula. Estou me controlando hoje.

“Eu disse que seria as três horas a hora que sairíamos.” Falo sucinto olhando para cada um indignado. “Quem deu a ordem para sairmos agora?”

“Jorge disse que era para sair mais cedo. O senhor queria assim — ”

“Mas eu não disse nada sobre sair uma hora da tarde de casa.” Corto Ken.

Todos se entrem olham e Jorge baixa a cabeça parecendo culpado.

“Me desculpe. Eu pensei q — ”

“Pensou errado. Agora vocês podem almoçar à vontade. As três horas sairemos de casa. Vai dar o tempo certo que disse a Will a hora que chegaríamos.”

Eles assentem e com isso deixo a sala. Ando pela casa e não encontro Victoria na cozinha. Estranho ela queria comer, disse que estava faminta. Subo as escadas e olhando para o final do corredor do segundo andar, vejo a porta do meu antigo quarto aberta. *Ah! Claro. Ela está nele.*

Mesmo com o tumulto que aconteceu na terça, mandei pegarem as coisas que ela separou, e acabou deixando na casa de Ryan e Elizabeth, e colocarem no quarto do segundo andar. Victoria falou que iria arrumar assim que se sentisse melhor.

Empurro mais um pouco a porta e entro no quarto. Ela não está por aqui, vou até o closet e a encontro. Está sentada no chão de pernas cruzadas.

“Amor?”

Seus ombros balançam suavemente com o susto e ela vira o rosto me olhando de soslaio. Vou para o seu lado e sento no chão. Olho para o que está em suas mãos e depois para o seu rosto.

“Está tudo bem?”

Ela assente, ainda sem me encarar e mexe na roupinha de bebê nas mãos. Estico a minha e coloco em cima da roupinha. Victoria suspira e agarra minha mão com força.

“Me diz qual é o problema agora.”

“Não tem problema” ela solta a respiração e sacode a cabeça. “Não é nada.”

“Meu amor”, fico de frente para o seu corpo e seguro seus ombros para ela se virar de frente para mim. “Olha pra mim e me diz qual é o seu problema, está com medo?”

Ela balança a cabeça e suspirando de novo, levanta o rosto e me encara. Felizmente não está chorando, mas tem algo incomodando ela.

“Eu só estava pensando sobre... mim.”

“E?” Insisto.

“Eu acho que para qualquer pai e mãe, os que amam os seus bebês, eles nascem para trazer alegria. Felicidade e amor.” Mexe a cabeça e os ombros, suavemente. “E eu era pra ter trazido isso, mas...”

“Não é sua culpa tudo isso que acontece. Você sabe disso.”

“E se for?” ela me encara. “Você não pode ter essa certeza.”

“Eu posso sim e eu tenho. Está mais do que óbvio que esse lunático quer o seu pai e ferir ele. Infelizmente não sabemos quem é e o motivo. No fundo o que eu mais quero saber não é quem é, e sim o porquê. Tem que ter um motivo e muito sério. E talvez seu pai não lembra do que tenha feito.”

“Será?”

Assinto. “Deve ser e vivemos em um mundo extremista. Talvez Will tenha feito algo que para ele foi banal, mas para essa pessoa, não.”

“Mas por que ele simplesmente não conversa com meu pai e resolve tudo? Por que nos fazer viver assim? Ele... me fez viver acreditando em uma mentira. Viver sobre o medo e cercada. Meus pais escondidos e meus avós acuados. Para que tudo isso Ethan?”

Mordo a mandíbula e pego suas mãos. “Eu não sei e já passou tudo na minha cabeça, mas nada faz sentido.”

Ela assente e se joga em meus braços. Fecho os olhos e a coloco no meu colo, afagando seu braço e as costas.

“Nada faz sentido mesmo.”

“Tem uma coisa que faz.” Falo baixo e viro um pouco a cabeça para beijar

sua bochecha.

“O quê?”

“Você na minha vida. Isso faz muito sentido.” Murmuro e ela sorri.

Victoria inclina o corpo para trás e consegue ver meus olhos. Sorrimos um para o outro e ela passa a mão no meu peitoral até minha face, e enfia os dedos em meus cabelos. Fecho os olhos e relaxo, principalmente porque fiz ela relaxar. Nós sempre faremos sentido.



ESTOU BATENDO O PÉ AGITADO. Não feito uma criança e sim como um homem prestes a dar um soco em alguém. Jorge está me tirando a paciência que guardei para Will.

“Olha, Ken é o responsável por Victoria antes mesmo de você nascer. Então é ele que irá no carro conosco.” Falo fitando seus olhos negros. “E desde quando você dá as ordens aqui?” O questiono irritado.

Raul faz um sinal com a cabeça, balançando-a e eu ignoro. Não estou exagerando porra nenhuma e mesmo ele sendo mais velho não lhe devo satisfação das minhas atitudes. *Vá a merda!*

“Senhor eu só acho que Ken no carro seguindo é o mais certo.”

Ken cerra a mandíbula e chega ao lado de Jorge. “Mas não é você que decide isso. E nunca foi. Você e Colen vão atrás, eu e Raul com Victoria e Ethan. Fim de papo. Agora entre no seu carro.”

Contrariado e eu não sei porque, Jorge anda até o Bentley que Colen já está sentado sobre o capô, fumando e rindo. Sempre despojado e debochado.

Me viro quando escuto Victoria saindo com Ruby. Elas se abraçam de novo e Ruby faz questão de nos levar até o carro.

“Me ligue todo dia. Vou ficar com saudades e preocupada. Preciso saber que está comendo em dobro.” Ela diz na janela do carro.

Victoria dá risada e aperta a mão da governanta. “Pode deixar e é impossível eu não comer em dobro.” Faz uma careta. “Porque eu tenho fome em dobro.”

“Certo. Certo, minha querida. Fique bem e evite escadas, fazer travessuras e sempre perto dos seguranças.”

Victoria assente sorrindo. “E você cuida do meu marido enquanto eu estiver longe. Quero ele todos os finais de semana ainda mais bonito.”

“Amor...” murmuro, mas me ignoram e continuam:

“Mas isso é fácil.” Ruby diz entrando na brincadeira. “Basta esse menino respirar e ouvir sua voz. Isso é tudo que ele precisa para continuar lindo e vivo.”

“Oh que fofo Ruby.” Minha esposa diz.

Elas trocam outro beijinho e quando Ruby se afasta do carro, Ken o movimentava. Victoria vira-se para trás e dá adeus até que os portões se fecham e estamos na rua.

Rapidamente Ken pega o caminho para descida de Hollywood Hills. Victoria dá um suspiro e deita a cabeça no meu ombro apertando minha mão que está no seu colo.

“Tudo bem, né.”

“Está sim.... É que eu realmente vou sentir falta da Ruby e – ”

“E de mim.” Completo e ela assente com a cabeça ainda deitada no meu ombro. “Não precisa, pois eu vou estar sempre lá e você pode me ligar quando quiser.”

“Eu sei...” murmura insolente.

Rio e levanto suas mãos para a minha boca e dou um beijo.

“Quando você menos esperar, estaremos juntos em casa todos os dias, dia e noite novamente.”

“Você trabalha, então isso não é muito verdade.”

Assinto rindo. “Você entendeu.”

“Eu sei amor”, diz humorada e vira o rosto apoiando o queixo no meu ombro e murmura: “Acho que depois disso tudo eu quero uma viagem de um ano com você.”

Olho para ela e beijo seu nariz. “Seria maravilhoso e divertido. Posso trabalhar pelo notebook e ficar com você. Que tal conhecer o mundo?”

“Ótimo, mas eu gosto de ver você chegando do trabalho sabia.”

“Não. Você nunca me disse.”

Ela rir e dá de ombros. “Eu adoro. Acho muito sexy e irresistível você chegando de terno, as vezes a gravata toda desengonçada, a camisa amarrotada, os cabelos ainda mais desarrumados — ”

“Como se você não gostasse.”

“Eu jamais diria isso. Eu amo seus cabelos” ela mexe neles “assim, mas gosto deles para trás, para o alto. Gosto deles arrumadinhos também. Você é um homem difícil Sr. Brown.”

“É? Por que?” Pergunto achando graça.

“É lindo de qualquer jeito. Um caso a ser estudado.”

Rio e balanço a cabeça. “Você também.”

“Não tanto quanto você.” Insiste ela e eu reviro os olhos.

“Esse debate pode durar a vida toda. Sempre discordaremos.” Falo e pisco

o olho.

Continuamos a conversar, brincar, falar sobre planos, viagens, o bebê e nem percebemos que chegamos na Pacific Coast, e muito menos que estamos perto da praia que Clara adora surfar.

Victoria fica tagarelando sobre as vezes que a amiga convidou ela para tentar surfar, as vezes que tentou e fracassou e nunca mais irá tentar. Eu discordo e prometo que no próximo verão ela aprenderá a surfar comigo.

O céu está escurecendo, o azul está mais escuro e o sol se despedindo. São dez para quatro e Will terá que lamentar. Chegaremos um pouco atrasados, mesmo que não tenha trânsito.

Não tem muitos carros a essa hora. Escolhi este horário por causa disso. Na verdade, foi uma ideia que todos aceitaram de Jorge. Vir no horário que a estrada estivesse neutra e não há quase nenhum carro na estrada. Ela está livre, literalmente.

Victoria fica calada e percebo que a cabeça está pendendo um pouco, está sonolenta. Entrelaço meus dedos com os dela e olho para frente, atento a tudo.

Meu celular apita e quando vou ver, escuto Raul falar com Ken.

“Cadê eles?”

“Não sei. Devem estar atrás de nós.”

“Quem?” Indago, mas sem me alterar. Não quero alarmar Victoria.

“Colen e Jorge. Eles não estão atrás de nós.” Ken responde.

“Tem muito tempo?”

“Não.”

“Uns cinco minutos.” Completa Raul.

“Já tentou falar com eles?”

“Estou agora senhor.”

“Então espere. Devem estar se aproximando.”

Eles assentem e continuam na tentativa de achar Colen e Jorge, prestando atenção na estrada e mantendo os olhos abertos a qualquer coisa.

“Mas o que é – ” antes que Ken termine a frase, o carro que estava do outro lado da estrada, atravessa ela em alta velocidade e nos acerta pela frente.

“Merda!” Exclamo, o coração saindo pela boca. Agarro Victoria, acorda e agitada.

“O que é isso?”

“Calma, amor.”

Minha voz sai misturada a dos seguranças. Agitados, eufóricos, tentando controlar o carro e nosso carro está sendo empurrado para trás. Os pneus cantam, teimando em manter a direção para frente, mas o carro que nos empurra é um Hummer. Um tanque. Puta que pariu.

Então outra porrada, na traseira do carro. Aperto mais Victoria e grito: “Kennedy.”

Raul puxa uma arma, no mesmo momento que Ken puxa a sua.

“Se abaixem. Agora Ethan!” Raul ordena com a voz séria.

Me agachando com Victoria por trás dos bancos da frente, meio tortos nos encaixamos aqui. Fico por cima, cobrindo-a, protejo ela colocando meu braço sobre sua cabeça e encostando seu corpo no meu peito.

Sinto quando o carro é jogado para algum lado da estrada. Paramos e escuto estouros. Vidros se quebram e mais estouros. Victoria torce minha camisa com tanta força e eu estou tremendo. Por que não consigo fazer nada? Mas o que posso fazer? Eu tenho que estar aqui mesmo. Protegendo ela.

“Raul!!!” Ken exclama e viro a cabeça em um movimento rápido, vendo atirar e esticar a mão para Raul. Ele está sangrando. Caralho!

“Ken! Por favor. Faça tudo o que puder.” Peço desesperado.”

“Precisamos dos outros. Caralho. Cadê eles?”

Eu me pergunto a mesma coisa e escuto mais tiros, Raul mesmo machucado continua atirando. Ken tenta tirar o carro do lugar, mas é à toa.

“Amor...” escuto o sussurro baixinho e me deparo com a dor que me rouba o fôlego. Esqueço de tudo. Me concentro nela.

“Estou aqui.” Digo e agarro ela com tudo de mim. Estou tremendo e minhas forças são drenadas pelo desespero. O medo. A angustia.

“Eu te amo. Eu te amo. Eu te amo. Eu te amo...” ela repete e repete sem parar, ficando sem voz. Rouca pelas lágrimas que sinto molhar minha calça.

“Shuu... Eu amo você. Vai ficar tudo bem.” E assim que eu falo o vidro da frente do carro se quebra. “Eu amo tanto você Victoria.”

Ela chora alto e tremendo. Seu corpo treme de uma forma que nunca vi antes e mesmo com os meus tremores, os dela são mais fortes. Ela beija meus joelhos por estar apoiando o corpo nas minhas pernas e eu beijo seus cabelos.

“Você foi a melhor a coisa da minha...”

“Não começa a dizer isso Victoria.”

Ela fica mole em meus braços e percebo que desmaiou. Ah, não!

Os tiros param e eu levanto a cabeça. Ken está caído sobre Raul, caído também. Vejo um homem com um sorriso no rosto, horripilante, que me faz recuar até onde consigo no carro, trazendo Victoria e tento pegar a arma que Ken usava, mas está longe.

Cerro a mandíbula e engulo seco. Deus. Cadê você? Cadê você?

O homem levanta a arma e aponta para o meu rosto. Não. Não. Não me mate. Se ele me matar, vai levar ela. Não!

“Me leve. Deixa ela em paz.” Peço e torço ainda com a esperança de Colen

chegar. Porra!

O homem balança a cabeça e olhando nos meus olhos atira no meu ombro. A dor me faz soltar um grunhido e invés da queimação pela dor terrível do tiro, sinto algo gelando o lado do meu corpo atingido gradativamente.

Ele abre a porta traseira. Vejo seu corpo todo. Ele está todo de preto, de luvas e um sobretudo. Esqueço a dormência e agarro Victoria como consigo.

“Fica comigo. Me leve no lugar dela.”

Ele faz um estalo com a língua, irônico e vejo homens atrás dele, de capuz e ele mira novamente a arma, agora em Victoria. *Merda. Não!*

“Diga bons sonhos, Ethan.” Ele acerta ela e logo acerta meu peito mais uma vez. É um tranquilizante.

Tento manter minhas mãos nela, mas não consigo. Estou grogue. Sem forças. Minhas mãos não têm vida, meus olhos estão ficando turvos e então assisto. Apenas posso assistir com uma dor que dilacera meu peito ele roubar meu anjo.

Ele roubou meu anjo.

Ah amor! Eu sinto muito.

Sinto as lágrimas escorrem em meu rosto e a dor é tudo que eu ainda sinto. Ele a carrega para longe e a última coisa que eu vejo são vultos. Escuto pneus de carro cantando no asfalto e um formigamento na espinha forte e ao mesmo tempo distante.

Eu vou te encontrar, amor.

Eu vou te encontrar.

Eu prometo.

Eu vou te achar.....

Epílogo



Ele anda de um lado para outro. As mãos dentro dos bolsos e com a postura aprumada. Seus pés estão inquietos, mas seu corpo parece calmo, porém ele grita desconforto. Os músculos rígidos e apenas seu rosto mostra alguma reação. E é de ódio. Cru e frio ódio.

Ele tem o que sempre quis. Conseguiu pegar a menina dos olhos do seu inimigo — mais uma vez —, mas não é o suficiente. Ele quer mais. Deseja que Will veja sua menina sofrer como ele sofreu um dia. *Eles* sofreram um dia.

O homem caminha até o quarto onde, deitada, está a princesa de William. Victoria.

Ela, inconsciente pelo tranquilizante que ele atingiu bem no meio das suas costas, porém a dor ela nem sentiu. Já estava desmaia por causa do estresse e a emoção, mas ela realmente amoleceu mais ainda em seus braços.

Ele entra no quarto e se senta ao lado dela.

“Você é tão linda quanto sua mãe.” Sua voz soa melancólica e apavorante. “Tem a mesma aparência angelical, mas talvez seja mais um demônio disfarçado.” Ele cospe as palavras e abre um sorriso de pura maldade. “Aquele seu *cachorrinho* deve estar enlouquecendo, mas não se preocupe princesa. Eu darei uma morte digna a ele antes de finalmente concretizar meus planos.” Então ele ri e afaga o rosto dela pensando no cachorrinho de Victoria. *Ethan Brown* — não muito longe dali, pelo menos de carro, ainda desacordado.

Na espreita, um outro homem espia. Suas mãos estão fechadas, cerrando os punhos. O ódio é visível em seu rosto também, apenas seus motivos são diferentes.

Sua vontade é clara. Ele quer libertar a pobre mulher e aniquilar seu Chefe, mas se fizer isso — sem ajuda ou um bom plano, ou talvez sem uma oportunidade — poderá morrer e ver sua família novamente no céu ou inferno. Então ele se mantém ali. Parado e pensando em tudo.

Mas até quando?

Tudo gira em números.

Espaço de tempo infinito que é o universo.

Mais quanto tempo até acharem Victoria?

Mais quanto tempo até Will descobrir quem é o seu inimigo?

Mais quanto tempo até Victoria acordar?

E como será quando ver onde está agora?

Onde ela não queria nunca mais voltar.

Tempo!

Tudo depende dele agora.

NÃO PERCA O TERCEIRO VOLUME

PROFUNDAMENTE
MINHA

SOBRE A AUTORA:

Alessa já sabia o que queria desde criança: deixar um pedacinho seu no mundo. Sempre sonhadora (pensou até em ser astronauta), aprofundou-se na dramaturgia e suas infinitas possibilidades. O teatro foi sua primeira paixão, e logo depois vieram os livros, que se tornaram seu escape da realidade após conseguir superar sua depressão. É uma legítima carioca que vive ainda na cidade maravilhosa com sua família e seus amados cães.

Para conhecer mais dessa autora regada a humor e sinceridade, siga suas redes sociais.

CONTATO

Grupo do Facebook: [Alessa Abille Livros](#)

Wattpad: [Alessa Abille](#)

Instagram: [Alessa Abille](#)

Twitter: [Alessa_Abille](#)

Site para comprar os livros físicos: www.alessaabille.tumblr.com

Table of Contents

[Um](#)
[Dois](#)
[Três](#)
[Quarto](#)
[Cinco](#)
[Seis](#)
[Sete](#)
[Oito](#)
[Nove](#)
[Dez](#)
[Onze](#)
[Doze](#)
[Treze](#)
[Catorze](#)
[Quinze](#)
[Extra](#)
[Dezesseis](#)
[Dezessete](#)
[Dezoito](#)
[Dezenove](#)
[Vinte](#)
[Vinte & Um](#)
[Vinte & Dois](#)
[Vinte & Três](#)
[Vinte & Quatro](#)
[Vinte & Cinco](#)
[Vinte & Seis](#)
[Vinte & Sete](#)
[Vinte & Oito](#)
[Vinte & Nove](#)
[Trinta](#)
[Epílogo](#)
[Não Perca O Terceiro Volume Da Trilogia.](#)